



**GRAVIDEZ E MUDANÇA CATASTRÓFICA:
TRÊS ESTUDOS DE CASO**

Filipa Falcão Rosado

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutoramento em Psicologia
Área de Especialidade – Psicologia Clínica**

2016



GRAVIDEZ E MUDANÇA CATASTRÓFICA:

TRÊS ESTUDOS DE CASO

Filipa Falcão Rosado

Tese orientada por Professora Doutora Maria Emília Marques

ISPA – Instituto Universitário

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutoramento em Psicologia

Área de Especialidade – Psicologia Clínica

2016

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Psicologia na área de especialização de Psicologia Clínica, realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA - Instituto Universitário no ano de 2016.

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Emília Marques, com quem tenho aprendido a percorrer caminhos transformadores, plenos de significado.

A todos os que, ao longo destes anos, contribuíram com afeto e saber, ajudando-me a pensar, a suportar o não saber, a tolerar e conter as angústias deste percurso, partilhando comigo também as suas alegrias e encantos. Em particular, à Marta Prista, à Mónica Pina, à Isabel Duarte, à Paula Peres Di Salvatore e ao Virgílio Teixeira, pela escuta contentora e organizadora; à Henriqueta Martins, pela viagem partilhada pelo universo da mente da grávida nas nossas sessões semanais no grupo de intervisão; à Professora Teresa Santos Neves, pelo incentivo à interrogação constante do que significa investigar o inconsciente; à Professora Wendy Hollway, pelos encorajamentos, esclarecimentos e partilhas que ajudaram a dar forma e corpo a este trabalho.

À minha analista, com quem esta e tantas outras viagens foram vividas, ajudando-me a transformar-me pela significação da minha experiência.

Às mulheres da minha família, a minha bisavó Estelle, as minhas avós Gabriela e Manuela, a minha mãe, a minha irmã e as minhas filhas, porque com todas aprendi sobre a maternidade, sobre os mistérios, incertezas, espantos e encantos do feminino, sobre as transformações possíveis e impossíveis, sobre a vida e como significá-la. Ao meu pai, ao meu irmão, aos meus bisavôs e avôs, Camilo, Mário, Joaquim e Luís, o outro polo dessas vivências.

E ao António, por tudo. Pelas protoestrelas, pela paciência, pelo suporte e pela ternura que tornaram possível esta mudança catastrófica.

Palavras-Chave:

Gravidez; Transformações; Psicanálise; Narrativas

Keywords:

Pregnancy; Transformations; Psychoanalysis; Narratives

Categorias de Classificação da Tese:

3100 Personality Psychology

 3143 Psychoanalytic Theory

2224 Clinical Psychological Testing

RESUMO

A gravidez tem sido compreendida pela literatura psicanalítica enquanto experiência crítica, regressiva e maturativa, na qual são revisitados os organizadores do desenvolvimento psicosssexual infantil que estruturam o psiquismo.

É proposto que a experiência psíquica da gravidez possa ser conceptualizada como uma mudança catastrófica: uma experiência violenta e subversiva que, ao ser transformada pelo aparelho para pensar pensamentos da mulher grávida, transforma a própria mente. Estudar a forma como a mente da mulher grávida experimenta, transforma e significa a gravidez, transformando-se nesse processo, sublinhando o carácter original e subjetivamente singular desta experiência é o objetivo desta investigação.

A Teoria das Transformações de Bion é convocada como modelo de observação da mente da grávida. A gravidez, enquanto experiência emocional, é entendida como elemento β a ser transformado num elemento psíquico α , pelo aparelho para pensar pensamentos. Através do funcionamento de $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$, a grávida constitui a gravidez como um objeto psíquico e significa-o.

São apresentados, analisados e discutidos três estudos de caso. Os estudos baseiam-se nas narrativas de mulheres grávidas, recolhidas em cada um dos trimestres das suas gravidezes, através de Entrevistas Narrativas de Associação Livre e da aplicação das provas projetivas Rorschach e TAT (esta última numa versão reduzida). A análise das narrativas é orientada por uma matriz comum, na qual se operacionalizam os conceitos centrais da Teoria das Transformações de Bion, de forma a ser possível observar e descrever o funcionamento de $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$ ao longo da gravidez de cada uma das mulheres estudadas.

Um padrão transformativo comum aos três casos é assinalado, suficientemente flexível para que as singularidades de cada percurso sejam reconhecidas e destacadas. O padrão transformativo verificado permite sustentar que a gravidez produz uma alteração violenta e subversiva da barreira de contacto e, conseqüentemente, no tecido psíquico espaço-temporal. Permite, igualmente, considerar que a reconfiguração do tecido mental é realizada através do uso dos objetos relacionais como continentes auxiliares, da exploração do corpo habitado e em transformação como suporte do pensamento, e da bidirecionalidade da temporalidade psíquica como mecanismo de (re)significação da experiência. Finalmente, permite sugerir que K, enquanto vínculo emocional, que alimenta a curiosidade e o desejo de compreender a experiência que se propõe à mente para ser pensada, é um elemento determinante e central nesta reconfiguração do tecido psíquico.

Uma nova perspetiva sobre a experiência psíquica da gravidez emerge desta investigação, relevante para as intervenções psicoterapêuticas com mulheres grávidas, mas também para as intervenções conduzidas pelos profissionais de saúde, designadamente obstetras, enfermeiros e formadores envolvidos em cursos de preparação para o parto.

Esta investigação constitui-se também como ilustração de uma metodologia informada psicanaliticamente, capaz de estudar a mente fora da situação terapêutica e de operacionalizar teorias psicanalíticas que emergem nesse contexto.

ABSTRACT

Pregnancy has been understood by psychoanalytic literature as a critical experience, a regressive and maturative one, in which are revisited the nuclear dimensions that structure the mind through the infantile psychosexual development.

It is proposed that the psychic experience of pregnancy can be conceptualized as a catastrophic change: an experience that is violent and subversive and that, while being transformed by the apparatus for thinking thoughts of the pregnant woman, transforms the mind itself. To study the way the mind of the pregnant woman experiences and transforms pregnancy, being transformed by it, highlighting the originality and the subjective singularity of this experience, is the purpose of this research.

Bion's Theory of Transformations is used as a model for observing the mind of the pregnant woman. Pregnancy, as an emotional experience, is understood as a β element that has to be transformed into a psychic element, an α element, by the apparatus for thinking thoughts. Through the operation of $PS \leftrightarrow D$ and $\text{♀} \text{♂}$ the pregnant woman configures her pregnancy as a psychic object and generates its meaning.

Three case studies are presented, analysed and discussed. These studies are supported on the narratives of pregnant women, collected at each of the trimesters of their pregnancies, through Free Association Narrative Interviews and the administration of projective tests, the Rorschach and a selection of TAT cards. A common matrix orients the analysis of these narratives; this matrix operationalizes the central concepts of Bion's Theory of Transformations, so that the functioning of $PS \leftrightarrow D$ and $\text{♀} \text{♂}$ can be observed and described, through the pregnancy of each of the studied women.

A common pattern to the three cases studied is portrayed, one that is flexible enough so that the singularities of each journey can be recognised and highlighted. The transformational pattern presented allows to assert that pregnancy violently and subversively alters the contact barrier and the spatiotemporal fabric of the psyche. It also allows to consider that the reconfiguration of the mental fabric is supported by an use of the relational objects as auxiliaries containers, by a thoughtful exploration of the inhabited and changing body, and by the bidirectionality of psychic temporality as a mechanism of (re)signification of the experience. Finally, it allows to suggest that K, as an emotional link, that nurtures curiosity and the desire to understand the experience that is proposed as a thought to the mind, is a crucial and central element of this reconfiguration of the psychic fabric.

A new perspective about the psychic experience of pregnancy emerges from this research, relevant to psychotherapeutic interventions with pregnant women, but also to the interventions conducted by the health care professionals, namely obstetrician doctors, nurses and those involved on guiding pre-natal classes.

This research also constitutes an illustration of a psychoanalytic informed methodology that is able to study the mind outside the therapeutic setting and to operationalize psychoanalytic theories that emerge on that context.

I believe increasingly that only the willingness to share private and sometimes painful experience can enable women to create a collective description of the world which will be truly ours

Adrienne Rich

it is useful to bear in mind that beneath every psychic floor there is always a proto-emotional magma against which we must defend, but which at the same time contains extraordinary expressive potentialities

Antonino Ferro

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Definindo a direção do olhar	2
Das condições do olhar	6
Um novo olhar sobre a mente em transformação da grávida	8
Traçando o caminho no mapa	10
1. AS COORDENADAS PSÍQUICAS DA GRAVIDEZ	13
1.1 Revisitar a estruturação psíquica	14
1.2 As pulsões e as suas vicissitudes	16
1.3 Reconfigurações das fronteiras psíquicas.....	23
1.4 Jogo de espelhos, os processos identificatórios.....	27
1.5 A intersecção do corporal e do psíquico	33
1.6 Para um novo olhar	37
2. PENSAR A GRAVIDEZ COM BION	41
2.1 A mente em transformação.....	41
2.2 A transformação originária: subjetivar a experiência emocional.....	43
2.2.1 Elementos β	43
2.2.2 Alfabetização e produção da barreira de contacto	44
2.3 As operações de transformação: $PS \leftrightarrow D$ e $\varphi \sigma^1$	45
2.3.1 $PS \leftrightarrow D$	46
2.3.2 $\varphi \sigma^1$	48
2.3.3 Os vínculos: H, L e K	49
2.4 O aparelho para pensar pensamentos.....	51
2.5 Os destinos da experiência	53
2.6 Pensamento e mudança catastrófica	57

2.7 Gravidez, uma mudança catastrófica	59
2.7.1 A mente da grávida em transformação	60
3. MÉTODO	65
3.1 Caracterização da investigação	66
3.2 Participantes e seleção dos casos de estudo	68
3.3 Procedimentos de recolha dos dados	70
3.4 Os instrumentos como objetos transformacionais	71
3.5 A Entrevista Narrativa de Associação Livre	73
3.5.1 A Entrevista Narrativa de Associação Livre e as transformações na gravidez	74
3.6 O Rorschach.....	75
3.6.1 A situação Rorschach e as transformações na gravidez	77
3.7 O Teste de Apercepção Temática.....	80
3.7.1 A situação TAT e as transformações na gravidez	81
3.8 Procedimentos de análise dos dados	84
3.9 A matriz de análise: pensar os pensamentos da grávida	86
3.10 Critérios e limites de construção e justificação do conhecimento constituído	89
3.11 Considerações éticas.....	91
3.12 Considerações sobre a apresentação e discussão dos dados	94
4. EVA	95
4.1 Primeiro encontro: 14 semanas	95
4.1.1 A primeira entrevista	96
4.1.2 O primeiro Rorschach.....	101
4.1.3 As primeiras histórias TAT	108
4.1.4 Eva em transformação no primeiro trimestre	111
4.2 Segundo encontro: 25 semanas	113
4.2.1 A segunda entrevista.....	114
4.2.2 O segundo Rorschach	121
4.2.3 As segundas histórias TAT.....	127

4.2.4 Eva em transformação no segundo trimestre	130
4.3 Terceiro encontro: 36 semanas.....	132
4.3.1 A terceira entrevista.....	133
4.3.2 O terceiro Rorschach.....	139
4.3.3 As terceiras histórias TAT	144
4.3.4 Eva em transformação no terceiro trimestre	148
5. PETRA	151
5.1 Primeiro encontro: 14 semanas	151
5.1.1 A primeira entrevista.....	152
5.1.2 O primeiro Rorschach.....	158
5.1.3 As primeiras histórias TAT.....	165
5.1.4 Petra em transformação no primeiro trimestre.....	169
5.2 Segundo encontro: 26 semanas.....	172
5.2.1 A segunda entrevista	173
5.2.2 O segundo Rorschach	180
5.2.3 As segundas histórias TAT	185
5.2.4 Petra em transformação no segundo trimestre	188
5.3 Terceiro encontro: 37 semanas.....	190
5.3.1 A terceira entrevista	191
5.3.2 O terceiro Rorschach.....	197
5.3.3 As terceiras histórias TAT	202
5.3.4 Petra em transformação no terceiro trimestre	204
6. REBECA	209
6.1 Primeiro encontro: 12 semanas.....	209
6.1.1 A primeira entrevista.....	210
6.1.2 O primeiro Rorschach	217
6.1.3 As primeiras histórias TAT.....	225
6.1.4 Rebeca em transformação no primeiro trimestre	228
6.2 Segundo encontro: 25 semanas.....	231
6.2.1 A segunda entrevista	231
6.2.2 O segundo Rorschach	239
6.2.3 As segundas histórias TAT	244
6.2.4 Rebeca em transformação no segundo trimestre	247

6.3 Terceiro encontro: 36 semanas	249
6.3.1 A terceira entrevista.....	250
6.3.2 O terceiro Rorschach	256
6.3.3 As terceiras histórias TAT.....	261
6.3.4 Rebeca em transformação no terceiro trimestre	265
7. DISCUSSÃO.....	269
7.1 As vicissitudes de PS↔D e de ♀ ♂ na gravidez	269
7.1.1 O caos primordial	270
7.1.2 Do caos ao cosmos	270
7.1.3 A nebulosa expectante	272
7.2 Os fios com que se tece a mente.....	273
7.2.1 A barreira de contacto e a gravidez	275
7.2.2 Espaços do eu com o outro na gravidez	278
7.2.3 O espaço do corpo grávido	281
7.2.4 A temporalidade psíquica e a gravidez.....	285
7.2.5 (Re)Conhecer as emoções: dor e verdade na gravidez.....	287
7.3 Ao mesmo tempo, mas de outra perspetiva	289
8. CONCLUSÕES.....	293
REFERÊNCIAS.....	309
ANEXOS.....	323

LISTA DE ANEXOS

Anexo1: Visão panorâmica sobre a literatura convocada	325
Anexo 2: A Tabela Bioniana	331
Anexo 3: Teoria das Transformações – Síntese	333
Anexo 4: Anúncio – Pedido de Colaboração na Investigação.....	335
Anexo 5: Informação transmitida às médicas obstetras	337
Anexo 6: Consentimento informado	339
Anexo 7: Tópicos orientadores das Entrevistas Narrativas de Associação Livre.....	341
Anexo 8: A situação Rorschach	343
Material	343
Procedimentos de aplicação	344
Registo	345
Procedimentos de Cotação	345
Anexo 9: A situação TAT	349
Material	349
Procedimentos de Aplicação	350
Registo	350
Estudo das Narrativas	350
Anexo 10: Matriz de análise.....	353
Anexo 11: Eva, 1º Rorschach, 14 semanas	357
Anexo 12: Eva, 1º TAT, 14 semanas	363
Anexo 13: Eva, 2º Rorschach, 25 semanas	365
Anexo 14: Eva, 2º TAT, 25 semanas	373
Anexo 15: Eva, 3º Rorschach, 36 semanas	375
Anexo 16: Eva, 3º TAT, 36 semanas	383
Anexo 17: Petra, 1º Rorschach, 14 semanas.....	385

Anexo 18: Petra, 1° TAT, 14 semanas	393
Anexo 19: Petra, 2° Rorschach, 26 semanas	395
Anexo 20: Petra, 2° TAT, 26 semanas	401
Anexo 21: Petra, 3° Rorschach, 37 semanas	403
Anexo 22: Petra, 3° TAT, 37 semanas	409
Anexo 23: Rebeca, 1° Rorschach, 12 semanas	411
Anexo 24: Rebeca, 1° TAT, 12 semanas	419
Anexo 25: Rebeca, 2° Rorschach, 25 semanas	421
Anexo 26: Rebeca, 2° TAT, 25 semanas	429
Anexo 27: Rebeca, 3° Rorschach, 36 semanas	431
Anexo 28: Rebeca, 3° TAT, 36 semanas	437

INTRODUÇÃO

Partimos à aventura através de vozes e de gestos

Pressentimos paixões como paisagens

E cada corpo era um caminho

Sophia de Mello Breyner Andresen

Três trimestres, nove meses, 40 semanas. Um corpo dentro de um outro, juntos, diferentes, ligados. Não sabemos bem como dizer esse tempo singular da gravidez, esse espaço novo e de diferente habitação. Esse tempo desregrado nos seus ritmos tradicionais e esse espaço provocado nos seus limites convencionais. A grávida, que a psicanálise tem revelado inscrita numa teia de contrastes indissociáveis – o amor e o ódio, a vida e a morte, a indiferenciação e a objetualização, a regressão e a maturação – de esperanças espera, gestante gera. Mas, a grávida que vive a gravidez, como a pensa? Como a sente? Como espera e como gera? Peregrina de uma experiência original e originária, como percorre esse caminho, que significados lhe confere?

Aproximo-me destas interrogações a partir de um conjunto de acasos ligados e tornados significantes pelo meu olhar. Nove meses partilhados com a minha analista, há catorze anos atrás, uma memória de bruma, de cores, de dúvidas, e sobretudo de tantas transformações. Transformações que operaram sobre a minha forma de olhar, sobre as coordenadas de significação da minha experiência, do meu passado e do que sonhava para o futuro. Também o primeiro caso que acompanhei no meu estágio académico, uma mulher, mãe de filhos que não podia ter consigo, grávida de um outro que não sabia como amar, incerta, confusa, dorida, e que não sei se soube ajudar, conter, suportar. Mais tarde, em clínica privada, mulheres que me procuraram para partilhar os sobressaltos que encontraram nessa viagem que é dar à luz um bebé e uma mãe. Eu e estas mulheres que encontrei, as outras que fazem ou fizeram parte da minha vida, mãe, avós, irmã, amigas, as minhas filhas que, um dia, sonho, viverão também essa experiência. Eu e elas, nos meus pensamentos, o meu olhar a interrogar essa experiência, a interrogar como cada uma de nós vive, pensa, sente, transforma e é transformada pela gravidez. A interrogar o significado singular que tem, para cada mulher, a vivência original da gestação.

Definindo a direção do olhar

O olhar que orienta este trabalho interroga a mente da grávida, partindo de uma perspectiva bioniana e convocando a Teoria das Transformações, preocupando-se em destacar a novidade, a originalidade, a singularidade da experiência da gravidez. Na literatura psicanalítica a gravidez tem sido entendida enquanto experiência regressiva que, revisitando os organizadores estruturais do psiquismo – narcisismo e objetividade, libido e agressividade, limites intra e interpsíquicos, identificações edípicas e representação psíquica do espaço corporal – permite novas maturações. Esta abordagem à experiência psíquica da gravidez tem permitido explorar e descrever as vicissitudes porque passam, na gravidez, estas dimensões psíquicas. No entanto, observada enquanto reencenação de um percurso anterior, a originalidade desta experiência que se apresenta à mente para ser pensada é obscurecida. Olhando a gravidez a partir de um outro vértice, é possível argumentar que essas dimensões, que têm sido assinaladas na literatura como convocadas a uma reorganização, podem ser entendidas como invariantes psíquicos, permanecendo a questão sobre a especificidade dos processos transformativos que sustentam o trabalho psíquico sobre os mesmos. Como pensa a grávida os pensamentos da sua gravidez? Convocando a Teoria das Transformações, que permite observar, precisamente, a forma como a mente opera sobre a experiência emocional, transformando-a e transformando-se a si mesma nesse processo, torna-se possível olhar a gravidez enquanto experiência nova, singular, a ser psiquicamente subjetivada, significada, enfim, pensada.

Com a Teoria das Transformações, Bion (1957, 1959, 1962a, 1962b, 1963, 1965, 1970, 1980, 1992) propõe um modelo de compreensão da atividade psíquica que procura destacar os processos psíquicos envolvidos na contínua transformação dos dados da experiência, interna e externa – designados como elementos β –, em elementos psíquicos – os elementos α – através de uma função transformadora original – a função α . A transformação operada por esta função abre o caminho a transformações posteriores, que tomam a forma de cadeias significantes de complexidade crescente. Estas transformações são concebidas como sustentadas pelos organizadores constitutivos do aparelho para pensar pensamentos, designadamente, PS \leftrightarrow D (dispersão e integração) e $\text{♀}\text{♂}$ (continente e conteúdo). Assim, a cada momento o psiquismo é solicitado a transformar não pensamentos em pensamentos, subjetivando e significando a experiência emocional. Da possibilidade de tolerar e transformar a dor que pensar os pensamentos sempre implica, resulta a expansão do sentido, a aprendizagem com a experiência, o crescimento psíquico. Qualquer experiência, ao ser

transformada, transforma a própria mente. No entanto, há experiências que, pela sua violência, são particularmente subversivas. A transformação exigida por tais experiências é designada, por Bion (1965), como *mudança catastrófica*.

A gravidez é, então, neste trabalho, conceptualizada como mudança catastrófica, enquanto experiência violenta e subversiva que ao confundir, num mesmo corpo, o eu e o não-eu, e induzindo uma revisitação dos organizadores estabelecidos ao longo do desenvolvimento anterior, exige um trabalho psíquico intenso, capaz de tolerar, conter, explorar e integrar os pensamentos que se impõem à mente para ser pensados. Observar a mente da grávida a alfabetizar a(s) experiência(s) da gravidez, é pois o objetivo que sustenta o olhar, a interrogação, a investigação. Da descrição do *que* ocorre na mente da mulher grávida, passa-se assim à observação de *como* ocorre o trabalho psíquico despoletado pela gravidez. *Como* é que a experiência é transformada, *como* opera o aparelho para pensar pensamentos, *como* é que a gravidez vai sendo constituída e significada enquanto objeto psíquico a partir do trabalho de PS↔D e de ♀♂, como é, enfim, suportada a violência da experiência transformativa que a gravidez convoca?

O olhar debruça-se sobre o significado irredutivelmente subjetivo da experiência da grávida que vive a gravidez; *a* grávida, *a* gravidez, artigo definido, feminino, singular. Sem indefinições, sem pluralidades. Logo aqui duas opções perigosas, subjetividade e significação, perturbadoras da ordem normativa inscrita na procura de médias, desvios padrões, factos observáveis, mensuráveis, controláveis. Em minha defesa, Josselson (1995), que lembra que “in search of what is common to all, we often learn about what is true of no one in particular” (p. 32) e Geertz (1973), que sublinha que a análise da ação humana não é “an experimental science in search of law but an interpretive one in search of meaning” (p. 5). Esta aproximação à gravidez a partir do vértice da subjetividade não exclui a atenção e a compreensão dos aspetos universais da experiência. Antes sublinha que esses aspetos universais nunca são vividos como uma experiência em si mesma, mas são configurados a partir de uma apropriação singular, que lhes confere sentido. Não são leis, no sentido newtoniano, são invariantes, no sentido bioniano. Não determinam, inscrevem-se na experiência, são elementos da mesma, que mesmo depois de transformados são reconhecíveis, mas que ganharam uma coloração única, individual.

É assim que todos os textos clássicos psicanalíticos referem a ambivalência pulsional como um dos aspetos cruciais da experiência da grávida; que as interdições mágicas que protegem ora a grávida, ora o feto, ora a comunidade figuram em qualquer relato etnográfico;

e que o um e o dois, o masculino e o feminino, a vida e a morte surgem, nas várias mitologias, como essas oposições elementares organizadoras da gravidez. Contudo, se todos estes vetores existem na experiência psíquica da grávida, é apenas enquanto mobilizam o seu psiquismo, enquanto são por ele integrados e transformados, para poderem ser significados. Significados de uma forma que é sempre inescapavelmente singular. É pois esta dialética do que é invariante e do que é novo, porque particular, que interessa poder observar. Porque se Badiou (2012) está certo, e “être sujet, c’est circuler entre la singularité et l’universalité”, entender uma experiência psíquica deve implicar articular esses universais que a enquadram e a apropriação singular que cada indivíduo realiza. É este encontro, esta tensão, esta transformação, este processo de significação individual da experiência humana que é o espaço de subjetivação sobre o qual o olhar incide.

Este encontro, esta dialética constitutiva da singularidade não é um absoluto dado, é um acontecimento sempre renovado, um *ser-aí* (Heidegger, 1927/2009) no tempo inescapável, também ele construído a partir de um tempo objetivado pela externalidade, porém sempre vivido na percepção subjetiva interna. Na gravidez fala-se de trimestres, meses ou semanas, como se os calendários pudessem circunscrever uma temporalidade interna, como contas de um fio que se inicia no invisível da concepção e culmina na visibilidade extrema do parto. A temporalidade subjetiva da grávida, entretecida desse tempo universal que lhe é exterior e desse devir interno, tem também de ser abordada pelo olhar que interroga, observa e procura compreender a mente da mulher grávida. A gravidez não inscreve apenas um espaço psíquico no qual os grandes temas universais da gestação são encenados subjetivamente. Esse processo de transformação do universal, a partir da experiência singular dotada de significação, dá-se numa temporalidade psíquica. Afinal, o encontro entre os dois polos constituintes da subjetividade implica uma *circulação*, um *ir sendo*, *ir transformando*, *ir significando*. E também na temporalidade da gravidez é observável essa dialética que faz coexistir a continuidade, a invariância, com a rutura, o novo: uma continuidade daquilo que é invariante porque unificado pelo sujeito que permanece no tempo, que é entrecortada não apenas pelas durações e acontecimentos que se impõem ao psiquismo – o momento da confirmação, as semanas contadas pelo obstetra, os dias das ecografias, o anúncio do sexo, o início da percepção dos movimentos fetais... – como também pelas mil pequenas ruturas introduzidas pela apropriação que a grávida vai fazendo da sua experiência pelo pensamento. Desta forma, a confirmação da gravidez, num pequeno tubo de plástico ou num hemograma, concentra o tempo num momento de rutura, radicalmente diferente desse outro que é

experimentado na primeira percepção dos movimentos fetais. E ainda assim, algo permanece. A grávida. O seu pensamento incidindo sobre estas experiências, integrando-as, significando-as. O olhar debruça-se então, também, sobre o tempo da gravidez e o tempo da mulher grávida, e usando os intervalos convencionais do calendário cultural humano, os três trimestres, procura mostrar como são integradas na continuidade psíquica as rupturas da experiência subjetiva da grávida.

Porque não falar também da mãe em que a grávida se torna, trazer para o campo de observação a relação precoce, procurar perceber qual o impacto do antes no depois? Essa seria uma via, a mais canônica, e não será por acaso que a questão me foi colocada em alguns momentos da apresentação desta investigação. A opção pelo foco exclusivo na vivência da mulher pretende destacar esse momento e esse lugar aquém e além da função que, necessariamente, ocupará na relação com o bebê. A tendência, certamente ancorada no mais recôndito lugar infantil do nosso psiquismo, é verificar o impacto, a influência, a responsabilidade do cuidar materno no bebê cuidado. O resultado deste olhar assim constituído é o apagamento do que é a experiência irredutivelmente subjetiva da mulher. Já na própria gravidez, como declara Tyler (2001) quando reflete sobre a prática ecográfica, “the visibility of the foetus [...] is achieved at the cost of the increasing invisibility of the pregnant woman as the actual subject of gestation” (p. 79). Aqui procurou-se, em contra corrente, afirmar um lugar próprio, iluminar, tornar visível o psiquismo da grávida, no qual os objetos relacionais têm certamente um espaço – e o feto na sua qualidade de objeto fantasmático, de desejo e temor será um dos que se faz presente – sem o sujeitar a uma lógica funcional em face de um outro, o bebê, por certo importante, porém já premiado com muitos olhares e estudos. Não sacrificar a visibilidade da mulher e deixar suspensa a dúvida sobre o encontro que, depois, se dará, foi pois uma opção refletida.

Em suma, a investigação parte de um olhar que procura destacar a experiência psíquica original, singular e subjetiva da gravidez (mais precisamente da primeira gravidez), num espaço psíquico que se constitui como cruzamento entre invariantes universais e vivências singulares, e numa temporalidade organizada a partir do que é contínuo tanto quanto do que é novo e disruptivo, permitindo dessa forma dar voz à experiência da grávida que vive, pensa, sente, sonha... a sua gravidez.

Das condições do olhar

A investigação aqui apresentada é, antes de mais, uma investigação psicanaliticamente informada, isto é, uma investigação empírica que sendo desenvolvida longe do quadro terapêutico, procura aproximar-se do quadro metodológico que esse contexto inscreve enquanto campo de observação dos processos psíquicos inconscientes, respeitando no essencial o racional epistemológico da psicanálise. Uma vez que a investigação tem como objetivo estudar a experiência da mulher grávida, e não estudar a experiência da *paciente* grávida, foi necessário constituir um dispositivo metodológico de aproximação à experiência psíquica da gestante que, apesar de distanciada do estudo de caso imbricado com a clínica e a patologia, isto é, apesar de distanciada do *setting* terapêutico, respeitasse e observasse as condições de observação e investigação da mente humana tal como esta é concebida pela psicanálise: como campo onde se intersectam duas lógicas diferentes, aquela que subjaz aos processos conscientes, e aquela que anima os processos inconscientes. Como pode ser constituído esse olhar psicanalítico, afastado do divã e ao serviço da investigação empírica? Quais são as características essenciais a esse olhar? Que condições necessitam inscrever-se para que ele possa iluminar um fenómeno? Que compatibilidades existem entre um *setting* terapêutico e uma investigação empírica? Estas questões foram refletidas, dando origem a um trabalho complementar que explora, detalhadamente, o modelo epistemológico específico do campo psicanalítico (Rosado, Neves & Marques, 2015). Debruçando-nos sobre o contexto de descoberta próprio a este campo, estabelecemos nesse trabalho que:

a investigação em psicanálise opera a partir de um dispositivo que permite constituir um objeto que, não sendo observável diretamente, pode ser apreendido através da comunicação entre um sujeito e o investigador do psiquismo humano. Para ampliar a possibilidade de observação indireta do objeto em toda a sua extensão (na sua dupla inscrição consciente/inconsciente), o dispositivo institui um modo de comunicação específica, designadamente, a associação livre. O investigador recolhe dados sobre o conteúdo latente no texto da cadeia associativa e na dinâmica relacional que contextualiza a comunicação. Esta recolha implica um modo de escuta particular, coerente com o modo de produção da comunicação, a atenção flutuante. [...]

A interpretação psicanalítica visa clarificar a organização e os processos psíquicos a partir da compreensão da dinâmica que permite ao inconsciente revelar-se no tecido da consciência. Assim, a interpretação explora vértices de significação latentes no conteúdo manifesto, multideterminado e multissignificante. [...] A interpretação deve ser sempre assumida na sua incompletude fundamental, dada a impossibilidade de verter em formulação consciente o inconsciente, mas também em virtude dos limites inscritos no psiquismo do investigador e na distância insuperável entre duas vidas psíquicas distintas. (pp. 43-44)

Assim, procurando criar as condições para a emergência e observação de um objeto psicanalítico, são usados, nesta investigação, três instrumentos narrativos que suscitam a produção de associações livres, no seio de uma relação intersubjetiva: a Entrevista Narrativa de Associação Livre (Free Association Narrative Interview – FANI – Hollway & Jefferson, 2000, 2008), a prova projetiva de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática (TAT – mais precisamente uma seleção de cartões desta prova). As narrativas suscitadas por estes instrumentos são concebidas como analisáveis enquanto produções psíquicas que veiculam significações latentes, apreensíveis através de uma escuta insaturada, através de uma *atenção flutuante* que, tolerando a incerteza, *sem memória, sem desejo, sem compreensão* (Bion, 1970) e fazendo uso da informação contratransferencial, se aproxima do que se esconde e revela nas cadeias associativas. Entendidos enquanto instrumentos capazes de suscitar narrativas que dão conta dos processos de pensamento, a FANI, o Rorschach e o TAT, são pensados à luz da Teoria das Transformações, sendo proposta uma matriz interpretativa que permite observar o trabalho do aparelho para pensar os pensamentos, isto é, o trabalho de alfabetização da experiência através de $PS \leftrightarrow D$ e de $\text{♀} \text{♂}$.

Três estudos de caso são apresentados, analisados e discutidos. Assim, são acompanhados os percursos transformativos de Eva, Petra e Rebeca, tais como estes se dão a ver nas narrativas constituídas em face dos instrumentos selecionados, em três momentos distintos, coincidentes com os três trimestres da gestação. Desta forma, cada estudo de caso contempla a análise de três FANIs, três Rorschachs e três TATs. O conjunto dos dados recolhidos foi analisado, num primeiro momento, com o suporte de um grupo de intervisão, constituído para esse efeito, com o objetivo de permitir uma triangulação do olhar capaz de iluminar as dinâmicas inconscientes das produções associativas, e também de clarificar os processos contratransferenciais da investigadora, tomados como informativos do encontro intersubjetivo no qual as narrativas foram produzidas. Num segundo momento, foi conduzida uma análise sistemática dos dados provenientes quer da recolha original, quer do material que emergiu no grupo de intervisão.

A presente investigação caracteriza-se, então, como uma investigação qualitativa, narrativa, longitudinal e ideográfica: respeitando as características essenciais ao objeto psicanalítico, constitui-se como investigação sobre processos cuja natureza é qualitativa e que são indiretamente observados através da análise de narrativas produzidas no seio de uma relação intersubjetiva estabelecida com a investigadora; seguindo o curso transformativo da gravidez, os mesmos dados são recolhidos em três momentos diferentes da gestação de cada

uma das participantes do estudo; porque o foco é a experiência subjetiva, singular, da mulher grávida, a investigação toma a forma de três estudos de caso que acompanham as transformações psíquicas que ocorrem ao longo das gestações de Eva, Petra e Rebeca. Todo o dispositivo metodológico é concebido em articulação com o modelo bioniano, na sua dupla valência de modelo epistemológico e de modelo teórico: a epistemologia bioniana informa a construção do desenho da investigação e a teoria bioniana guia a análise interpretativa dos dados e informa a teorização sobre a experiência psíquica da mulher grávida que daí advém.

Um novo olhar sobre a mente em transformação da grávida

A aplicação da Teoria das Transformações ao estudo da mente da grávida possibilita, pois, um novo vértice de observação da mesma, uma vez que permite interrogar, de forma inovadora, *como* lida a mente com a experiência psíquica da gravidez, *como* pensa a grávida os pensamentos da sua gravidez. Desta nova interrogação nasce uma nova compreensão sobre os processos psíquicos implicados na vivência da gestação.

Efetivamente, os três casos estudados permitem destacar um padrão transformativo comum, suficientemente amplo e flexível para permitir acomodar, sublinhar e clarificar as singularidades de cada percurso. Assim, observa-se como, num primeiro momento, a descoberta da gravidez produz uma catástrofe psíquica, evidenciada pela intensidade de PS de valência disruptiva e pela falência da função ♀. Num segundo momento, é realizado um trabalho psíquico que torna possível tolerar a dor mental provocada pela experiência da gravidez. A oscilação entre PS e D torna-se possível, o espaço mental enquanto ♀ é estabilizado e os ♂ da experiência podem ser explorados e significados. Finalmente, num terceiro momento, a mente da grávida aproxima-se de uma posição expectante, aberta ao desconhecido. Os processos PS voltam a dominar o campo psíquico, contudo agora numa valência paciente, tolerante à incerteza, e a mente comporta-se agora como um ♀ permeável e insaturado, que se prepara para o encontro com novos ♂ experienciais: o nascimento de um bebé e de uma mãe. Se estes três momentos são transversais às experiências de Eva, Petra e Rebeca, o tempo em que ocorrem, a forma como o trabalho psíquico se entrelaça com a história interna de cada uma delas e, sobretudo, a capacidade de reconhecer, tolerar e transformar a dor mental associada a este processo, distingue claramente as vivências de cada uma das mulheres estudadas.

A gravidez pode pois ser conceptualizada, de forma original, já não apenas como experiência psíquica regressiva e maturativa que reencena o percurso infantil de desenvolvimento psicosexual, como a literatura anterior a tem entendido, mas como uma mudança catastrófica, uma experiência que, ao ser psiquicamente transformada num objeto psíquico subjetivo e significativa, transforma a própria mente. A observação detalhada do padrão transformativo transversal aos três casos permite confirmar, clarificar e aprofundar esta ideia. Assim, defende-se e argumenta-se, na discussão deste trabalho, que é o próprio tecido psíquico espaço-temporal que é transformado, ao longo da gestação. A partir da análise dos três casos, sugere-se que o encontro com a experiência da gravidez produz, inicialmente, uma rutura da barreira de contacto, a fronteira intrapsíquica que separa, e simultaneamente liga, inconsciente e consciente. Uma rutura que confunde os dois espaços psíquicos, a que correspondem duas experiências distintas da temporalidade, a intemporalidade do inconsciente e a ordenação linear e irreversível da consciência. Sugere-se igualmente que, através de um intenso trabalho psíquico que faz uso dos objetos relacionais da grávida, do corpo enquanto suporte do pensamento e da bidirecionalidade da temporalidade psíquica, a barreira de contacto é progressivamente reconstituída, mantendo, no entanto, uma significativa porosidade até ao final da gestação. Desta forma, assinala-se que a grávida usa, com frequência, os seus objetos relacionais como continentes auxiliares da metabolização da sua experiência, sendo particularmente sensível a objetos relacionais indisponíveis. É também notado como o pensamento da grávida, convocado a tolerar a inquietante estranheza de um corpo habitado interiormente, cuja fronteira clássica, a pele, perdeu a sua operacionalidade, explora e significa com intensidade as transformações e intervenções a que está sujeito o espaço corporal, como forma de, através do eu corporal, reorganizar o espaço psíquico. Explora-se, ainda, o intenso manuseamento da bidirecionalidade da temporalidade psíquica, enquanto mecanismo de significação *après-coup*, mas também de abertura expectante à significação futura face ao desconhecido que representa o nascimento de um bebé e de uma mãe. Finalmente, é sublinhada a importância, na elaboração deste trabalho psíquico, da capacidade da mulher grávida de interrogar, através do vínculo K (knowledge, o vínculo que permite reconhecer, interrogar e compreender os vínculos afetivos L – Love e H – Hate), a experiência psíquica em que está envolvida.

Em suma, neste trabalho é descrito e aplicado um modelo de observação e compreensão dos processos de pensamento da mulher grávida, gerador de novas perspetivas sobre a gravidez enquanto experiência psíquica original e singular. Um modelo capaz de

dialogar, posteriormente, com a clínica, designadamente com a psicologia clínica psicanalítica na sua dupla vertente de avaliação psicológica e intervenção terapêutica, para a informar, questionar, enriquecer.

Traçando o caminho no mapa

No primeiro capítulo, *As coordenadas psíquicas da gravidez*, é revista e discutida a literatura psicanalítica sobre a gravidez, articulando-a com alguns dados antropológicos, lidos enquanto referências culturais que refletem os aspetos psíquicos inconscientes implicados na experiência psíquica da gestação.

Em *Pensar a gravidez com Bion* é apresentada a Teoria das Transformações, sendo definidos e articulados os seus conceitos fundamentais, argumentando e justificando a sua aplicação ao estudo da experiência psíquica da gravidez e formulando, nesses termos, as interrogações que orientam a investigação.

Segue-se o capítulo *Método*, no qual é descrito o dispositivo de investigação constituído, explicitando e justificando o tipo de investigação realizada, a forma como foram recrutadas as participantes e seleccionados os estudos de caso, os procedimentos de recolha, análise e apresentação dos dados, e refletindo sobre as questões éticas colocadas pela investigação.

Nos capítulos *Eva*, *Petra* e *Rebeca* são apresentados os três estudos de caso, expondo e analisando as Entrevistas Narrativas de Associação Livre e as narrativas constituídas face ao material Rorschach e TAT, nos três trimestres de cada uma das mulheres grávidas estudadas, e destacando as transformações psíquicas que a aplicação da matriz de análise dos processos de pensamento permite evidenciar.

Na *Discussão*, os percursos de Eva, Petra e Rebeca são confrontados, sublinhando-se os aspetos convergentes, isto é, transversais às experiências transformativas vividas pelas três mulheres ao longo da gravidez, mas assinalando igualmente as singularidades de cada caso, destacando-se as perspetivas trazidas pela investigação à compreensão da experiência psíquica da gravidez, em articulação com o conhecimento anteriormente estabelecido.

Finalmente, são apresentadas as *Conclusões* da investigação, sintetizando o percurso realizado, sublinhando os aspetos mais significativos da conceptualização sobre as transformações psíquicas da gravidez que resultam da investigação, assim como as consequências que daí decorrem relativamente à intervenção psicológica junto de grávidas,

apontando os limites do conhecimento gerado e formulando um conjunto de interrogações que, no futuro, podem estimular novos olhares, novas investigações sobre a experiência psíquica da gestação.

1. AS COORDENADAS PSÍQUICAS DA GRAVIDEZ

*Onde o que está lavado se relava
Para o rito do espanto e do começo
Onde sou a mim mesma devolvida
Em sal espuma e concha regressada
À praia inicial da minha vida*

Sophia de Mello Breyner Andresen

A ideia de que a gravidez representa, por essência, um período tumultuoso, crítico, mesmo perigoso aparece inscrita, desde logo, nos discursos e práticas culturais que rodeiam a mulher gestante. As noções de irritabilidade, sensibilidade e vulnerabilidade perpassam os discursos tanto populares, quanto médicos, analisados por Hanson (2004) na sua reconstrução da história cultural da gravidez na Inglaterra dos séculos XVIII ao XX. A partir de um levantamento etnográfico das crenças relativas à gravidez em Portugal, e jogando com a equação gravidez - ausência de regras menstruais, Joaquim (1983) pensa os tabus que organizam a vivência da gravidez como regras que se escrevem sobre o corpo das mulheres para as controlar nessa condição desregrada. Esse corpo feminino, por essência “cheio de humores [...] excessivo, um corpo de paixões” (p. 34), aparece como pleno de fragilidades, que são enfim o reverso dos seus poderes:

nunca se sabe se do corpo da mulher sai animal ou planta, mas o corpo da mulher também impede ou permite que as plantas cresçam e os animais sejam bem ou mal sucedidos na sua criação. É um mundo que funciona em círculo, em espiral – que neste ou naquele ponto pode sofrer estrangulamentos ou desvios havendo mortes ou monstros [...]. E as regras dizem a diferença e tentam dizer o horror dessa confusão, a mulher dá vida a um ser vivo humano, e o monstro baralha estas leis, estes códigos – e diz o horror e o irracional. (Joaquim, 1983, p.61)

No universo interno da mulher grávida é pois particularmente perceptível esse caos que, nas mitologias, sob a forma de abismo, indistinção ou escuridão, precede o cosmos (Guirand, 1996/2006; Monteiro, 2001; Pinheiro, 2011). Esse irracional, que não é ordenável pelas leis da cultura e do pensamento, é o lugar do inconsciente, o lugar de todas as regressões, porém também o ponto de partida de todas as (re)construções.

Confirmando a ideia de tumulto, crise e desregramento, mas fazendo igualmente referência à possibilidade de ordenação, a literatura psicanalítica tem descrito e compreendido

a gravidez enquanto experiência regressiva, que reencena o desenvolvimento psicosexual infantil e o percurso edípiano, uma experiência que pelo seu carácter crítico encerra riscos de descompensação patológica, mas que inscreve também, a partir da revisitação e reelaboração dos conflitos nodais do psiquismo, a possibilidade de reorganizações maturativas. Nas páginas que se seguem é exposto o mapeamento desses percursos regredientes e progredientes, realizado por diversos autores psicanalíticos, descrevendo-se a forma como os investimentos pulsionais (narcísicos e objetais, libidinais e agressivos), as fronteiras intra e intersíquicas, os processos identificatórios e a representação corporal são afetados pela experiência da gestação. São também convocados, sempre que possível, mesmo que apenas a partir de breves referências, esses discursos e práticas que, inscritos em vários sistemas culturais, revelam os diversos aspetos da experiência psíquica, inconsciente, da gravidez¹.

1.1 Revisitar a estruturação psíquica

Foi o trabalho de Hélène Deutsch que primeiro lançou o mote para uma compreensão da gravidez enquanto revisitação das fases do desenvolvimento psicosexual infantil. A autora descreve como o psiquismo da grávida recorre à reencenação das modalidades primitivas “dont se sert l’enfant pour la satisfaction et le contrôle des impulsions corporelles élémentaires” (Deutsch, 1949, p. 52) e que permitem organizar o psiquismo e a relação com os objetos primários, a partir dos processos de introjeção, retenção e eliminação. Segundo Deutsch (1925, 1949), no início da gravidez são particularmente operantes os traços orais, patentes na introjeção do feto como contraparte psíquica da fecundação, mas também na sintomatologia típica dos primeiros meses, reveladora da tendência oposta de expulsar, de forma sádico-oral, o objeto introjetado; os apetites, as náuseas e os vômitos são entendidos como sinais dessa conflitualidade oral revivida na gravidez. Para a autora, as contrações muito precoces, as modificações transitórias do carácter e a reemergência da equação fantasmática infantil entre criança e fezes constituem, durante a gravidez, os traços típicos da analidade. Finalmente, o jogo identificatório que conduz à transferência do investimento libidinal do pai para o companheiro e deste para o bebé, progressivamente mais diferenciado a partir da perceção dos movimentos fetais, remete para a fase fálica, conduzindo à equação criança-pénis.

¹ Uma apresentação histórica dos autores e respetivos trabalhos aqui convocados pode ser consultada no anexo 1.

Embora, em alguns momentos dos seus escritos, Deutsch (1925, 1949) pareça querer traçar uma espécie de repetição linear do desenvolvimento psicosexual, fazendo equivaler a fases precisas da gravidez a mesma sequência cronológica que a teoria desenha na infância, noutros parece mais inclinada a entender o período de gestação como um extenso campo de reconflitualização simultânea nas várias frentes, com mobilização de elementos das diversas fases de forma mesclada. Na verdade, é como se a gravidez se constituísse, pelas suas características, como um campo por excelência propício à reformulação de todas as tarefas de organização psíquica anteriormente propostas, o que é realizado mobilizando todos os recursos, todas as modalidades disponíveis, e que são enfim as que foram sendo descobertas, utilizadas e integradas, camada após camada, ao longo do desenvolvimento anterior. O que Deutsch procura mostrar é que qualquer fragilidade na integração realizada ao longo do desenvolvimento psicosexual infantil agudizar-se-á com a gravidez, expondo na patologia o curso dos processos inconscientes presentes, de forma menos crua, na vivência mais desimpedida, contudo sempre conflitual, deste processo.

É curioso verificar que as interdições prescritas às mulheres grávidas, tais como podem ser encontradas em relatos etnográficos, “giram em torno do comer, tocar, olhar” (Joaquim, 1983), parecendo espelhar, de forma deslocada, as problemáticas infantis. Interpretando a partir da formulação de Deutsch, os interditos de comer e tocar podem ser lidos como remetendo para os processos de introjeção e projeção orais e anais, mas contendo sempre presente uma dimensão fálica, inscrita no que pode ou não *ter* o corpo do bebé em virtude da observância ou transgressão do tabu. Por outro lado, os interditos em torno do olhar podem ser compreendidos enquanto deslocamento de dimensões narcísicas, podendo também assumir uma dimensão mais evoluída, ligada aos processos desencadeados pelo jogo identificatório em torno da fantasmática da cena primitiva. É como se estas interdições assinalassem a presença e a importância destas dimensões regressivas no psiquismo da grávida, e simultaneamente tentassem protegê-la do perigo que encerram. Daí que a não observância das prescrições possa redundar em malignidade, doença ou morte, perigos que remetem para a possibilidade de desorganização e patologia psíquica.

A investigação conduzida por Bibring e seus colaboradores permitiu expandir a compreensão deste momento particular, confirmando a tese de que a gravidez pode ser compreendida como crise maturativa, capaz de produzir uma nova e diferente organização do psiquismo a partir da revisitação de conflitos anteriores (Bibring, 1959; Bibring, Dwyer, Huntington, & Valenstein 1961a, 1961b). A natureza regressiva deste período, assinalada por

Deutsch, é confirmada, mas é dado um passo à frente na caracterização da experiência psicológica da gravidez: o reequilíbrio dos investimentos narcísicos e objetais é assinalado como ponto nodal da tarefa maturativa solicitada à grávida, numa sequência que se torna a referência para os trabalhos posteriores. Assim, a partir desta investigação é comum considerar-se que a gravidez passa por um primeiro momento de retraimento narcísico, caracterizado pelo investimento libidinal do *self* fundido com esse “foreign body” (Bibring et al. 1961a, para. 15), que psiquicamente é experimentado como incorporação da relação amorosa com o parceiro sexual, e um segundo momento desencadeado pela percepção dos movimentos fetais, que põem em marcha processos de diferenciação e investimento objetal. A par destas reorganizações libidinais, e intimamente ligado a elas, ocorre um processo de conflitualização e reajustamento face às identificações relativas à representação materna que, a partir de movimentos regressivos, abre novas possibilidades de integração da ambivalência. Desta forma, a investigação conduzida por Bibring confirma e fortalece a ideia defendida por Deutsch de que a organização pulsional é pressionada a uma reorganização durante a gravidez, acrescentando, contudo, a ligação entre essa reorganização e aquela por que passa a representação do objeto materno.

Os trabalhos subsequentes passaram a repetir esta ideia fundamental de que a gravidez opera como um momento crítico onde se reencena o desenvolvimento infantil, com riscos de desorganização psíquica que, quando superados, abrem possibilidades maturativas. Os vários autores foram procurando traçar as diversas linhas regressivas e maturativas, existindo por vezes a tentativa de estabelecer fases para esses processos, cujos pontos de transição se organizam normalmente em torno da percepção dos movimentos fetais e da aproximação do parto. Estas várias linhas de reorganização dizem respeito à direção e qualidade dos investimentos pulsionais, à manutenção das fronteiras psíquicas, aos movimentos identificatórios e à vivência e representação corporal, dimensões psiquicamente indissociáveis, mas que para efeitos de apresentação teórica são percorridas separadamente.

1.2 As pulsões e as suas vicissitudes

Os trabalhos dedicados à compreensão do psiquismo da grávida sublinham duas ideias centrais no que respeita à economia pulsional durante o período de gestação: a primeira diz respeito à direção dos investimentos pulsionais sujeitos, na primeira fase da gravidez, a um retraimento narcísico, que se inverte com a progressiva objetalização do feto, desencadeada pela percepção dos movimentos fetais; a segunda refere-se ao aspeto qualitativo dos

investimentos pulsionais que se caracterizam, na gravidez, por uma marcada ambivalência. Estas são, pois, as duas facetas mais evidentes do processo regressivo desencadeado pela concepção, observado primeiro por Deutsch (1925, 1949), reiterado por Bibring (1959) e confirmado por diversos trabalhos subsequentes (Bydlowski & Golse, 2001; Cordeiro, 2002; Lester & Notman, 1988; Matarazzo, 1986; Notman & Lester, 1988; Pines, 1982; Raphael-Leff, 1996, 2001, 2015).

O investimento libidinal, progressivo, do bebê inicia-se, como já assinalado, por uma regressão oral, que compreende psiquicamente a fecundação enquanto incorporação do objeto amado (Deutsch, 1925, 1949; Bibring et al., 1961a). A libido objetal sofre, desta forma, uma regressão narcísica, tornando indistinta a separação entre a grávida e o embrião, investido como parte do ego da grávida (Deutsch, 1925, 1949; Bibring et al., 1961a). Este processo de identificação narcísica, por via de uma regressão oral que dilui as fronteiras entre o *self* e o objeto, pode ser entendido como operação defensiva que visa a aceitação dessa intrusão (Bibring, 1959; Notman & Lester, 1988) que a fecundação iniciou, através da fusão com esse corpo estranho (Bibring et al., 1961a; Lester & Notman, 1988, Raphael-Leff, 1996), parasitário (Deutsch, 1925, 1949; Notman & Lester, 1988), instalado no interior não apenas do corpo mas da psique da grávida.

Com os primeiros movimentos fetais inicia-se um movimento libidinal de direção oposta, no sentido da diferenciação, que começa a investir objetalmente o feto. No entanto, o estatuto particular deste objeto, presente no corpo porém ausente da realidade visível (Bydlowsky, 2001), confere-lhe um sentido singular: metáfora corporalmente concretizada do objeto interno (Bydlowsky, 2001; Bydlowski & Golse, 2001), o feto adquire o estatuto de realidade intermediária, transitiva (Raphael-Leff, 2001), no limiar do irrepresentável (Matarazzo, 1986) porque atual mas apenas acessível através da fantasia (Bydlowsky, 2001). O corpo e, por essa via, o psiquismo da grávida encontram-se sujeitos à pressão paradoxal de tolerar uma presença que é, simultaneamente, diferenciada e indiferenciada, que coloca em causa “the fundamental axiom of singularity” (Raphael-Leff, 1996, Procreative Systems, para.2).

Estes dois movimentos libidinais de sentido oposto, potenciados pela fecundação, o de cariz narcísico, e pelos movimentos fetais, o de investimento objetal, inscrevem, na teorização de alguns autores, duas fases distintas no período de gestação (Bibring et al, 1961a; Lester & Notman, 1986, 1988; Notman & Lester, 1988). Esta parece ser uma visão esquemática e organizadora, todavia simplista, dado que, de formas diferentes, os dois movimentos parecem

operar ao longo de toda a gravidez. É assim que Deutsch (1949) assinala como característica da grávida a coexistência de uma intensa introversão e polarização narcísica, com uma orientação pragmática para a realidade, constituindo ambas formas de investir libidinalmente o feto. A última, praticamente ausente dos trabalhos subsequentes talvez pela sua evidência, é facilmente reconhecível nos exemplos dados por Deutsch: a atenção escrupulosa da grávida aos cuidados que deve ter, a preocupação de constituir o enxoval do bebê, decorar um espaço físico para o receber, etc. Se esta orientação para a realidade serve, de forma mais visível, o propósito defensivo de contrabalançar o movimento de retraimento narcísico assegurando a objetualização do bebê, é também verdade que a orientação narcísica, de sentido aparentemente oposto, não é dissociável do processo de progressiva inscrição do bebê enquanto objeto.

Por um lado, a identificação narcísica, que mescla formas de identificação orais, anais e fálicas (nas equações com valor narcísico entre o feto e o seio, as fezes e o falo), implica uma incorporação egóica, contudo também superegóica do feto, que se torna assim “the incarnation of the ego-ideal [...] the bearer of all those perfections” (Deutsch, 1925, para. 58). Ora, esta identificação dupla do feto no interior do psiquismo da grávida constitui, desde logo, um princípio diferenciador. Por outro, como referido anteriormente, é comum a sinalização do aspeto regressivo e narcísico patente na autocentração do discurso da grávida, muito investido em temáticas infantis. No entanto, esta característica revela precisamente uma procura de aproximação à realidade de um objeto, o bebê, que atual mas invisível, “il n’est représentable que par des éléments du passé” (Bydlowski, 2001, Etat, para. 4), constituindo a reativação, regressiva, de processos arcaicos, uma aproximação que permite à grávida colocar-se no nível de funcionamento do bebê (Bydlowski & Golse, 2001). O silêncio da grávida sobre o bebê, que Deutsch (1949) assinala como marca da intensidade da sua orientação para o interior, revela também, como lembra Bydlowski, a erotização secreta de que é objeto: “rien n’en est dit, la rêverie règne” (2001, Métapsychologie, para. 4).

Duas prescrições tradicionais portuguesas podem ser interpretadas como remetendo para a ligação entre estes processos psíquicos de cariz narcísico, o retraimento e o silenciamento, com o investimento, mesmo que pouco diferenciado objetivamente, do feto. Assim, assinalando um movimento de investimento através do retraimento narcísico, a grávida não deve amassar o pão porque “na gravidez é por ela estar a ‘levedar’, que ela impede que qualquer outra coisa levede, como se toda a sua seiva/sangue fosse para a criança e ela não pudesse fazer crescer outra coisa” (Joaquim, 1983, p. 60). O significado defensivo deste retraimento narcísico aparece claramente na prescrição que aconselha à ocultação da

gravidez “para a criança ser bonita”, porque “ ‘criança negada é criança feliz’ [...], e enquanto não é dita a gravidez, a criança não tem existência, não entra também nessa zona de conflitos, de olhares” (Joaquim, 1983, p. 52). Olhares da grávida sobre os outros, ou dos outros sobre ela, carregados de perigosidade como é perceptível pela profusão de interditos em torno deste verbo: a grávida não deve olhar eclipses (Callister & Khalaf, 2009), flores ou animais mortos (Ahn, 2009), animais ou pessoas com deficiências (Joaquim, 1983). Porque no/pelo olhar a grávida pode igualizar o que abriga no interior àquilo que ela olha, ou àquilo que a olha a ela. Nos interditos em torno do olhar, verbo narcísico por excelência, explicita-se a necessidade como o risco envolvido no investimento de cariz narcísico que a gravidez convoca. Um retraimento necessário ao investimento do interior, mas que coloca as dúvidas sobre esse interior em primeiro plano, dúvidas que se espelham no e pelo olhar, que precisa assim de ser protegido.

Concluindo, este processo de retraimento narcísico visa a aceitação e investimento libidinal do feto como parte do narcisismo da mulher grávida, ao mesmo tempo que inscreve as condições para, internamente, se iniciarem processos de diferenciação. Todavia, estes movimentos oscilatórios da pulsão libidinal, e sobretudo a sua polarização narcísica, revelam também uma organização defensiva que visa anular o conflito ambivalente que o investimento objetal necessariamente acarreta. É esse outro domínio pulsional, para além do princípio do prazer, violento, destrutivo e agressivo, e do conseqüente conflito ambivalente vivido pela grávida, que agora se abordará.

A existência de um agudo conflito ambivalente no psiquismo da grávida tem sido repetidamente observada na literatura psicanalítica dedicada ao estudo da gestação (Bellion, 2001; Bibring, et al., 1961a; Cordeiro, 2002; Deutsch, 1925, 1949; Holmes, 2000a; Matarazzo, 1986; Matulaité, 2012; Notman & Lester, 1988; Pines, 1982; Raphael-Leff, 1996, 2001, 2015; Sirol, 1999, 2003). O conflito é, desde logo, passível de ser destacado a partir das representações contrastantes do feto: por um lado, percebido como parasita hostil (Clerget, 1986; Deutsch, 1949; Holmes, 2000a; Matulaité, 2012), é o objeto nodal de um complexo fantasmático primitivo que representa a sua presença no interior do corpo como exploração, contaminação e violação (Raphael-Leff, 1996), e que o torna alvo de ataques defensivos que o procuram expulsar ou destruir, sintomaticamente através dos vômitos, das contrações precoces, e psiquicamente através das representações angustiantes de um feto monstruoso, deformado (Deutsch, 1949; Matarazzo, 1986); por outro, representado como objeto de identificação terna (Deutsch, 1949), é investido como confirmação da riqueza interna e das

possibilidades criadoras e contentoras da grávida (Deutsch, 1949; Raphael-Leff, 2001), protegido por mecanismos de retraimento narcísico, evitamento relacional e idealização que revelam, tanto ou mais do que escondem, a presença da dimensão destrutiva da pulsão (Bellion, 2001).

O investimento libidinal, narcísico e objetal, do feto é resultado da satisfação de desejos infantis, revividos na atualidade e projetados no futuro: a confirmação de um interior fecundo (Notman & Lester, 1988; Raphael-Leff, 1996, 2001), a satisfação da fantasia de possuir um bebê e assim assumir o lugar da mãe (Bellion, 2001; Deutsch, 1949; Holmes, 2009; Pines, 1982), a concretização da dimensão criativa da relação amorosa atual (Bibring, 1961a), e a experiência de uma fantasia identificatória que permite superar a finitude e a mortalidade (Deutsch, 1949; Matarazzo, 1986). Mas, é precisamente porque o feto é investido libidinalmente a partir do cruzamento dos desejos e identificações infantis, conflituais por excelência, que o polo pulsional oposto se faz concomitantemente presente, com a mesma força e com a clivagem própria à fantasmática primitiva. O feto inscreve-se no psiquismo da grávida como operador simbólico sobre o qual recaem, deslocadas, as representações infantis que constituíram fontes de ódio a partir dos conflitos cardinais do desenvolvimento: o feto é odiado enquanto objeto que reatualiza as angústias ligadas à representação da imago materna sádica, enquanto objeto que confirma a diferenciação sexual e geracional, e enquanto objeto de luto necessário, quer pela possibilidade de morte, fetal ou materna, que a gravidez inscreve, quer pela separação irremediável do parto (Sirol, 1999, 2003).

Os processos defensivos operados através do retraimento libidinal e da idealização constituem-se, pois, como contrainvestimentos que permitem proteger o feto da pulsão agressiva, garantir a sua erotização, e nessa medida, também, desmentir o fantasma de um interior mortífero e persecutório, confirmando, no parto de um bebê saudável, a bondade do interior da mulher (Bellion, 2001). Revertendo a perspectiva do conflito estético proposto por Meltzer (1985), é possível entender que essa questão primitiva do psiquismo humano: “est-ce beau à l’intérieur?” (p. 1387) é duplamente vivida pela grávida, em relação a si mesma e ao bebê que a habita, num corpo e numa psique cujas fronteiras não são mais claras. Este contrainvestimento, que procura afirmar a *beleza interior*, da grávida e do feto, é objetivado na investigação conduzida por Bellion (2001) com recurso a metodologia projetiva.

As narrativas produzidas face ao material Rorschach por grávidas de 35 semanas revelam uma forte restrição afetiva, auxiliada por mecanismos de inibição e rigidificação do pensamento e pelo evitamento de representações relacionais (Bellion, 2001). A análise dos

protocolos de TAT evidenciam igualmente o evitamento de expressões de conflitualidade relacional, e expõem a dificuldade na elaboração da posição depressiva (Bellion, 2001). A comparação do discurso lábil produzido, pelas grávidas, em contexto de entrevista, em que é possível a expressão de agressividade relativamente às figuras parentais ou ao companheiro sexual, com a restrição face ao material projetivo, permite afirmar a existência de um trabalho psíquico destinado a proteger a relação com o feto de qualquer expressão agressiva (Bellion, 2001). Assim, o resultado desse recalçamento massivo da agressividade, e conseqüentemente da dimensão relacional, é o retraimento narcísico, o retorno da agressividade sobre o corpo, e a impossibilidade de elaborar a perda. A integração das duas dimensões da pulsão é a base a partir da qual é possível a integração do eu, a relação com o objeto total, a aceitação da conflitualidade inerente a essa relação, e em especial da culpabilidade depressiva que permite tolerar a perda (Klein, 1975/1991). A tentativa de anular um dos polos pulsionais compromete, necessariamente, esta cadeia integrativa.

Os trabalhos de Sirol (1999, 2003) e Bellion (2001) clarificam as vicissitudes da economia pulsional das grávidas, estabelecendo uma relação estreita entre os movimentos de retraimento libidinal e o recrudescimento da ambivalência, que apareciam anteriormente na literatura como duas das dimensões regressivas da vivência da grávida, mas sem que fosse nítida a sua ligação. Se a vivência corporal e psíquica da gravidez impele à regressão, na medida em que, como assinalado, é uma situação atual que retoma os núcleos fundamentais do desenvolvimento infantil, essa regressão constitui ela própria uma proteção face aos afetos que desencadeia, e mais particularmente aos afetos e representações agressivas relativamente a esse objeto que não é exatamente um outro. Por outro lado, como sublinha Sirol (1999), a vivência agressiva inconsciente em relação ao feto é desencadeadora dos movimentos de proteção, contenção e investimento amoroso reparatório que estabelecem as bases daquela que foi designada por Winnicott (1958/2000) como *preocupação materna primária*. Também a intensidade das angústias depressivas, mesmo que não elaboráveis na gestação, constituem na opinião de Bellion (2001) uma preparação para a integração da perda que o parto necessariamente acarretará.

Na sua reconstrução histórica sobre os discursos culturais, sobretudo médicos, em torno da gravidez, Hanson destaca três paradigmas sobre a relação materno-fetal: no século XVIII e XIX o modelo dominante seria o de uma relação simbiótica, dando lugar ao modelo de relação parasitária no século XX, estando atualmente a emergir um modelo de competição. Estes três modelos históricos podem também ser pensados como organizadores psíquicos

capazes de dar conta de diferentes formas de articulação entre a direção e a qualidade dos investimentos pulsionais. O modelo simbiótico respeita a uma forma de investimento menos diferenciada, mais narcísica, na qual a pulsão agressiva é anulada pela idealização. O modelo parasitário já esboça diferenciação, contudo o investimento objetal é predominantemente agressivo. E o terceiro modelo, competitivo, remete para uma diferenciação na qual a ambivalência já tem lugar.

Para terminar, é relevante assinalar que as interdições que diversas culturas prescrevem às mulheres grávidas espelham, de forma admirável, as problemáticas pulsionais que animam o psiquismo da grávida. Desta forma, a crença de que “tudo o que a mulher come, toca, olha pode marcar o corpo da criança” (Joaquim, 1983, p. 56) pode ser pensada como ecoando a indistinção produzida pelo investimento narcísico do feto, crença que se expressa muito próxima dum modo de pensamento em equação simbólica, compatível com um movimento regressivo desta natureza. Por outro lado, os interditos operam claramente como proteção em face de representações pulsionais carregadas de agressividade e perigosidade, indicando os fantasmas de ataque ao feto, mas também o receio da sua monstruosidade. Assim, em Portugal diz-se que a mulher não deve comer ou tocar em certos animais porque o corpo da criança será “marcado por sinais semelhantes” (Joaquim, 1983, p. 57), como o beijo rachado ou o corpo revestido de pelo do coelho; na Guatemala é a visão de um eclipse pela grávida que é interdita, porque pode ser causa de lábio leporino no bebé (Callister & Khalaf, 2009); as mulheres da Polinésia não devem tocar em tesouras ou outros objetos cortantes, enquanto grávidas, porque podem “cut the progress of the baby” (Callister & Khalaf, 2009, p. 35); na Coreia, a mulher gestante “should look, listen, think, and focus only on that which is good, beautiful and desirable, because this will influence the shape and features of the baby”, devendo abster-se de comer alimentos quebrados ou quebradiços (Ahn, 2009, pp. 77-78); na Tailândia, a grávida deve abster-se de participar em funerais (Liamputtong, 2009); por outro lado, os desejos das grávida devem ser satisfeitos porque também o desejo frustrado se pode imprimir no corpo do feto (Joaquim, 1983). Nos discursos dos médicos ingleses do século XVIII, que rejeitam a ideia de uma transposição linear entre as impressões da grávida e o corpo do feto, aparece ainda assim a prescrição para a mulher controlar as suas emoções de forma a não comprometer a gravidez (Hanson, 2004). Como explicita Hanson, se a antiga crença nos efeitos das impressões maternas “reflected a sense of the almost uncanny power of the pregnant woman” (p.28), todavia representando-a como vulnerável, a perspectiva médica responsabiliza a gestante. A mulher grávida é pois retratada,

simultaneamente, como em perigo e perigosa, ameaçada por todos esses encontros que não pode ter, e ameaçadora em função do seu desejo e do seu poder.

1.3 Reconfigurações das fronteiras psíquicas

A grávida, como sublinha Raphael-Leff (2001, 2015), vive uma experiência paradoxal, bizarra, que desafia a integridade psíquica como ela se constituiu até então: “two people live under one skin” (Raphael-Leff, 2001, p. 8), “two bodies, one inside the other” (Raphael-Leff, 2001, p. 8). Na Índia a grávida é designada como *douhrdini*, “the woman with two hearts and two desires” (Naraindas, 2009, p. 101). Se, do ponto de vista fisiológico, é necessária uma supressão imunitária que permita ao corpo feminino tolerar o elemento estranho que constitui o óvulo fecundado (Raphael-Leff, 1996), do ponto de vista psíquico é, igualmente, necessária a permeabilização dos limites intra e interpúicos de forma a possibilitar a integração deste objeto de estatuto tão particular (Deutsch, 1949; Bibring, 1959; Notman & Lester, 1988; Raphael-Leff, 1996, 2001, 2015).

Internamente são as fronteiras entre instâncias psíquicas que se veem diluídas, por força do processo regressivo que, como observado, permite e defende a integração do feto. Por outro lado, a fronteira interpessoal constituída, psiquicamente, pela pele, perde o seu valor no que ao feto diz respeito. Os limites entre o *self* e o objeto têm de ser reorganizados face a um objeto que sendo real é, simultaneamente, interno, mas que dentro em breve se tornará externo e alvo de um investimento relacional caracterizado, precisamente, pelo esbatimento das fronteiras interpúicas – a preocupação materna primária, descrita por Winnicott (1958/2000).

Deste esbatimento fronteiro dão também conta os tabus que envolvem a gravidez, e que já foram referidos. É porque as fronteiras psíquicas se encontram diluídas que o que a mulher olha, toca e come afeta não apenas o seu corpo e o seu desejo, mas também o do feto. Afeta (jogando com este termo que remete para a ideia de inscrição, de influência e também, complementarmente, de afetos, de investimento pulsional) numa lógica que ela mesma é constituída pela negação das fronteiras e diferenciações, a teoria das *simpatias* segundo a qual os sinais que individualizam os seres são também aqueles que os podem ligar, numa rede de correspondências em que uns se transformam nos outros (Joaquim, 1983).

A clássica formulação de Winnicott (1958/2000) descreve o funcionamento psíquico da mulher durante a gravidez como um “estado de sensibilidade exacerbada, quase uma

doença”, todavia “uma ‘doença normal’ ”, garante da identificação ao bebê, de uma “adaptação sensível e delicada” (p. 40) às suas necessidades, e a provisão de um ambiente contentor nos estágios iniciais da vida extrauterina. Sublinhando a compreensão revelada por Winnicott face aos processos identificatórios em jogo no período de preocupação materna primária, Hollway (2012, 2015) propõe a sua articulação com o modelo matricial de Ettinger, de forma a ser ultrapassada a crítica feminista que contesta a patologização da mulher grávida, e a sua submissão ao bebê.

Hollway parte da constatação de que o discurso das mulheres grávidas é frequentemente pontuado pela referência à *estranheza* da sua experiência, que interpreta como expressão da dificuldade em constituir uma linguagem capaz de descrever uma vivência que transgride as lógicas identitárias constituídas em torno da diferenciação. A autora crítica a formulação de Raphael-Leff acima citada, relativa à ocupação de uma mesma pele por duas pessoas, por também ela não conseguir dar conta da realidade da vivência subjetiva da grávida. Hollway defende, então, um entendimento da experiência da gravidez a partir da descrição de Ettinger (2006) de um estrato psíquico primordial, designado como espaço matricial, ou *matrix*, um espaço fronteiro, limiar, de intersecção somatopsíquica, pré-simbólico, que organiza a *subjetividade-como-encontro*, uma *transsubjetividade*, fundado na experiência partilhada pré-natal/pré-materna. Um estrato psíquico além (e não em oposição ou substituição) da estruturação edipiana na qual a subjetividade é edificada enquanto constituição individual, fundada num movimento de distanciamento diferenciadora e oposto ao da aproximação fusional (Ettinger, 2006). A compreensão da diluição das fronteiras identitárias experimentada pela grávida não como regressão que desarticula a estruturação edipiana, mas como regressão que revisita um outro espaço psíquico, no qual a subjetividade se constitui como encontro e cocriação, como *co-naissance* (vocábulo que invoca um nascimento tanto quanto um conhecimento), permite que esta vivência matricial, feminina por excelência, possa ser pensada na sua irreduzível diferença, especificidade e excentricidade face ao universo da linguagem e simbolização edipianas, em torno da separação, da diferença, do poder, e sem cair nas aproximações à patologia (Hollway, 2012, 2015).

Retornando aos trabalhos da linha mais clássica, segundo a literatura psicanalítica, a permeabilização das fronteiras intrapsíquicas durante a gestação é evidenciada pela facilidade de acesso à consciência de material pré-consciente, e por uma diminuição das resistências face ao inconsciente recalado (Bydlowski & Golse, 2001). Sendo observável desde o início da gestação, torna-se particularmente evidente durante o segundo trimestre (Bydlowski &

Golse, 2001). Esta particular condição de *transparência psíquica* (Bydlowski, 2001; Bydlowski & Golse, 2001) é patente no discurso da grávida, centrado na reativação do passado, revelando um afrouxamento da censura normalmente operante relativamente às reminiscências e fantasmas infantis. É-o também na expressão onírica, sentida como mais plena, vívida e realista, persistindo na consciência com grande clareza (Raphael-Leff, 2001). A própria experiência da gravidez é, por Deutsch (1949), assimilada ao sonho, precisamente pela polarização interna que lhe é característica, e que permite um acesso vígil a conteúdos e processos psíquicos que estão habitualmente afastados da consciência (Deutsch, 1949; Bydlowski, 2001). Esta condição regressiva parece assim inscrever as condições para a reorganização interna necessária à dimensão maturativa exigida pela gravidez. Tal como a regressão onírica permite a elaboração dos conflitos inconscientes, distorcidos pelo trabalho do sonho, de forma a serem toleráveis ao sonhador, a permeabilização das fronteiras psíquicas da grávida cria as condições para que os conflitos possam ser elaborados sem interrupção, já não do sono, mas da gestação.

Esta facilidade de acesso à consciência de conteúdos conflituais infantis é produto, simultaneamente, do deslocamento dos investimentos que garantiam o recalçamento infantil, como do deslocamento da agressividade dirigida ao feto para esses conteúdos que são, neste momento, mais facilmente toleráveis do que o conflito ambivalente atual. O contraste notado por Bellion (2001) entre o discurso livre das grávidas em entrevista, no qual com extrema labilidade eram evocados afetos referentes às figuras do passado, e a restrição observada nas provas projetivas, comprova essa dinâmica psíquica que sacrifica a manutenção da censura face aos conteúdos mais infantis, para garantir a sua operacionalidade no que respeita às representações e afetos agressivos dirigidos ao feto. Parece, dessa forma, que a porosidade das fronteiras intrapsíquicas da grávida, assinalada consistentemente na literatura (Bibring et al., 1961a; Bydlowski, 2001; Bydlowski & Golse, 2001; Clerget, 1986; Deutsch, 1949; Notman & Lester, 1988; Raphael-Leff, 2001), traduz o compromisso alcançado dada a pressão a que estão sujeitas. Porque a constituição das fronteiras interinstâncias é concomitante, no curso do desenvolvimento psíquico infantil, com a constituição das fronteiras externas com o objeto e com a realidade, também o abalo que estas últimas sofrem é relevante para a fragilização das primeiras.

O desafio imposto ao psiquismo da grávida, no que às fronteiras interpsíquicas diz respeito, é bem patente na revolução que implica o facto de o seu interior psíquico e corporal constituir o lugar exterior do feto, quando antes o psíquico era o lugar de representação

interna, e a pele assinalava o limite, a fronteira com o exterior do eu. O interior, ocupado por um outro, pressiona o sentido da integridade identitária, “now that she has become divisible” (Raphael-Leff, 2001, p. 17). Se é necessária a aceitação desta presença paradoxal, se a diluição das fronteiras entre o eu e o outro é, como afirmava Deutsch (1949) “la source peut-être la plus puissante d’amour maternel” (p. 135), ou Winnicott (1958/2000), a loucura sadia que sustenta a preocupação materna primária, é também verdade que ela desencadeia movimentos inversos, defensivos, que procuram fortalecer as fronteiras responsáveis pela preservação da integridade psíquica. É assim que surgem, no Rorschach das mulheres grávidas estudadas por Bellion (2001), respostas marcadas pelo sobreinvestimento do limite entre o interior e o exterior, reforçando o continente “comme si sa solidité était mise à rude épreuve” (Bellion, 2001, p. 74).

Esta pressão exercida sobre a fronteira que marca a diferenciação entre o eu e o outro resulta, então, em movimentos psíquicos contrastantes mas complementares, que num sentido inscrevem uma aproximação fusional, e noutra reforçam a delimitação, a separação, a diferenciação. O equilíbrio instável entre estes movimentos contrários deverá ser alcançado a partir de compromissos diferenciados nos sucessivos estádios da gravidez. A literatura assinala o início dos movimentos fetais e a aproximação do parto como momentos críticos, no que à reorganização do limite entre o interior e o exterior diz respeito. Se o primeiro momento parece inscrever uma maior objetualização do feto, e portanto a ação predominante de forças diferenciadoras (Bibring et al, 1961a; Cordeiro, 2002; Deutsch, 1925, 1949; Lester & Notman, 1986, 1988; Raphael-Leff, 2001, 2015), é igualmente verdade que a atenção psíquica da mulher “se dirigeait principalement vers elle-même en tant que contenant” (Bydlowski & Golse, 2001, p. 32). O segundo momento implica uma inflexão desta atenção para o conteúdo, marcando assim uma maior diferenciação entre os dois e preparando a separação anatómica do nascimento (Bydlowski & Golse, 2001); porém, na proximidade do parto é simultaneamente experimentada uma particular proximidade identificatória que, no sentido oposto, permite uma diluição da fronteira com o feto, como patente na descrição de Winnicott (1958/2000) sobre a sensibilidade extrema da grávida nesse período de preocupação materna primária, que se inicia nas últimas semanas da gravidez.

O contraste já assinalado por Deutsch (1949) entre uma forte orientação para a realidade e uma profunda centração interna parece, pois, traduzir a natureza do trabalho psíquico de objetualização do feto, na sua duplicidade inerente de objeto interno e externo, face

ao qual é necessário a grávida diferenciar-se e, ao mesmo tempo, aproximar-se, pela flexibilização das suas fronteiras intra e interpéssicas.

1.4 Jogo de espelhos, os processos identificatórios

A relação, real e fantasmática, da grávida com a sua mãe, é central nas transformações que ocorrem no período de gestação. Esta centralidade advém de dois movimentos identificatórios cruciais para a integração do feto no psiquismo da mulher grávida: por um lado a identificação ao feto, por outro a identificação à imago materna (Bellion, 2001; Bibring et al., 1961a; Bydlowski & Golse, 2001; Cordeiro, 2002; Deutsch, 1925, 1949; Lester & Notman, 1986, 1988; Matarazzo, 1986; Notman & Lester, 1988; Pines, 1982; Raphael-Leff, 1996, 2001, 2015). Desta forma, na gravidez, a mulher vê-se colocada, simultaneamente, nos dois lugares dessa relação, reemergindo os conflitos experimentados, ao longo do desenvolvimento infantil, face ao objeto materno. Por outro lado, a possibilidade de gerir e equilibrar estes movimentos identificatórios, e a conflitualidade daí decorrente, é inseparável das problemáticas ligadas ao objeto paterno e à relação atual com o parceiro sexual, isto é, às possibilidades de triangulação psíquica.

A ausência de fronteiras claras que separem a mulher grávida do feto promove uma identificação ao mesmo, marcada pelos fantasmas infantis relativos à vida intrauterina e à relação com a mãe arcaica. Este movimento identificatório reaviva as ansiedades e fantasmas de cariz oral, ligados a receios de fusão e devoração (Holmes, 2000a; Lester & Notman, 1986, 1988), assim como as problemáticas pré-edípicas relativas ao processo de separação-indivuação (Lester & Notman, 1988; Pines, 1982) e ao binómio dependência-independência (Deutsch, 1949). A grávida, narcísica e regressivamente identificada ao bebé, revisita então uma imago materna primitiva, onipotente e perigosa. Se esta identificação narcísica da grávida ao feto está ligada à revisitação de ansiedades arcaicas relativas à relação com o objeto materno, e permite compreender o movimento regressivo que a literatura uniformemente destaca e que, como observado, opera de forma particularmente aguda no que toca à gestão pulsional, permite igualmente o investimento do feto, e uma aproximação psíquica ao mesmo que será essencial à comunicação precoce com o bebé. A preocupação materna primária observada por Winnicott (1958/2000) e a *rêverie* descrita por Bion (1962a, 1962b), assentam precisamente nessa identificação profunda, inconsciente e regressiva ao feto e ao bebé.

Por outro lado, como mulher grávida e mãe futura, a grávida é impelida a identificar-se à sua própria mãe. Esta identificação faz surgir, num nível mais arcaico, as fantasias ligadas à violenta intrusão e violação do corpo interior da mãe, como projetadas pelo psiquismo infantil na representação das gravidezes reais ou fantasiadas da mãe, aquando da experiência infantil (Deutsch, 1949; Lester & Notman, 1988). Aqui a grávida posiciona-se no extremo oposto das representações arcaicas revisitadas a partir da identificação ao feto: se aí operam as angústias de fusão e devoração, na identificação ao objeto materno operam as fantasias de ser invadida por um parasita hostil (Deutsch, 1949; Holmes, 2000a; Notman & Lester, 1988). A concomitância destas duas posições identificatórias, ambas ligadas a um sentimento de desamparo e dependência e carregadas de agressividade arcaica, não pode deixar de desencadear um profundo conflito, esse mesmo que foi explorado ao aprofundar as vicissitudes pulsionais da grávida.

A este nível de identificação pré-genital ao objeto materno soma-se um outro, mais evoluído, que revisita o conflito edipiano e os processos de identificação secundária, ligados à dificuldade de integração da diferenciação sexual, à angústia de castração e aos afetos contraditórios relativos às figuras parentais e à relação entre estes, de que a criança se sente excluída (Bellion, 2001; Holmes, 2000b, 2009; Matarazzo, 1986). Assim, a grávida que atualiza, fantasmaticamente, o seu desejo de ocupar o lugar da mãe junto do pai, atualiza também a sua identificação sexuada à mãe, confirmação inegável da sua pertença a um sexo, da castração. Identificada à mãe, a grávida, é agora a destinatária da conflitualidade edipiana que fantasiava o ataque do objeto materno, castrador e interditor: a mãe que a fez mulher, a mãe que é mulher do pai. Mas, identificada à mãe ela é também aquela que é capaz de criar, aquela que, a partir da união com um homem pode conter dentro de si vida, um bebé, e aquela que é capaz de alimentar e cuidar (Bibring et al., 1961a; Lester & Notman, 1986, 1988; Raphael-Leff, 2001).

Desta forma, é observável como no duplo movimento identificatório da grávida, ao seu bebé e à sua mãe, é revisitada, a partir dos seus vários ângulos, a relação com o objeto materno. O quadro regressivo de reconfitualização da relação com a mãe pré-genital é particularmente operante durante os primeiros meses da gravidez, e a progressiva diferenciação introduzida pelos movimentos fetais permite uma reorganização da representação do objeto materno, mais diferenciado, menos conflitual, e promotor de identificações maturativas em torno da capacidade de cuidar (Lester & Notman, 1986, 1988). No discurso das grávidas a referência ao objeto materno revela, no início da gravidez, uma

reemergência conflitual, que é progressivamente ultrapassada, dando origem a uma identificação com a mãe livre de conflitos e que se constitui “as the prototype of a parental figure” (Bibring et al, 1961a, para. 23). No entanto, este percurso maturativo nem sempre é realizado, podendo mesmo agudizar-se a conflitualidade face ao objeto materno, com consequências para a relação da grávida com o feto primeiro, e com o bebé depois (Bibring et al, 1961a, Deutsch, 1949, Pines, 1982).

Por outro lado, a análise dos dados projetivos recolhidos por Bellion (2001) sugere que, às 35 semanas, a conflitualidade com o objeto materno aparece expressa através das dificuldades de constituição de representações femininas positivas, no Rorschach e no TAT, sendo evitadas quaisquer representações de relações agressivas entre personagens femininas nesta última prova. Estas expressões projetivas podem ser interpretadas precisamente como confirmação “d’une agressivité archaïque non verbalisable de la fille envers sa mère” (Bellion, 2001, Discussion, Pt. 4, para. 15). É provável que, como já assinalado relativamente a outras dimensões, a compreensão do trabalho psíquico da gravidez como um conjunto de fases diferenciadas e inscritas numa lógica de progressiva maturação não possa ser sustentada, de forma linear, também no que às cadeias identificatórias diz respeito. Se, de um certo ponto de vista, os movimentos fetais, ao pressionarem processos de diferenciação, podem desencadear alterações maturativas na forma como a grávida representa a sua relação com o objeto materno, por outro lado, essa diferenciação não implica necessariamente uma diminuição da conflitualidade, mas talvez apenas outras formas de expressão e de gestão defensiva do conflito.

Curiosamente, são poucos os trabalhos que integram, na investigação sobre o trabalho identificatório da grávida, uma reflexão sobre o papel desempenhado pelas figuras masculinas no psiquismo da grávida. Mesmo aqueles que se referem à inescapável presença fantasmática do pai e à triangulação vivida na gravidez com o companheiro sexual, fazem-no *en passant*, como de uma dimensão menor se tratasse. Considerando a bissexualidade psíquica demonstrada por Freud, o papel organizador do pai na configuração edipiana, tanto a nível intersíquico como intrapsíquico, a precocidade e a expressão fantasmática do Édipo como descrito por Klein, e a máxima psicanalítica de que onde quer que uma polaridade psíquica esteja presente a outra é inescapável, não é possível argumentar que, na gravidez, o materno e o feminino são presenças essenciais, e o paterno e o masculino não têm lugar, ou são aspetos menores. A exceção a esta corrente, que parece silenciar o lugar da representação do paterno e do masculino na psique da grávida, encontra-se nos trabalhos de Holmes (2000a, 2009).

A autora inscreve as transformações identificatórias da mulher grávida, no que se refere à imago paterna e ao masculino, na sua conceção do psiquismo feminino em torno da constituição de uma triangulação interna (Holmes, 2000a, 2000b, 2009). Muito sinteticamente, Holmes (2000b) propõe compreender a evolução edipiana da rapariga, e as características atribuídas ao feminino – narcisismo, passividade e masoquismo –, a partir da especificidade do seu percurso identificatório. Se o rapaz possui um pénis que o auxilia no movimento de separação da mãe pré-genital, se essa evidência anatómica representa algo que ela não possui, que o diferencia dela e que lhe permite uma identificação a um outro poder, o do pai, a rapariga não tem à sua disposição tal recurso. Sem pénis, sem seios, sem bebé, a rapariga não tem como mitigar o tremendo poder da mãe fálica. O caminho que percorre é então o da internalização da mãe onnipotente, dirigindo para essa representação interna quer a corrente libidinal que se expressa no desejo de ser como a mãe, quer a corrente agressiva que almeja substituir a mãe junto do pai. A aproximação edipiana ao pai embate com a sua rejeição, bem como com os interditos impostos pela relação edipiana positiva com a mãe. Resta à rapariga recorrer de novo à internalização, como forma de controlar os objetos: a internalização do pai fálico permite constituir a cena interna para o jogo de investimentos libidinais e agressivos face a esta figura. Todavia, a entrada na cena interior da imago paterna transforma a imago materna, porque vem acrescentar uma dimensão nova. A mãe onnipotente da relação díadica com a filha é muito diferente da mãe edipiana da relação com o pai. Para poder disputar, internamente, o pai, a rapariga tem de acrescentar à introjeção que já realizou da mãe onnipotente, uma outra, da mãe edipiana, feminina, submissa e passiva na relação com o pai. É este o *triângulo interno*, que representa as relações entre a imago materna a imago paterna e o *self*, que Holmes (2000b, 2009) define como reorganizado pela gravidez.

A observação, no discurso das mulheres grávidas, de uma exacerbação da agressividade face ao masculino, e designadamente face ao parceiro sexual, pode ser interpretada como um deslocamento para esta figura da agressividade dirigida ao pai internalizado (Holmes, 2000a, 2009). A equação fantasmática criança-falo traduz, durante a gravidez, uma reorganização da triangulação interna, em que a mulher se vê finalmente dotada de um poder que lhe permite recusar o pénis paterno desejado na infância como símbolo de independência e separação face à relação simbiótica com a mãe pré-genital. Nesta medida, a mulher reorganiza o posicionamento relacional do seu triângulo interno, transformando a identificação feminina, edipiana, à imago materna numa identificação ao seu

poder fálico pré-genital, que lhe garante, simultaneamente, o desejado equilíbrio de poder relativamente à mãe pré-edipiana e face ao poder fálico masculino. À medida que este equilíbrio é conseguido, que a representação do feminino integra um poder que lhe é próprio, é tornada possível uma nova relação com o masculino, quer ao nível da representação interna da relação fantasiada entre as imagos materna e paterna, quer na sua relação com o seu pai e com o seu companheiro.

O coito e a concepção são vividos, psiquicamente, como incorporação do pai/companheiro, e o feto, identificado com esse introjeto, é integrado na instância superegoica como ideal do eu, inicialmente portador de todas as perfeições para assumir contornos mais realistas com a aproximação do parto e com a progressiva diferenciação face ao feto (Deutsch, 1949). Desta forma, a gravidez implica a maturação dos núcleos de identificação masculina da mulher. Por outro lado, esta idealização do feto constitui-se também como defesa face à agressividade arcaica que é desencadeada pela identificação regressiva com a mãe pré-genital (Deutsch, 1949). Compreende-se, desta forma, quão presente se faz o jogo triangular no psiquismo da grávida. Mas não só no psiquismo como na realidade relacional atual, que é, enfim, aquela que inicia a gravidez, pelo encontro de dois que originam um terceiro. Assim, uma boa relação com o parceiro sexual permite o estabelecimento de uma lógica triangular logo durante a gestação, o que constitui um preditor de um desenvolvimento positivo do desenrolar desse processo, e da relação precoce com o bebé (Bibring et al, 1961a; Clerget, 1986; Deutsch, 1949).

Concluindo, a literatura psicanalítica aponta para que a revisitação da relação com o objeto materno está intimamente ligada à revisitação da relação com o objeto paterno, permitindo uma reconfiguração das representações do feminino e do masculino, e possibilitando a constituição de uma triangulação mais madura, menos baseada no poder que cada uma das figuras detém ou não, e por isso mais integrativa e complementar. Esta triangulação interna é provavelmente afetada e afeta a nova triangulação que vai sendo constituída, na atualidade da interrelação entre a grávida, o bebé e o companheiro.

É possível encontrar traços deste conflito e reorganização das representações do feminino e masculino, vividos na gravidez, ao analisar os discursos culturalmente construídos sobre a gestação, polarizados em torno das noções de natureza e cultura, a primeira remetendo simbolicamente ao feminino, a segunda ao masculino. A oposição entre uma visão da gravidez como processo natural inscrito no corpo e no saber feminino, e os artifícios de dominação cultural, masculina, por meio de interditos folclóricos ou de práticas técnico-

-científicas como os cuidados obstétricos, surge repetidamente nos textos antropológicos (Hanson, 2004; Joaquim, 1983). É o carácter excessivo, desregrado do corpo feminino que permite a sua assimilação à natureza, selvagem por excelência; é pois necessário dominá-lo, controlá-lo, impor-lhe regras, socializá-lo, fazer intervir a ordenação masculina (Joaquim, 1983). Nalguns textos antropológicos o ataque a esta dominação masculina é cerrado, pugnando pela defesa do parto *natural* e dos cuidados prestados por mulheres à grávida, cuja sabedoria provém de uma experiência íntima e corporal que partilham, e acusando as modernas práticas de alienação e desrespeito pelos *ritmos* próprios do corpo feminino (Selin & Stone, 2009). Porém, há também quem sublinhe que foram as mulheres que procuraram esse saber masculino, legitimando-o, e que se apropriam dele conferindo-lhe significados subjetivos, não se limitando a serem simples recetáculos de uma intervenção exterior (Hanson, 2004). O ataque à intervenção do masculino na esfera feminina da gravidez, por intermédio da regulação imposta pela cultura, parece ecoar o silêncio que, como assinalado, existe na literatura psicanalítica relativamente ao papel desempenhado pelos núcleos de identificação masculina na gestante. Esta agressão do lugar do masculino, como indicado por Holmes (2000a, 2009), revela as reorganizações porque passa a dinâmica psíquica triangular na gravidez.

A novela de Shelley *Frankenstein*, tomada como discurso cultural sobre a gravidez, parece condensar essas dificuldades de manuseamento das representações do masculino e do feminino, com necessidade de exclusão de um ou do outro, evidenciando sempre o seu retorno, e a necessidade de ambos. Se a história pode ser lida como exclusão do feminino/materno e da perigosidade inerente a esse movimento, é também possível, inversamente, interpretar o texto

in terms of female desire and its corollary, female fear [...] fear of being the bearer of death while desiring to give life [...] not a desire to eliminate the maternal but fear of standing in the place of the mother. To occupy this place is to risk not only one's own death, but that of the child one carries. (Hanson, 2004, p. 50)

Em ambas as leituras é na exclusão e na exclusividade que está inscrito o risco, porque é, como explicitam também os mitos cosmogónicos, da relação entre as duas dimensões psíquicas do feminino e masculino que pode nascer um terceiro, que pode o feminino tornar-se fértil, e o masculino fertilizador. De facto, em todas as cosmogonias é observável a intervenção dos dois princípios (Geia e Urano na mitologia grega, Ísis e Osíris na Egípcia, Brahma e Prakriti na Hindu, o Espírito de Deus e as Águas no Antigo Testamento) que são

enfim os organizadores fundamentais da diferenciação, sem a qual gerar não é possível, mantendo-se o *um* igual a si mesmo, e por isso infértil. A relação entre estes dois princípios psíquicos será pois um dos aspetos cruciais do trabalho psíquico em que a grávida se vê ocupada, e que se figuram, evidentemente, na rede de identificações constituída a partir dos objetos parentais infantis.

1.5 A intersecção do corporal e do psíquico

O corpo da grávida é um corpo em profunda transformação. Desde o início os sistemas endócrino e imunológico sofrem alterações consideráveis, que têm como objetivo assegurar uma interação materno-fetal que garanta o desenvolvimento do feto, “num ambiente de imuno-tolerância materna” (Neves, Medina & Delgado, 2007, p. 175). De início quase invisíveis, estas alterações começam por se fazer sentir através de pequenos sinais que revelam à mulher o processo em que se encontra envolvida: a interrupção dos ciclos menstruais, o aumento do volume dos seios, as alterações de humor, a fadiga e sonolência, as náuseas e vômitos. Lentamente o corpo vai mudando de forma, tornando progressivamente mais evidente a ocupação do espaço interno e o desenvolvimento do feto. A percepção dos movimentos fetais marca um novo capítulo na relação da grávida com o seu corpo e com o feto, e os últimos meses são vividos no cruzamento entre uma comunicação sensorial já conhecida com esse habitante interno, um desconforto corporal cada vez mais acentuado, e as representações ambivalentes ligadas ao parto enquanto processo fisiológico carregado de significações psíquicas. Como são representadas, no psiquismo da grávida, estas alterações do seu esquema corporal?

As referências, na literatura psicanalítica, à importância e impacto das transformações corporais durante a gravidez são escassas (Matulaité, 2012), remetendo muitas vezes para uma ordem mais biológica/fisiológica do que psíquica, o que impressiona tendo em conta o lugar fundamental da representação corporal no psiquismo e a evidência e intensidade das alterações corporais experimentadas na gravidez, sobretudo nos dois últimos trimestres. Os trabalhos que referem explicitamente a necessária integração psíquica das transformações corporais sublinham a estranheza (Bellion, 2001; Matulaité, 2012), mesmo a bizarria (Raphael-Leff, 2001, 2015) da vivência corporal da grávida. O corpo em transformação da grávida parece ser, simultaneamente, o ponto de partida e de chegada dos vários movimentos psíquicos desencadeados pela gravidez: se as suas alterações tornam inescapável o reconhecimento do processo em que a grávida está envolvida, impondo o corpo ao

pensamento, à representação, aos afetos, por outro lado, a evidência dessas manifestações corporais fazem do corpo um veículo de expressão privilegiada dos processos psíquicos.

Esta turbulência vivida no, pelo e com o corpo aparece muito claramente referida no trabalho de Bellion (2001), que sublinha a presença de representações corporais carregadas de angústia nos protocolos Rorschach das mulheres grávidas que estudou. Esta angústia representa um deslocamento sobre o corpo da agressividade que a mulher procura, a todo o custo, afastar do pensamento (Bellion, 2001). No Rorschach os sinais desta agressividade que retorna sobre o corpo aparecem mais secundarizados nas referências a posturas desconfortáveis, por vezes bizarras, e de forma menos elaborada, mais primária, nas respostas que representam, sem máscara, o fantasma de um corpo atacado, destruído (Bellion, 2001). A autora assinala que a expressão mais ou menos massiva da angústia corporal pode ser interpretada face a dois registos, um mais edipiano, e outro pré-genital. No primeiro a angústia encontra-se ligada ao preenchimento de fantasias fálicas (Lester e Notman, 1988) e à realização, fantasmática, do desejo incestual infantil (Bellion, 2001). A culpabilidade edipiana, induzida pela evidência sexual inescapável do corpo grávido no cruzamento com os desejos conflituais infantis é desencadeadora de angústia, que será precisamente dirigida ao corpo que testemunha a transgressão. Num registo pré-edipiano representa um ataque simbólico ao feto, constituindo, portanto, mais uma forma de o proteger dessa violência fundamental e originária, impensável, e por isso mesmo refractada para o corpo (Bellion, 2001).

A modificação das referências corporais habituais, no que às fronteiras identitárias diz respeito, é um outro fator relevante para compreender esta angústia corporalmente vivida e expressa pela grávida (Bellion, 2001; Matulaité, 2012). No Rorschach, destaca-se o sobreinvestimento da representação humana, bem como o reforço dos limites entre o interior e o exterior, o que revela que a solidez destas representações organizadoras do esquema corporal se encontram fragilizadas (Bellion, 2001). A esta fragilidade pode ser associada a alusão frequente, no discurso das mulheres grávidas, à sensação de perda de controlo sobre o corpo, sobretudo no terceiro trimestre (Holmes, 2000a; Matulaité, 2012), a que se liga também a insustentabilidade de um “corps ‘trop plein’ ” (Matarazzo, 1986, p. 102). Todos estes dados remetem para a perturbação dos limites identitários que a experiência de um corpo divisível, habitado por dois seres, suscita (Matulaité, 2012; Raphael-Leff, 2001, 2015). A pele definida desde a infância como fronteira identitária, já não o é.

Ora, se a diferenciação não é assegurada pela pele, é preciso voltar a atenção para o interior do corpo. Reemergem assim fantasias primitivas que representam o espaço interior: pode ser concebido como um único espaço, numa representação associada ao receio fantasmático de um feto emaranhado na rede de órgãos internos interconectados (Raphael-Leff, 2001); ou o circuito oro-vaginal pode configurar o esquema corporal a partir desses dois extremos, o corpo conceptualizado como um tubo, com risco de perda dos seus conteúdos por um dos dois orifícios (Matarazzo, 1986; Raphael-Leff, 2001); a preocupação em separar os conteúdos internos pode sustentar clivagens entre provisões a serem guardadas e desperdícios a serem expulsos, ou pode originar o receio da mistura dos conteúdos corporais – “masticated food, urine, faeces, blood, sperm, amniotic fluid, milk, and flatus” (Raphael-Leff, 2001, p. 40). O interior do corpo pode, enfim, ser fantasiado como lugar seguro e confortável, como um espaço claustrofóbico e labiríntico, ou como um vazio que envolve um feto solitário (Raphael-Leff, 2001). A pressão a que a gravidez sujeita os envelopes psíquicos e corporais leva, portanto, a uma rigidificação dos limites corporais, ao mesmo tempo que direciona o olhar para o interior do corpo onde realmente se joga a relação com o outro, o feto, objeto simultaneamente interno e externo como nenhum antes o foi.

Na verdade, este carácter tão particular da relação com o feto é apenas uma das ilustrações possíveis da estranha concretização no corpo, durante a gravidez, de realidades até aí estritamente psíquicas: além de concretizar a metáfora do objeto interno, a gravidez corporifica a relação continente-conteúdo, e torna as oscilações fusionais e diferenciadoras em processos biofisiológicos tanto quanto psíquicos (Raphael-Leff, 2001). São assim, também, as fronteiras entre o psíquico e o físico que se veem pressionadas pela gravidez. E o parto é talvez o momento em que essa quase transcrição imediata entre o psíquico e o corporal atinge o seu ponto extremo, com a diferenciação corporal entre o feto e a mãe e a possibilidade de morte que lhe está associada. No inconsciente, a equação entre parto e morte traduz a perda da união simbiótica corporal que a gravidez promoveu, à qual o parto põe definitivamente termo (Holmes, 2000a). Para Deutsch (1925), esse é o momento em que os instintos destrutivos ocupam o primeiro plano do psiquismo, o que é revelado pela ligação ancestral na cultura popular entre parto, dor e morte (Correia, 1998; Deutsch, 1925), pelo aumento significativo da ansiedade nas últimas semanas da gravidez (Bibring, 1961a; Cordeiro, 2002; Lester & Norman, 1988; Raphael-Leff, 2001), e pela emergência, nessa fase, de mecanismos defensivos que procuram, através do pensamento mágico (Raphael-Leff, 2001), controlar esse momento final em que, no limiar da morte, nasce um bebé, e nasce uma mãe.

É ainda importante refletir sobre o papel das intervenções médicas sobre o corpo da grávida, as suas implicações e significações. São particularmente relevantes os exames que trazem consigo a marca da revelação do que acontece internamente: a audição dos batimentos cardíacos e as ecografias. Se a audição de batimentos cardíacos pode provocar reações diversas nas mulheres, ela respeita, no essencial, o imaginário da grávida; pelo menos enquanto não é utilizada de forma repetida, sistemática, como controlo de possíveis problemas sobretudo na proximidade do parto, tornando-se aí fonte de angústia e um ruído insuportável (Fau, 1986). Já as ecografias, pelas suas particularidades, são desde logo passíveis de induzir uma “*interruption volontaire de fantasmés*” (Fau, 1986, p. 140), “*comme si toute une partie de l’imaginaire était court-circuitée*” (Fau, 1986, p.142). No primeiro trimestre confrontam a mulher, demasiado precocemente, com a existência de um feto que não encontrou ainda representação (Fau, 1986). No segundo e terceiro trimestres, pela sua exploração minuciosa, parcial, repleta de medições e contagens, a utilização da ecografia pode despertar angústias de fragmentação. A mulher vai ver o bebé, mas vai igualmente ser vista, interiormente, o que pode tomar o significado de uma apropriação, de uma invasão por parte do médico, tal como pode gerar sentimentos persecutórios face ao bebé que, sendo visto, pode ver (Fau, 1986). Se é indiscutível que os avanços técnicos no acompanhamento médico das grávidas têm promovido melhores condições de saúde materno-fetal, não deixa de ser necessário equacionar o que representam estas intervenções para as grávidas, tornando-se imprescindível a escuta atenta e contentora das suas angústias no que diz respeito a estes momentos.

A literatura antropológica tem explorado, exhaustivamente, esta apropriação do saber médico relativamente ao corpo da mulher grávida, criticando a alienação a que sujeita a mulher relativamente à sua gravidez. Por um lado, o uso das modernas tecnologias permite ao olhar clínico perscrutar o interior do corpo da mulher dispensando a sua interferência subjetiva, distinguindo a grávida da sua gravidez (Shaw, 2012), tornando-a invisível na razão inversa da visibilidade que o feto adquire (Tyler, 2001). Trata-se, segundo uma certa interpretação destes procedimentos, de compreender e tratar o corpo feminino como lugar de produção, e o feto o produto que é necessário controlar e monitorar, objetivamente, de forma a poder assinalar e intervir face a quaisquer desvios da norma (Hanson, 2004; Selin & Stone, 2009). Esta objetivação e normalização da gravidez, pretendendo prevenir e controlar os desvios patológicos, acaba por definir um quadro de assistência à mulher grávida demasiado semelhante ao da doença, permanentemente sujeita a observações, análises, testes, com a

consequente patologização de tudo o que se desvia da norma. Contudo, é indiscutível que, apesar de todo esse esforço de objetivação e controlo, a grávida significa subjetivamente as intervenções de que é alvo e a informação que é transmitida, não podendo por isso ser compreendida como simples recetáculo passivo. Como afirma Hanson (2004), discutindo o uso da monitorização ecográfica, “the meaning of the ultrasound image cannot be assumed: it depends on the context in which it is received and interpreted” (p. 137).

O que parece essencial reter é que a polarização dos discursos, contra ou a favor do carácter ordenador e controlador do saber médico operado sobre o corpo da grávida, remete para toda essa teia de conflitualidades exacerbadas que tem vindo a ser descrita como característica do psiquismo da grávida. A grávida, convocada a um trabalho psíquico que se realiza em torno de todos os opostos elementares – narcisismo e objetividade, libido e agressividade, interno e externo, masculino e feminino, corpo e psique, ordem e desordem – suscita necessariamente discursos conflituais, por vezes clivados. Se sustentar o conflito e tolerar a incerteza é, enfim, o que o psiquismo exige da grávida, a clivagem dos discursos que a rodeiam revela a dificuldade de o fazer.

1.6 Para um novo olhar

Foi explicitado, ao longo destas páginas, como a literatura psicanalítica tem explorado a ideia de que a gravidez convoca os organizadores fundamentais do psiquismo – narcisismo e objetividade, libido e agressividade, limites intra e intersíquicos, processos identificatórios e experiência corporal –, através de um processo regressivo que reencena o percurso de estruturação infantil que culmina na configuração edipiana. Esta aproximação à gravidez parece deixar pouco espaço ao carácter novo, original, provocador mesmo, da experiência psíquica que a gravidez convoca. Quando Hollway (2012, 2015) propõe iluminar a experiência da gravidez à luz do modelo matricial de Ettinger fá-lo, precisamente, porque há algo na experiência da gravidez que não consegue ser captado na linguagem estrutural do modelo edipiano. No entanto, Hollway reporta-se ainda à ideia de regressão, substituindo a regressão infantil às fases de desenvolvimento psicosexual características do percurso edipiano, pela regressão à experiência de um espaço psíquico transsubjetivo, partilhado na vida pré-natal. Porém, um modelo que gravita em torno da ideia de reencenação de um período anterior não abre espaço a que a novidade e a diferença se possam manifestar. Uma novidade e diferença que não diz respeito apenas à experiência da gravidez quando

comparada com anteriores fases do desenvolvimento, mas que diz respeito, igualmente, à singularidade irreduzível dessa vivência.

É certamente verdade que a conceptualização e linguagem usadas para descrever essa matriz transsubjetiva, como a designa Ettinger, vivida *in utero* pode permitir uma melhor aproximação à realidade da experiência vivida pela grávida, na medida em que permite perspetivar uma vivência relacional transgressora dos limites psicossomáticos que constituem a individualidade edipiana. Contudo, as posições assimétricas da grávida e do feto, que aliás são reconhecidas por Ettinger, sugerem que a vivência da mulher gestante não pode ser assimilada sem mais à experiência pré-natal vivida na sua própria pré-história individual, mesmo que possam ser reconhecidos pontos de contacto. Porque o *lugar* e a *função* ocupados, numa e noutra experiência, são radicalmente diferentes, em virtude da relação – corpo/mente que envolve, corpo/mente envolvido – é certo, mas também da história, do tempo que ainda vai emergir ou que já deixou a sua marca nas sedimentações históricas de outras experiências trans, inter e intrasubjetivas que configuraram *aquela* mulher que agora *gera e se gera* nessa experiência. É também certamente verdade que a matriz edipiana se encontra no centro da experiência da gravidez, enquanto conflito organizador da origem e diferenciação dos seres, dos sexos e das gerações, que pressupõe a integração das anteriores fases de desenvolvimento psicosexual. Todavia, a forma como esta experiência é conflitualizada, contida, integrada e significada no psiquismo feminino, a partir de uma vivência corporal e relacional original, não pode, provavelmente, ser simplesmente assimilada aos processos de organização tópica, económica e dinâmica que ocorrem ao longo do desenvolvimento infantil e pubertário: desde logo porque a maturação infantil e adolescentil é marcada e mediada por relações com objetos que, se só podem ser organizadores porque constituídos e investidos internamente, impõem a sua inescapável realidade externa, o que, precisamente, não ocorre com essa linearidade na gravidez.

De facto, a tarefa psíquica imposta pela gravidez solicita movimentos de sentido inverso aos experimentados no desenvolvimento anterior; porém, precisamente pelas funções psíquicas de contenção e significação, reservadas à grávida nesse processo que, como sugere Raphael-Leff (2001, 2015), determinam verdadeiramente a possibilidade de fazer nascer, psiquicamente, um bebé, sustentar uma compreensão exclusivamente apoiada numa leitura regressiva parece redutor. Se é certo que o psiquismo da grávida lidará com as solicitações impostas por esta vivência experimentando (regressiva e progressivamente) conflitos e soluções já familiares, também é provável que essa experiência não possa ser descrita e

compreendida sem que a devida atenção seja dada aos aspetos originais quer do conflito proposto, quer da forma como as soluções são experimentadas e provavelmente modificadas. Assim, o enfoque estrutural, se tem permitido a descrição exaustiva das dimensões psíquicas que são chamadas a uma reorganização durante a gravidez, não tem permitido explorar o trabalho psíquico que sustenta e permite essa mesma reorganização. Acresce que procurar descrever a gravidez a partir dos seus movimentos regredientes ou progredientes, parece deixar de fora uma questão central, que é a compreensão da cadeia de significações única que toma, para cada mulher, este processo de transformação.

A psicanálise integra um modelo teórico, o bioniano, que é particularmente adequado à observação de processos de transformação psíquica, enquanto trabalho subjetivo, singular, de significação da experiência. O uso de tal modelo, de forma comprometida com a ideia de novidade, originalidade e singularidade, de forma enfim insaturada, pode permitir um novo olhar, sem que isso implique abandonar ou rejeitar as coordenadas que a literatura psicanalítica foi assinalando ao explorar esse terreno que é a experiência psíquica da grávida. De facto, esse novo olhar pode ser constituído fazendo uso dessas dimensões nucleares que a literatura convoca para descrever a experiência psíquica da gravidez, entendendo-as (como será explicitado adiante) como invariantes da mesma. Foi notado, aliás, como essas invariantes se expressam também nas representações que diversas culturas possuem sobre a gravidez, sob a forma de crenças e práticas. Contudo, tal como essas invariantes apresentam manifestações particulares em cada cultura, elas adquirirão tonalidades específicas na singularidade de cada psiquismo, sendo transformadas, de forma sempre individualizada, pelo pensamento da grávida que vive e pensa a sua gravidez. Procurar-se-á, pois, trilhando o caminho que começou a ser afluído pelos trabalhos de Raphael-Leff e Hollway, constituir um modelo de observação que, usando um vértice bioniano, incida sobre os processos de transformação originais e singulares que constituem o trabalho psíquico estimulado pela gravidez.

2. PENSAR A GRAVIDEZ COM BION

o mistério das coisas estremece

Sophia de Mello Breyner Andresen

A investigação psicanalítica sobre a gravidez tem entendido esta experiência enquanto reencenação do desenvolvimento psicosexual, focando-se por isso na descrição dos movimentos regressivos e progressivos que reorganizam os núcleos estruturais do psiquismo. Com o objetivo de interrogar a experiência psíquica da gravidez a partir de um novo ângulo, capaz de destacar a singularidade e a originalidade da experiência subjetiva da grávida, a partir da atenção à forma como a mesma é psiquicamente transformada, é agora convocada e explorada a Teoria das Transformações, o modelo psicanalítico proposto por Bion (1957, 1959, 1962a, 1962b, 1963, 1965, 1970, 1980, 1992) para descrever os processos mentais responsáveis pela contínua elaboração da experiência emocional.

2.1 A mente em transformação

A obra de Bion gira em torno da interrogação sobre os mecanismos que sustentam a capacidade de aprender, de pensar, de transformar a(s) experiência(s). No modelo bioniano a psique define-se, simultaneamente, como origem e resultado de transformações, tanto quanto como a própria função transformadora: a cada experiência a psique transforma os dados da mesma, transformando-se nesse processo. Bion (1965) propõe a seguinte analogia: em face de uma paisagem, o artista elabora um quadro; a imagem original, a paisagem, é transformada pelo pintor numa imagem nova, o quadro, no qual são reconhecíveis, em maior ou menor grau, os traços do objeto original, isto é, os invariantes, tanto quanto os elementos novos, originais, que representam a mudança, a transformação propriamente dita. A psique é, simultaneamente, a paisagem, o recetor percetivo da paisagem, o pintor, a tela e o quadro. A transformação psíquica implica, assim, sempre um jogo dinâmico entre o que é novo e o que é invariante.

A gravidez pode, pois, ser concebida como uma paisagem, uma experiência que pressiona a psique a um trabalho de transformação, de subjetivação e significação. Esta experiência, enquanto trabalho psíquico solicitado pela presença de dois no corpo de um e que permite a emergência de um terceiro a partir de um par, convoca todos os opostos elementares enumerados no capítulo anterior: narcisismo e objetividade, libido e agressividade, feminino e

masculino, materno e paterno, interno e externo, corpo e psique, vida e morte. Assim, estes são, num duplo sentido, os elementos invariantes da experiência da mulher gestante: na medida em que caracterizam universalmente a experiência da gravidez (recorde-se a sua presença também nas práticas culturais), e na medida em que, na singularidade de cada experiência, serão o elemento reconhecível na origem e no final da cadeia transformativa.

Seja qual for a apropriação simbólica da experiência, expressa numa narrativa individualizada ou numa narrativa culturalmente partilhada, ela dirá sempre, no início e no fim, sobre a forma como a grávida se vive nestas dimensões. Porque, na verdade, estas são as dimensões essenciais do psiquismo humano, as invariantes da experiência, de qualquer experiência, e não apenas da experiência do desenvolvimento psicosexual, que a gravidez reproduziria. O facto de serem pressionadas em virtude dessa configuração paradoxal que é a dupla habitação de um corpo, constitui o elemento específico destes invariantes que colora a experiência da gravidez e a distingue das outras. Se a experiência, enquanto vivência original e originária, constitui a paisagem, o espaço mental constituirá a tela, o lugar onde a transformação se figura *na e pela* simbolização e narrativização da experiência. E aqui é o lugar por excelência do que é original, singular, irrepetível (embora seja sempre possível, como já explicitado, reconhecer os aspetos invariantes). A obra que cada grávida cria, ao longo da sua gravidez, no palco onde é gerado o sentido que é a sua mente. E a grávida, enquanto subjetividade que vive e pensa a sua gravidez, enquanto mente que pensa os pensamentos que os elementos invariantes da experiência convocaram, ocupa, na analogia bioniana, o lugar do pintor.

O modelo proposto por Bion, assumindo a conceptualização teórica freudiana e kleiniana nos seus aspetos essenciais, procura destacar os elementos, as funções e os diferentes processos implicados na atividade transformadora da mente. Assim, nas páginas que se seguem é descrita e explorada, ao pormenor, a Teoria das Transformações bioniana, enquanto modelo de compreensão de diversos níveis de transformação psíquica. São selecionados, deste modelo, os aspetos que se afiguram mais relevantes e operacionalizáveis para a investigação que aqui se empreende. Uma explicitação cuidada do modelo bioniano é essencial para que estes organizadores possam ser convocados, ao longo dos subsequentes capítulos deste trabalho, com o rigor e a clareza que apenas uma definição prévia permite. Tal é essencial em qualquer modelo, mas é-o de forma particular aqui, dada a amplitude e natureza da Teoria das Transformações, suporte de múltiplas utilizações e leituras, com um grau de abstração e ambiguidade que é necessário preservar e, simultaneamente, conter.

Depois de realizada esta apresentação é, então, explicitado o vértice de observação e interrogação da experiência psíquica da gravidez a que este trabalho se propõe, e que será posteriormente operacionalizado no capítulo metodológico.

2.2 A transformação originária: subjetivar a experiência emocional

Perspetivado a partir da Teoria das Transformações, o psiquismo é, a cada momento, solicitado a transformar os dados da experiência – designados como elementos β – em elementos psíquicos – os elementos α – através de uma função transformadora original – a função α . Estes são, pois, os primeiros conceitos bionianos que importa definir.

2.2.1 Elementos β

A expressão elementos β não é unívoca (Grotstein, 2007), mas nas suas diversas acepções remete sempre para o desconhecido e incognoscível, na medida em que se refere ao aspeto numenológico da realidade, à coisa em si, ao encontro com a realidade, externa ou interna, porém antes que a percepção do impacto deste encontro possa ser alvo de qualquer transformação em direção à pensabilidade. Os elementos β são um modelo de negatividade psíquica, uma *não experiência*, uma *não emoção*, um *não pensamento*, na verdade, uma não realidade, porquanto a realidade, do ponto de vista psíquico, é sempre forçosamente fenomenológica: “the thing in itself is non-existent” (Bion, 1962a, Cap. 26, para. 4). Assim, os elementos β referem-se, num primeiro sentido, à realidade numérica aquém e além do sujeito, anterior ao encontro; todavia, por outro lado, referem-se ao impacto psíquico dessa realidade, impacto ainda não processado (Grotstein, 2007; Ferro, 1996/2000). São, neste outro sentido, fenómenos, elementos, na fronteira somatopsíquica do sujeito, na medida em que já entraram em contacto com o sujeito, sem que no entanto tenha existido qualquer transformação que permita a sua apropriação subjetiva. São elementos que não entraram no circuito transformacional que é, em Bion, a mente, o psiquismo. Contudo, numa terceira acepção, são não apenas os aspetos ainda não processados, mas aqueles que a psique não consegue processar, digerir, transformar. Neste último sentido tornam-se objetos bizarros, incompreensíveis e geradores de sofrimento não mentalizável, de um “sense of catastrophe” (Bion, 1963, Cap. 9, para. 5); remetem para os fenómenos psíquicos que subjazem às atuações, às alucinações e a todos os fenómenos de evacuação psíquica de elementos intoleráveis, pois não são utilizáveis pelo pensamento, mas pela identificação projetiva (Bion, 1962a). Em síntese, os elementos β remetem, em três níveis diferentes, para (a) as coisas em

si, (b) as percepções sensíveis e emocionais puras, desconhecidas e destituídas de sentido e (c) os elementos que, não sendo digeridos pelo pensamento, aparecem como objetos bizarros, alienantes.

No seu sentido mais fecundo, enquanto produto do impacto sensorial ou emocional da realidade, externa como interna, os elementos β marcam o início da temporalidade de qualquer encontro do sujeito com uma experiência, o momento desconhecido a partir do qual o não-eu pode entrar em contacto com o eu, o ponto original e originário de todas as transformações, o momento inaugural do pensamento. A possibilidade de se tornarem em elementos pessoais, reconhecidos, percebidos, utilizáveis pelo pensamento reside na possibilidade de serem transformados em material psíquico rudimentar, no que Bion designa como elementos α .

2.2.2 Alfabetização e produção da barreira de contacto

Elementos α são “primitive elements of thought” (Bion, 1970, Cap. 2, para. 11), protopensamentos, “rudimentos de pensamento que não estão ainda articulados num sistema narrativo nem simbólico” (Dias, 2010, p. 22), “une représentation de chose embryonnaire” (Green, 2013, pp. 34-35). “Ils constituent les petites briques de la pensée onirique de la veille, c’est-à-dire la matrice protovisuelle qui ‘filme’ en permanence les sensations, la sensorialité, et en faisant des images qui ne sont pas directement connaissables” (Ferro, 2002/2004, pp. 17-18), mas que estão disponíveis para o pensamento (Bion 1962a). A função que opera a transformação dos elementos perceptivos, sensoriais e emocionais (elementos β) em elementos α é designada por função α , e constitui o processo inicial e contínuo de transformação da experiência em material psíquico. A função e os elementos α constituem, assim, a origem e o protótipo dos processos transformativos que permitem o pensamento: a transformação do não-eu em eu, da coisa em si em coisa psíquica, do facto bruto e cego em afetos e representações, em significações subjetivas embrionárias. A função α permite a apropriação psíquica da experiência ou, nos termos bionianos, o início da sua digestão: o processo de transformação do alimento em corpo próprio, ativo e em desenvolvimento.

Esta “primitive matrix of ideographs from which thought springs contains within itself links between one ideograph and another” (Bion, 1957, para. 16), sendo essa rede o material a partir do qual se constitui a fronteira entre consciente e inconsciente, a barreira de contacto. Formada a partir das cadeias de elementos α , continuamente produzidas pela função α em face da experiência, perceptiva, sensorial e emocional, a barreira de contacto está

permanentemente a ser recriada. Bion descreve-a como “a membrane which by the nature of its composition and permeability separates mental phenomena into two groups one of which performs the functions of consciousness and the other the functions of unconsciousness” (Bion, 1962a, Cap. 9, para. 3). Como indica a utilização do vocábulo “contacto”, e também a caracterização desta membrana como “permeável”, a barreira de contacto não apenas separa os dois grupos de fenómenos mentais, mas permite a sua comunicação, a sua interação.

Assim, a contínua atividade da função α constitui-se como garante dos processos de diferenciação e circulação psíquicas e, nessa medida, como fundamento da função simbólica. Enquanto processo de permanente subjetivação e simbolização primitivas da experiência, a contínua produção de elementos α revela que os processos transformativos subjacentes à atividade onírica não são exclusivos do sonho na sua acepção clássica, uma vez que são também o substrato da vida vígil, na verdade, de todos os processos mentais. Este é um dos aspetos centrais do modelo bioniano: a ideia de que toda a vida psíquica, todo o pensamento, assenta em processos oníricos, entendidos como transformações contínuas da experiência através da criação de pictogramas que são as unidades mínimas, nucleares, a partir das quais toda a atividade mental deriva (Ferro, 2002). Em síntese, os elementos α revelam-se como a origem partilhada, o material genético comum à função onírica, à função simbólica vígil e ao pensamento nos seus diversos níveis. Organizam, igualmente, o substrato primitivo de toda a diferenciação psíquica: na medida em que constituem o momento original de apropriação e significação, subjetivas, da experiência, instituem-se como primeira distinção entre eu e não-eu, entre dentro e fora; e na medida em que compõem a barreira de contacto, garantem a diferenciação intrapsíquica dos fenómenos mentais.

2.3 As operações de transformação: $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$

A transformação, operação fundamental e definidora do psiquismo, da vida mental, da possibilidade de pensar, depende dos processos designados por Bion como os binómios $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$. Estes processos sustentam essa transformação inaugural operada pela função α , bem como as transformações subsequentes, geradoras de pensamentos oníricos ou vígeis. Estas designações referem-se, pois, a funções do aparelho mental, as mais elementares e fundamentais, aquelas que o constituem como tal. Se Bion usa estas notações é precisamente para evitar uma nomeação que feche o sentido, o sature. Procurar-se-á definir estas funções e descrever a forma como operam, salvaguardando essa abertura e ambiguidade que Bion insiste em manter, e que é, na verdade, o que permite que $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$ possam ser usados

para explorar diferentes níveis de complexidade na investigação do funcionamento do aparelho mental. Procurar-se-á também, primeiro, mapear os sentidos que toma o uso de cada uma das expressões, para depois refletir sobre a sua articulação.

2.3.1 PS↔D

A função descrita através da designação PS↔D foi elaborada por Bion a partir da descrição kleiniana das duas posições da vida mental primitiva, e da reflexão do matemático e epistemólogo Poincaré sobre a função do facto selecionado na organização e desenvolvimento do pensamento. A descrição kleiniana das posições assimila a Posição Esquizo-Paranoide (PS) a um estado mental primitivo de dispersão, de desintegração, no qual os objetos são vividos como parciais, clivados, em virtude do predomínio de impulsos destrutivos que se traduzem na vivência de ansiedades persecutórias. A clivagem, a projeção e a introjeção constituem os organizadores defensivos da Posição Esquizo-Paranoide. Ao contrário, D refere-se à integração progressiva do objeto total, resultando no predomínio de afetos depressivos ligados à culpa e à necessidade de reparação do objeto atacado em PS. Em Klein a designação “posições” pretende afastar uma perspectiva estritamente desenvolvimental e afirmar a permanência destes dois “agrupamentos de ansiedades e defesas” (Klein, 1975/1991, p.118) no funcionamento mental ao longo da vida, muito embora a evolução psíquica implique a elaboração e predomínio da Posição Depressiva. Assim, para Klein, qualquer movimento em direção a PS é entendido como movimento regressivo e potencialmente desorganizador, surgindo D como posição madura a alcançar ou recuperar. Bion destaca de forma completa as posições da sua conotação desenvolvimental, passando a entendê-las como funções interligadas, cuja permanente oscilação permite e sustenta os processos transformativos responsáveis pelo pensamento, desde as suas formas mais rudimentares às mais elaboradas.

Desta forma, em Bion, PS↔D remete para uma função do pensamento que consiste na oscilação contínua, no “jeu réciproque” (Ferro, 1996/2000, p. 211) entre um estado mental de paciência e dispersão (PS) e um estado de segurança e integração (D). Quando Bion reconfigura PS como um estado de paciência, sublinha a ideia de que a dispersão, que Klein havia descrito, pode ser entendida como um momento essencial de tolerância à incerteza, ao desconhecido que necessariamente comporta uma experiência ainda por pensar. De facto, antes que qualquer experiência emocional possa ser processada, integrada, significada, ela tem de ser tolerada. Quando PS não é entendida como uma posição independente, mas como

um dos polos de um binómio funcional $PS \leftrightarrow D$, traduz esse momento em que o impacto da experiência é sentido como desintegrador da ordem estabelecida e, conseqüentemente, gerador de confusão. Contudo, é apenas quando é tolerado este estado que uma nova ordem pode emergir, isto é, que a experiência pode ganhar nova significação, entrando assim na cadeia do pensamento. É quando não há tolerância à dispersão para que possa ser alcançada integração, quando o movimento contínuo de oscilação não é operante, que PS reporta a uma lógica exclusivamente desintegrativa, simultaneamente atacante e persecutória, como descrita por Klein. Quando operante, $PS \leftrightarrow D$ descreve a atividade da função α na transformação de elementos β em elementos α , precisamente através da tolerância ao desconhecido que, em vez de recusado ou expulso pode ser integrado. Descreve, igualmente, todos os passos de transformação do pensamento que ousam quebrar certezas, questionar, duvidar e dessa forma recriar, inventar e descobrir novos aspetos da experiência. PS e D, quando inscritas numa dinâmica oscilatória, representam possibilidades transformacionais: “PS may be regarded as a cloud of particles capable of coming together, D and D as an object capable of becoming fragmented and dispersed, PS” (Bion, 1963, Cap. 10, para. 2). Se a permanência exclusiva em PS diz respeito a um estado confusional, a permanência em D implica um estado de imobilização que pode ser designado como dogmatismo. Em qualquer dos casos, torna-se impossível aprender com a experiência, pensá-la, significá-la, transformá-la.

Porque reporta sempre as posições à sua sequência no desenvolvimento precoce, Klein faz depender a passagem de PS a D de fatores constitucionais e maturativos, ligados à intensidade recíproca das pulsões de vida e morte (Klein, 1975/1991). Mas Bion procura descrever o fator funcional, aquele que, no interior da função, permite a sua operação. É aqui que Bion faz intervir Poincaré (1905, 1908), que nos seus estudos de epistemologia defende a ideia de que um mecanismo fundamental na produção de conhecimento consiste na emergência/escolha do *facto selecionado*. Assim, Bion sugere que o estado de inorganização característico de PS é transformado a partir de um facto que, ao ser destacado, selecionado, confere sentido aos restantes, organizando-os num determinado padrão que então toma forma. O facto selecionado traduz a ideia, cara a Bion, de vértice de observação: a partir de um facto, os outros ganham um *certo* sentido; nessa medida, como sublinha Ferro (1996/2000), um facto selecionado implica renunciar a outras seleções possíveis; porém, mudando o vértice, o que não se faz sem aceitar, *pacientemente*, a dispersão do sentido anteriormente adquirido, outro *certo* sentido pode emergir. A vida mental, o pensamento, a elaboração das experiências afetivas é esta sequência ininterrupta de dispersão/confusão – tolerância à dúvida – seleção de

um vértice – descoberta de um sentido – dúvida sobre outros possíveis sentidos – confusão – e assim de novo e sucessivamente. E aqui aparece, mais uma vez, em primeiro plano, a ideia de transformação como elemento central, como facto selecionado, para compreender a forma como o psiquismo humano opera em face da continuidade das experiências.

2.3.2 ♀♂

Complementar à operação $PS \leftrightarrow D$ é o binómio ♀♂, no qual ♀ é o sinal usado “for the abstraction representing the container and ♂ for the contained” (Bion, 1962a, Cap. 27, para. 8). Assim, a expressão ♀♂ representa psiquicamente “a dynamic relationship between container and contained” (Bion, 1963, Cap. 1, para. 4) que pode tomar diversas configurações. “The use of the male and female symbols is deliberate but must not be taken to mean that other than sexual implications are excluded” (Bion, 1970, Cap. 12, para. 2). Grotstein (2007) interpreta o uso de Bion destes sinais como forma de aludir à função de ligação dos objetos originais e paradigmáticos – seio/boca, pénis/vagina – que permitem representar a Cena Primitiva enquanto ato criativo original. Esta formulação de Grotstein deixa implícito um aspeto que Green (2013) considera importante explicitar: “la fonction de liaison est à double face” (p. 34), uma intersubjetiva e outra intrapsíquica. Para compreender a “penumbra of associations” (Bion, 1963, Cap 1, para. 4) que se estende a partir do uso destes sinais é importante explorar ambas as faces, sustentando, aliás, a ideia de que também as ligações entre a valência intersubjetiva e a valência intrapsíquica podem ser entendidas, denotadas e representadas por ♀♂, nas suas duas possibilidades combinatórias: a ligação intrapsíquica como continente da ligação interpsíquica, assim tomada como conteúdo e, inversamente, a ligação interpsíquica operando como continente da ligação intrapsíquica, agora ocupando a função de conteúdo. Procurar-se-á clarificar, em seguida, o sentido destas ideias.

Antes de mais, a noção de ♀♂ tem origem na extensão e abstração que Bion realiza a partir da descrição kleiniana do mecanismo de identificação projetiva, enquanto procedimento psíquico assente numa “omnipotent phantasy that it is possible to split off temporarily undesired [...] parts of the personality and put them into an object” (Bion, 1962a, Cap. 12, para. 1). À descoberta kleiniana deste processo psíquico primitivo, Bion acrescenta a ideia de que a identificação projetiva pode ter um valor comunicativo quando se verifica um ajustamento afetivo entre os dois elementos em relação. O modelo desta comunicação é uma relação mãe-bebé na qual essa fantasia onipotente pode dar lugar a uma experiência real

(Bion, 1962b), uma experiência em que a mãe trata “the infant's cry as more than a demand for her presence” (Bion, 1959, Denial, para. 5), acolhendo dentro de si as emoções que o bebê não consegue suportar ou transformar, e que ela pode conter e desintoxicar. Desta forma, a identificação projetiva permite ao bebê “to investigate his own feelings in a personality powerful enough to contain them” (Bion, 1959, Consequences, para. 1) quando a sua própria capacidade mental é ainda insuficiente. O modelo da identificação projetiva comunicante (em oposição à identificação projetiva kleiniana) remete, então, para uma forma rudimentar e arcaica de pensamento assente numa relação intersubjetiva (Bion, 1959, 1962a). Esta atividade “shared by two individuals becomes introjected by the infant so that the ♂♀ apparatus becomes installed in the infant as part of the apparatus of alpha-function” (Bion, 1962a, Cap. 27, para. 11). Com este último passo, Bion torna o pensamento numa função relacional, quer essa relação seja vivida intersubjetivamente ou intrapsiquicamente. A cena primitiva já não é pois, apenas, o organizador da origem da diferenciação dos seres, dos sexos e das gerações. Já não representa somente o pensamento das origens, mas a origem do pensamento, a matriz do encontro, intra e intersíquico, antes do qual a vida mental não existe, e antes do qual cada pensamento carece de um pensador.

♀♂ constituem, assim, a abstração proposta por Bion para dar conta da dimensão relacional do pensamento, como da sua possibilidade criativa e transformadora. Porque são uma abstração, podem ser concretizados de múltiplas formas, dependendo do aspeto do pensamento em estudo. As concretizações mais óbvias são aquelas que já foram expressas, e que se referem às ideias de continente e conteúdo, feminino e masculino, mãe e bebê, boca e seio, vagina e pênis. Todavia, as possibilidades não estão limitadas a estes exemplares relacionais e outros binómios podem ser associados. Na teia associativa surgem, imediatamente, espaço e tempo, figura e ponto, ser e ter, ser e fazer, passivo e ativo, tolerar e saturar, identidade e identificação, fertilidade e potência, fundo e figura, receber e oferecer. Estas valências potenciais de ♀♂ decorrem da natural associação de sinais que se querem insaturados, com campos de saturação diversos.

2.3.3 Os vínculos: H, L e K

Além de enunciar ♀♂ como elementos essenciais e fundadores da atividade mental, Bion explicita ainda os vínculos que podem unir ♀ a ♂: H (hate, ódio), L (love, amor) e K (knowledge, conhecimento). O vínculo explicita a qualidade da experiência emocional que caracteriza o encontro. Espelhando a dupla valência inter e intrasubjetiva de ♀♂, os vínculos

reportam-se igualmente à ligação entre *self* e objeto (Grotstein, 2007) tanto quanto à ligação entre objetos internos, isto é, entre partes do *self* (Dias, 2010; Grotstein, 2007).

Os vínculos H, L e K designam as emoções básicas (Bion, 1962a) que subjazem às diversas experiências emocionais. Como sublinha Bion, uma experiência emocional implica, necessariamente, uma relação, e é esta que, no seu sentido mais elementar, toma uma destas formas vinculares, “(1) X loves Y; (2) X hates Y; and (3) X knows Y. These links will be expressed by the signs L, H and K” (Bion, 1962a, Cap. 14, para. 2) e podem assumir um valor – (negativo) ou + (positivo). Estes sinais são formas de qualificar o vínculo: “no mais há vinculação, no menos há desvinculação” (Dias, 2010, p. 68). Nessa medida, L- e H- remetem para o desinvestimento relacional, L- para o amor narcísico, falso ou pretensioso, H- para a indiferença (Grotstein, 2007) e K- para o evitamento do saber (Green, 2013), para a mentira (Grotstein, 2007), para a culpabilidade que ataca a tendência a procurar a verdade e conduz à rutura do continente (Ferro, 1996/2000). É importante sublinhar que os três vínculos são inseparáveis: porque “we can only K an object by knowing how we feel (L↔H) about it [...] [and] we cannot love without hating and cannot hate without loving” (Grotstein, 2007, p. 312); inversamente, quando evitamos conhecer a experiência emocional a mentira opera sobre L e H, pervertendo o seu sentido. Esta interligação entre os vínculos não impede, como clarifica Grotstein (2007), que num dado momento um dos vínculos se sobreponha aos outros, sendo possível classificar a experiência emocional a partir dessa proeminência de K, L ou H.

Esta utilização dos símbolos L e H permite unificar os diversos pares de opostos que foram sendo formulados, a partir de diferentes ângulos, primeiro por Freud (libido e agressividade, Eros e Tanatos) e depois por Klein (inveja e gratidão, ataque e reparação), permitindo, mais uma vez, um nível de abstração que garante a possibilidade de diferentes concretizações teóricas partilharem uma terminologia de base comum. Mas é a introdução de K como vínculo por direito próprio, não redutível à interação entre L e H, que constitui a originalidade do pensamento bioniano (Green, 2013; Grotstein, 2007). Como explicita Dias (2010), “é apenas pelo vínculo K que é possível a transformação” (p. 69), porque “não basta amar e odiar, tens de saber porque é que odeias, de que forma odeias, o que é que odeias e em nome de que é que odeias” (p. 68). Nesta medida, K- é a evasão da experiência, representa a intolerância à dor mental e por isso a mentira, ao passo que K+ é a possibilidade de, através do pensamento, tolerar e transformar a experiência, o que resulta no (re)conhecimento da verdade psíquica, tanto do elemento na relação que conhece, como daquele que é conhecido. A partir de uma leitura muito particular dos *Dois princípios do funcionamento mental*, de

Freud, Bion estabelece esta dicotomia fundamental entre a fuga à dor mental ou a sua modificação pelo pensamento que lança o psiquismo na mentira ou, ao contrário, num caminho transformativo de aceitação, reconhecimento e ampliação da verdade psíquica. Toda a diferenciação entre pensamento e não pensamento radica aqui. No mais elementar, é a decisão sobre a expulsão, projetiva, somatizada ou atuada, ou a alfabetização dos elementos β . É a decisão sobre a aceitação da responsabilidade de significar a experiência, tornando-a parte do eu, ou a impossibilidade de o fazer, rejeitando-a como um não-eu, o que equivale, neste caso, a um eu não (re)conhecível e portanto a uma mentira sobre o eu. Dado que a experiência só o é se tiver sido experimentada, esta rejeição nunca pode ser completa. Dado que a sua significação pode ser sempre ampliada, também a modificação é, por natureza, inacabada. Num ou noutro sentido, K (- ou +) é sempre uma relação assintótica.

2.4 O aparelho para pensar pensamentos

Para compreender a articulação entre $PS \leftrightarrow D$ e $\varphi \sigma$ é essencial ter em conta que estas não são duas atividades separadas, mas dois vértices de observação dos processos de elaboração da experiência pelo pensamento, isto é, de subjetivação e significação. É desta forma possível descrever a atividade mental como se, num primeiro momento, operasse $PS \leftrightarrow D$, resultando dessa operação a constituição de $\varphi \sigma$ que então estariam em condições de operar. Assim, relativamente à formação de um φ através da operação de $PS \leftrightarrow D$, Bion (1963) explicita que “ φ has to be found and the discovery of φ depends on the operation of $PS \leftrightarrow D$ ” (Cap. 9, para. 5). Descreve, igualmente a formação do σ pelo mesmo mecanismo, afirmando que “the cohesion of β -elements to form σ is analogous to the integration characteristic of the depressive position; the dispersal of β -elements is analogous to the splitting and fragmentation characteristic of the paranoid-schizoid position” (Bion, 1963, cap. 9, para. 9).

Porém, é igualmente possível realizar esta descrição constituindo $\varphi \sigma$ como o primeiro momento transformativo: uma vez que “ β -elements lack the valency necessary for true integration” e $PS \leftrightarrow D$ “belong to a stage when the elements can be integrated” (Bion, 1963, Cap. 9, para. 11), é necessário que a função φ opere sobre esses elementos, transformando $\sigma \beta$ em $\sigma \alpha$. Por outro lado, as posições $PS \leftrightarrow D$ podem ser usadas como formas de caracterizar φ e σ (descrevendo as qualidades de dispersão, integração, tolerância e segurança dos continentes e conteúdos do pensamento) indiciando que “the two mechanisms can each

operate in its characteristic manner or in a manner typical or reminiscent of the manner of operation of the other” (Bion, 1963, Cap. 10, para. 5). É portanto inglório procurar estabelecer uma diferenciação firme entre estes dois mecanismos, e menos ainda uma cronologia da sua entrada em cena. Tal advém não apenas do facto de serem indissociáveis e remeterem mais para diferentes aspetos da elaboração mental do que para funções distintas, mas porque a sua operação é inconsciente, logo atemporal.

No entanto, é possível e desejável estabilizar uma diferenciação possível, capaz de dar conta da articulação entre as duas operações. Assim, tendo em conta que $PS \leftrightarrow D$ descreve processos de dispersão e integração, e ♀ e ♂ remete para a relação e vínculos que pode existir entre uma função continente e os conteúdos sobre a qual ela opera, é possível afirmar que “on the $PS \leftrightarrow Dep$ operation depends the delineation of the whole object: on the successful operation of ♀♂ depends the meaning of the whole object” (Bion, 1963, Cap. 18, para. 12). Sendo importante sublinhar, novamente, que tal não reporta a uma cronologia, mas a dois aspetos, simultâneos, da elaboração mental: a constituição de um objeto total não é dissociável da sua significação, nem a sua significação é dissociável da forma como este é constituído.

Do pictograma inicial (o elemento α , a apreensão e figuração primitiva da experiência) aos conceitos abstratos é a dupla dinâmica ♀♂ e $PS \leftrightarrow D$ que permite manusear (Winnicott diria brincar com) os pensamentos, pensando-os. A tabela bioniana (anexo 2) não é mais que uma figuração, ainda que necessariamente imprecisa, destes movimentos: no eixo vertical é observável a evolução genética do pensamento, com a formação de unidades de sentido cada vez mais amplas, sofisticadas e abstratas – elementos β , elementos α , pensamentos oníricos/sonhos/ mitos, pré-conceção, conceção, conceito, sistema dedutivo científico e cálculo algébrico; e no eixo horizontal a forma como os pensamentos são pensados, as operações realizadas sobre a experiência – que a partir do ponto de partida dado pela hipótese definitiva, podem passar pela tolerância à experiência, caso da notação, atenção e investigação, ou a sua recusa através do enunciado falso ou da atuação (Bion, 1963; Grotstein, 2007). Claro que nem todos os pensamentos (coluna vertical) podem sofrer todas as operações (coluna horizontal); os elementos β , por exemplo, não podem ser alvo dos processos de notação, atenção e investigação. Numa das suas formulações, Bion atribui ao eixo horizontal a operação de ♀♂ e dos vínculos, e ao eixo horizontal a operação de $PS \leftrightarrow D$ e igualmente dos vínculos. Este é um dos vértices pelos quais pode ser entendida a tabela, porém essa formulação não deve permanecer rígida. Se da operação $PS \leftrightarrow D$ depende o delineamento do

objeto total e do sucesso da operação ♀ e ♂ depende o significado do objeto total (Bion, 1963), então ambos os mecanismos operam a cada movimento vertical e horizontal da tabela.

PS↔D e ♀♂ constituem, pois, as duas faces da operação mental que permite a subjetivação da experiência, a constituição e povoamento do espaço mental. São as funções essenciais e constituintes daquilo que Bion designa como o aparelho para pensar pensamentos, expressão que denota a ideia de que há uma distinção essencial entre os pensamentos e a atividade de pensar. De facto, no modelo bioniano, do ponto de vista epistemológico mas também, de certa forma, ontogenético², os pensamentos precedem a mente que os pode pensar (Bion, 1962a). A mente, enquanto espaço de acolhimento povoado por pensamentos e enquanto função de pensar, é compreendida como “a development forced on the psyche” (Bion, 1962b, Pt. 2, para. 3), já que é a experiência emocional que pressiona o pensamento, como observado a propósito da transformação originária $\beta \rightarrow \alpha$, podendo existir pensamentos sem a capacidade de os pensar (como ocorre com o bebê, que necessita da função ♀ da mente materna para pensar os pensamentos que ele mesmo não consegue ainda tolerar e transformar). Portanto, a questão crucial é a do destino da experiência emocional: ela é evadida ou pode ser tolerada e transformada, isto é, pensada? Porque se em ambos os casos existem pensamentos, apenas no segundo existe um pensador a pensar, um sujeito a significar a experiência, uma mente capaz de simbolizar.

2.5 Os destinos da experiência

Quando a experiência pode ser tolerada, a mente torna-se o espaço, o palco, “the theater where meaning is being constantly generated” (Meltzer, 1976, para. 31), onde atua a “função geradora de metáforas” (Meltzer, 1986/1990, p. 11). Os pensamentos, na mente que os tolera e transforma, tornam-se símbolos, cadeias simbólicas e narrativas simbólicas, oníricas ou não, que dão conta, em diferentes graus de elaboração, da apropriação subjetiva e significativa da experiência. Pensar, no sentido bioniano, é uma atividade psíquica que opera analogamente ao processo digestivo: a mente, através do pensamento, metaboliza as

² A questão, aqui, não é defender uma precedência temporal de uns sobre os outros, mas distingui-los no plano teórico, epistemológico, de forma a dar conta de certas manifestações clínicas. Na verdade, como nota Groststein (2007), a designação bioniana dos elementos já pensados com a primeira letra do alfabeto grego, e dos pensamentos ainda impensados com a segunda, pode indiciar que a capacidade de pensar, mesmo que de forma apenas germinal, tem de preexistir, ainda que o seu desenvolvimento implique o impacto e a pressão de pensamentos. O mesmo se aplica ao desenvolvimento ontogenético: sem rudimentos da capacidade de pensar o bebê não poderia receber os elementos metabolizados pela psique materna.

sensações (Bion, 1962a; Matte-Blanco, 1941), transformando os afetos suscitados pela experiência em representações simbólicas, o que implica transformar quantidades em qualidades, material sensorial em material psíquico (Carels, 1989). De facto, o símbolo é, em si mesmo, o registo de que foi estabelecida uma diferenciação entre espaços, o interno e o externo, entre o eu e os objetos, entre a presença e a ausência, entre a percepção e a representação, ao mesmo tempo que testemunha a possibilidade de ligação, de reunião, de comunicação entre esses polos diferenciados (A. Anzieu, 1989; Bion, 1957; Gibeault, 1989; Perron, 1989). Sinaliza, igualmente, a triangulação psíquica que sustém a relação “qui s'est établi entre quelque chose, un appareil psychique qui prend ce quelque chose en compte et qui, par un certain travail, le transforme et le transpose dans un autre registre pour produire le symbole” (Carels, 1989, p. 1673); isto é, entre o simbolizado, o símbolo e sujeito que simboliza (Caper, 1996; Gibeault, 1989). Desta forma, o pensamento simbólico dá conta, simultaneamente, da integridade psíquica, da diferenciação e da triangulação. Assim, o símbolo, antes até de ser expressão de conteúdos mentais específicos, é o sinal inequívoco de que um aparelho para pensar pensamentos está em operação, de que, com maior ou menor dinamismo, maior ou maior liberdade e riqueza, $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$ operam alfabetizando a experiência. Nessa medida, “le travail de la symbolisation est lutte permanente contre la mort psychique [...] est la vie psychique” (Perron, 1989, p. 1656).

A simbolização é, pois, o produto e o testemunho da operação da mente sobre os pensamentos que nela se inscrevem a partir da experiência afetiva, seja ela desencadeada por processos internos ou externos. Esta ideia é precisamente aquela que funda, em Freud, a ideia de que o sonho constitui a via régia de acesso ao inconsciente. Mas Bion, com o seu modelo, sublinha que o inconsciente está continuamente a ser *criado, sonhado, transformado* e que a narrativização da experiência traz a marca, tanto na vida vígil quanto no sonho, das vicissitudes desse processo (Bion, 1992; Ferro, 2002). Na verdade, em Bion, o sonho noturno não é mais que uma das muitas possibilidades de narrativização do processo onírico, contínuo, que consiste na sequencialização dos pictogramas formados pela alfabetização da experiência. Desta forma, qualquer enunciado é a verbalização de um processo onírico que dá conta dos processos de simbolização que operam sobre a experiência, a cada momento. Se a mente é o teatro da geração de sentido, a narrativa, qualquer narrativa, é o argumento dessa peça interna. Numa narrativa, da mais simples à mais elaborada, as descrições, as sequências e as entradas e saídas de personagens figuram os processos de elaboração do pensamento, revelam as coordenadas espaço-temporais da mente e dão a conhecer os seus habitantes, os

pensamentos a serem pensados, contando assim a história das transformações que, a cada momento, permitem sonhar sentido(s) subjetivo(s) para a experiência emocional.

Rêver correspond donc à une activité psychique fondamentale, véritable matrice du sens qu'assume, pour chacun, sa propre vie émotive. De cette matrice – dont on peut qualifier la nature de *représentative* dans l'acception théâtrale du terme – découlent les formes de pensée plus abstraites et leurs expressions verbales. Cela revient à dire que le sens se génère dans une dimension psychique de *théâtre onirique*, où les images et les mots sont intégrés dans des *personnages* qui s'articulent en *trames* narratives. [sublinhado dos autores] (Bezoari & Ferro, 1996, *Déclinaisons du visuel*, para. 21)

De uma forma muitíssimo resumida, mas que capta o essencial da proposta bioniana como explorada por Bezoari e Ferro (1996; Ferro, 2002), a mente opera sobre a experiência emocional transformando-a em pictogramas, em imagens, e estas em derivados narrativos, em palavras. A experiência emocional representa o ponto originário da transformação, e a narrativa o produto final do processo transformativo. Por sua vez, este produto pode constituir-se como experiência, e assim como ponto originário de uma nova sequência transformadora. Qualquer comunicação é, pois, testemunho onírico-narrativo desses processos de transformação. É ainda essencial sublinhar que qualquer comunicação é, igualmente, uma comunicação em face *de, para* alguém. Alguém que faz parte da experiência que está a ser vivida, sonhada e contada. Esse aspeto intersubjetivo, transfero-contratransferencial, de toda a comunicação é parte essencial e inseparável dos próprios processos de transformação, uma vez que os mesmos constituem a introjeção da construção de sentido pensada a dois no seio de uma relação ♀♂ capaz de dinamizar PS↔D. Mesmo antes de ser externamente comunicada, uma cena psíquica é, internamente, uma comunicação *de e para* partes do *self*, é uma comunicação entre objetos internos ou, num outro vértice sobre a mesma realidade, entre funções psíquicas internalizadas a partir de relações intersubjetivas.

Foi explorado, até agora, o que ocorre quando a mente acolhe os pensamentos, quando através da simbolização “the emotional experience is thus made manageable” (Bion, 1970, Cap. 6, para. 9). Ao contrário, se a experiência emocional é evadida ela permanece como elemento β não transformado e é expulsa, por meio da projeção, da identificação projetiva, da descarga motora ou da somatização (Bion, 1962a; Ferro, 2002/2004; Meltzer, 1983). Esta é, precisamente, a definição de situação traumática, uma experiência não simbolizável que colapsa a distinção entre a realidade interna e externa (Bégoïn-Guignard, 1989), uma experiência cujo significado não consegue ser absorvido (Caper, 2009). Um pensamento foi

proposto ao psiquismo que, incapaz de o conter e transformar, o rejeita, e um aparelho para pensar, isto é, um sujeito capaz de pensar, um pensador, não se desenvolve. Ora, sem que um aparelho para pensar pensamentos esteja disponível (intra ou intersubjetivamente) a evasão domina, esvaziando e desertificando o espaço psíquico, diminuindo-o, encolhendo-o, deformando-o (como revelam os trabalhos de Grotstein, 1999, sobre o buraco negro na psicose). Se, como observado, a metabolização da experiência cria, ao mesmo tempo, o espaço psíquico e permite o seu povoamento (enquanto espaço habitado por afetos e representações, enquanto teatro da geração de sentido), a impossibilidade dessa transformação impede estes desenvolvimentos: na ausência de um aparelho para pensar pensamentos, estes não podem ser metabolizados e ao invés de símbolos são produzidas equações simbólicas, material psíquico rudimentar que não é reconhecido nem tratado como tal. Símbolo, simbolizado e sujeito simbólico não se diferenciam, não sendo verdadeiramente operantes, ou apresentando deficiências severas nas várias distinções psíquicas atrás referidas: entre o interior e o exterior, a percepção e a representação, o sujeito e o objeto (Segal, 1957).

L'équation symbolique se marque par un collapsus des espaces intersticiels entre le sujet, la chose qui pourrait être symbolisée mais qui ici ne l'est pas, et le mot qui y renvoie [...] le mot est devenu la chose et le sujet a le sentiment d'agir et non de communiquer en le proférant. (Carels, 1989, p.1673)

Se o símbolo testemunha a operatividade dos processos de transformação do pensamento, a equação simbólica revela a falência, a deficiência ou insuficiência do funcionamento de um aparelho para pensar pensamentos, não deixando, no entanto, de dar conta dos pensamentos que não foram possíveis pensar, da mesma maneira que as narrativas simbólicas o fazem.

Perante a impossibilidade de tolerar intrapsiquicamente a experiência, existe a possibilidade de um outro psiquismo acolher e transformar esses pensamentos impensados, pensando-os e devolvendo-os à mente inicialmente incapaz de os pensar. Nesse caso, a mente não é alterada apenas pela recuperação da sua experiência tornada tolerável, mas pela vivência dessa outra experiência de *pensar com*, de *ser pensado por*. É essa função experimentada intersubjetivamente, a operação da mãe e do bebê (ou do analista e do analisando) pensando juntos, que é introjetada e que constitui o embrião do aparelho para pensar pensamentos (Brown, 2010). É igualmente importante sublinhar que uma mente nunca é nem totalmente incapaz de transformação, nem absolutamente capaz de apreensão da experiência. O universo das transformações possíveis é infinito e nunca é o zero absoluto.

2.6 Pensamento e mudança catastrófica

Cada experiência oferece à mente a possibilidade de se pensar pensando-a, de se transformar transformando-a pela sua subjetivação e significação. Cada experiência traz em si o potencial de uma mudança catastrófica. Uma *mudança catastrófica* caracteriza-se por uma subversão do sistema (Bion, 1965), por uma transformação qualitativa (Ferro, 2002/2004), imposta por um dado novo e violento que, para ser integrado pelo pensamento, necessita de uma reorganização de todo o sistema psíquico. Qualquer transformação (como começou por ser ilustrado com a metáfora bioniana da paisagem transformada pelo pintor na sua tela) implica a permanência de aspetos invariantes que permitem reconhecer o impacto da experiência original no resultado final. De contrário não seria uma transformação mas uma rutura. Assim, Bion (1965) assinala a presença de invariantes, a violência e a subversão do sistema como as três características definidoras da situação de mudança catastrófica.

No limite, cada experiência, para ser transformada pelo pensamento, obriga a estas reconfigurações. O termo pode igualmente designar as macro-transformações potenciadas por acontecimentos psíquicos de tal forma novos que violentam o psiquismo e o obrigam a pensar os pensamentos através de vértices radicalmente diferentes. São momentos que podem conduzir à desorganização, à rutura, ao vazio, à mentira, ou, ao contrário, em que as transformações operadas por uma oscilação PS-D adequada, numa relação ♀♂ unida por um vínculo K+ podem resultar num salto qualitativo no sentido da expansão e do crescimento.

É possível pensar a experiência catastrófica, subversiva, violenta como o conflito estético que Meltzer (1985) descreveu como desencadeador da curiosidade sobre o interior do continente primevo, a mãe. *É belo no interior?* é a interrogação propulsora do pensamento. Pensar é ousar colocar a questão da beleza, tolerar a dúvida (PS) e assim chegar à resposta (D) que implica descobrir os ♂ que habitam e circulam entre esses ♀ que são a mente e o objeto. Quando esta questão é tolerada, a experiência pode ser usada como um objeto transformacional, “an object that is experientially identified [...] with the process of the alteration of self experience” (Bollas, 1979, para. 3). É esse o papel desempenhado no mito bíblico pela maçã, objeto de interrogação, de desejo e temor capaz de transformar a mente ao ser digerido. É esse o papel da interrogação posta pela Esfinge quando exorta Édipo a olhar para o interior de si mesmo para se descobrir, para se transformar, para crescer.

Bion aborda o Édipo como mito já não somente da origem da diferença dos seres, dos sexos e das gerações, mas como mito da origem do pensamento a partir da capacidade de

interrogar a experiência e de a significar. Revisitando o mito edipiano, sem contestar a leitura freudiana clássica todavia procurando ampliá-la, Bion sublinha os papéis desempenhados por Tirésias e pela Esfinge, bem como a persistência de Édipo em perseguir a verdade. Ao destacar estes elementos, Bion aproxima o mito edipiano do mito bíblico da expulsão do paraíso, e propõe uma leitura que realça a centralidade dos processos de pensamento na apropriação e significação da experiência. Em ambas as narrativas a curiosidade (o desejo de saber, o vínculo K) é, simultaneamente, atizada, desencorajada e punida. No mito grego, o enigma posto pela Esfinge “is an expression of man's curiosity turned upon himself” (Bion, 1963, Cap. 10, para. 8). A Esfinge é uma figura monstruosa, “an object composed of a number of features inappropriate to each other” (Bion, 1963, Cap. 10, para. 19), representando a experiência por pensar (elemento β) que a psique deve integrar (D) e conter (♀), tolerando a estranheza desta conjugação (PS), o que permitirá conferir-lhe um novo sentido (♂ alfabetizado, subjetivamente significado). É porque Édipo tolera a questão que a curiosidade emerge, Édipo não é morto mas, ao contrário, é a Esfinge que se desintegra, o elemento β , que sofre o trabalho de $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$ e de ♀♂ , desaparece e dá lugar ao elemento alfabetizado, a resposta: é o homem; questão que, por sua vez, constitui um trampolim para novas questões e novas transformações, desde logo, quem é o homem, como se relaciona consigo mesmo e com aqueles a quem deve a sua origem, como cumpre o seu destino? Se a Esfinge figura o estímulo à curiosidade, à procura da verdade psíquica, a possibilidade de, através de K^+ , significar L e H, Tirésias representa o contrário, K^- , a mentira. Tirésias admoesta Édipo a não procurar a verdade sobre a praga que se abateu sobre Tebas. No mito bíblico estas figuras aparecem mescladas na proibição, que desencadeia o desejo, de provar os frutos da árvore do conhecimento.

Como Caper (2009) explicita, estes mitos revelam que uma parte da mente comporta-se como se a procura da verdade constituísse um perigo. De facto, a onipotência infantil defende-se, pela mentira, do reconhecimento da perda, da dependência, da finitude. Contudo, como Caper também sublinha, a expulsão do paraíso não trouxe apenas a morte, trouxe igualmente a criatividade sexual, isto é, também, a possibilidade de gerar novos sentidos para a experiência, para a possibilidade de, intra e intersubjetivamente viver a relação ♀♂ com o dinamismo próprio e enriquecedor do pensamento de $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$. Assim, em ambos os mitos a curiosidade mobiliza uma mudança catastrófica que conduz à descoberta do corpo de desejo, da diferenciação sexual e, conseqüentemente da diferença geracional. A curiosidade permite a

descoberta, o conhecimento (K) de si e do outro, e dos vínculos L e H que em cada um (intrapsoicamente) e entre eles (interpsíquicamente) se constituem³.

2.7 Gravidez, uma mudança catastrófica

A investigação psicanalítica sobre a experiência da gravidez tem-se focado na descrição das transformações sofridas pelos núcleos estruturais do psiquismo. Assim, são descritas alterações regressivas e maturativas na direção e qualidade dos investimentos libidinais e agressivos, na delimitação das fronteiras intra e interpsíquicas, na composição dos núcleos identificatórios e na representação do esquema corporal. O que aqui é proposto é adicionar a esta perspectiva um olhar que foque os processos que sustentam essas transformações, que incida sobre a atividade psíquica de significação da experiência a que a grávida é pressionada, que assinale o *como* singular e original e não apenas o *que* geral e universal da transformação que a gravidez implica. Para operar esta mudança de vértice de observação é convocado, como explicitado, o modelo bioniano.

A partir desta perspectiva, a gravidez é conceptualizada já não simplesmente como período crítico, mas como uma experiência suscetível de desencadear uma *mudança catastrófica*, isto é, como “une occasion de croissance ou de régression de l'espace psychique et des liens qui s'y constituent sous la forme de ‘pensées’, c'est-à-dire, d'activité symbolique” (Bégoïn-Guignard, 1989, p. 1961). Nesta definição de Guignard do que constitui uma mudança catastrófica está já implicado esse foco nos processos do pensamento, a regressão ou crescimento reportando-se não a organizações estruturais ligadas aos períodos de desenvolvimento infantil, mas ao próprio *espaço psíquico*, isto é, à capacidade de pensar do aparelho para pensar pensamentos, à capacidade de subjetivar e significar a experiência nesse teatro interior onde o sentido é gerado. A alteração, em termos de perspectiva, é a mesma que Bion operou ao introduzir a ideia de oscilação nas posições kleinianas, afastando-se assim derradeiramente do modelo desenvolvimental. A partir desta perspectiva, a utilização, pela grávida, de símbolos e narrativas característicos de períodos outros apenas diz dos aspetos invariantes do psiquismo. A atenção à forma como são usados esses elementos, à forma como a grávida pensa os pensamentos, permitirá desvelar os aspetos originais, novos e específicos da experiência, que é atual e singular.

³No anexo 3 pode ser consultada uma síntese das premissas fundamentais do modelo bioniano, aqui pormenorizadamente exploradas.

Se, como sublinhado, no limite, qualquer transformação psíquica implica uma mudança catastrófica, há experiências que pressionam com particular força e urgência o psiquismo. Ora a gravidez impõe-se, precisamente, como trabalho psíquico subversivo e violento: é o facto de, como a literatura indica, todas as dimensões psíquicas elementares serem convocadas, exigindo serem (re)pensadas, que constitui o aspeto subversivo da experiência da gravidez; e é o facto de tal acontecer a partir de uma alteração profunda do espaço psicossomático, provocada pela fecundação, no seu sentido fisiológico tanto quanto psíquico, que constitui o aspeto violento da experiência da gravidez. Como qualquer experiência, esta pode conduzir a expansões ou contrações do espaço mental. E pode ser recusada, evadida. Nesse caso, conduzirá à patologia, à expulsão abortiva, se não física decerto psíquica. A gravidez será, nesse caso, traumática. O seu sentido ficará fechado, invariante, não produzirá cadeias significantes vivas, em transformação.

2.7.1 A mente da grávida em transformação

A experiência da gravidez é então, neste trabalho, interrogada a partir da exigência psíquica que esta condição solicita à mulher grávida, enquanto potencial mudança catastrófica que, ao fazer coexistir dois no corpo de um desafia, de diversas formas, o aparelho para pensar pensamentos. Desta forma, as dimensões que a literatura psicanalítica assinalou como suscetíveis de reencenação conflitual são olhadas, a partir deste vértice de observação que é proposto, como experiências psíquicas a serem pensadas, como elementos β a serem transformados. Trata-se de observar a mente da grávida a alfabetizar essa experiência feita de inúmeras experiências: algumas comumente vividas – como o momento da descoberta ou confirmação da gravidez, o momento de partilha com o parceiro, com familiares, amigos e colegas, as consultas obstétricas, as ecografias, as primeiras perceções de movimento fetal, as escolhas de nomes, as opções em torno do conhecimento do sexo do bebé, a preparação da sua chegada... – e outras irredutivelmente singulares, feitas dos episódios da vida, dos sonhos e receios contidos na história e na mente da mulher grávida. Sentidos que são não só gerados mas transformados, porque nem a gravidez é uma experiência imóvel e homogénea no tempo, nem a mente gera sentidos estáticos: a grávida pensa os pensamentos da sua gravidez contendo e tolerando as experiências, o que permite dotá-las de significação afetiva; estas significações constituem-se como novas experiências a serem contidas, toleradas e articuladas, gerando novos significados, e assim sucessivamente. Trata-se, pois, de investigar

as cadeias de significação geradas pela grávida, interrogando a sua capacidade de *transformar e ser transformada* pelas experiências que a gravidez propõe.

Interessa, então, observar a forma como a grávida pensa os seus pensamentos, a forma como as funções PS \leftrightarrow D e ♀♂ operam sobre as diversas experiências da grávida, e também sobre essas dimensões essenciais do psiquismo assinaladas na literatura – os investimentos narcísicos e objetais, os núcleos identificatórios, as fronteiras psíquicas e corporais. Porque dizer, por exemplo, que as fronteiras entre a grávida e o feto se encontram diluídas, que o investimento do feto é inicialmente de cariz narcísico, objetalizando-se progressivamente, e que comporta necessariamente afetos ambivalentes, que se evidenciam e são potenciados na situação de exame ecográfico, apenas diz do *que* ocorre, apenas descreve as dimensões do psiquismo que estão em jogo; nada informa sobre a forma *como* estes acontecimentos psíquicos estão a ser experimentados, como a dor que comportam é tolerada ou evadida, transformada ou petrificada. O uso da experiência, como possibilidade transformadora ou como elemento intolerável a ser evadido, só pode ser compreendido na singularidade das cadeias simbólicas que testemunham as expansões ou contrações do sentido operadas pelos processos de pensamento.

Como observado ao ser explorado o modelo bioniano, a operação de subjetivação e significação da experiência, realizada pelas funções PS \leftrightarrow D e ♀♂, tem como resultado a produção contínua de cadeias simbólicas. Estas constituem o pensamento onírico que subjaz à construção de narrativas, quer no sonho quer na vida vígil, que dão enfim conta da forma como a mente transformou e foi transformada pela experiência. Assim, a operação das funções PS \leftrightarrow D e ♀♂ pode ser indiretamente observada a partir da análise do pensamento onírico que subjaz à construção destas narrativas. Utilizando a explicitação realizada das operações PS \leftrightarrow D e ♀♂ é possível então, em face de narrativas de mulheres grávidas, acompanhar os processos de dispersão e integração, de paciência e segurança em face da experiência da gravidez (PS \leftrightarrow D), e observar as modalidades de encontro entre continentes mentais e conteúdos a serem pensados (♀♂), procurando esclarecer a qualidade (os vínculos L, H e K) desses encontros entre a mente e os seus pensamentos, entre a grávida e as suas experiências. Em coerência com o modelo bioniano, e com as razões que sustentam o seu uso nesta investigação, é necessário que estas dimensões permaneçam suficientemente abertas, insaturadas, entendidas enquanto vértices de observação complementares, de forma a que possa ser o material narrativo produzido pelas grávidas a propor realizações, e não uma teoria previamente constituída a ser usada como pedra de roseta capaz de decifrar as histórias da

gravidez. É, enfim, necessário que os elementos bionianos sejam usados enquanto interrogações colocadas ao material e não como afirmações sobre o mesmo.

Interroga-se então: Como é que a grávida pensa os pensamentos da sua gravidez, como alfabetiza as diversas alterações corporais, psíquicas, relacionais que a gravidez convoca? Como é que a mente da grávida manuseia as experiências da gravidez, como as tolera, que oscilações vive entre processos dispersivos e integradores (PS \leftrightarrow D)? A grávida, metáfora concretizada do encontro entre ♀ e ♂, como se experimenta enquanto ♀, que ♂s manuseia e como, que vínculos estabelece, no seu psiquismo, entre um e outro? A dor mental que a violência da experiência comporta, é reconhecida e suportada ou recusada? Que espaço existe para a curiosidade? E como é que tudo isto vai ocorrendo nos momentos diferenciados que esta experiência comporta, no invisível início, na transformação exterior que se vê e nos movimentos interiores que se sentem, na proximidade do parto, de uma outra mudança catastrófica, imprevisível, mas talvez pensável? É isso que se procurará perceber e assim centrar o olhar na mulher grávida que pensa os pensamentos da sua gravidez. Poder-se-á, desta forma, alargar o conhecimento sobre os processos psíquicos da gravidez, e constituir um modelo de observação e compreensão apto a ser utilizado no trabalho clínico, face a necessidades específicas de prevenção e intervenção, ainda muitíssimo descuradas no nosso país no que à gravidez diz respeito. Um modelo atento quer à singularidade do momento, quer à forma como esta mudança catastrófica é subjetivamente experimentada na irreduzível singularidade de cada mulher, ao longo desses nove meses de gestação de um bebé, de uma mãe, e de múltiplos significados.

Sintetizando, argumenta-se que, ao revelar no corpo, de forma progressivamente evidente e inescapável a presença de um outro, objeto interno e externo, presente e ausente, simultaneamente, como nunca antes, a gravidez impõe ao pensamento uma exigência desmesurada e radicalmente diferente, uma *mudança catastrófica*. Propõe-se, então, observar e analisar os processos psíquicos da gravidez a partir de um modelo que, pela sua insaturação, permita a emergência do novo: do novo que é a experiência da gravidez, e do novo que é a experiência singular de cada gravidez. Entendem-se, assim, as alterações corporais, psíquicas e relacionais que pressionam a mulher grávida como elementos β , e *os processos psíquicos de transformação*, operados a partir dos elementos bionianos – a oscilação PS \leftrightarrow D, a relação e vínculos ♀♂ – como organizadores psíquicos capazes de os alfabetizar, simbolizar, sonhar, permitindo à grávida pensar a experiência da gravidez. Interessa, pois, interrogar a capacidade

da grávida de tolerar e conter as diversas vicissitudes pulsionais, identificatórias, fronteiriças ou corporais, e interessa verificar a possibilidade de manusear pensamentos, através das funções PS \leftrightarrow D e ♀♂ sobre estas dimensões. Os organizadores psíquicos que a literatura destaca são, desta forma, concebidos como invariantes de um processo transformacional violento precisamente pela novidade que encerra: a subversão de todos os pares de opostos – libido-agressividade; vida-morte; criação-destruição; narcisismo-objetividade; dentro-fora; interior-exterior; sujeito-objeto; integridade-diferenciação; masculino-feminino; materno-paterno; corpo-psique – que organizam o psiquismo, mas que devem agora ser reequilibrados, transformados, integrados e dotados de novos significados pela mulher que vive, sente e pensa a sua gravidez. É portanto propiciado um encontro entre o que foi já constituído na literatura psicanalítica e o modelo bioniano, considerando que os caminhos que têm sido descritos revelam possibilidades transformativas, cujo valor de aproximação à verdade afetiva ou de evacuação da experiência, de expansão ou contração do sentido, precisam ser compreendidos na singularidade das cadeias simbólicas que os sustentam. A gravidez, enquanto experiência de recreação das origens (Raphael-Leff, 1996) que se propõe ao pensamento para ser pensada, é assim entendida como uma experiência-esfinge, uma experiência enigmática que coloca a mulher face a si mesma, interrogando a sua fecundidade psíquica: quem é a mulher que transforma a sua gravidez, quem é a mulher que nascerá dessa transformação? É possível, desta forma, olhar, interrogar e pensar de uma nova forma a grávida que pensa a gravidez.

3. MÉTODO

Entre nós e as palavras há metal fundente

Mário de Cesariny

As decisões metodológicas que serão agora expostas fundam-se, antes de mais, no campo no qual a questão de investigação do presente trabalho se inscreve: a psicanálise. A mente humana, tal como concebida a partir da perspectiva psicanalítica – designadamente como campo de inscrição e articulação complexa e dinâmica entre duas lógicas distintas e incomensuráveis, a lógica do consciente e a lógica do inconsciente –, exige dispositivos de investigação próprios, que obedecem a uma racionalidade epistémica de coerência entre o objeto de estudo e as condições metodológicas de acesso, observação, análise e constituição de saber sobre o mesmo. O quadro e a técnica psicanalíticas, enquanto método de investigação do psiquismo humano, servem então de modelo, *mutatis mutandis*, a partir do qual é concebido o dispositivo de investigação que permite realizar uma investigação empírica sobre a mente da mulher grávida, num contexto diferenciado da intervenção terapêutica, mas que observe o essencial da articulação entre a ontologia e a epistemologia psicanalíticas. Um dispositivo que respeite as condições de emergência de um objeto psicanalítico, providencie as condições de observação e estudo do mesmo, e garanta as condições de justificação do conhecimento assim gerado (Rosado, Neves & Marques, 2015)⁴. É, nesse sentido, e antes de mais nada, um dispositivo de investigação *psicanaliticamente informado* (Cartwright, 2004; Frosh & Young, 2008; Hollway, 2004, 2015; Hollway & Jefferson, 2000; Kvale, 2003). Os diversos aspetos da investigação que passarão, agora, a ser detalhados radicam, irredutivelmente, nesta conceção da subjetividade humana a partir da qual é observado o processo transformativo da mente da mulher gestante.

⁴ Uma explicitação e discussão aprofundadas sobre a conceção do objeto psicanalítico bem como sobre as condições de acesso, constituição e justificação de saber sobre o mesmo pode ser encontrada no nosso artigo, *Inquietante Scientia: Pensar o campo epistemológico da psicanálise* (Rosado, Neves e Marques, 2015).

3.1 Caracterização da investigação

A investigação aqui delineada define-se como uma investigação qualitativa, narrativa, longitudinal e ideográfica. A investigação qualitativa, campo amplo e diversificado, tem em comum o facto de ser particularmente adequada a pesquisas norteadas por questões relacionadas “with meaning [...] with the quality and texture of experience. [...] The objective of qualitative research is to describe and possibly explain events and experiences, but never to predict. [...] [Qualitative researchers] ask questions about processes”(Willig, 2008, pp. 8-9). A investigação narrativa, enquanto subcategoria da investigação qualitativa (Chase, 2003; Josselson, Lieblich & McAdams, 2003), permite, simultaneamente, estudar e dar voz ao processo de significação da experiência singular (Chase, 2003; Willig, 2008). Na introdução ao terceiro volume da série *The Narrative Study of Lives*, Josselson e Lieblich (1995) explicitam:

The ultimate aim of the narrative investigation of human life is the interpretation of experience. [...] Narrative approaches to understanding bring the researcher closely into the investigative process than do quantitative and statistical methods. Through narrative, we come in contact with our participants as people engaged in the process of interpreting themselves. We work with what is said and what is not said, within the context in which life is lived and the context of the interview in which words are spoken to represent life. We then must decode, recognize, recontextualize, or abstract that life in the interest of reaching a new interpretation of the raw data of experience before us. (p. ix)

A experiência da gravidez, abordada e interrogada enquanto processo psíquico transformativo de subjetivação e significação, constitui-se assim, em primeiro lugar, como objeto de estudo qualitativo e narrativo: efetivamente, o acesso a tal processo é, necessariamente, mediado pela observação, descrição e análise interpretativa das cadeias associativas da mulher grávida, as quais tomam a forma de narrativas geradas numa relação intersubjetiva estabelecida com a investigadora.

Em segundo lugar, a experiência da gravidez é, por definição, temporalizada, interna e externamente, pelo que o seu estudo requer, desde logo, um dispositivo longitudinal, isto é, um dispositivo que promove observações em mais do que um momento temporal (Lewis, 2003; Yin, 2009). Tratando-se de um estudo do processo transformativo em curso, esse desenho de investigação é duplamente justificado, uma vez que, como explicitado por White, Woodfield e Ritchie (2003), “longitudinal research [...] aims to look at change over time” (p.297).

Finalmente, o foco da investigação incide sobre a experiência individual, singular e irrepetível da mulher grávida, interrogando a forma como experimenta, psiquicamente, os diversos aspectos da sua gravidez. O estudo de caso é, precisamente, o desenho apropriado para a investigação aprofundada de questões complexas e multifacetadas, permitindo interrogar *como* ocorrem processos relativos a um determinado fenómeno (Barlow & Nock, 2009; Willig, 2008; Yin, 2009). A presente investigação inscreve-se nessa linhagem da psicologia que valoriza “studying people rather than variables” (Josselson, 1993, p. xiii), considerando que “a psychology that does not take as its enterprise the study of whole human beings, in context, in time, is no psychology at all” (Josselson, 1995, p.28). A ideia de que o estudo de caso possuiria, intrinsecamente, uma menor validade enquanto desenho de investigação não é, efetivamente, sustentável: como argumenta Yin (2009) o estudo intensivo de um único caso não permite a generalização estatística, isto é, a generalização de características populacionais, porém admite e suporta a generalização de proposições teóricas. Efetivamente, recorda Kvale (2003), diversos foram os progressos teóricos fundados em estudos de caso, não apenas na psicanálise mas também, por exemplo, na antropologia. O presente trabalho opta por um desenho de múltiplos casos (Yin, 2009), designadamente, opta por apresentar, analisar e discutir três estudos de caso.

Assim, sistematizando, foi concebido um dispositivo de investigação psicanaliticamente informado, que permitisse observar e analisar a experiência psíquica de significação da mulher grávida, através das narrativas por ela geradas ao longo dos três trimestres da sua gravidez. A recolha de tais narrativas foi possível com recurso a três instrumentos narrativos – a Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI – Free Association Narrative Interview), o Rorschach e uma versão reduzida do Teste de Apercepção Temática (TAT) – propostos em três momentos da gravidez, coincidindo com o final de cada trimestre gestacional. É a totalidade *possível* (porque há sempre inescapavelmente o que se perde, o que se escolhe, o que se não vê, o que se não reconhece, o que se não abarca) dessas narrativas e do contexto relacional em que as mesmas foram geradas, comunicadas e recebidas que constitui o conjunto dos dados empíricos a partir dos quais se explora a gravidez de três mulheres – Eva, Petra e Rebeca –, revelando a forma irredutivelmente singular como cada uma vive, pensa e gera sentido(s) sobre essa experiência catastrófica que é convocada a subjetivar e significar.

3.2 Participantes e seleção dos casos de estudo

Participaram, nesta investigação, cinco mulheres, com idades compreendidas entre os 23 e os 36 anos, residentes em Lisboa ou nos concelhos limítrofes da capital, e naturais de diversas regiões do país. Possuíam, todas, educação de nível superior.

O contacto, realizado no primeiro trimestre de gestação, foi estabelecido através de um anúncio colocado a circular nas redes sociais digitais, designadamente e-mail e facebook (ver anexo 4). Neste anúncio era pedida a participação de mulheres que se encontrassem grávidas pela primeira vez, maiores de 21 anos, com um máximo de 12/13 semanas de gestação, disponíveis para três encontros ao longo da gravidez e, finalmente, sem fatores de risco no início da gestação.

A investigação foi inicialmente apresentada a duas médicas obstetras, sendo-lhes pedido que convidassem pacientes suas a participar na investigação. Apesar da explicitação cuidadosa dos critérios de seleção enunciados acima (a que se acrescentava, expressamente, a inexistência de perturbações psicológicas; ver anexo 5), a grande maioria das mulheres referidas não se enquadravam nos mesmos ou, enquadrando-se, acabavam por não aceitar participar quando contactadas. Duas mulheres (além das cinco acima referidas) chegaram a ser entrevistadas, mas a não conformação aos critérios, tornada patente apenas na entrevista, ditou a não utilização do material que, ainda assim, foi recolhido e arquivado; é ainda importante referir que uma destas mulheres foi a única que desistiu da investigação, tendo permitido apenas a realização de dois dos três encontros previstos. Ao fim de quatro meses, revelando-se esta estratégia de contacto com potenciais participantes ineficaz, foi posto a circular o referido anúncio que acabou por se revelar um meio de recrutamento mais eficiente: em pouco tempo cinco mulheres entraram em contacto comigo ou forneceram os seus contactos, declarando aceitar participar na investigação. Os critérios de inclusão foram verificados nos primeiros contactos telefónicos e na primeira entrevista. Duas das mulheres que aceitaram participar referiram ter, em algum momento da vida, consultado um psicólogo. No entanto não existia história psiquiátrica no sentido mais circunscrito e significativo do termo e nenhuma se encontrava, no momento da investigação, em terapia.

O racional por detrás dos critérios de inclusão acima descritos consiste no afastamento de variáveis etárias e/ ou clínicas – as gravidezes adolescentes, as gravidezes tardias (não estando expresso um limite de idade, este acabava por se verificar pelos riscos associados a gravidezes de mulheres acima dos 40 anos), as gravidezes de risco biológico e as gravidezes

associadas a história psiquiátrica – que interferissem significativamente no processo transformativo posto em curso pela gravidez, potenciando-o ou dificultando-o. Procuraram-se, assim, brincando com a expressão winnicottiana, *grávidas suficientemente normais*, demanda que acomodava dois propósitos: antes de mais para que fosse possível proceder a uma observação longe do quadro específico, e por si mesmo regressivo, de um processo psicoterapêutico em curso; mas sobretudo para que, expondo o carácter ilusório e falacioso dessa demanda, se pudesse observar o carácter perturbador, todavia não patológico, desta vivência, formulado na premissa deste trabalho de que a gravidez pode ser conceptualizada como uma mudança catastrófica. Finalmente, tendo em conta essa mesma conceptualização e o interesse pela novidade da experiência que se apresenta à mente, escolheu-se estudar apenas mulheres que pela primeira vez viviam uma gravidez.

Terminada a recolha dos dados junto das participantes, foi realizada uma seleção dos três estudos de caso que constituem o presente trabalho: Eva, Petra e Rebeca (uma apresentação mais pormenorizada destas participantes consta da introdução a cada um dos estudos). Esta seleção foi realizada exclusivamente a partir do material projetivo (os protocolos Rorschach e TAT recolhidos nos três trimestres das cinco mulheres grávidas), que foi alvo de uma primeira leitura e análise no grupo de intervenção constituído para esta investigação e que, como será explicitado, analisou posteriormente e em profundidade todo o material recolhido. Foram selecionados os casos cujos protocolos revelavam maiores diferenças em termos de estrutura e mobilidade psíquica, isto é, procuraram-se grávidas cuja personalidade fosse bastante diferenciada e cujo processo de transformação, ao longo da gravidez, apresentasse diferenças significativas.

Esta seleção foi necessária (1) dado o volume do material recolhido, (2) a impossibilidade de o trabalhar todo nas condições requeridas (ver abaixo procedimentos de análise) e (3) a impossibilidade de, respeitando os limites de espaço e os prazos temporais deste tipo de trabalho, apresentar, analisar e discutir o material na extensão que faz justiça à complexidade e riqueza do modelo de observação. Assim, três foi considerado o número máximo de estudos de caso para que fosse razoável respeitar os prazos e limites de um trabalho doutoral e a disponibilidade de terceiros envolvidos (designadamente aqueles que asseguraram o grupo de discussão dos dados); mas foi também considerado o número mínimo para que se pudesse tornar saliente o método esboçado e a sua potencialidade de análise fina e minuciosa das singularidades das vivências subjetivas, tornando também possível verificar da ocorrência de invariantes em face das diferenças.

3.3 Procedimentos de recolha dos dados

Foram promovidos três encontros com cada uma das participantes da presente investigação, encontros esses coincidentes com o término de cada um dos trimestres de gestação. O primeiro encontro realizou-se sempre entre as 11 e as 14 semanas de gestação, o segundo entre as 25 e as 26 semanas e o terceiro entre as 36 e as 37 semanas.

No primeiro contacto direto (por telefone ou e-mail) com cada uma das participantes foi apresentado o objeto da investigação em termos latos – “a experiência psicológica da primeira gravidez” – e explicitado que a participação envolveria três encontros presenciais com a investigadora, nos três trimestres da gravidez, com a duração média de 2h. As participantes foram também informadas que os encontros consistiriam numa entrevista, que com a sua autorização seria gravada em registo áudio, a que se seguiria a proposta de realização de “duas tarefas a partir de material próprio da psicologia”. Estas e outras questões – como o carácter voluntário da participação, a confidencialidade dos dados, bem como a disponibilidade da investigadora para um encontro com as participantes posterior ao término da investigação e à comunicação dos seus resultados gerais – foram explicitadas na Carta de Consentimento Informado (anexo 6), que foi entregue a cada uma das participantes no início do primeiro encontro, acompanhada do pedido para que a lessem, esclarecessem qualquer dúvida e assinassem. Uma cópia da carta foi oferecida às participantes.

Os encontros foram realizados num local preparado para o efeito pela investigadora (uma sala mobilada com uma pequena mesa, duas cadeiras, um sofá e uma mesa de apoio), ou na residência das participantes, conforme as suas escolhas.

Em cada encontro foi conduzida uma Entrevista Narrativa de Associação Livre e foram aplicadas duas provas projetivas, o Rorschach e o Teste de Apercepção Temática, este último numa versão reduzida. No último encontro, após a realização destas provas, foi pedido às participantes que falassem um pouco sobre a sua participação na investigação. Após esse último momento foi oferecida uma lembrança às participantes – um pequeno fantoche em peluche, apropriado para brincar com os bebés – como agradecimento simbólico pela sua disponibilidade. Foi também pedido que, se considerassem oportuno, me informassem sobre o nascimento.

O gravador áudio acionado no início da entrevista, com o consentimento das participantes, era desligado após a conclusão das provas projetivas. Um momento de diálogo já não registado pelo gravador foi sempre proporcionado em seguida, permitindo às

participantes falar sobre a forma como se tinham sentido durante a entrevista e as provas e, eventualmente, partilhar algo mais. Este momento, previsto no desenho da investigação, tinha como objetivo principal dar espaço às participantes para falarem de possíveis desconfortos introduzidos pela recolha de dados, de forma a que um trabalho de contenção psicológica pudesse, quando necessário, ser realizado; mas, também, possibilitar um momento diferenciado, menos formalizado, sem gravação, que pudesse ser acrescentado aos restantes dados recolhidos. Após a conclusão do encontro eram registadas, imediatamente, anotações sobre esse momento final de interação. Eram igualmente registadas um conjunto de observações sobre o encontro, tendo em consideração uma lista de indicadores anteriormente estabelecidos, designadamente: descrição da chegada da participante e das primeiras interações e impressões nesse contacto inicial; perceção da entrevistadora sobre o encontro, identificação de aspetos salientes da interação com as participantes (ritmo do diálogo, voz, posturas corporais, olhar ou outras particularidades notadas); sensações, pensamentos e fantasias durante a entrevista, imediatamente após, ou nos dias subsequentes. Estes indicadores foram sempre usados como vértices de observação possíveis, não como listagem para a realização de descrições exaustivas.

Todo o material conservado em registo áudio foi integralmente transcrito. As reflexões, perplexidades ou particularidades notadas durante as transcrições foram igualmente assinaladas. Este cuidado com o registo das impressões da entrevistadora/investigadora prende-se com a possibilidade de fazer uso deste material enquanto testemunho de processos contratransferenciais, compreendidos como informativos sobre a dinâmica do encontro e, conseqüentemente, dos processos psíquicos das participantes (Devereux, 1967/1980; Hollway & Jefferson, 2000).

3.4 Os instrumentos como objetos transformacionais

Os instrumentos escolhidos – a FANI, o Rorschach e o TAT – têm em comum o facto de proporcionarem situações que, respeitando o essencial de um quadro capaz de potenciar a emergência de um objeto psicanalítico, permitirem uma comunicação intersubjetiva observável enquanto testemunho dos processos de significação subjetiva de um sujeito em face de uma experiência e, mais especificamente, da mulher grávida em face da experiência da sua gravidez. Efetivamente, os três instrumentos estabelecem uma situação na qual a grávida é convidada a expressar-se *livremente*, constituindo *cadeias associativas*, no seio de uma relação intersubjetiva, isto é, num *campo transfero-contratransferencial*. Oferecendo-se

como situação transformativa, na medida em que solicitam a *constituição e comunicação de objetos significantes* (as histórias da gravidez na entrevista, as representações no Rorschach e as narrativas no TAT), estes instrumentos providenciam, portanto, diferentes ângulos de observação dos processos transformativos em curso na mente da grávida.

Na medida em que há uma enorme amplitude de liberdade para a mulher grávida se expressar, cabendo-lhe tolerar essa liberdade, selecionar factos e assim configurar objetos e dotá-los de significação, as situações criadas pela aplicação dos instrumentos constituem-se, desde logo, como campo de oscilação entre processos dispersivos e processos integrativos. Desta forma, estas situações-instrumentos oferecem-se como continentes relacionais nos quais os conteúdos mentais da mulher grávida podem ser manuseados e explorados e, dessa forma, observados. Simultaneamente, na medida em que os instrumentos se oferecem como conteúdos a serem contidos e transformados pela grávida, permitem a observação da operação da função continente das participantes. A forma como a grávida experimenta estas situações, como as tolera, como as organiza, como comunica dá enfim conta, na especificidade de cada uma e no conjunto, da forma como a sua mente transforma a experiência, como tolera o seu impacto, o reconhece e elabora, como, enfim, se relaciona com a tolerância à dor e a verdade psíquica ao longo dos três trimestres de experiência da gravidez.

As narrativas produzidas apresentam-se, pois, como veículos de expressão do pensamento onírico inconsciente das participantes, testemunhando os processos de alfabetização da experiência afetiva da gravidez. Os três instrumentos são assim concebidos, à luz da Teoria das Transformações, como vértices de observação dos processos de significação da experiência operados pela mente da grávida. Distinguem-se pela forma como desencadeiam esses processos, permitindo uma recolha de dados ampla, suscetível, por um lado, de iluminar áreas diferentes – a cena psíquica da gravidez enquanto narrativa diretamente solicitada na entrevista; a forma de constituir representações com recurso aos núcleos identitários e identificatórios pressionados pela gravidez, no Rorschach; a forma de manusear as representações das relações objetais igualmente pressionadas pela gestação, no TAT –; e, por outro lado, suscetível de iluminar a mesma área mas de formas diferentes – por exemplo, a representação de corpo é uma das áreas de exploração quer da entrevista quer das provas projetivas, sobretudo do Rorschach, porém na primeira essa exploração surge em discurso direto sobre as alterações perceptíveis, sensíveis, visíveis, enquanto no Rorschach, através da identificação projetiva, essa exploração é mais velada, todavia também mais próxima da representação ideogramática inconsciente. Esta articulação e sobreposição de

campos permite uma triangulação dos dados essencial para a configuração de um quadro amplo, rico e complexo (Hollway & Jefferson, 2000; Ponterotto, 2014; Willig, 2008; Yin, 2009). Um quadro o mais fiel possível ao psiquismo das participantes em torno das quais se constituem os estudos de caso da presente investigação, entendidos como ilustração de um modelo de observação, análise e compreensão das transformações psíquicas da gravidez.

Apresentam-se, em seguida, cada um dos instrumentos, fazendo referência breve à sua história, ao seu uso clássico mas, sobretudo, à forma como, na sua especificidade, foram usados e adaptados para a recolha de dados da presente investigação.

3.5 A Entrevista Narrativa de Associação Livre

Desenvolvida por Hollway e Jefferson (2000, 2008), a Entrevista Narrativa de Associação Livre consiste num instrumento de investigação concebido para facilitar e potenciar testemunhos cujos conteúdos veiculem, com a maior riqueza possível, a experiência subjetiva dos entrevistados em face dos temas propostos. Como explicitam os seus autores, a FANI é um instrumento de investigação psicanaliticamente informado, uma vez que, na sua conceptualização, condução e procedimentos de análise, recorre a um conjunto de pressupostos e ferramentas desenvolvidas no seio da teoria, técnica e práticas psicanalíticas, que adapta ao contexto da investigação empírica.

A FANI parte da valoração crescente, sobretudo nas ciências humanas, das narrativas enquanto “the primary form by which human experience is made meaningful” (Polkinghorne, 1988, p. 1). Todavia, a partir da psicanálise, acrescenta o reconhecimento de que todo o sujeito é um *sujeito defendido*, não apenas em face do outro mas de si mesmo e que, portanto, o significado subjetivo das suas vivências não é acessível de forma *transparente e linear*. Os autores propõem assim um dispositivo de entrevista que facilite a construção de uma narrativa que se aproxime, o mais possível, da associação livre tal como esta é conceptualizada na psicanálise: enquanto método de exploração dos processos defensivos, pela promoção de narrativas que permitam destacar as cadeias significantes através da análise das associações, lapsos, incongruências, silêncios, etc., que se estabelecem entre conteúdos psíquicos livremente evocados, mas também através da atenção às dinâmicas intersubjetivas.

Desta forma, ainda segundo os autores, na condução deste tipo de entrevista o entrevistador é compreendido como indutor de histórias, como um facilitador da narrativa do entrevistado. Para isso, a formulação das questões e a condução da entrevista obedecem a

alguns princípios: as perguntas devem ser o mais abertas possíveis, devem induzir histórias utilizando tópicos narrativos, devem evitar “porquês” e devem seguir as associações do entrevistado, usando a ordem e fraseamento dos mesmos. Algumas questões e/ou tópicos de exploração são preparados previamente, respeitando os critérios enunciados, cabendo depois ao entrevistador seguir as associações do entrevistado para constituir novas questões, sempre na mesma lógica aberta e narrativa.

Os autores apresentam ainda um conjunto de orientações relativamente à análise dos dados assim recolhidos. Estas orientações fundam-se no racional de escuta psicanalítico, designadamente na importância da atenção flutuante, da análise dos processos defensivos, na atenção aos aspetos contratransferenciais; seguindo aqui não apenas a psicanálise mas também a Teoria da Gestalt e o Estruturalismo, os autores sublinham também a importância do contexto, do todo, na compreensão das partes, renunciando a procedimentos de análise que realizem reduções e cortes do material com vista à sua simplificação. O material narrativo (incluindo as anotações posteriores do entrevistador) deve então ser abordado através de um processo de atenção e reflexão sistemática em torno das questões: “what do we notice? why do we notice what we notice? how can we interpret what we notice?” (Hollway & Jefferson, 2000, p.55). Este processo implica manter sempre em mente, como os autores advertem, o contexto global, observando as conexões mas também as contradições, e promovendo um diálogo reflexivo entre a teoria psicanalítica, o material e a sensibilidade do(s) intérprete(s). Finalmente, Hollway (2008, 2015) propõe que os dados sejam objeto de discussão alargada em grupos de intervenção/supervisão, de forma a ampliar e validar as reflexões sobre o material, os aspetos contratransferenciais e as interpretações propostas.

3.5.1 A Entrevista Narrativa de Associação Livre e as transformações na gravidez

Na presente investigação, a primeira entrevista era aberta com a simples indicação “*o que lhe peço é que me conte a história da sua gravidez*”. Nas segundas e terceiras entrevistas a fórmula variava apenas minimamente: “*o que lhe peço é que me conte como tem continuado a história da sua gravidez*”. Desta forma, o diálogo era iniciado com as participantes sem induzir quaisquer aspetos ou temáticas, esperando que fosse a grávida a fazê-lo e seguindo-a depois. Novas interrogações eram colocadas apenas quando o curso associativo terminava, e eram formuladas a partir de temas já enunciados, ou a partir de questões amplas (por exemplo, “*que outros episódios/alterações/sensações/sentimentos/pensamentos significativos destaca?*”), procurando relançar o processo associativo. Alguns tópicos de exploração

estavam definidos previamente (anexo 7), não como questões a serem colocadas independentemente da narrativa das participantes, mas como temas a explorar com maior minúcia apenas após terem sido abordados mais ou menos diretamente pelas participantes, nunca antes. No essencial, esses tópicos remetem para dimensões e experiências que a literatura indica como relevantes no estudo da experiência da gravidez, que interessava explorar fora do contexto clínico e a partir de um foco singularizante e transformativo. Na última entrevista, após a conclusão das provas projetivas, era interrogada a experiência de participação na investigação através de um conjunto de questões (anexo 7) que davam às participantes a possibilidade de se pronunciarem sobre o que tinham vivido comigo.

Depois de cada entrevista, seguindo a metodologia descrita por Hollway e Jefferson (2000), e como já explicitado acima na descrição dos procedimentos de recolha de dados, eram realizadas anotações relativas ao encontro, descrevendo os momentos não registados em áudio, assim como as impressões, sensações e reflexões originadas durante ou após a entrevista.

A análise do material narrativo seguiu as orientações gerais dos autores, com algumas nuances, focos e alterações que serão apontadas na secção de descrição e reflexão sobre os procedimentos de análise dos dados.

3.6 O Rorschach

A prova projetiva Rorschach, concebida por Hermann Rorschach em 1921, consiste numa situação na qual é pedido a um sujeito que interprete, livremente, dez manchas de tinta que configuram imagens ambíguas. A obra de H. Rorschach (1947/2001) e a prova por ele concebida deu origem a um conjunto de trabalhos que, na Europa e nos EUA, procuraram articular de forma sistemática os conhecimentos psicanalíticos com esta técnica particular.

Do lado de lá do atlântico sublinha-se o trabalho de Schafer e, mais recentemente, de Lerner, e na Europa os de Anzieu, Chabert e Trautenberg. Schafer (1954) destaca as dinâmicas interpessoais que enquadram a situação do teste, e estabelece coordenadas interpretativas apoiadas na análise temática relativamente ao desenvolvimento psicosexual e na análise dos processos defensivos. Lerner (1998) sintetiza os trabalhos americanos de matriz psicanalítica, e integra na teoria Rorschach as conceptualizações psicanalíticas pós-freudianas em torno das relações de objeto, do narcisismo e das organizações borderline.

Na Europa, a Escola Francesa (Anzieu & Chabert, 1961/2004; Chabert, 1997/2003, 1998/2000; Trautenberg, 1970, 1983a, 1983b) tem compreendido a situação Rorschach como

mobilizadora de interações entre percetos e fantasmas, e organizado a leitura interpretativa do material a partir de uma compreensão dos fatores de cotação (modos de apreensão, determinantes e conteúdos) iluminada pela metapsicologia freudiana. Esta abordagem privilegia a descrição estrutural, com particular atenção, para fins de diagnóstico diferencial, à inscrição de preocupações identitárias ou identificatórias.

Uma outra lógica tem emergido de trabalhos mais recentes (Cunha, 2015; Gavancha & Marques, 2009; Marques, 1996, 2001; Teixeira & Marques, 2009), procurando constituir aproximações ao Rorschach a partir do modelo bioniano, focado já não na *estrutura* mas nos *processos* e nas transformações. Marques (2001) sublinha a possibilidade de apreciar, através da análise do processo-resposta Rorschach, a atividade mental do sujeito em face da situação intersubjetiva que a prova propõe, “uma atividade de *ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto* [sublinhado da autora]” (p. 303). A significação da mancha veicula, desta forma, o processo pelo qual o sujeito cria e recria o objeto, “renovando o próprio sujeito” (p.304). O processo-resposta Rorschach assim entendido dá conta da forma como, ao encontrar-se com a mancha, o sujeito é capaz de tolerar a dispersão, proceder a integrações, constituindo continentes para os conteúdos emocionais evocados pela situação intersubjetiva que lhe é proposta (Cunha, 2015; Gavancha & Marques, 2009; Teixeira & Marques, 2009). Fazendo uso do modelo bioniano aplicado ao Rorschach, Marques (1996, 2001), Gavancha e Marques (2009) e Cunha (2015) exploram os processos psíquicos de transformação da mente adolescente, respetivamente, os processos de simbolização, o *conflito estético* e os organizadores *techne* e *campo*. Teixeira & Marques (2009) usam este modelo para estudar a ação do *buraco negro* na patologia limite.

O conjunto destes trabalhos constitui a base a partir da qual será usado, na presente investigação, o instrumento, procedendo a extensões e ampliações teóricas que permitam adequá-lo ao objeto de estudo. A ilustração do material e a descrição dos procedimentos de aplicação e cotação da prova podem ser consultados em anexo (mais precisamente, no anexo 8). Na secção que se segue explorar-se-ão de forma sintetizada esses vetores enquanto iluminados pela perspectiva que informa a investigação, a Teoria das Transformações.

3.6.1 A situação Rorschach e as transformações na gravidez

A situação Rorschach, compreendida como encontro da mulher grávida com um objeto a ser transformado pelo pensamento, permite uma observação minuciosa dos processos que sustentam essa transformação, que a potenciam e que a dificultam: a oscilação PS \leftrightarrow D e a relação e vínculos ♀♂. Assim, o objeto-mancha Rorschach, na sua ambiguidade, mas também na sua realidade formal e sensorial, é proposto como uma experiência a ser pensada, um elemento β a ser alfabetizado, um objeto a ser manuseado, subjetivado e significado.

Esta transformação implica, antes de mais, a possibilidade de tolerar a incerteza e a dispersão tão agudamente inscritas na ambiguidade das manchas Rorschach. Porém, implica também a possibilidade de superar essa dispersão e proceder a integrações, a partir de factos seleccionados, abandonando possibilidades e investindo outras. Este movimento de tolerância a PS e de aproximação a D permite a emergência de um objeto-representação cuja definição, adequação perceptiva (formal e ou sensorial) e estabilidade testemunham a qualidade do processo de integração realizado. A possibilidade de, em seguida, prosseguir na exploração do objeto, aceitando perder o que foi encontrado, e mesmo aceitando prescindir de partes da mancha em benefício de outras, de forma a constituir novas representações, dá conta da capacidade oscilatória entre os processos de dispersão e integração e, por isso, da mobilidade do pensamento. O curso associativo testemunhará da qualidade elaborativa dessa mobilidade.

Observado a partir de outro vértice, este processo implica um encontro entre a função ♀ do sujeito em face do ♂ mancha, um encontro que é ele mesmo ♂ de ♀ mais vastos: a situação Rorschach como quadro intersubjetivo, a experiência da gravidez enquanto pano de fundo no qual, neste caso específico, esse encontro intersubjetivo, mediado pelo objeto-mancha, ocorre. A qualidade da experiência relacional – a relação, vincular, ♀♂ que emerge no Rorschach enquanto microcosmos no qual, em identificação projetiva, é refletida a experiência da mulher grávida – transparecerá, assim, no significado inscrito no objeto-representação e na cadeia associativa dos mesmos. O Rorschach propõe-se, pois, como situação que solicita, permite a observação e ilumina a operação dos processos transformativos que, na gravidez, sustentam a apropriação e significação da experiência vivida pela mulher gestante.

Além destas considerações que incidem sobre a situação Rorschach no seu conjunto e que visam justificar o seu uso como veículo de expressão e leitura dos processos transformacionais da mulher grávida, é possível explorar as características específicas do

material enquanto solicitações latentes que decorrem das características manifestas do estímulo.

Dada a sua configuração, os cartões unitários e fechados (I, IV, V e VI), pela sua organização compacta, inteira e unificada são classicamente concebidos como solicitações à projeção da representação de si e da vivência corporal (Chabert, 1997/2003). Interrogam, assim, do ponto de vista da Teoria das Transformações, a solidez dos processos integradores e a função ♀, enquanto envelope psicossomático particularmente pressionado pela experiência da gravidez. Os conteúdos evocados pelas respostas informam sobre os traços que caracterizam a experiência de si enquanto continente da mancha, por um lado, da experiência da gravidez, por outro e da própria situação intersubjetiva na qual se cruzam e se comunicam estas dimensões. Por outro lado, os cartões bilaterais e abertos (II, III, VII e VIII) são tradicionalmente compreendidos enquanto solicitando representações relacionais (Chabert, 1997/2003). Numa perspectiva complementar, informada pela Teoria das Transformações, estes cartões solicitam particularmente a capacidade de tolerar a dispersão. Tendo em conta ambas as perspectivas, estes cartões permitem observar a forma como a mulher grávida manuseia estas solicitações, também elas inscritas, de forma particularmente aguda, na experiência da gestação que convoca a mente a tolerar, pensar e significar a relação necessariamente dispersiva que se estabelece, no interior do seu corpo e da sua mente, entre eu e não-eu.

A presença da cor nos cartões Rorschach é também um elemento de diferenciação relativamente às solicitações dos cartões. Tradicionalmente, o negro, os esbatimentos cinza e o branco (cartões I, II, III, IV, V, VI e VII) remetem com maior facilidade para afetos mais disfóricos e/ou depressivos, o vermelho para a expressão pulsional agressiva e/ou libidinal (cartões II e III), enquanto o pastel solicita afetos mais regressivos e disruptivos ou mais modulados, agradáveis e ternos, dependendo da forma como a dispersão destes cartões é experimentada e como as diferenciações que as cores permitem são articuladas (Chabert, 1997/2003). Assim, as integrações explícitas ou implícitas da cor nas respostas Rorschach são particularmente aptas a expressar os vínculos L e H, ou revelar a defesa ou mesmo a recusa relativamente à experiência e comunicação dos mesmos. A articulação entre essa expressão e os ♀ e ♂ convocados nas respostas permite dar conta da forma como a grávida manuseia, na relação consigo e com os seus objetos, os afetos que a povoam e que são desencadeados pela experiência da gravidez, pelo encontro com as solicitações dos cartões, e pela relação intersubjetiva na qual as sequências associativas são formadas e comunicadas.

Finalmente, alguns dos cartões são particularmente propensos a desencadear representações sexuadas (particularmente os cartões II, VII e IX no que respeita a representações femininas/maternas e os cartões IV, VI a representações masculinas/paternas), muito embora as manchas Rorschach integrem consistentemente referências capazes de refletirem “a noção fundamental de bissexualidade psíquica” (Chabert, 1997/2003, p.81). Nesse sentido, estes cartões são tradicionalmente concebidos como suscetíveis de se constituírem como testemunho dos processos identificatórios (Chabert, 1997/2003). Relidas essas solicitações latentes à luz da Teoria das Transformações e aplicadas à experiência da mulher grávida, na qual os processos identificatórios são convidados a uma reorganização, as sequências associativas produzidas face a esses cartões remetem para a relação e vínculos da gestante com as dimensões psíquicas ligadas ao feminino/materno/♀ e ao masculino/paterno/♂.

É importante notar que a possibilidade de fazer uso diferenciado das diversas solicitações é, em si mesma, testemunho de capacidades transformadoras. No entanto, inversamente, a possibilidade de não ser excessivamente condicionado pelas características do material é igualmente relevante. A boa comunicação (PS↔D) e a boa relação (♀♂) com a mancha enquanto objeto-experiência transformável é aquela que, no processo de apropriação subjetiva, articula de forma equilibrada a realidade do objeto e a realidade psíquica do sujeito. A instrução que desencadeia a comunicação com o material e com o investigador é precisamente um convite a esse equilíbrio entre PS↔D e entre ♀♂: “*vou mostrar-lhe dez cartões e o que peço é que [entrega do primeiro cartão, com a imagem virada para cima] me diga o que é isto poderia ser, o que é que poderia imaginar a partir daqui*” (esta formulação usada foi constituída a partir das propostas de Rorschach, 1947/2001, de Anzieu & Chabert, 1961/2004 e de Chabert, 1997/2003, ver anexo 8). Efetivamente, o pedido formulado estabelece um continente, delimitado (“*dez cartões*”), que baliza o encontro com um conteúdo (“*isto*”) cuja ambiguidade precisa de ser tolerada para que, posteriormente, possa ser integrada, conduzindo à construção e comunicação (“*me diga*”) de uma representação portadora de um sentido (“*o que poderia ser*”) subjetivo (“*imaginar*”). O encontro com a situação Rorschach oferece-se, portanto, como expectativa vazia, insaturada, passível de transformação criadora. As representações constituídas podem, dessa forma, ser abordadas enquanto sequência associativa e enquanto conjunto global (dado a ver na organização quantitativa fornecida pelo psicograma), que expressa as vicissitudes desse processo transformacional, ao longo dos três trimestres da gestação.

3.7 O Teste de Apercepção Temática

O Teste de Apercepção Temática, criado por Murray em 1935, consiste numa situação na qual é pedido a um sujeito que *imagine uma história* face a diversos cartões, nos quais figuram personagens, objetos e ou paisagens. Na versão original, o material, composto por trinta e uma imagens (divididas em séries a serem aplicadas a homens e mulheres adultos e a rapazes e raparigas maiores de dez anos), era apresentado aos sujeitos, sendo-lhes pedido que imaginassem uma história, rica e pormenorizada, que contemplasse o presente, o passado e o futuro, e que referisse os sentimentos dos personagens envolvidos (Anzieu & Chabert, 1961/2004; Shentoub et al., 1990/1999). Pressupondo uma identificação do sujeito a uma personagem, tomada como *herói*, a narrativa era interpretada como a projeção direta dos conflitos do sujeito, destacável a partir da análise dos conteúdos (Shentoub et al., 1990/1999). Seguiram-se, nos EUA, algumas propostas que reorganizando os procedimentos de análise não contestavam, na sua maioria, a terminologia e metodologia de Murray (Shentoub et al., 1990/1999).

Uma alteração profunda na forma de compreender o material foi proporcionada pelo trabalho de Schafer (1967), *How was this story told?*, ao reconfigurar o foco de atenção do conteúdo das histórias para a forma como estas eram narradas. Esta ideia é também a que subjaz à proposta da Escola Francesa. Shentoub e a sua equipa (1990/1999) constituíram, ao longo de vários anos, uma nova abordagem da situação TAT, reconfigurando o seu significado, as suas possibilidades e a sua análise interpretativa, numa construção integrada e coerente, em todo o seu alcance, com a metapsicologia e a psicopatologia psicanalítica. Desta forma, a Escola Francesa propõe, à semelhança do Rorschach, que a situação TAT seja compreendida enquanto situação intersubjetiva, instauradora de um trabalho psíquico na qual *percepto* e *fantasma* são convocados, resultando, dos seus equilíbrios e desequilíbrios, uma narrativa. Os cartões usados sofreram uma seleção relativamente ao conjunto original de Murray, consistindo em séries diferenciadas para homens e mulheres, rapazes e raparigas, tendo-se procedido ao estudo e descrição das solicitações latentes referenciáveis ao material. A situação TAT tem assim sido teorizada como compreendendo um conjunto de estímulos que reenviam para diferentes solicitações conflituais, face às quais se constitui uma narrativa projetiva. As histórias construídas em face dos cartões são sujeitas a uma análise sistemática, que tem em conta o encontro entre as solicitações latentes do material e os procedimentos defensivos e elaborativos que estruturam a construção das narrativas.

Tal como com o Rorschach, trabalhos mais recentes têm procurado abordar o TAT numa perspetiva bioniana, considerando que os processos inconscientes mobilizados na constituição de narrativas TAT revelam as possibilidades subjetivas de operar transformações e de constituir significações (Delgado, 2009a, 2009b, 2011). Mais precisamente, é sugerido que o encontro do sujeito com a situação TAT permite apreciar a “capacidade do sujeito em tolerar a dor mental e a frustração [...] inevitavelmente impostas pelo contacto com aspectos dolorosos da realidade interna, activadas pelas características do conteúdo latente das imagens” (Delgado, 2009a, p. 112). A forma como é, ou não, possível simbolizar o encontro com o material TAT, constituindo uma narrativa partilhável, é entendida, pois, como testemunhando a operatividade do aparelho para pensar pensamentos (Delgado, 2009a, 2009b). Fazendo uso deste racional, Delgado (2011) investiga a criatividade e os processos que a sustentam.

Estes trabalhos constituem a base a partir da qual será usado, na presente investigação, o instrumento, procedendo a adaptações que permitam adequá-lo ao objeto de estudo. Na secção que se segue, explorar-se-ão as características da situação e do material TAT enquanto iluminados pela perspetiva que informa a presente investigação, a Teoria das Transformações.

3.7.1 A situação TAT e as transformações na gravidez

Face ao material TAT, a partir da instrução “*peço-lhe que imagine uma história a partir desta imagem*”, a grávida é convidada a operar uma transformação. Uma transformação que supõe a possibilidade de reconhecer, tolerar, seleccionar e manusear as características manifestas e latentes do material e de as subjetivar, conferindo-lhe um sentido expresso numa narrativa comunicada no seio de uma relação intersubjetiva. A narrativa TAT torna-se, assim, num precipitado dos processos de pensamento responsáveis pela alfabetização da experiência, isto é, pela sua subjetivação significativa. Concebida desta forma, a situação TAT adquire o estatuto de campo de observação das funções do aparelho para pensar pensamentos – a oscilação $PS \leftrightarrow D$ e a relação e vínculos $\text{♀} \text{♂}$. Face aos cartões colocam-se, então, diversas questões: É possível tolerar a incerteza do encontro com o objeto (o objeto-cartão e os objetos relacionais figurados na imagem)? É possível proceder a integrações que conduzam à construção e comunicação de uma narrativa enquanto veículo de um processo de significação em curso? É possível conter os conteúdos evocados (pelo material e pelo psiquismo da grávida)? Que factos seleccionados ordenam essa operação de integração e contenção? Que vínculos (L e H) afetivos são expressos? São reconhecidos (K)? Estas questões cruzam-se,

necessariamente, com as solicitações específicas de cada cartão, permitindo observar o pensamento da mulher grávida a operar face a diferentes dimensões da sua experiência.

As considerações que acima foram expostas relativamente à situação Rorschach como um todo aplicam-se, de forma geral, à situação TAT (muito embora se verifique um grau menos elevado de ambiguidade do material desta última prova e, no que respeita às representações-narrativas constituídas, um maior afastamento do ideograma, e uma maior elaboração do processo associativo), pelo que não serão aqui repetidas. Mas é importante explorar as especificidades das solicitações latentes do material TAT usado, em articulação com a Teoria das Transformações e com a gestação.

Na presente investigação não foi utilizada a série completa de quinze cartões TAT adequada a mulheres adultas (Shentoub et al, 1990/1999), que foi considerada potencialmente excessiva no que respeita à disponibilidade temporal exigida às participantes. Assim, foram selecionados os cartões 1, 5, 6GF, 7GF e 19 (no anexo 9 são reproduzidos os cartões e explicitados os procedimentos clássicos de aplicação da prova, bem como as adaptações realizadas no presente trabalho no que se refere à análise das narrativas). A seleção integra três cartões que reenviam, a partir de diferentes vértices, para um trabalho de representação das imagens maternas e femininas (5, 6GF, 7GF), particularmente pertinentes no quadro da presente investigação. Integra ainda dois cartões que a experiência clínica tem revelado como especialmente ilustrativos do funcionamento psíquico dos sujeitos (cartões 1 e 19), e que se prestam especialmente a uma releitura bioniana focada nas capacidades de tolerância à dispersão, integração e contenção dos conteúdos evocados pelos cartões. O ordenamento original dos cartões foi mantido. A seleção e sobretudo o uso do material teve em conta a articulação entre a solicitação manifesta e a solicitação latente classicamente reconhecida dos cartões mas, sobretudo, uma releitura mais insaturada dessas solicitações a partir da perspectiva da Teoria das Transformações.

O cartão 1 figura “um rapaz, com a cabeça entre as mãos, olhando para um violino colocado diante dele” (Shentoub et al, 1990/1999, p. 65). O cartão é classicamente concebido como interrogando a integridade da representação inteira e diferenciada do sujeito em face do objeto, e a possibilidade ou impossibilidade de expressar o desejo e a dificuldade de fazer uso do objeto (Anzieu & Chabert, 1961/2004; Shentoub et al, 1990/1999). Numa perspectiva mais insaturada, é possível reinterpretar a solicitação latente do cartão como interrogando a experiência do eu face ao objeto. Nessa medida, o encontro com o cartão remete para a forma

de manusear uma experiência de encontro, como aquela que é vivida em face da gravidez enquanto objeto psíquico que solicita o pensamento.

No cartão 5 “uma mulher de meia-idade, com a mão na maçaneta de uma porta, olha para o interior de uma sala. Esta mulher é representada entre o dentro e o fora” (Shentoub et al, 1990/1999, p. 69). Classicamente o cartão é entendido como reenviando para “uma imagem materna que penetra e olha” (Shentoub et al, 1990/1999, p. 70). O cartão solicita, na perspectiva que orienta a presente investigação, um trabalho de significação dessa interioridade perscrutada nos seus conteúdos, a partir das possibilidades contentoras e integradoras do olhar feminino/materno, permitindo explorar a forma como a grávida se posiciona olhando a experiência que habita o interior do seu corpo e da sua mente.

O cartão 6GF figura “um casal heterossexual, uma jovem sentada no primeiro plano volta-se para um homem que se inclina para ela e que tem um cachimbo na boca” (Shentoub et al, 1990/1999, p. 71). Classicamente o cartão é entendido como solicitando a capacidade de manuseamento de uma representação relacional libidinal (Shentoub et al, 1990/1999). Numa leitura mais insaturada, o cartão interroga a experiência do encontro relacional, particularmente entre o feminino e o masculino/paterno tomados como dimensões psíquicas e enquanto instâncias particulares da relação ♀♂. A ambiguidade da relação retratada e dos vínculos afetivos que a sustentam solicita diretamente a capacidade de tolerância à incerteza e a capacidade de integração.

O cartão 7GF figura “uma mulher, com um livro na mão, inclinada para uma menina com expressão sonhadora, que segura um boneco nos braços” (Shentoub et al, 1990/1999, p. 72) remetendo, classicamente, para “les processus identificatoires au sein de la relation mère-fille” (Anzieu & Chabert, 1961/2004, p. 153). Na perspectiva do presente trabalho, são interrogadas, pelo cartão, as dimensões do materno e do feminino, tomadas como possibilidades inter e intrapsíquicas da função ♀. O cartão permite, assim, observar a possibilidade de representar relações entre as personagens mediadas pela *rêverie*, pela capacidade transitiva e pela capacidade de *holding*, dando dessa forma conta da forma como estas capacidades psíquicas são convocadas para manusear a experiência da gravidez.

Finalmente, o cartão 19 figura “uma paisagem com uma casa sob a neve, ou uma cena marítima com um barco na tempestade, rodeados de formas espectrais e de vagas” (Shentoub et al, 1990/1999, p. 80). O cartão interroga a capacidade de delimitar um continente em face de um meio, manuseando simultânea mas separadamente as representações de bom e mau

objeto (Shentoub et al, 1990/1999). Assim, o cartão permite observar a exploração dos limites do eu e do objeto, face à reconfiguração a que estas fronteiras são pressionadas durante a gravidez.

Concluindo, tal como afirmado relativamente ao Rorschach, o resultado do encontro com a situação TAT, em geral e com cada uma das suas solicitações em particular, é entendido como veículo de expressão das vicissitudes do processo transformacional da mulher grávida, ao longo dos três trimestres de gestação.

3.8 Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados compreendeu duas abordagens distintas:

1. A leitura e discussão dos dados no seio de um grupo de intervisão concebido para o efeito, composto por três elementos, designadamente, a investigadora responsável por este projeto, a sua orientadora e uma outra investigadora, ela mesma envolvida num projeto doutoral relacionado com a gravidez (Martins, 2014). As reuniões do grupo ocorreram durante oito meses, semanalmente, com uma duração média de 3 horas. Numa primeira fase foram analisadas as entrevistas relativas aos três trimestres; num segundo momento, com o grupo reduzido a dois elementos, procedeu-se à análise das provas projetivas recolhidas nos três trimestres. O grupo foi formado seguindo a sugestão metodológica de diversos autores (sobretudo, e de forma mais detalhada, Hollway 2008, 2015; mas também Cartwright, 2004; Frosh & Young, 2008; Kvale, 2003; Ponterotto, 2014) que sustentam a importância de uma análise partilhada, com vista à ampliação de perspetivas sobre o material, permitindo a triangulação das interpretações; mas, sobretudo, com vista à notação, atenção e interpretação de informação contratransferencial antes de mais do investigador, porém também dos restantes elementos do grupo (em face do material e dos relatos do investigador). O grupo constituiu-se, pois, como continente transformativo dos conteúdos recolhidos junto das participantes, como continente da investigadora mas também, posteriormente, como conteúdo a acrescentar aos dados recolhidos.

2. A análise sistemática, individual, de todo o material, incluindo aquele gerado no grupo de intervisão.

a) No que respeita às entrevistas, esta análise começou por uma análise minuciosa das sequências associativas, permitindo que emergissem factos selecionados que fossem configurando sentidos, mas notando também as dificuldades de compreensão, as

perplexidades, os desconfortos da investigadora. O material resultante desta primeira análise, articulado com o material gerado no grupo de intervisão, permitiu destacar as unidades temáticas em torno das quais as narrativas se organizavam, bem como as personagens convocadas, entendidas enquanto testemunho de funções psíquicas das participantes. Finalmente, a partir de todo o material foram produzidas sínteses nas quais figuravam os grandes organizadores destacados pelo processo de interpretação. O processo de análise assim configurado teve como objetivos assegurar a imersão no material, o uso do mesmo como um todo, complexo e articulado, a articulação do material narrativo original com o material contratransferencial que ia emergindo no manuseamento das entrevistas e, finalmente, uma progressão sintética que tornasse manuseável a quantidade de material disponível, sem perder a sua riqueza e complexidade.

b) As narrativas Rorschach foram analisadas seguindo os seguintes passos: as sequências foram analisadas e interpretadas tendo em conta o processo associativo na sua interrelação com os conteúdos latentes dos cartões e os fatores de cotação; a cotação das provas foi organizada e interpretada enquanto conjunto (através do psicograma); os dois passos anteriores foram articulados, permitindo destacar os eixos temáticos organizadores das narrativas.

c) As narrativas TAT foram analisadas enquanto sequências associativas na sua interrelação com os conteúdos latentes dos cartões, procedendo-se a uma síntese final sobre a forma de manusear a situação e o material.

A posição epistemológica que decorre do modelo bioniano esteve subjacente, de forma transversal, a todos os momentos e níveis de análise. Assim, foi promovida uma aproximação insaturada aos dados, mantendo uma postura de tolerância ao não saber, seguindo o princípio bioniano *sem memória, sem desejo, sem compreensão* (Bion, 1970): suspendendo os saberes já constituídos sobre a gravidez, aceitando e tolerando, pacientemente, o *não saber ainda* sobre as experiências da gravidez que os dados refletiam, de forma a poder, gradualmente, ganhar segurança a partir de factos seleccionados capazes de configurarem novos saberes resultantes desse encontro fértil entre o material e uma escuta aberta e livre. Factos seleccionados que, fiéis à lógica oscilatória PS \leftrightarrow D capaz de gerar novas relações ♀♂, foram sendo questionados e reconfigurados a partir dos diversos vértices de análise, permitindo uma compreensão alargada da experiência psíquica da grávida que pensa a sua gravidez. Desta forma, a aproximação analítica ao material foi sempre compreendida como um processo de oscilação entre a tolerância à dispersão do (e provocada pelo) material e

as integrações passíveis de serem realizadas, e como uma relação ♀♂ capaz de dar significado aos dados.

Por outro lado, o modelo teórico proposto pela Teoria das Transformações esteve sempre disponível, enquanto expectativa vazia, enquanto continente insaturado para escutar, observar e pensar o material em análise. Esteve-o na forma de uma matriz conceptualizada como o pano de fundo de toda análise, um pano de fundo integrador mas usado de forma dispersa, um continente disponível enquanto propiciador de conteúdos para pensar. Um uso mais sistemático dessa matriz ocorreu num segundo momento, constituindo a base para a discussão transversal dos estudos de caso.

3.9 A matriz de análise: pensar os pensamentos da grávida

A abordagem ao material (o conjunto de dados empíricos que integra as narrativas das participantes em face dos três instrumentos, e também as reações que estas narrativas suscitam, intersubjetivamente, na investigadora e no grupo) funda-se, antes de mais, numa escuta que opera permanentemente um *deslizamento* das narrativas para uma *outra cena*, a mente enquanto palco onde o sentido é gerado. Como explicitado no capítulo anterior, as narrativas, tomadas enquanto cadeias oníricas, são concebidas como veículos, testemunho e parte integrante do processo transformativo de metabolização da experiência emocional. É pois este deslizamento que permite escutar os diversos episódios e personagens convocados nas entrevistas, bem como as representações de objetos e as histórias evocadas nas provas projetivas, a partir de uma mesma matriz cujo objetivo é destacar o impacto da(s) experiência(s), a forma como é ou não acolhida, transformada e significada.

Como já referido, porém essencial sublinhar, a matriz de análise constituída (anexo 10) foi usada como um conjunto de interrogações a colocar ao material, como vértices de observação disponíveis para pensar as narrativas e o encontro da investigadora e do grupo com as mesmas, não como uma codificação prévia a ser imposta ao material. Ao usar os organizadores bionianos pretendeu-se, precisamente, fazer uso de vértices abertos e insaturados, capazes de abordarem o material de uma forma que permitisse uma orientação (sem a qual nenhuma análise pode ocorrer), sem restringir excessivamente o foco da atenção, notação e interpretação que incide sobre os dados empíricos. Efetivamente, o processo de interpretação requerido numa investigação desta natureza deve, necessariamente, manter-se “open, flexible” (Gergen, 2014, From methodology to practices, para. 3), postura essencial

para que a novidade e a singularidade possam emergir a partir do material. Esta é, aliás, uma posição de princípio da interpretação psicanalítica, operação que “não é jamais reconduzível a uma descodificação sábia de enunciados com o auxílio de uma grelha preestabelecida ou de um saber sobre a psique” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002, p.174).

A matriz de análise é composta por três vértices de observação, sendo que os primeiros dois incidem sobre cada um dos processos de pensamento, designadamente PS↔D e ♀♂, e o terceiro realiza a articulação compreensiva daqueles.

1. Na análise de **PS↔D** é observado o processo de constituição do objeto, isto é, a forma como a(s) experiência(s) é delineada enquanto objeto psíquico. Esta observação permite dar conta da maior ou menor tolerância a PS e da maior ou menor flexibilidade da integração em D. Daqui decorre, então, a compreensão da maior ou menor possibilidade oscilatória entre PS e D. Concretizando, nas diversas narrativas importa compreender como são toleradas e integradas, em cada encontro, as experiências propostas por cada um dos instrumentos e a experiência intersubjetiva, relacional, na qual essas experiências de dão.

Assim, face à questão que abre as entrevistas (*“o que lhe peço é que me conte a história da sua gravidez”*) e às instruções que desencadeiam as narrativas projetivas (*“vou mostrar-lhe dez cartões e o que peço é que me diga o que é isto poderia ser, o que é que poderia imaginar a partir daqui”*, no Rorschach, e *“peço-lhe que imagine uma história a partir desta imagem”*, no TAT), como gere a mulher grávida a dispersão introduzida, e como organiza narrativas que respondam ao pedido de integração que está implícito? Há um espaço silencioso de organização ou, sendo difícil suportar a amplitude de escolhas possíveis, há uma precipitação na seleção de um facto organizador? Na verbalização subsequente, há um tatear de representações e afetos, esse tatear é confuso ou demasiado disperso ou, ao contrário, há uma narrativa mais fechada, mais dogmática, sobre os acontecimentos, as personagens, as representações-objeto no Rorschach e as histórias TAT? Qual a estabilidade das representações e qual a coerência das cadeias associativas? É excessiva ou revela flexibilidade? Há espaço para a contradição ou há uma coesão exagerada? Qual a diferença nestes indicadores em face das diversas temáticas manifestas e latentes da entrevista, do Rorschach e do TAT? A investigadora e o grupo, ao procurarem seguir e compreender as narrativas, destacar as suas unidades de sentido, suportar as expressões de dor ou reconhecer e partilhar os afetos positivos evocados, experimentam maior facilidade ou dificuldade, maior dispersão ou maior capacidade de integração?

2. Na análise de ♀♂ é observado o processo de significação do objeto, isto é, a forma como a(s) experiência(s) é significada enquanto objeto psíquico. Esta observação permite dar conta dos ♀ convocados para dar forma à experiência, da sua maior ou menor plasticidade ou rigidez, da sua maior ou menor capacidade de contenção e elaboração; permite, também, destacar os ♂ evocados e explorar a sua densidade simbólica. Permite, ainda, observar a qualidade (os vínculos L, H e K) da experiência emocional proporcionada pelo encontro entre a função ♀ e os ♂ sobre a qual ela opera. Concretizando, nas diversas narrativas importa compreender como são contidas, elaboradas e simbolizadas, em cada encontro, as experiências propostas por cada um dos instrumentos e a experiência intersubjetiva, relacional, na qual essas experiências se dão.

Desta forma, as narrativas constituídas em face dos três instrumentos são analisadas tendo em conta a interrelação entre *o que é dito* (♂) e *o como é dito* (♀). Que episódios, personagens ou representações são convocados como conteúdos das narrativas? Como são descritos e manuseados, isto é, como são contidos esses conteúdos representacionais? Que significados veiculam? O que expressam esses significados sobre a disponibilidade, permeabilidade, adaptabilidade e robustez ou fragilidade do terreno psíquico que acolhe a experiência? Que funções psíquicas são desempenhadas, e como, pelos diversos objetos convocados? Na descrição das experiências através das narrativas, que vínculos afetivos (H e L) se revelam? São reconhecidos, são alvo de exploração e curiosidade (K+) ou são rejeitados (K-)? Qual a diferença nestes indicadores em face dos diferentes ♀ e ♂, manifestos e latentes, providenciados pelos instrumentos? Que acolhimento e uso foi feito, pelas participantes, da investigadora/ entrevistadora e da situação relacional criada enquanto ♀ das suas narrativas e enquanto ♂ que se soma às suas experiências? A investigadora e o grupo, ao procurarem seguir e compreender as narrativas, destacar as suas unidades de sentido, suportar as expressões de dor ou reconhecer e partilhar os afetos positivos evocados, como se experimentam enquanto ♀ face a esses ♂?

3. A articulação compreensiva $PS \leftrightarrow D$ e ♀♂ permite, enfim, destacar a capacidade de pensar os pensamentos que a gravidez propõe ao psiquismo da mulher grávida, isto é, a capacidade de tolerar a dor mental, de reconhecer a verdade psíquica e a consequente possibilidade de transformar e ser transformada pela experiência. Este vetor de análise opera já não diretamente sobre o material narrativo, mas sobre os dados que emergiram a partir da análise de $PS \leftrightarrow D$ e ♀♂. É possível reconhecer e comunicar as dificuldades postas pelo encontro com a experiência da gravidez? É possível tolerar essas dificuldades e gradualmente

integrá-las? É possível manter operante um espaço de exploração, de curiosidade, de insaturação que permite a continuidade transformativa, a expansão do espaço psíquico? Como é, em síntese, acolhida, tolerada, manuseada, contida, integrada e elaborada a gravidez enquanto objeto transformacional, enquanto mudança catastrófica, “occasion de croissance ou de régression de l'espace psychique et des liens qui s'y constituent sous la forme de ‘pensées’” (Bégoïn-Guignard, 1989, p. 1691)?

Terminada a análise das narrativas recolhidas em cada trimestre da gestação importa destacar e compreender o percurso. O que se mantém e o que se altera (em termos da constituição – PS↔D – e significação – ♀♂ – dos objetos, em termos da capacidade de suportar a dor desencadeada pela experiência e de assumir a verdade psíquica que daí resulta), ao longo da gravidez, é a questão final colocada à análise das entrevistas, das narrativas Rorschach e das histórias TAT de Eva, Petra e Rebeca. Acompanham-se, descrevem-se e compreendem-se, desta forma, os processos de transformação psíquica vividos por cada uma das mulheres ao longo dos três trimestres de gestação.

3.10 Critérios e limites de construção e justificação do conhecimento constituído

Na avaliação, seleção e articulação das interpretações geradas a partir da análise dos dados empíricos recolhidos – as narrativas livres e projetivas de Eva, Petra e Rebeca – são seguidos alguns princípios, que importa aqui explicitar. Assim, para ser considerada justificável, uma interpretação deve ser sustentada (a) por diversos elementos do material (as cadeias associativas, os temas transversais, a verbalização – subjetivação, predicação, adjetivação –, as personagens convocadas, os referenciais teóricos de análise, sobretudo no caso das provas projetivas, e as dinâmicas contratransferenciais suscitadas no momento da entrevista ou no momento da análise individual ou grupal); (b) pela articulação entre cada um desses elementos ou constelações dos mesmos e o conjunto total do material recolhido; e (c) pela convergência das diversas aproximações analíticas ao material, quer individual quer em grupo de intervisão. Não é, obviamente, necessário que uma interpretação se sustente simultaneamente em todos estes aspetos, mas deve poder ser suportada pelo maior número possível das dimensões referidas. Em suma, para que uma interpretação relativa às narrativas recolhidas seja considerada pertinente, a mesma deve iluminar, de forma coerente e convergente, um campo mais amplo do que aquele em que surgiu, o que é verificável pela triangulação de dados, instrumentos e formas de análise (Cartwright, 2004; Hollway & Jefferson, 2000; Ricoeur, 1986, 1976/1999; Rosado, Neves & Marques, 2015).

É por vezes sugerido, como forma de validação complementar, o assentimento dos participantes em relação às interpretações constituídas (Willig, 2008). Esse procedimento não é aqui seguido por dois motivos complementares. Em primeiro lugar porque é considerado inoportuno, duvidoso, intrusivo e abusivo pedir-se às participantes do estudo uma reação às interpretações realizadas. Inoportuno e duvidoso porque o processo sobre o qual recaem as interpretações ocorre numa temporalidade muito específica, a da gravidez, e o momento no qual as participantes seriam confrontadas com a interpretação seria já longínquo e por isso demasiado desfasado do ponto de vista real e afetivo. Uma grávida que experimenta a sua gravidez é algo muito diferente de uma mulher que lida com a maternidade efetiva, que implica uma relação já não apenas fantasmática mas real com um objeto que é também um sujeito ativo. Intrusivo e abusivo porque configuraria uma interpretação não solicitada, comunicada não apenas num tempo outro, mas, sobretudo, num contexto que não oferece a segurança do ambiente terapêutico onde as interpretações podem conjuntamente ser exploradas, integradas e elaboradas. Como explicitamente refere Kvale (2003), a interpretação formulada ao sujeito com vista à observação da sua reação faz parte do contrato implícito de um processo terapêutico, contudo extravasa os limites éticos de uma investigação académica. Em segundo lugar, porque como também sublinha Kvale, o assentimento ou recusa, conscientes, em face da interpretação, não são informativos do ponto de vista de um quadro epistemo-ontológico que tem como premissa central a realidade psíquica do inconsciente.

Finalmente, é importante deixar claro que, em qualquer domínio, e neste em particular, qualquer interpretação possui um carácter aproximativo, não podendo de forma alguma sustentar a pretensão de ultrapassar o seu carácter de construção imperfeita, sempre inacabada. A infinitude polissémica da psique não é redutível a nenhuma formulação. Como sublinha Caper (2009), é essencial reconhecer e tolerar a dúvida, a incerteza, o infinito que se inscreve, irredutivelmente, no projeto teórico e técnico de aproximação ao inconsciente que a psicanálise fundou. Essa tolerância é uma das características mais ricas e fecundas da psicanálise enquanto método, técnica e saber.

3.11 Considerações éticas

Como tão bem sintetiza Willig (2008), “ethical issues arise from the very beginning of the research [...], they stay with us throughout our interactions with our research participants, and they continue to be relevant throughout the process of dissemination of the research findings” (p.19).

Desta forma, a formulação de uma questão de investigação inscreve, desde logo, aspetos éticos que devem ser considerados. A investigação é um objeto-no-mundo e como tal deve ser refletida: Que consequências tem explorar esta questão? A quem serve essa exploração? Por quem pode ser usada? Com que fins? (Gergen, 2014; Josselson, 2014; Willig, 2008). Desde o início, essas questões foram experimentadas como inescapáveis de serem refletidas, ponderadas, mais do que respondidas. Assim, assumindo e sintetizando muitíssimo o posicionamento ético-político que informa e sustenta o percurso realizado, a questão que orienta a investigação é entendida como aberta, libertadora e não como convite a novas imposições psicossociais sobre as mulheres. É rejeitado um saber-poder (Foucault, 1971) que construa representações às quais é necessário, depois, corresponder (Raphael-Leff, 2015; Rich, 1986). Demasiadas vezes, na procura de descrever uma vivência se constituem marcos a partir dos quais, posteriormente, a mesma será avaliada, espartilhada e esvaziada dos seus aspetos subjetivos mais fundamentais. Ao dar voz a percursos singulares, diferenciados, valorizando precisamente esse carácter irredutivelmente original, pretendeu-se trazer para a discussão, não apenas académica ou clínica, mas também social, uma “despatologização” da dor e da turbulência experimentada pelas mulheres que, catastroficamente, se transformam ao viverem uma gravidez. Pretendeu-se, igualmente, na senda de outros trabalhos sobre as experiências femininas em torno da maternidade, recentrar o foco na mulher e não na função materna que também ocupa, porém que não a esgota e não a define (Baraitser, 2009; Bassin, Honey & Kaplan, 1994; Hollway, 2015; Raphael-Leff, 2015; Rich, 1986).

O envolvimento inicial com as participantes do estudo mereceu também algumas reflexões. O facto de, inicialmente, se ter procurado entrar em contacto com potenciais participantes através das suas médicas obstetras, se facilitava o acesso e, julgou-se, garantia uma maior observância dos critérios estabelecidos, implicava também um aspeto mais problemático, relacionado com a dinâmica de poder e dependência que pode existir na relação entre paciente e médico e que, mesmo que indiretamente, se infiltraria na relação da investigadora com as participantes. A diluição de tais dinâmicas através da nova forma de recrutamento de participantes foi, desta forma, vivida com algum alívio. Por outro lado, neste

novo procedimento, a investigação ficou muito mais dependente de um movimento claro das potenciais participantes. A questão sobre as motivações, mais ou menos conscientes, para que uma mulher queira ativamente participar numa investigação como a que era apresentada pode ser colocada, embora não possa ser respondida. Mas é importante não ser esquecido que, efetivamente, partiu das participantes um movimento de aproximação pelo que, de alguma forma, cada uma delas sentiu o desejo, a curiosidade e quem sabe a necessidade de partilhar a sua experiência. A gratidão pela disponibilidade assim revelada, e o respeito exigido pela confiança em mim depositada são elementos indissociáveis da forma como me relacionei com cada uma das mulheres que participaram neste estudo.

Uma questão igualmente inescapável diz respeito à noção e prática do *consentimento informado*. Tal como Hollway e Jefferson (2000), sem dispensar esse procedimento formal essencial, foi mantida uma consciência aguda dos seus limites. Antes de mais, a apresentação da investigação, por mais clara e verdadeira que fosse não tinha como informar profundamente as participantes da experiência relacional, afetiva, inconsciente que viveriam durante as entrevistas e as situações projetivas propostas. Por outro lado, o consentimento conscientemente formulado não esgota a questão numa investigação que assume como premissa básica a existência do inconsciente enquanto realidade psíquica. Não se trata de minimizar a importância da afirmação verbalizada, assinada, conscientemente concedida de assentimento, mas de reconhecer que há outros níveis de consentimento e de retração do mesmo que não se vertem num papel assinado. E que, como referem Hollway e Jefferson (2000), implicam da parte do investigador uma postura de cuidado, respeito e responsabilidade na manutenção de uma situação relacional segura.

Relativamente à recolha de dados, e sobretudo no que respeita à condução das entrevistas, senti também com alguma intensidade a preocupação de observar cuidadosamente os limites éticos das minhas intervenções, através da formulação de questões ou pequenos comentários cujo objetivo era apenas manter o diálogo vivo e potenciar o curso associativo das participantes. Efetivamente, o meu trabalho clínico tornava aguda a consciência de que cada questão colocada era, efetiva e necessariamente, uma provocação ao pensamento; uma provocação não solicitada pelas participantes, ao contrário do contexto clínico (Kvale, 2003). Se interrogar era inescapável, a forma de o fazer, a exploração de temas, o assinalar de contradições ou de zonas cegas merecia uma enorme atenção e ponderação, dado que tudo isto ocorria num contexto não terapêutico (mesmo que a simples disponibilização de um espaço de reflexão e escuta contenha embriões terapêuticos). Nenhum encontro é, alguma vez, neutro, mesmo que em alguns dispositivos de investigação exista essa ilusão. Contudo, a

minha escuta treinada, se permitia uma postura de abertura e empatia, exigia também um cuidado acrescido na forma como usava, no momento do encontro, o que me era transmitido (e não apenas verbalmente). Mais uma vez, não há aqui respostas, mas questões que precisam ser reconhecidas e toleradas de forma a garantirem encontros respeitosos da intimidade que nos é confiada (Hollway e Jefferson, 2000). Citando Stake (2005), “qualitative researchers are guests in the private spaces of the world. Their manners should be good and their code of ethics strict” (p. 459).

Finalmente, é importante referir que me debati, longamente, com questões em torno dos limites e riscos implicados na comunicação e publicação da análise e discussão dos dados, visto tratarem-se de estudos de caso intensivos. Duas ordens de preocupações guiaram a escolha do material citado e das análises expostas: preservar o anonimato das participantes junto de terceiros e acautelar que o que era exposto não seria, se lido pelas próprias, um fator de perturbação. A primeira preocupação relaciona-se com a necessidade de reconhecer que a alteração de nomes e de detalhes menores (haverá detalhes menores?) de identificação das participantes, ou das personagens que convocam para as suas narrativas, não protege, em absoluto, as identidades das participantes. Foi pois necessário, por vezes, alterar pormenores não tão irrelevantes assim, ou não expor material que mesmo que rico e ilustrativo tornava identificável as participantes, não para o público em geral mas para aqueles que conheciam mais de perto a sua história. É preciso, quanto a esta questão, assumir que manter o equilíbrio entre a necessidade de preservar o anonimato e de manter a integridade dos dados é um processo complexo e nada linear (Saunders, Kitzinger & Kitzinger, 2015). Mais uma vez, uma postura ética é aquela que se confronta com as dificuldades e reflete, respeitosamente, sobre as mesmas. A segunda preocupação prende-se com a questão já levantada a propósito da condução das entrevistas e, anteriormente, das condições de justificação: se, em contexto terapêutico a análise interpretativa é solicitada pelo paciente, em contexto de investigação não o é, e não é possível não refletir sobre o possível impacto da mesma. Procurei em cada momento cuidar de uma apresentação dos casos de estudo que respeitasse as mulheres que me confiaram a sua experiência. Sem prejuízo da análise e discussão de fatores mais disruptivos (que existiam, e existem sempre, em todas as histórias), sobretudo sem prejuízo da análise metódica dos processos inconscientes, observei com particular cuidado a linguagem de exposição. Como parte da informação inicial, e reiterada no final, dispus-me a encontros posteriores ao término e publicação do trabalho, para o caso de alguma das participantes sentir necessidade de abordar comigo o percurso realizado. Por fim, seguindo um conselho de Hollway (comunicação pessoal, 28 de Agosto de 2014), procurei sempre interrogar-me sobre

como se sentiria aquela mulher a ler(-se). Espero ter conseguido estar à altura da confiança que foi em mim depositada.

3.12 Considerações sobre a apresentação e discussão dos dados

Num primeiro momento os três casos de estudo são expostos de forma extensa e aprofundada, isto é, são apresentados os dados que emergiram a partir da aplicação e análise dos três instrumentos separadamente, para cada um dos trimestres de gestação, bem como da aplicação da matriz de análise. Neste primeiro momento de exposição e análise dos casos é patente esse *deslizamento* para a cena psíquica que a análise pressupõe, e que acima se explicitou, porém o mesmo é sempre acompanhado de referências a material narrativo que suporta as interpretações concebidas. Desta forma, é possível acompanhar de perto, na forma de uma *descrição densa*, as diversas narrativas, o que permite não apenas a imersão nos casos, mas também a apreciação da análise realizada (Ponterotto, 2014). Num segundo momento, o da discussão, são efetuados os cruzamentos – entre as narrativas propiciadas pelos instrumentos, os trimestres de gestação, as participantes, a matriz de análise e a literatura – que permitem destacar e refletir sobre o material num patamar de maior abstração e teorização.

O primeiro momento é, assim, necessariamente mais disperso e mais centrado nos conteúdos, e o segundo mais integrativo e mais centrado nos continentes que permitem pensar a gravidez e, desejavelmente, transformar o pensamento e o saber que sobre essa experiência se constitui. No entanto, o primeiro momento não é possível sem a coexistência de processos integradores, realizados a partir dos factos selecionados determinados pelo encontro, meu e do grupo de análise, com o material e sem que se comecem a tatear continentes para pensar a experiência que é descrita. Da mesma forma, o segundo momento implica a possibilidade de operar dispersões para que novas integrações se possam formar numa revisitação constante dos conteúdos. Desta forma, a apresentação e discussão dos casos de estudo, de forma inescapável, mas também consciente e deliberada, testemunha e espelha a operação dos organizadores – $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$ – que sustentam e possibilitam a operação do aparelho para pensar pensamentos.

4. EVA

Espero tecendo os dias

Imagino e contemplo

Sophia de Mello Breyner Andresen

Eva tem 28 anos quando nos conhecemos. Vive numa localidade nos arredores de Lisboa, com André, o namorado. Eva é licenciada na área das ciências naturais. O seu contacto foi-me disponibilizado por uma amiga, também grávida, que eu havia contactado, mas que já estava no segundo trimestre de gestação. Envio-lhe, por e-mail, a informação sobre a investigação, convidando-a a participar, convite que ela aceita, facultando-me o seu contacto telefónico para marcarmos a primeira entrevista.

4.1 Primeiro encontro: 14 semanas

A decisão sobre a data e o local do nosso primeiro encontro não é imediata. Quando declaro, no primeiro contacto telefónico, que posso ir ter com ela se assim o preferir mostra-se surpreendida e deixa em aberto essa possibilidade. Contudo, acaba por decidir encontrar-se comigo em Lisboa, num dia em que estaria na cidade por outros motivos. Como viria para Lisboa acompanhada pelo namorado, pergunta-me se ele poderia estar presente. Respondo que preferia que nos encontrássemos apenas as duas, todavia informo-a que encontrará um café mesmo ao lado do prédio onde decorrerá a entrevista, onde o namorado poderá esperar por ela. Assim, o nosso primeiro encontro decorre na sala de estar de que dispus para a realização das entrevistas. No dia combinado, envia-me uma mensagem dizendo que chegará com vinte minutos de atraso. Porém, acaba por chegar cinco minutos antes da hora marcada.

Tem uma aparência bastante jovem e descontraída. Está sorridente, mas parece ligeiramente apreensiva. Pergunto onde prefere sentar-se, referindo-me ao sofá que se encontra à sua esquerda, ou às cadeiras dispostas em torno de uma mesa redonda que se encontra à sua frente. “*Onde preferir*”, diz, enquanto se aproxima da mesa e se senta. Fazemos uma curta conversa de circunstância e, em seguida, apresento-lhe a carta de consentimento informado. Lê com atenção e assina. Pergunto se quer esclarecer alguma dúvida, diz que não e pergunta se pode beber a água, referindo-se à garrafa que havia posicionado perto dela.

Ao longo da entrevista parece-me descontraída e sincera, porém com alguma reserva. Durante todo o nosso encontro, mantém na mão um elástico que sucessivamente enrola, comprime e alonga. Em alguns momentos sinto-a a perscrutar a minha expressão em busca de uma reação, de um julgamento sobre o que me conta. Depois das questões iniciais (em que peço que conte a história da gravidez e que partilhe acontecimentos significativos), a que Eva responde de forma fluida e desenvolvida, experimento alguma dificuldade em suscitar um discurso mais livre da parte dela. De certa forma, embora apenas subtilmente e sem desconforto, parecemos avançar aos solavancos: às minhas perguntas ela responde de forma clara mas algo rápida, terminando um pouco abruptamente, o que me obriga a nova interrogação e assim sucessivamente, numa sequência que se torna, às vezes, mais próxima de um questionário do que de uma conversa.

A incerteza sobre a data e o local, a interrogação sobre a presença do namorado, a dilatação e contração do tempo que marca a sua chegada e a atitude de reserva e alguma inibição da fluidez do discurso revelam um padrão de incerteza sobre os contornos e a flexibilidade do nosso encontro, enquanto microcosmos projetivo do seu próprio encontro com a experiência da gravidez, neste primeiro trimestre.

4.1.1 A primeira entrevista

Eva inicia a narrativa pela pré-história sua gestação, revelando que a experiência da gravidez se inscreve num terreno psíquico disponível e expectante, todavia também fragilizado, dorido e receoso. A morte recente de um irmão e uma situação profissional muito instável, que a faz recear pelo futuro, são por ela sublinhados como enquadrando a sua vivência de aproximação à gravidez. Uma restrição afetiva opera então sobre a enunciação do desejo, conduzindo ao seu deslocamento: ela *“tinha pensado em engravidar”*, mas era *“o André [que] tinha imensa vontade”*. O distanciamento afetivo leva a que Eva se surpreenda e sobressalte perante a consumação da gravidez, três meses depois da suspensão do uso de quaisquer métodos anticoncepcionais: *“não estava à espera que fosse tão rápido”*, foi um *“choque”*. O tempo cronológico e o tempo interno estão desencontrados.

Assim, Eva experimenta, neste primeiro trimestre, a gravidez como um abalo da continuidade psíquica, que origina uma rede de representações extremadas e contrastantes e conduz a movimentos de retirada: por um lado, *“parece que tudo muda”*, *“muda mesmo, de repente”*, *“parece que cai logo assim uma responsabilidade em cima de nós”*, *“só vejo o meu corpo a mudar e eu sem conseguir controlar”*; por outro, *“uma pessoa também não sente*

nada, não sente rigorosamente nada”, “*só sono, um sono horrível e descontrolado*”. Contudo, Eva não permanece no local de impacto: a sua narrativa revela-a embrenhada num trabalho psíquico de acolhimento da experiência da gravidez, de maneira a encontrar forma de a “*encaixar*”. Um trabalho realizado através da constituição de ligações psíquicas, capazes de circunscrever e superar a rutura causada pelo impacto desta experiência no tecido psíquico. “*Tem sido uma adaptação*”, “*ainda me estou a habituar à ideia*”, declara. Estes são, pois, os organizadores centrais da sua narrativa: a invocação da rutura acompanhada de representações quase paradoxais e o trabalho de reposição da continuidade.

Na tentativa de descrever a sua vivência, Eva enuncia repetidamente afetos disfóricos: “*não está a ser muito pacífico*”, “*ainda não estou a sentir a maravilha da gravidez*”, “*sinto-me um bocado triste, às vezes*”, “*sinto-me um bocadinho mais impaciente, e mais, ah, ... rezingona*”. Ao longo da entrevista torna-se claro que estes afetos traduzem, sobretudo, o mal estar provocado pela dificuldade em circunscrever a experiência, em a apreender.

Esta dificuldade faz-se presente, desde logo, no momento em que se descobre grávida. Uma descoberta que só é possível através da mediação de um objeto exterior, artificial e por isso colocado sob suspeição: “*quando soube nem queria acreditar, depois liguei à Ana, a minha amiga, e perguntei ‘quando isto dá positivo é mesmo positivo?’*”. O teste não é sequer designável, é um *isto*, objeto estranho. O recurso à amiga, que está também grávida e que é a sua médica obstetra, humaniza e torna relacional a sua descoberta. Inscreve-a no universo das mulheres que, como ela, se descobrem grávidas.

A partir do momento da confirmação da gravidez já algo mudou irreversivelmente, mas *o que mudou* não é distintamente descodificável, “*não sabemos bem o que é que vai acontecer, quando é que vai acontecer*”. Os sinais são ambíguos, “*só engordei assim mais na barriga, depois vou tentar vestir o vestido e já não me cabe nas costas que alargaram e sei lá*”, e Eva associa-os a uma outra transformação, a da puberdade, “*e estou com borbulhas e [...] já não tinha borbulhas desde a adolescência*”, que se situa nos antípodas do que agora é chamada a viver. De facto, Eva sente que a gravidez marca, inexoravelmente, o fim dessa era: “*somos jovens demais durante muito tempo [...] por mim ainda estava [...] se não tivesse engravidado, pronto eu gosto imenso de sair, estar com os meus amigos, [...] quando encaro a questão de ir ter um filho, tudo o que eu vou ter que ceder para ter um filho. [...] Por outro lado também pensava: estou sempre a sair, estou sempre nesta vida, não sei quê, se calhar estava na altura de acalmar um bocadinho [...] é sempre uma dualidade*”.

Eva sente-se convocada a uma transformação cujos contornos não compreende com nitidez. Uma transformação que passa pelo corpo e a obriga a crescer. Porém, os sinais que o corpo expressa não são, ainda, suficientemente claros. Ao contrário, confundem-na porque remontam a outro tempo transformativo, que marcou outro limiar. O limiar de entrada no espaço geracional que, precisamente, agora precisa de deixar. Eva precisa de um novo espaço, interno, mas não sabe se está preparada para essa mudança. Esta preocupação é por ela expressa, no concreto, com a necessidade de mudar de casa: *“outra coisa que me anda a preocupar é a casa [...], a casa precisa de obras [...] estamos a pensar em mudar, mas depois também como nos mudámos há relativamente pouco tempo, também não estamos com muita coragem”*.

O desenrolar desta trama, acredita, clarificará a experiência tornando-a mais integrável: *“agora, no segundo trimestre, as coisas vão melhorar, e a barriga começa a crescer e começa a ser, a tornar mais real”*. Eva situa-se portanto num *“impasse”* que tenta definir tateando as transformações que sente, usando o espaço do corpo e a temporalidade passada e futura, da sua história, como coordenadas que orientam um trabalho de ligação capaz de superar a rutura da continuidade psíquica.

Os momentos ecográficos são aqueles em que a invisibilidade dá lugar à visibilidade, em que os sobressaltos sentidos no corpo e na mente podem ser reportados à semente que os faz germinar: *“o feijãozito”*, diz Eva no final da entrevista, referindo-se ao feto. Assim, as descrições mais leves, com expressão de afetos mais desimpedidos e positivos surgem associadas a esses episódios: *“às 6 semanas já dá para tentarmos ouvir o coração, e aí é espetacular [...]. Pensei: bem isto está mesmo, está bem, está vivo, está (ri) aqui a bater, está aqui mesmo qualquer coisinha, cá dentro”*; *“na outra ecografia que eu fiz é que foi, eu achei mais, mais gira, pronto, é mais emocionante talvez porque já se vê. Porque aquilo nas 6 semanas não se percebe bem o que é que é, ainda não se consegue distinguir nada. Nas 12 semanas já aparece, dá para distinguir os braços, as mãos, ela teve que contar os, os dedos, vimos dois braços, as duas pernas, e já se mexia imenso. Então quando vi a mexer-se imenso eu fiquei ahhhh, eu fiquei super surpreendida (ri) e gostei, e também ouvimos o coração um bocadinho”*. Estes momentos são experimentados como uma aproximação a uma realidade interior, viva, ativa e progressivamente mais diferenciada.

No entanto, esta aproximação acarreta um *“risco”*, o de se confrontar com a fragilidade, com a dor, com o fantasma de um interior marcado pela morte recente do irmão. Conta: *“tivemos um susto [...] porque houve um marcador [...] que deu um valor que não*

devia ter dado, mas agora chegou ontem o, os resultados do rastreio e está tudo bem, portanto à partida está tudo ok, mas foi assim um sustozinho. [...] Fui-me logo pôr a ver estudos, e probabilidades e coisas, foi um disparate total [...] e assustei-me um bocado [...] não estou com forças para enfrentar um problema assim". Mesmo no final da entrevista, Eva refere o desejo de saber o sexo do bebé. Interrogada sobre se *"tem alguma ideia"* sobre o mesmo, revela que, associando diretamente à morte do irmão, inicialmente pensou *"pode ser que seja rapariga"*. Torna-se pois perceptível que a disforia afetiva que pontua com regularidade a narrativa de Eva resulta, também, do risco psíquico envolvido no investimento afetivo de uma gravidez cuja realidade é ainda ténue e frágil, como frágil é o terreno em que germinou. O mesmo processo defensivo é observado na abordagem ao universo onírico. Porque diretamente lhe é perguntado, Eva revela que tem *"sonhado bastante [...] é a sensação que eu tenho, quando acordo mas [...] não me lembro [...]. Acho que não tive assim ainda nenhum que me tenha marcado assim, ou pelo menos recorrente, não, que eu me lembre..."*. O trabalho onírico está vivo, em movimento, tecendo ligações, contudo Eva defende-se e não o inscreve na vigília, se não o investir não o pode perder.

Surgem, na sua narrativa, diversas personagens: o companheiro, André, a mãe, Ana, a sua amiga obstetra, os familiares diretos de André, com destaque para a mãe e irmã, e o *"grupo de amigos"*, coletivo e anónimo, do qual fazem parte mas se distinguem as *"amigas"*.

André é invocado, na narrativa de Eva, para cumprir a função de objeto de suporte diferenciado e diferenciador: *"ele ajuda bastante, se bem que sempre num modo rapaz"*. Desta forma, através dele pode ser dito o desejo – *"tinha imensa vontade"* – o investimento afetivo da gravidez – *"quando eu lhe contei ficou ele mais contente que eu"* e a segurança – *"tem um trabalho estável"*. Através dele, Eva pode expressar dimensões que não reconhece em si em virtude do processo defensivo já assinalado: *"ele já me tinha referido que eu andava a falar um bocado à noite"* conta, para falar dos sonhos que sabe ter e que todavia não recorda. Porque cumpre esta função diferenciadora aparece também conflitualizado: *"a minha sensibilidade nota-se mais no meu dia a dia com o meu namorado [...] os homens não estão grávidos, não é, [...] então há ali uma guerrazita pequenita"*.

A mãe de Eva e Ana, a sua amiga, surgem como objetos contentores, que apaziguam, desintoxicam e promovem o investimento da gravidez. Assim, sobre a reação da mãe ao anúncio da gravidez, Eva conta: *"a minha mãe já estava mais ou menos à espera, teve uma reação à minha mãe, [...] 'pronto está bem então vamos lá', disse, assim tranquila [...] ela não é muito expansiva, mas demonstra à sua maneira"*. *"Tem-me estado sempre a apoiar"*,

diz. Ana é uma das suas “*melhores amigas e está grávida também*”. Como anteriormente indicado, é a primeira pessoa a quem Eva anuncia a gravidez, procurando confirmar a realidade da sua descoberta: à interrogação de Eva sobre a fiabilidade do teste de gravidez, Ana responde “*positivo é mesmo positivo, negativo é que pode ser um falso negativo*”, dando conta da possibilidade de a retração do investimento não corresponder à verdade psíquica. É também a Ana que Eva recorre quando tem de lidar com os receios relativos a uma possível anomalia fetal. Ana, que é médica, consegue apaziguá-la, responde com tolerância e segurança à aflição de Eva, que se dispersa pelas informações inquietantes que encontra na internet e que interpreta erradamente: “*que segundo a Ana não tem nada a ver [...]. Teve uma conversa mais séria comigo, esteve-me a explicar tudo muito calmamente e eu acalmei um bocado*”. Na primeira ecografia estão ambas presentes, a mãe e a amiga, e é através delas que Eva pode expressar o impacto do encontro com o seu interior: “*não tenho assim reações muito efusivas, depois vou falando sobre isso, mas na altura já estava quase a Ana a chorar (ri), e a minha mãe quase a chorar e eu ali ‘bem o que é que se está aqui a passar’*”. Ana e a mãe representam e sustentam a linhagem feminina, com diferenciação geracional, a que Eva se identifica para progressivamente tolerar, conter e investir a experiência.

Os familiares de André, cuja introdução na narrativa não é espontânea, mas suscitada por uma interrogação direta, constituem uma extensão, com ligeira variação, da função diferenciadora que ele promove: eles são uma outra família, representam uma outra cadeia filiativa face à qual ela pode destacar e valorizar a sua própria linhagem, fragilizada pela morte do irmão. Assim, Eva conta: “*a família dele, a irmã dele teve agora um bebé e eles queriam imenso que nós tivéssemos também um bebé [...] ficaram super contentes [...] têm ajudado imenso [...], ou vamos lá jantar a casa deles ou levam-nos comida, ou qualquer coisa [...]. Têm apoiado, mas não em demasia [...] também já têm uma neta [...] e como é a filha deles que teve o bebé, aquilo se calhar vai ali mais diretamente para ela, mas ainda bem, a mãe dele é um bocadinho mais mãe galinha [...] porque a minha mãe não é nada galinha [...], não é muito stressada, nem nada disso*”.

Finalmente, através das referências ao grupo de amigos, Eva tateia a continuidade das transformações e das transmissões geracionais: “*nós somos amigos desde, desde que nascemos, porque os nossos pais eram um grupo de amigos, tiveram filhos mais ou menos ao mesmo tempo*”. Esta massa anónima constitui-se como o pano de fundo que a suporta, “*têm sido espetaculares, tem sido toda a gente à minha volta, e não me deixam esmorecer*”, mas também face ao qual ela diferencia os seus próprios tempos e processos internos – como

quando explica que várias das suas amigas “*demoraram muito tempo a engravidar*”, ou quando confessa que “*não está a ser tão fácil como se calhar eu pensava, porque tenho, as minhas amigas todas diziam-me ‘ah estás grávida, isso é tão bom, isso é não sei quê, esquece isso’, mas não está a ser assim tão... tão pacífico*”. Em suma, as diversas personagens que Eva invoca são, portanto, figurações da sua função continente na sua dupla valência: integração e diferenciação.

A sensação contratransferencial dos três elementos do grupo de análise, no final da leitura conjunta desta entrevista, era a de um discurso que, embora inicialmente parecesse muito denso, tornou-se fácil de seguir, de compreender. Foi assinalada, também, a relativa rapidez (em comparação com entrevistas de outras participantes) da leitura interpretativa do grupo. Um dos elementos sintetizou desta forma a sua apreensão da entrevista: “*Sublinhei duas coisas, a satisfação com a gravidez e a temporalidade da inscrição do ninho*”.

4.1.2 O primeiro Rorschach

A leitura do protocolo Rorschach de Eva (anexo 11) evidencia, desde logo, um padrão que informa sobre o seu envolvimento com o objeto-mancha. Assim, o uso reiterado da expressão “*isto faz-me lembrar*”, antes da maioria das respostas cotáveis, testemunha a compreensão de Eva da situação Rorschach como um encontro comunicante com um material/ experiência (*isto*) que mobiliza o seu espaço psíquico enquanto reservatório de objetos internos (*me faz lembrar*). Na conclusão da exploração dos cartões Eva repete uma expressão similar: “*acho que é isto que me faz lembrar*”. Esta formulação dá conta do processo transformativo operado, uma vez que o “*isto*” já não é a mancha mas a representação elaborada. Mais significativa é a introdução de um elemento de incerteza (“*acho*”), que deixa entrever possibilidades inexploradas, ou não comunicadas. Estas surgem efetivamente, mesmo que apenas em momentos pontuais, através de respostas adicionais no inquérito (nos cartões VI, VIII e X), ou da adjetivação e comentários tecidos sobre as representações constituídas (nos cartões II, IV, VI). A repetição tão sistemática destas formulações, no início e no final da exploração de cada cartão, parece operar como marcos fronteiriços, exteriores à resposta, marcando o ritmo do momento em que é aberto o processo e em que ele é fechado, testemunhando a preocupação de Eva na contenção do processo transformativo a que é convocada. São percorridas, em seguida, as sequências narrativas inscritas entre estes marcos.

A interrogação “*posso dizer o que me vier à cabeça?*” inaugura o encontro com o cartão I, dando conta do impacto dispersivo deste encontro com o objeto-mancha. Revelando a possibilidade de tolerar e conter este impacto, Eva configura um objeto total, “*uma máscara*”. Assim, face ao encontro com um novo objeto – a situação Rorschach – Eva constitui um continente que opera como uma segunda pele, um rosto velado, um objeto que simultaneamente encobre e transfigura. Integrando as lacunas intramaculares e representando-as como “*olhos*” e “*nariz*” (o que torna explícito apenas no inquerito), Eva enuncia pontos de interação entre o interior e o exterior. Este objeto novo condensa habilmente o processo psíquico que origina a resposta: um processo de contenção e transformação, velado (dada a simples enunciação do substantivo na passagem espontânea, sem qualquer elaboração adicional), porém capaz de promover uma comunicação eficaz entre o universo interno e a realidade do objeto-mancha (trata-se de uma resposta global de boa qualidade formal). Depois de interrogar, novamente, os limites do trabalho em que estava envolvida, “*é só uma coisa ou?*”, Eva constitui uma nova representação-objeto, “*um anjo*”, figuração de uma representação de si marcada por traços onnipotentes, mas que mantém sem sobressaltos a adequação à realidade formal da mancha. Termina a exploração do cartão oscilando entre as duas possibilidades enunciadas: “*uma máscara ou um ser com asas*”, oscilação que remete também para a forma como perscruta a mancha, focando predominantemente o seu interior lacunar (no caso da máscara), ou a configuração lateral e o recorte externo, que leva a uma perda da especificidade mais conseguida no primeiro momento (o anjo tornado simplesmente ser com asas). A sequência remete para uma vivência de fragilidade (pela necessidade, defensiva, de convocar objetos protetores, uma segunda pele ou uma representação mítica) em face da transformação solicitada pelo encontro com um novo objeto-experiência, o Rorschach, decerto, dado que a sequência é constituída face ao primeiro cartão, mas simultaneamente a gravidez, pano de fundo da sua vivência atual e do meu encontro com Eva.

A exploração do cartão II inicia-se por um tempo de latência bastante alongado, a que se sucede a verbalização de algumas hesitações e precauções verbais (“*não sei*”, “*pode ser*”, “*qualquer coisa tipo*”), procedimentos que revelam, desde logo, o impacto do encontro com este cartão. Eva constrói uma resposta elaborada, que parte da representação de “*um caminho, [...] aqueles caminhos grandes*” no branco interior do cartão e que se expande, num esbatimento de perspectiva que predomina sobre a adequação formal, ao negro do eixo superior onde é constituída “*uma mansão*”, culminando na ligação “*um caminho grande, comprido, até uma mansão*”. A resposta remete para a oscilação entre representações, uma

indefinida e aberta, um caminho a ser percorrido e a outra definida, fechada e idealizada, a mansão (como o anjo em I). Esta primeira resposta não é eficaz na construção de um objeto capaz de conter a sua experiência e recorre, com perda de adequação formal, novamente, ao objeto encobridor, à segunda pele, “*uma máscara*”, que Eva reconhece como representação excessiva com função de ecrã, ao comentar “*se calhar tudo me vai fazer lembrar uma máscara*”. Desta forma, a fragilidade de Eva sobressai novamente (testemunhada pelo recurso ao esbatimento com construção de um objeto grandioso, ainda assim insuficiente e por isso encoberto pela recuperação, inadequada, da representação anteriormente invocada como proteção, a máscara), intensificando-se aqui (como revela a perda de adequação formal em toda a resposta), provavelmente, em face da solicitação relacional e pulsional do cartão, que é recusada.

No cartão III, após um tempo de latência significativo e de novas precauções verbais (“*se calhar*”, “*parece*”), Eva configura uma representação humana inespecífica, numa cinestesia humana postural e especular: “*uma pessoa a olhar para o espelho, está-se a ver a ela própria [...] e está sentada*”. Uma ligeira hesitação sobre se são duas pessoas ou uma, que ressurgue no inquérito, revela que esta contemplação de si mesma inclui a procura de algo que escapa à simples reflexão do igual, porém a insistência nos elementos estáticos (o espelho, o K postural), com evitamento explícito do conteúdo pulsional solicitado pelo cartão (“*não olhei muito para os vermelhos*”, diz no inquérito), testemunha um esforço de paralisação da imagem. A estaticização trazida por estes elementos serve a mesma função realizada primeiro pela mansão e depois pela máscara, no cartão anterior, em face da expectativa aberta pela representação de si face a si mesma, face a um caminho a ser percorrido no encontro com a experiência Rorschach, como fragmento hologramático da vivência da gravidez.

A aproximação ao cartão IV surge envolta em procedimentos que visam, mais uma vez, minimizar o impacto do encontro com o objeto-mancha: um tempo de latência prolongado, o uso de um eufemismo, “*um ser grande*”, e uma denegação, “*não é bem*”, precedem a comunicação da representação “*um monstro fantástico*”. A esta aproximação ao conteúdo ansiogénico, segue-se a centração na cara, operando uma restrição percetiva. No entanto, a restrição não é apaziguadora da estranheza experimentada, e no inquérito os conteúdos não metabolizáveis reemergem parcializados: uns “*braços estranhos e uma cabeça também pequenina e estranha*”. Termina o inquérito pelo diluir da representação, “*não muito nítido*”. Os mecanismos que operaram com sucesso anteriormente, o recurso a uma representação onipotente e a operações de encobrimento, são ineficazes perante este cartão

cuja solicitação latente remete para imagens de potência na configuração da representação de si.

Face ao cartão V, Eva constrói, imediatamente, uma representação clara e bem definida “*uma borboleta*”, sem qualquer caracterização adicional. É uma representação associada à fragilidade e à transformação, os dois eixos temáticos já evidenciados.

No cartão VI, Eva constitui um objeto ao qual não dá contornos definidos, “*um tapete de pele*”, que todavia remete para um universo próximo, “*uma amiga minha tem um tapete parecido*”, embora no inquérito alongue a distância, “*os pais dela têm*”, acabando por verbalizar o investimento negativo: “*eu não gosto*”. Na prova de escolhas, na qual este cartão figura como escolha negativa, expressa diretamente o aspecto desvitalizado inquietante: “*a pele de um animal morto*”. Num segundo momento, como resposta adicional no inquérito, enuncia um objeto de contornos mais definidos mas, por natureza, próximo de sofrer uma metamorfose, “*um girino*”. Eva divide assim a mancha entre um objeto em transformação, investido pelo silêncio que sobre ele recai na resposta espontânea, e um objeto desvitalizado, não apreciado, porém reconhecido, familiar.

Nova elevação do tempo de latência a abrir a exploração do cartão VII, seguida da expressão de dúvida sobre a sua capacidade de proceder a uma integração, “*eu não sei bem o que hei de dizer aqui*”. Inicia então a construção da resposta cotável “*uma cara [...] uma pessoa, uma senhora mais velha a olhar para um espelho e a ver-se a ela própria*”, repetindo a referência ao espelhamento e ao olhar do cartão III, mas complexificando a construção da resposta. Efetivamente, parte de um objeto parcial (a cara) para um objeto designado como total (pessoa), embora no inquérito se perceba que o corpo não é representado inteiro. Por outro lado, qualifica o objeto destacado como feminino (senhora) e acrescenta uma referência geracional (mais velha). Introduce então uma outra perspectiva, através de um comentário subjetivo, acrescentando àquela que se contempla “*nós*”, eu e ela, que “*estamos a ver de frente*” aquela que se vê. A necessidade deste afastamento torna-se clara quando explicita o desconforto e inquietação que experimenta em face da imagem, ao selecionar este cartão como escolha negativa: “*Não sei, se calhar tenho algum problema com as velh, com a velhice (ri) mas não sei, é assim, parece assim mais feia*”. Este comentário, que emerge apenas na prova de escolhas, revela que há um conjunto de atribuições que ela guarda para si. Ao longo da passagem espontânea e do inquérito preocupa-se mais em designar, fazendo pouca referência ao impacto da experiência de encontro com as manchas, que ela não sabe bem expressar. Quanto mais impacto têm alguns cartões mais difícil fica sustentar essa forma, como

se demonstrou aqui pela parcialização do conteúdo da resposta, no cartão IV pela focalização da cara adjetivada de estranha, e pela separação operada no cartão VI, a segunda escolha negativa.

Face ao cartão VIII, constrói imediatamente uma resposta a partir de um recorte D com integração do branco, “*um barco*”, “*uma vela, tipo catamarã*”, mas que não sabe exatamente como justificar: “*não sei porquê faz-me lembrar*”. É um objeto apreciado, o que explicita, apenas, quando seleciona este cartão como escolha positiva. Trata-se de um objeto continente que veicula a ideia de movimento ou, pelo menos, da sua possibilidade. Tendo em conta a mudança de estímulo que o cartão comporta, com a introdução dos pastéis, a resposta de Eva indicia a mobilidade contentora do seu psiquismo em face da transformação. No inquérito, constitui como resposta adicional “*um animal*”, nas manchas rosas laterais, sem mais especificação. O mais importante desta resposta adicional é o facto de referir que havia pensado nela, embora não a tivesse comunicado, mais uma vez revelando o silêncio a que vota representações, e que persiste na indeterminação formal que agora produz.

No cartão IX, depois de algumas hesitações, silêncios e precauções que elevam o tempo de latência, aproxima-se da construção que faz uso de uma parte da mancha, de um objeto inteiro feminino, onnipotente, perigoso, “*uma bruxa*”, caracterizada a partir de um pormenor sobressignificado: um dedo a apontar “*a alguém*”, acrescentando em seguida “*sempre com o espelho*”. No inquérito justifica a representação a partir de um elemento acessório, descrito com recurso a um diminutivo, “*um chapeuzinho*”, procurando assim diminuir a perigosidade experimentada face à solicitação regressiva, referente ao universo materno e ao interior do corpo.

Finalmente, no cartão X, depois de uma nova elevação do tempo de latência, pontuado por silêncios e hesitações, enuncia uma resposta indefinida e plural, “*vários animais*”, selecionando em seguida duas partes da mancha nas quais representa dois objetos inteiros, dois animais, “*um caranguejo*” e “*um coelho*”. Estes objetos remetem para dimensões opostas, um caracterizado pela dureza e outro pela textura suave e delicada, um pertencente ao universo marítimo e outro ao universo terrestre, um que se move lentamente para trás e outro mais evoluído e veloz. O contraste simbólico das duas representações que, do ponto de vista da localização da mancha, estão tão próximas, é seguido por uma dispersão cuja função defensiva não é eficaz, já que Eva não só perde o controlo formal, “*vários animais assim espalhados*”, como imediatamente a seguir verbaliza uma crítica direta à sua capacidade de constituir representações, “*acho que não está muito bem*”, terminando o protocolo com a

expressão “*cartõezitos*”, que visa minimizar, depreciativamente, o objeto (e, por extensão, o sujeito que o veicula). O cartão figura como escolha positiva, justificada em função da cor e da representação indiferenciada “*vários animais*”, que associa a “*um sítio mais alegre*”, expressão algo enigmática, e que, mais uma vez, deixa transparecer um conjunto de associações não verbalizadas.

É agora importante reunir e interpretar os aspetos salientes desta análise, cruzando com os dados fornecidos pelo psicograma (anexo 11). Destaca-se, em primeiro lugar, que as respostas cotáveis configuram, na sua maioria, representações-objetos clara e corretamente delimitadas (representações construídas em *G* e *D*, de boa qualidade formal), confirmando o carácter comunicante do encontro entre o material e o universo psíquico de Eva, anunciado pela já assinalada repetição da expressão “*isto faz-me lembrar*”. No entanto, tal como também já havia sido sugerido, é observável um intenso trabalho de contenção desse espaço de encontro e de transformação que implica a criação e comunicação de novos objetos/representações. É isso mesmo que testemunham um conjunto de procedimentos de restrição da expressão que pontuam todo o protocolo: o reduzido número de respostas (14), com uma única resposta por cartão a partir do III e até ao IX, o elevado tempo médio de latência (propiciado sobretudo pelas latências face aos cartões II, IV, VII, IX e X), o escasso recurso a adjetivação que complementa os substantivos que configuram as respostas cotáveis, a ausência de integração dos vermelhos e dos pastéis nas respostas e, finalmente, a escassa liberdade de exploração do objeto-mancha para lá da sua configuração mais imediata (as respostas *G* surgem, sistematicamente, nos cartões negros compactos, sem que se sigam explorações mais pormenorizadas da mancha, enquanto o uso dos *D* ocorre nos cartões que os favorecem, os cartões abertos e nos pastéis). A constituição da primeira representação-objeto, “*uma máscara*”, como foi assinalado, condensa esta dupla determinação do processo de produção e comunicação da resposta: a transformação resulta do processo de comunicação, tanto quanto de processos de encobrimento.

Em segundo lugar, a análise das representações-objetos, constituídas por Eva ao longo da narrativa Rorschach, permite constatar que a enunciação de substantivos é sempre singular (com uma única exceção na primeira resposta ao cartão X). Acresce que uma parte muito considerável destas respostas constitui respostas globais (o *G%* surge efetivamente elevado no psicograma) o que revela a preocupação não apenas em representar o *um* como em reconhecer e conservar a *unidade* inerente à mancha. É ainda significativa a exploração sistemática de Eva do eixo dos cartões, construindo boa parte das respostas a partir do que aí se destaca. A

unidade, a singularidade, a identidade é pois um tema saliente (uma identidade que, sublinhe-se, é perfeitamente íntegra e coesa, como o revela a já referida predominância de respostas de boa qualidade formal e de objetos inteiros).

Em terceiro lugar, destaca-se a elevação da percentagem de respostas H, originada pelo elevado número de conteúdos (H). Na medida em que as respostas H refletem uma representação direta de si, a sua elevação dá conta de um trabalho psíquico intenso em torno deste organizador, que corrobora a centração na temática identitária já sublinhada. As respostas de Eva face aos cartões III e VII, em que configura uma representação humana que se observa a si mesma, em face a um “*espelho*”, condensam esta temática. As restantes respostas deste índice são constituídas por conteúdos humanos míticos (no cartão I um anjo, no IV um monstro e no VIII uma bruxa). Invocando representações onnipotentes, estas representações-objeto dão conta da fragilidade experimentada por Eva quando colocada em face desse trabalho de contemplação de si mesma. De notar que sempre que se aproxima de uma representação sexuada o mal estar é mais evidente (o monstro do cartão IV e a bruxa do cartão VIII, *versus* o anjo; a pessoa no cartão III *versus* a senhora mais velha no cartão VII, selecionada como escolha negativa).

De referir, também, a diminuta percentagem de respostas A%, potenciada pelo reduzido número de respostas e pelo sobreinvestimento das representações H. A análise das representações de animais convocadas por Eva vem confirmar a leitura que tem vindo a ser feita, já que estas respostas se inscrevem nos eixos temáticos já destacados: a ideia de um processo transformativo em curso (as metamorfoses sugeridas pela borboleta no V e pelo girino como resposta adicional ao cartão VI, como também os diferentes lugares e possibilidades enunciados nas representações contrastantes caranguejo e coelho, no cartão X), que evoca sentimentos de fragilidade (é o caso da borboleta e também das respostas cuja componente pele/textura/continente é evidente – a pele de animal no VI, mas também o caranguejo e o coelho tomados na sequência em que ocorrem). O mais curioso, possivelmente, destas respostas, é a forma como cada uma condensa os diversos eixos, clarificando as interações temáticas. É aliás também essa a característica das respostas mais originais (o caminho que conduz à mansão no cartão II e o barco no VIII).

Tendo em conta todos estes elementos, pode agora ser compreendido que os procedimentos de restrição que operam na narrativa de Eva têm como função conter, encobrindo, a fragilidade psíquica experimentada por Eva em face de um encontro com um novo objeto-experiência (o Rorschach, certamente, todavia, como assinalado,

simultaneamente a gravidez, pano de fundo da sua vivência atual e do meu encontro com Eva) que, necessariamente, impõe movimentos transformativos.

4.1.3 As primeiras histórias TAT

As narrativas de Eva (anexo 12) em face dos cinco cartões TAT propostos caracterizam-se, na globalidade, por refletirem adequadamente as solicitações, manifestas e latentes, veiculando histórias conflituais, pontuadas frequentemente por precauções verbais e pela expressão de dúvidas (face ao material e às suas capacidades) que restringem a elaboração.

Face ao cartão 1, depois de um tempo de latência elevado, Eva constrói uma narrativa a partir da identificação do afeto disfórico que liga, diretamente, a personagem ao objeto: “*é um rapaz [...] parece-me estar triste a olhar para o violino*”. O afeto e a paralisação da relação, traduzida pelo verbo usado, “*olhar*”, são justificados em função de um encontro com o objeto marcado pela impossibilidade, intra e intersíquica, de satisfazer o desejo: “*talvez queira aprender e não possa, ou talvez não tenha quem o ensine*”. Eva interrompe a narrativa interrogando a expectativa da investigadora: “*mas quer uma história mesmo história?*”. Na restante sequência do seu relato, retornando uma e outra vez ao afeto, como centro da circunferência do seu discurso, Eva sublinha e explora a temática da impossibilidade: o que a personagem quer e não pode, “*não conseguiu*”, os recursos relacionais ausentes, “*não tem tido grande ajuda exterior*”, o investimento interno que falta, “*sente que tem de se dedicar mais*”, a incapacidade dela para contar a história, “*não tenho muito jeito para isto*”. Depois de algumas manifestações de desconforto (sopra, ri), e de recorrer novamente ao suporte orientador e contentor da entrevistadora (“*tenho de dizer mais alguma coisa?*”), Eva interrompe o processo associativo: “*então pronto*”. A sequência dá assim conta da experiência de Eva no encontro com o objeto (o material TAT, o violino, a gravidez), caracterizada pelo confronto entre o desejo de aproximação, manuseamento e investimento do objeto, e a dificuldade em convocar recursos, internos e externos, que suportem, facilitem e enriqueçam esse encontro.

Um silêncio demorado, mas não excessivo, precede a construção da narrativa de Eva face ao cartão 5. Em seguida, Eva encena uma situação doméstica em que a personagem feminina do cartão, identificada como “*uma dona de casa*”, observa e interpela uma personagem masculina, (que não figura na imagem), interrogando-o sobre a sua condição/atividade e solicitando-o a uma aproximação: “*está a espreitar o que é que o marido*

está a fazer [...] está a perguntar-lhe + o que é que ele está a fazer + se quer vir ajudar”. Em seguida, Eva preocupa-se em justificar a sua interpretação, sublinhando aspetos da expressão e do vestuário da personagem feminina que, no seu entender, veiculam a sua função relacional: inquirir o masculino e organizar o espaço interior – “*com um ar, parece um bocadinho inquisidor [...] pela forma como está vestida e pela forma como está arrumadinha, a casa*”. Termina com a expressão “*acho que é isso*”, que interrompe o processo associativo sem o fechar numa certeza interpretativa (“*acho*”, vocábulo que expressa uma dúvida remanescente). Eva interroga, de forma difusa, os conteúdos, internos, da sua experiência, procurando organizá-los.

A narrativa despoletada pelo cartão 6GF inicia-se por uma tentativa de paralisação (pôr em quadro) e distanciamento, “*parece a imagem de um filme*”. Este procedimento defensivo não é eficaz, como revela a interjeição de três momentos de pausa discursiva nos primeiros momentos de tateamento do início narrativo: “*+ aqui ++ temos um casal +*”. É então evocado um conflito não clarificado, “*estão a discutir*”, focando-se o relato de Eva na tentativa de explicitar os papéis das personagens: a mulher interroga e espanta-se, o homem tenta explicar-se. O encontro conflitual entre o masculino e o feminino é difícil de tolerar, o que leva Eva a procurar desdramatizar a situação: “*estão nesse diálogo*”. A defesa revela-se ineficaz, o que conduz à anotação narrativa, algo bizarra, de um pormenor, que Eva não decifra “*não percebo bem o que é isto aqui*” (refere-se à mesa no canto inferior esquerdo do cartão), a que se segue a interrupção do curso associativo: “*sim, acho que é isso*”. O encontro entre feminino e masculino é designável, mas a aproximação aos significados do vínculo estabelecido é mais difícil de conter e integrar.

Eva inicia a narrativa, no cartão 7GF, sem latência inicial, centrando-se na figura feminina mais nova. Após um breve silêncio, as personagens são identificadas numa teia familiar e geracional (“*um bebé*”, “*a irmã do bebé [...] a mãe do bebé*”), marcada pelo desconforto e pela indisponibilidade. Este mal estar relacional é expresso através da evocação da inadequação do suporte do bebé pela personagem central (“*o bebé assim um bocadinho em baixo*”), pela ausência de elaboração relacional e pela enunciação de afetos disfóricos (“*com um ar um bocado descontente. Se calhar está farta de estar com o bebé ao colo e a mãe está a trabalhar [...] está assim um bocadinho zangada*”). Mais uma vez, a relação é tateada contudo tradutora de desconforto, dada a dificuldade de estabelecer uma comunicação intra e intersíquica confortável e enriquecedora.

Face à imagem do cartão 19, depois de um curto silêncio inicial e do recurso à expressão frequentemente usada no Rorschach “*isto faz-me lembrar*”, Eva constitui um objeto continente, “*uma casa*”, que diferencia face ao ambiente envolvente, acentuando elementos sensoriais, “*na neve, é de noite [...] há neve por todo o lado*”. Centra-se, em seguida, nos elementos de fronteira, “*as janelinhas*”, que usa para investir a exploração imaginária de um interior iluminado, habitado, familiar, “*com luz em casa, [...] há de estar uma família em casa*”. Retoma um ponto de ligação entre o interior e o exterior, “*chaminé*”, antes de suspender o processo associativo, “*acho que é isso*”. Eva investe a delimitação de fronteiras, cuidando da sua abertura, de forma a poder reconhecer uma interioridade viva, habitada, confortável, mesmo que não explorável.

A análise das sequências permite verificar que as histórias TAT de Eva são constituídas, predominantemente, em torno do imaginário, encenando experiências relacionais (cartões 1, 5 e 6 GF) e subjetivas (cartões 7 GF e 19) conflituais, em que predominam duas linhas de vivência afetiva, uma mais disfórica e a outra expectante (traduzidas nos adjetivos e verbos usados, por exemplo, triste, zangada, não conseguir, discutir *versus* espantado, espreitar, perguntar). A observação de tempos de latência organizadores, a atenção a elementos da realidade externa e o uso significativo de procedimentos de restrição da expressão permitem a Eva ir progredindo na narrativa, sem que esta se desorganize, porém não favorece uma elaboração rica e desimpedida dos aspetos afetivos e imaginários evocados. O mesmo ocorre com o recurso a procedimentos extra-narrativos à esfera corporal (sobretudo risos, que, exceto no cartão I, não impedem a continuidade da exploração narrativa). Já o recurso à autorreferência, através de comentários críticos, precede sempre quebras do processo associativo, sinalizando a ligação entre uma vivência de fragilidade, de incerteza sobre os seus recursos internos, e as dificuldades de elaboração. As narrativas evidenciam assim um trabalho psíquico em curso em face do material, mas cuja elaboração/ comunicação resulta densa, porque excessivamente contida e velada.

Terminada a entrevista e as provas projetivas, o gravador é desligado. Eva expressa, nesse momento, a dificuldade que sentiu em face do material que lhe foi apresentado, considerando que não esteve muito bem, mesmo percebendo que não existem respostas certas ou erradas. Queria ter mais criatividade, desabafa, queria ter contado melhor as histórias. Sobre as entrevistas diz sentir que falou muito, expressando preocupação com o trabalho que terei com as transcrições. Como se, de alguma forma, me sobrecarregasse com um discurso

que sente como excessivo, pesado, difícil. Despedimo-nos, depois de combinarmos que entrarei em contacto com ela quando se aproximar do final do segundo trimestre, para marcarmos o nosso próximo encontro.

4.1.4 Eva em transformação no primeiro trimestre

No primeiro trimestre, a mente de Eva esforça-se por encontrar forma de acolher a experiência da gravidez, investigando os seus contornos e explorando a transformação a que é convocada. Na medida em que interroga a experiência e que, através dessa interrogação, vai sendo capaz de a conter e de a comunicar, Eva revela a possibilidade de manusear o objeto psíquico, a gravidez, através da mobilização de processos de tolerância à incerteza (PS) e de integração emocional (D). São, no entanto, os processos PS que ocupam o primeiro plano do trabalho psíquico, demonstrando maior mobilidade e flexibilidade, isto é, maior potencialidade elaborativa. É assim que é possível, em face dos três instrumentos, sustentar a dúvida e a inquietação desencadeada pelo encontro com a experiência-objeto, pacientemente suportá-la e manuseá-la até que um movimento de integração, de segurança, se comece a esboçar. A integração possível é ténue, apenas um esboço de objeto total, como testemunha a maior mobilidade psíquica observada na entrevista, em que sublinha a ambiguidade da experiência que vive, que contrasta com a maior restrição, rigidificação e contração na unidade das representações no Rorschach, e com as dificuldades de exploração significativa no TAT. A integração, carecendo de verdadeira solidez e densidade, não pode ser sujeita a novas interrogações que relançariam o processo transformativo. Uma contemplação silenciosa, encoberta, vela pelos objetos constituídos, como permite supor a evocação muda do universo onírico na entrevista, a evocação, no cartão I do Rorschach, de uma máscara, ou a representação, nos cartões III e VII, de uma pessoa que se olha ao espelho. Desta forma, apesar de ser dada a ver, em alguns momentos, a possibilidade oscilatória PS↔D, predomina um campo psíquico orientado por processos PS[→D].

Observadas a partir do vértice da relação ♀♂, as primeiras narrativas de Eva dão conta de um trabalho intenso de circunscrição do impacto da experiência da gravidez, enquanto ♂ a ser pensado, num espaço psíquico descrito como ♀ disponível ao acolhimento – disponibilidade figurada, na entrevista, no relato da pré-história da gravidez, no Rorschach pela forma como experimenta a situação como encontro comunicante e, no TAT, no ♀ habitável evocado no cartão 19 –, embora fragilizado – como demonstram os receios expressos na entrevista, corroborados no Rorschach pelas temáticas inscritas nas

representações constituídas e, no TAT, pelas dúvidas veiculadas face ao Cartão 1, que reverberam nas autorreferências críticas que pontuam as histórias.

O encontro com a experiência é violento, produzindo um abalo da continuidade psíquica, um choque, isto é, uma falha momentânea da função ♀. O impacto deste encontro é testemunhado, na entrevista, pela estranheza descrita em face do teste de gravidez, no Rorschach, pelo comentário que precede a primeira resposta (“posso dizer o que me vier à cabeça?”) e, no TAT, pela paralisação relacional em face do cartão 1. Segue-se um trabalho de restauração progressiva desta função, através de sucessivas dilatações e contrações de ♀ representacionais – observáveis nas representações extremas e contraditórias que evoca na entrevista, no reforço do ♀ nas representações Rorschach e, ao contrário, na sua diluição nas histórias TAT –, capazes de começar a manusear os ♂ do objeto-experiência. O significado da experiência é tateado – sobretudo através da exploração do corpo, da sua história e dos seus objetos relacionais, usados como ♀ auxiliares, integradores e diferenciadores –, contudo é circunscrito *a minima*, produzindo significados abertos, insaturados, o que é permitido pela prevalência de processos PS observada neste primeiro encontro com Eva. Assim, a relação ♀♂ origina pré-conceções, suficientemente contentoras para reporem a mobilidade psíquica, porém também suficientemente amplas e inespecíficas para tolerarem a continuidade transformativa que a experiência exige; a designação sem subsequente exploração no Rorschach, e as histórias legíveis, conectadas com as solicitações latentes, todavia pouco exploradas do TAT isso mesmo atestam. Desta forma, o trabalho psíquico em que Eva se envolve recai, predominantemente, na configuração de ♀ capazes de acolher os ♂ da experiência, mas sem que estes últimos sejam explorados na sua especificidade.

O vínculo K organiza o encontro entre o espaço psíquico de Eva e experiência da gravidez no primeiro trimestre. Uma interrogação permanente sobre o significado emocional do que está a viver é, efetivamente, o aspeto mais saliente das suas narrativas. É um vínculo de tendência positiva (K+), mas que não chega a efetivar-se, permanecendo suspenso, movimento de aproximação, esboço de desejo de saber. Os vínculos L e H surgem assim desinvestidos, tomando predominantemente um valor negativo: L-, patente no deslocamento do desejo e do investimento para os seus objetos relacionais verificado na entrevista, ligado à vivência de luto e ao risco pressentido, no Rorschach nas representações de encobrimento e proteção relacional, as máscaras, nos cartões I e II, e na a sideração e espelhamento relacional nos cartões III e VII; e H-, como demonstrado pelos procedimentos defensivos observáveis nas respostas aos cartões IV e VI do Rorschach, bem como pelos afetos disfóricos promotores

de afastamento relacional expressos na entrevista e nas histórias TAT. No entanto, nos momentos de maior aproximação a certos ♂ surgem esboços de vinculação L+, como nas descrições ecográficas, e H+, face ao feminino/materno, no cartão VII do Rorschach com a configuração de uma bruxa, e no cartão 7GF do TAT através dos afetos mais agressivos que aí emergem.

Em síntese, no primeiro trimestre, a experiência é acolhida, no psiquismo de Eva, como um objeto que a interroga e que se faz interrogar: quem é Eva transformada pela gravidez, o que é essa gravidez que a transforma são as questões que mobilizam o seu pensamento. A dor provocada por esta interrogação é assumida e progressivamente elaborada, como denotado pela possibilidade de designar a sua vivência como um “impasse”, ao mesmo tempo que este é progressivamente integrado na continuidade psíquica, sem perder o seu carácter ainda enigmático. O primeiro trimestre de Eva é, pois, a história de como o encontro com a gravidez mobiliza, simultaneamente, processos de expansão e de contração do espaço psíquico de forma a adaptar-se a um objeto incerto, desconhecido e inquietante.

4.2 Segundo encontro: 25 semanas

Entro em contacto com Eva quando se aproxima das 25 semanas para marcar o nosso segundo encontro. No telefonema Eva não consegue ainda precisar o dia, da semana seguinte, em que terá disponibilidade. Está com algum trabalho nessa semana, explica-me. Disponho-me, novamente, a ir ter com ela. Eva aceita e combinamos que nos encontraremos na localidade, próxima de Lisboa, onde vive e que me enviará uma mensagem com a data e hora que lhe convém. Não tendo recebido nenhuma mensagem contacto-a novamente, por sms, perguntando se já me sabe dizer em que dia nos poderíamos encontrar. Responde prontamente, propondo um dia. Ligo-lhe, acertamos a hora e o local, a sua casa. Envia-me, pouco tempo depois, por e-mail, a morada e indicações, pormenorizadas, sobre o percurso.

Chego à morada que me indicou com alguma antecedência e fico a aguardar a hora combinada. A cinco minutos de tocar à sua porta vejo-a a sair. Ela vê-me e cumprimentamo-nos. Está com o namorado, que me apresenta. Tal como ela tem um ar jovem e descontraído. Diz-me que vai comer um gelado e que volta já. Regressa 10 minutos depois e entramos os três no prédio. Já em casa, indica-me uma divisão onde poderemos ficar. Tem duas cómodas, uma caixa enorme de cartão que guarda um carrinho de bebé e outros objetos dispersos. Vai buscar cadeiras e acompanho-a para a ajudar. Anuncia que vai buscar água e pergunta-me se

quero algo. Regressa, senta-se e pede desculpa pela desarrumação. Ainda está a organizar aquele espaço para ser o quarto do bebé, explica. Está também a organizar, como se compreende por este prefácio ao nosso encontro, movimentos de aproximação e afastamento relativamente aos nossos encontros, que são também um encontro consigo mesma e com a experiência da sua gravidez.

Ao longo da entrevista parece sentir-se progressivamente mais à vontade. Parece-me mais tranquila do que no nosso primeiro encontro. Tenho, durante a entrevista, a sensação de que fala muito rápido, “despejando” a resposta e “passando-me a bola”, fazendo um silêncio e um olhar que me obrigam à pergunta. No entanto, quando vejo as horas percebo que o tempo passou rapidamente e que chegámos ao final do tempo da entrevista.

4.2.1 A segunda entrevista

Eva experimenta agora a gravidez como um encontro gradual, ritmado e comunicante entre o seu mundo interno e uma realidade visível, perceptível, que pode ser assinalada e partilhada: *“Acalmei um bocado [...], é melhor porque começamos a ver a barriga a crescer e começamos a consciencializarmo-nos mais que estamos grávidas. [...] E o bebé começou-se a mexer (ri). [...] É giro, é sempre uma excitação, mexe-se, depois começa-se a mexer mais, cada vez mais e depois já tem tipo quase horas certas para mexer, e pronto é giro, e as pessoas também reparam mais [...] tem sido bastante mais calmo, mais tranquilo”*. Eva encontrou um lugar, uma disposição psíquica a partir da qual pode observar, interrogar, manusear e assim integrar e investir a experiência que está a viver. A continuidade psíquica, abalada no primeiro trimestre, foi claramente reconstituída e é o terreno, o palco onde agora se desenrola a trama. Uma trama alimentada por um conjunto de dados da realidade, que neste palco vão sendo subjetivamente significados. Desta forma, as transformações corporais, a perceção dos movimentos fetais, as ecografias, a descoberta do sexo do bebé, a subsequente escolha do nome e o emergir de uma representação sobre o futuro que se liga ao passado são convocadas por Eva como experiências que podem ser designadas como transitivas: experiências que se situam na intersecção do real com o psíquico, enriquecendo ambos; experiências de continuidade, de aproximação gradual e não de rutura, como sublinham as suas descrições, experiências de manuseamento dos seus objetos internos.

Assim, a barriga que se evidencia é experimentada como um sinal exterior que assegura a veracidade da experiência interna, que a confirma promovendo o seu investimento afetivo: *“é engraçado ver o, ver o corpo a mudar [...] já é mesmo, pronto é efetivo, estou*

grávida (ri), e é bom”. Uma confirmação que é ampliada por um desdobramento do olhar, o dela sobre si mesma e o dela através do olhar dos outros: *“eu apercebo-me que obviamente que estou com barriga, mas não me apercebo como quando vejo pessoas que já não me veem há algum tempo de repente ‘ah já tens barriga’ [...], mas eu eu apercebo-me e é engraçado ver o, ver o corpo a mudar*”. O carácter progressivo desta transformação corporal é sublinhado: *“começa-se aos poucos a ver a barriga a crescer [...] desde umas três semanas para cá a barriga cresceu bastante, notou-se mais um bocadinho [...] foi um bocadinho, foi gradual*”. Esta insistência numa progressão suave opera defensivamente contra a possibilidade de a experiência ser excessiva, disruptiva – *“não fiquei descomunal, até agora, ainda bem*” – revelando que o trabalho de apropriação e inscrição psíquica está intimamente ligado à temporalização da experiência, à possibilidade de a transformação ser vivida como uma construção, contínua, gradual e não abrupta como foi vivida no primeiro trimestre. Eva pode assim investir-se como continente, um investimento que expressa através da deslocação para o vestuário, uma segunda pele: *“já que estamos a mudar é bom sentirmo-nos bem, sentirmo-nos bonitas, e comprarmos roupa que nos sintamos confortáveis [...] exagerei, mas fiz algumas compras para ter alguma coisa que vestir e não stressar sempre que vou ao armário*”. Se o investimento é, como evoca Eva, aparentemente excessivo, é porque cumpre uma função defensiva que ela mesma assinala: conter a potencialidade disruptiva que a experiência integra. A continuidade psíquica recuperada permite, pois, o investimento narcísico. E ambos sustentam um reforço da função continente.

A descrição da perceção dos movimentos fetais traz, igualmente, a marca de uma construção progressiva. São vividos como um encontro entre a sua disponibilidade para os acolher – *“eu já estava um bocado na expectativa*” – e uma realidade sensorial que opera como sinal a ser decodificado, investido e partilhado: *“Às vezes sentia qualquer coisa e não sabia bem o que era, nada muito explícito. Depois houve uma vez que senti mesmo, assim tipo parece um toquezinho, como se nós tocássemos assim na pele muito rápido e fiquei ainda naquela, será que foi, será que não foi, e depois voltei a sentir, não foi logo a seguir, foi passado um tempo, e já percebi que seria mesmo, e fiquei toda contente. E depois eu e o André estávamos sempre a olhar para a barriga e a ver quando é que se mexia, que inicialmente é pouco, mas depois começa a ser, agora já é muito mais regular*”. Esta experiência, explica Eva, *“é o mais giro*”, porque ao contrário das transformações corporais já não versa simplesmente sobre o corpo enquanto continente, mas sobre a relação deste com o conteúdo representacional e afetivo da gravidez, que começa a emergir com mais definição:

“*uma amiga minha deu-me uma caixinha de música, assim pequenina [...] e pusemos aqui em cima da barriga e lá começou [...] ela aos pontapés, nesse preciso momento, e foi engraçado. Pode não ser uma interatividade, mas parece que é, e é giro*”. Tal como as transformações corporais, a percepção dos movimentos fetais é usada como suporte real que autoriza, contém e enriquece a significação: “*é ativo, energética, [...] dizem sempre que quando se move é bom, significa que está bem*”. Como ela, que se move, psiquicamente, apropriando-se da experiência.

A experiência ecográfica é relatada por Eva, antes de mais, como instância confirmatória da interpretação que faz do seu corpo em transformação e da percepção dos movimentos fetais. Assim, diz: “*a ecografia mais importante do segundo trimestre, que é a ecografia morfológica, em que eles veem tudo, veem, estão horas a medir tudo e mais alguma coisa, e vi que estava tudo bem*”. Vê, novamente, através do que é visto pelos outros e este olhar confirma o que sente. “*Foi um alívio, é sempre um alívio nós sabermos que [...] está tudo, tudo ok, tudo a correr dentro da normalidade*”.

Todavia, as ecografias trazem também um dado novo, o reconhecimento do sexo, “*ela, é uma menina*”. Interrogada sobre “*como foi saber*”, Eva descreve, novamente, o trabalho gradual de apropriação psíquica, que realiza pela circulação, interativa, entre o universo interno e os dados do real. “*Inicialmente eu estava a ficar um bocado convencida que era um rapaz [...] então comecei um bocado inconscientemente a, ai falta-me a palavra, a consciencializar-me que era um rapaz. [...] Depois fiz uma ecografia na médica, não foi aquela morfológica foi uma ecografia normal [...] e ela disse-me que parecia-lhe uma rapariga, mas não tinha bem a certeza. [...] Então eu comecei a mudar um bocadinho a mentalidade, [...] comecei também a entrar mais nessa da menina, e depois quando tivemos a confirmação eu já estava, estava bem [...] foi giro, foi bom. Foi bom, soube bem. Uma menina (ri)*”.

Sustentada pelos dados da realidade presente, Eva pode começar a tatear, a configurar e a investir a experiência, “*é importante saber [...] para preparar tudo e começar a ver*”. A procura do nome começa por ser vivida como dispersa, confusa, difícil. “*O nome foi complicado*” diz. Ela e André concordavam no nome a atribuir no caso do bebé ser um menino, mas a escolha do nome feminino não reunia o mesmo consenso: “*nós não conseguíamos acertar, gostávamos de alguns, mas não nos acertávamos*”. O envolvimento de outras vozes, de outros objetos relacionais, não é organizador, ao contrário, é sentido como excessivo e alienante: “*as pessoas começam logo a dar imensas opiniões [...] eu já não*

aguentava mais (ri) a falar sobre o nome da criança”, conta, acrescentando que alguns membros da família de André começaram “a tratá-la uns por Clara, outros por Patrícia, e eu comecei a não, não quero, já estão a decidir por mim (ri), não quero”. É o retorno à sua linhagem familiar, feminina, e ao seu espaço interior, que opera como organizador a partir do qual ela e André podem investir um nome e partilhá-lo: “a minha mãe, muito subtilmente, que já sabe fazer melhor as coisas, começou a introduzir o nome Leonor, porque é o nome da minha avó, da parte do meu pai [...] e eu comecei a pensar calmamente sobre isso, interiormente, (ri) e depois sugeri ao André se podia ser [...] e decidimos, acabámos por decidir entre nós, uma noite, estávamos à conversa, e depois no dia seguinte decidimos anunciar (ri) à mesa, o nome, e ficou toda a gente contente. [...] Já estou a habituar-me”.

Na mente de Eva, uma representação vai emergindo a partir de uma circulação fluida entre os traços psíquicos do passado e as expectativas, abertas, sobre o futuro: *“vemos as roupas microscópicas e pensamos: vamos ter uma coisa deste tamanho?! (ri) E pronto, depois começamos, é um bocadinho aquela onda de nós quando somos pequeninas brincamos às bonecas, noutra escala, sem dúvida, não é, mas é um bocadinho a reprodução disso, acho eu”. É uma representação tateada sobre o processo de transformação a que a experiência convoca, em que Eva procura encontrar as coordenadas de um novo lugar a ocupar: “vamos deixar de ser só nós, e vamos passar a tomar conta. [...] Estamos a tomar consciência do que é que vai, de como é que será educar uma criança [...]. Eu quero ter um bebé, claro que sim, isso nem está em discussão, mas não quero perder a minha vida. Obviamente que eu sei que vamos ter de fazer muitas adaptações, e nada vai ser igual [...]. Eu estou a falar nisto agora que eu não tenho bebé nenhum, não é? Eu não tenho aqui realmente o bebé”.*

O trabalho de representação em que está envolvida não recai, assim, sobre o feto enquanto objeto presente, interior e real, mas sobre o bebé futuro, a nascer e, sobretudo, sobre o nascimento dela mesma como mãe. É um trabalho intenso e mobilizador que, ao contrário do primeiro trimestre, já pode emergir na consciência e ser partilhado. *“Eu tenho andado a sonhar mais, no geral, sonho mais, do que, acho eu, [...] do que quando não estou grávida, ou pelo menos lembro-me mais. Não sei se é o sonhar ou o lembrar”, diz e, questionada, partilha um sonho: “Vi a cara do bebé, da bebé (ri) [...] estava em casa da minha mãe, com a minha mãe, e comecei a ter contrações, depois a minha mãe levava-me para o hospital, sempre a tentarmos ligar ao André, só que depois ele não atendia, (ri) estava a trabalhar, coitado. E depois sei que (balbucia), lembro-me mais ou menos, já estava na sala, depois já estava sozinha, já não estava com a minha mãe, com o médico ou enfermeiro, já não me*

lembro, e tive a o bebê, a bebê, e vi a cara da bebê, perfeitamente, nitidamente, foi giro. E fiquei, pronto fiquei contente, só que entretanto depois já não, o bebê foi não sei para onde, e já estava com a minha mãe, a ir, ainda acabadinha de ter o bebê, a ir para o café ou o restaurante do hospital, o bar do hospital, onde estava imensa música, imenso barulho, e eu dizia à minha mãe, mãe mas isto é um bocado estranho, fogo, acabei de ter um bebê e agora já estou aqui a ouvir este barulho todo, não sei quê, e depois continuávamos constantemente a tentar encontrar, a entrar em contacto com o André, só que não conseguimos (ri). Pronto (ri). Foi isso, mais ou menos, acho eu. Não me lembro se nós depois conseguimos entrar em contacto com ele ou não. Não me lembro. Essa parte já não me estou a lembrar. Mas pronto, foi isso. Foi o único sonho que eu me lembro, porque me lembro de ver a cara da bebê. [...] Ainda agora consigo visualizar, (ri) não sei se vai ser assim ou não, mas é engraçado, mas eu acho, eu acho que a minha imagem é um bocadinho parecida com o que eu, com o que eu, com as minhas fotografias de bebê”.

A sequência associativa do sonho torna evidente a oscilação psíquica de Eva em torno das dimensões do feminino e do masculino, do materno e do paterno, da função continente e do encontro do conteúdo. A aproximação a um destes polos psíquicos torna inacessível o outro, gerando descontinuidades, ruído, estranheza. A gravidez remete-a para a sua linhagem filiativa, feminina, solicita uma aproximação ao materno, uma identificação à função continente. Contudo, uma aproximação demasiado intensa arrisca-se a excluir o masculino. Eva compreende que, para que o bebê possa nascer, psiquicamente, para que o conteúdo possa ser reconhecido o masculino/paterno deve intervir, mas não lhe é ainda possível operar a integração, e a entrada em cena de um implica a exclusão do outro. Tal como, na linhagem feminina, ser filha e ser mãe são dois lugares ainda não conciliáveis. A cara do bebê, representada à sua imagem e semelhança, condensa estas duas linhas da identificação ao materno, com exclusão do masculino e da renovação geracional. A insistência na continuidade, na progressividade que foi sublinhada nas descrições de Eva pode agora ser compreendida, à luz do sonho, como trabalho psíquico intenso de ligação destas dimensões. O esforço, intenso, de ligação é diretamente proporcional à distância, à descontinuidade, à dificuldade de integração das diversas polaridades psíquicas.

É isso que revela também a forma como Eva responde a uma interrogação sobre os preparativos para a chegada do bebê, a que ela já havia feito referência: *“Estão um bocadinho caóticos ainda. Mas já tenho para aqui uma data de roupa e coisas para arrumar [abre gavetas que deixa entrever e fecha logo], mas ainda não começámos efetivamente a fazer*

nada, porque estamos à espera ainda, [...] há muita gente que tem muitas coisas para dar, e também só há pouco tempo é que soubemos que era mesmo uma menina, portanto foi tudo ainda um bocadinho atribulado. [...] Só que preciso é, quero é ajuda da minha mãe (ri) [...] É, porque nós agora, porque pronto, o que aconteceu”, referindo-se à morte recente do irmão. O espaço psíquico está preenchido pelos dados reais e afetivos da experiência e por aquilo que os outros, objetos relacionais, têm para dar, porém não está ainda arrumado. Mas tudo isto se inscreveu num espaço de silêncio caótico e dorido, a morte do irmão. *“Está um silêncio horrível lá em casa”* diz, referindo-se à mãe e à necessidade que tem de a convocar. A gravidez traz vida a este silêncio psíquico, mortífero, que se abateu sobre o masculino. Eva precisa de uma identificação aos recursos psíquicos da mãe, contudo estes estão submersos na dor da sua própria maternidade. Compreende-se, pois, que a escolha do nome lhe tenha sido oferecida, como forma de religar a família, de pôr a palavra-vida outra vez a circular. Compreende-se, também, a dificuldade em fazer uso das suas identificações e objetos relacionais masculinos, associados que estão à morte.

A dificuldade em gerir este presente é projetada para o futuro, onde pode ser mais manuseada. Na sequência de uma questão aberta, já no final da entrevista, sobre outros aspetos que considere importantes, Eva diz: *“já pensei uma vez, ou já comecei a pensar, ah, uma vez ou outra no, no parto, no momento do parto [...], penso e começo a stressar um bocadinho, mas tento não, também não pensar assim tanto, [...] não quero que isso me tolde o espírito. Também vou começar com as aulas, estou com um bocadinho de expectativa de começar as aulas de pré-parto. [...] Acho que vai ser giro, vai ser com uma fisioterapeuta e com um enfermeiro, uma, não sei se é feminino ou masculino, e com enfermeiro, e portanto estou com alguma curiosidade [...], é com outras, com outras grávidas e portanto vai ser giro, acho eu”*. A possibilidade de se aproximar de outras mulheres grávidas aparece como contentora. Como diz, referindo-se a Ana, a sua amiga que, como ela, vive uma gravidez, *“estar acompanhada com alguém que também está na mesma situação é sempre bom, é ótimo, para não nos sentirmos tão sozinhas”*. É uma outra linhagem feminina, paralela, mais desintoxicada.

Ao longo da narrativa entram em cena André, a mãe de Eva e as *“amigas”*.

André surge no papel de interlocutor com quem Eva partilha os sobressaltos do seu trabalho psíquico. Desta forma, Eva convoca-o quando fala dos movimentos fetais – *“estávamos sempre a olhar para a barriga e a ver quando é que se mexia”* – quando inicia o relato do sonho – *“até contei, depois, logo de manhã, contei ao André”* –, ou quando tateia a

representação da maternidade e do casal parental – “*acho que ele está-se a aperceber que [...] vamos deixar de ser só nós e vamos passar a tomar conta*”. André opera como depositário destes conteúdos psíquicos, seu guardião, um continente cujas funções são apenas de notação e atenção. Eva não o pode usar de outra forma porque, como foi observado, ainda experimenta as dimensões psíquicas do feminino e do masculino como operando numa lógica de exclusividade. Continente e conteúdo encontram-se, mas não operam ainda um trabalho integrado.

A mãe, Ana e as amigas oferecem suportes identificatórios que a ajudam a definir a experiência. São continentes a que ela se pode identificar para encontrar o seu próprio lugar como continente. Assim, por exemplo, sobre os movimentos fetais convoca as amigas, dizendo, “*tenho montes de amigas grávidas, e sabia mais ou menos que naquela fase*”, sobre a descoberta do sexo convoca a mãe, “*andei com a minha mãe só a ver coisas, fomos a algumas lojas só para ver, e de facto as roupas de rapariga são mais giras*”, e sobre Ana diz “*estar acompanhada com, com alguém que também está na mesma situação é sempre bom*”.

Finalmente, “*as pessoas*”, anónimas e portadoras sobretudo de ruído, refletem um lugar psíquico de Eva habitado por um excesso ainda por organizar, todavia pleno de recursos: “*há imensas pessoas que têm milhares de coisas para dar e estão sempre a perguntar imenso, ‘e já sabem o que é que querem?’*”. Todas estas personagens têm agora um papel menos ativo, em comparação com o observado no primeiro trimestre, são convocadas mais como recetores do que como personagens verdadeiramente interativas. O trabalho psíquico faz-se, sobretudo, interiormente, na intersecção das condições de encontro do continente e no iniciar de ligações, ainda ténues mas já interativas, com o conteúdo.

A leitura interpretativa da entrevista no grupo de intervisão deixou nos elementos do grupo a sensação de um processo de transformação gradual, progressivo, não abrupto. Um dos membros do grupo resumia assim o trabalho em que Eva se encontrava envolvida: “*está a reconhecer o espaço, como se fosse ainda uma experiência muito nova, e ela não a soubesse dizer*”.

4.2.2 O segundo Rorschach

O encontro com a situação Rorschach (anexo 13) é, neste segundo momento, mais desimpedido, desaparecendo a necessidade, algo rígida, de sublinhar reiteradamente o processo de comunicação com o objeto-mancha no início de cada cartão. A comunicação das representações constituídas é agora precedida de expressões que, mantendo a lógica de ligação entre o objeto percebido e o universo interno que o significa, sublinham predominantemente a conformação ao perceto – “*parece*” – ou, inversamente, a abertura ao imaginário – “*pode ser*” –, surgindo também momentos de maior aproximação ao objeto-mancha em que o objeto “*é*” a representação, esbatendo-se a diferenciação entre ambos, sem que a mesma se perca efetivamente, como o demonstra a qualidade, percetiva e simbólica, das respostas. Desaparece, igualmente, a repetição do comentário “*acho que é isto que me faz lembrar*” na conclusão das respostas a cada cartão. A conclusão da exploração dos cartões deixa de ser testemunhada por qualquer verbalização, todavia passa a ser controlada por Eva que, desde o primeiro cartão, assume um papel na organização da situação Rorschach, pousando os cartões num móvel que se encontra mais próximo de si do que da entrevistadora.

Eva inicia a exploração do cartão I com um comentário, “*toda a gente deve dizer o clássico*”, que banaliza e torna impessoal a sua primeira resposta, uma representação efetivamente banal, mas ausente no primeiro protocolo: “*borboleta*”. Hesita, em seguida, sobre o conteúdo e a clareza formal da sua representação (“*uma ave, uma borboleta*”). Esta diluição formal conduz a um movimento de parcialização (“*umas asas*”) a partir do qual emerge uma nova representação, de boa qualidade formal, porém com algum grau de indefinição, “*alguém com asas*”. Procura assegurar-se da estabilidade da representação deixando inscrever-se, simultaneamente, alguma incerteza, “*acho que é isso*”. Após alguns segundos de silêncio, propõe o objeto encobridor, “*uma máscara*”. No inquérito Eva explicita que as construções se organizam fundamentalmente a partir das características percetivas do interior da mancha, com destaque para o eixo e para as lacunas intramaculares. A comunicação de Eva nos dois momentos (a passagem espontânea e o inquérito) surge mais fluida, revelando uma maior liberdade na exploração da mancha, quando comparada com a sua prestação no primeiro Rorschach. O encontro com o objeto-mancha já não potencia, imediatamente, um movimento de ocultação, ao contrário, origina uma sequência mais desimpedida e mais transformativa, mesmo se, no final, a máscara é ainda usada como continente protetor.

Face ao cartão II, Eva lança-se num silêncio persistente, apenas interrompido pela verbalização da dificuldade em constituir uma representação, “isto é ...*não sei*”. Socorre-se, então, do objeto encobridor, defensivo, com que havia terminado o cartão anterior, “*também pode ser uma máscara*”, mas que aqui, por ser perceptivamente desadequado, testemunha o impacto desorganizador da solicitação com que é confrontada. No inquérito, apesar de procurar suporte para a sua representação, acaba por assumir a derrapagem perceptiva, o carácter forçado da repetição deste objeto, “*isto não é nada*”, o que contrasta com a indistinção veiculada na possibilidade de tudo poder fazer lembrar uma máscara, expressa em face da mesma representação na primeira narrativa Rorschach. Depois de novo silêncio significativo, Eva recupera a representação de “*um caminho*” na lacuna intramacular, operando um esbatimento de perspectiva. No entanto, a mansão é substituída, na passagem espontânea por um elemento indefinido, “*qualquer coisa no final do caminho*”, precisado apenas no inquérito, mas sempre mantendo a dúvida, “*uma habitação, ou qualquer coisa a que o caminho levasse*”; é ainda introduzida uma nova referência, “*um portão*”, representado no local de intersecção do negro com o vermelho, na secção inferior do eixo. A representação surge agora mais clara, a grandiosidade presente na mansão do primeiro Rorschach diluída, e o caminho surge balizado pelos dois elementos arquitetónicos. No inquérito, Eva tem o cuidado de explicitar, mesmo sublinhar, a diferenciação entre as duas representações, através do comentário com que inicia a descrição da segunda resposta: “*noutra imaginação*”. Ambas as representações apontam para uma temática em torno da diferenciação entre o dentro e o fora, com o acento colocado agora, através da segunda resposta, na passagem, na fronteira.

Face ao cartão III, Eva começa por representar duas pessoas, num K postural (“*duas pessoas, sentadas uma em frente à outra*”), que se converte em seguida num espelhamento, “*o reflexo de uma pessoa, a pessoa e o seu reflexo*”. No inquérito, Eva começa por sublinhar os elementos de paralisação da imagem (a simetria, a postura, o objeto suporte “*banco*”) a que se segue uma referência direta e explícita à dificuldade em integrar e subjetivar a solicitação pulsional do material: “*não sei bem o que é que é esta parte encarnada, não interpretei*”. Retorna à consideração dos elementos de igualização, terminando o inquérito com uma aproximação aos pormenores que desencadeia estranheza: “*o nariz da pessoa, sentado, um bocadinho estranho*”. A sequência revela a possibilidade, embrionária mas emergente, de configurar uma relação dual, embora logo afastada pela impossibilidade de integrar o vínculo pulsional, de explorar referências de identificação sexual, e também pela estranheza causada quando é tateada a aproximação aos pormenores da representação corporal.

No cartão IV, a representação “*um monstro*” é precedida de hesitações (“*não sei [...] sei lá*”) e precedida pela tentativa de minimização, “*um bicho grande*” e pela dúvida sobre a pertença ao reino animal ou humano, “*alguém, ou um, não, alguém, sim qualquer coisa grande*”. Estes procedimentos defensivos não são eficazes e, perante a dificuldade em estabilizar a representação, o processo associativo é interrompido bruscamente: “*pronto*”. No inquérito é explorado o esquema corporal geral, disfórico, inquietante “*um corpo grande, cinzento, ah, meio esquisito, estranho*”, terminando com uma referência a um esbatimento de perspectiva que traduz um posicionamento relacional infantil do pequeno face ao grande: “*parece que está em, assim em perspectiva, parece que estamos a vê-lo quase de baixo para cima*”. Na prova das escolhas, o cartão é selecionado como escolha negativa, justificada precisamente com recurso ao imaginário infantil, numa verbalização pontuada por tentativas, ineficazes, de contenção da ansiedade: “*aquelas personagens que nós não gostamos, nos filmes, em criança [...] faz um bocadinho de medo [...] representa um bocadinho os receios*”.

O cartão V inicia-se com a representação de “*uma borboleta*”. Esta é precedida pela expressão “*aqui isto também podia ser*” que, remetendo para a resposta ao cartão I, testemunha que os objetos constituídos permanecem acessíveis e mobilizáveis, salvaguardando a sua diferenciação, como explicita no inquérito: “*a cauda mais definida, portanto isto faz mais lembrar uma borboleta do que o outro*”. Introduce, em seguida, uma outra possibilidade, o morcego, dando conta de alguma dificuldade na manutenção simultânea das duas representações, através de um comentário espontâneo: “*se bem que uma coisa não tem muito a ver com a outra*”. No inquérito, a diferenciação é explicitada em virtude da apreensão centrada no eixo e determinada pelos aspetos mais formais, ou de uma apreensão mais sensível à configuração exterior e à coloração da mancha: “*o tal corpo, aqui com a cauda, [...] com as antenas da borboleta, o corpo da borboleta, e depois aqui as asas [...] quando olho assim de repente, logo, imaginaria assim uma borboleta*”; “*depois estes recortes daqui das asas [...] podiam ser os recortes também um bocadinho das asas dos morcegos, eventualmente e como isto é preto e escuro, ou cinzento*”. Eva explora a mancha com maior liberdade, o que gera alguma dispersão e desconforto, dada a instabilidade das características do objeto, mas que abre também mais possibilidades representativas. Na prova das escolhas seleciona o cartão como escolha positiva, que investe agora com maior clareza e elaboração associativa: “*uma imagem bonita, a borboleta [...] é um animal que eu gosto [...] o morcego não adoro tanto, [...] mas também não desgosto porque eu sou fã do Batman*”.

No cartão VI é constituída a representação de “*uma pele de animal*”, desaparecendo, na passagem espontânea, a referência ao tapete (dada no primeiro Rorschach), que ressurgue no inquérito numa tentativa de melhor configurar e estabilizar uma representação que perdeu controlo formal em favor da sensorialidade (EF). No inquérito é explicitada a operação de separação face ao D superior, envolto em estranheza e dúvida. A pertença, a familiaridade, a referência a outro que dá significado reaparecem, todavia sem a definição clara do momento anterior (“*acho que alguém que eu conheço tem um tapete deste género*”). Os comentários que acompanham a seleção do cartão como escolha negativa sublinham a desvitalização, com carga agressiva: “*um animal morto*”.

No cartão VII “*uma pessoa e o seu reflexo*” são configurados nos dois terços superiores da mancha. A sequência da resposta dá conta de uma identificação feminina, “*uma senhora*”, e geracional, “*velhota*”, e invoca uma postura, “*curva*”, terminando pela referência à autocontemplanção, “*a olhar-se*”. A explicitação da representação no inquérito acentua o K postural, “*sentada*”, e explora pormenores do recorte, procurando uma configuração precisa para a representação que se infiltra de dúvidas e alguma estranheza: “*não sei o que é que é, cá em cima, na cabeça, mas um penteado qualquer estranho*”. A descrição é mais clara e desimpedida do que no primeiro momento, tanto no que é identificado quanto nas dúvidas que algumas partes suscitam, o que pode explicar a não seleção, neste protocolo, do cartão como escolha negativa.

Face ao cartão VIII é observável uma dilatação do tempo de latência relativamente aos outros cartões, mas também comparativamente ao Rorschach anterior. É usada a expressão introdutória corrente no protocolo anterior (e ausente neste), “*faz-me lembrar*”, que precede a figuração da resposta banal “*um animal, tipo um urso*”. É o cartão que revela maior diferença na sua abordagem: a representação central, interior, de um “*barco*”, desapareceu, restando apenas um comentário cor, “*tem cores*”, e a expressão da impossibilidade de produzir uma transformação, “*não consigo definir*”; por outro lado, a resposta agora configurada só havia sido registada em resposta adicional, e de forma imprecisa (“*um animal*”). No inquérito a expressão da dificuldade é reiterada “*não consigo perceber bem, não consigo ter uma imagem muito explícita de mais nada*” e, após sublinhar uma representação de força e agressividade, surge a segunda referência de Eva à possibilidade de representar dois objetos: “*um animal assim grande, como um urso, dois*”.

Repete-se a elevação do tempo de latência face ao encontro com o cartão IX, seguindo-se uma exploração mais circunscrita do cartão (em comparação com o primeiro

Rorschach), definindo a representação “*bruxa*” e assinalando já não o dedo mas “*os dedos*”, agora adjetivados como “*grandes*”, permanecendo a construção verbal “*a apontar*”. No inquérito é assinalada a estranheza do material: “*não é muita explícita*”, e diminuído o impacto da representação através da alteração da atribuição da identificação sexual: “*um senhor ou um homem, com um chapéu grande, e a apontar um dedo maior*”.

Face ao cartão X, Eva constitui uma representação duplamente indefinida, “*vários animais, pelo menos várias sombras de animais*”. Recuperando o controlo formal, constitui quatro animais: “*um coelho*”, “*uma aranha ou um caranguejo*” e um “*cavalo marinho*”. Surgem, assim, duas novas representações, reiterando a maior liberdade de exploração e representação que foi sendo verificada ao longo do protocolo. O contraste mole/duro, assinalado no Rorschach anterior, mantém-se nas várias representações constituídas, contudo a dúvida expressa relativamente à figuração de um caranguejo ou de uma aranha, na mesma localização, traz uma nova temática, o masculino e o feminino. O cartão é novamente selecionado como escolha positiva, justificada pelas cores associadas a afetos positivos: “*é mais animado, mais alegre*”.

O cruzamento da análise da sequência das respostas com os dados do psicograma (anexo 13) testemunha, antes de mais, um encontro ligeiramente menos restrito com o material, menos investido numa contenção rígida do processo transformativo e com uma maior liberdade de comunicação do processo de exploração da mancha. Assim, diminui para metade o tempo de latência médio, aumenta o número de respostas cotáveis (com novas respostas face aos cartões I, V e X), aumenta a verbalização em torno das respostas na passagem espontânea, mas sobretudo no inquérito, desaparecendo, como notado, o padrão repetitivo no início e fim da exploração dos cartões. Mantendo a adequação predominantemente formal das representações objeto constituídas (representações construídas em G e D, de boa qualidade formal), e a submissão às características dos cartões (com a predominância de respostas G nos cartões compactos e D nos cartões abertos e pastéis), Eva assume com mais liberdade o processo de subjetivação em que se envolve, com menos necessidade de reforçar a origem perceptiva das representações (como testemunha o processo de construção das duas primeiras respostas ao cartão I, marcado por uma passagem gradual que dissolve a primeira resposta para configurar a segunda, a referência à intervenção da imaginação no inquérito aos cartões II e V, e a referência às dificuldades de interpretação ou de justificação da mesma em diversos momentos do inquérito).

Nesta segunda narrativa Rorschach persistem os indicadores de um trabalho psíquico em torno da temática da unidade, da identidade e da singularidade (a quase exclusiva utilização de substantivos singulares, elevação da percentagem de respostas G), mas emerge, *a minima*, a possibilidade de tatear a dualidade, com duas respostas que a representam, ainda que de forma instável (no cartão III e no cartão VIII). O trabalho em torno da representação de si, implícito nesta centração identitária e corroborado pela manutenção de um elevado número de respostas H, apresenta, no entanto, novas características. O número de conteúdos H aumenta e o de (H) diminui, cessando o recurso excessivo a representações onnipotentes, e surgem tímidas explorações de possíveis identificações sexuais (hesitação entre masculino e feminino no cartão VII, representação de um animal poderoso, masculino no VIII e contraste entre aspetos femininos e masculinos no bestiário do cartão X). Estas reverberam também nos conteúdos A cuja percentagem aumenta, dando conta da possibilidade de deslocar mais livremente a representação de si. Finalmente, surge, com enorme frequência, o uso do adjetivo “*estranho*” para qualificar estas representações projetadas do corpo próprio (inquérito aos cartões III, IV, VII, IX). Assim, neste segundo momento, afastada a intensa fragilidade sentida no primeiro momento, Eva pode começar a tatear a ideia da diferença (o dois, a sexualidade). Essa aproximação e complexificação da exploração da representação de si faz emergir uma nova temática, a da estranheza do continente e dos conteúdos que este alberga.

A análise torna saliente um outro aspeto do trabalho psíquico em que Eva se vê agora envolvida. O foco do seu trabalho, ao contrário do momento inicial, já não é a contenção do processo transformativo, mas a exploração dos elementos de ligação e diferenciação que suportam esse trabalho (a articulação explícita, e realizada em sequência imediata entre o primeiro e o segundo cartão através da expressão “*também pode ser uma máscara*”; o uso delimitador do “*portão*” no cartão II; a hesitação sobre a pertença ao reino animal ou humano da representação no cartão IV; os comentários com que simultaneamente aproxima e diferencia os dois animais alados representados no cartão V; a emergência mínima da dualidade e de identificações sexuais; o simbolismo dos animais convocados no cartão X). Finalmente, é de assinalar a alteração de uma das escolhas positivas (seleção do cartão V em detrimento do VII, que deixou de figurar a representação do barco), assim como de uma das escolhas negativas (seleção do cartão IV e abandono da escolha anterior do VII). Ambas as novas escolhas fazem referência a objetos associados ao imaginário infantil veiculado pela cultura cinematográfica: o que é convocado nestas respostas é isso que está lá longe, na infância, no cinema, que todavia se mantém como assustador (o monstro) ou protetor (o

Batman) na atualidade de uma vivência psíquica marcada pela estranheza. Aproximar o que é distante, distinguir o que é próximo é uma preocupação clara na forma como Eva opera ao encontrar-se, agora, com o material Rorschach.

Concluindo, Eva tateia agora as transformações que a experiência Rorschach convoca com maior liberdade, o que permite a exploração de novas dimensões, reverberando a forma como experimenta e explora as transformações suscitadas no corpo e pelo corpo grávido, estranho porque habitado, dual, sexualizado.

4.2.3 As segundas histórias TAT

Neste segundo momento, as narrativas de Eva (anexo 14) em face dos cinco cartões TAT propostos continuam a traduzir uma apreensão adequada das solicitações manifestas e latentes do material que, agora, se abre a novas possibilidades. Continua, igualmente, a pontuar os relatos com precauções verbais (“*eventualmente*”), mas são agora mais evidentes expressões de dúvida, incerteza e dificuldade de sustentar com segurança o processo interpretativo (“*talvez*”, “*ou*”, “*não sei*”, “*não percebo*”).

Um silêncio inicial, significativo, porém inferior ao do primeiro TAT, precede o início do relato face ao cartão 1. Em seguida, Eva nomeia a personagem do cartão, reforçando a sua imaturidade, “*um rapaz novo*”, a que se segue um breve silêncio. Prossegue o relato a partir do escrutínio do “*olhar pensativo*” da personagem, adjetivação que testemunha e centra a narrativa que se segue na exploração dos processos intrapsíquicos desencadeados pelo encontro do sujeito com o objeto. A expressão de dúvida sobre a capacidade do sujeito, “*não percebo bem se é porque ele não sabe tocar*”, desencadeia dificuldades de reconhecimento do objeto, “*não sei se é [...] um violoncelo, violino*”, testemunhando a porosidade das fronteiras psíquicas. Segue-se novo escrutínio da expressão da personagem, agora mais atento ao afeto, “*não está com um ar muito contente, está com um ar assim mais chateado*”, o que permite enunciar, com precaução, o desejo – “*quereria eventualmente ah aprender*” –, os seus limites – “*não está a conseguir, está com algumas dificuldades*” – e, com apoio de um objeto externo – “*um livro por baixo, significa que estaria a praticar*” –, a possibilidade de conter a dificuldade – “*não está a ter eventualmente o sucesso que desejava*”. O afeto pode, agora ser expresso – “*está com um ar triste*”, terminando o relato. A dificuldade de encontro com o objeto é agora assumidamente intrapsíquica, tornando-se por isso mais contida, contudo mantendo uma certa ambiguidade. O desejo e a fruição relacional é limitada já não pela ausência de recursos (como ocorria no TAT anterior), mas pelos limites destes.

O encontro com o cartão 5 volta a desencadear um silêncio inicial, a que se segue um relato curto em torno da função relacional da personagem feminina. Esta já não é designada como dona de casa, mas como “*mãe*”. O relato designa o espaço – “*podia ser um escritório*” – e interroga o conteúdo da comunicação – “*ir avisar de qualquer coisa, chegou alguém, ou o jantar está pronto, ou temos que ir*” –, que por não ser descodificável conduz à expressão direta da dificuldade de Eva – “*não sei o que dizer (ri)*”. A sequência revela um continente estabilizado nos seus limites, porém difuso na sua função de reconhecimento e interpelação em face dos conteúdos.

Face ao cartão 6 GF, e ao contrário do TAT anterior, Eva começa por perscrutar silenciosamente o material. As personagens são então identificadas, de forma anónima e não relacional, “*um homem e uma mulher*”. A dúvida orienta o resto do relato, incidindo sobre o conteúdo afetivo quer da expressão facial da personagem feminina, quer da solicitação relacional desencadeada pela personagem masculina. Eva constrói a narrativa através de aproximações em face de conteúdos agressivos e libidinais, que acaba por denegar ou afastar, substituindo-os por conteúdos abertos e indeterminados – “*não me parece bem um olhar zangado, parece mais um olhar de surpresa, não sei se ele está-lhe a fazer alguma proposta indecente (ri) ou está-lhe a contar uma notícia*”. O encontro entre feminino e masculino torna-se mais indefinido, difuso: a natureza e conteúdos do vínculo relacional estão em aberto.

A narrativa de Eva relativa ao cartão 7 GF é marcada pela entrada direta na expressão, centrando-se o relato, num primeiro momento, nas dificuldades da função continente da personagem feminina mais nova, “*uma rapariga [...] a pegar num bebé*”. Através da sequência da adjectivação da postura desta personagem, Eva vai tateando e circunscrevendo a dificuldade até poder designá-la mais próxima do afeto, contudo sempre com exclusão de qualquer referência relacional: “*estranha, [...] desleixada [...] despreocupada, [...] chateada*”. O relato foca, em seguida, a personagem feminina mais velha, cujo papel é colocado sobre dúvida, “*uma empregada ou mãe*”, mas que esboça já um movimento relacional, “*a olhar para o bebé [...] com alguma preocupação, ah, que a rapariga não mostra*”. Une-as, porém, a inquietação que emerge no contacto com o outro. A designação das personagens e o vínculo entre elas revestem-se de imprecisão, todavia surge uma distinção baseada na capacidade de mobilização da função continente em face de um conteúdo cuja fragilidade é reconhecida.

Face ao cartão 19, Eva constitui de novo o objeto diferenciado face ao ambiente, “*uma casa na neve*”, que agora suscita estranheza, inquietação e perigosidade, “*tipo casinha de*

chocolate”. Um movimento de aproximação ao interior, iluminado, habitado – “*está luz lá dentro, portanto estão pessoas dentro de casa*” – atenua a vivência inquietante, que reemerge quando retorna à perspectiva exterior – “*é uma vista de fora*” –, através da introdução de uma personagem anónima – “*alguém está a olhar para a casa*” –, que não figura na imagem e que conduz a um corte associativo, “*não sei, não sei*”. A sequência traduz inquietação com a função continente, que ao ganhar maior definição, quando não são preservados os elementos de ligação (desaparecem as referências às janelas ou à chaminé) pode tornar-se, nesse fechamento, algo perigosa (o que explica o investimento das ligações no restante material narrativo).

A análise das sequências permite constatar que, neste segundo momento, as histórias TAT de Eva continuam a constituir-se, predominantemente, em torno do imaginário, embora o recurso à realidade externa e o uso de procedimentos restritivos adquira maior peso, tornando opaca a compreensão das experiências interp-síquicas (cartão I), relacionais (cartões 5 e 6GF) e subjetivas (cartões 7GF e 19) descritas. As vivências afetivas subjetivas e intrapsíquicas são agora mais carregadas de afetos disfóricos (veiculados através dos substantivos e dos adjetivos escolhidos, por exemplo, dificuldade, preocupação, casinha de chocolate, triste, estranha, chateada), e as vivências relacionais têm um carácter enigmático (denotado na escolha dos verbos, por exemplo, espreitar, dizer qualquer coisa, surpresa, e na verbalização repetida de dificuldades de interpretação “*não sei o que dizer*”). É ainda observável um menor recurso a procedimentos extra-narrativos. Quando usados, mantêm a mesma função e valor que anteriormente: o recurso à esfera corporal e motora, através de risos, tende a desimpedir a expressão, exceto quando se associa à autorreferência crítica, que, ao contrário, e tal como nas narrativas do primeiro momento, precede o corte associativo. O aspeto velado da comunicação, que havia sido assinalado no primeiro momento, permanece, agora mais ligado à dificuldade de definição, à dúvida e não tanto a uma contenção excessiva.

Concluída a entrevista e as provas projetivas, com o gravador já desligado, Eva volta a referir-se à dificuldade das transcrições, explicando agora que tem estado a transcrever, ela própria, entrevistas, e que já detesta as pessoas que estão a falar. Receia tornar-se excessiva, receia o que pode desencadear em mim (e nela) esta proximidade. Expressa também, de novo, a sua dificuldade perante o material projetivo, esclarecendo que tem sempre a sensação que

deve dizer algo e não está a dizer, e revelando alguma curiosidade sobre a forma como o que diz é interpretado (embora sem interrogar diretamente, apenas referindo o seu desconhecimento). A preocupação é sobre a expectativa, o impacto e o uso que é feito, pelo outro, do que ela diz, do que ela veicula quando comunica. Depois de combinarmos, aproximadamente, e em função da data prevista para o parto, a semana em que decorrerá a última entrevista, despedimo-nos.

4.2.4 Eva em transformação no segundo trimestre

No segundo trimestre, a mente de Eva revela-se embrenhada num trabalho psíquico de ligação que, suportado pelos dados da realidade externa, permite subjetivar e investir internamente a experiência da gravidez enquanto objeto psíquico. Assim, predominam agora os processos de integração emocional (D), uma integração fluida (PS↔D) que conserva a possibilidade de ser interrogada, revelando a manutenção de um espaço de abertura e incerteza. Isso mesmo é testemunhado, na entrevista, pela emergência de representações mais claras, definidas e estabilizadas sobre as transformações corporais, sobre as representações constituídas a partir da percepção dos movimentos fetais, mas também pelo sublinhar das ideias de continuidade, ritmicidade e progressividade e do trabalho de inscrição do atual no passado filiativo e no futuro por descobrir e criar; no Rorschach, pela maior variedade de expressões em torno das representações, pela abertura à diferença, pela maior liberdade com que manuseia o encontro com a mancha; e, no TAT, no maior peso do recurso à realidade externa e a procedimentos restritivos que não operam um fechamento de significados, mas os deixam em aberto. Pontualmente esta incerteza origina alguma disrupção – como indiciado, na entrevista, pelo episódio em torno da escolha do nome, ou na acumulação desordenada de objetos de puericultura, no Rorschach, pelas referências à estranheza e, no TAT, na evocação da “casinha de chocolate” face ao cartão 19, seguida da referência a alguém que, a partir do exterior, olha, conduzindo à quebra do processo associativo –, mantendo-se, no geral, como posição tolerante, como garante da continuidade transformativa, sem fechamento dogmático das integrações realizadas. O campo psíquico é pois, neste segundo trimestre, palco de maior circulação, liberdade e mobilidade PS↔D, orientado, ainda assim, predominantemente pelo movimento [PS]→D.

Da perspectiva da relação ♀♂, nas narrativas de Eva do segundo trimestre é observável uma maior exploração dos ♂ da experiência, tornada possível pela estabilização do ♀. Uma estabilização intimamente relacionada com os movimentos integradores assinalados e

propiciada por um trabalho de investimento do próprio ♀ – como testemunhado, na entrevista, pelas associações em torno do corpo e do vestuário, pelo uso das personagens femininas como ♀ identificatórios e pela forma como investe o ♀ nome enquanto inscrição na sua linhagem feminina – que, simultaneamente, o permeabiliza – como indiciado, no Rorschach, pela segunda resposta ao cartão II (focada no caminho, como elemento de ligação e no portão, enquanto fronteira) e pelos indicadores que foram assinalados como testemunho de uma contenção menos rígida e, no TAT, nas hesitações interpretativas que percorrem o protocolo. A exploração dos ♂ que povoam o seu espaço interno é agora mais ativa, o que permite uma maior definição e o seu investimento afetivo, conforme revelado pelas associações em torno da percepção dos movimentos fetais, da apropriação do conhecimento do sexo trazido pelas ecografias e do tatear de uma representação de um bebê futuro, mas também do trabalho em torno da diferenciação masculina, no sonho, na utilização que faz das suas personagens e no manusear de representações duais e sexuais, no Rorschach.

No entanto, o encontro entre ♀ e ♂, mesmo que por vezes experimentado como agradável, interativo – o episódio da caixa de música junto à barriga – é ainda difícil de integrar, conduzindo a dificuldades de reconhecimento, definição e aproximação. Dificuldades observáveis sobretudo no TAT, que pela sua solicitação relacional mais imediata e direta é manuseado de forma bem mais inquieta, difusa e enigmática do que a entrevista e o Rorschach, muito embora a sequência onírica dê conta de forma quase transparente dos movimentos de aproximação e afastamento entre ♀ e ♂, que reverbera também nas referências a uma experiência de estranheza no Rorschach. Estas dificuldades já não se prendem com a fragilidade do ♀ verificada anteriormente, mas com uma inquietação diretamente ligada aos ♂ – inscrita no receio de me inundar com o seu excesso, expresso no final do encontro e nos substantivos e adjetivos usados no TAT –, aos limites dos seus recursos internos – espelhada na incapacidade para arrumar os objetos que já possui para o bebê, e clarificada pelas dificuldades intrapsíquicas atribuídas à personagem do cartão 1 do TAT.

Mantendo-se a presença constante do vínculo K de valor já explicitamente positivo, promotor dessa exploração dos ♂ psíquicos da experiência, intensifica-se, como já observado, o vínculo L, também agora fortalecido no seu valor positivo (observável nos indicadores assinalados acima sobre o investimento de ♀ e ♂), o que diminui a carga de H+ e a torna mais usável, sem a suprimir ou recusar (que, na entrevista, se infiltra levemente dos receios de

excesso disruptivo dito no corpo e na recusa firme dos nomes dispersos propostos pelos amigos, e que, no Rorschach e no TAT, surge mais modulado nos cartões IV, VIII e 7GF).

Em síntese, no segundo trimestre, a experiência é manuseada, na mente de Eva, como um objeto a ser explorado, estabilizado, integrado e investido. ‘É belo, (n)o interior?’ parece agora interrogar-se Eva. A dor, mais circunscrita e modulada, continua a poder ser expressa, mas já não revela a mesma intensidade. O segundo trimestre é a história de uma progressiva, ritmada e verdadeira apropriação subjetiva que, a partir de uma maior tolerância, gera maior liberdade, circulação e interação psíquicas, promovendo encontros e desencontros que vão permitindo perscrutar a relação entre as diversas dimensões, mais ou menos tranquilas, da sua mente e da experiência.

4.3 Terceiro encontro: 36 semanas

Aproximam-se as 36 semanas de gestação quando volto a contactar Eva, para marcarmos o nosso último encontro. Acertamos o dia e a hora, e combinamos que irei novamente ter com ela. Conta-me que mudou de casa e diz que me enviará a morada por email. Não tendo recebido a morada nos dias seguintes entro em contacto com Eva, por sms. Diz-me que se tinha esquecido que já tinha um compromisso profissional, e pede para adiarmos a entrevista para a semana seguinte. Acertamos novamente uma data e um horário e, logo de seguida, envia-me a morada.

Chego à morada indicada com alguma antecedência, porém não encontro o prédio com o número que Eva indicara. Assim, cinco minutos antes da hora marcada telefono-lhe e, com as suas indicações, encontro o prédio. Ainda ao telefone, Eva pede-me alguns minutos para ir à casa de banho antes de me abrir a porta. Pouco tempo depois abre a porta do prédio e subo ao seu andar. Entro e encaminha-me para a sala. Pergunto onde prefere ficar e sou eu que acabo por dizer que para ela talvez seja mais confortável o sofá. Vai buscar água, enquanto eu disponho o material (gravador e provas projetivas). Iniciamos a entrevista, que flui com enorme facilidade, com um bom fio condutor, sem “soluços” (aqueles momentos em que não sei bem como relançar a sua narrativa), ao contrário desses “soluços” que marcam o prelúdio deste encontro. Sinto-a, e a mim própria, mais à vontade. Como se as hesitações que precedem o encontro constituíssem uma etapa necessária à aproximação, para que esta depois ocorra de forma fluida, mais livre e desimpedida.

4.3.1 A terceira entrevista

O terceiro trimestre é, para Eva, um tempo de expectativa, de preparação em que o campo mental se expande, dilatando o tempo, o que permite uma maior circulação de conteúdos mentais, mas que simultaneamente gera angústia. Diz: *“começam a surgir muito mais desconfortos e a ansiedade começa a chegar, aos poucos e poucos. [...] Estamos sempre a pensar, o que é que vai acontecer. [...] Parece que este último trimestre demora mais tempo a passar que o resto da gravidez inteira”*.

Eva situa-se, desde o início da narrativa, no pré-parto, na antecâmara de uma nova experiência que, por ser desconhecida e abrir para *“o desconhecido do que vem aí”*, se infiltra de receios. Como anteriormente, o real é investido como base a partir do qual os afetos podem ser ditos e explorados – *“já estou nas aulas do pré-parto [...] e já fizemos a visita à maternidade [...] todas as minhas amigas que estavam grávidas primeiro que eu [...] já tiveram bebé, [...] por acaso não correu muito bem a nenhuma delas, quer dizer não correu bem, estão bem, os bebés, está tudo ok, mas pronto, o trabalho de parto e o parto não foram partos nada fáceis”*. Todavia, é um real que sente, agora, como demasiado saturado, excessivo: *“às vezes se nós não soubéssemos tanta coisa [...] é tudo muito novo na cabeça, muita informação”*. Na tentativa de se tranquilizar procura outros dados – *“também já falei com pessoas que correu bem, só naquela para ver se me acalmo um bocado”* – e justificações – *“toda a gente nos avisa tudo [...] mas obviamente depois na altura é bom que eu saiba interpretar sinais”* – que amenizem este impacto, acabando por reconhecer que é interiormente que o apaziguamento pode ser organizado: *“estou a tentar encontrar uma calma dentro”*.

As vivências em torno do corpo, continente e interface de ligação com o conteúdo, são marcadas pela mesma ideia de saturação, de excesso e de alguma estranheza. Assim, conta: *“a barriga tem sido um desconforto [...] já pesa bastante. [...] Ela já dá muitos pontapés, [...] dizem que vai começar a diminuir um bocadinho, porque o espaço também começa a ser menor. Mas às vezes dói mesmo, magoa mesmo, e eu até digo que tenho aqui uma nódoa negra interior. [...] É bom, mas também vamos vendo a aumentar e às vezes, às vezes olho para mim e gosto, outras vezes olho para mim e penso: parece que tenho aqui um alien (ri) o meu corpo é um bocado alienígena. [...] Às vezes olho, principalmente quando estou com roupa, eu gosto e tal, mas quando me vejo sem roupa às vezes olho, ela está mesmo grande e é estranho. Ah, mas depois quando se sente é sempre bom. Embora magoe um bocadinho, para ser simpática, é sempre, é bom e pensar que está aqui o bebé, não é?”*.

Questionada sobre se “*tem sonhado*”, Eva diz que “*ultimamente sonho imenso*”, porém é-lhe difícil precisar um “*sonho específico*”, acabando por referir que sonhou com o “*irmão duas vezes*” e que acordou “*a chorar baba e ranho*”. Continua aludindo a essa via subterrânea que presente, mas que não representa, “*sinto que acordo e que tenho, que sonhei*”, e perante essa impossibilidade convoca o apoio interpéssico: “*as pessoas vão-me dizendo, amigas também já sonharam*”, sem que algum conteúdo possa ser enunciado. A sequência dá conta de um processo “*intenso*”, mais uma vez excessivo, que não pode ser comunicado mesmo que precise de ser partilhado e que é, psicologicamente, doloroso e assimilado à perda, ao luto, à falta.

A par da saturação e estranheza que experimenta sobre ela enquanto continente, da ambivalência que experimenta na relação com o bebé enquanto conteúdo, psíquico, do seu corpo, e da dor mental que todo este processo envolve, existe um espaço de maior tolerância ao não saber, uma expectativa aberta face ao bebé tomado como conteúdo psíquico projetado no futuro: “*a curiosidade começa a aumentar, porque queremos ver o bebé, e queremos ver a cara, e queremos ver como é que é. [...] Tenho alguma dificuldade e muita curiosidade em saber como é que vai ser*”.

É precisamente no tatear desse espaço de não saber, sustentando a dificuldade, a dúvida, todavia alimentando também a curiosidade, o desejo e a capacidade de identificação projetiva que Eva revela maior liberdade de circulação intra e interpéssica. Eva conta como vai procurando construir uma representação do bebé na intersecção entre os dados da realidade, da sua história e do seu mundo interno, mas também a partir das intervenções dos seus objetos relacionais: “*A [...] minha médica, está sempre a brincar comigo a dizer que ela [...] tem uns lábios enormes. Eu não sei bem como é que hei de imaginar. Andei a ver fotografias minhas, [...] imagino-a se calhar um bocadinho como eu, mas não sei, [...] mais gordinha, acho que ela também tem umas bochechas, segundo o que me vão dizendo, porque eu não tenho capacidade de visão nas ecografias, não vejo nada. O André [...] tem uma visão abstrata espetacular, (ri) tridimensional espetacular, eu não tenho nada, sou nula (ri), e então pronto tento imaginar mais ou menos como, acho que é isso, acho que é mais à minha imagem. Não sei se vai ser ou não, mas pronto, logo se vê*”.

As imagens ecográficas, que impõem uma concretização quando Eva se esforça por fantasiar o bebé que irá encontrar, desencadeiam sentimentos de estranheza e distorção. “*Já nem se vê muito bem, [...] já não se vê o corpo todo*” diz. E continua, relatando a vivência de uma ecografia 4D, que lhes foi oferecida por uma amiga: “*fomos [...] fazer uma ecografia 4D,*

que eu não fazia ideia o que é que era, [...] as 3D é tipo só fotografia e as 4D é com movimento. [...] Aquilo é estranhíssimo, não sei, não gostei muito, não é não gostei, mas aquilo é estranho. É, é esquisito. As caras ficam esquisitas. [...] como se move, ainda torna mais difícil a visualização. [...] E depois é tudo muito laranja, e não sei é esquisito, eles parecem estranhos, não, não parecem muito reais”.

O presente é um tempo de preparação, de antecipação. É um presente contínuo em que cada ato remete para o desconhecido que se aproxima. Assim, prepara-se a casa, o quarto, as roupas, a mala, a maternidade. Preparam-se estes continentes, começando a tatear, escolher e organizar os seus conteúdos, mas sempre deixando em aberto o imprevisto do que ainda não pode ser concebido. Eva conta: *“mudámos de casa outra vez [...] foi uma mudança super rápida porque eu queria acelerar, [...] comecei a ver o tempo a passar, toda a gente: ‘então já tens a mala feita, já tens o quarto não sei quê’; não tinha nada feito. Ainda hoje não tenho, não tenho tipo o quarto já pronto, impecável e xpto. Está a ser aos poucos. [...] Foi mais [...] querer organizar tudo, e ter tudo ali já arrumado e pronto para quando ela vier não ter que estar com um bebé e ainda a arrumar coisas [...], agora já tenho tudo pronto, quase tudo ok, e agora é, é aquele momento de espera”.*

Eva arruma para se arrumar, prepara para se preparar. Contudo, como é perceptível quando descreve o quarto, falta algo, falta a vida que o vai habitar: *“o quarto, também, o quarto (sopra) tem ahhh ainda não está totalmente pronto, porque o quarto está muito branco [...] aquilo precisa de levar ali umas cores, até porque já me disseram que as cores faz bem, porque estimulam”.* A mesma ideia aparece na preparação da mala a levar para a maternidade: *“o problema da roupa é que nunca se sabe como é que o bebé, o tamanho não é. Então temos que levar roupa para um tamanho, temos que levar roupa para o tamanho a seguir, pronto, e organizar tudo às vezes para mim é um bocado, um bocado de stress. Mas pronto, já está tudo, já está tudo ok, já não mexo mais naquilo”.* Eva tolera o não saber, mesmo que com desconforto.

Um não saber que incide, na verdade, também sobre ela, continente em transformação, continente aberto a uma relação nova e desconhecida. É assim que diz: *“estamos sempre a falar como é que ela vai ser, estamos sempre a tentar falar sobre a parte da educação, que acho que é uma parte que preocupa [...], acho que é uma preocupação geral de todas as grávidas. E todas temos muitas ideias, mas depois na prática acho que não vai ser tão fácil assim. [...] Eu tenho algum receio de a minha educação ser um bocadinho rígida. [...] Tenho, tenho algum medo, quer dizer, tenho medo de não saber reagir, ou de reagir exageradamente*

[...] *espero saber ser também, não ser demasiado exagerada e conseguir ali dosear, porque as crianças não são todas iguais*". O receio de um mau encontro, de elementos disruptivos de um ou do outro lado (o dela e/ou o do bebê) transparece projetado num futuro mais distante. Quando é notado esse afastamento temporal responde: *"agora que está a dizer isso (ri) eu acho que não imagino muito como bebê"*. E continua, explicando: *"todos os bebês que eu tenho agora, dos amigos, são todos relativamente tranquilos, portanto eu penso sempre, pronto, a minha vai ser o caos, estou mesmo a ver. Mas não sei, é só mais isso, é só na brincadeira, não sei, não consigo imaginar, nem consigo imaginar bem aqui a dinâmica. Acho que vai correr tudo bem, acho que depois na altura uma pessoa está automaticamente capacitada a tudo, acho eu. Pronto, obviamente que tenho noção racional que há momentos complicados, etc, mas ah, mas à partida espero que seja um bebê calmo (ri), vamos ver"*.

A sequência, condensando todos elementos que foram sendo assinalados na narrativa de Eva neste trimestre, evidencia todo o esforço que faz para tolerar a incerteza, o desconhecido de um encontro imprevisível: a enunciação dos riscos de uma nova organização (um continente demasiado rígido, um conteúdo perturbador, a dinâmica inimaginável), a procura de uma solução mágica (automática, que paralisa o encontro, dinâmico, enunciado) e o retomar da disponibilidade, da abertura expectante (que não recusa a dificuldade, porém também já não a amplia). Este trabalho psíquico, como foi indicado, faz-se, muito mais que nos trimestres anteriores, recorrendo a dinâmicas intersubjetivas. Pode agora ser destacado o papel desempenhado pelos objetos relacionais que convoca: André, a mãe, as amigas grávidas, as grávidas que encontra nas aulas de preparação para o parto e as enfermeiras que conduzem essas mesmas aulas.

André é convocado como uma função que Eva presente necessária, mas que não consegue configurar com clareza. É assim que, como observado, ele é descrito como possuidor de *"uma visão abstrata espetacular, tridimensional"*, a que Eva não acede: *"eu não tenho nada, sou nula"*. É assim, também, que enuncia a dificuldade de o integrar na representação que vai procurando constituir do bebê de ambos porque, como explica, *"não tenho grande ponto de referência"* dado não existirem fotografias *"dele recém-nascido [...], só temos dele um bocadinho mais velho, para aí já com 3, 4 meses, já são muito diferentes, já não tem nada a ver"*. Ou que, ao tatear as referências educacionais, se refira a André, sem poder especificar o seu contributo: *"o André também fala da experiência dele, e a mãe dele também vai falando"*. Porém, é no final do nosso encontro, quando é convidada a fazer sugestões sobre a condução da investigação, que Eva melhor expressa a sua perceção de que

há um lugar ocupado por André que ela valoriza, sem saber precisamente como: *“não sei se eventualmente o pai pode ser introduzido a qualquer momento, não sei se faz sentido ou não. [...] Porque o pai também faz parte de tudo, e ele, acho que eles às vezes sentem-se um bocadinho à parte [...]. Também já falámos nas aulas de preparação do parto, que os pais, por um lado estão os nove meses a viver connosco, não da mesma forma, mas connosco a gravidez, e depois quando, quando o bebé nasce [...] continua a estar muito centrado na mãe, por causa da parte da amamentação, e os pais querem sempre intervir imenso, e é sempre bom nós deixarmos eles fazerem e não estarmos ali em cima deles a dizer não podes fazer assim, temos de os deixar fazer as coisas à vontade. E eles sentem isso, eles sentem que não, que é diferente, pronto. Sentem, obviamente sentem que é o filho deles, mas é, é completamente diferente e se calhar se eles pudessem falar às vezes sobre isso era bom”*. André personifica, pois, um lugar diferenciado mas desconhecido.

A mãe de Eva é convocada com a mesma função diferenciadora, todavia mais próxima, reconhecível e por isso mais usável: *“gosto sempre de ter sempre a referência da minha mãe e saber como é que ela fez connosco, tentando, claro, perceber que nenhum de nós é perfeito”*. Assim, ao longo da entrevista, Eva faz intervir a voz da mãe para explicitar, para enquadrar as suas vivências e para fazer intervir possibilidades diferentes: *“a minha mãe dizia que se sentia super poderosa, não, eu não me sinto assim essa, dessa forma, mas, mas sinto-me bem, no geral, sinto-me bem”*; *“a minha mãe está sempre a dizer que nas aulas que ela fez aquilo foi muito mais parte física, ginástica, e pronto ensinar movimentos etc, para ajudar a preparar o corpo para o nascimento”*; *“eu para mim, eu para mim punha uma roupa mais descontraída, mas a minha mãe não: ‘na maternidade é quando tem de estar bonita, vai receber visitas’ ”*. A partir destes encontros, internos, com a voz materna, Eva vai constituindo um lugar para si, para a sua própria gravidez e maternidade, composto de continuidades e diferenças.

Intervêm ainda, na narrativa de Eva, três amigas que, como ela, estavam grávidas, mas que já deram à luz, as enfermeiras das aulas de preparação para o parto e as grávidas com quem aí contacta. As três amigas, assim como as enfermeiras, são personagens que testemunham o risco da experiência que opera como organizador fantasmático deste terceiro trimestre, o parto. A vulnerabilidade, a imprevisibilidade do momento, a ausência de controlo sobre a experiência sobressaem nas descrições que Eva faz dos relatos das amigas. Uma das amigas havia-se preparado para um parto na água, no entanto uma série de complicações conduziram a um parto difícil, doloroso, traumático: *“não entrou em trabalho de parto, e eles*

queriam induzir e ela não queria que eles induzissem, foi ali uma guerra [...] ela ficou um bocado mal tratada. E um bocado traumatizada na altura, e ainda um bocadinho quando se fala". Outra amiga *"teve um problema com a anestesia epidural, [...] teve que ser cesariana [...] teve que ser induzido, [...] não avançava, a dilatação não avançava, o bebé estava a entrar em sofrimento, partem para a cesariana [...] ela perdeu líquido encéfalo-raquidiano [...] foi um bocadinho complicado"*. Quanto à terceira amiga, Eva sabe apenas que *"correu mal"*, porque ela *"não [...] quis dizer rigorosamente nada"*.

A informação veiculada pela enfermeira do curso de preparação para o parto reforça, para Eva, esta representação de perigosidade ligada ao parto, mesmo que introduza um elemento de reparação quase mágica, o encontro com o bebé: *"é o que diz a enfermeira, nós já sabemos que quando entrarmos em trabalho de parto temos é de pensar que no final vamos ter o bebé, e que vai ser um dia espetacular, mas até lá chegarmos é doloroso, e portanto toda a gente tem medo dessa parte"*. Na verdade, esse momento no qual culmina o parto e que pode, efetivamente, vir a ser vivido como reparador, não pode ainda operar essa função porque é ainda irrepresentável a sua significação afetiva. O bebé, a nascer, é o grande desconhecido.

A defesa face a esta informação que, como assinalado, é sentida por Eva como excessiva e quase tóxica não passa, como também observado, por saber, mas por tolerar o não saber. O saber que é partilhável sem risco de intoxicação é aquele que incide sobre a vivência atual, não sobre a projeção futura. Por isso Eva valoriza como o mais importante das aulas de preparação para o parto *"principalmente o estar com outras grávidas [...], partilharmos o que cada uma sabe e a gravidez em si, o que é que estamos a sentir ou não"*.

Eva revela, nestas descrições que faz dos seus encontros com os seus diversos objetos relacionais, uma maior porosidade. Esta encerra riscos (o excesso, a saturação, a toxicidade, o medo), mas também possibilidades criativas e organizadoras (a tolerância, a abertura, a expectativa).

As anotações do grupo de intervisão dão conta de uma maior densidade dos conteúdos de Eva, outra vez bastante encobertos. *"Há um universo inteiro por desvendar"*, concluiu, no final da leitura, um dos elementos do grupo. No entanto, tal como com as entrevistas anteriores, o trabalho correu com celeridade e relativa facilidade.

4.3.2 O terceiro Rorschach

Neste terceiro momento, o encontro com a situação Rorschach (anexo 15) é pontuado por referências à familiaridade da situação e aos encontros anteriores – *“eu sempre que olho para isto”, “isto faz-me sempre lembrar”, “este é sempre”, “aqui mais uma vez”* – embora a entrada na situação fique marcada pelo sublinhar da atualidade – *“para mim, neste momento”*. Eva posiciona-se, assim, na continuidade de uma experiência de encontro com o objeto-mancha e com a situação de narrativização do mesmo. No entanto, emergem novas perspectivas, porque como Eva explicita, este é um novo momento.

O encontro com o primeiro cartão inicia-se por um silêncio prolongado, a que se segue um comentário que revela a familiaridade com a situação e, ao mesmo tempo, se abre à experiência (*“ora então vamos lá”*). Em conformidade, a introdução à primeira resposta cotável enfatiza o polo subjetivo do processo de significação, ancorado na atualidade (*“para mim, neste momento”*). Eva enuncia, em seguida, o único objeto que comunicará em face deste cartão, *“uma máscara”,* um objeto inteiro, bem definido, com boa adequação formal, ocultador. Um conjunto de silêncios entrecortam a comunicação, indiciando um processo de elaboração silencioso. No inquérito, a referência é simultaneamente à máscara e ao rosto que é por ela escondido – *“uma máscara grande, que apanha quase toda a cara [...] a forma de uma máscara da cara, [...] esta parte completa aqui o perfil da cara”,* que sinaliza uma dinâmica entre o que contém e é contido, o que se esconde e se revela.

No cartão II eleva-se, muito significativamente, o tempo de latência, a que se sucedem sinais de desconforto – *“Ahhh (sopra)... ”* –, precauções verbais e hesitações: *“Não sei, eu diria que talvez, sei lá”*. Eva constitui então uma resposta elaborada, *“uma floresta, uma entrada para uma quinta, [...] o caminho, a quinta eventualmente aqui, aqui tipo o jardim, da quinta, aqui à volta”*. Comparativamente aos momentos anteriores a construção da resposta evoluiu, passando a integrar a totalidade dos negros laterais, significados como *“floresta”,* ambiente denso, indistinto, selvagem, que aparece mais contido no final da resposta como *“jardim”*. Mantém-se a referência ao limiar, embora tenha perdido a clareza da delimitação e da configuração (o portão desaparece, ficando apenas a referência à entrada). Mantém-se também a referência ao caminho que constitui o elemento invariante desta resposta desde o primeiro Rorschach. Finalmente, conclui a exploração da mancha com um comentário que assimila a representação a uma série televisiva que tem acompanhado, relativa à época vitoriana. Este comentário permite tornar a representação, simultaneamente (e paradoxalmente), próxima porque familiar, assim como distante.

A construção da resposta espontânea ao cartão III é dada sem hesitações. Nela são figurados os elementos anteriores, *“alguém sentado, em frente a um espelho, a ver a sua imagem, o reflexo”*, contudo a imagem é mais estática e concisa. A referência à possibilidade de serem dois desaparece. No inquérito, a descrição acompanha o contorno corporal – *“um perfil de uma pessoa”* –, surgindo um comentário crítico sobre o objeto – *“o corpo da pessoa, mal definido”*. Ainda no inquérito, emerge um esboço de fantasia – *“sentado num bar”* – testemunhando uma elaboração que ocorre silenciosamente: *“estou a imaginar”*. O comentário seguinte – *“não consigo interpretar bem esta parte, as partes encarnadas”* – revela que este silenciamento tem uma função defensiva em face da solicitação pulsional presente no cartão. Procura retomar a descrição, porém a dificuldade reemerge, diluindo a capacidade de conter a representação: *“isto não faz sentido nenhum”*.

Face ao cartão IV, Eva começa por se referir ao espaço intra e intersubjetivo da nossa história: *“isto faz-me sempre lembrar”*. A resposta *“um monstro”* é acompanhada de forte adjetivação, *“uma criatura grande, gigantesca”*, repetida no inquérito, que sublinha uma temática em torno da representação, que já havia emergido no Rorschach anterior, do pequeno face ao grande: *“como se nós estivéssemos a ver assim, grande”*. Surge a referência a *“uma cauda”*, ausente nos momentos anteriores e cuja verbalização surge envolta em dúvida, *“uma cauda ou, não percebo bem, mas eventualmente uma cauda”*.

Sem hesitações, e esbatendo a distância entre a mancha e a subjetividade que a significa, Eva constitui uma única representação face ao cartão V: *“é uma borboleta”*. Acrescenta um diminutivo que revela fragilidade e alguma depreciação (*“borboletazita”*), que reverbera no inquérito (*“a cabecinha, a caudazita”*). Acrescenta também um adjetivo, *“escura”*, cuja tonalidade disfórica é claramente exposta: *“triste”*. Na prova das escolhas o cartão mantém-se como escolha positiva, embora ecoe o afeto disfórico *“uma borboleta mais triste, mas como eu gosto de borboletas”*.

Face ao cartão VI, Eva retoma a formulação (muito presente no primeiro Rorschach) que testemunha e sublinha a comunicação entre o objeto-mancha e o seu espaço psíquico: *“este aqui faz-me lembrar”*. Constitui então a representação já anteriormente evocada *“uma pele de um animal [...] um tapete de pele de animal”*. Tal como nos momentos anteriores o cartão é selecionado como escolha negativa, momento em que a desvitalização agressiva é verbalizada diretamente, ao contrário da passagem espontânea e do inquérito: *“uma pele de um animal morto”*. Diverge, no entanto, em relação às representações anteriores já que a construção, como é explicitado no inquérito, é realizada em G, passando a integrar a mancha

inteira. O comentário, no inquérito, “*não consigo perceber bem, mas sei que também faz parte da pele*” revela que o elemento anteriormente excluído (o D superior, que originou, no primeiro momento a resposta adicional “*girino*” e que foi adjetivado de “*estranho*” no inquérito do segundo momento) pode já, mesmo que envolto em incerteza, ser contido, tolerado e integrado. A construção (espontânea) e a descrição (no inquérito) do objeto testemunham um processo de passivização, através da desvitalização e aplanamento do objeto (“*tapete*”, “*pele aberta*”, “*esticado*”). Este processo parece ser agora mais eficiente, já que desaparece a necessidade de recorrer a um sujeito exterior à situação para auxiliar a significar e a manter o objeto estável na sua função.

A exploração do cartão VII inicia-se, novamente, pela referência à nossa história intrasubjetiva em face do objeto-mancha: “*este é sempre*”. A representação enuncia, imediatamente, a referência geracional “*uma velhota*”, um aspeto que nos Rorschachs anteriores era evocado apenas num segundo momento, depois de ser realizada uma identificação sexuada, feminina. Parece existir a possibilidade de emergir algo diverso (“*ou*”), mas Eva interrompe o curso associativo estabilizando a imagem com recurso a elementos de paralisação (“*sentada, a ver-se ao espelho*”, “*o seu reflexo*”). No inquérito desaparece a referência à estranheza do cabelo, substituída pela referência à “*estrutura*”, a “*forma*” como está arranjado. No inquérito recorre, mais do que uma vez, à convocação do nosso olhar exterior, “*estamos a ver de perfil*”, “*estamos a ver o reflexo dela*”, que parece ser mais uma forma de configurar, segurar, conter a imagem construída, ao mesmo tempo que esboça um afastamento. Retoma o cartão como escolha negativa, já realizada no primeiro momento, porém substituída no segundo. No entanto, desta vez, a justificação traz um elemento novo que associa a velhice, que lhe é desagradável porque reminescente da “*avó*”, a uma representação a roçar o persecutório: “*parece um bocado género bruxa*”. Como nos momentos anteriores, refere a impossibilidade de usar o terceiro terço: “*esta parte aqui não sei bem*”.

Face ao cartão VIII, Eva remete-se a um silêncio prolongado, entrecortado pela expressão da dificuldade em constituir uma representação “*não sei bem*”, a que se segue, após novo silêncio, a clarificação da sua dificuldade: “*não consigo vê-la assim normalmente, como um todo*”. Representa então, hesitante, “*um urso*” “*ou um tigre*”, justificando a construção em função do tamanho atribuído: “*um animal assim comprido, grande*”. Ambos os animais remetem para referências de força, ferocidade e perigosidade. No inquérito a incerteza leva a uma aproximação algo indiferenciada entre os dois animais convocados: “*podia ser um urso*”.

um bocadinho mais esguio, quase parecido com um tigre". A proximidade ao nível do conteúdo simbólico das duas representações e o facto de o foco da hesitação incidir nos contornos do corpo, revelam que é na estabilização de um continente para conteúdos mais disruptivos que reside a sua atual dificuldade. A representação seguinte de *"uma pele aberta [...] um tapete de pele"*, no interior da mancha, opera como tentativa de aplacar a representação de força constituída nos D laterais. Eva reconhece a insuficiência deste recurso defensivo ao comentar, no final da exploração da mancha, que *"não faz muito sentido"*.

Nova elevação do tempo de latência abre a exploração do cartão IX, repetindo-se igualmente a referência aos encontros anteriores, *"mais uma vez a mesma coisa"*. Segue-se uma precaução verbal seguida de alguma indefinição, *"parece que vejo alguém"*, com função clara de distanciamento em face de uma representação feminina, mágica, poderosa e potencialmente perigosa, *"uma bruxa"*. Eva justifica a representação constituída a partir de um acessório, um *"chapéu"* e acrescenta um elemento cinestésico *"a apontar um dedo"*, adjetivado como *"muito grande"*. No inquérito, Eva começa por indiferenciar sexualmente a representação *"uma pessoa"*, focando-se em seguida no recorte da mancha *"um chapéu e um nariz"*, retomando a referência ao *"dedo grande a apontar"*, porém introduzindo agora um objeto indistinto, *"para qualquer coisa"*. Retomando a representação humana, atribui-lhe agora uma identificação masculina, designando *"um corpo de um homem"*. O feminino aparece assim relacionado com uma carga projetiva mais intensa e é justificado a partir de um acessório, enquanto o masculino aparece menos claro, todavia mais integrado, ligado ao corpo.

Face ao cartão X, Eva começa por verbalizar alguma confusão em face da dispersão da mancha: *"isto é miscelânea, [...] não consigo definir bem"*. Aproxima-se então de uma representação a partir da forma indefinida *"animais"*, explicitando que faz uma associação geral entre as cores e os animais, recuperando depois os dois animais originais, coelho e caranguejo e terminando com um novo comentário relativo à dispersão: *"uma diversidade de qualquer coisa que eu não consigo definir bem"*. A sequência, reproduzida no inquérito, veicula a dinâmica entre indefinição e definição, e a dificuldade experimentada por Eva face à dispersão equacionada com o desconhecido. Mantém o cartão como escolha positiva, assinalando desta vez não apenas *"a cor"*, mas também *"a diversidade"*.

A análise da sequência das respostas em conjunção com os dados fornecidos pela leitura do psicograma (anexo 15) dá conta, antes de mais, de um encontro com o material marcado por uma maior condensação das representações, reveladora de um trabalho psíquico

mais investido na configuração e exploração de cada objeto constituído e menos disponível para a exploração de objetos alternativos. Assim, diminui o número de respostas total (13 respostas, em contraste com as 18 do segundo Rorschach e as 14 do primeiro), sendo dada uma única resposta por cartão (com exceção dos cartões VIII e X, onde diferentes respostas correspondem a diferentes D, sem sobreposição de representações), porém há maior verbalização em torno das respostas, sobretudo no inquérito (comentários e adjetivações que acrescentam informação e que testemunham uma maior densidade simbólica, como por exemplo nos cartões I e II).

A quase exclusividade de respostas singulares mantem-se (a exceção é “*animais*” no cartão X), desaparecendo as escassas e tímidas referências à dualidade, persistindo todavia, embora de forma mais restrita, a presença de uma referência à diferenciação entre identificações femininas e o masculinas (cartão IX). Inscrita, subtilmente, nas adjetivações aos conteúdos representados, surge uma atenção particular ao tamanho dos objetos e dos corpos, os grandes versus os pequenos (por exemplo: “*máscara grande*”, “*criatura gigantesca*” com “*braços mais pequeninos*”, “*borboletazita*”, “*velhinha [...] baixinha*”; “*um animal comprido, grande*”, “*um coelhinho*”). A alteridade faz-se assim presente a partir da constatação da diferenciação sexual mas, sobretudo, a partir da atenção à diferenciação e comparação implícita das características corporais. Desta forma, a fragilidade que continua a ecoar nestas representações já não é uma temática puramente identitária, ganhando uma dimensão relacional. Verifica-se ainda uma diminuição de G%, deixando D% de estar diminuído, o que confirma uma menor intensidade da temática unitária: a unidade da mancha já não necessita de ser permanentemente reforçada (de facto, a alteração na percentagem de G e D ocorre por diminuição dos G e não porque aumentem significativamente os D). É também relevante notar que desaparecem as referências à estranheza que haviam emergido no segundo Rorschach, sendo substituídas por comentários que indiciam uma vivência de incerteza relativa aos contornos formais dos objetos (“*esta parte não sei bem*”, “*corpo da pessoa mal definido*”, “*não percebo bem, mas eventualmente uma cauda*”, “*não consigo perceber bem, mas sei que também faz parte da pele*”, “*o cabelo arranjado de alguma forma*”, “*um urso um bocadinho mais esguio, quase parecido com um tigre*”, “*não consigo perceber bem o que será mas associo [...] a animais*”). Esta incerteza não chega a comprometer a estabilidade das fronteiras dos objetos, apenas revela uma menor rigidez na constituição das mesmas. A mesma conclusão deriva da constatação de uma diminuição da rigidez do controlo formal (Fa% ligeiramente aumentado, mas abaixo dos Rorschachs anteriores), sem que, no entanto,

este fique comprometido (F+%a mais elevado que o do primeiro Rorschach e igual ao do segundo).

Finalmente, relativamente às escolhas, é importante assinalar a alteração de uma das escolhas negativas, voltando a ser selecionado o cartão VII. Os comentários que agora justificam a escolha remetem diretamente para o seu universo relacional, familiar, feminino e intergeracional, com clara inscrição de afetos conflituais e ambivalentes. As escolhas negativas permanecem inalteradas, embora as justificações incluam novas dimensões. Relativamente ao cartão V verifica-se também o tatear de afetos de valência contrária que podem coexistir. No cartão X é destacada a valorização da “*diversidade*”.

Concluindo, apesar do ressurgimento de um movimento restritivo, o que é observável está longe da lógica observada no primeiro Rorschach: a restrição do número de respostas/objetos não é acompanhada por um reforço da rigidez formal das representações, nem por uma restrição da participação de processos de subjetivação. Ao contrário, a condensação temática das respostas é explorada, através de diversos comentários que remetem para um universo psíquico que já tolera melhor o trabalho psíquico conflitual em que está envolvido, tornando a sua expressão mais desimpedida. A familiaridade com a experiência Rorschach (e paralelamente, com a experiência da gravidez) contribui para esta dinâmica de restrição e simultânea densificação e flexibilização dos objetos. Finalmente, a aproximação de uma nova experiência transformativa relacional traz, para primeiro plano, o desconhecido – o rosto ocultado pela máscara no cartão I, a floresta/ jardim nos negros do cartão II, as inúmeras referências ao que não é compreendido/interpretado – fonte de inquietações que reverberam nas representações de fragilidade versus força, de pequenos versus grandes, que pontuam esta narrativa Rorschach.

4.3.3 As terceiras histórias TAT

As narrativas de Eva (anexo 16) em face dos cinco cartões TAT propostos, neste terceiro momento, dão conta da familiaridade com o material, ao mesmo tempo que não impedem a emergência de novas possibilidades de encontro. Sem afastar ou recusar a conflitualidade solicitada pelo material, Eva constrói agora narrativas menos determinadas por afetos disfóricos, observando-se também uma diminuição significativa do uso de precauções verbais e de expressões de dúvida e incerteza interpretativa.

Eva inicia a narrativa em face do cartão 1 designando, com familiaridade, a personagem – *“cá está o rapazito”* – e acentuando, através do uso do diminutivo, a sua fragilidade. A sequência seguinte, pontuada por pausas no discurso e a expressão de dúvidas, descreve o rapaz numa relação intrapsíquica movente, mas paralisada externamente em face do objeto – *“com um ar [...] pensativo a olhar para o violino”*. O relato centra-se no escrutínio do afeto, que permanece por clarificar com segurança – *“não sei se ele estará triste ou desiludido”* – a que Eva acrescenta um adjetivo – *“cansado”* – que faz a ligação entre um estado psíquico e um estado físico, corporal. Termina a narrativa inscrevendo-a numa temporalidade aberta e incerta: *“é esta a história, não sei se terá um final feliz ou não (ri). Mas neste momento não está a ser um bom momento da vida do rapaz”*. Tal como no segundo momento, a sequência foca o polo intrapsíquico da dificuldade de estabelecer uma relação comunicante com o objeto, contudo é introduzida a temporalidade que inscreve, em forma de expectativa aberta, a possibilidade de transformações.

Eva inicia a abordagem ao cartão 5 com nova referência à familiaridade que sente relativamente ao material, identificando a personagem feminina e acentuando a função materna de ligação, *“esta é a mãe, de família”*. No relato, esta personagem interpela as restantes personagens, convocadas por Eva – *“o marido e os filhos”*, para uma cena de *“dinâmica familiar”* alimentar – *“a hora do jantar”*. O relato representa, em seguida, o apelo para um encontro intersubjetivo que implica a interrupção do investimento individual, solitário: *“o marido está na sala a trabalhar, e ela vem chamá-lo”*. A temporalidade e a sensorialidade inscrevem-se na narrativa, adensando-a: *“já os tinha chamado mais do que uma vez [...] jantar porque parece que há aqui sombras e portanto eventualmente as luzes estariam ligadas”*. A construção narrativa é mais explícita, os papéis e a ação estão clarificados e estabilizados, o conflito emerge a mínima – *“uma cara mais carregada”* –, porque contido e integrado. O encontro com a interioridade é agora mais claro, mais vivo e rico.

Uma breve latência precede o início da verbalização em face do cartão 6GF, que narra um encontro duplamente enigmático: em termos do que é partilhado, *“ele está a contar uma novidade surpreendente [...] ela está com um ar surpreendido, a ouvir”*, e dos papéis relacionais das personagens, *“à namorada, mulher [...] pode eventualmente ser um pai e uma filha, mas eu diria que é mais um casal”*. O encontro entre masculino e feminino mantém uma certa indefinição, mas agora pela pluralidade de vínculos possíveis, marcados por uma

tonalidade afetiva conflitualmente mais desimpedida, mesmo que os conteúdos continuem em aberto.

Face ao cartão 7 GF, e depois de um curto silêncio inicial, Eva evoca o desinvestimento da personagem feminina mais nova – “*uma rapariga muito desinteressada*” – relativamente ao bebé que segura “*de uma forma estranha*”. Introduce então o olhar da outra personagem feminina, com um papel materno deslocado – “*uma ama*”. A introdução na narrativa de um detalhe até agora não integrado permite inscrever uma função de ligação e contenção desempenhada pela figura materna: “*ela eventualmente pode estar a ler um livro, agora é que eu estou a ver. A contar uma história*”. Retorna então à primeira personagem, cujo desconforto passa a ser reportado à situação e já não diretamente à sua função em face do bebé: “*a rapariga a olhar com um ar muito [...] aborrecido [...], como se fosse uma grande chatice estar ali*”. A ligação entre as personagens ressurgue, podendo integrar agora, simultaneamente, a dificuldade e a partilha, revelando que a operação da função continente se complexificou e se enriqueceu.

No cartão 19, depois de um curto silêncio, Eva verbaliza a familiaridade do material sublinhando a continuidade dos encontros: “*esta faz-me sempre lembrar*”. Recupera assim o objeto “*casa na neve*”, focando “*as janelas*”, elemento de comunicação entre o interior e o exterior. Em seguida explora, sensorialmente, o ambiente externo – “*é neve porque, portanto vejo branco aqui*” –, perdendo-se num pormenor da imagem que não consegue interpretar, testemunhando os aspetos desconhecidos e não integráveis da experiência. Regressa a um elemento fronteira, “*uma chaminezita*”, posicionando-se, juntamente com a entrevistadora, como observadores exteriores – “*estamos a olhar de fora*” – de um interior sobreinvestido – “*está luz, que tem pessoas, que tem movimento, que tem família*”. A possibilidade de recuperar a transitividade entre o interno e o externo, que havia sido obliterada no segundo encontro com o material, permite recuperar um continente seguro e uma interioridade já não apenas iluminada e habitada mas movente, em transformação, sobre a qual é possível um olhar partilhado.

A análise das histórias revela que, neste terceiro momento, continua a predominar o polo imaginário, com menor participação de procedimentos restritivos e do recurso aos elementos da realidade externa. Estes, quando surgem, não impedem a construção narrativa, antes a integram e auxiliam ao seu desenvolvimento. O resultado é uma maior legibilidade dos relatos, para o que contribuem o surgimento de substantivos ligados à temporalidade (história, final, momento, vida) e a uma maior ênfase na enunciação de papéis familiares

(mãe, marido, filhos, casal, família), assim como de verbos mais relacionais, menos conflituais e menos carregados de ambiguidade (chamar, trabalhar, contar), sendo agora os adjetivos os veículos de expressão privilegiada do afeto mais disfórico (cansativo, triste, desiludido, aborrecido). Há igualmente uma menor participação de procedimentos extra-narrativos, designadamente do recurso à esfera corporal (risos), e o surgimento de uma autorreferência tem agora um valor comunicante, de ligação entre o universo psíquico de Eva e a história dos encontros com o material (cartão 19). Predomina agora a centração na experiência subjetiva, que se faz presente mesmo nas encenações que retratam movimentos relacionais. Assim, a expressão, a construção e as temáticas são, neste último momento, mais libertas, dentro do estilo velado, encoberto, que é o de Eva.

No final deste último encontro, Eva é convidada a falar sobre a sua participação na investigação. Diz: *“é bom porque faz-nos verbalizar se calhar muita coisa que não, que não verbalizamos, só pensamos, e depois quando estamos aqui vai-nos fazendo, vai-me fazendo as perguntas, e eu vou ter que, tenho que ser obrigada a dizer, a falar sobre isso, e é bom, sabe de alguma forma sabe bem. [...] Às vezes pensamos e não tomamos consciência, e quando nos obrigam a dizer, obrigam, obrigam no bom sentido, não é, [...] quando nos perguntam o que é que sentimos, e para nós descrevermos, [...] é engraçado, e ter que pensar sobre isso e dizer é bom, sabe bem (ri)”*. Esta descrição de Eva do impacto do outro sobre o seu psiquismo condensa o que de essencial vive sobre a experiência que atravessa: uma experiência que se impõe, que a solicita excessiva e intensamente, que desencadeia processos de pensamento cuja comunicação é difícil mas que, quando é possível, diminui a disruptividade e anima a curiosidade e o prazer.

Sobre o encontro com o material projetivo, desabafa o seu desconforto, que se prende com a sensação de não conseguir mobilizar recursos suficientes para corresponder às expectativas que, por desconhecer quais são, não consegue satisfazer: *“confesso que essa parte é que me causa mais (ri) [...] fico sempre a pensar o que eu vou dizer está tudo errado, isto não faz sentido nenhum. [...] Tenho sempre um bocado de medo, estou sempre a dizer coisas um bocado disparatadas (ri), mas pronto, mas de resto, ou que não estou a corresponder bem, ou que devia dizer, se calhar devia contar aí uma história enorme, depois não me sai nada”*.

Após o gravador ser desligado, digo a Eva que, se o quisesse fazer, gostaria que me avisasse aquando do nascimento, ao que ela responde afirmativamente. Ofereço-lhe então uma pequena prenda, para a Leonor, que Eva agradece, sorrindo, mas que não abre, deixando para o fazer com André. Antes de nos despedirmos pergunta-me se eu já estava a acabar as entrevistas, se ela era a última e se já alguém tinha tido o bebé, inscrevendo-se assim no grupo alargado das participantes na investigação, ao mesmo tempo que fantasia ser a última a passar pelo processo. Antes de sair penso que gostaria que me tivesse mostrado o quarto, porém não fez qualquer menção disso e eu não perguntei. Esta minha última anotação espelha o resguardo de Eva de um lugar interior, íntimo, que investe em silêncio.

Três semanas depois do nosso encontro, recebo uma mensagem de Eva. Anuncia-me que a Leonor tinha nascido cinco dias antes, referindo o peso e o tamanho, bem como o facto de ter sido uma cesariana. Diz que “*correu tudo bem*” e que estão já “*em casa a descansar e a recuperar*”.

4.3.4 Eva em transformação no terceiro trimestre

No terceiro trimestre, a mente de Eva é um espaço expectante, tolerante, recetivo e curioso, contudo também vulnerável e angustiado em face do desconhecido. Predominam, novamente, os processos de tolerância à incerteza (PS), muito embora num quadro muito diferente daquele que foi observado no primeiro trimestre. Efetivamente, a oscilação PS↔D está operante, permitindo a Eva uma circulação fluida entre o conhecido e o desconhecido. Uma circulação testemunhada, na entrevista, pelo tatear da representação do bebé futuro e das novas relações familiares que o nascimento trará, mas também pelas associações em torno dos preparativos para a chegada do bebé; no Rorschach e no TAT é significativo o sublinhar da familiaridade com o material, a que se seguem novas possibilidades de exploração. Se, no primeiro trimestre, PS era uma posição de partida, o ponto originário do impacto, violento, que era preciso superar, agora PS é procurada como posição que permite lidar com a saturação e o excesso que Eva experimenta em face do real, do concreto, cujo conhecimento e familiaridade são sentidos como inadequados para lidar com um futuro que apenas a fantasia permite explorar. Eva sustenta assim o paradoxo de investir o que não pode representar, expandindo e dilatando o espaço psíquico para que, agora, o impacto possa ser acolhido na sua novidade. Desta forma, este terceiro trimestre revela um campo psíquico orientado por processos PS [←D].

Observadas a partir da perspectiva da relação ♀♂, as narrativas de Eva do terceiro trimestre dão conta de um trabalho permanente sobre a interação entre essas duas dimensões do psiquismo. Os ♂ muito concretos, saturados de real ou demasiado específicos, circunscritos, são experimentados como excessivos e não ligáveis por um ♀ cuja expansão e porosidade se adapta mais adequada e eficazmente a ♂ fantasiados, mais inespecíficos e circulantes. Isso mesmo é ilustrado, na entrevista, pelas associações em torno das ecografias *versus* a representação fantasiada do bebê, ou em torno das informações funcionais das aulas de preparação para o parto *versus* a partilha de afetos com as outras grávidas; no Rorschach, pela diminuição do controlo formal a par de uma maior exploração dos objetos; e, no TAT, de forma similar, pelo menor recurso à restrição e aos elementos da realidade externa, acompanhada de uma maior densidade, liberdade e apaziguamento revelado nas narrativas.

Desta forma, esta expansão e dilatação do espaço psíquico dá conta de um retorno ao trabalho sobre o ♀, porém a circulação no seu interior de ♂ afetivos de valência diversa e de representações mesmo que diluídas pelos processos de dispersão, mostra que o trabalho sobre os ♂, iniciado no segundo trimestre, não cessou. Esta dinâmica relacional intrapsíquica muito ativa é acompanhada por um trabalho interpsíquico complementar, que acaba por operar como ♀ e ♂ de segunda ordem. Ao contrário do segundo trimestre, os objetos relacionais de Eva voltam assim a ser investidos, usados e integrados na elaboração da experiência, como evidenciado no uso que faz, na entrevista, das suas personagens para expressar os processos de diferenciação e identificação que permitem interrogar os lugares do masculino e do feminino, mas também expressar a sua vulnerabilidade perante a incerteza futura; no Rorschach, na atenção às diferenciações corporais e, no TAT, na conjugação entre uma maior exploração relacional e a centração temática na experiência subjetiva das personagens. Tal como internamente, a provisão pelos ♀ relacionais de ♂ muito circunscritos é mais desorganizadora – por exemplo os relatos das experiências do parto das suas amigas –, enquanto o contacto com ♀ relacionais mais abertos permite a partilha, a ligação e o investimento de ♂ experimentados como criativamente mais ricos – como ilustra a partilha com as grávidas que toleram, como ela, o desconhecido.

Desta forma, no que respeita às aproximações mais saturadas de real, fechado e concreto, entre ♀ e ♂ o vínculo K retrai-se, tomando um valor negativo. Quando é possível um encontro mais fluido, o vínculo K recupera uma valência predominantemente positiva, mas torna-se novamente mais interrogativo do que operador de descobertas integrativas (ambos os movimentos são observáveis nos indicadores que acima foram associados a uma

saturação mais disruptiva e a uma insaturação mais organizadora). O vínculo K aproxima-se, portanto, da função exercida no primeiro trimestre, muito embora a dúvida seja enriquecida pela curiosidade e se debruce não tanto sobre o significado da experiência presente, mas sobre o significado do futuro. Uma interrogação que recai agora sobre cada um dos elementos em relação, ♀♂, e sobre a própria natureza vincular afetiva, L e H, da relação (muito evidente na exploração das fantasias em torno os movimentos fetais e em torno das interações com o bebê futuro). É assim que a capacidade ♀ é interrogada na sua flexibilidade, e que os ♂ são indagados enquanto leque de possibilidades por determinar – interrogações expressas, na entrevista, através do corpo, da percepção dos movimentos fetais, da dúvida sobre a sua postura materna, sobre o bebê que espera e sobre o quarto, em branco; no Rorschach, na configuração e exploração dos objetos e, no TAT, na inscrição da temporalidade, da sensorialidade, na clarificação dos papéis relacionais a par da exploração das possibilidades das interações. A dúvida que recai sobre os vínculos afetivos entre ♀♂ não os dissolve, antes os integra, permitindo uma expressão mais modulada e mais diversificada de L+ e L-, de H+ e H- (como notado, na entrevista, pela possibilidade de expressar a ambivalência, e no Rorschach e no TAT, pela maior capacidade de tolerar e modular a conflitualidade).

Em síntese, no terceiro trimestre, a experiência é manuseada, na mente de Eva, como um objeto limiar, um objeto que remete para o desconhecido imprevisível de uma outra experiência que se aproxima, o parto e o nascimento do bebê, de uma mãe, de um pai, de uma nova geração familiar. A mente de Eva tolera essa abertura ao desconhecido, reconhecendo a dor, a vulnerabilidade, o receio que o carácter incógnito dessa transformação inscreve, e convocando os seus objetos relacionais para a auxiliarem a suportar essa dor, a organizar o seu espaço interno e a alimentar um investimento expectante.

Concluindo, Eva faz um caminho de transformação que permite uma progressiva e contínua alfabetização da experiência da gravidez ao longo dos três trimestres, através de uma significativa mobilidade e plasticidade do seu aparelho para pensar pensamentos. Ao longo do percurso Eva interroga-se, suportando e assumindo a dor dessa interrogação, o que permite uma exploração verdadeira e enriquecedora da experiência que é convocada a viver. Integrando a(s) história(s) da gravidez na sua história mais ampla, explorando esta experiência e investindo-a no espaço psíquico e somático do seu corpo grávido, e procurando e reinventando o seu lugar através dos movimentos de identificação e diferenciação face aos seus objetos relacionais, Eva transforma, é transformada e abre-se a novas transformações.

5. PETRA

Caminhava sempre

Como se buscasse

Uma presença ausente

Sophia de Mello Breyner Andresen

Petra tem 31 anos quando nos encontramos pela primeira vez. Vive com o namorado, Vítor, numa cidade próxima de Lisboa. É licenciada na área das ciências sociais e humanas. A investigação foi-lhe dada a conhecer por um amigo. Contacta-me, primeiro por e-mail e depois por telefone, pedindo mais informações sobre a investigação e declara-se interessada em participar.

5.1 Primeiro encontro: 14 semanas

Quando me contacta telefonicamente para agendarmos o primeiro encontro esclareço que poderemos realizar a entrevista num lugar de que disponho para o efeito ou que, se preferir, posso encontrar-me com ela num lugar que lhe seja conveniente. Escolhe vir ter comigo. No dia e hora marcadas chega, sorridente e com ar descontraído. Depois de hesitar entre a cadeira junto à mesa ou o sofá, acaba por escolher o último. Peço-lhe que leia e assine a carta de consentimento informado. Pergunta-me, em seguida, se deve tratar-me por Dra. ou pelo nome próprio. Sorrindo, peço-lhe que me trate pelo nome. Em seguida coloca mais algumas questões em relação à área do meu doutoramento. Refere a proximidade da sua área de trabalho e revela alguma preocupação, sobretudo no que respeita à audição da gravação das entrevistas, esclarecendo que ainda não tornou pública a gravidez. Asseguro-a de que apenas eu ouvirei os registos áudio e que qualquer uso do material manterá o seu anonimato. É este um lugar familiar e próximo, em que me reconheço e sou reconhecida, parece perguntar-se(/me) Petra no início do nosso encontro. Uma interrogação que é também sobre esse outro encontro que vive, com a experiência da gravidez.

Recosta-se no sofá e permanece numa postura relaxada durante todo o tempo. É-me muito fácil conduzir a entrevista: sigo-a com facilidade e atenção enquanto fala livremente, sem que sejam necessárias interrogações constantes da minha parte para manter o seu discurso a fluir. Esta facilidade contrasta com o conteúdo do seu discurso que revela, desde o primeiro instante, o desconforto e inquietação que sente relativamente à gravidez. Percebo

que, enquanto fala, vai olhando para mim procurando alguma confirmação de que nada de muito problemático se passa com ela. A sinceridade com que repete o seu mal estar intriga-me, ao mesmo tempo que suscita em mim o desejo de a securizar. Sinto-me, desde, o primeiro momento, convocada a conter conteúdos difíceis de serem tolerados e integrados.

5.1.1 A primeira entrevista

A narrativa de Petra inicia-se pela descrição da pré-história da sua gestação, dando conta de um terreno psíquico pouco disponível, incerto e inseguro para a acolher. Sem saber bem se queria ou não ter filhos, Petra decide deixar de tomar a pílula, “*sem grandes expectativas [...] só para o corpo limpar*”, duvidando da possibilidade de engravidar “*porque tenho o útero à retaguarda e [o ginecologista] sempre me disse que ia ser muito difícil*”. Conta que ativou o seguro, “*aqueles seguros que cobrem o parto*”, que acabará por não poder utilizar porque está ainda em “*período de carência*”, e que “*nem pensei mais nisso*”. “*Foi em Março que aconteceu mas eu só descobri em Abril*”, diz, anunciando uma divergência entre o tempo do corpo e o tempo da mente.

A descoberta da gravidez é vivida como “*um choque*” e narrada numa sequência associativa que revela o efeito traumático do evento. Uns dias antes da confirmação da gravidez procura contactar telefonicamente Vítor, que se encontrava fora do país em trabalho, ficando “*em pânico*” por não conseguir. Ele liga-lhe de volta e nota: “*estás tão estranha [...] há quanto tempo é que não te vem o período?*”. Petra adia a realização do teste “*porque se calhar já sabia, porque o meu peito já estava a crescer, mas também não queria confirmar*”. Acaba por realizar o teste uns dias mais tarde, “*deu positivo e a minha reação foi ‘que merda [...] o que é que eu faço?’*”. Liga a Vítor, que está prestes a entrar num avião que o levará para uma zona em que “*os telefones estão cortados*”. Sentindo-se “*um bocado desorientada*” vai-se deitar, procura dormir. Questiona-se: “*será que isto é verdade, será que isto é mentira*”. Nos dias seguintes sentia-se “*estoirada*”, precisando de “*parar o carro na beira da estrada para dormir*”. A mente de Petra, de comunicações cortadas, desorientada, sem saber da verdade ou da mentira, estoura e bloqueia, sem poder trilhar os caminhos do pensamento.

O impacto desorganizador do encontro com a gravidez reverbera durante o primeiro trimestre inteiro: “*estes primeiros meses foram horríveis [...] andei ali em negação muito tempo*”, diz, revelando a dificuldade de se apropriar, psicologicamente, da experiência. A gravidez é sentida como imposição violenta, subversiva, como o uso reiterado, na sua narrativa, dos termos “*choque*”, “*pânico*”, “*caos*” e “*confusão*” revela. São termos que

remetem para a rutura de um continente para pensar os pensamentos que assim se desagregam, causando estranheza: *“desatava a chorar, que é uma coisa completamente anormal em mim, e irracional”*. Quando se aproxima de afetos mais circunscritos, sobrevêm expressões de disforia e aprisionamento: *“tristeza”, “maus sentimentos”, “é uma prisão”*. *“Não sou muito maternal”*, explica, reformulando a indisponibilidade para acolher a gravidez, antes dita de forma crua e radicalmente concreta no e pelo corpo (o *“útero à retaguarda”*).

Toda a narrativa gira, precisamente, em torno da dificuldade em acolher e transformar a experiência emocional, em pensá-la. *“Sei que estou grávida [...] mas não acho que esteja grávida, [...] sei que estou cansada, o meu peito cresceu, a barriga também está maior, ando enjoada, e isto são tudo sintomas, e vi, mas ainda não me sinto grávida”*. A experiência permanece assim como um facto não digerido, um conjunto de sinais não integráveis na continuidade da experiência através da sua inscrição em cadeias de significação: *“por mais que eu tente transformar isto em palavras é..., sei lá, isto é a confirmação que a minha vida vai mudar toda, e...”*. As interrupções do discurso e a dificuldade em figurar a experiência emocional espelham a descontinuidade psíquica provocada pela gravidez, vivida como revolução dramática e absoluta, lugar de perda e dor psíquica: *“foi praticamente tiro e queda”*, diz, reportando-se à forma como engravidou.

Petra decide anunciar a gravidez *“a um núcleo muito, muito restrito”*, *“uma amiga, os meus pais, os pais dele, os irmãos de cada lado”*. A restrição inicial designa não o número de pessoas, mas a tentativa de circunscrever a experiência e os afetos que ela desencadeia. Efetivamente, a descrição do anúncio aos seus pais e aos pais de Vítor mostra como o encontro é manuseado como um apelo a um continente capaz de tolerar o que é, para ela, intolerável. Petra aproxima-se deles *“lavada em lágrimas [...] que eles até pensavam que lhe tinha acontecido alguma coisa, ficaram todos em pânico, mas pronto, depois perceberam que era isto e... e aceitaram e relaxaram”*. O uso da identificação projetiva permite-lhe provocar neles o pânico que ela sente e observar as suas reações. Contudo, ela não compreende nem pode internamente usar ou realizar a transformação que eles operaram, como indica a escolha da expressão *“isto”* para designar a gravidez, seguida de um silêncio.

O anúncio progressivo, já depois das 12 semanas, a amigos dela e de Vítor é sentido como confirmação forçada de uma verdade psíquica não assumida: *“contar às pessoas, que é como se, estou a assumir que existe”*, *“e depois vão querer fazer festas na barriga [...] agora nem se sente nada, isto é tipo banha, para que é me vão estar a fazer festas, nem eu sinto, quanto mais por fora”*. *“Sinto-me exposta uma coisa que ainda não é, é minha, é íntima,*

ainda não é para estar assim a ser falada”, “*uma coisa tão íntima, mas também não é, porque toda a gente vê*”, diz, dando conta da dissonância entre a forma como a experiência se dá a ver no corpo e é percebida no espaço mental onde não circula, não é designável, comunicável.

As consultas médicas iniciais são vividas como encontros tóxicos, desorganizadores, porque se fazem da gravidez o centro da atenção não oferecem qualquer suporte contendor mas, ao contrário, ecoam e ampliam a violência que Petra vive interiormente. Assim, conta que na primeira consulta obstétrica a médica lhe diz “*se tiver sangue e se for um aborto não faz mal, não se preocupe, tenta outra vez*”. A proximidade crua desta observação com o fantasma deixa-a “*em pânico*”. Na segunda consulta encontra uma médica indisponível, que a faz sentir-se invisível, funcionalizada e incompreendida: “*quase nem falou para mim, só estava a inserir dados no computador, fazia perguntas muito funcionais, qual é o peso, se fuma, se bebe [...] estava super nervosa, e não houve ali uma palavra de apoio*”. O encontro entre a realidade interna de Petra, ainda indisponível para a experiência da gravidez e a médica que, em espelho, está indisponível para ela potencia o seu mal estar: “*saía de lá pior do que entrava*”. Numa consulta posterior, em que vai acompanhada por Vítor, “*foi diferente porque a médica não tinha estagiárias [...] estava mais disponível para mim [...] então a coisa aí acalmou*”. Quando o encontro é possível, quando Petra se sente acolhida, escutada, a consulta oferece um momento de apaziguamento.

A descrição da primeira ecografia ilustra, mais uma vez, a impossibilidade de subjetivar a experiência da gravidez e a dor psíquica consequente: “*foi como a Filipa me estivesse a mostrar uma fotografia de outra coisa qualquer [...] não tenho relação emocional com nada disso, [...] depois ainda me senti pior por me estar a sentir distante*”. A ‘fotografia com a qual não tem relação emocional’ é um ideograma que representa, precisamente, a dificuldade em formar ideogramas. Porque esta representação rudimentar é já um esboço transformativo, Petra pode então explicitar, de forma mais elaborada do que no início da entrevista, o desvio, o desencontro entre uma inscrição no corpo que ela pode reconhecer e um acolhimento na mente que ela não pode ainda realizar: “*fisicamente estou grávida, mas psicologicamente ainda não estou...*”. Sobre a segunda ecografia, conta: “*estava a ser difícil verem tudo [...] fiquei super mal disposta, porque tinham que ver as mãos, os braços, tudo, não é, os membros todos*”, revelando, num movimento de parcialização, a exigência de representação que a ecografia impõe e a que não consegue dar resposta. Digerir a experiência não é ainda possível, ela é excessiva. Mas o facto de, nesta segunda ecografia, estar

acompanhada por Vítor e sentir que a médica “*teve muita paciência*” permite-lhe travar a disrupção: “*não fiquei assim completamente, uau, que fixe já tenho um filho, não, mas fiquei, está tudo bem, ainda bem*”.

Petra conta que, logo no início, Vítor lhe disse: “*fazes tudo o que quiseres, eu apoio-te mas tenho duas exigências [...] é não saber o sexo e não ser batizado*”. Não saber o sexo para ela é “*indiferente*” porque, como explica, não está “*assim muito muito entusiasmada*”. No entanto, questionada sobre se tem alguma preferência, diz: “*achamos que vai ser menina, não sei porquê, mas temos esse feeling*”. Petra esboça, desta forma, uma fantasia, se bem que diluída no plural e afastada pelo recurso a uma língua estrangeira. “*Vou saber o resto da vida toda, por isso agora que seja surpresa*”, acrescenta, denotando a rutura da continuidade temporal, clivada entre o agora e ‘o resto da vida toda’. A decisão sobre não batizar é, para Petra, mais problemática: “*eu gostava que a criança fosse protegida, também não é preciso ser pelo batizado católico, pode ser por outra religião*”. A ausência de um continente, flexível, abrangente, que desempenhe uma função protetora, não é tolerável porquanto é precisamente esta função que Petra não consegue mobilizar intrapsiquicamente.

O tatear de representações sobre o futuro é abordado, num primeiro momento, como simples extensão da experiência presente. Assim, invocando constrangimentos profissionais, projeta imagens de aprisionamento na “*única situação possível*” em que é Vítor que “*fica com, em casa, a maior parte do tempo, se calhar não no primeiro mês*”. Vítor cuidará desse bebé não designável, porque irrepresentável. No entanto, é precisamente quando tolera a irrepresentabilidade das transformações a que é solicitada, que Petra pode, *a mínima*, romper a imobilidade psíquica através da dúvida – “*não sei como é que isto vai ser não é*” – e dessa forma abrir-se à temporalidade onde a transformação pode ocorrer, esboçando a possibilidade de uma aproximação afetiva – “*é tranquilo, agora, depois na altura não sei [...] se estou seis meses afastada ou cinco ou quatro*”. O não pensamento (traduzido na expressão “*a única situação possível*”) constitui um lugar de impossibilidade e disrupção, ao passo que tolerar o não saber funda um lugar de expectativa negativa, de espera insaturada a que, só muito pontualmente, Petra acede: “*eu não faço ideia do que é que é preciso, do que é que vai ser preciso, não, ainda não vejo assim para a frente*”.

Diretamente interrogada sobre o seu universo onírico, Petra começa por evocar dois pesadelos: “*estava a andar com o Vítor de carro, assim numa curva ao pé do mar e ele estava a guiar e descontrolou o carro e nós fomos tipo a flutuar por cima do mar e, e caímos e morremos afogados. E depois outro que, estava em casa dos meus avós, com o meu tio, a*

discutir, nós temos uma relação, ele é toxicodependente, então as coisas não funcionam bem, e eu disse que não queria que ele estivesse ao pé do bebê, nem nada, e depois ele foi matar a minha mãe”. Nestes pesadelos Petra expressa o receio de perder o rumo, de se afogar na experiência que está a viver, figurando o risco dessa toxicidade mortífera que a impede de se aproximar do conteúdo da experiência, anulando o que nela é contendor, organizador, materno. “*E sonhos?*”, interrogo. Conta que, depois de Vítor ter voltado da sua viagem de trabalho, sonhou “*com o bebê, mas com um bebê mesmo [...] não me lembro bem [...] estar ali, as coisas mais funcionais de... dar a papa, de ele existir pronto*”. Acompanhada por Vítor, porém também por mim que a escuto e a interpelo para que, contando-me, comece a sonhar-se, Petra recupera do ambiente de perigo e toxicidade. Mesmo que ainda seja apenas para “*existir*”. Questiono-a então sobre outros sonhos, não necessariamente ligados à gravidez, e ela acrescenta um outro sonho, que localiza num tempo anterior à gestação mas em que, diz, pensa sempre: “*estava num aeroporto e estava a querer apanhar um avião, nunca conseguia, depois tentava outro e outro, pronto, é aquela coisa da perseguição, não de uma pessoa, de um objeto, de uma ideia*”. No início desta sequência de produções oníricas Petra havia anunciado que, desde sempre, sonhava com perseguições. Foi necessária toda a desintoxicação que a partilha permitiu, para que ela pudesse clarificar que o que persegue é o próprio pensamento e a mobilidade que este permite, quando consegue conter, integrar e transformar as ideias e objetos.

As personagens que Petra convoca, ao longo da sua narrativa – Vítor, os pais dele e dela e os médicos – constituem variações da dupla convocada no segundo sonho: uma parte da mente tóxica, perigosa *versus* uma parte da mente materna, em perigo.

Vítor, a personagem mais presente ao longo do relato, condensa as duas valências, figurando ora como objeto organizador, ora como objeto perturbador. Assim, como observado, ao desempenhar as funções de notação e atenção (“*estás tão estranha [...] há quanto tempo é que não tem vem o período?*”) permite a Petra esboçar um reconhecimento da experiência (“*se calhar já sabia*”). A distância ou proximidade de Vítor, não apenas física mas afetiva, são cruciais na ampliação ou apaziguamento da inquietação despoletada pela gravidez: “*eu acho que ele não ter estado cá também não, nós falámos pelo telefone, ou pelo skype mas não é a mesma coisa, não se apercebeu do quanto isto foi difícil para mim [...] Agora tem-me ajudado muito [...] e ando com mau humor [...] e ele anda muito paciente*”. No entanto, se afetivamente se distancia demasiado dela o contraste é disruptivo porque expõe o seu mal estar, evidenciando a dificuldade que sente em se apropriar da experiência: “*o Vítor*

está histérico, está contente [...] diz a toda a gente 'ai porque ela está grávida, ah porque eu vou ser pai' e eu odeio essas coisas [...] sinto-me exposta". A boa distância é, para Petra, aquela em que Vítor se diferencia, contendo-a.

Os pais de Petra e de Vítor surgem referenciados como entidades coletivas e indiferenciadas no episódio do anúncio da gravidez. Operam aí como continentes, nos quais Petra pode depositar conteúdos psíquicos intoleráveis, para que sejam desintoxicados. Se os elementos masculinos deste coletivo permanecem indiferenciados e silenciados no remanescente da sua narrativa, os elementos femininos, a mãe de Petra e a mãe de Vítor, destacam-se e diferenciam-se. A sua mãe surge como capaz de experimentar afetos positivos ligados à gravidez, sem que Petra os sinta como sobrecarga, tornando-se a depositária silenciosa e contida de um investimento que Petra não pode fazer: *"tipo a minha mãe ficou histérica, não é, mas também sabe que eu não estou assim tão... anda muito controlada"*. A mãe de Vítor, ao contrário, é portadora de disrupção e toxicidade, potenciando o mal estar de Petra: *"a mãe do Vítor acha que nós devíamos fazer a amniocentese [...] deu a entender que nós temos de decidir se tivéssemos um filho deficiente... ah eu não tenho capacidade para lidar com crianças deficientes, faz-me muita impressão, mesmo, e se tiver alguma mal formação decidimos que, que a opção é abortar"*; *"a mãe do Vítor [...] disse 'ah não podes dormir de barriga para baixo, porque estás a comprimir' e... [...] fico cheia de dores de costas e ando a dormir super mal"*. A concretude das intervenções da mãe de Vítor aproxima-se, demasiado, da concretude fantasmática de Petra: o mau objeto interno, os riscos associados à sua toxicidade, a perda de uma posição, psíquica, subjetiva, confortável, enfim, a gravidez vivida como experiência que pressiona com violência o psiquismo, são elementos tóxicos potenciados e mesmo ampliados pelas intervenções da sogra.

Como foi assinalado, também os encontros clínicos figuram, de forma clivada, as duas valências relacionais. As personagens médicas constituem um perigo quando operam em espelho, devolvendo-lhe indisponibilidade e toxicidade (*"se for um aborto não faz mal"*), potenciando o risco latente que nela existe. Contudo, quando Petra se sente acolhida, o encontro oferece possibilidades organizadoras. Assim, uma das médicas que a vê em consulta explica-lhe que caso as análises de sangue não revelassem nada, não haveria *"vantagens em fazer a amniocentese"*, acrescentando *"porque também há coisas que não são detetáveis [...] e realmente há o risco de aborto e como eu tenho, sou saudável, tenho menos de 35 anos e o Vítor também não tem doenças, à partida não há indicação para fazer isso"*. Esta médica interrompeu o circuito de intensificação do sofrimento de Petra, oferecendo um continente

capaz de tolerar o não saber, a incerteza. Tal como nos restantes encontros com objetos contentores, não é ainda o suficiente para que Petra possa verdadeiramente começar a pensar os pensamentos a que é convocada pela gravidez, mas não há exponenciação do sofrimento psíquico e da sua intolerabilidade.

No seu conjunto, os objetos relacionais são tanto mais organizadores quando se oferecem como continentes insaturados, sem conteúdos demasiado precisos, abertos o suficiente para ela os conseguir tolerar e começar a explorar. No nosso diálogo isso reflete-se nas sequências que se seguem às minhas interrogações e intervenções: se mais saturadas são disruptivas, desencadeando desorganização associativa e a emergência de afetos mais crus, enquanto as mais abertas revelam o potencial organizador de Petra, que pode dizer-se de forma mais desimpedida.

Ao longo da leitura e análise desta entrevista os elementos do grupo de análise notaram o esforço reflexivo exigido para seguir e compreender as sequências associativas: “*ela fala deixando sempre uma densidade e uma opacidade*”, sintetizou um dos elementos. No entanto, apesar da ligação entre essa densidade opaca e o claro, explícito e reiterado mal estar de Petra, os elementos do grupo notaram, com algum espanto, que a escuta da narrativa não provocava grande inquietação, apenas a sensação de que Petra descrevia sucessivos círculos em torno da experiência, sem nunca se aproximar verdadeiramente do centro da mesma. A dúvida, curiosa e expectante, sobre se seria ou não capaz de se aproximar da experiência da gravidez, a partir de uma maior mobilidade psíquica, foi expressa.

5.1.2 O primeiro Rorschach

A situação Rorschach é experimentada por Petra, neste primeiro momento (anexo 17), como trabalho árduo e nem sempre eficaz de contenção de um encontro vivido como excessivo e dispersivo. Isso mesmo indicia o contraste entre a ausência de tempos de latência iniciais, o uso sistemático da expressão “*parece-me*” antes da primeira resposta cotável a cada cartão (repetida em muitas das subseqüentes respostas) e a exploração exaustiva do objeto-mancha, que resulta num número excessivamente elevado de respostas (54). A ausência de latências antes da comunicação de uma resposta evidencia a impossibilidade de Petra de suste e organizar internamente o encontro antes de o partilhar. A utilização da precaução verbal que precede as respostas procura colmatar essa impulsividade, porém acaba por dar

conta da dificuldade: enquanto precaução verbal revela uma tentativa de afastamento e diferenciação face ao material, mas o facto de usar sistematicamente o verbo de forma reflexa na primeira pessoa realiza o movimento inverso, de aproximação entre o objeto-mancha e os seus objetos internos, tornados semelhantes. O número excessivo de respostas, muitas vezes incoerentes enquanto conjunto, corrobora esta leitura, uma vez que dá conta da impossibilidade de Petra de delimitar o encontro, seleccionando ‘o que’ e ‘como’ aproximar. Petra não consegue dispor de um tempo e de um espaço para que um facto seleccionado possa emergir, ordenando a dispersão que sente em face dos cartões, acabando por ser precisamente essa dispersão que é comunicada.

O encontro com o cartão I começa por suscitar comentários que expressam a dificuldade em abordar a experiência, tomada como demasiado próxima “*isto vai ser difícil para mim estar a responder porque eu já estudei isto*”. A primeira representação constituída, “*um morcego*”, que figura um objeto total, de boa qualidade formal, de tonalidade ligeiramente disfórica, é imediatamente seguida de um comentário em que reemerge a dificuldade em gerir o impacto do encontro, “*eu já sei que isso é mecanismo de defesa por isso (ri)*”. Após uma intervenção minha que procura desimpedir o curso associativo, Petra comenta, simultaneamente, a familiaridade e dispersão convocadas pelo cartão – “*eu já olhei para eles tantas vezes*” – que ultrapassa, depois de um longo silêncio, reiterando a representação já constituída. Centra-se, em seguida, no recorte branco na parte inferior da mancha onde figura uma imagem indefinida “*continentes*”, a que acrescenta, nos Dd negros exteriores à mancha, outra representação vaga: “*e ilhas*”. Procurando inverter o movimento dispersivo de perda do objeto-mancha, enuncia “*um cinto*” a que acrescenta, no inquérito “*a presilha*”. Termina a exploração do cartão enunciando as imagens constituídas “*países, ilhas e um morcego*”, deixando de fora o elemento de contenção e procedendo a uma redução imagética em que os “*continentes*” são substituídos por “*países*”. O conjunto da produção associativa face ao cartão revela o carácter excessivo e desorganizador do encontro com o objeto-mancha. O que é já conhecido pode ser dito, todavia não é explorável nem reelaborável, e a atenção desloca-se para o pano de fundo da experiência (o fundo branco), que revertido se torna um objeto vago, cujos movimentos de ampliação e redução experimentados ameaçam a coesão do objeto, retomada, *a minima*, com o retorno à mancha. O encontro com o desconhecido (da experiência da gravidez enquanto contexto deste encontro com a situação Rorschach) é gerador de dispersão, um lugar onde se perde entre objetos vagos e desvinculados. A minha intervenção, se desimpede o curso associativo, fá-lo

excessivamente, já que Petra a recebe como potenciando a dispersão, como se percebe pelas sequências subsequentes, a este e aos restantes cartões. Assim, nem o objeto-mancha, nem o objeto relacional, para quem comunica, podem ser usados como continente integrador.

Face ao cartão II, Petra constitui a representação formalmente adequada de “*dois elefantes, no circo*”, seguida da emergência pulsional, de valência agressiva, direta e crua, na resposta determinada em exclusivo pela cor sem controlo formal, “*com sangue*”, na zona central inferior do cartão. De seguida, centrando-se no vermelho superior, mas fazendo agora uso de uma perceção adequada, adiciona à configuração dos animais um acessório “*com um chapeuzinho*”. A sequência constituiu, até agora, uma exploração da totalidade da mancha, a partir da articulação das suas partes (os negros, os vermelhos inferiores e depois os superiores), produzindo uma imagem agressiva, de confronto e risco, cujo impacto Petra procura minimizar pelo enquadramento num ambiente lúdico. Depois de um curto silêncio, Petra destaca, com reversão figura fundo do branco intramacular, o objeto cinestésico, “*uma nave espacial*”, figuração de um veículo de exploração, pulsionalmente carregado, embora de valência indeterminada, do universo, do espaço, continente infinito, aberto e indeterminado. Após um silêncio significativo, num movimento de restrição perceptiva e projetiva, centra-se novamente na mancha, destacando, no vermelho mesclado com o negro, “*aquela coisinha do papa*”, que no inquérito explicitará como “*chapeuzinho do papa*”. A tentativa de anular a dupla emergência pulsional através da constituição de uma representação desadequada do ponto de vista formal, algo bizarra, revela o fracasso do movimento defensivo. A última resposta ao cartão revela-o, fazendo emergir, envolta em precauções verbais e hesitações, uma resposta de conteúdo pulsional evidente “*o útero, ou ali a parte reprodutora feminina*”, que, apesar de tudo, tornou possível a recuperação do controlo formal. A sequência dá conta dos movimentos psíquicos de dispersão e integração de Petra, na procura de delimitações capazes de susterem a emergência pulsional solicitada pelo cartão.

No cartão III, Petra constitui a representação humana banal, com explicitação da identificação feminina, embora distanciada culturalmente, “*duas pretas*”. Centrando-se no elemento de ligação axial, configura a anatomia “*pulmões*” (que no inquérito se torna “*caixa torácica*”), a que se sucede a identificação, nos vermelhos superiores laterais, de outra anatomia, “*bexiga*”, e “*um órgão interno qualquer*” e, novamente, “*pulmões*” no vermelho mediano. A sequência de anatomias inicia-se pela perda de controlo formal, depois pela indeterminação, recuperando enfim o controlo com inclusão da cor. Dá conta da exploração do interior do corpo como lugar de dispersão (tendo em conta a forma como vai usando partes

avulsas da mancha, e as dificuldades de controlo formal inicial), mas também como espaço representado sobretudo a partir das funções de circulação entre o exterior e o interior (os pulmões) e de purificação da toxicidade interna (bexiga). Terminando a exploração dos detalhes da mancha, retorna à representação global, enunciando uma relação afetiva, sobre cujo significado hesita: de transformação partilhada de alimentos, ou de carácter mais diretamente libidinal/ sensual: “*parece que estão tipo a cozinhar ou a fazer uma dança*”. A sequência dá conta de um movimento de apropriação do corpo que se inicia pela designação da fronteira corporal, passando à exploração de conteúdos internos portadores de possibilidades circulatórias e purificadoras, após o que é possível o tatear da função relacional do corpo feminino, na sua dupla valência materna e sensual. Na prova de escolhas começa por integrar este cartão como escolha positiva, que depois abandona.

Face ao cartão IV, Petra evoca, imediatamente, a representação “*o homem das neves*”, cujo impacto procura minimizar tornando a imagem risível, ao acrescentar “*a andar de bicicleta (ri) ... E tipo com uns sapatos de palhaço*”. A tentativa não é eficaz, conduzindo à parcialização que, no primeiro momento, perde adequação formal para a recuperar em seguida “*umas orelhas ou uns braços*”. Petra regressa à totalidade da mancha, configurando um objeto desvitalizado, cujo carácter familiar assinala: “*aqueles peles que a minha avó tinha em casa, aqueles tapetes*”. A sequência dá conta dos movimentos psíquicos através dos quais Petra procura manusear o impacto do cartão: o reconhecimento da solicitação de um objeto forte e poderoso é conseguido inicialmente, porém não é sustentável, como revela a tentativa de ridicularização do mesmo, revelando a fragilidade de Petra face à imagem, o que conduz à diluição formal e desvitalização do objeto. Na prova de escolhas seleciona o cartão como escolha positiva porque, diz, é “*divertido*”, “*uma coisa surreal e engraçada*”, “*dinâmica*”. Assumir o dinamismo e estranheza da imagem opera como recurso mais eficaz do que a tentativa de paralisação que realiza na passagem espontânea.

A representação da banalidade “*um morcego*”, objeto total de tonalidade ligeiramente disfórica, abre a exploração do cartão V a que se segue, depois de um silêncio significativo, nos detalhes laterais, a representação, progressivamente definida, de “*uns animais*”, “*uns crocodilos*”, animal agressivo. Segue-se um conjunto de comentários, que expressam diretamente a dificuldade de significação do material (“*é complicado, estar aqui a dar significados*”) devido a um movimento dispersivo (“*estão-me a vir montes de coisas à cabeça*”), que Petra percebe curto-circuitar (“*ter bloqueado*”) o processo associativo.

No cartão VI é representado um animal, “*um gato*”, desvitalizado, cuja representação é duplamente aplanada (“*espalmado*” depois transformado em “*aqueles tapetes*”), como se Petra procurasse, pela perda de dimensionalidade, diminuir o impacto do cartão. Recorre, em seguida, a uma dupla parcialização, do objeto-mancha e do objeto-representação (“*uma parte de Portugal*” num D lateral), com perda do controlo formal. Pontuadas por breves silêncios entre as respostas, surgem representações, formalmente adequadas, de partes do corpo, uma de valência sexual, continente de fecundidade masculina, (“*uns testículos*” no eixo inferior) e outra anatómica, mais uma vez associada ao aparelho respiratório, um lugar de passagem que dá acesso ao interior do corpo (“*a traqueia*” na zona central do eixo). A solicitação bissexual do cartão só pode ser representada com alguma adequação depois de o objeto-mancha na sua totalidade ter sido submetido ao esmagamento e à parcialização.

Face ao cartão VII, Petra representa nos D superior e mediano uma cinestesia postural, feminina, “*duas raparigas*”, hesitando entre a especularidade ou o encontro, de valência ainda narcísica: “*a olhar ao espelho. Duas não, sim duas, duas a olharem-se uma para a outra*”. Segue-se, no D inferior, a constituição de representações anatómicas revelando, como no cartão III, o movimento de exploração do interior do corpo (“*pulmões*”) após a constituição das suas fronteiras, e o movimento inverso, no interior do corpo, de constituição de um continente interno (“*o tórax*”, que abriga os pulmões). Num alargamento espacial excessivo desta busca de continente, passa do interior do corpo à fronteira geográfica, indefinida, “*um país*”, num retorno ao D mediano. Termina referindo-se a um conteúdo animal parcializado na saliência superior, “*um rabo dum gato*”. A sequência – representação humana inteira, partes anatómicas, elemento geográfico, animal parcializado – mostra a operação instável de movimentos integradores e dispersivos, explorando a mancha de baixo para cima e de cima para baixo, que resulta incapaz de organizar um conjunto coerente, mesmo se os objetos são, na sua maioria, formalmente adequados.

No cartão VIII, referindo-se à zona central da mancha, Petra representa “*o corpo humano*”. No inquérito explora a representação, permitindo perceber que fala do interior do corpo, no qual identifica o eixo (“*coluna*”), canais de ligação (“*ramificações*”) e partes indeterminadas (“*massas*”), sublinhado o facto de “*ser simétrico*”. Configura depois “*dois animais*”, hesitando sobre se são “*porcos*” e caracterizando-os como “*selvagens*”. Termina regressando à zona central, que representa agora como “*radiografia do corpo humano*”. É um corpo em risco, de indefinição interna ou de aniquilamento externo, que é protegido apenas pelo uso de um artifício que o torna numa imagem e já não um corpo vivo. O cartão é

selecionado como escolha negativa, e aí, retomando o desconcerto que a junção dos animais e do interior do corpo provoca, manifesta o impacto sensorial, regressivo, da coloração pastel: *“as cores são, são esbatidas, e não é que sejam tristes, mas são desmaiadas”*.

Face ao cartão IX, Petra começa por manifestar o seu desconforto: *“é horrível”*. Enuncia então, sem pausas, explorando novamente de cima para baixo e retornando, um conjunto de elementos dispersos, oscilando entre objetos inteiros e parciais, definidos e indefinidos, numa sequência que dá conta da dificuldade de integração do encontro com o cartão: *“umas lagostas [...] uns olhos [...] um país [...] animais [...] a coluna vertebral [...] outro país”*. Na prova de escolhas sublinha a indistinção que experimenta e que procurou contrariar, selecionando o cartão como escolha negativa: *“não há assim grande definição nas imagens, são cores que se vão esbatendo e tipo estão a morrer”*.

No cartão X, Petra enuncia uma *“festa no fundo do mar”*, começando a especificar os seus elementos: *“cavalos marinhos”, “uma lagosta ou desses animais”*. Emerge então a representação parcial, anatómica, *“pulmões”*, seguida de um animal terrestre, fóbico, *“ratos”*. Retorna ao cenário marítimo, evocando a representação pouco precisa do ponto de vista formal *“algas”* e, subitamente, Petra interroga-se sobre a emergência, constante, ao longo do protocolo de representações de *“pulmões”* e do *“sistema respiratório”*. Muda novamente de reino e designa *“uns pássaros”*, enunciando depois um animal simultaneamente terrestre e marinho *“caranguejos”*. Designa depois *“um soutien”* e novamente *“uns pulmões”*. A dispersão de reinos pontuada pelas incursões pelo interior do corpo espelha a incontinência do processo de representação de Petra, que ela mesma percebe, embora não consiga contrariar. Termina pedindo-me essa integração que, através da atribuição de um sentido, possa restaurar a ordem deste caos, *“agora vai-me dizer porque é que eu estou sempre a ver pulmões”*, mas reconhece a solidão de um processo que tem de emergir dela, *“tenho que ir investigar”*. Na prova de escolhas o cartão figura como escolha positiva, ficando então clara a função que procura realizar através dos movimentos de dispersão: abrir o espaço, expandir o continente, pondo os conteúdos a circular, para contrariar a sensação de aprisionamento: *“há mais espaço, não está assim tudo tão sufocado e tão apertado, as coisas parece que estão mais ou menos em harmonia”*.

O cruzamento entre a análise das sequências associativas produzidas em face dos cartões, a análise dos dados da cotação sintetizados no psicograma (anexo 17) e a análise temática dos conteúdos permite confirmar e esclarecer a intensidade dos processos de dispersão que caracterizam, como observado, o conjunto da produção.

Petra procura, exaustivamente, manusear e explorar a mancha a partir de diversos ângulos, revelados pela amplitude de categorias de modos de apreensão (G, D, Dd, Dbl, D bl, Dd bl), de determinantes (F+, F-, F ±, K, Kan, Kob, KClob, FC, C, EF) e de conteúdos (A, Ad, H, Hd, (H), Anat, Geo, Obj, Sex, Sangue, Cena, Bot e Rad) presentes no protocolo. Estes movimentos de dispersão exploratória, que produzem um número elevado de respostas, não resultam num encontro verdadeiramente integrador com o objeto-mancha. Efetivamente, se as primeiras respostas constituídas em face dos cartões testemunham, na maioria dos casos, a possibilidade de constituir objetos inteiros e adequadamente definidos, a exploração subsequente dos cartões revela a fragilidade dos processos de integração, com a constituição repetida de representações imprecisas ou de má qualidade formal, intercaladas com representações formalmente adequadas, constituindo o conjunto de respostas um todo disperso, por vezes inquietante, como verificado ao analisar as sequências. Assim, apesar de um peso muito significativo da formalização (Fa% = 94), esta nem sempre se revela eficaz, apresentando desvios percetivos significativos (F+% consideravelmente reduzido – 64% – e F+%a no limite mínimo do intervalo normativo – 72%). O uso diminuto da mancha como um objeto total (15% de respostas G) e o elevado número de conteúdos parciais (11 anatomias, 3 Hd e 1 Ad) dão igualmente conta da dificuldade de proceder a integrações face ao objeto-mancha. Em suma, os processos de integração, embora operantes, revelam-se frágeis e instáveis em virtude da inquietação dispersiva que percorre todo o protocolo.

Esta fragilidade torna-se mais clara quando são explorados os conteúdos mobilizados face ao material. Petra não encontra dificuldade em representar o corpo humano inteiro, feminino, inscrito numa relação, em face dos cartões que mais diretamente solicitam evocações relacionais. Na verdade, as representações humanas dos cartões III e VII são aquelas em que Petra melhor utiliza os seus recursos integradores, e são as únicas respostas que Petra elabora, acrescentando algo mais à enunciação de substantivos. A dificuldade e a dispersão emergem face à exploração do interior do corpo, através de uma profusão de referências anatómicas que invadem o curso associativo de Petra, expondo uma intensa preocupação com o universo corporal, na sua interioridade, e sobretudo com a sua capacidade de fazer circular a respiração, processo de ligação e transformação em face do exterior, a partir de expansões e contrações (traqueia, tórax, e pulmões, repetidos cinco vezes). O recurso constante a geografias indeterminadas pode ser entendido como movimento de sentido inverso, recusando a exploração do interior do continente corporal, deslocando a representação para conteúdos geográficos deixados em aberto, uma forma de alargar o espaço,

contrariando a vivência de inquietação em face dos conteúdos corporais. Esta dificuldade em estabilizar um continente corporal, capaz de albergar de forma integrada e operante os seus órgãos internos, é, compreensivelmente, acompanhada por representações de perigosidade, que encontram expressão através das representações animais do protocolo: a evocação dos elefantes, animais fortes e poderosos, “*com sangue*”, no cartão II; os crocodilos na proximidade dos morcegos no cartão V; os porcos selvagens em torno de um “*corpo humano*” no VIII; e os ratos dispostos ao lado dos pulmões no X. Petra procura defender-se desta perigosidade através de movimentos de desvitalização – a transformação do homem das neves em tapete de peles no IV; o gato espalmado no VI; o corpo em perigo do VIII tornado imagem radiográfica –, de desqualificação – o posicionamento dos elefantes no circo e do homem das neves a andar de bicicleta – e de reforço do continente psíquico – o cinto do cartão I, a nave espacial no cartão II e o uso de animais de exoesqueleto no X. Compreende-se, assim, que o conjunto de respostas em face do objeto-mancha evoca, reiteradamente, uma sequência: a constituição de um continente operante, a sua disfunção (por expulsão e dispersão dos conteúdos), ameaçadora da integridade corporal, e o processo defensivo subsequente, nem sempre eficaz.

Concluindo, o encontro com o Rorschach (enquanto microcosmos projetivo do seu encontro com a gravidez) é sentido como solicitação excessiva que coloca Petra em face de um universo interno disperso e potencialmente perigoso, que pode ser contido apenas através de movimentos de afastamento ou redução da experiência, mas não da sua exploração próxima e afetivamente investida.

5.1.3 As primeiras histórias TAT

As narrativas constituídas por Petra em face dos cinco cartões TAT propostos (anexo 18) dão conta, no geral, da reverberação das solicitações latentes do material, porém também da dificuldade em elaborá-las, o que tem como consequência uma produção cuja legibilidade é descontínua, marcada pela dispersão e pela inquietação.

Face ao cartão 1, Petra começa por interrogar a investigadora procurando clarificar o pedido, num movimento dispersivo, sem saber os limites da narrativa a que é solicitada: “*Todas, ou uma história por cada uma?*”. Após uma breve pausa inicia a narrativa, que se revelará paralisada num desencontro inultrapassável entre um sujeito, “*um menino*”, com disposições intrapsíquicas vagas, sem investimento afetivo claro, “*quer tocar violino*”, cujas reais possibilidades de concretização nunca são questionadas, e um objeto percebido como

danificado: “*e o violino está estragado*”. Interroga novamente a investigadora, procurando perceber se é esperado dela que explore com mais detalhe a situação: “*Quer mais pormenores?*”. Após um silêncio desta vez mais dilatado, prossegue esboçando uma aproximação à vivência subjetiva da personagem – “*estar preocupado disto estar estragado*” –, de tonalidade depressiva, todavia sem verdadeira integração, já que se mantém centrada na falha objetal. Após nova suspensão do discurso, Petra retoma a narrativa esboçando um movimento intrapsíquico que tateia a possibilidade de reparação, porém sem elaboração subsequente: “*está a pensar o que é que há de fazer para as coisas correrem bem, como é que há de arranjar o violino*”. Sem conseguir desfazer a paralisação deste desencontro em que sujeito e objeto não se relacionam, Petra solicita novamente a intervenção da entrevistadora, “*quer que eu ponha mais personagens?*”, apelando a recursos de subjetivação, mas cuja formulação dispersiva revela a sua ineficácia, conduzindo à suspensão da narrativa: “*acho que é só isto*”. A sequência testemunha o desencontro com um objeto cujo manuseamento não é possível (o material TAT, o violino, a gravidez).

Petra inicia a abordagem ao cartão 5 assinalando a consciência demasiado aguda que tem de que o encontro com o material é submetido à projeção da sua vivência subjetiva disfórica: “*eu já só vou para as preocupações*”. Identifica a personagem através da atribuição de um papel maternal, submetido a uma certa indeterminação: “*pode ser uma mãe*”. Faz então intervir a personagem do cartão anterior, ligando-a à vivência da personagem atual: “*está tipo preocupada com esse filho do violino*”. Sem conseguir explorar essa ligação que torna indistintas as solicitações dos dois cartões, recentra-se na personagem feminina – “*está a ver o que é que se passa, se está tudo arrumado, se está tudo organizado*” – procurando estabilizar e ordenar a dispersão (“*tudo*”) que o encontro com a interioridade (que o cartão solicita) desencadeia. A ineficácia deste movimento transparece na reemergência da inquietação, através da significação da expressão facial – “*uma cara preocupada*” –, que permanecendo interiormente vaga e indeterminada, “*se calhar está a pensar que alguma coisa está mal*”, torna a integração apenas hipotética, contudo inexplorável: “*o que é que ela pode fazer para resolver*”. Esboça, como alternativa, o retorno à introdução da personagem do cartão anterior, porém é a sua ausência que é focada: “*ou então está à procura do filho, não sabe onde é que ele está, está a ver se ele está na sala*”. Após uma latência significativa, não podendo elaborar a partir da vivência de nenhuma das personagens, cuja presença ou ausência é igualmente obscura e inexplorável, Petra foca-se nos objetos do mobiliário e do vestuário para operar um distanciamento temporal: “*já me parece assim uma coisa mais antiga, pelos*

móveis, pelo fato, pela roupa”. Também este movimento se revela inoperante e, depois de novo silêncio e de um comentário subjetivo crítico “*não sou boa a contar histórias*”, reemerge a inquietação dispersa que, sem conteúdos designáveis, apenas o corte associativo pode travar: “*vejo assim sentimentos (ri) tipo preocupação e... É preocupação basicamente*”. A sequência testemunha a inquietação experimentada por Petra em face da interioridade, uma inquietação que vive expressamente como falha da sua função continente.

No cartão 6GF, Petra encena uma situação conflitual entre as personagens, identificadas como um casal, no qual a mulher é representada como transgressora e o homem como instância crítica: “*uma mulher apanhada em flagrante pelo marido*”. Num primeiro momento, Petra procura aproximar-se da clarificação do conflito – “*podia estar assim a mexer em qualquer coisa que não devia*”. No entanto, imediatamente a seguir recua, cobrindo o conteúdo conflitual de ambiguidade – “*está a surpreendê-la mas não de uma forma positiva*”. A cena permanece estática, repetindo expressões ambíguas, intercaladas por silêncios e hesitações e por um movimento, logo abandonado, de desagrado em relação à personagem masculina: “*está a fumar cachimbo, também não gosto muito*”. A terminar o relato permanece apenas a insistência nas funções das personagens, cuja interação é marcada por uma certa infantilização da mulher: “*ela estaria a fazer qualquer coisa, ou devia ter feito qualquer coisa e não fez, e ele foi apanhá-la de surpresa para repreendê-la*”. O encontro entre feminino e masculino é marcado pelo mal estar, difuso, que advém de uma exploração transgressiva.

A narrativa de Petra face ao cartão 7 GF evoca as três personagens, sem estabilizar as suas funções: “*uma mãe e uma filha [...] o bebé*” que passam a “*uma criança a brincar com o boneco*”, e a “*empregada*”, caracterizada a partir do vestuário, tornando-se o bebé posteriormente numa “*criança*”. A dificuldade, que não chega a ser conflitual, reside na indisposição da “*miúda*” para “*tomar conta da criança*”. A personagem mais velha aparece com uma função potencialmente organizadora – “*a empregada está tipo a tentar ajudá-la a perceber o que é que ela deve fazer*” –, mas que não é utilizável pela imaturidade atribuída à rapariga e pelo seu desinvestimento na relação proposta – “*queria ir brincar com outras coisas*” –, que Petra reconhece como projetiva. A sequência testemunha a coexistência de fragilidades e potencialidades da função continente, na sua valência intersíquica.

No cartão 19, Petra começa por delimitar um continente em face de uma paisagem externa, “*uma casa na neve*”. Um ambiente inquietante e perigoso emerge de forma disruptiva, contaminando o espaço externo tanto quanto o interno: “*parece que há tipo aqui*

monstros à volta” diz, e evoca o conto da “*casa de chocolate*”. Petra procura clivar os dois espaços – “*lá dentro está tipo uma fogueira e está quente, mas cá fora está tipo o caos*” –, o que conduz a uma vivência que acaba por tornar o espaço interno claustrofóbico, aprisionante em face do exterior caótico e desordenado: “*e as pessoas não podem sair, e há coisas assustadoras*”. Consegue, ainda assim, aliviar ligeiramente a tensão, a partir da recomposição da perigosidade externa como “*tempestade*”, quando perspetiva a imagem como um todo, deixando de focar pormenores, mas mantém-se a vivência de clausura: “*as pessoas não podem sair porque cá fora está, está intempéries*”. A sequência revela a dificuldade de manusear um continente flexível: a simples delimitação não é operacional e segue-se uma rigidificação aprisionante.

A análise do conjunto das sequências associativas permite verificar que as histórias de Petra, em face do material TAT, são constituídas maioritariamente em torno da experiência subjetiva das personagens identificadas, com exceção do cartão 6GF onde é vagamente esboçada, todavia não explorada de forma comunicante, uma relação interpessoal. Como observado ao analisar as sequências associativas, os conflitos podem ser pressentidos, porém raramente são clarificados, as personagens evocadas não se relacionam efetivamente, e as sequências tornam-se circulares, sem progressão. Os procedimentos extra-narrativos, nomeadamente o recurso à relação com o clínico e o recurso à autorreferência, são usados como procura de pontos de apoio que não se revelam eficazes no desimpedimento desta circularidade. O recurso à esfera motora através de risos revela-se mais produtivo, operando como uma forma de aliviar a tensão que permite retomar a narrativa, embora sem que seja possível desencadear movimentos verdadeiramente progredientes. Os procedimentos restritivos dominam, pois, a produção narrativa, não exatamente em termos da forma mas do conteúdo da expressão, tornando-a obscura. O recurso ao imaginário é usado apenas para constituir papéis relacionais depois inexplorados (com exceção, mais uma vez, do cartão 6 GF), e o recurso a elementos da realidade externa (por exemplo o afastamento espaço-temporal no 5GF, justificado em função de elementos do conteúdo manifesto, ou o uso reiterado em diversos cartões de precauções verbais) é usado como âncora, pouco eficaz no desimpedimento associativo. Quando há uma aproximação mais concreta aos conteúdos afetivos desencadeados pelo material, observam-se emergências fantasmáticas que permitem perceber que, através da restrição e de um uso *a minima* do imaginário, Petra se defende, precisamente, de um encontro desorganizador. Os adjetivos usados denunciam os afetos disfóricos e inquietantes (estragado, preocupada, chateada, assustadoras), desencadeados

sempre que Petra se aproxima dos conteúdos da experiência, afetos que emergem também, por vezes, através de alguns substantivos (preocupação, flagrante, monstros, caos, intempéries). Os restantes substantivos são meramente descritivos ou vagos, fruto da planura organizada pela restrição (coisas, móveis, cachimbo, surpresa, etc...). Através dos verbos é dada a ver uma atividade incessante, que revela as tentativas de aproximação (querer, tocar, pensar, arranjar, resolver, brincar) entre as personagens, ou entre estas e os objetos, mas que por permanecerem vagas, por não serem verdadeiramente elaboradas e narradas, não permitem encontros, apenas dispersão, indeterminação ou circularidade.

Terminada a entrevista e as provas projetivas, o gravador é desligado. Petra diz-me que ainda tem dificuldade em falar sobre tudo o que está a acontecer, acrescentando que espera ter sido clara, porque mesmo cronologicamente lhe é difícil organizar as coisas, confirmando a dificuldade em conter e processar a experiência. Mas foi bom falar, acrescenta. Combinamos que voltarei a contactá-la, no final do segundo trimestre, para marcarmos novo encontro.

5.1.4 Petra em transformação no primeiro trimestre

No primeiro trimestre, a gravidez é experimentada, na mente de Petra, como um objeto estranho, excessivo e inquietante. Petra revela uma enorme dificuldade em acolher e manusear a experiência, permanecendo aprisionada, paralisada, pela disrupção causada pelo choque do encontro com este objeto. O campo psíquico de Petra está desta forma dominado por processos dispersivos (PS) que, não sendo toleráveis, são geradores de confusão – evidente, na entrevista, na descrição do momento em que se descobre grávida, nos relatos dos episódios médicos e nas sequências oníricas; no Rorschach, no excesso e incoerência das representações produzidas e na diluição das fronteiras entre interior e exterior; e, no TAT, na escassa legibilidade das histórias, na indistinção dos dois primeiros cartões, na instabilidade das funções atribuídas às personagens do cartão 7GF e na representação inquietante do cartão 19. Assim, face aos três instrumentos, a inquietação provocada pelo encontro com a experiência-objeto percorre as cadeias associativas desde o primeiro momento, constituindo-se como o facto selecionado em torno do qual gravitam as suas representações. É um facto selecionado que não é verdadeiramente operativo, na medida em que o que é selecionado é o excesso, a estranheza, o impacto dispersivo do encontro, e não um elemento que permita suportá-lo e começar a ordená-lo. A concentração nessa designação persistente do mal estar,

opera, *a minima*, como esboço ténue e frágil do objeto. Mas a intensidade da insegurança gerada pela dispersão não tolerada reverbera, permanentemente, na instabilidade dos objetos-representações assim constituídos. Desta forma, é repetidamente evidenciada a escassa operacionalidade do jogo oscilatório PS↔D, num espaço psíquico incapaz de tolerar PS. É pois um campo psíquico ordenado por uma tendência dispersiva de valência negativa, intolerante e não integrável.

Observadas a partir do vértice da relação ♀♂, as primeiras narrativas de Petra tornam evidente a dificuldade em fazer uso do seu espaço psíquico como ♀ da experiência da gravidez, e da busca, incessante, de ♀ relacionais capazes de operarem como depositários dos ♂ que não é capaz de acolher e transformar. A gravidez é experimentada, desde o primeiro momento, como ♂ disruptivo de um ♀ indisponível, incerto e inseguro – como testemunhado, na entrevista, pela tradução literal do seu “útero à retaguarda” e, mais mentalizada, da sua sensação de não ser “maternal”; no Rorschach, pela dificuldade em iniciar a produção associativa e pela dispersão de conteúdos anatómicos que percorre o protocolo; e, no TAT, pela impossibilidade de manuseamento do objeto estragado no cartão 1 ou pela indisposição relacional retratada pela história face ao cartão 7GF.

O encontro com a experiência provoca uma rutura do ♀, perturbando a continuidade psíquica: o tempo do corpo e o tempo da mente, bem como o passado e o presente são experimentados como desconectados – como revelado, na entrevista, pela explicitação de que se reconhece somaticamente, mas não afetivamente, como grávida, e pela sensação de não reconhecimento de si –, e o futuro é representado como prolongamento inalterável do desencontro, indisponibilidade e dor do presente – retratado, na entrevista, na entrega do futuro bebé ao cuidado de Vítor como “única situação possível” ou na circularidade das histórias TAT.

A falha da função ♀ evidencia-se, assim, na perda da capacidade de manusear distinções, isto é, na diluição excessiva do ♀, que deixa dessa forma de operar como tal, como revelado, na entrevista, no uso reiterado dos termos “choque” ou “caos”, ou na confissão da impossibilidade de traduzir em palavras a revolução que pressente; no Rorschach, na amplitude excessiva e perfeitivamente desadequada da exploração dos cartões e no uso que faz das representações geográficas; e, no TAT, na ininteligibilidade das histórias e nas emergências fantasmáticas disruptivas observadas. Inversamente, a falha da função ♀ evidencia-se, também, na incapacidade de manusear continuidades transformativas, isto é, num confinamento igualmente excessivo do ♀, um confinamento sufocante – como

testemunhado pelo aprisionamento a que se refere na entrevista, pela preocupação com os órgãos respiratórios e pelos movimentos de desvitalização e reforço da pele no Rorschach, e pelo domínio de procedimentos restritivos no TAT –, só ultrapassável pelo reiniciar do processo de diluição, num ciclo repetitivo que é o único ♀ possível. Porque não tolera a dispersão, a flexibilização do ♀ a que é convocada, Petra combate-a e fica aprisionada nessa dinâmica.

Presas nesta circularidade, Petra procura, avidamente, que os seus objetos relacionais exerçam a função de contenção que ela não consegue, intrapsiquicamente, mobilizar. Quando estes objetos se revelam como ♀ indisponíveis, intolerantes, ou eles próprios portadores de ♂ disruptivos, o sofrimento de Petra é intensificado por esses encontros que expõem a falência da sua própria função ♀; como ocorre, na entrevista, face às médicas mais desorganizadoras, ou à mãe de Vítor e, nas projetivas, face à ambiguidade, experimentada como não contentora, do material. Quando, ao contrário, se revelam como recipientes tolerantes, quando se oferecem insaturados, Petra pode usá-los, não como metabolizadores da experiência, mas como apaziguadores do seu sofrimento, providenciando as funções mais elementares de notação e atenção; como é possível, na entrevista, com Vítor, a sua mãe e as médicas mais tolerantes e, no Rorschach e no TAT, na representação de relações nos cartões III, VII e 7 GF. Sem conseguir mobilizar, a maior parte do tempo, um ♀ operante, os ♂ da experiência são sentidos como caóticos, desordenados, disfóricos, como elementos por alfabetizar – tal como indiciado na descrição da descoberta da gravidez, no relato das consultas médicas iniciais, ou nas primeiras sequências oníricas e, nas projetivas, na inquietação que percorre transversalmente as sequências.

A desvinculação de K e L determinam pois o desencontro entre ♀ e ♂ – como testemunhado, na entrevista, pela descrição dos momentos ecográficos, no Rorschach pelos movimentos de desvitalização e desqualificação e, no TAT, pela impossibilidade de sustentar aproximações relacionais. ♀ e ♂ apenas se aproximam numa ligação H+ (observável nos encontros disruptivos relatados na entrevista, na perigosidade inscrita no Rorschach e nas emergências fantasmáticas no TAT, especialmente nos cartões 1 e 19), cuja qualidade promove imediatamente o afastamento. Num único momento (quando, na entrevista, reconhece que não sabe como será o futuro) é possível a aproximação através de um vínculo K incipiente, suficientemente forte para abrir um espaço de interrogação, contudo não para uma aproximação efetiva e, menos ainda, afetiva.

Em síntese, no primeiro trimestre, Petra encontra-se paralisada em face da experiência, sem conseguir pensá-la. A experiência, carregada de estranheza é recusada, permanecendo como coisa em si não subjetivável. O paradoxo é que a dor e a violência deste desencontro são plenamente assumidas. O assumir da verdade psíquica é, assim, a via de ligação de que Petra dispõe para não se desconectar em absoluto do que está a viver e, na partilha do seu sofrimento com objetos relacionais recetivos e tolerantes, realizar esse primeiro e muito tímido esboço de subjetivação e significação que, de outra forma, não é capaz.

5.2 Segundo encontro: 26 semanas

Contacto Petra quando está com 24 semanas de gestação para marcar o nosso segundo encontro. Explica-me que não poderá realizar a entrevista na semana seguinte, e marcamos para a outra semana, quando fará 26 semanas. Pergunta-me se eu preciso que traga consigo exames ou alguma coisa, ao que respondo que não é necessário. Dois dias antes da data agendada, Petra envia-me uma mensagem pedindo para adiarmos o encontro e propõe novas datas. Ligo-lhe e remarcamos. Pouco tempo depois envia-me uma mensagem perguntando se a duração do encontro será similar à anterior, acrescentando “*tenho tempo, mas é só para me organizar*”. Tal como da vez anterior escolhe ser ela a vir ter comigo ao espaço que uso para as entrevistas. Avisa, por mensagem, que chegará com 10 minutos de atraso. Quando abro a porta espanto-me com a visibilidade, corporalmente muito evidente, da sua condição de grávida. Pede para ir à casa de banho e quando volta pergunta-me se pode ficar no sofá.

Há, neste prefácio ao nosso encontro, um padrão de adiamentos sucessivos, como se precisasse de gerir, com cuidado, a aproximação. A minha reação de grande surpresa (embora não expressa) à sua transformação corporal pode ser lida como informação complementar que ajuda a compreender a necessidade de Petra de atrasar, sucessivamente, o encontro. Eu ‘atrasei-me’ a compreender que me iria encontrar com uma Petra muito diferente daquela que havia visto três meses antes. Petra está, porventura, também atrasada na compreensão da sua experiência. E sabe que, ao encontrar-se comigo, encontrar-se-á também consigo, com a sua gravidez, o que, se por um lado quer, porque vem efetivamente, por outro teme, como os atrasos sugerem.

Tal como anteriormente, foi fácil conduzir a entrevista, sentindo-a autêntica e com facilidade em falar livremente, porém, mais uma vez, sentindo-me tentada a securizá-la e tranquilizá-la relativamente aos aspetos mais angustiantes da sua experiência. Percebi, no dia

seguinte à entrevista, não a ter questionado sobre sonhos, um lapso que me intrigou e que pode ser lido como atuação inconsciente da minha parte, protegendo o lugar íntimo do seu universo onírico que, anteriormente, se tinha revelado conturbado e inquietante.

5.2.1 A segunda entrevista

Petra continua, neste segundo trimestre, a experimentar dificuldades de integração emocional da experiência da gravidez, como indicia o uso reiterado de expressões como “*estourada*” e “*frustrada*”, ou a formulação “*uma confusão de sentimentos, e de tudo*”. Mas, ao contrário do primeiro trimestre, é já possível observar um trabalho psíquico de apropriação, inscrição e acolhimento da experiência: “*este pensamento anda aqui a mexer, a mexer comigo*”, “*como é que eu encaixo isto na minha vida*”. A transformação, como Petra faz questão de sublinhar, é ainda hesitante, “*no início eu não estava muito a aceitar, agora já estou, mas ainda não é assim aquela coisa plena*”, marcada por inscrições abruptas, excessivas, “*tenho uma criança dentro de mim*”, “*estou quase no fim da gravidez*”, como se, Petra tivesse que ampliar a representação a ponto de distorcer o espaço e o tempo psíquicos.

O “*ponto de viragem*” foi, para Petra, uma tarde em que repetidamente telefona a Vítor, queixando-se do cansaço e da dificuldade em trabalhar. “*Olhando para trás tornei-me uma pessoa insuportável, porque eu não sou nada assim, nem de me estar a queixar*”, diz, assinalando a estranheza, o não reconhecimento de si mesma que a dificuldade em suportar, em tolerar a experiência provoca. Ao cansaço reiteradamente expresso, Vítor responde, uma e outra vez: “*Petra, estás grávida, descansa*”, “*Petra estás grávida tens de te acalmar*”. A transformação repetidamente operada por Vítor do não pensamento “*estou cansada*” num elemento significativo, alfabetizado, “*estás grávida*”, permite que Petra possa, dentro de si, começar o seu próprio processo de alfabetização da experiência: “*comecei nesse momento a assimilar o meu, o meu estado (ri) e a dizer sim, realmente estou grávida, realmente estou cansada, isto tudo tem lógica, de estar-me a sentir assim e estou-me a sentir frustrada por minha causa, porque não estou a respeitar aqui os ritmos do meu corpo. [...] comecei a... a aceitar lentamente que estou numa nova fase da vida e que tenho realmente que abrandar*”. Petra fala, pois, do cansaço já não como uma coisa em si, um elemento não alfabetizado, mas como um “*sinal*”, a que deve estar “*atenta*”.

A elaboração progressiva da experiência da gravidez permite a Petra tatear a sua inscrição na continuidade psíquica. Assim, conta como uma enfermeira das aulas de preparação para o parto, que começou a frequentar, falou “*do processo de dar à luz, [...] de*

uma forma tão... tão tranquila, nem é de ser tranquila, mas não foi uma coisa mecânica, de expulsar o bebê digamos assim, foi uma coisa mais de um processo de passagem [...] de deixarmos de ser filhas para passarmos a ser mães [...] que não acontece só naquele momento de darmos à luz, mas já está a acontecer". O "estás grávida" de Vítor é desta forma enriquecido com a ideia de que vive um processo de inscrição nas gerações, numa linhagem feminina, permitindo a aproximação e o uso da mente como continente da experiência. A operação mecânica de expulsão/recusa da experiência dá pois lugar à possibilidade, mais tranquila, de iluminar gradualmente, através do pensamento, a sua vivência.

O processo de subjetivação da experiência permite a Petra começar a imaginar o futuro, relacionando-o com o passado. Assim, referindo-se à licença de maternidade, Petra explica que ao contrário do primeiro trimestre, em "*que eu achava que dois meses chegava, agora acho que três meses já é pouco*", "*mas se calhar dez anos vai ser pouco, não sei*". "*O bebé vai ser tão pequenino e... não é só por ele, é por mim, é mais por mim, eu quero ser uma mãe presente, não quero ser uma mãe ausente*", explica. Um pensamento, mesmo que ainda "*tão pequenino*", começou a emergir, possibilitando a Petra esboçar a representação de um continente materno, que tateia associando ao seu passado filiativo: "*isto tem tudo a ver com os meus pais*", diz, evocando o pai como "*um bocadinho ausente*", que "*agora sente muito o não ter estado a acompanhar certos passos da nossa vida*", em contraste com a mãe que "*deixou de trabalhar para estar connosco*". "*Houve aqui uma dicotomia muito grande. [...] Eu não quero fazer nem o que um fez, nem o que o outro fez. [...] Faz-me pensar em criar aqui um balanço*". "*Se eu antes pensava [...] o Vítor existe e ele toma conta do bebé, e eu continuo com a minha carreira digamos assim, agora já não penso assim, [...] eu quero ter sentimentos e quero viver coisas com o bebé que não é por o Vítor viver com ele que eu vou viver*". Petra procura um lugar para si, um lugar de afetos contidos e equilibrados pelo pensamento. Expressa, assim, um movimento de aproximação e de investimento que, no entanto, só pode ser realizado através de um deslocamento para vivências futuras.

O presente está ainda demasiado carregado de elementos dispersos, desarrumados, pensamentos por pensar que não permitem a estabilização de um continente disponível, acolhedor. Isto mesmo é figurado por Petra que se diz "*angustiada com o quarto*", que pretende preparar para o bebé, mas que "*está cheio de tralha [...]. Queremos libertar espaço, para começar a lavar a roupa que já temos e arrumar as coisas, pôr aquilo acolhedor. [...] É uma coisa que envolve esforço mental e físico [...] e eu não ando com grande capacidade de me organizar a mim, quanto mais as coisas externas*". O mal estar presente, a desarrumação

interior, aparecem também expressos na descrição dos encontros obstétricos. *“Acho que já corri as médicas todas do hospital”*, queixa-se Petra, que assim diz a dispersão, a ausência de um lugar próprio, definido, reconhecido e estabilizado onde possa encontrar-se com a sua gravidez. No entanto, Petra manuseia já alguma mobilidade psíquica, que permite operar, com o suporte de operações de alfabetização desencadeadas por Vítor, ressignificações das experiências. Desta forma, conta que Vítor a acompanhou às consultas, e que discutiram porque ele considera que ela entra *“logo a disparar, e tem um bocado de razão”*. Petra explica que começa *“logo a fazer perguntas, e a médica ainda está a ler o processo, nem sabe quem eu sou, nem nada, não há ali espaço para ela perceber a minha história e depois responder [...] se calhar irrita um bocado as pessoas, não lhes dar ali espaço para, para perceberem e depois me poderem explicar”*. A dor psíquica é perceptível na avidez angustiada com que solicita o seu interlocutor. O não dar espaço, o ambiente bélico opera como tentativa de provocar nos médicos o que ela mesma sente na sua relação com a gravidez e na sua relação com eles. A resposta das médicas devolve estes conteúdos sem os desintoxicar, e o circuito fica fechado, circular, o pensamento não opera. É preciso que Vítor, mais uma vez, se distinga do seu mal estar mas o traduza, o dê a ver a Petra, para que ela consiga refletir sobre o lugar em que se sente e em que coloca o outro.

As ecografias são, para Petra, um momento particularmente difícil, uma situação que a vulnerabiliza porque perscruta um interior sobre o qual não sabe pensar. Ao abordar o tema expressa diretamente a dificuldade que sente e perde o curso associativo: *“não tem sido assim uma coisa linear [...] foi uma confusão; e... eu já estou aqui perdida”*. Prossegue, evocando novamente o receio de desmaiar e enumerando, em seguida, a sequência completa das ecografias: a primeira *“foi intravaginal e eu fiquei em stress, e preocupada [...] mas aquilo até correu bem”*; a segunda *“foi normal, mas foi horrível porque eu fartei-me de vomitar quando sai de lá, porque a médica teve de fazer imensa pressão para conseguir ver as coisas”*. Na terceira, a médica esteve *“para aí uma hora a fazer as medições”*, porém *“não estava a conseguir ver o cérebro e disse que tinha que fazer inter, intravaginal”*, o que a deixou *“em pânico”*, mas depois *“não custou nada”*. Distingue, então, esta situação da observação ginecológica, origem do seu receio de desmaiar: *“a posição até é a mesma, mas é mais estar a fazer papanicolau e saber que me estão a tirar células, isso é que me incomoda, agora pensando nisto”*.

Petra sente que são interpelados, pressionados, os limites do corpo, os limites psíquicos e os limites da representação. A aproximação ao relato sobre os encontros

ecográficos perturba a temporalidade narrativa, conduzindo à sensação de confusão e à possibilidade de retirada, através do desmaio, porque a ecografia é sentida como uma “*enorme pressão*” sobre o seu psiquismo que coloca em risco a integridade psíquica, desagregando as células do seu pensamento. A descrição, clivada, entre o exterior e o interior do corpo, o stress e o correr bem, o pânico e o nada, procura diminuir a confusão e o risco de se perder, que sente. Ao respeitar a sua fragilidade, a médica providencia um continente, paciente, tolerante, que se não permite ainda a Petra pensar os seus pensamentos, permite-lhe não romper, não atacar, pelo desmaio, o pensamento. Conta, então, que na última ecografia a médica “*fez lá uma parte 3D para mostrar a cara e eu achei [...] a cara horrível, claro que não lhe disse, porque não a queria ofender*”. Aquilo que ela não tem ainda como ver, como representar, é visto e é exposto. Desabafa então: “*está dentro de mim, mas é uma coisa tão distante, daqui do meu pensamento, que entra aqui alguma dissonância*”. Esta formulação de Petra expressa, de forma vívida, a sua dificuldade em significar o que se passa invisivelmente no interior do seu corpo. Mas é também já uma forma de começar a circunscrevê-la, na medida em que revela o pensamento pensando sobre si mesmo, contendo-se.

Ao contrário, a descrição da perceção dos movimentos fetais revela o seu pensamento a operar, aproximando-se da experiência, significando-a e investindo-a positivamente, ainda que de forma hesitante e intermitente. Conta que a primeira vez “*foi muito gira [...] eu fui jantar com uns amigos [...] e depois fomos comer um crepe de chocolate. Depois eu vim para casa. E à noite, estava deitada na cama e senti, senti assim umas coisas, e não eram gases, não era dos intestinos, e eu assim fogo será que isto é mesmo a cria, fiquei assim na dúvida. [...] Foi, porque agora, depois de ter já várias vezes, sei que era mesmo o movimento. E fiquei, fiquei contente porque é giro, é uma sensação engraçada. [...] Depois achei que foi por causa do crepe de chocolate, que deu ali algum estímulo*”. A sequência revela a forma como um pensamento começa, lentamente, a mover-se, a transformar-se: para se aproximar desta ideia (a gravidez, ela como continente de um conteúdo por descobrir), Petra começa por evocar o que não é, procurando assim distinguir e sublinhar a novidade da sensação, a sua originalidade, a sua impossível redução ao que já lhe é conhecido. Essa estranheza um pouco disruptiva deste novo transparece na sua enunciação do que, afinal, pode ser: “*a cria*”. Procura então, através do alimento doce e estimulante, um elemento de ligação entre o familiar e o novo, entre ela, continente, e esse outro, a cria, conteúdo do seu corpo e do seu pensamento. Continua o relato explicando que “*há pessoas que dizem ‘ah os pés estão aqui’, a sério não sei, sei lá, não faço ideia, também não não interessa. Mas sinto, sinto a mexer*

várias vezes”. Na sequência de uma aproximação excessiva, porque detalhada e parcializada, ao conteúdo do pensamento, Petra distancia-se: “*já nem liguei mais [...] senti aquela primeira vez, senti se calhar no dia a seguir, já não me lembro bem, depois pronto, faz para aí o teu trabalho que eu faço o meu*”. Todavia, algo se pôs, realmente, em movimento na sua mente, e a este afastamento segue-se nova reaproximação: Petra conta que, ultimamente, começou “*a estar mais atenta*” e “*a pensar: olha que bom está-se a mexer*”. “*Tem sido engraçado*” conclui.

Como personagens da sua narrativa intervêm Vítor, as mães de ambos, as médicas com que contacta nas consultas obstétricas e nas ecografias, a enfermeira da aula de preparação para o parto, amigas nunca nomeadas, o grupo de “*grávidas*” das aulas de preparação para o parto e “*as pessoas*”, massa anónima e indiferenciada.

Vítor, a mãe e a sogra, a enfermeira e as médicas das ecografias são personagens organizadoras que a auxiliam a conter as suas vivências. Enquanto a mãe e as médicas que realizam as ecografias operam como continentes abertos, cuja característica essencial é o acolhimento tolerante da dor mental de Petra, Vítor e a enfermeira figuram a possibilidade de transformar a experiência pela sua transformação interpretativa. A mãe de Vítor surge num espaço intermédio entre estas duas funções, figurando um esboço de tolerância não apenas aos aspetos mais angustiantes da vivência de Petra, mas ao desconhecido, permitindo experimentar o não saber como continente insaturado.

Vítor surge agora com um papel mais estabilizado em torno da sua função organizadora. Por um lado, a sua proximidade ou distância física são usadas, por Petra, como indicadores temporais que a auxiliam na articulação da temporalidade interna. É assim que, logo no início da entrevista, procurando situar cronologicamente o nosso último encontro, de forma a iniciar a sua narrativa, Petra pergunta: “*O Vítor já estava cá?*”. Ao longo do relato vai precisando sempre se ele se encontrava por perto, ou se estava novamente longe, como se assim constituísse marcos cronológicos que remetem para a representação de tempos emocionais mais ou menos apaziguados: “*a coisa é mais tranquila*” quando Vítor está por perto, porque, explica, “*ele é muito atencioso, e tem tido muita paciência*”, contudo quando está sozinha em Lisboa sente-se “*mal, outra vez*”. Embora afirme que é a proximidade, física, que a tranquiliza, o momento que assinalou como particularmente organizador e transformador ocorreu quando ele estava fora. Porém, são efetivamente as características que ela lhe atribui (atenção e paciência) que operam nesses episódios em que ela se diz mais tranquilizada. Portanto, o que Petra assinala é que lhe é necessário, em continuidade, um

trabalho de investimento e desintoxicação. A sensibilidade às rupturas na continuidade da presença física de Vítor espelham as descontinuidades da operação da função continente do seu próprio pensamento e refletem a importância do papel do outro, objeto relacional, como suporte dessa função.

A enfermeira das aulas de preparação para o parto, como vimos, opera precisamente um trabalho de reposição da continuidade psíquica que permite a Petra encontrar um novo vértice de observação da experiência, “*um processo*” transformativo, “*de passagem*”, ligado à linhagem feminina, “*deixarmos de ser filhas para passarmos a ser mães*”, conferindo desta forma alguma familiaridade à experiência e permitindo ultrapassar a lógica de ruptura.

A mãe de Vítor surge uma única vez referida, quando Petra retoma o relato sobre a indecisão relativamente à realização da amniocentese. Ao contrário da entrevista anterior, a intervenção da sogra é agora sentida como organizadora: “*ela disse, Petra há doenças que não se detetam na amniocentese, [...] falou com uma amiga que também trabalha nessa parte, e disse que estava tudo bem, para nós ficarmos tranquilizados. E eu pronto, a partir daí fiquei mais tranquilizada em relação a doenças*”. A distinção entre o que é possível saber e o não saber que pode ser tolerado contém as suas angústias.

A mãe de Petra é figurada como continente tolerante que, simultaneamente, se distingue e se aproxima da vivência da filha: “*A minha mãe está toda contente por ser avó, mas anda-se a controlar muito porque [...] eu não estou em êxtase, e então ela também não quer estar ali num alarido. Então eu também tenho, também valorizo muito o esforço dela para estar ali em consonância comigo, acho que faz, faz-me sentir bem*”. Desta forma, em espelho, também Petra pode aproximar-se: “*acho que a minha relação com a minha mãe anda a ficar melhor. Não é que fosse má, mas eu implicava muito com ela, e agora já ando mais a aceitar e a não refilar tanto*”.

Relativamente às médicas ecografistas, Petra, distinguindo-as das obstetras, diz “*eu gosto muito das médicas da ecografia*”. Apesar da dificuldade que, como vimos, experimenta nestas consultas, a tolerância paciente das médicas permite alguma desintoxicação. Ao contrário, as médicas das consultas obstétricas mantêm o seu potencial desorganizador: “*as da consulta não gostei muito*”, diz. Exemplificando o não acolhimento que experimenta nestes momentos, conta que, numa das consultas, a médica “*perguntou, por exemplo, se eu já sentia o bebé a mexer, e eu disse que achava que sim, não tinha a certeza, se era, aquilo parece assim tipo uns espasmos mais ou menos, e ela respondeu-me ‘ah não sei, não sou mãe’, e eu*

fiquei a olhar para ela, ok, não preciso de uma médica para me dizer isto". O distanciamento radical, sem margem a identificações empáticas que permitam conter uma exploração inquietante dos conteúdos do seu pensamento, deixa Petra sozinha face a uma vivência que, como observado, acaba por ser relatada como um dos momentos que esboça um movimento de apropriação e investimento da gravidez.

Referindo-se a uma amiga que também está grávida, conta: *"eu estou a desenvolver uma aversão muito grande [...] eu não tenho paciência nenhuma para ela. Eu acho que é por ela estar a viver a gravidez, está toda contente e sei lá, está naquele estado que eu não estou"*. Uma outra amiga *"mandou-me uma lista com coisas, que eu até fiquei assustada com a quantidade de coisas que era preciso para quando a criança nascer"*. Existem também *"as pessoas"*, para quem Petra sente que *"é tudo à volta da gravidez, e isso também me irrita um bocado, porque eu sou mais do que uma pessoa que está grávida"*. Estas personagens nunca nomeadas figuram vivências relacionais em que Petra se sente excluída, incompreendida, sem recursos psíquicos para proceder a integrações. O outro – objeto relacional – opera como contendor e tradutor quando se aproxima do lugar psíquico onde ela está, e aí Petra pode usá-lo como auxiliar do pensamento; mas é disruptivo e promotor de desvinculação quando experimentado como 'o lugar onde ela não está' (como personificado pelas *"pessoas"*, massa anónima que a promovem também ao anonimato). Assim, como já assinalado no primeiro momento, a dificuldade em pensar os pensamentos da sua gravidez é tanto mais difícil de tolerar quando Petra encontra objetos relacionais demasiado saturados ou indisponíveis, e mais fácil de comunicar quando o encontro é acolhedor, paciente. No final da entrevista, já com o gravador desligado, e falando precisamente dos nossos encontros, diz-me que falar é bom, faz-lhe *"bem"* porque a ajuda *"a organizar os pensamentos"*.

A leitura compreensiva da entrevista no grupo de análise sublinhou a forma como Petra faz um uso progressivamente maior dos seus objetos relacionais para se apropriar da ideia da gravidez, que inscreve de uma forma abrupta para depois, lentamente, começar a manusear. Foi notado o extremo cuidado da entrevistadora em não usar nenhum dos nomes reais, não apenas de Petra, mas das suas personagens, lido como marcador contratransferencial: *"acho curiosa a sua insistência em não dizer os nomes! Ela também não tem nome"* para designar a sua vivência.

5.2.2 O segundo Rorschach

Neste segundo momento, Petra encontra-se com o material Rorschach (anexo 19) de forma menos dispersa, verificando-se maior eficácia dos processos de contenção e integração, mesmo que o conjunto da sua produção associativa continue a evidenciar o peso dos processos de dispersão. Assim, apesar de se manter a ausência de tempos de latência iniciais, dando conta da impossibilidade de fazer uso de um tempo organizador de contacto com o material, o número de respostas diminui consideravelmente (de 54 passam a 38) revelando uma exploração menos exaustiva dos cartões. Até ao cartão V, inclusive, limita-se a designar os objetos constituídos (com exceção do cartão IV, em que faz referência ao encontro anterior), prescindindo de qualquer verbalização prévia, surgindo a partir do cartão VI, e mantendo-se até ao final do protocolo, a expressão “*isto faz-me lembrar*” como introdução ao encontro com os cartões e precedendo algumas das respostas seguintes. Como se, num primeiro momento, Petra se remetesse a uma posição neutra, subtraindo-se à situação (é designado somente o objeto), o que permite manter uma distância suficiente para desimpedir o processo de comunicação entre o seu espaço mental e o objeto-mancha, podendo este processo passar a ser assumido (o ‘isto’, acolhido na mente, ligando-se aos seus objetos internos) na segunda parte do protocolo.

Face ao cartão I, Petra configura novamente “*um morcego*”, objeto total e banal, sem que ressurgam comentários defensivos como no Rorschach anterior. Depois de um silêncio prolongado, na zona inferior esquerda do cartão, repete a representação indefinida, “*uns continentes*”; todavia fá-lo agora sem inversão da figura fundo, usando o contorno negro da mancha como continente e assinalando, no inquérito, o mar no branco. Desta forma, usa o fundo como continente aberto face ao continente delimitado pela mancha. Termina com a configuração de “*um cinto*”, elemento agregador, mas em vez de assinalar a fivela (referida no Rorschach anterior), elemento rígido de fixação, destaca uma “*correia*”, elemento de mobilidade. O conjunto associativo é menos disperso do que no Rorschach anterior, e a expressão é mais restrita, porém os objetos configurados denotam a preocupação de conter as representações sem as rigidificar.

Face ao cartão II, Petra evoca os “*dois elefantes no circo*”, acrescentando novamente o acessório “*com um chapeuzinho*”. Interpreta agora “*um foguetão*”, no branco intramacular, substituindo a “*nave espacial*”. Termina a exploração da mancha referindo “*uma parte do corpo humano*” no vermelho inferior. A sequência, como a anterior, é mais integrada comparativamente ao primeiro Rorschach. Assim, a ressonância pulsional é sentida mas

contida, com a constituição de objetos fortes, potentes, sem que surja a emergência agressiva mais crua observada anteriormente. Esta maior contenção é possibilitada pela flexibilização do continente: a referência ao corpo humano, no vermelho inferior onde anteriormente havia sido configurado primeiro sangue e depois, num esforço organizador, “o útero”, perdeu a definição formal e, conseqüentemente, a definição funcional, de carácter sexual, anteriormente atribuída.

No cartão III, a representação relacional de “duas pretas” é recuperada, porém é imediatamente organizada como partilha de uma função transformadora, de carácter alimentar “a cozinhar”. No vermelho superior é agora representado “o fígado”, órgão que mantém a função purificadora, numa valência ativa de filtração e de maior complexidade quando comparado com a representação da “bexiga”, simples depósito dos elementos a serem eliminados, configurada na mesma localização no Rorschach anterior. Em seguida, no vermelho central, Petra evoca “um laço”, representação banal que substituiu “os pulmões” do Rorschach anterior. Finalmente, na zona inferior do eixo, Petra representa “o esterno”, restringindo perceptivamente e achatando a representação anterior de “caixa torácica”, restando apenas como eixo de suporte. A sequência dá conta da persistência da oscilação entre a representação humana bem constituída e relacional, embora agora mais completa e complexa, e as referências ao interior do corpo, que são agora em menor quantidade, mas cuja lógica interna se perdeu pela ampliação da função de um dos órgãos representados (o fígado) e a restrição do outro (esterno).

Face ao cartão IV, através do comentário inicial “esta parece-me sempre” condensa a evocação do anterior encontro com o cartão. Efetivamente, não só o comentário explicita diretamente a permanência, numa temporalidade distendida (“sempre”), da representação, como usa uma expressão “parece”, que pontuou em continuidade a introdução às respostas ao Rorschach anterior, porém que apenas neste cartão é agora usada. O objeto constituído “o abominável homem das neves a andar de bicicleta” é efetivamente o mesmo, mas precedido por um adjetivo que acentua o carácter inquietante, ansiogénico, desta representação sobrenatural de força intimidadora. No entanto, essa caracterização, que assume o impacto da solicitação do cartão, diminui a necessidade de Petra operar defensivamente já que, com exceção da referência risível, e por isso apaziguadora, à bicicleta, desaparece a necessidade de enfraquecer de outras formas a imagem. No inquérito volta a selecionar este cartão como escolha positiva, dando conta de um movimento projetivo que aproxima o carácter agressivo a uma representação de fragilidade relacional, “é uma figura... se calhar mal compreendida”,

que procura conter através do enquadramento lúdico, “*mas numa situação divertida, que é tipo andar de bicicleta*”, cuja significação subjetiva sublinha: “*transmite coisas positivas, para mim*”.

No cartão V, Petra configura a representação banal “*um morcego*” e “*um focinho de um animal, um crocodilo, para aí*”, repetindo as duas representações constituídas no Rorschach anterior, mas tornando explícita agora a representação parcial do segundo animal (“*um focinho*”) e deixando-a aberta à dúvida (“*para aí*”). Estes fatores parecem contribuir para a estabilização do movimento de encontro com o cartão, uma vez que, ao contrário do Rorschach anterior, não se seguem comentários dispersivos.

Face ao cartão VI, Petra evoca um objeto impreciso nos seus contornos, todavia tornado familiar, “*aquelas peles que havia em casa dos meus avós, que é tipo um animal*”. Segue-se um movimento de inversão figura fundo, com a constituição de novo objeto indefinido, “*um país*”. Termina referindo “*os genitais*”, no eixo inferior. A sequência é marcada pela imprecisão formal, que contrasta com os objetos definidos configurados no primeiro momento (“*um gato espalmado*”, “*parte de Portugal*”, “*testículos*” e “*traqueia*”). No entanto, esta imprecisão parece operar como véu que permite a reverberação da solicitação latente do material, a passividade e a bissexualidade, sem a necessidade de desvitalização ou parcialização.

No cartão VII repete-se a maior concisão das respostas: “*duas meninas a olharem para o espelho*” são configuradas no D superior, “*a parte interna do corpo humano*” no D inferior e “*o penteado*”, regressando à zona superior. Mantém-se a oscilação entre a representação humana e a exploração do interior do corpo, mas aqui imprecisa e sem originar, em seguida, a diluição espacial da representação geográfica anteriormente expressa. Mais uma vez, esta imprecisão formal surge como organizadora, permitindo a Petra regressar ao primeiro terço da mancha e integrar adequadamente a saliência (“*o penteado*”) na primeira representação constituída (“*meninas*”), em vez de representar um conteúdo animal parcializado (“*rabo dum gato*”), desconectado, como havia feito anteriormente.

No cartão VIII, Petra representa “*o interior do corpo humano*” na zona central e “*dois animais*” nos rosas laterais. Petra procura diferenciar, afastar, as duas imagens, introduzindo a segunda com a expressão “*depois*”, contudo o movimento não é totalmente eficaz, e Petra acrescenta a localização dos animais “*à volta*” (no entanto, desapareceu a anterior proximidade mórbida entre os dois objetos: “*o corpo humano com dois animais ao lado*”).

Retorna ao corpo, centrando-se no eixo, onde explicita “o esterno” e repetindo a primeira resposta, num movimento de indistinção entre o interior da mancha e o interior do objeto representado: “o corpo humano, a parte de dentro, a figura central”. O cartão mantém-se como escolha negativa, tal como o cartão seguinte, que Petra aborda conjuntamente: “as cores são muito esbatidas, fazem-me lembrar o interior do corpo humano [...] não me identifico com as cores, o que me fazem lembrar são coisas que eu não gosto”. A justificação, mantendo a referência à sensibilidade disfórica ao pastel, é agora mais subjetivada.

Face ao cartão IX, Petra explora a possibilidade de manusear o cartão, “isto pode-se virar não é”, acabando por regressar à posição original. Enuncia, no laranja, “duas lagostas”, a que se segue nova representação do “corpo humano”, precedida por um comentário que testemunha a perceção da recorrência excessiva desta centração: “outra vez o raio do corpo humano”. Em torno do eixo configura uns “pulmões” e continuando a explorar enuncia uma “cara”, na qual identifica elementos parciais, de contacto, – “olhos”, “boca”, “nariz” – antes de proceder à integração “um palhaço”, cujos contornos compõe “com o cabelo e aqui com as bochechas, e um chapéu”. Apesar da dispersão inicial entre objetos inteiros e parciais, entre objetos definidos e indefinidos, entre o que é interno e o que é externo, Petra consegue organizar uma representação final que dá sentido à dispersão e a contém.

O cartão X é abordado como um todo dinâmico “uma festa [...] no fundo do mar”. Como no Rorschach anterior, Petra prossegue enumerando diversos elementos, porém a impossibilidade de proceder a uma seleção em função da coerência interna conduz a um conjunto arbitrário que confunde, como anteriormente, reinos e ambientes contextuais: “leões marinhos”, “algas”, “ratos”, “no interior do corpo humano”, “soutien”, “outros ratos”, “um pássaro”, “qualquer coisa de corpo humano, o sistema respiratório”, “uns animais quaisquer”, “uma parte do corpo humano”. Seleciona novamente o cartão como escolha positiva, sublinhando a sensação geral de “movimento” e “festa”, mesmo que, como explicita, evoque “algumas coisas que eu não gosto muito, tipo os ratos”. Como se a dispersão, mesmo a confusão, lhe fosse não apenas tolerável mas agradável, desde que integrada num todo continente que configure um significado positivamente investido.

A intersecção entre os aspetos salientes da análise sequencial e os dados da cotação sintetizados no psicograma (anexo 19) confirma a maior sobriedade do encontro de Petra com o material Rorschach, neste segundo momento. Assim, a diminuição do número de respostas, já assinalada, é acompanhada pela diminuição dos ângulos de aproximação ao material, sobretudo no que se refere aos modos de apreensão usados para destacar objetos (desaparece a

configuração de pormenores raramente isolados – Dd – , e o número de respostas que faz uso do branco, incluindo-o ou revertendo figura fundo, diminui para metade) e aos conteúdos evocados (as respostas ‘sangue’ e ‘radiografia’ não surgem neste protocolo e as respostas ‘geografia’ diminuem substancialmente: de sete, no primeiro momento, passam agora para duas). É também significativa a ausência de expressões adicionais, na forma de comentários ou críticas, que pontuaram a passagem anterior, veiculando o desconforto de Petra face ao encontro com o material. O resultado é um conjunto que, mantendo uma forte tendência dispersiva (o número de respostas é ainda elevado, persistem as sequências de objetos desconectados e parciais e é significativamente elevado o número de respostas formalmente indeterminadas), perde o carácter disruptivo (diminuição muito significativa das respostas de má qualidade formal e desaparecimento de emergências cruas – o “gato espalmado” do cartão VI, o C puro, sangue, do cartão II, a parcialização anteriormente presente na sequência associativa do cartão IV e menor no VII) e revela maior eficácia de movimentos de integração (a percentagem de F+%a aumenta significativamente). A possibilidade de representar, num único movimento, a cinestesia humana no cartão III, mantendo a identificação feminina numa relação que agora já não é hesitante, mas focada na função alimentar e transformativa “*duas mulheres a cozinharem*”, e a diferenciação, também já sem hesitações, de “*duas raparigas a olharem-se ao espelho*” no cartão VII, testemunham esta maior capacidade integrativa.

A observação dos conteúdos evocados neste segundo momento permite constatar que, muito embora a preocupação de Petra com o interior do corpo se mantenha no primeiro plano da cena psíquica, ela ganhou novos contornos e possibilidades. O foco nos “*pulmões*” desaparece (ressurgindo uma única vez), desaparecendo concomitantemente a inadequação perceptiva que acompanhava boa parte dessas respostas. Em seu lugar surgem referências de contornos vagos que veiculam a preocupação menos focalizada, mais insaturada, sobre “*o interior do corpo humano*”. É a dúvida (veiculada pela imprecisão formal da maioria das respostas anatómicas) sobre esse espaço, sobre os seus contornos e sobre os conteúdos que integra que é assim expressa. Confirmando a ligação anteriormente proposta entre o uso dos conteúdos anatómicos e os conteúdos geográficos, e confirmando a ideia de que a expansão, diluição dos limites e interrogação pode já ser dita no e pelo corpo, observa-se que desaparecem praticamente as referências indeterminadas a conteúdos geográficos. A possibilidade de tolerar a incerteza deste corpo de contornos pouco claros diminui a perigosidade que transparecia nas sequências associativas: no cartão II, os elefantes já não

sangram, no cartão V os crocodilos permanecem porém é reduzida a carga agressiva (em vez de “*uma boca aberta*”, surge “*um focinho*”, e no inquerito a representação é diluída, “*os animais*”), no cartão VI “*o gato espalmado*” desaparece, no cartão VIII já não são “*porcos selvagens*”, mas somente animais. As operações defensivas assinaladas – desvitalização, desqualificação – são agora menos frequentes, mais ténues e menos intensas (os elefantes do cartão II já não necessitam de um chapéu de papa a acrescentar ao contexto circense, no cartão IV o homem das neves pode ser dito como abominável e não é em seguida desvitalizado, a pele do cartão VI é indeterminada contudo familiar, a ausência de porcos selvagens no cartão VIII faz desaparecer a necessidade de transformar o corpo em radiografia, passando a convocar um elemento rígido de sustentação, o esterno). Por seu lado, a defesa pelo reforço do continente é substituída pela sua flexibilização (a fivela do cinto no cartão I passa a correia, desaparecem os animais de exoesqueleto no cartão X, aumentando a percentagem de respostas imprecisas).

Concluindo, neste segundo momento já não se trata, de forma tão intensa, da expressão reiterada da vivência de um corpo em risco, mesmo que este permaneça, mas de um corpo/continente impreciso, interrogado e mais tolerado.

5.2.3 As segundas histórias TAT

As narrativas TAT de Petra (anexo 20) são, neste segundo momento, mais circunscritas no que respeita à forma – são narrativas curtíssimas, que identificam a situação sem a explorar –, o que permite uma desintoxicação dos conteúdos: a inquietação que permeava com intensidade as narrativas anteriores não desaparece totalmente, porém atenua-se, dando lugar a uma certa ambiguidade e indeterminação sobre os contornos das situações.

Em face do cartão 1, Petra descreve uma situação estática em que identifica a personagem, “*um menino*”, representado como “*frustrado*” em relação ao objeto danificado, o “*violino [...] partido*”. Após um silêncio significativo, Petra comenta a sua própria frustração: “*isto para mim é muito difícil*”. A narrativa é agora muito mais restrita do que no primeiro momento, mas dá já conta, duplamente (através da personagem e do seu comentário), de uma dificuldade intrapsíquica sentida em face da impossibilidade de usar o objeto.

O cartão 5 é também abordado na forma de uma descrição concisa e estática. Figura a personagem, identificada como “*uma mãe*”, perscrutando o interior do espaço, “*uma sala*”, verificando a possibilidade da presença de “*alguém*” e o ambiente interno “*se está tudo bem*”.

Retorna à personagem que representa com *“um ar preocupado”*. Já não há necessidade de indifferenciar os dois cartões, como no TAT anterior, nem toda a dispersão em torno da presença/ausência e ordenação deste espaço interior, apenas um movimento de interrogação, aberta, insaturada e a expressão de uma disposição psíquica disfórica. Antes de passar ao cartão seguinte comenta *“tem de arranjar outros testes para mim”*, dando conta da sua sensação de não corresponder à expectativa que me atribui, por um lado, e de eu oferecer um objeto não usável, por outro. A inquietação vivida em face do encontro com o espaço interno persiste, porém de forma mais circunscrita, e a dificuldade ganha contornos intersubjetivos.

A narrativa relativa ao cartão 6 GF recupera também o essencial, e apenas isso, da situação descrita no último TAT: *“uma mulher [...] apanhada de surpresa [...] pelo marido”*. A descrição é pontuada por precauções verbais *“parece”*, *“se calhar”*, e expressões de dúvida e indeterminação, *“a fazer ou ver alguma coisa”*, que deixam em suspenso o ambiente relacional conflitual: *“ou foi apanhada em falta, não sei bem”*. Não há, ao contrário do momento anterior, oscilação entre as personagens, sendo o relato centrado quase exclusivamente na personagem feminina. A indeterminação da transgressão relacional que marca o encontro entre masculino e feminino persiste, mas tem agora uma função mais contentora do mal estar experimentado.

No cartão 7GF, Petra estabiliza a identificação das personagens, ao contrário do TAT anterior: *“uma menina [...] com o filho [...] e a empregada”*. A personagem feminina mais nova é descrita como desinvestida relacionalmente, *“não está assim muito interessada”*, *“não está nem aí”*, contrastando com a personagem mais velha, que procura aproximar-se, investir e conter *“está a ver se está tudo bem, a ajudá-la”*. Mais uma vez, a descrição é concisa, sem que Petra ruminasse a situação, como fazia anteriormente. A sequência testemunha o reconhecimento das fragilidades da função continente, uma fragilidade agora mais intrapsíquica, que coexiste com possibilidades ainda não manuseáveis todavia disponíveis desta função na sua valência interpsíquica.

No cartão 19, Petra identifica uma *“casa”* que imediatamente liga ao imaginário do conto infantil *“dos chocolates e da Hansel e Gretel”*, indício de uma vivência de perigosidade, mas contida na simples referência. Pode assim descrever o continente em face do ambiente que o envolve, sem referências a elementos inquietantes: *“uma casa na neve, nas montanhas”*. Sem necessidade de manter as fronteiras rígidas em face do exterior que perdeu a perigosidade, Petra conclui com um movimento de paralisação da imagem, *“parece-me assim uma imagem estática”*, na qual os elementos essenciais são aqueles que permitem o

contacto, a passagem, “*olhando bem isto não parece nenhuma casa (ri) parece umas janelas e tipo uma chaminé*”. A delimitação passou a ser feita com recurso à estaticização, e aquilo que podia ser um movimento desorganizador torna-se um esboço de possibilidade de interação entre o dentro e o fora sem toxicidade ou aprisionamento.

As narrativas de Petra mantêm a centração na experiência subjetiva das personagens, que agora é explorada *a minima*, originando descrições quase em quadro, sem mobilidade. Os processos restritivos esmagam as possibilidades narrativas, agora tanto em termos de forma (narrativas muito curtas), como de conteúdo (reduzido ao enunciar de dificuldades nunca exploradas). O recurso ao imaginário mantém-se como simples possibilidade de atribuição de papéis relacionais, que depois não são efetivamente dinamizados, permanecendo como simples designação. O uso de verbos e adjetivos é, nestas condições, menor do que nas narrativas anteriores. Os verbos, que surgem apenas nos cartões com mais que uma personagem, deixam transparecer a dificuldade de aproximação relacional, contudo a sua escassez e ambiguidade impede uma leitura mais compreensiva. O mesmo ocorre com a adjetivação, que além de um mal estar vago (frustrado, preocupado, não interessada) não esclarecem as cenas figuradas. O recurso, extra-narrativo, à esfera corporal através do riso continua a ser utilizado para aliviar a tensão, mas já sem reais possibilidades de desimpedimento. A autorreferência e o recurso à relação com a investigadora são usados para expressar o mal estar e também não conseguem romper o bloqueio associativo. Em suma, neste segundo momento Petra restringe brutalmente a expressão, o que se permite impedir emergências mais desorganizadoras (que ocorriam no primeiro momento), tornando o discurso mais sóbrio, impede a elaboração, produzindo narrativas vagas e estáticas.

Depois de desligar o gravador, Petra reitera que falar é bom, como havia dito no final do último encontro. No entanto, acrescenta agora que é diferente falar comigo ou com amigas, falar comigo ajuda-a a organizar os pensamentos, faz-lhe bem. Diz não gostar do Rorschach, acrescentando que deve ter “*muitas defesas*”. Falamos da marcação da última entrevista, e à minha proposta de marcação para duas semanas antes da data prevista para o parto, Petra diz que tem receio porque “*ando muito acelerada*”, expressando o risco de um nascimento prematuro, que figura a sua impreparação e as descontinuidades temporais que foram assinaladas. Apontamos então para nos voltarmos a encontrar três semanas antes, sem deixar a data marcada, porém ficando combinado que lhe ligaria. Antes de nos despedirmos, pergunta-me como está a correr o trabalho e comenta: “*deve ouvir muitas histórias*

diferentes”, procurando tatear as possibilidades, diferentes, de viver a experiência a que é solicitada.

5.2.4 Petra em transformação no segundo trimestre

No segundo trimestre, a mente de Petra continua a revelar dificuldades no manuseamento da experiência, observável na persistência de processos de dispersão (PS) vividos com inquietação. Isto mesmo é observável, na entrevista, nas expressões de cansaço e frustração, ou na confusão experimentada nas ecografias; no Rorschach, na persistência de um padrão de dispersão e, no TAT, na dificuldade diretamente expressa face ao cartão 1, na preocupação atribuída à personagem do cartão 5, ou na referência ao conto de Hansel e Gretel no cartão 19. Todavia, está já em curso um trabalho de apropriação e integração (D), alimentado pela possibilidade de usar de forma mais elaborada as intervenções dos seus objetos relacionais, acolhendo-as como factos selecionados organizadores do processo de significação. Assim, nas suas narrativas, Petra consegue agora configurar a experiência a partir de objetos mais estáveis e circunscritos – observáveis, na entrevista, no tatear da ideia de que está grávida a partir da intervenção de Vítor, no Rorschach na maior adequação percetiva e, no TAT, na maior circunscrição das narrativas – e iniciar a sua exploração. Uma exploração tornada possível pela possibilidade de interrogar e tolerar a incerteza, como testemunhado, na entrevista, no relato em torno da perceção dos movimentos fetais, no Rorschach na diminuição da disruptividade dos conteúdos anatómicos e, no TAT na indeterminação e ambiguidades das narrativas que reduzem a emergência de elementos mais perturbadores. Esta mobilidade do pensamento permite a progressiva restauração da continuidade psíquica, mas também a capacidade de suportar e circunscrever aquilo que é ainda descontínuo e inquietante. É observável, pois, maior capacidade oscilatória $PS \leftrightarrow D$, com PS mais paciente e tolerante e o esboço progressivo de D, num campo psíquico de tendência predominantemente integradora, isto é, $PS \rightarrow D$.

Analisadas a partir da perspetiva da relação $\text{♀} \text{♂}$, as narrativas de Petra mostram o iniciar de ligações, ainda ténues e frágeis, entre os dois elementos, ligações suportadas, em grande parte, pelo uso dos objetos relacionais como ♀ transformadores. A possibilidade de fazer uso dessas transformações – como ocorre com a tradução providenciada por Vítor ou pela enfermeira da aula de preparação para o parto e cujo carácter organizador transparece nas alterações verificadas no seu discurso, sobretudo na entrevista e no Rorschach –, inscrevendo-as interiormente como base a partir da qual pode começar a tatear os contornos, mas também

os ♂ da experiência, contrasta com a inusabilidade intrapsíquica das transformações que, no primeiro trimestre, conseguia observar nos seus objetos relacionais, porém não integrar. O encontro com objetos que sente como indisponíveis já não é tão disruptivo, mas conduz ao afastamento e desinvestimento do encontro intersubjetivo, o que é observável na desvinculação face à médica que não a auxilia a reconhecer os movimentos fetais, à amiga que experimenta a gravidez de forma muito contrastada, ou às pessoas que sente que a desqualificam por sublinharem a sua gravidez; no TAT o mesmo movimento transparece na estaticização das histórias que suspende a possibilidade relacional.

O esboço de aproximação relacional, intrapsíquica, entre ♀♂ é realizado através de um trabalho de dilatação, interpelação dos limites e configuração do ♀, testemunhado, na entrevista, pela possibilidade de refletir sobre os “sinais” do seu corpo, de representar a experiência como um “processo”; e no Rorschach pela imprecisão formal das respostas anatómicas, concomitante a um conjunto com maior adequação perceptiva, e pela substituição dos elementos de reforço do ♀ por elementos mais flexíveis. A mente, enquanto espaço e função ♀, pode desta forma iniciar o reconhecimento dos seus ♂, significando-os. O trabalho sobre o ♀ torna-o portanto mais flexível, mais operativo, permitindo experimentar os ♂ como menos tóxicos, mais exploráveis e interrogáveis, como indiciado pela menor disrupção geral nas narrativas. Esta maior capacidade de mobilização psíquica apresenta, ainda assim, intermitências e fragilidades significativas, sobretudo quando convocada a conter e integrar ♂ muito saturados sobre a realidade relacional da gravidez: evidenciada, na entrevista, na expressão excessiva “tenho uma criança dentro de mim”, na dissonância expressa em face das ecografias, na referência ao um quarto “cheio de tralha”, e no TAT, no início da sequência associativa face ao cartão 7GF, com referência ao “filho” da rapariga.

Apesar de surgirem ainda instâncias significativas de desvinculação de K e L – como retratado pela sequência associativa em torno das ecografias ou pela impossibilidade relacional nas histórias TAT –, o vínculo K predomina nas narrativas de Petra do segundo trimestre, permitindo uma aproximação curiosa, uma interrogação capaz de promover esboços de fantasia e de suportar o que não é possível saber – testemunhado pela maior capacidade de pensar a sua experiência, de tolerar a intervenção da mãe de Vítor sobre os limites da amniocentese, de reconhecer que as suas certezas sobre a vivência do pós-parto estão a diluir-se, de interrogar no Rorschach o corpo, diminuindo a intensidade das operações de desqualificação e desvitalização, e, no TAT, de velar pela ambiguidade. Torna-se desta forma possível o tatear do vínculo L, que se evidencia, mesmo que tenuemente, na descrição da

perceção dos movimentos fetais, no desejo de uma maior proximidade relacional no pós-parto, na configuração da representação de partilha no cartão III do Rorschach e na tentativa de aproximação da personagem feminina mais velha no cartão 7 GF do TAT; e a diminuição da intensidade do vínculo H, como observado pela diminuição da disrupção, toxicidade e perigosidade que percorria, anteriormente, as narrativas.

Sintetizando, no segundo trimestre a progressiva alfabetização da experiência permite uma maior tolerância e transformação da dor na mente de Petra, tornando-a uma verdade ligeiramente mais flexível e mais ampla, permitindo a emergência de interrogações sobre o significado da experiência. A restauração da continuidade psíquica, a possibilidade de inscrever a experiência enquanto processo transformativo, permite travar a disrupção, iniciar processos integradores e reconhecer não apenas o que não pode ainda ser contido e ligado, mas o que pode já ser progressivamente subjetivado e investido. As descontinuidades que ainda surgem, revelando as dificuldades em pensar os pensamentos, mantêm um carácter violento, abrupto, porém surgem mais circunscritas e, nessa medida, menos perturbadoras do trabalho psíquico em curso.

5.3 Terceiro encontro: 37 semanas

O terceiro encontro acontece no mesmo local que os anteriores. Duas semanas antes tinha entrado em contacto com Petra, tal como havíamos combinado no final do nosso segundo encontro. Quando telefono, pede-me que ligue mais tarde, mas acabo por não o conseguir fazer nesse dia. No dia seguinte envio uma mensagem, pedindo desculpa por não ter conseguido voltar a ligar e pedindo que indique a melhor hora para lhe ligar novamente. Petra responde dizendo que está de férias, se é possível que ligue ao fim do dia. Perto das 19h recebo uma mensagem propondo um dia e hora para o nosso encontro. Confirmo, agradeço e pergunto se precisa que reenvie a morada. Pede que o faça dois dias antes do dia combinado. Chega ao nosso terceiro encontro à hora marcada, pede para ir à casa de banho, volta e começamos a entrevista. Antes mesmo que eu formule alguma pergunta, é Petra quem me interroga: *“quando é que eu vim cá a última vez?”*. *“Está enorme”* escreverei no fim da entrevista, nas minhas notas. E acrescento, *“tem um ar mais frágil”*.

Neste preâmbulo ao nosso terceiro encontro destacam-se duas linhas comunicacionais: do vértice de observação mais manifesto é perceptível uma série de interrupções contudo, subterraneamente, há uma continuidade que persiste; de um ou outro lado o contacto é

restabelecido, e de um e do outro lado ambas nos posicionamos na continuidade de uma história que tem sido pensada em conjunto. Os dois planos desta comunicação parecem figurar a possibilidade da mente de Petra de sustentar, em paralelo, a continuidade e as descontinuidades do pensamento que pensa a experiência da gravidez... e a experiência dos nossos encontros. Pensar, transformar a experiência, o pensamento, se permite crescer, implica igualmente sucessivas fragilizações do que já está constituído para que algo novo possa emergir.

5.3.1 A terceira entrevista

Petra anuncia, logo nos primeiros segundos da entrevista, sentir-se “*mais tranquila*”, expressão que repetirá ao longo do nosso encontro. No entanto, durante a maior parte do tempo em que procura narrar, “*por ordem cronológica*”, os episódios que compõem a história do seu terceiro trimestre, o que se destaca de forma mais evidente é a inquietação – “*eu ando sempre a chorar agora, não sei porquê*” – a estranheza – “*eu não sou assim normalmente, [...] às vezes nem me reconheço*” – e a dificuldade em acolher e transformar, psiquicamente, a experiência – “*ainda não sinto que esteja assim gráavida*”, “*ando cansada, com pouca disponibilidade mental*”, sentindo-se “*a pensar de uma forma, menos adequada*”. Na verdade, apesar da sua tentativa de ordenar a experiência cronologicamente, o relato é confuso e difícil de seguir. É através dos adjetivos que usa para caracterizar os projetos profissionais em que está envolvida, lidos como deslocamento relativo à experiência psíquica face à gravidez, que é possível vislumbrar Petra comprometida com um trabalho psíquico “*exigente*” e “*cansativo*”, mas “*interessante*”, como confirmará uma sequência de sonhos que partilha depois de dizer toda a sua aflição. A reiteração, no final da entrevista, da sua maior tranquilidade, torna-se então compreensível: a narrativa, com a sua preocupação de ordenação temporal, reflete o percurso difícil, vacilante, repleto de sinuosidades que Petra realizou, na sua mente, em busca de sentido(s).

No início do terceiro trimestre, um conjunto de episódios deixa-a “*desorientada*”, insegura e fragilizada. Após uma ecografia, uma médica diz-lhe “*que o bebé estava muito pequenino, que não estava a crescer*”. A tradução concreta, no corpo, de um bebé que, na sua mente, não está a crescer, deixa-a “*a chorar, em pânico*”. Numa consulta posterior, com outra médica, Petra sente-se tratada “*como se eu fosse louca*” quando fica alarmada em face do mesmo percentil de crescimento anteriormente medido. A médica diz-lhe que não há qualquer problema, o “*bebé está ótimo, não tem nada que se preocupar*”. “*Ainda bem que o meu pai*

estava lá, porque consegue ouvir, e eu às vezes podia estar ali a perceber outra coisa”, diz, revelando a perda de confiança que, sentida relativamente aos médicos, transporta para si própria. Estas intervenções médicas, desorganizadoras, incontidas, paradoxais, desprotegem psiquicamente Petra: “fiquei completamente desorientada, acho que não se faz isto às pessoas”. Desorientada sente-se, também, com o anúncio de que o irmão vai ser pai. Receia perder um lugar que, porque não o ocupa verdadeiramente, sente como instável, em risco. “Eu reagi muito mal [...] desatei a chorar mais uma vez [...] e fiquei assim um bocado irritada com a minha reação. Mas, sei lá, achei que ele me estava a roubar o momento, que era meu”.

Petra não consegue reconhecer a experiência, reconhecer-se a si como continente, com receio de perder conteúdos identitários. Como explica, “o mais tempo que eu estou a falar da gravidez é aqui consigo [...] na minha vida lá fora eu não sou grávida [...] é como se estivessem a desvalorizar tudo o resto. Eu não deixo de ser quem sou para passar a ser grávida, não é, e, e acho que as pessoas só olham tipo a grávida. E isso não me agrada”. Assim solicita, em identificação projetiva, os outros para que desempenhem a função de que não é capaz. Conta que a mãe e a sogra “começaram a ficar stressadas, porque eu não tinha nada pronto, nem a roupa. [...] Eu não queria tratar disto sozinha [...] então não tratava”. A mãe vai então para sua casa e ocupa-se dos preparativos: “lavar a roupa” (que nunca explicita ser a do bebé, embora fique implícito) e “fazer cozinhados”, que deixou “congelados”. A mãe organiza conteúdos, deixando-os em suspenso, à espera de um tempo em que possam ser usufruídos, internamente, por Petra. “Foi um bocado estranho, foi como se não fosse para mim”, diz, dando conta da distância psíquica que sente. No entanto, a partir desta intervenção cuidadora da mãe, que sente como não intrusiva, começa a tatear aproximações à função materna, vividas na interação projetiva com ela: “começo a perceber o lado, como mãe, se calhar [...] sempre a afastei um bocadinho. E acho que agora a deixei entrar na minha vida [...] e aceitei que ela tem um papel, e que está lá e que faz para me ajudar. [...] Ela é muito cuidadosa porque sabe que eu, que eu tenho o meu espaço muito grande”. Começa, então, a revelar a possibilidade de investir a experiência através da abertura ao investimento da mãe: “ela antes dizia ‘ah não vou comprar nada porque tenho medo que tu não gostes’. E estava sempre ‘ah comprei isto mas posso devolver, ah não sei quê’. [...] Comecei a aceitar [...] queres comprar compra, não vou estar sempre ali a pôr-te travão. Porque também tens direito a viver este momento e a fazer as coisas como tu queres. E acho que isto ajudou bastante a nossa relação”.

Surgem, então, na sua narrativa, sinais tímidos de que, subterrânea e silenciosamente, Petra vai, embora com sobressaltos e descontinuidades, percorrendo um caminho. Fala de roupas e fraldas que ela e Vítor compraram, aproveitando uma “*promoção*” (tornando menos custoso o investimento afetivo), dos “*casquinhos*” feitos pela tia e de roupa dada por primos e uma amiga. “*Já refizemos a mala várias vezes*”, conta, figurando a instabilidade mas também uma operação em curso. “*Quero que tenha uma roupa nova*”, diz, sobre o primeiro dia do bebê, expressando a sua única intervenção direta nas escolhas em torno dos conteúdos da mala, anunciando desta forma a abertura ao que de irredutivelmente novo pode ocorrer. Diz também que aceitou a decisão de Vítor de não batizar o bebê, porém sem comprometer a necessidade, anteriormente expressa, de proteger o bebê que não pode nomear: “*eu vou comprar um anjinho e vou pôr lá*”. O quarto para receber o bebê está “*super impessoal*”, não está tão “*acolhedor*” como ela gostaria, todavia foi já pintado e desimpedido da “*tralha toda*”, “*tem lá a cómoda com a roupa toda lavada*”. É um espaço desimpedido, um continente insaturado e expectante para um encontro cuja proximidade – “*também não vai já para o quarto, vai ficar no nosso*” – pode vir a transformar.

Os nomes escolhidos, Julieta se o bebê for menina, Óscar se for menino, inscrevem-se numa lógica de dilatação espaço-temporal, confirmando a necessidade de Petra de alargar o espaço interno, mesmo que isso o torne difuso, de forma a não se sentir aprisionada num presente que tem dificuldade em pensar. Assim, explica que, mesmo antes de estar grávida, estes eram os nomes em que pensava, acrescentando que quer nomes “*internacionais*” e justifica: “*ele viveu fora muitos anos, eu também já vivi fora alguns anos; eu acho que, a nossa vida se calhar não passa por Portugal, a médio prazo*”, concluindo, “*quero um nome que [...] não seja um impedimento, que os filhos possam estar livremente*”.

Um movimento inverso, de restrição, é figurado na decisão que Petra anuncia de não querer visitas no hospital: “*acho que é muito cansativo para a mãe e para o bebê estar ali cheia de gente*”. No entanto, tal como já havia sucedido na primeira entrevista relativamente ao anúncio da gravidez, quando enumera as pessoas que poderão visitá-la, o número é extenso: os pais dela e de Vítor, os irmãos, uma prima, uma tia, uma amiga e a avó de Vítor. Petra procura, pois, restringir não tanto as visitas, mas a dispersão de solicitações afetivas que o nascimento trará e que receia não ser capaz de conter: “*quero estar focada em mim, quero lá saber dos outros*”.

Estas descontinuidades na aproximação à experiência são claramente figuradas na forma como fala do seu corpo em transformação: “*com o corpo até estou-me a dar bem,*

porque eu sei que isto é uma fase. Às vezes olho. Eu não me sinto tão grande como realmente estou. E às vezes olho-me ao espelho e fico assustada tipo, fogo, a barriga está enorme. Ou o peito. O meu peito está gigantesco. [...] Pronto, sinto-me mais, mas não tanto, e quando olho confronto com a realidade e fico wow, mas isto também passa [...] Acho que estou, com o corpo estou tranquila”. Quando consegue configurar a gravidez como momento transitivo, “uma fase”, um processo, mesmo que a experiência seja excessiva e apreendida de forma abrupta, não é desorganizadora. Nas aulas de preparação para o parto, explica, pôde aproximar-se da representação do espaço interno como continente flexível, lugar de acolhimento de um processo transformativo: “foram importantes para eu perceber como é que é o meu corpo, [...] qual é o caminho, digamos assim, do bebé, como é que ele se encaixa, o que é que eu posso fazer para facilitar, que o corpo realmente se adapta, e alarga, e já, e sinto, que vai alargando”.

A representação do parto é inquietante e Petra, mais que a dor, teme o desligamento, a rutura: *“não me assusta o momento da expulsão do bebé. ... eu já estou preparada que a coisa, não é correr mal, mas vai ser horrível e doloroso e pronto [...] tenho muito medo de desmaiar e que seja mau para o bebé”.* Suportar a dor emocional sem a recusar é precisamente o esforço, imenso, que Petra tem feito desde o início da sua gestação. Daí que conte, explore e exponha sobretudo a sua inquietação e vulnerabilidade, deixando ver a *minima* o caminho elaborativo, de valência mais positiva, que só intermitentemente surge nos seus relatos: *“eu ainda não vivo a gravidez nesse sentido de sonhar, de fantasiar, e pronto agora se calhar também não vou viver, porque já estou aqui no final”;* *“imagino.... que vai nascer e que vai correr bem”.*

No entanto, a sequência onírica que narra quase no final da entrevista dá a ver, com clareza, que esse processo silencioso se vai fazendo. *“Hoje pela primeira vez sonhei que era um rapaz. E nós achamos que é uma rapariga, [...] falamos sempre no feminino”.* Este último comentário sugere a existência de um universo representativo que Petra tateia, que manuseia, configurando um espaço de expectativa. Continua: *“Logo no início tive um sonho assim um bocado estranho, estava com o bebé ao colo, eu não sei se lhe contei, que estava a chover imenso, e depois o bebé estava a, mas era tipo recém-nascido estava a ficar encharcado, e estava-se a afogar, porque estava tipo num cilindro ao meu colo, e depois eu achei ah ele vai entrar em hipotermia, então tentei tirar-lhe a roupa, então tive que me despir e a ele para fazer calor humano. Pronto, tive assim, e depois sentia assim, como nos filmes, a água a entrar para dentro dos olhos. [...] Eu acho que tive dois sonhos no início, foi esse e foi outro*

que eu já não me lembro, mas também foi assim desse estilo dele estar a cair e eu a agarrar, nada de especial". Petra representa-se, assim, a reconhecer que a distância interposta entre si e a experiência da gravidez, se operava, num primeiro momento, como continente protetor de um conteúdo psíquico que não podia diretamente acolher, torna-se insuficiente; é preciso agarrar a experiência, deixar essa segunda pele com que se protege do contacto e assumir-se como continente permeável, como corpo psíquico, afetivo, aquecido, recetivo.

“Depois nunca mais tive sonhos com a criança”, diz, indiciando o silenciamento que recai sobre o investimento, mas que subterraneamente se propaga, como revela o sonho da noite anterior que pode agora contar: “E esta noite sonhei que lhe estava a mudar a fralda, era pequenino e vi ah é um rapaz. E depois ah fogo, é um rapaz, não queria nada um rapaz. (ri) E depois, entretanto ah mas tenho de estar contente, rapaz, eu não tenho preferência e depois fui lá confirmar outra vez, e já não deu para perceber bem o que é que era. Foi, foi assim o sonho, um bocado esquisito. Porque eu acho que não tenho preferências, mas se calhar até acabo por ter. Mas eu sempre achei que a minha preferência fosse ter rapaz. Porque rapaz é muito mais fácil, é mais prático, e as mulheres são umas complicadas e, não sei, sempre achei que... racionalmente seria um rapaz mas, por este sonho não sei (ri). Logo se vê”. Depois de se ter constituído como um corpo psíquico capaz de tolerar e investir (aquecer) a ideia da gravidez pode esboçar aproximações ao conteúdo da mesma. Emerge então um novo equilíbrio entre a possibilidade de reconhecimento (“vi”) e a tolerância ao não saber (“já não deu para perceber”), à dispersão já não tomada como desagregação do pensamento, mas como abertura expectante (“logo se vê”). No início, o não querer saber o sexo, solicitado por Vítor, foi manuseado por Petra como instância da sua impossibilidade para pensar a experiência; contudo, a partir da contenção desempenhada pelo companheiro, pela mãe e pelas enfermeiras das aulas de preparação para o parto, Petra pôde progressivamente, mesmo que ainda com enorme dor emocional, assumir a gravidez como uma experiência que solicita o seu psiquismo a operar como continente transformativo e recetivo. Apropriar-se do espaço psíquico enquanto continente materno (não intrusivo, como a sua mãe lhe deu a conhecer), permite imaginar uma aproximação, menos difícil, menos complicada, ao universo feminino, conteúdo do desejo a partir do qual um bebé, já nascido, pode ser representado e essa representação partilhada.

Nesta entrevista são evocadas, como personagens da sua narrativa, Vítor, a sua mãe, o pai e irmão, a sogra, uma enfermeira das aulas de preparação para o parto, as médicas com que se cruza, algumas amigas.

Vítor, a mãe de Petra e a enfermeira surgem, como anteriormente, como objetos relacionais contentores, organizadores, que a auxiliam na elaboração progressiva da experiência. Já não se trata de traduzir psicologicamente o que Petra não consegue alfabetizar, mas de auxiliar na integração mais elaborada da experiência, no seu acolhimento inscrito numa temporalidade que se abre a um futuro desconhecido, já abordado com mais serenidade. Vítor é evocado, neste terceiro momento, na valência cuidadora e protetora “*anda-me mesmo a mimar*”, “*eu apoio-me bastante nele e, por exemplo, ponho-me a pensar tratar de uma criança, ele está lá, e sei que realmente ele está lá*”, contudo aparecendo muito menos vezes no relato do que anteriormente, provavelmente devido à estabilização do seu papel. A mãe de Petra é usada com maior mobilidade como figura identificatória que, como observado, permite a Petra começar a representar-se como um continente não tóxico, não intrusivo, mas, ao contrário, flexível e tolerante. A enfermeira, como também percebemos, mantém-se como personagem cujas intervenções alargam o espaço mental de Petra, permitindo-lhe tranquilizar-se relativamente à sua vivência. É a informação afetiva que é, para Petra, relevante, porque a informação mais teórica, mais funcional é sentida como não integrável “*foi muito cansativo [...] eu não tenho capacidade de absorção da informação*”. O pai de Petra surge precisamente como depositário de informação que Petra não está certa de conseguir reter e processar, no episódio com a médica. Não surge em nenhum outro momento, a não ser como acompanhando, por vezes, a mãe, em referências breves e inexploradas (“*os meus pais vieram cá passar o fim de semana*”), surgindo diluído no casal parental.

A sogra, as médicas, o irmão e duas amigas surgem no papel oposto, tóxico, intrusivo, rejeitante, potenciador de confusão. Assim, conta que a sogra não gostou da decisão de Petra de não querer muitas visitas no hospital, “*e depois vieram imensas coisas ao de cima: que nunca concordou de nós não querermos saber [o sexo do bebé], nunca concordou com os nomes*”. Conta que fica magoada porque a mãe de Vítor não teve “*disponibilidade mental, para ir a um sítio, comprar coisas*”, justificando a indisponibilidade com o facto de não saber “*o sexo [...] ‘só consigo comprar coisas, não é ao calhas, é, quando sei especificamente para quem é’*”. Ao espelhar, por um lado, a indisponibilidade de Petra e, por outro, ao rejeitar o caminho elaborativo dela que passa, precisamente, por deixar a experiência indeterminada e aberta, porém expectante, a sogra é sentida como intrusiva, exigindo de Petra operações psíquicas de que ela não é capaz. O mesmo ocorre com as amigas: “*eu criei expectativas em relação aos meus amigos, e acho que houve duas pessoas, pelo menos, que me desiludiram bastante nesta gravidez, [...] estava à espera que [...] me tivessem acompanhado mais [...]*

andei aí muito magoada com elas, [...] uma delas telefonou-me, mas telefonou-me sempre a falar da gravidez de outra amiga". A indisponibilidade é, precisamente, o que magoa Petra na sua própria relação com a gravidez. O irmão aparece como personagem de que ela se diferencia, de forma extrema, para falar dos afetos mais desordenados, das suas partes mais rejeitadas e rejeitantes: *"tudo o que sai fora do controlo dele, enlouquece, e eu não sou nada assim"*, *"a nossa relação é péssima"*, *"sempre que estou com ele sinto-me mal"*. Finalmente, as personagens médicas surgem agora apenas na sua valência negativa, como constatámos, ainda que, ao afligi-la com a ideia de um bebé psiquicamente demasiado pequeno, tenham talvez potenciado o crescimento do espaço mental e a mobilidade dos conteúdos psíquicos que, na sequência onírica se revelou.

Os elementos do grupo de análise assinalaram, durante a maior parte da entrevista, uma certa preocupação com o discurso de Petra, na sua forma e conteúdo, expressando alguma incompreensão face à reiteração da sua maior tranquilidade. No entanto, terminada a entrevista e verificado o percurso, foi possível perceber a mobilidade do seu pensamento e a criação de um espaço de expectativa, insaturado, aberto à transformação prestes a ocorrer. Um dos elementos do grupo sintetizou assim o percurso: *"através desse lugar criado com a mãe em que ela se pode aproximar sem ser intrusiva, cria a possibilidade de ser 'o caminho do bebé' "*.

5.3.2 O terceiro Rorschach

O terceiro encontro com o Rorschach (anexo 21) permite a Petra novas explorações do objeto-mancha, constituindo, a partir de diferentes perspetivas sobre o material, objetos inéditos nos encontros anteriores (nos cartões I, V, VII e IX). Desse modo, o número de respostas volta a aumentar (46), traduzindo no entanto novas possibilidades de uso da oscilação entre processos de dispersão e integração e não o excesso exploratório do primeiro momento. No primeiro cartão, Petra faz uso de um período de latência alongado, que provavelmente propicia essa disposição a um olhar renovado. No entanto, face aos restantes cartões continua a observar-se a ausência de latências iniciais, dando conta da dificuldade de sustentação desse espaço tolerante e aberto. Na maioria dos cartões não há qualquer introdução aos objetos constituídos, ressurgindo apenas em alguns momentos a precaução verbal *"parece"*, como tentativa de diferenciação entre o objeto-mancha e a sua transformação em representação.

Face ao cartão I, Petra enuncia mais uma vez a resposta banal “*um morcego*”, após a qual comenta a sua “*dificuldade*” em entrar em contacto com a situação Rorschach. No entanto prossegue, constituindo, na lateral, uma representação nova, de um animal (que no inquérito se revela parcial), “*um lobo*”. Centrando-se à volta do eixo, de cima para baixo, evoca elementos parciais, “*umas mãozinhas*”, e “*os olhos*”. Incapaz de usar o eixo como organizador retorna ao recorte, agora na lateral inferior e recupera uma representação geográfica, formalmente imprecisa, dada no primeiro Rorschach “*uma ilha*”. No inquérito procura uma religação à mancha, configurando “*uma península*”, “*com os pequeninos à volta*”. Retorna então à mancha para configurar novamente um objeto global, contudo desvitalizado e perceptivamente desadequado: “*uma pele de um animal morto*”, acrescentando, no inquérito, que “*está espalmado*”. O percurso associativo testemunha a perda de vitalidade a que é submetida a representação quando Petra explora o interior dos objetos sem conseguir sustentar a integração. Esta é retomada, porém a inquietação que o percurso gerou implica que o objeto perca a dimensionalidade que o vitalizava.

No cartão II, ao contrário, Petra repete quase integralmente a sequência dada no segundo momento – “*dois elefantes no circo*”, “*chapéus*”, “*foguetão*” e “*parte interior do corpo humano*”, apenas com uma diferença: o “*chapéu*”, configurado no vermelho superior, que nos momentos anteriores era integrado na representação cinestésica dos animais, agora surge destacado.

No cartão III as figuras femininas mantêm a sua função, desaparecendo a referência racial, “*duas mulheres a cozinharem*”, como se se tivessem tornando mais familiares/próximas. O órgão sempre reconhecido no vermelho superior é agora “*um pâncreas*”. Já não se trata, como anteriormente, primeiro de armazenar o que deve ser eliminado (a bexiga representada no primeiro encontro), depois de potenciar os processos de purificação do organismo (o fígado do segundo momento); mas de auxiliar o processo digestivo, procedendo à síntese de substâncias capazes de transformar o alimento, para que o mesmo possa ser absorvido. A restante sequência segue o caminho já conhecido, juntando elementos organizados no primeiro e segundo Rorschachs: “*um laço*”, o “*esterno*” e a “*zona respiratória*”.

No cartão IV reitera, com familiaridade, que “*é sempre o abominável homem das neves*”, e que mantém como escolha positiva, “*uma coisa engraçada*”. Enumera, como havia feito no primeiro momento e silenciado no segundo, os elementos da imagem (“*a cara, os pés, a bicicleta*”), porém já sem o carácter confuso desse primeiro Rorschach. Quando

procura a configuração do corpo, auxiliada por uma mancha coesa, como aqui, não há derrapagem formal, confusão ou parcialização. É apenas quando explora o interior do corpo em zonas diferenciadas da mancha que Petra se desorganiza.

Face ao cartão V, Petra convoca agora um animal novo, mais frágil, contudo portador de um simbolismo transformativo: *“uma borboleta”*. A evocação do outro animal, nas laterais, é titubeante, *“as coisinhas de um crocodilo, o as , a parte, a face”*, como se Petra começasse a pressentir a impossibilidade de sustentar num mesmo todo os dois objetos, mas não soubesse ainda como prescindir de possibilidades representativas para manter a coesão significativa.

No cartão IV repetem-se novamente os objetos anteriormente assinalados, *“uma pele de um animal morto”*, *“os testículos”* e *“os bigodes”*. No entanto, as representações são agora concisamente enunciadas, sem qualquer comentário adicional, procedendo Petra a uma separação entre a pele e os bigodes, na lógica de diferenciação e separação já observada no cartão II. Pela primeira vez este cartão surge como escolha negativa, justificada pela desvitalização da representação enunciada: *“uma pele de um animal morto. Não gosto propriamente”*.

No cartão VII a sequência inicia-se, como nos momentos anteriores, pela representação de *“duas raparigas a olharem-se ao espelho”*, a que se segue *“uma cauda de um animal”*, na saliência superior. Este elemento que, anteriormente, tinha podido ser integrado como *“penteado”*, surge agora novamente diferenciado e parcializado. No D inferior Petra representa novamente *“a parte do corpo”*, precisando em seguida *“a zona respiratória”*, no eixo. O interior é um lugar de passagem, de circulação, mas sem possibilidade de ser representado na sua especificidade. Concluindo a exploração do cartão, Petra figura uma representação nova, primeiro *“umas caras”*, sujeitas em seguida a um encobrimento: *“aquelas nuvens que têm formas, [...] é estranho, não tinha reparado, tipo parece aqui um olho e uns narizes”*. A indistinção dos conteúdos internos do corpo dilui a delimitação do continente/rosto, como indica no inquérito: *“não ter contornos específicos”*.

No cartão VIII, ao contrário dos Rorschachs anteriores, Petra começa por destacar os animais, *“dois porcos”* e só depois, no eixo, *“a parte do corpo humano, interior”*. A diferença na sucessão, e o facto de o corpo ter sido restringido ao eixo, permite atenuar a perigosidade que pairava sempre neste cartão e possibilita a constituição de uma nova imagem, que muito embora reflita uma representação regressiva do corpo, no contexto, é organizadora: *“umas*

árvores ou uma vegetação”, nos D centrais superiores. Petra pode então destacar o D inferior e, sem precisar formalmente, enunciar “*uns animais*”. Neste cartão o esforço de delimitação que está presente desde o início deste Rorschach foi mais operante, muito embora, na prova de escolhas, ressurgja, a partir da representação do corpo não integrada ou integrável com os restantes objetos, a vivência de perigosidade: “*o corpo humano, mas com animais à volta, [...] coisas mais mórbidas*”.

Face ao cartão IX, Petra representa, como anteriormente, “*umas lagostas*”, no laranja. Recupera, em seguida, a representação em G de um palhaço, que lhe permite não evocar o corpo e descobrir a possibilidade de dois outros animais, formalmente adequados, mamíferos fortes e poderosos: “*hipopótamos*” e “*elefante*”, respetivamente no verde e nos rosas. A separação entre uma representação global e os detalhes é eficaz, e o cartão deixa de ser selecionado como escolha negativa.

Finalmente, no cartão X, Petra volta a evocar “*uma festa*”, agora já destituída da evocação marítima que antes a acompanhava. Designa depois os diversos elementos dispersos todavia formalmente adequados, acrescentando alguns novos: “*sutiã*”, “*algas*”, “*ovos estrelados*”, “*leões marinhos*”, “*parte respiratória do corpo humano*”, “*ratos*” em duas localizações, e “*parte do corpo humano*” também em duas localizações. “*Aqui vejo festa, movimento, alegria, tem cor*”, explica, justificando novamente a escolha positiva, revelando mais uma vez que a dispersão do cartão lhe é agradável porque incluída num todo aberto, um continente afetivo e sensorial que não exige ordenação interna.

A combinação entre a análise das sequências associativas constituídas em face dos cartões e os dados sintetizados no psicograma (anexo 21) permite constatar a mobilidade dos processos de pensamento de Petra. Efetivamente, e sem deixar de reconhecer e até sublinhar as dificuldades de Petra no encontro com a situação Rorschach, observa-se que neste terceiro momento coexistem, com maior liberdade, processos dispersivos e integrativos. Assim, o ressurgimento de respostas de recorte pouco usual (Dd), a evocação de um detalhe oligofrénico (Do), a elevação das respostas formalmente imprecisas, propiciadas também por um maior peso da sensorialidade (há mais um CF relativamente ao segundo momento e mais dois EF), a maior amplitude de conteúdos evocados e o aumento significativo de respostas relativas a conteúdos parciais (mais dois Hd e mais cinco Ad) interligam-se com a configuração de novos objetos (aumentando novamente o número de respostas), revelando a possibilidade de reorganizar o seu encontro com a mancha; um encontro que é progressivamente mais comunicante, como indicia a elevação dos índices F+% e F+%a (que

se situam agora em valores que não deixam dúvidas sobre a possibilidade de reconhecer e respeitar as características perceptivas, reais, do objeto).

A observação dos conteúdos temáticos permite verificar que a preocupação com o interior do corpo permanece no primeiro plano (10 anatomias), persistindo o carácter vago observado no segundo momento (estas anatomias são maioritariamente respostas formalmente imprecisas); contudo, surgem agora três respostas que particularizam a “*zona respiratória*”, indiciando que a interrogação sobre o espaço interno passa agora a contemplar também os processos de circulação vivificante entre o exterior e o interior. Por outro lado, os conteúdos humanos parcializados evocados no cartão I e VII (ausentes nos momentos anteriores) têm como referentes órgãos sensoriais, de contacto (mãos, olhos, nariz), confirmando a possibilidade de começar a perspetivar um continente de dupla face, ao contrário dos momentos anteriores, nos quais se dicotomizavam duas formas de experimentar o corpo: a fronteira usada como delimitação em face do exterior (como surge nos K dos cartões III e VII desde o primeiro Rorschach), mas que perde a sua capacidade agregadora quando é explorada a interioridade (as anatomias dispersas, num primeiro momento disruptivas e desde o segundo Rorschach mais insaturadas). Esta maior tolerância à porosidade do continente corporal pode ser o resultado da emergência, mesmo que bastante frágil, de um eixo coeso, com funções de suporte e unificação dos conteúdos internos, como parece sugerir a representação de uma árvore no cartão VIII, ausente nos momentos anteriores.

Confirmando a reconfiguração da representação corporal, surge, sem hesitações, a constituição de uma “*borboleta*” no cartão V. Esta reconfiguração, mesmo que reverbere maior fragilidade, e provavelmente até por isso, é portadora de novas possibilidades integradoras (ainda que tateantes, já que com frequência contêm indícios da perigosidade que paira desde o primeiro encontro, ligada a animais fortes e agressivos na proximidade de conteúdos mais frágeis, como o crocodilo junto a esta borboleta). Assim, é possível a constituição de novas representações animais – os mamíferos, lobo, hipopótamo e elefante –, formalmente adequadas, nos cartões I e VIII, circunscritos pela parcialização, mesmo que se infiltre, por vezes, o risco oposto, a passividade da desvitalização (cartões I e VI). As defesas anteriormente referidas – desvitalização e desqualificação – são portanto ainda empregues, porém com menor intensidade e maior eficácia.

Concluindo, é inegável a dificuldade, dispersão e fragilidade psíquicas experimentadas por Petra em face do encontro com a situação Rorschach, desde o primeiro momento, mas é

inegável também o esforço, progressivamente mais operante, para fazer face a essa disrupção, e a emergência de maior capacidade integrativa e de uma maior tolerância à vulnerabilidade.

5.3.3 As terceiras histórias TAT

Neste terceiro momento, as narrativas de Petra em face do TAT (anexo 22) mantêm a tendência restritiva responsável por uma ténue legibilidade, já observada no segundo encontro, todavia emergem clarificações sobre as suas dificuldades, expressas através de comentários adicionais.

Petra inicia o encontro com o cartão 1 evocando a personagem, “*um menino*”. Imediatamente a seguir interrompe o curso associativo e, dirigindo-se a mim expressa o seu desconforto, procurando, embora tenuemente, elaborá-lo: “*Isto é muito difícil para mim Filipa. Se calhar é de eu não ter capacidade de fantasiar*”. Retorna, em seguida, ao material: “*É um menino que está a olhar para o violino, porque está estragado*”. Apesar de se manter a impossibilidade de usar o objeto, enunciada desde o primeiro encontro com o TAT e reiterada no seu comentário autocrítico, surge agora o uso do verbo olhar como indicio, ténue, de contacto, ausente nas respostas dadas nos momentos anteriores. Petra observa-se a observar, e pode dizer a sua dificuldade em fazer circular, internamente, o objeto, depositário da sua capacidade de fantasiar que considera danificada.

No cartão 5, Petra representa a personagem materna interrogando a interioridade – “*uma mãe que está a espreitar*” –, a sua ocupação – “*para ver se está alguém na sala*” – e atividade – “*ou o que é que se passa*”. O olhar sobre o espaço interior desencadeia uma ligeira inquietação – “*se alguém se está a portar bem*” –, sem que fique contudo a reverberar o mal estar que anteriormente pairava como “*preocupação*”. Ao recolher o cartão, Petra comenta que espera que eu “*tenha mais sorte com as outras grávidas*”, revelando que a inquietação se reporta ao sentimento de não encontrar dentro de si os recursos que julga necessários. Percebe-se, pois, que o “*portar bem*” não se refere a uma lógica de transgressão, mas ao sentimento de insuficiência na adequação às expectativas atribuídas ao objeto relacional.

Face ao cartão 6GF, Petra evoca novamente uma mulher que se sente “*apanhada em falta*” pelo “*marido*”, apesar de agora este se diferenciar da situação emocional vivida pela personagem feminina (ao contrário dos momentos anteriores de encontro com este cartão), ao não se revelar como instância crítica: “*não está assim com cara de reprimenda*”. A diferenciação introduz algo de novo, porém não é verdadeiramente usável porque não há

comunicação relacional entre as duas formas de experimentar o encontro entre o feminino e o masculino.

No cartão 7 GF, Petra tateia a representação de uma situação transitiva, “*uma rapariga que está a brincar com um boneco*”, de que se aproxima a outra personagem feminina indagando o conteúdo, “*a empregada está a tentar perceber o que é que se está a passar, se está a dormir, se está acordado*”. No entanto, a incomunicabilidade entre as personagens permanece, espelhada na referência à retirada através do sono, não permitindo a elaboração narrativa. A função continente aparece agora operante na sua dupla valência intra e intersíquica, muito embora não permita uma exploração enriquecida do encontro entre as personagens femininas e entre Petra e o material.

Face ao cartão 19, persiste a referência ao continente ilusório e perigoso do imaginário infantil: “*isto faz-me sempre lembrar a aquela casa (ri) de chocolate da Hansel e do Gretel*”, inscrevendo-se uma tentativa de distanciamento “*nas montanhas, que é assim uma coisa mais fantasiosa*”, que se revela ineficaz conduzindo ao corte do curso associativo: “*mas... nada de especial*”. O continente delimitador surge pois estabilizado, mantendo uma certa carga de perigosidade que surge, ainda assim, circunscrita já não pela estaticidade mas pela exploração do meio envolvente enquanto segundo continente.

A análise das narrativas de Petra revela a persistência do padrão de encontro com o material observado no segundo momento: as narrativas continuam organizadas em torno da experiência subjetiva das personagens, fortemente coartadas na expressão pelo peso da restrição, que não permite mais que uma identificação e descrição vaga de uma cena estaticizada, na qual qualquer conflitualidade é apenas presentida, de forma ambígua, e nunca exposta e explorada. No entanto, emergem, mesmo que apenas subtilmente, clarificações das suas dificuldades através dos recurso extra-narrativos, como assinalado na análise das sequências associativas: Petra sente-se sem recursos internos para estabelecer uma relação criativa e comunicante com o material. Esta capacidade, mesmo que ténue, de se dizer, tem como efeito a emergência, ainda que muito embrionária, de diferenciações inter-relacionais que não chegam a ser exploradas mas que são enunciadas (cartões 6GF e 7GF). É também significativo o facto de o clima afetivo geral já não ser marcado pelo pontuar subtil de verbalizações de mal estar (a frustração, preocupação e desinteresse), tornando-se neutro. Como se Petra, como as suas personagens, se encontrasse em suspenso, à espera de clarificação: olhando (cartão 1), espreitando (cartão 2), tentando perceber o que se passa (7GF).

No final do encontro, Petra é convidada a falar sobre a sua participação na investigação. Diz: *“foi engraçado, também obrigar-me a pensar sobre o que é que tinha acontecido, como é que eu vivia as situações, e poder, poder falar sobre elas, sem me estar a julgar se eu estou a fazer o que é suposto, o que não é suposto, estar à vontade para dizer tipo não, não estou a gostar de estar grávida, mas não faz mal”*. Imaginou, inicialmente, que *“era tipo uns questionários rápidos e, sei lá, perceber se estamos a gostar de ser, de estar grávidas”*. Este lapso (ser/estar grávida), também ocorrido por vezes durante as entrevistas, revela como o esforço por repor a continuidade esbarra com dificuldades na diferenciação entre a sua identidade e o processo que a convoca a transformar-se. Acrescenta que não gostou da *“parte do Rorschach e do TAT”*, *“mas percebo que para si seja importante”*. Assinala também que gostou de eu ter sempre para ela uma taça com pequenas bolachas (*“são ótimas”*) e um sofá confortável, que considera importante para se sentir bem neste local. Diz, desta forma, como experimentou os nossos encontros como um lugar onde podia vir falar da gravidez comigo, objeto diferenciado (para mim os testes são importantes, para ela não), aberto, tolerante, organizador e confortável.

Depois de desligar o gravador ofereço-lhe uma pequena prenda, para o bebé, como agradecimento da sua participação. Abre enquanto vai falando comigo. Pergunta como está a correr a investigação e, mais diretamente, pergunta-me pelas outras grávidas, como está a ser a experiência delas. Digo que são sempre diferentes e nunca simples. Parece-me ficar aliviada. Peço que se quiser me diga quando nascer, ela ri e diz *“quer saber o sexo”*, eu rio e digo que sim, que tenho curiosidade.

Três semanas depois recebo uma mensagem, emotiva e próxima, em que Petra fala de um *“turbilhão de emoções”* e de amor, anunciando que é uma menina.

5.3.4 Petra em transformação no terceiro trimestre

No terceiro trimestre, a gravidez, enquanto objeto psíquico, é sujeita a um intenso trabalho de ligação que reduz progressivamente, embora com sobressaltos, a inquietação, abrindo um espaço de expectativa insaturada sobre o futuro. Na mente de Petra, os processos dispersivos (PS), menos tolerados e mais disruptivos – que persistem sobretudo na primeira parte da entrevista em torno da ideia de um bebé que não está a crescer, e nas dificuldades e

inquietações suscitadas pelo encontro com o material projetivo – vão sendo elaborados, dando lugar a esboços integrativos (D), suficientemente organizadores para transformarem essa dispersão num espaço tolerante, curioso, aberto – evidenciado, na entrevista, pela verbalização da sua maior tranquilidade, pela forma como aceita as transformações corporais ou pela sequência onírica, no Rorschach pela possibilidade de realizar novas explorações do objeto-mancha e pelos índices de uma maior mobilidade e, no TAT, no reconhecimento e clarificação das suas dificuldades concomitante com um clima afetivo mais neutralizado. O terceiro trimestre revisita e condensa assim o percurso de toda a gravidez, o primeiro momento mais desorganizado e o segundo de gradual esboço integrativo, acrescentando agora o tatear de um espaço de dúvida insaturada mas disponível. Desta forma, o campo psíquico é palco de processos de oscilação PS(\leftrightarrow D) com predominância de PS, uma vez que o trabalho em D se constitui como ponto intermédio, ponto de passagem transformativa de PS de valência mais desorganizada para PS mais tolerante ao não saber.

As narrativas do terceiro trimestre, consideradas a partir do vértice da relação ♀♂, dão conta de uma interação progressivamente mais desimpedida. Num primeiro momento, o ♀ é experimentado como fragilizado, pouco coeso, insuficientemente operante, face a ♂ disruptivos e/ou tóxicos, que são postos a circular no seu espaço psíquico através do contacto com ♀ relacionais não recetivos ou intrusivos. Isso mesmo é testemunhado pela desorientação em face das consultas no início do trimestre e em face do anúncio do irmão, assim como pela dificuldade sentida e verbalizada do primeiro cartão quer do Rorschach, quer do TAT, ou a perigosidade do ambiente do cartão 19 do TAT. Contudo, esta falha da função ♀ pode ser superada pelo recurso a ♀ relacionais organizadores. ♀ que se diferenciam dos anteriores por oferecerem um espaço acolhedor, cuidador, provedor de ♂ suficientemente organizados, mas também insaturados, em suspenso: como aqueles que a sua mãe prepara, ajudando-a a preparar-se, ou aqueles que, no cartão 7GF do TAT, a personagem mais velha tateia, ou ainda patente no reconhecimento e valorização, no final do encontro, de uma escuta tolerante que verbaliza como confortável nas nossas entrevistas. Petra pode então manusear, através de dilatações e contrações – evidenciadas, na entrevista, na escolha dos nomes e na restrição das visitas, na descrição em torno das transformações corporais, que se refletem na reconfiguração da representação corporal no Rorschach –, os diversos ♂ da experiência no seu espaço mental, permeabilizando-o, tornando-o recetivo e expectante – como condensado na sequência onírica relatada, ou na suspensão expectante que se observa no TAT –, mesmo que sempre temeroso de novas disrupções.

A relação ♀♂ é agora organizada predominantemente por aproximações suportadas pelo vínculo L, como revelado pela qualificação do trabalho como “interessante”, pela aproximação identificatória à sua mãe, pela aproximação afetiva observável na sua sequência de sonhos, ou como é indiciado pela possibilidade de renovar o encontro com o Rorschach, com maior mobilidade e pelo surgimento de uma temática de contacto, assim como pela possibilidade de um esboço transitivo no cartão 7GF do TAT. No entanto, este investimento é alvo de um certo velamento, sendo sujeito a uma restrição, observável sobretudo nas provas projetivas e no TAT em particular. Este velamento dá conta das intermitências de K, que toma um valor sobretudo interrogativo, como que em suspenso: como o quarto, impessoal, todavia expectante, como o desejo não assumido de que seja uma menina, como a possibilidade de expressar as suas dificuldades no Rorschach e no TAT, permitindo um encontro mais rico, embora marcado pela imprecisão. O vínculo H emerge por vezes com intensidade, porém muito circunscrito às experiências relacionais mais disruptivas nas quais se concentra, agora, o mal estar: face à médica que, sente, a trata como se fosse louca, face ao irmão, nas respostas Rorschach e TAT que trazem, desde o primeiro trimestre, a marca da disrupção, mas que agora são mais circunscritas.

Em síntese, no terceiro trimestre, a experiência da gravidez é manuseada, por Petra, como um objeto transformacional, um objeto que mobiliza o seu pensamento, convocando-a a aproximar-se de uma postura de receptividade expectante e insaturada. Um objeto que a incita a crescer, interrogando as fronteiras entre ‘ser’ e ‘estar’, promovendo novas ligações entre os tempos da sua história psíquica e os espaços relacionais em que circula. O reconhecimento, tolerância e apaziguamento da dor mental suscitada pela experiência permitem a transformação, incompleta contudo em curso, da inquietação numa interrogação sobre a experiência futura.

Concluindo, Petra percorre, ao longo da gravidez, um caminho árduo de alfabetização da experiência. A dor é, durante todo o percurso, reconhecida e assumida, mas só a partir do segundo trimestre começa a poder ser contida e elaborada. É a partir das intervenções dos seus objetos relacionais que Petra tolera e investe, progressivamente, a experiência, interrogando o seu impacto e o seu significado: inicialmente recebida com estranheza, como pensamento impensável, como irredutível não-eu, a gravidez torna-se posteriormente num pensamento vivo e movente sobre o processo de flexibilização do seu espaço psíquico e de

religação à sua história, podendo finalmente abrir-se, com expectativa e já não apenas receio, ao encontro de uma nova transformação que o parto trará.

6. REBECA

*Passados os tumultos e o deserto
Beijados os fantasmas, percorridos
Os murmúrios da terra indefinida*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Rebeca tem 25 anos quando nos encontramos pela primeira vez. Vive em Lisboa, com o namorado, Samuel, com quem está prestes a casar. É investigadora na área das ciências naturais. A investigação foi-lhe dada a conhecer por uma amiga, logo nas primeiras semanas da gravidez. Contacta-me quando está com 10 semanas, por e-mail, disponibilizando-se a participar e fornecendo o seu contacto telefónico.

6.1 Primeiro encontro: 12 semanas

Entro em contacto com Rebeca para marcarmos a primeira entrevista. Informo-a sobre o número de encontros que serão necessários e a duração média dos mesmos, e disponibilizo-me a encontrar-me com ela onde lhe for mais conveniente. Escolhe encontrar-se comigo no local de que disponho para as entrevistas, marcando, sem hesitações, o dia e a hora e sem fazer qualquer pergunta adicional.

No dia combinado chega, precisamente, à hora marcada. Vem pelas escadas, com ar decidido, mas revelando alguma timidez quando me vê. Tem um ar bastante jovem. Pergunto se prefere sentar-se no sofá ou junto à mesa, e opta por esta última. Rebeca tira da sua mala uma garrafa de água de litro, que coloca na mesa, ao lado da garrafa de água e da taça com biscoitos que eu aí tinha disposto para ela. Entrego-lhe a carta de consentimento informado, que assina sem ler, perguntando apenas se basta o primeiro e o último nome. Ao longo da entrevista bebe água pela sua garrafa enorme, não olhando muito para mim. No entanto, quando fala parece à vontade. É-me fácil conduzir a entrevista, que decorreu como uma conversa, encadeada e ritmada.

Neste preâmbulo do nosso encontro verifica-se a coexistência de movimentos de aproximação e de resguardo. Rebeca trata a situação de apresentação da investigação, a marcação do nosso encontro e a carta de consentimento informado com familiaridade, até porque ela própria é investigadora. Nesse sentido, sente e usa a situação como próxima e

familiar. Ao mesmo tempo reserva-se, resguarda-se, através da espera por uma data segura para entrar em contacto comigo (as 10 semanas), da provisão de água que traz e da rejeição daquela que silenciosamente ofereço, e da timidez que pressinto inicialmente e confirmo ao longo da entrevista.

6.1.1 A primeira entrevista

A narrativa de Rebeca inicia-se pela expressão direta da dificuldade que sente em manusear, psiquicamente, a experiência da gravidez: “*tem sido complicado, chato, desconfortável [...] é exaustivo*”. A sequência associativa subsequente é difusa, repleta de enunciações contraditórias, como se Rebeca procurasse aproximar-se da experiência sem nunca a conseguir designar, circunscrever e fixar. Assim, diz diversas vezes não ter “*enjoos*”, tantas quantas se diz “*enjoada*” depois das refeições, queixa-se de “*fome*”, mas também de se sentir “*cheia*”, conta que teve “*umas perdas de sangue*”, que se revelaram ligadas a uma infeção urinária e que a levaram “*às urgências*”, mas desvaloriza dizendo não há “*nada a apontar*” e que “*até ao momento está tudo bem*”. O corpo é desta forma usado para expressar o carácter excessivo da experiência, que Rebeca diz através destas polarizações extremas e inconciliáveis. Esgotada por este trabalho intenso retira-se com igual intensidade: “*dormia em qualquer lado, e sempre*”, num sono sem sonhos. Como única exceção Rebeca evoca um “*sonho estranho*”, contudo irrecuperável, “*não me lembro [...] nem vale a pena, não vou chegar lá*”. Rebeca não consegue circunscrever a estranheza da experiência, e nem o trabalho exaustivo de perscrutação dos contrastes da mesma, nem a retirada intensa conseguem conter a dispersão.

A gravidez não foi programada, esclarece Rebeca, embora quisesse “*muito ter um filho*” e planeasse engravidar no ano seguinte, depois de casar. Conta, também, que há não muito tempo tinham já “*apanhado um susto*”, revelando uma disponibilidade agida e não mentalizada, e por isso frágil e perturbadora. A experiência presente apresenta-se, pois, como condensação da inquietação dita no passado e do desejo projetado no futuro. Rebeca revela, desta forma, que a gravidez se inscreve num terreno psíquico incerto, instável, hesitante. Nos diversos episódios relatados – o momento da descoberta, o anúncio, as consultas ecográficas, a procura de nomes – é observável, simultaneamente, o reverberar desta insegurança mas também a operação desse trabalho psíquico “*exaustivo*”. Um trabalho de transformação, relatado sempre a dois tempos, capaz de reduzir a inquietação provocada pelo encontro com a

experiência e tatear o investimento da mesma, embora sempre inscrito numa lógica de contrastes abruptos que deixa entrever a fragilidade com que Rebeca se confronta.

O momento em que se descobre grávida é descrito como “*estranho*” e “*doloroso*”. Rebeca fez o teste acompanhada por Samuel e em seguida foi-se deitar porque, explica, “*não quis saber o resultado*”. “*Tapei a cabeça e só pensei o que é que vai ser. Porque apareceu logo. Que era positivo. E fiquei muito assustada*”. Sabendo sem querer saber, Rebeca retira-se, recolhe-se, ensaia uma recusa, mas simultaneamente reconhece o impacto e desloca para Samuel a possibilidade de investir e de manter a continuidade psíquica: “*o Samuel ficou super feliz e estava radiante [...] ele aproveitou o momento e eu não*”. A sequência explicita a progressiva apropriação da experiência, primeiro tomada como elemento não assimilável, “*estranho*”, passando depois a poder ser reconhecido o impacto “*doloroso*”, o que abre a possibilidade de começar a ser integrada e investida, mesmo que de forma descontínua, ainda titubeante.

É assim que Rebeca conta que nos primeiros dias se sentiu convocada a uma transformação radical – “*é duro pensar tudo o que temos de mudar na nossa vida*” –, fragilizante – “*fiquei com muito medo de contar aos meus pais*” – e empobrecedora – “*vou perder de certeza oportunidades*”. Gradualmente a transformação a que é solicitada começa a poder ser contida – “*não é preciso dramatizar, um filho não vem empatar, vem dificultar, vem dar mais trabalho, mas não vai empatar nada*” – embora de forma algo excessiva, que resulta numa apreensão da temporalidade como sucessão de investimentos contrastantes e mutuamente exclusivos – “*comecei a perceber que só parava quatro meses [...] quando acabar a fase de amamentação da criança, quando tiver os seus um ano eu posso sair do país na mesma, e ele fica com o pai, o pai que cuide, e depois acontecerá o mesmo, o Samuel quer ir para fora [...] portanto eu fico com a criança*”.

O anúncio da gravidez é relatado em dois tempos, “*até aos três meses*”, em que partilha a notícia com os pais, sogros e alguns familiares e amigos próximos, e depois desse marco, “*o dia em que fiz três meses e o dia em que recebi o resultado da ecografia e das análises*”. Durante a primeira fase “*tinha receio de chegar ao pé de toda a gente para dizer estou grávida, e depois acontecer alguma coisa, e então tentei não, não contar e manter as coisas mais escondidas*”, explica Rebeca. Há pois um tempo de recolhimento, de receio e de espera, que coincide com o tempo em que progressivamente acolhe a experiência. Por isso Rebeca valoriza esse espaço mais contido em que pôde começar a manusear a ideia da gravidez na intimidade, “*foi bom ter aquele segredo [...] coisas que nós guardámos e*

tentámos lidar com elas, junto com os nossos pais”. Num segundo momento, abruptamente, o receio é substituído por uma segurança excessiva – *“dizer com certezas, vai tudo correr bem, vou ser mãe”* – que, permitindo uma partilha mais alargada, a deixa também mais exposta – *“a partir de agora [...] toda a gente vai dizer olha a mamã, olha o papá, e acabou-se aquela intimidade só nossa que nós tínhamos, que éramos só nós a tratarmo-nos assim”*. O segundo tempo do anúncio é experimentado como um alargamento excessivo do continente, de que se defende através da negação, ineficaz, da vulnerabilidade que ainda experimenta: a gravidez antes incerta passa a maternidade indubitável, porém a fragilidade do processo de integração reemerge no desapossamento da operação íntima, recolhida e contida de significação.

O relato sobre as situações ecográficas é marcado pela mesma lógica contrastante: *“a primeira foi assustadora [...] a segunda foi emocionante”*. Na primeira ecografia, realizada às sete semanas quando se dirige às urgências devido a uma hemorragia ligeira, Rebeca está sozinha, sem Samuel sentindo-se *“muito receosa”*. *“Eu nunca tinha feito, não sabia o que é que era, não sabia o que é que ia ver [...] fiquei a olhar, mas está tudo bem eu não percebo o que é que se passa aí [...] o que se vê é uma bola preta e uma coisa no meio a fazer. Não se vê nada, só se vê o batimento cardíaco, mesmo. Um movimento lá dentro, é difícil perceber”*. A ecografia é inquietante porque a coloca em face do desconhecido, de um interior obscuro, aproximando-a abruptamente do conteúdo da experiência, sem qualquer suporte continente (figurado na ausência de Samuel e na evocação de um movimento sem objeto ao qual ser reportado). A médica opera uma tradução que apazigua Rebeca, permitindo-lhe tolerar a dispersão com que se confronta: *“o coração está a bater, portanto até ao momento parece tudo bem, não há nada que indique que o bebé não esteja seguro, que não esteja estável [...] saí de lá descontraída e pensei: bom, já bate não é mau”*. Paire, em todo o relato, a indefinição, a incerteza, a insegurança, que quando mais tolerada é dita na negativa.

Na segunda ecografia, Rebeca, agora acompanhada por Samuel, conta que *“foi diferente [...] ver um bebé perfeito [...]. Vê-se tudo [...]. Quando a senhora nos disse ‘tem cinco centímetros’, nós pensámos tem cinco centímetros assim?! Impossível, não pode! Uma coisa com cinco centímetros não pode estar tão definida. Mas está. E vê-se tudo e mostraram-nos os vasos, a passagem do sangue do cordão umbilical da mãe para o filho”*. A visibilidade e a definição daquilo que é, para Rebeca, invisível e indefinido, a imposição, demasiado concreta de um vínculo que ainda tateia, são sentidas como solicitação excessiva (*“um bebé perfeito”, “vê-se tudo”, “impossível”*) que rompe, momentaneamente, as membranas psíquicas, originando uma representação parcializada, bizarra que passa, sem

transição, do exterior ao interior, sem continente: *“a cabeça os braços, já se distingue o nariz, já se vê a distribuição das placas no cérebro”*. No entanto, poder partilhar com Samuel este momento permite uma integração ténue do que foi sentido, do impacto da experiência: *“são coisas que nós nunca pensamos antes de ver [...] tocou-me muito e penso que a ele também [...] saímos de lá os dois completamente patetas, cinco centímetros”*.

Num momento posterior da entrevista clarifica o que a perturbava neste encontro ecográfico: *“eu estava muito assustada, eu trabalho [...] com produtos perigosos [...] especialmente de inalação, nós não sentimos o cheiro dessas coisas, mas o facto de trabalharmos com elas [...] pode causar más formações no feto, e estava em pânico; a toxoplasmose, porque [...] eu não sabia que estava grávida e comia salada e morangos e fruta com casca”*. O fantasma, assumido como quase realidade, invisível mas penetrante e tóxica, fá-la viver este primeiro trimestre retraindo o investimento, tornando o processo de acolhimento da experiência inquietante. A descontinuidade refletida nas oposições binárias a que sucessivamente recorre para relatar a sua vivência ganha assim maior clareza: investir a experiência é perigoso, porque a coloca em face de um interior cuja capacidade criativa teme estar contaminada pela sua incapacidade de reconhecer e tolerar o desconhecido que a gravidez impõe. *“A partir do momento em que a médica me disse está seguro, está tudo bem [...] o bebé está saudável, dentro do que se pode ver nas 12 semanas [...] tem uma gravidez normal, a partir daí eu saí e apeteceu-me contar ao mundo ‘estou grávida’ e comecei a ver coisas para criança, foi um alívio”*. Não encontrando, em si mesma, a segurança necessária para conter a inquietação que vive, fica dependente de um veredicto externo, que por o ser não é suficiente para possibilitar um processo verdadeiramente integrador, mesmo que consiga reduzir o seu desassossego.

“Queremos um menino”, diz Rebeca, que sempre que esboça um movimento de investimento mais claro ou o desloca para Samuel, ou o assume no plural. Interrogada sobre esta preferência, diz: *“não tenho jeito para coisas femininas [...] sempre fui muito maria- -rapaz [...] sinto-me mais segura [...] mais nesse ambiente [...] nunca tive meninas à minha volta”*. A diferença tornada familiar e próxima, segura, e a semelhança tornada desconhecida e não usável é mais uma instância da forma como, psiquicamente, Rebeca experimenta a gravidez como vivência contrastante, mesmo paradoxal. Prosseguindo no mesmo caminho, explica que apesar desta preferência *“só temos nome para menina”*, reconhecendo no entanto a dissonância: *“é estranho”*.

Contudo, é quando explora esta questão da escolha do nome que Rebeca se expressa de forma mais clara e elaborada: *“Para mim o nome tem que fazer sentido [...] eu tenho que ouvir e pensar, é este. Como Matilde. É um nome que eu gosto e sempre pensei, e sempre me fez sentido, não sei, imagino-me a chamar Matilde a uma filha minha, Matilde vem cá”*; para rapaz *“está uma incógnita, está difícil, mas temos seis meses, até lá conseguimos encontrar algum nome que diga alguma coisa aos dois”*. Na verdade há um, *“António”*, de que ambos gostam, mas como *“não queremos diminutivos [...] está um bocadinho fora de questão [...] Adoro o nome e imagino-me a chamar António a um filho meu”*. O nome é assim descrito como lugar do imaginário, da subjetivação, do vínculo. Continente de um conteúdo investido, partilhado com Samuel, um continente ainda aberto, em transformação. É através do nome que Rebeca pode expressar o carácter incógnito da experiência, reconhecendo a dificuldade da transformação que psiquicamente é convocada a operar, porém contendo-a através da sua inscrição na temporalidade.

O corpo, enquanto reflexo do continente psíquico desta experiência de transformação, é perscrutado em busca de sinais, todavia estes são demasiado ténues, pouco definidos, como é a gravidez na sua mente: *“as alterações da gravidez é o corpo, neste momento, as hormonas e o ver crescer o bebé [...] os cuidados que tenho de ter, cremes e tudo o mais”*, *“já engordei três, dois quilos, e... é estranho, algumas coisas são estranhas. Eu visto a minha roupa toda normal [...]. Mas custa, há coisas que custa quer dizer, eu tinha os abdominais definidos [...] não alarguei na anca, o peito está maior mas também não é nada de mais, os braços, está tudo igual, só a barriguinha é que já, já quase se nota, de resto está tudo, a roupa serve-me toda, os sapatos tudo. [...] E os pelos também, na barriga, até ao umbigo (ri) faz um carreirinho que não tinha, e faz-me um bocadinho de diferença”*. O relato de Rebeca revela um corpo escrutinado, contudo incompreendido, diferente, estranho, sucessivamente coberto (por cremes, roupa, sapatos, pelos), como se através do reforço da pele psíquica quisesse conter a experiência cujo apelo é precisamente o inverso. O encontro entre esses dois movimentos resulta num discurso marcado pela intensidade e pela dispersão, denotando a turbulência experimentada pelo seu espaço psíquico.

Esta inquietude difícil de circunscrever é diretamente expressa por Rebeca que se diz *“perdida muitas vezes”*, *“insegura”* em face de informações avulsas, dispersas, *“pormenores”* sobre o que pode e não pode fazer, o que pode ou não ingerir. *“Tenho um caderno sempre comigo onde todas as dúvidas que eu tenho eu assento para perguntar à médica [...] Não sei se sou eu que estou mal preparada e não li o suficiente sobre a gravidez, e que não sei o que*

fazer na gravidez. É confuso porque a médica explicou-me tudo e diz, disse-me tudo, 'não podes comer isto, não podes fazer isto e isto'. Mas, todos os dias, na minha rotina do dia a dia, [...] aparecem coisas diferentes". Rebeca representa-se pois como um continente inseguro, hesitante sobre se possui os recursos necessários para acolher a experiência, para tolerar a dispersão a que continuamente é remetida.

Samuel, os pais, os sogros, a médica obstetra, as médicas das consultas ecográficas e um grupo anónimo e indiferenciado, "*as pessoas*", são as personagens que intervêm na sua narrativa.

Samuel é a figura de contraste que Rebeca usa para dizer a sua dificuldade para acolher a experiência: é ele que tolera a espera do resultado do teste de gravidez quando ela se retira, não querendo saber o que já sabe; é ele que fica "*super feliz*" e "*aproveita o momento*", ao contrário dela que fica "*muito assustada*"; e é ele que anuncia a gravidez "*a toda a gente*", enquanto Rebeca a silencia com receio de a gravidez não estar "*segura*". Nessa medida, a relação com Samuel reflete os contrastes através dos quais vai procurando designar o impacto excessivo da experiência no seu espaço psíquico. Samuel é depositário da possibilidade de acolher e investir a gravidez, uma possibilidade a que Rebeca vai acedendo, mas que não sustém ainda no seu espaço psíquico. Assim, é-lhe fundamental a proximidade de Samuel, que enfatiza através do uso recorrente do plural para falar das suas vivências, e que expressa diretamente: "*tê-lo ao meu lado é o mais importante neste momento*". A sua ausência na primeira ecografia foi para Rebeca penosa, deixando-a sozinha com a sua incapacidade para compreender aquilo com que se confrontava. "*É tudo uma bola entre nós os dois*", diz Rebeca a dada altura, dando a ver a forma como nesse espaço interpsíquico se joga, se projeta, se manuseia uma experiência ainda instável e de difícil digestão.

Os pais de Rebeca, bem como o pai de Samuel, ocupam uma função similar, embora menos significativa. Ao contrário, a mãe de Samuel aparece como reflexo da vivência de Rebeca. Isso mesmo é observável quando narra o momento em que anunciam a gravidez: "*os meus pais ficaram radiantes. Nenhum deles mostrou desapontamento, podiam mostrar obviamente, como eu não me senti à vontade quando descobri que estava grávida, eles também podiam ter esse momento, [...] foi muito importante porque senti que tinha apoio*". Quanto aos pais de Samuel, diz Rebeca: "*O pai aceitou, a mãe não. A mãe ficou muito reticente por vários motivos [...] agora está toda feliz e só fala nisso. Também acho que foi uma reação momentânea, assim, foi o choque em parte*".

Rebeca procura usar as personagens médicas, que encontra nas consultas obstétricas e ecográficas, como auxiliares da sua função continente, procurando que a ajudem a diminuir a sua toxicidade interna e a promover a inscrição da experiência. No entanto, o seu uso destas personagens é de tal forma literal que, embora essas funções sejam operadas, o contacto acaba por dar também origem a elementos estranhos, não digeridos, não integráveis. Assim, por exemplo, o veredicto da médica que faz a segunda ecografia é essencial para apaziguar o receio de más formações fetais e impulsionar o investimento da experiência; mas o uso da informação é tão concreto, tão pouco processado, que o facto de ser assinalado, pela médica, que o feto tem apenas cinco centímetros torna-se um elemento essencial, repetido à exaustão, porém desconectado do todo de que deveria fazer parte, manifestando-se através dele a fragilidade que supostamente havia sido afastada. O mesmo ocorre relativamente à médica obstetra, que procurando contê-la diz a Rebeca: “*escreve tudo, tudo o que tiveres dúvidas, [...] e depois fazes-me as perguntas, eu estou cá para te responder*””. Mais uma vez o uso literal, pouco processado da função diminui o seu potencial organizador. Rebeca é assomada por dúvidas, que anota obedientemente, procurando minimizar a confusão, sem grande sucesso porque esta reemerge quotidianamente: “*são tudo coisas que, eu tenho o meu caderno de apontamentos e tenho que escrever porque, não sei, sinto-me confusa e não sei [...] são coisas que acontecem todos os dias*”.

Finalmente, o grupo indistinto das “*pessoas*” que é usado para dizer precisamente essa intromissão desorganizadora que a dispersa e confunde, dificultando a subjetivação da experiência: “*as pessoas mandam aqueles conselhos, aqueles, aquelas, não sei, ideias ao ar e eu sinto-me muito na dúvida em muitas coisas*”. Em suma, as personagens de Rebeca refletem, através quer de espelhamentos, quer de contrastes, as dificuldades que experimenta na apropriação subjetiva da sua gravidez.

No grupo de intervisão foi assinalada a procura incessante de Rebeca de nomes para designar a sua vivência, através de uma exploração exaustiva de dimensões contrárias. “*Está a tentar dar um nome que ela não reconhece e fica desarmonioso*”, foi sintetizado por um dos membros do grupo. Neste excesso de procura perde o acesso à sua vivência mais íntima, perde a continuidade psíquica espaço-temporal e surge, aos olhos do grupo, como imersa numa atividade incessante e excêntrica. Foi também notado que eu dava, com mais frequência e intensidade que o habitual, referências relativas às entrevistas posteriores, procurando assim clarificar o encontro presente. Como se eu procurasse criar a narrativa que Rebeca não

consegue organizar. Mas também como se, tal como Rebeca, não conseguisse suportar a disrupção do presente e precisasse de referências outras para segurar, fixar, neutralizar a inquietação.

6.1.2 O primeiro Rorschach

Rebeca revela, ao longo deste primeiro encontro com a situação Rorschach (anexo 23), a sua dificuldade em manter uma distância equilibrada face ao objeto-mancha e, consequentemente, em estabelecer uma comunicação fluída entre o seu universo interior e o material. Desta forma, é assinalável, desde logo, a ausência de tempos de latência propiciadores de uma elaboração silenciosa, ausência que denuncia a impossibilidade de tolerar a dispersão a que é convocada (na maioria dos cartões esse tempo de latência inicial não existe, precipitando-se imediatamente uma resposta; nos casos em que ocorre, esse tempo não se revela organizador, exceto no caso do cartão IX). É igualmente relevante o facto de Rebeca, sistematicamente, designar as representações constituídas como se procedesse a uma descodificação, a uma identificação formal ao invés de um processo de significação: a maioria dos objetos são designados sem qualquer introdução que ateste a sua base interpretativa, as hesitações são sempre reportadas a uma incompatibilidade na colagem da mancha ao objeto evocado e não a diferentes possibilidades imagéticas, e mesmo o uso da expressão “*parece-me*” é sempre procedido de uma insistência nos aspetos formais/ perceptivos da mancha enquanto justificação da construção realizada. É ainda significativo observar que o conjunto do protocolo é marcado por uma excessiva verbalização em torno das respostas que não serve um fim transformativo, já que não corresponde à produção ou elaboração representativa (não se traduzindo em respostas cotáveis, nem enriquecendo as imagens comunicadas), revelando assim um trabalho psíquico árduo, todavia pouco fecundo.

“*Isto não vai ser fácil*”, confessa Rebeca em face do cartão I, dando imediatamente conta da dificuldade em manusear a experiência que lhe é proposta. Os dois polos colocados em tensão, mas também solicitados ao encontro comunicante pela instrução, o real e a fantasia, são tomados como dimensões mutuamente exclusivas, como esclarece Rebeca através da interrogação que formula: “*estamos a falar do que é que eu poderia ver aqui, ou do que é isto poderia ser literalmente?*”. Depois da repetição da instrução, mantendo e assinalando a tensão, Rebeca torna clara a sua dificuldade em subjetivar o encontro, em ultrapassar a realidade concreta e por transformar da mancha: “*imagino uma folha dobrada ao meio que levou tinta, dobraram-se e ficou igual de um lado ao outro, porque fez, a tinta*

espalhou-se da mesma maneira pelas duas partes da folha". Convido-a então a "imaginar", procurando enfatizar o polo interno, e Rebeca consegue enfim iniciar um esboço representativo, integrativo, primeiro hesitante, indefinido, "um animal, um animal tem aqui as patas", a que se segue a constituição de dois animais inteiros, invertebrados, corretamente apreendidos: "uma borboleta" e "um escaravelho". A borboleta é apreendida a partir da configuração lateral da mancha, "as asas", que quando explorada ao pormenor origina alguma hesitação: "parece ser a membrana, que é a membrana neste caso associada aos morcegos, mas pronto, parece ter aquelas ramificações da borboleta". Ao contrário, o escaravelho, resulta da centração no eixo central da mancha, "depois olhando vê-se as pinças [...] é mais associado ao escaravelho, é um animal de quatro patas". A sequência dá conta da dificuldade de Rebeca em se apropriar de forma criativa do encontro com o objeto-mancha. A submissão ao perceto (a mancha e o objeto representado enquanto realidade concreta) não permite um uso liberto da imaginação, que fica aprisionada a pormenores. Estes, ao invés de operarem como factos selecionados propiciadores de significação, geram incerteza sobre o continente, impedindo o manuseamento interno da representação. Ambas as representações dão conta de uma vivência de fragilidade (são animais invertebrados e, nos dois casos, a configuração é colocada em dúvida), ligada a processos de transformação (uma vez os dois que se associam, simbolicamente, a ciclos de transmutação).

Face ao cartão II, Rebeca não consegue constituir nenhuma resposta cotável. Os comentários que produz assinalam a mesma dificuldade em entrelaçar a realidade do objeto e a realidade subjetiva: "qualquer pessoa devia olhar para aqui e imaginar qualquer coisa. Eu continuo a imaginar uma folha dobrada ao meio... E sinceramente não identifico nenhum animal". O verbo imaginar é usado por Rebeca para descrever a apreensão concreta, dessubjetivada do material, e o verbo identificar é usado para descrever uma operação de significação que não consegue realizar; dá assim conta da ausência da boa distância face ao objeto-mancha, aquela que permitira a constituição de uma representação. Na prova de escolhas o cartão é selecionado como escolha negativa, e neste momento Rebeca dá a ver o movimento inverso, a invasão fantasmática que perturba a apreensão formal, levando à construção de uma representação "disforme" e inquietante, uma representação humana destituída da sua humanidade, emergência de uma agressividade crua, primitiva e incontida, que retorna sobre a própria imagem atacando-a e desfigurando-a: "uma espécie humana, portanto não associado ao ser humano, mas uma coisa muito abstrata, muito disforme [...] aqui com a boca e estes pequenos riscos parecem os dentes, mas não associo à humanidade

[...] *algo fora da nossa parte comum que nem a nenhum animal associo, [...] sinceramente parece-me deficientes, associado a uma imagem de pessoas humanas deficientes, e não é bom*". Este é o lado inverso da dificuldade de subjetivação de que Rebeca dava conta na passagem espontânea através da recusa: a impossibilidade de representar, ou a representação da desumanização, da distância, do desligamento. Em ambos os casos, a função continente é seriamente comprometida.

No cartão III, Rebeca figura, imediatamente, "*duas pessoas [...] a fazer algo em comum*". A representação humana permanece indefinida, embora haja, no inquérito, um movimento de identificação sexuada, mas que Rebeca logo abandona: "*o corpo, da pessoa, dele, das pessoas*". A imagem é paralisada através da sua transformação, algo arbitrária, em "*quadro*", justificada pela identificação de "*um adereço no meio das duas pessoas. [...] Um laço [...] uma borboleta*". Na prova de escolhas, na qual o cartão é selecionado como escolha positiva, a indefinição e paralisação dão lugar a uma imagem mais dinâmica, explorada e investida afetivamente, dando conta de uma maior capacidade transformativa do que aquela revelada no encontro espontâneo com o cartão, ou na sua exploração mais dirigida (no inquérito): "*é uma imagem de partilha. Associo a uma coisa boa, duas pessoas que partilham até pode ser lavar a louça, a roupa*". A indefinição passa agora a ser dita de forma mais circunscrita, referindo-se ao elo relacional: "*não que seja intimidade, porque via aqui duas senhoras [...] não é partilha a palavra correta, mas é de, não sei como distinguir, mas é uma coisa boa [...] podia ser associado à amizade mas, sim, é bom*". O facto de ser convidada a pronunciar-se sobre o impacto direto, afetivo, da experiência torna mais fácil para Rebeca a elaboração e a comunicação.

Face ao cartão IV, Rebeca convoca, de forma imediata e crua, uma representação desvitalizada e agressiva: "*um rato aberto ao meio [...] um rato que foi dissecado, cortado ao meio e foi preso numa, numa, numa mesa de dissecação com pionés, para conseguir estudar o interior*". Dá assim conta, de forma incontida, do risco inscrito na exploração do espaço interior, da vivência de um corpo, psíquico, agredido e submetido. O cartão figura como escolha negativa, justificada pelo seu carácter inquietante, assumido como lugar familiar, próximo: "*muito mórbido, é uma coisa que me faz lembrar coisas más [...]. Por muito que eu trabalhe com eles, em laboratório, e faça isso, e os abra todos, para mim é mau. Até porque o rato é o animal que eu mais nojo tenho*". Na medida em que o cartão solicita uma representação direta de si e testa a integridade da representação do corpo, é possível compreender a resposta de Rebeca enquanto identificação com esse corpo escrutinado e assim

dilacerado. No entanto, simultaneamente, a cadeia associativa de Rebeca, que a coloca reiteradamente como sujeito da agressão, “*se nós abrirmos o rato e se o prendermos numa mesa*”, revela o lugar identificatório inverso, daquele que quando escrutina agride e desqualifica o objeto. É ela colocada em risco, interior, pela experiência, ou é ela a portadora do risco, a agressora capaz de esvaziar a vitalidade da experiência, parece interrogar-se, sem elaboração, Rebeca face a este cartão.

No cartão V, Rebeca começa por configurar “*uma borboleta*” que substitui, posteriormente, por “*um morcego*”. A passagem de uma imagem a outra advém de uma atenção e valorização excessivas do pormenor da mancha e do próprio objeto representado – “*se se considerar as asas, as borboletas não têm uma asa tão comprida e tão fina*” – que não coincidindo totalmente impedem a estabilização da delimitação corporal – “*o morcego nem tem antenas, nem tem pinças frontais, mas pronto, se tirássemos esta parte*” – de que Rebeca se defende pela negação dos elementos em dúvida – “*um morcego, sem dúvida alguma*”. A dificuldade reside, pois, não na estabilização de um objeto inteiro, bem definido, mas das qualidades da configuração limítrofe do corpo, mais frágil porém mais liberta, ou mais disfórica e mais aprisionada – “*as borboletas [...] têm uma estabilidade para voar muito mais aberta, muito mais regular*”.

Perante o cartão VI, Rebeca configura um esbatimento de textura, que predomina sobre a forma, “*uma pele de animal*”, cuja inquietude deixa logo transparecer ao comentar, em jeito de interrogação, “*tudo muito mórbido não?*”. Continua, acentuando o movimento de desvitalização, “*uma pele tratada. Que normalmente servem de tapete*”, e terminando a exploração pelo acentuar da indefinição da representação constituída – “*O animal em si não é fácil*” – que a conduz, de novo, à evocação da estranheza – “*esta parte está completamente fora do contexto*”. No inquérito começa por enfatizar a desqualificação do objeto, suprimindo uma parte da mancha/do objeto, e insistindo no carácter desvitalizado e submetido do objeto: “*quando nós vemos a pele no chão não têm cabeça, portanto a cabeça é tirada e quando é aberta ao meio a pele fica sempre com estas peles aqui afastadas*”. O movimento, apesar da sua expressão exacerbada, surte um efeito minimamente organizador já que, em seguida, a partir da parte que não conseguia integrar (a zona superior da mancha), Rebeca evoca uma imagem mais contida, mais rica, mais densa, mesmo que ainda muito indeterminada, e que permite uma recuperação da totalidade significante da mancha: “*atribuía a isto um simbolismo mais associado a outras culturas [...] em que os chefes das tribos usavam muito*

peles [...] esta parte poderia atribuí-la a isso, uma coisa muito cultural. Usada por eles, não sei. Algum símbolo para eles”.

Face ao cartão VII, após um tempo de latência significativo, Rebeca começa por configurar, no primeiro terço, um objeto humano parcial, bem constituído e suporte de um movimento identificatório feminino, “*uma cara de uma senhora*”, que perde a identificação sexuada no inquérito, “*a cara de duas pessoas*”. Prossegue a exploração da mancha e amplia o objeto, configurando-o na totalidade, “*o corpo, um braço, outro braço, e aqui a junção das pernas*”. Ao realizar essa exploração mais alargada da mancha, figura, no segundo terço, um outro objeto parcial, agora animal, “*a cara de um animal*” que, no inquérito, se torna mais disruptiva, “*um monstro*”. A configuração dos dois objetos confunde-se a seguir, originando um conjunto bizarro: “*a conjugação de duas pessoas com dois animais e aqui a junção ... da parte final dos corpos talvez*”. A sequência revela a dificuldade de Rebeca em manter operativas diferenciações essenciais, em destacar os objetos, o que explica o enorme esforço que faz para manter essa delimitação fundada na percepção.

No cartão VIII, e novamente após uma latência significativa, Rebeca foca-se no eixo e figura “*um esqueleto ah, parte da espinha*” e, em seguida, nos rosa laterais, “*dois animais*” que progressivamente define “*quadrúpedes [...] o lobo*”. No entanto, esta definição não permite um encontro certo e infalível com o objeto-mancha e Rebeca precisa esse desvio: “*porém a forma da cabeça não é a mesma, falta-lhe um bocadinho. Está um bocadinho de tecido a mais, mas será uma estrutura semelhante a um lobo*”. No inquérito proporá um outro animal, igualmente portador de força, argúcia e perigosidade: “*puma, talvez*”. Tal como no cartão anterior, ensaia a conjugação das duas imagens, o que conduz a uma composição estranha e inquietante – “*a estrutura óssea de um fóssil, sim...com tecido, algum tecido ainda. E aqui sendo o quadrúpede*”, – que Rebeca interrompe ao centrar-se na zona inferior da mancha para parar o curso associativo: “*aqui algo abstrato, não identifico nada*”.

Face ao cartão IX, depois de uma longa latência inicial e de alguns risos, Rebeca configura “*uma pintura rupestre*” na zona central e inferior da mancha, e um babuíno, na zona laranja superior, animal inteiro, bem constituído, mas que é em seguida submetido à dúvida e ao escrutínio dos seus contornos, procurando a conformação entre a representação e objeto-mancha: “*é o babuíno que tem o nariz alongado? [...] uma espécie de macaco, eu acho que é o babuíno [...] têm assim uma forma do corpo, mais ou menos até aqui está certa, a partir daqui é o inverso, esta parte é a detrás, eles têm a parte do rabo muito saída para fora*”. No inquérito, num primeiro momento, é a dúvida que volta a inscrever-se, contudo

Rebeca acaba por conseguir superá-la e, através do distanciamento temporal atribuído à imagem percebida como estática, “*uma pintura rupestre*”, ensaia um jogo de significação e referência que, apesar de não conseguir precisar, se revela como embrião simbólico, como semente ideativa: “*uma pintura rupestre em que os macacos fossem atribuídos a um simbolismo qualquer [...] uma referência a algo [...] os macacos aqui seriam importantes, porque estão no topo de uma imagem [...] alguma coisa que poderia ter acontecido que foi guardada numa imagem, numa coisa rupestre [...] é toda uma ideia*”.

O cartão X é abordado imediatamente enquanto vivência, sendo descrito, inicialmente, não o seu conteúdo, mas o seu impacto: “*à primeira vista uma coisa muito alegre*”. Em seguida, Rebeca destaca “*passarinhos*”, “*nuvens*” “*diferentes espécies de animais*”, “*um leão marinho*”, “*a cabeça de um coelho*”, acabando por unificar estas representações num todo significante, porém paralisado, “*uma pintura alegre*”. As cores, em manchas suficientemente destacadas permitem a diferenciação, e Rebeca consegue manter uma imagem coesa, a partir da configuração de um continente estabilizador, sem que a mesma se confunda ou se torne inquietante. O cartão figura como escolha positiva, justificada precisamente a partir do seu impacto positivo, dito com algum excesso, que pode advir também da antevisão do fim do encontro com o material Rorschach: “*este deixou-me muito feliz, assim um rasgo de felicidade*”.

A leitura da sequência associativa, quando cruzada com os dados quantitativos sintetizados no psicograma (anexo 23) e com a análise temática dos conteúdos permite clarificar o padrão relacional de Rebeca com o objeto-mancha, marcado, como já indicado, pela dificuldade de manuseamento do objeto enquanto processo de subjetivação.

Destaca-se, em primeiro lugar, que Rebeca se aproxima do material submetendo-se excessivamente às suas características revelando, dessa forma, a sua dificuldade em enriquecer criativamente o encontro. Assim, é observável uma dependência significativa dos modos de apreensão usados relativamente à configuração do objeto-mancha (as respostas G e D surgem ao longo do protocolo, sobretudo nos cartões que as favorecem, respetivamente os cartões unitários para as primeiras e os cartões bilaterais e pastel para as segundas), o mesmo ocorrendo com os determinantes, cuja dominância formal é significativamente elevada (F% e Fa% com valores acima do intervalo máximo). A elevação do índice de reatividade à cor revela também a sensibilidade às características do objeto, que potencia a constituição de respostas a partir da maior facilidade de diferenciação de detalhes da mancha introduzida pelas cores (observável, sobretudo, no cartão X, que conjuga uma estrutura bastante aberta e o

pastel). Estes índices dão conta do peso, excessivo e empobrecedor, do objeto-mancha no processo de construção/ integração de uma representação.

No entanto, este excesso de conformação ao perceto não é verdadeiramente eficaz na integração de representações bem definidas e estabilizadas, como evidencia a percentagem ligeiramente diminuída de $F+\%$ e $F+\%a$. Uma diminuição que resulta da existência de um número elevado de respostas imprecisas ($F\pm$ e EF), e que ocorrem, sobretudo, associadas a respostas em D . Acresce que, como notado, Rebeca produz uma verbalização abundante em torno das respostas cotáveis que não serve um propósito elaborativo, mas testemunha as hesitações e incertezas que surgem quando escrutina os pormenores da mancha e os confronta com a representação constituída (por exemplo nos cartões I, V e VIII), ou quando expressa dúvidas sobre a configuração precisa da representação que evoca (como no cartão IX). Este conjunto de índices revela que a aproximação ao objeto arrisca desvanecer as suas fronteiras, denunciando a falta de solidez dos processos integrativos. Desta forma, a função continente revela-se operativa apenas na sua dimensão mais elementar, estabelecendo uma linha organizadora e delimitadora (daí a elevada percentagem de respostas de dominância formal e também o recurso a elementos de paralisação da representação dos cartões III, IX e X); porém, qualquer movimento de aproximação ao detalhe desta linha ou à interioridade do objeto pode enfraquecer o continente esboçado, revelando a sua fragilidade e instabilidade.

É ainda assinalável a presença de emergências fantasmáticas abruptas (a recusa no cartão II, clarificada posteriormente pela emergência de uma representação humana disforme, a descrição do rato dissecado no cartão IV, a associação explícita do cartão VI a algo mórbido, a conjugação bizarra de cabeças de pessoas, animais e um corpo partilhado no cartão VII e a proximidade de animais predadores e um elemento em decomposição no cartão VIII), assim como a presença considerável de elementos de tonalidade agressiva (dentes, pinças, pionés, nos cartões I, II, IV, V). Estes elementos, que conferem um clima geral de inquietação e estranheza ao protocolo, emergem quando Rebeca explora mais detalhadamente as representações que constitui em face do objeto-mancha (com exceção dos cartões III e X), confirmando que é nessa aproximação que reside a dificuldade de sustentar os processos de integração. A análise dos conteúdos das representações constituídas permite esclarecer a inquietação de Rebeca.

A maioria dos conteúdos evocados reportam a representações animais, encontrando-se este índice significativamente elevado, corroborando a tendência conformista, estereotipada, da aproximação de Rebeca ao material. Na medida em que a maioria destas respostas dizem

respeito a representações inteiras, bem constituídas e adequadas perceptivamente testemunham a integridade da representação somatopsíquica, confirmada pela qualidade e elaboração da representação humana, feminina, do cartão III. No entanto, as indecisões sobre a representação mais adequada e a presença de duas respostas desvitalizadas (cartões IV e VI), a que acresce a desvitalização anatômica do cartão VIII descrita na proximidade de uma representação animal com uma carga feroz (o lobo, na passagem espontânea, ou puma, no inquérito), deixam entrever uma fragilidade significativa. Esta fragilidade emerge pois com o escrutínio sobre o conteúdo da representação, tornando-se desorganizadora quando esse conteúdo é assimilado a uma vivência de agressão (cartões IV e VI) ou deformação corporal (o que ocorre com a recusa no cartão II). Este conjunto de respostas dá conta de um fantasma que paira, um fantasma de ataque corporal, do qual Rebeca se defende evitando significar o objeto-mancha.

Compreende-se, portanto, mais claramente a dificuldade de Rebeca em significar o encontro com as manchas: a exploração do objeto, a aproximação ao mesmo, encerra o risco de um encontro com um interior fantasmático desorganizador. A aproximação inquieta-a, assusta-a e Rebeca mobiliza mecanismos de afastamento: a dúvida colocada sobre os objetos, a interrogação sobre aspetos pormenorizados do continente (que assim evitam, embora não impeçam completamente a aproximação aos conteúdos temidos), ou as paralisações das imagens (nos cartões III, IX e X). Este último mecanismo revela-se como o mais eficaz, uma vez que surge nos cartões cuja sequência associativa revela uma exploração mais tranquila e elaborada. A análise do que ocorre nesses cartões (III, IX e X) permite avançar um pouco mais na compreensão do que está em jogo, para Rebeca, no processo de significação que, distinta e diretamente aí aborda. A questão que inquieta Rebeca não é sobre o continente que, como indicado, opera na sua valência mais elementar, mas sobre a qualidade do conteúdo, a interrogação estética sobre o interior: “*vê-se que não é algo de mau, mas que é algo de bom*” (III), “*uma pintura alegre*” (X). Desta forma, as hesitações que percorrem o protocolo e a exploração exaustiva dos pormenores do objeto-mancha, e também do objeto representado, visam, respetivamente, evitar e perscrutar o interior significativo, afastar o fantasma, mas procurar o elemento apaziguador que pode ser a semente de um encontro, “*uma imagem de partilha*”. Concluindo, a relação com o objeto-mancha não é perturbadora, para Rebeca, no seu aspeto relacional, de encontro do diferente, como indica a maior capacidade organizadora da sua mente face às solicitações relacionais nas quais a diferenciação é preservada, ou que

põem em jogo a diversidade; é o encontro com o interior de si mesma que, grávida, teme e estranha.

6.1.3 As primeiras histórias TAT

As narrativas de Rebeca face aos cinco cartões TAT propostos (anexo 24) revelam uma apreensão difusa das solicitações latentes do material, que origina histórias com enredos vagos, para os quais são convocadas personagens anónimas, cuja função narrativa nunca é explorada ou elaborada de forma esclarecedora. A aproximação à experiência afetiva solitária é, ainda assim, mais operante, o que ocorre no cartão 1, enquanto que a sua inscrição num contexto relacional parece dar lugar a relatos mais desorganizados, como é o caso dos cartões 6GF e 7GF.

No cartão 1, Rebeca identifica a personagem, “*um menino*”, face a um objeto que nunca é designado: “*quer aprender a tocar mas [...] não está a conseguir, por muito que ele tente [...] não consegue tocar tão bem com ele quer*”. Há uma distância face ao objeto que impede que este seja usado e fruído, uma distância atribuída a uma incapacidade, inespecífica e inultrapassável da personagem. Rebeca vai Tateando o impacto subjetivo desta dificuldade, começando por designar uma vivência mais dispersa, “*está aborrecido*”, e aproximando-se progressivamente de um afeto mais circunscrito de cariz depressivo: “*está com um ar muito desanimado [...] uma criança triste e desiludida com ele próprio*”. A dificuldade relacional torna-se ferida narcísica, deixando a personagem sozinha e fechada sobre si mesma. O encontro com o material não é verdadeiramente comunicante, é uma tentativa de leitura concreta, forçada, sem reverberação do imaginário, como indicia a expressão de Rebeca “*aqui é o que eu tiro*”. O encontro com o objeto (o material TAT, o violino, a gravidez) dá assim conta da dificuldade de aproximação relacional e da dor mental que dela resulta.

A narrativa face ao cartão 5 é ambígua, contraditória, evocando uma personagem que permanece sem identificação, “*pessoa*”, que perscruta um espaço também ele incerto, uma “*divisão da casa*”. Através de uma negação há uma aproximação ao conteúdo desse espaço, “*não associa a um quarto de criança nem nada disso*”, porém, dada a negação o relato acaba por se tornar incoerente: “*pode estar a ver se a criança está a dormir, se a pessoa idosa está bem*”. Rebeca recupera, mas apenas para retornar à indefinição: “*pelo ar da pessoa nem quer fazer barulho para se identificar, para identificar que está lá, mas que está preocupada e quer confirmar que está tudo bem*”. A sequência testemunha da dificuldade de definir e estabilizar a função continente o que torna incerta a exploração dos conteúdos e a sua significação.

No cartão 6 GF, a personagem feminina é focada, todavia sem qualquer identificação, “*está surpresa com a conversa*”, permanecendo o relato vago e enigmático: “*algo que aconteceu [...] pode ter sido o facto de a pessoa aparecer por detrás dela*”. Esta indefinição excessiva é brevemente substituída pela enunciação de possibilidades opostas, “*pode ser bom ou mau*”, porém estas são afastadas através de uma formulação que revela que qualquer aproximação mais definida é sentida como excessiva: “*não, não demonstra nenhuma expressão, nem de horror nem de felicidade. Portanto acho que foi mesmo o fator de impacto*”. O excesso é pois o resultado do impacto, não manuseável, do encontro entre as personagens, cuja identificação sexuada é reduzida a mínima: “*alguém por detrás dela, neste caso o senhor*”. O encontro entre feminino e masculino é enigmático, obscuro, difuso.

O encontro com o cartão 7 GF dá origem, imediatamente, a um comentário que assinala o seu impacto: “*este não é assim tão fácil*”. Rebeca identifica “*uma criança*”, que encena a brincar com o que quase designa como um bebé (expressão que não termina, apenas inicia), mas que acaba por desvitalizar e afastar identificando como “*boneco*”. A atrapalhação que sente em face da imagem provém da introdução da terceira personagem, “*uma pessoa adulta*”, que não consegue integrar: “*ou está a entrar muito bem na brincadeira e está a tentar fazer parecer a coisa séria, ou então não percebo a posição desta pessoa adulta, ao lado de uma criança que está a brincar*”. Rebeca não consegue fazer convergir, com auxílio do imaginário, os dados manifestos do cartão, que assim a confundem: “*a expressão [...] é séria! Não é uma expressão de brincadeira. Tal como a da criança não é uma expressão de brincadeira. É um bocado confusa esta imagem*”. Procura nova aproximação, atribuindo agora um papel relacional, familiar, “*pode ser uma avó que está a brincar muito a sério com a neta*”. A tentativa de tornar a cena mais próxima relacionalmente é difícil de sustentar, e Rebeca foca-se na atribuição à criança de um afeto disfórico, embora vago: “*não está com um ar muito feliz, está com ar de chateada*”. Quando retorna à relação é para denunciar o seu aspeto intrusivo, perdendo-se o laço familiar: “*pode não estar a gostar que o adulto se intrometa na brincadeira dela*”. A sequência termina com o reconhecimento, repetido, da dificuldade experimentada em face deste cartão: “*um bocado confuso*”. Nos comentários relativos a este cartão fica patente que Rebeca toma o material como sinais a serem descodificados e não tanto como conteúdos a serem contidos e subjetivados. A dificuldade é desta forma atribuída ao próprio material, experimentado como não usável, difícil ou confuso. A sequência testemunha a dificuldade de fazer uso da função continente no seio de uma relação intersubjetiva.

“*Ora voltam as coisas bonitas*” diz imediatamente Rebeca quando confrontada com o cartão 19. O comentário associa este cartão ao material Rorschach, revelando como Rebeca é extremamente sensível à alteração do estímulo que se torna, aqui, menos preciso. Identifica “*uma casa*”, porém esclarece a imprecisão das suas fronteiras – “*pelas duas janelas, não pela estrutura, pela forma*” – que só são definidas como local de passagem entre o interior e o exterior e não como contorno claro do objeto total. Esta dificuldade de estabilização da representação conduz à invasão fantasmática: “*uma imagem assustadora, devido a estas formações aqui muito abstratas*”. Rebeca ainda procura travar esta emergência, todavia fá-lo pela duplicação da imagem – “*e esta imagem aqui que poderá ser outra casa e ali ter duas janelas. Sim, quer dizer, o mesmo efeito mais à distância, portanto um bocado as janelas*”, o que tem como resultado a intensificação da inquietante estranheza: “*uma imagem assim muito mórbida [...] a puxar para uma parte mais assustadora, mais para...sim...mais estranha*”. A delimitação de um continente claro, estável e seguro não é possível.

Sintetizando a análise realizada, assinala-se, antes demais, que Rebeca não faz uso de qualquer tempo de latência inicial, não se dispondo, dessa forma, a um tempo de elaboração silenciosa que permita a integração do encontro antes que o mesmo possa ser partilhado, o que ajuda a compreender as dificuldades que revela nessa integração narrativa. Observa-se, também, que as histórias TAT de Rebeca são construídas unicamente em torno das experiências subjetivas das personagens, com recurso predominante a procedimentos de restrição narrativa (anonimato dos personagens, conflitos não esclarecidos, isolamento, ruminação), apoiando-se em elementos da realidade externa (sobretudo tomando as imagens como material a ser decodificado) e, mais raramente, permitindo o esboço de um movimento imaginário incipiente (introdução de personagens que não figuram na imagem no cartão 5, dramatização *a minima* no 6GF com o contraste entre “*horror*” e “*felicidade*”, embrião transitivo no cartão 7 GF). O uso de procedimentos extra-narrativos, sobretudo da esfera corporal e motora e o recurso à relação com o clínico, sob a forma de críticas ao material e à situação, traduzem o desconforto de Rebeca em face da situação TAT, cuja expressão, no entanto, não consegue operar qualquer desimpedimento narrativo. As experiências subjetivas narradas por Rebeca são de carácter disfórico quando relativas a um universo infantil (cartões 1 e 7GF, nos quais os adjetivos relativos à vivência das crianças dão conta de um mal estar difuso), ou cuja solicitação é regressiva (o cartão 19, em que o afeto disfórico irrompe cruamente, numa emergência fantasmática incontida traduzida também na adjetivação – “*assustadora*”, “*mórbida*”, “*estranha*”); quando em face de identificações femininas são

experiências enigmáticas, permanecendo em suspenso o seu significado (cartões 5, 6 GF e 7 GF nos quais a experiência das mulheres adultas não é claramente formulada, mas alvo de indecisão permanente). A análise dos verbos utilizados nas narrativas mostra ainda que, precisamente nesses cartões que remetem para um lugar identificatório infantil, e contrastando com o mal estar assinalado, Rebeca consegue esboçar movimentos de aproximação e investimento (no cartão 1 “*quer aprender, “tocar”*”; no cartão 7GF “*brincar*”). Assim, mesmo que apenas de forma dispersa, quando a dificuldade é assumida, a possibilidade afetiva, e não apenas impossibilidade, pode ser expressa. Ao contrário, a recusa de uma escolha significativa (as hesitações dos cartões 5 e 6GF), ou excesso de significação com perda dos limites em face do objeto (a emergência fantasmática do cartão 19) encerram, para Rebeca, respetivamente um risco de indefinição ou confusão.

Terminada a entrevista e as provas projetivas, o gravador é desligado. Rebeca expressa o seu desconforto com o material projetivo, reiterando a sua dificuldade em ultrapassar a ideia de uma folha dobrada ao meio, que atribui ao facto de considerar que não tem muita imaginação. Diz, também, que gostou de falar. Confessa que estava com algum receio porque é tímida e não se sente muito à vontade a falar dela mesma, mas que é bom poder falar sobre os receios e inseguranças que sente. Digo que entrarei em contacto com ela para agendarmos a segunda entrevista, porém ela sugere que a deixemos já marcada, o que fazemos.

6.1.4 Rebeca em transformação no primeiro trimestre

No primeiro trimestre, a mente de Rebeca experimenta a gravidez como um objeto psíquico difuso, contraditório, excessivo (PS). Através de um trabalho psíquico exaustivo de perscrutação da experiência, Rebeca consegue diminuir, ligeiramente, a inquietação experimentada (D), contudo revela-se incapaz de estabilizar os seus contornos. O manuseamento do objeto é possível, mas a dificuldade em tolerar a incerteza precipita uma exploração tão intensa quanto contrastante, que resulta, na maioria dos casos, em tentativas falhadas de integração, porque forçadas e instáveis, geradoras elas próprias de descontinuidade. Isso mesmo é evidenciado, na entrevista, na apreensão descontínua da temporalidade, no uso de termos contrastantes para definir a experiência corporal e nas descrições dos momentos ecográficos; no Rorschach, pelo contraste entre uma verbalização abundante sem resultados elaborativos; e, no TAT, no carácter vago das histórias. Em alguns momentos é possível observar uma aproximação mais tateante, mais aberta, que dá a ver a

possibilidade operativa de oscilação entre uma posição mais dispersa e uma mais integrativa – observável, por exemplo, quando na entrevista revela como entende a escolha do nome e, no Rorschach, na representação relacional constituída no cartão III, evocada como “imagem de partilha” no inquérito. Todavia, estes momentos são raros pela impossibilidade de Rebeca de sustentar a fragilidade, a dúvida, a incerteza inscrita nesse primeiro momento do trabalho psíquico. Assim, o campo psíquico surge ordenado por uma circularidade centrada em PS, sem possibilidade de verdadeira transformação, na maioria do tempo, pelas aproximações a D, isto é, revela-se como um campo $PS \odot [D]$.

Analisadas enquanto expressão da relação $\text{♀} \text{♂}$, as narrativas de Rebeca do primeiro trimestre revelam que a gravidez, enquanto ♂ psíquico, se inscreve num espaço mental experimentado como ♀ frágil, instável, hesitante e inseguro sobre os seus recursos de acolhimento, investimento e significação – como indiciado, na entrevista, pela descrição da sua disponibilidade não mentalizada e, tanto no Rorschach como no TAT, pela dificuldade de subjetivação dos objetos e situações propostas. O encontro com a experiência é violento, descrito como estranho e doloroso, o que conduz, num primeiro momento, à rutura do ♀ , incapaz de sustentar o ♂ : testemunhada, na entrevista, pelo episódio da descoberta e pela impossível recuperação do material onírico, no Rorschach pela dificuldade sentida na entrada em contacto com a situação ou na recusa face ao cartão II e, no TAT, no desencontro que marca a narrativa face ao primeiro cartão.

Rebeca procura restaurar o ♀ , recorrendo a movimentos de confinamento e alargamento que, por serem excessivos e contrastantes, não são verdadeiramente operantes, como evidenciado nas associações em torno da experiência corporal, ou na dificuldade em manter uma distância comunicante com o material projetivo. As aproximações ao ♂ do seu corpo e da sua mente são disruptivas – como retratado na descrição do primeiro momento ecográfico, nas incongruências e deformações da representação corporal que surgem quando explora, no Rorschach, as representações constituídas e, no TAT, na incoerência face ao cartão 5. Porém, o alargamento do ♀ é experimentado como risco de desapropriação, o que é evidenciado no relato do segundo momento de anúncio da gravidez e, no Rorschach e no TAT, pelos comentários que, ao inscreverem dúvidas sobre os contornos dos objetos e situações, impedem a significação do material. Rebeca recorre, então, a mecanismos de reforço do ♀ – que aparecem, na entrevista, na enumeração de elementos de cobertura da pele, não sendo contudo mobilizáveis face ao Rorschach ou ao TAT – e aos seus objetos relacionais mais significativos como ♀ alternativos, de segunda ordem, que a contêm e assim

contêm também a sua experiência – sobretudo Samuel e a médica que a incentiva a registrar as suas dúvidas. O uso destes ♀ relacionais é suportado por mecanismos de contraste que visam assegurar que, ao contrário dela, eles oferecem um espaço estabilizado. Efetivamente, sempre que os objetos relacionais espelham a sua dificuldade constituem-se não como ♀ organizadores, mas como ♂ perturbadores, como ocorre com a mãe de Samuel ou com as personagens manuseadas no TAT. No entanto, essa diferenciação tão sublinhada, se serve o propósito de estabilização mínima e se permite o deslocamento do investimento que dessa forma é protegido, dificulta o uso intrapsíquico da função que é interspíquicamente solicitada.

O trabalho operado sobre o ♀ permite superar a rutura inicial da função ♀, porém não auxilia o encontro com o ♂, marcado predominantemente pela inoperatividade de K, pela timidez da vinculação L e pelas rupturas introduzidas por H+. A não usabilidade do vínculo K não é tanto uma rejeição do desejo de saber, de explorar, que ocorre apenas inicialmente (no momento da descoberta da gravidez), mas uma incapacidade de o fazer sem se perder e sem se confundir – como evidencia a exploração intensa, todavia desorganizada que realiza quer na entrevista, quer em face do Rorschach e do TAT. Não é, pois, um K negativo mas também o não é positivo, uma vez que não pode ser manuseado como posição vincular aberta, curiosa, sendo substituída pela atribuição de significados relacionais superficiais, fechados e desconectados entre si. O resultado é a impossibilidade de fazer uso das potencialidades organizadoras de L+ (patente na forma como o investimento na escolha do nome, ou a representação de partilha evocada no cartão III do Rorschach não permitem a estabilização do encontro com a experiência), e a emergência incontida de afetos disruptivos, H+ (designadamente, as emergências fantasmáticas que irrompem na entrevista, no Rorschach e no TAT).

Sintetizando, no primeiro trimestre, a experiência da gravidez é vivida com uma inquietação dificilmente manuseável, dada a intolerabilidade e dispersão que Rebeca experimenta face aos pensamentos que se impõem à sua mente para serem pensados. A dificuldade em reconhecer e suportar a dor do encontro, conduzem a uma busca incessante, porém infrutífera, de referências que permitam sustentar a sua aflição. No entanto, nos momentos em que é possível aproximar-se da verdade dos seus receios fantasmáticos de um interior contaminado, emergem também possibilidades de contacto e de organização do pensamento. É o receio do fantasma e o receio de se interrogar sobre a experiência a que é convocada e que a coloca face a si mesma, mais que o fantasma em si, que impedem que Rebeca realize um trabalho de abertura transformativa que permita o acolhimento mais sereno da gravidez.

6.2 Segundo encontro: 25 semanas

Uma semana antes da data que havíamos combinado no final do nosso último encontro, Rebeca contacta-me por e-mail, pedindo-me para remarcar, porque terá uma consulta precisamente à hora que havíamos marcado. Depois de uma troca de e-mails sobre possíveis combinações de data e hora, Rebeca liga-me, e acabamos por manter o dia, mas numa outra hora.

Chega 5 minutos antes, sorridente. Conservando o ar jovem, há algo nela que mudou, que não sei precisar bem, parecendo mais sóbria, mais madura. A barriga já é reconhecível, contudo não exuberante. Pergunto se prefere sentar-se no sofá ou junto à mesa, fica hesitante, sem decidir, e sou eu que acabo por propor que se sente no sofá, onde ficará mais confortável. Dou-lhe a sua cópia da carta de consentimento informado, que tinha deixado esquecida na última entrevista. *“Também tenho as minhas todas guardadas”* diz, enquanto a arruma na mala. A entrevista decorre com facilidade, sinto-a menos reservada, mais aberta. No entanto, nas notas que escrevo no final, comparo sistematicamente as minhas sensações sobre a condução da entrevista com ela com outras participantes, ou fazendo intervir outras situações e personagens. Como se, apesar de eu ter uma sensação de proximidade, na verdade, se interpusesse uma distância, uma dificuldade em focá-la, inscrevê-la. Uma dualidade que expressa, contratransferencialmente, uma dificuldade que ela vive na relação com a gravidez.

6.2.1 A segunda entrevista

A gravidez continua a ser, para Rebeca, uma experiência difícil de representar, designar, manusear e significar. Neste segundo trimestre, a gravidez é percebida como experiência que convoca o psiquismo a operar uma reconfiguração do espaço interno, reconfiguração que Rebeca sente como penosa e que receia não ser capaz de operar. A dificuldade em mobilizar processos de integração é geradora de dor mental, expressa de forma literal e concreta no e pelo corpo: *“dói-me um bocadinho pelo peso”*, diz Rebeca cuja barriga é ainda discreta. A experiência *“pesa”* na sua mente, que receia não ser um continente adequado, suficientemente amplo para a acolher: *“pensei que tinha o útero pequeno e que não tinha as dimensões corretas”*. Rebeca representa-se como um continente claustrofóbico em face de um conteúdo que impõe a sua expansão, obrigando-a *“puxar pelo corpo”*, a dilatar o espaço psíquico. Esta expansão sentida como uma exigência excessiva, abrupta, gera, em espelho, descontinuidades e estranheza – *“eu não tinha barriga até há três semanas, e ela*

começou a crescer muito [...] foi estranho, porque foi muito rápido, de um momento para o outro". O discurso mantém-se assim repleto de enunciações contrastantes.

A dilatação do espaço psíquico que deveria operar como movimento de acolhimento integrador acaba por, dado o seu excesso, resultar em dispersão, em desencontro entre continente e conteúdo: *"supostamente o bebé devia ter subido, a barriga devia começar a vir cá de cima, e não vem [...]. Eu não sinto o bebé a partir do umbigo para cima"*. A dispersão e este desencontro dificultam a inscrição da gravidez na continuidade psíquica e a sua subjetivação significativa. Há um lugar, inapreensível, onde a transformação ocorre, mas Rebeca, que opera sempre num modo demasiado concreto, submetido à exterioridade, não consegue apreender, inscrever e usar essa realidade interna: *"Eu devo sonhar, porque eu às vezes acordo e penso 'tenho de contar ao Samuel'. Mas depois adormeço e no dia a seguir acordo e penso 'eu pensei que tinha de contar alguma coisa ao Samuel e agora? Será que sim, será que não?' E não, nunca me lembro, não vale a pena. Não tenho sonhado"*. Esta dificuldade de inscrição de uma experiência que ocorre subterraneamente na mente, de que se defende através de materializações excessivas, aparece refletida de forma muito concreta no seu discurso em torno da escolha do nome: *"será António [...] sinceramente só no dia em que o registar é que acredito [...] foi ficando"*.

Rebeca abre a sua narrativa enunciando, desde logo, uma injunção quase paradoxal: *"tem estado tudo a correr bem, está tudo bem com o bebé, estive internada alguns dias"*. A formulação reflete essa distância desmedida e abrupta que impõe entre si, enquanto continente fragilizado, e o feto, conteúdo intocado. Recusando a ligação entre os dois elementos impossibilita o pensamento de operar as transformações necessárias a que a uma experiência violenta e disruptiva, o internamento claro, mas também, paralelamente a gravidez, possa ser elaborada. O internamento, psiquicamente representativo da interioridade experimentada como espaço confinado, opera como episódio que condensa a aflição vivida, todavia pouco mentalizada, por Rebeca: *"foi um choque"*, explica, para logo em seguida recusar o impacto afetivo, desvalorizando a gravidade da situação – *"não foi nada de grave [...] continuo a fazer antibiótico até ao fim da gravidez, não é nada de grave, é uma coisa simples"* – e é apenas em identificação projetiva que pode expressar a sua angústia: *"eu vi lá tantas raparigas a desesperar"*. O internamento é, efetivamente, o episódio central da sua narrativa, a que retorna sistematicamente. Rebeca fica só em face a si mesma – *"temos uma hora e meia de visitas, não dá para recompor sequer das horas todas sozinhas"* –, rodeada por pensamentos impensáveis que se impõem perturbando a temporalidade – *"percebemos coisas que não*

queremos [...] coisas muito relacionadas com o fim da gravidez, [...] quem está de pouco tempo não pensa nessas coisas, não é, não foi bom conviver com isso”.

Esta vivência potencia e é potenciada pela dificuldade que experimenta na integração da gravidez, promovendo um encontro entre uma função continente insegura e uma realidade que, em espelho, se impõe como reificação crua dessa fragilidade interna. Essa fragilidade torna-se, paradoxalmente, o elemento estável, de continuidade – *“a fragilidade isso aí continua”* –, dificultando a inscrição, de forma gradual, da transformação a que é convocada. O resultado é uma temporalidade sobressaltada, uma vivência apreendida como sucessão de descontinuidades. Rebeca está ainda aprisionada num primeiro trimestre incerto, inseguro, de que procura escapar através de idealizações – *“a parte mais bonita da gravidez já passou”* – ou de afastamentos bruscos – *“já falta pouco [...] cresce, cresce, despacha-te vamos, vamos sair, vamos, rápido”* – que se revelam inoperantes, reverberando a mesma incerteza sobre a sua capacidade de contenção da experiência – *“o que é que eu vou fazer quando me rebentarem as águas [...] eu não vou conseguir fazer nada”*. O internamento, episódio real tanto quanto referência ao universo interior, é o lugar psíquico de obstrução a um processo integrador, à gestação do pensamento: *“ao início, os primeiros três meses, há sempre aquela coisa do estou grávida mas ... [...] não há qualquer mudança, só há o sono, e [...] estar assim mais frágil, [...] este segundo trimestre já não temos essas dúvidas. Eu, eu infelizmente tive porque pronto, fui internada”*. No entanto, é possível observar, nas suas cadeias associativas, embriões transformativos, subtis, que procuram refazer o tecido espaço-temporal, inscrevendo a expansão num processo contínuo, gradual, menos sobressaltado: *“quer dizer, o corpo vai alargando desde o início da gravidez”*. Os diversos episódios relatados por Rebeca refletem, sistematicamente, estas dificuldades, mas permitem também, em alguns casos, observar essas sementes generativas.

Os momentos ecográficos, enquanto encontros com esse espaço interno, continente em face de um conteúdo, cuja representação Rebeca tem dificuldade em integrar, desassossegam-na. A primeira ecografia deste trimestre, que ocorre durante o internamento, é relatada como um momento *“triste”*, porque recebe *“sozinha”*, sem Samuel, a notícia de que espera um rapaz. *“Os médicos decidiram fazer uma ecografia de urgência, para ver se ele estava a mexer [...] eu sentia a mexer, portanto não era esse o problema. Mas para ver se o coração está a bater bem e tudo bem, e estava, ele é que raramente se deixa ouvir”*. A cadeia associativa, enquanto sucessão de desencontros – entre ela e Samuel, entre o que ela sente e o que os médicos temem, entre quem escuta e quem não se deixa escutar – remete para essa

dificuldade de vinculação entre continente e conteúdo capaz de dar sentido, de organizar, integrar e investir a experiência. Rebeca sente, assim, que o conteúdo psíquico da experiência não se deixa representar (*“raramente se deixa ouvir”*) por uma função continente que reconhece (*“eu sentia a mexer”*), mas que sente desqualificada, fragilizada; daí a necessidade de um continente outro – Samuel, o saber dos médicos – que confirme o que ela não consegue sustentar.

Na segunda ecografia a preocupação incide exclusivamente sobre o continente, enquanto espaço e função, traduzida no receio de um útero insuficientemente adequado ou de diabetes gestacionais, reflexo psíquico de uma metabolização deficitária. *“Com o bebê estava muito descansada, estava preocupada era se tinha de ficar no hospital, mas não, estava tudo bem, ele também, as medições estão todas certas, não há problema nenhum”*, explica, dando voz à fragilidade que experimenta, revelando também o custo da operação defensiva que realiza: o afastamento entre continente e conteúdo protege este último, colocando-o à margem das fragilidades e desadequações do espaço que o acolhe, contudo promove o seu apagamento. Efetivamente, o relato de Rebeca sobre este momento ecográfico silencia a representação do feto, do qual apenas é dito que *“tem as dimensões todas perfeitas”* (inversamente ao fantasma que paira sobre o seu útero).

As representações e associações constituídas em torno da percepção dos movimentos fetais dão conta das dificuldades de contacto, mas também dos processos de superação dessas dificuldades, que Rebeca tateia. É, além do internamento, o tema que Rebeca mais elabora na entrevista, dando conta de um trabalho de apropriação e integração que assume a dupla valência da experiência: *“é muito bonito, é muito interessante, é, mas às vezes é um bocadinho incomodativo”*. Ao contrário da descoberta da gravidez, no primeiro trimestre, da vivência do internamento e suas ramificações psíquicas no segundo, o relato sobre a percepção dos movimentos fetais é marcado pela progressividade, pela continuidade, pela fluidez do movimento de inscrição psíquica que permite a Rebeca tolerar, primeiro, a dúvida e depois, lentamente, constituir uma representação em que continente e conteúdo se encontram numa totalidade significativa: *“Não tenho muito bem a noção de quando é que tive a certeza, [...] a primeira vez que senti disse ao Samuel, ‘Samuel alguma coisa se mexeu’, e ele respondeu-me: ‘são gases’. E eu lembro-me desse momento, porque a partir daí eu sentia várias vezes essas coisas, e pensava será que é, será que não é, fiquei sempre muito na dúvida. Mas depois, com o passar do tempo, como foi sempre igual, a sensação, apercebi-me perfeitamente que era ele”*. Através da regularidade, da continuidade, a dúvida pode ser transformada, pelo

pensamento que interroga, em certeza, e “*alguma coisa*” é transformada num “*ele*”. Um elemento movente, indissociável do continente que assegura a sua integridade e lhe confere significado: “*todo ele mexe, e mexe-se em vários sítios [...] Eu consigo perceber onde é que ele está todo quando ele se mexe, porque a barriga mexe toda*”.

No entanto, Rebeca sente sempre como frágil a sua capacidade de contenção – “*como a barriga é pequena eu sinto muito à superfície*” – e, conseqüentemente, de integração – “*ele dá um pontapé e eu assusto-me*” – o que a leva a reforçar a pele psíquica – “*isto tem água tudo à volta e tecido e tem muita proteção*” – e a convocar outros continentes. Com uma intensidade que manifesta a exigência e exaustividade deste trabalho psíquico, recorre à visibilidade e a Samuel como instrumentos de objetivação e exteriorização do que interna e subjetivamente tem dificuldade em sustentar. Diz, assim, em diferentes momentos da entrevista: “*a certeza eu só tive quando comecei a ver a barriga a mexer*”, “*vê-se assim mesmo, a mexer, dentro da barriga, e abana tudo*”, “*não somos só nós que sentimos, é mais alguém que vê*”, “*quando eu comecei a senti-lo e o Samuel não sentia era estranho*”, “*para mim é bom que o Samuel veja, sinte e, e perceba, e brinque [...] Não é uma coisa só minha é nossa. [...] Não é fictício, está lá, e ele sabe, e ele sente*”. De forma quase paradoxal, Rebeca trata a percepção interna como dado externo, porém este é o processo que permite o contacto, a transitividade (projetada em Samuel, na sequência ver, sentir, brincar), o investimento: “*para mim é, acho que o mais importante é mesmo senti-lo [...] o contacto com ele [...] porque é uma coisa que conseguimos partilhar*”. O movimento é organizador porque não é, verdadeiramente, uma injunção paradoxal que inviabiliza as fronteiras psíquicas, é um apelo, mas Rebeca sabe que, internamente, há um espaço de encontro só dela, mesmo que frágil, mesmo que incerto: “*ele não, não sente, não sente da mesma maneira que eu sinto*”. Contudo, este deslocar do ângulo de aproximação, do que sente para o que é visto, se a auxilia é também potenciador de alguma estranheza, que Rebeca verbaliza diretamente, dando conta de um fantasma parasitário, de desqualificação desse encontro que com tanta dificuldade procura integrar: “*acho que é giro, é estranho, parece uma lombriga que anda cá dentro*”.

Rebeca afasta-se de uma exploração mais subjetivada porque teme não ter recursos para a realizar; todavia, este afastamento leva a que qualquer solicitação externa, porque não amparada por um trabalho interno contínuo, seja disruptiva, fazendo emergir uma e outra vez os elementos associativos que já foram destacados: a fragilidade e impreparação do continente, o afastamento defensivo face ao conteúdo, a dor do encontro. São precisamente estes os elementos que se encontram sintetizados no relato da sua experiência na primeira aula

de preparação para o parto: “*eu olhava e só via pessoas com barriga à minha frente, e eu tinha uma barriga muito pequenina ainda, fiquei assim envergonhada [...] e pessoas muito mais velhas, [...] enganei-me de certeza, não devia ter feito isto, deve estar mal, não sei*”; “*fizemos um questionário de expectativas durante a gravidez, o parto e quando nasce o bebé, [...] eu estava um bocadinho sem saber o que, o que escrever [...]. O que é que eu penso desde que estou grávida? Que ele tenha os bracinhos e as mãozinhas e os pezinhos, que não venha com nenhum problema de saúde, e que nasça no tempo que deve nascer [...] quero que seja rápido, que não me doa muito e que seja uma coisa, que ele nasça perfeitinho sem precisar de ajuda [...] a minha expectativa, o que eu tenho mais receio é a amamentação, porque acho que deve ser mais doloroso para a mãe*”. O afastamento entre continente e conteúdo, refletido na ideia de um bebé que nasce sozinho “*sem precisar de ajuda*”, torna dolorosa qualquer reaproximação. Mas a possibilidade de dizer a dor psíquica que experimenta abre um campo novo e Rebeca pode, por momentos, reconhecer (embora não exatamente tolerar) a incerteza como elemento inalienável da experiência transformativa a que é convocada: “*não sei, nunca fui mãe, como é que eu vou saber, não posso saber [...] Nunca fui mãe, nunca tive perto de ser, não consigo. Não sei*”.

Neste segundo trimestre, figuram como personagens da narrativa de Rebeca, Samuel, os pais, um médico, duas médicas e as enfermeiras com que se cruza no internamento, e ainda dois conjuntos de grávidas, aquelas que conhece no internamento e aquelas que conhece nas aulas de preparação.

Samuel é convocado, sobretudo, como continente auxiliar que permite a Rebeca uma aproximação, mesmo que sempre titubeante, ao interior significativo do seu corpo, da sua gravidez, da sua mente. Assim, como observado, é fundamental a partilha com Samuel da percepção dos movimentos fetais, conferindo veracidade e transitividade à experiência: “*é bom que o Samuel veja, sinta e, e perceba, e brinque [...]. Não é fictício, está lá, e ele sabe, e ele sente*”. Quando Rebeca, sentindo-se impreparada, se aflige e atua a dificuldade de manutenção de uma temporalidade fluida, é Samuel quem a contém: “*quando me começaram a dar roupas eu comecei a ficar muito ansiosa, muito, ah quando é que nasce, como é que vai ser [...] comecei a ficar stressada e comecei, disse ao Samuel ‘temos de arrumar o quarto, temos de preparar tudo’ [...]. ‘Rebeca, não! Faltam quatro meses, acalma-te.’ E pronto, fez-me bem também, ele estar, ele dizer-me isso porque agora percebi, ok, falta*”. Rebeca pode então aproximar-se mais verdadeiramente do fantasma e expressar o seu receio de que algo a remeta, de novo, a um internamento na qual se veja incapaz de, sozinha, proceder às

integrações necessárias, à constituição de um espaço psíquico de acolhimento: *“também havia aquela coisa, se tiver que ir para o hospital [...] como é que vai ser com o quarto dele [...] comecei a ficar stressada, ansiosa, não sei, foi estranho”*. Este papel contentor (não exatamente organizador) é de tal forma fundamental, que a ausência de Samuel na ecografia em que Rebeca descobre o sexo do bebê é determinante, impedindo-a de significar o momento. É a ausência dele, mais que a presença de um novo dado, que Rebeca sublinha na sua narrativa.

Os pais de Rebeca são convocados, separadamente, como vozes que traduzem a dificuldade de apropriação e configuração da experiência. Uma tradução que não é para Rebeca usável para iniciar um processo transformativo sobre a mesma, apenas como indicador, como momento de atenção e notação. A mãe surge na sua narrativa quando Rebeca reflete sobre a forma como o nome se inscreve mais por omissão, do que por uma apropriação subjetiva: *“a minha mãe: ‘então mas já está decidido é António?’. ‘Pois, não sei, mas é talvez’. A minha mãe brinca com o assunto, porque diz ‘tanta coisa que não era António, ou António talvez, e agora nem reclamam, nós tratamos por António e vocês dizem que sim’ ”*. É esta constatação que leva Rebeca a expressar, diretamente, a dificuldade de inscrição com que se debate: *“só no dia em que o registar é que acredito”*. O pai surge destacado num outro episódio. Assim, conta como a dada altura passou a olhar em volta, na sua casa e na dos pais, verificando tudo o que podia ser potencialmente perigoso para o bebê. Um exercício mental de esvaziamento do espaço, cumprindo a mesma função psíquica que a dilatação que foi observada a operar como defesa relativa ao confinamento. O pai assinala o excesso e interpõe a ideia de uma relação interditora que organiza o espaço preenchido, conflitual, porém Rebeca não sabe como usar esta ideia: *“o meu pai dizia [...] ‘as crianças desta família foram criadas aqui e nós nunca tirámos nada [...] porque é que agora vai nascer a criança e tens de mudar tudo. Nem penses. Ele vai lá, mexe uma vez, nós ralhamos. Ele vai perceber que não pode mexer, para que é que vais estar a proteger tudo’ [...]. Eu quando olho para as coisas e quando penso como é que vai ser já, já tenho receio do que é que pode vir a acontecer, ainda o rapaz não nasceu, nem anda e eu já começo a stressar. Noto isso cada vez mais e não é muito bom”*.

No internamento, Rebeca cruza-se com um médico cuja indisponibilidade opera como amplificador da sua aflição, da sua solidão e da sua dificuldade em subjetivar a sua experiência: *“eu não gosto dele [...] é horrível, mesmo, acho que ele não é nada humano. Ele é uma pessoa muito fria, distante, ele nunca falou comigo [...] Mesmo estando à minha*

frente, e a falarem do meu processo, ele nunca perguntou como é que se sente, como é que está". A este médico veementemente criticado contrapõe, numa tentativa de clivagem que se revela inoperante, o grupo indiferenciado das enfermeiras – *"fantásticas [...] super preocupadas, cuidadosas"*, bem como duas médicas – *"a médica que me deu alta, cinco estrelas, adorei"* e a sua médica de família, *"muito simpática"*. De facto, ainda que Rebeca convoque para a cena estas personagens, é o médico horrível, frio, desumano que se destaca no seu relato e elas surgem, apenas, como antítese, pontualmente referidas, contudo nunca usadas como verdadeira alternativa. Esta centração na indisponibilidade e insensibilidade do médico espelha, com violência, a sua própria incapacidade de explorar o espaço subjetivo; mas realça, igualmente, a necessidade extrema, tanto quanto o uso difuso, da função contentora do objeto relacional que com ela tolere colocar a questão que, insistente e silenciosamente coloca a si mesma, sobre o que se passa no interior do seu corpo: *"como é que se sente, como é que está?"*.

As grávidas que encontra no internamento são descritas enquanto casos clínicos, vinhetas reificadas dos receios fantasmáticos de Rebeca: *"a Joana estava internada com diabetes gestacionais, [...] eu ainda não tinha feito as análises, [...] até lá não temos nenhum controlo para saber se temos ou não diabetes"*; *"a Maria [...] estava internada porque tinha o útero diminuto"*; *"uma senhora [...] que o bebé tinha uma deficiência [...] e ela só viu na ecografia morfológica [...] ainda não tinha feito a minha"*. Refletem todos os seus receios, e Rebeca sente-se incapaz de os conter.

Finalmente, as grávidas que conhece na aula de preparação para o parto são usadas para falar de um receio menos cru, mais mentalizado, o receio de não ser uma grávida plena, um continente suficientemente bom: *"elas é diferente, elas têm barrigas grandes, e estão todas incomodadas e eu cheguei e tinha uma cadeira com uma almofada, toda, não faz sentido para mim [...] eu tinha uma barriga muito pequenina ainda, fiquei assim envergonhada [...] quatro delas têm acima dos trinta e cinco anos, o primeiro filho. E isso deixou-me nervosa [...] eu acho que estou adiantada, enganei-me de certeza, não devia ter feito isto, deve estar mal, não sei"*. Ao contrário das grávidas que encontrou no internamento, cujo receio residia na identificação, aqui é um processo de diferenciação que começa a tomar lugar, que a remete para a sua fragilidade, mas que permite começar a tatear o que sente. Mesmo que apenas de forma muito incipiente, este é o momento da entrevista em que Rebeca se reporta mais claramente a si e ao que o encontro com o outro provoca nela.

Em suma, as personagens convocadas por Rebeca traduzem, de uma forma ou de outra, a dificuldade que experimenta na subjetivação da sua gravidez e que é apenas ligeiramente diminuída através do uso de continentes relacionais, porém nunca realmente superada. Rebeca sente que não dispõe, nesta altura, de recursos próprios e não sabe verdadeiramente usar os dos outros.

No espaço de intervisão foi assinalado o trabalho intenso, difícil e penoso de Rebeca na apropriação e representação da sua experiência. *“Um misto de coisa concreta pouco perceptível na sua concretude”* foi a formulação encontrada, por um dos elementos do grupo, para descrever a forma como Rebeca tateia as ideias com que procura fixar a experiência.

6.2.2 O segundo Rorschach

Rebeca inicia o encontro com o Rorschach (anexo 25) revelando imediatamente o seu desconforto: *“Ah lá vamos nós (tapa a cara, não olha, ri) Ah, meu deus (diz muito baixinho)”*. Confirma e atualiza, desta forma, o mal estar experimentado no primeiro encontro. No entanto, e apesar de persistirem, ao longo do protocolo, índices da sua dificuldade de comunicação com o objeto-mancha, Rebeca revela-se ligeiramente mais capaz de conter o seu mal estar. Esta maior capacidade de contenção traduz-se na possibilidade de fazer uso de tempos de latência organizadores em alguns cartões (III, VI, VII, VIII) e em seqüências associativas menos dispersas (desaparece o excesso de verbalização que acompanhava, no primeiro Rorschach, as respostas cotáveis sem no entanto veicular nenhum movimento integrador), reveladoras de uma maior capacidade de circunscrever e estabilizar os objetos constituídos.

Face ao primeiro cartão, e depois de, como indicado, expressar o seu desconforto, Rebeca convoca a literalidade do material como forma de, recusando-a, a poder superar – *“abstraindo-me de uma folha dobrada ao meio”*. A expressão condensa dois movimentos opostos, usados como prelúdio necessário ao processo de significação: um movimento de submissão radical da sua subjetividade, seguida do distanciamento extremo de si face ao cartão. Pode então configurar *“um animal”*, que logo procura precisar a partir de um pormenor do eixo – *“as pinças de [...] um fangueiro [...] dos carochas”* –, mas que acaba por sujeitar à dúvida e manter indeterminado – *“não é bem [...] de um inseto”*. No inquérito dá a ver o mesmo movimento, embora com mais pormenor, de exploração da mancha em busca de

uma representação aproximada, jogando com a conjugação entre o que encontra no eixo e “*a estrutura associada*”. Rebeca revela assim que, mantendo a preocupação de aproximação excessiva entre a representação e o cartão, que testemunha a sua submissão ao objeto-mancha, tem agora a capacidade de explorar com uma ligeira maior liberdade os continentes possíveis, num movimento de procura, encontro e novamente procura que revela a maior fluidez dos processos de dispersão e integração.

Face ao cartão II, Rebeca começa por nomear “*duas pessoas*”, recuando em seguida para “*duas formas vivas*”, que representa “*com a mão colada uma à outra*”. Prossegue explicando o seu recuo: “*pessoas não porque têm um bico, pronto, não é uma cara humana*”. No inquérito as mãos deixam de estar coladas e passam a “*uma mão encostada à outra*”. Revela também o desconforto que experimenta face à imagem, que percebe como agressiva “*não estão calmos [...] o facto de estar o bico aberto [...] associo mais a uma imagem de uma luta*”, mas consegue conter e integrar esta disrupção num contexto significativa: “*um ritual [...] mitologia*”. A apreensão mais global, menos pormenorizada, quer no momento inicial, quer no momento final, dá a ver as possibilidades integrativas de Rebeca, que são postas em causa quando explora os pormenores da mancha: fá-lo perscrutando o objeto, porém é com a sua projeção que se defronta; é esse desencontro com o objeto que tenta, a todo o custo, impedir quando se defende do processo de subjetivação. No entanto, observa-se aqui que a possibilidade de se aproximar do seu desconforto permite a sua elaboração, o que contrasta com a recusa ocorrida no primeiro Rorschach em face deste cartão. Este processo explica também que o cartão deixe de figurar como escolha negativa.

O encontro com o cartão III inicia-se com um comentário que revela o impacto positivo do objeto-mancha: “*este para mim é o melhor*”. Evoca, então, “*duas pessoas, com uma ligação, emocional, [...] e que estão a mexer em algo em conjunto*”. No inquérito foca, novamente, o impacto afetivo do encontro com o cartão: “*desperta em mim muito, muito mais carinho [...], uma relação mais intensa*”. Desapareceu, neste segundo Rorschach, a identificação sexuada das personagens, mas também a necessidade de paralisação da imagem. Mais uma vez, a possibilidade de expressar o impacto do encontro revela-se como processo organizador, capaz de conter mais eficazmente o processo de representação do que as tentativas de anular a comunicação com o objeto, ou de a constranger radicalmente (pela submissão às suas características ou pela fixação de limites abruptos, como o enquadramento paralisante). O cartão mantém-se como escolha positiva, constância que Rebeca assinala diretamente, dando conta da inscrição do encontro com o cartão numa história relacional

partilhada: “*as duas vezes que vi, [...] [o] que me chamou a atenção foi haver uma ligação entre eles, amor, amizade, não importa, uma relação*”.

No cartão IV, Rebeca evoca “*uma pele, de um animal*”, interrompendo imediatamente a seguir o curso associativo. Desaparece assim, da passagem espontânea, a dinâmica agressiva que ocorria no primeiro Rorschach e que aqui regressa apenas no inquérito e na prova das escolhas, na qual o cartão se mantém como seleção negativa. No entanto, essa evocação é agora ligeiramente menos intensa, mais contida, embora ainda bastante violenta e disruptiva: “*Uma pele, um bicho [...] foi preso num esferovite, com alfinetes, foi cortado ao meio. E aberto*”. É a passagem da representação aplanada, mais superficial e sensorial (a pele, resposta esbatimento) à dimensionalidade (um bicho), a consideração do conteúdo e não só a manutenção do continente, mas também a proximidade que são desorganizadoras: na prova de escolhas sublinha essa identificação, “*associo a um animal dissecado e [...] eu trabalho com eles*”, que, no inquérito, procura contrariar, “*um rato cinzento [...] os ratos que eu abro são brancos*”, operação que provavelmente permite a menor intensidade observada neste momento, em comparação com o primeiro Rorschach.

Face ao cartão V, Rebeca retoma as representações anteriormente evocadas, porém agora na ordem inversa: “*um morcego, também podia ser uma borboleta*”. O essencial da indecisão de Rebeca alterou-se ligeiramente, uma vez que já não se deve a uma oscilação entre as características do eixo e o recorte exterior, mas entre diferentes perspetivas sobre o eixo (a parte superior associada à borboleta, a inferior ao morcego) em confronto com a estrutura, cuja coesão assinala (“*as asas [...] serem unidas*”). Agora esta dúvida surge mais contida, sem necessidade de uma exploração excessiva e inquietante sobre os pormenores do objeto-mancha, podendo Rebeca sustentar a incerteza.

Uma elevação significativa do tempo de latência precede o início da verbalização em face do cartão VI. Rebeca configura, novamente, “*uma pele de um animal*” a que acrescenta, no detalhe superior, “*um simbolismo qualquer, de uma tribo*”, resposta que no primeiro Rorschach anterior figurava apenas no inquérito. As duas repostas encontram-se associadas, como revela Rebeca no inquérito – “*faz-me lembrar uma tribo [...] índios [...] e peles [...] não sei, por [...] ter a noção que eles usam mais peles*” –, contudo a sua plena integração não é possível. Efetivamente, o tempo de latência parece ter sido usado como momento de organização das duas imagens, de forma a que não se aproximassem demais: preocupação que Rebeca revela no inquérito e que se justifica dado que a aproximação, suscitada pela minha interrogação, leva a alguma confusão – “*quando penso em peles... não penso só em tribos [...]*

os meus pais têm uma pele de vaca em casa [...] eu falo em tribos mas, quer dizer, é africano, não é só a tribo em si, índios, é o africano”; nem se afastassem a ponto de uma delas não poder ser comunicada (como no primeiro Rorschach). A resposta revela a dificuldade em aproximar continente e conteúdo, porém revela também uma maior operacionalidade, ainda que mantendo falhas significativas, dos processos de dispersão e integração.

No cartão VII, Rebeca figura, no primeiro terço, *“a cabeça de uma pessoa”*, que no inquérito ganha maior precisão, *“duas meninas”*, e no segundo terço *“outra cabeça mas de [...] um animal”*, hesitando em seguida *“não digo que seja algum animal, mas não é uma forma humana”*. Ao contrário do primeiro Rorschach, Rebeca consegue manter distintas as duas interpretações, revelando maior operacionalidade da função continente. Mais uma vez, esta maior continência surge associada a uma maior capacidade de sustentar a incerteza (relativa ao segundo terço) que, desta forma, não desagrega a integração conseguida, mas também não força integrações impossíveis e por isso desorganizadoras.

Face ao cartão VIII, Rebeca convoca *“dois animais, quadrúpedes”*, que agora não precisa mais pormenorizadamente, e *“um fóssil”*. Tal como no cartão VII, e ao contrário do primeiro Rorschach, Rebeca mantém a diferenciação entre as imagens. Também tal como no cartão anterior, sustenta a dúvida e tolera a vivência de estranheza face à segunda imagem convocada – *“whatever, não sei”* –, o que permite a emergência de uma outra interrogação: *“eu gostava de saber o que é que as pessoas, as outras pessoas veem”*. Rebeca faz assim intervir a subjetividade, tomada como vértice possível de aproximação criativa, mesmo que de forma ainda muito embrionária (a utilização do verbo ‘ver’ indica ainda a submissão ao objeto-mancha, ao polo perceptivo). No inquérito emerge o conteúdo inquietante encoberto na passagem espontânea pela dúvida: *“aqui vejo mais uma estrutura em degradação”*. A inquietação, que incide sobre a desvitalização do eixo central (reflexo do eixo somatopsíquico), é no entanto contida através da sua circunscrição à representação figurada nesse espaço, destacada da representação dos objetos inteiros e vivos na zona exterior da mancha e da base da mesma, deixada em aberto *“qualquer coisa abstrata”*.

No cartão IX, figura novamente *“um babuíno”* no laranja superior, deixando o resto da mancha por interpretar: *“qualquer coisa abstrata”*. Esta formulação substitui, neste segundo Rorschach, a paralisação da imagem operada anteriormente por Rebeca através da colocação em quadro da representação enquanto *“pintura rupestre”*. A eficácia do procedimento é verificável pelo desaparecimento do escrutínio que tornava instável e confusa a representação do animal humanoide. O concentrado simbólico a que aludia no primeiro Rorschach (o

babuíno como referência imprecisa porém significativa) supõe-se, agora, silenciado mas ativo, já que a imagem persiste e ganhou integridade.

Face ao cartão X, Rebeca expressa imediata e diretamente o investimento afetivo desencadeado pelo encontro com o objeto-mancha: “*gosto desta*”. Destaca, em seguida, “*dois pássaros*” e, antes de acrescentar “*um coelho*”, integra o conjunto disperso da mancha num todo significativo que conserva a abertura e a diversidade: “*vejo primavera*” diz, a que acrescenta, na prova de escolhas, “*é alegria, primavera, é, tem uma diversidade, não sei, eu olho e associo a um, a um prado, com animais e um dia bonito com flores, primavera*”. A sequência revela a maior mobilidade psíquica de Rebeca, que, conservando o essencial dos objetos anteriormente evocados lhes confere um sentido organizador.

A intersecção entre a análise da sequência das respostas e a leitura do psicograma (anexo 25) permite destacar um conjunto de transformações significativas na forma como Rebeca aborda, neste segundo momento, a situação Rorschach.

Apesar de continuarem a existir sinais da dificuldade de Rebeca em subjetivar, de forma liberta e enriquecedora, o encontro (correspondência excessiva entre modos de apreensão e os cartões que os propiciam), é observável uma maior capacidade de contenção em face do objeto-mancha, testemunhada, desde logo, pela redução do número de respostas espontâneas, mas sobretudo dos comentários hesitantes que as acompanham. Uma contenção que permite, simultaneamente, uma maior tolerância à ambiguidade do objeto (redução de F% que resulta da menor necessidade de perscrutar o objeto para o estabilizar) e maiores capacidades integrativas, através da constituição de representações adequadas (desaparecimento da recusa no cartão II e aumento de F+% e F+%a que passam a valores normativos). É significativo que, mais capaz de uma contenção interna, Rebeca dispense o uso de continentes abruptos, excessivos e paralisantes a que recorria no primeiro momento ao tornar as imagens (dos cartões III, IX X) em quadros.

Neste contexto, as emergências fantasmáticas mais cruas e inquietantes diminuem de intensidade, sobretudo na passagem espontânea, o que é possível porque Rebeca se revela capaz de expressar de forma mais direta e desimpedida o seu mal estar e mais capaz de sustentar diferenciações operativas (no cartão II a recusa é superada e Rebeca verbaliza a dificuldade, nos cartões IV e VI diminui substancialmente a carga agressiva e no cartão VII desaparece o movimento bizarro de junção dos corpos bicéfalos).

A fragilidade e o fantasma permanecem, como se observa pela análise dos conteúdos temáticos (as desvitalizações dos cartões IV e VI, a disformidade da representação humana no cartão II, agora associada a uma ligação excessiva, “*com a mão colada*”) e pela atenção aos comentários que, desaparecendo na passagem espontânea, ressurgem no inquérito (cartão IV e VII). Contudo, são agora mais manuseáveis, como foi sendo assinalado ao longo da análise das sequências associativas, o que revela maior circulação psíquica e diminuição do temor e da estranheza experimentada em face do seu interior, confirmadas pela elevação da percentagem de respostas formalmente adequadas e pela elevação, para um nível normativo, da percentagem de respostas H.

Concluindo e sistematizando, a possibilidade de tolerar a incerteza e de assumir o impacto do objeto-mancha – não apenas na sua valência negativa e inquietante (cartões II, IV e VI), mas também na valência positiva, relacional ou sensorialmente aprazível (cartões III e X), permitem a Rebeca, neste segundo momento, um encontro ligeiramente mais desimpedido consigo mesma e com a sua gravidez, através da situação Rorschach.

6.2.3 As segundas histórias TAT

As narrativas de Rebeca face aos cinco cartões TAT propostos (anexo 26) são agora ligeiramente menos difusas e mais desimpedidas, reverberando mais diretamente as solicitações latentes do material, embora mantenham, no geral um carácter vago, uma apreensão hesitante. A dificuldade em manusear as solicitações relacionais é agora menos desorganizadora, embora continue a não ser elaborada.

Depois de uma breve latência inicial, no cartão 1, Rebeca identifica novamente a personagem, “*um menino*”, que experimenta dificuldades face a um objeto que se mantém não designável: “*ou não consegue tocar, ou é obrigado a tocar e não lhe apetece*”. Ao contrário do primeiro momento de encontro com o TAT, Rebeca hesita sobre a inscrição desta dificuldade num plano estritamente interno, “*ou não consegue tocar*”, ou num contexto relacional “*ou é obrigado [...] e não lhe apetece*”. Concomitantemente, a sequência de afetos verbalizados ganha maior espessura intrapsíquica, muito embora descontínua: “*aborrecido [...] não está feliz [...]. Também pode estar desmoralizado, por não conseguir tocar, pode ser uma sensação de frustração, [...] um sentimento [...] de desinteresse*”. A abertura de hipóteses relativas ao material cria um espaço de incerteza, de dúvida sobre o encontro e as suas possibilidades, ainda que um espaço pouco subjetivado e imediatamente afastado: “*Não sei. Gostava de saber o que é que ...*”. Neste segundo momento a dificuldade de encontro com o

objeto é explorada, abrindo-se novas possibilidades de significação que já contém embriões relacionais.

Face ao cartão 5, Rebeca evoca novamente uma situação ambígua, porém já sem introdução de elementos incoerentes. Uma personagem anónima, “*alguém*”, perscruta, intensamente “*com ar de vigia*”, um espaço interno. Através de uma negação, a dimensão mais persecutória, “*vigia*”, é transformada numa aproximação mais desimpedida e investida, “*não tem ar de ser curiosidade*”. O espaço surge agora mais clarificado, “*um quarto*”, e novamente sujeito a uma negação: “*não associo a um quarto do bebé*”. A narrativa prossegue enunciando a incerteza e obscuridade da situação, “*alguma coisa se passava, ou alguém estava naquela sala*”, mas torna-se possível designar a personagem como “*senhora*”. O curso associativo é terminado, tal como no cartão anterior, pela expressão da impossibilidade de constituir sentido, “*não sei*”, a que acresce, agora uma crítica ao material, “*estas imagens são demasiado confusas*”, que reflete a dispersão provocada por este encontro com um interior que não consegue subjetivar.

O cartão 6 GF começa por ser abordado com recurso a um processo de paralisação, neutralização e afastamento da representação: “*uma imagem de um filme, uma fotografia a preto e branco, 1940*”. Mantendo esse contexto – “*eu aqui dizia que tinha sido pousar para uma foto*” – centra-se na personagem feminina, que começa por não designar diretamente como tal – “*pelo ar da pessoa, a maneira como está arranjada*” –, mas através de atributos isolados “*batim*”, “*nos lábios*”, “*cabelo arranjado*”. Perscruta, então, a expressão da personagem em busca de pistas que a auxiliem no processo de significação: “*não vejo sinceridade na cara dela, podia ser de espanto*”. A personagem masculina é introduzida novamente sem referência à sua identidade sexual ou relacional, “*a pessoa*”. O encontro não é esclarecido, pairando um certo mal estar difuso e deixado em suspenso: “*aquela sensação de aparecer alguém e falta-me a palavra + de ++ surpresa! Às vezes menos boas, porque ela não parece muito feliz. Talvez*”. O carácter enigmático e impreciso do encontro entre o feminino e o masculino mantém-se, contudo há um vínculo, negativo, que é tenuemente assumido.

No cartão 7 GF, Rebeca evoca imediatamente uma relação transitiva, “*uma menina que está a brincar, com um nenuco*”. A personagem adulta é introduzida em seguida – “*a mãe + está a entrar na história*” –, originando um desinvestimento da relação anterior – “*mas a menina não está muito interessada em brincar com o nenuco*”. A impossibilidade de integrar os três elementos numa relação partilhada inquieta Rebeca, que critica diretamente o material:

“é tudo tão estranho nesta imagem”. Todavia, este comentário, seguido da explicitação do que a inquieta, relança a narrativa, permitindo dizer o desencontro das duas personagens e, paralelamente, sustentar o uso de objetos transitivos por cada uma delas: “a pessoa que está ao lado parece que está a ler um livro, [...] é uma menina [...] está a brincar, mas não está com ar de interesse em brincar, ou na história”. A ausência de contacto entre as duas personagens acaba por levar ao corte associativo: “não sei, + não faço a mínima ideia”. Nesta sequência é já possível investir, intrapsiquicamente, mesmo que de forma descontínua, a função continente apesar de persistir a dificuldade de a manusear no seio de uma relação.

Face ao cartão 19, Rebeca destaca e identifica “uma casa”, que desdobra, “ali está outra casa” e que posiciona em face de um universo sensorial: “associo ao inverno, neve [...] está vento”. O curso associativo é quebrado, “não sei, não consigo”, mas ao contrário do primeiro TAT a representação não perde a fronteira delimitadora, nem é invadida por estranheza. O continente ganhou definição e estabilidade, embora a exploração do seu interior não seja possível.

A análise das sequências associativas permite verificar que, neste segundo momento, Rebeca continua a construir histórias que giram em torno experiência subjetiva das personagens e a fazer um uso muito significativo de procedimentos de restrição da narrativa, apoiando-se, por vezes, em elementos da realidade externa. No entanto, Rebeca tateia dimensões mais mentalizadas, ao introduzir *a minima* dimensões intra e intersíquicas (respetivamente no cartão 5, com um esboço, mesmo que negado, de curiosidade, e no cartão 7GF, com a tentativa de aproximação lúdica e relacional). Por outro lado, surgem também com mais frequência e mais peso, mesmo que ainda ligeiro, embriões imaginários que enriquecem e clarificam, sempre timidamente, as narrativas (a evocação implícita de personagens que não figuram no cartão 1, a exploração mínima de fantasias nos cartões 6GF e 7GF). O uso de procedimentos extra-narrativos é agora mais comum, designadamente o recurso à esfera corporal e motora, o recurso à relação com o clínico e o recurso à autorreferência. O uso destes procedimentos deixa de estar unicamente ao serviço de uma descarga do desconforto vivido por Rebeca em face da situação TAT, ganhando por vezes (nos cartões 1, 6GF e 7GF) um valor desobstrutivo na sequência. A tonalidade predominantemente disfórica das histórias constituídas em face aos cartões 1 e 7 GF permanece, como se verifica pelos adjetivos (aborrecido, desmoralizado, estranho) e verbos usados (não consegue, obrigado, não lhe apetece, não interessada), porém há uma exploração mais liberta da situação através da formulação de dúvidas sobre as mesmas. Face aos cartões

5 e 6GF permanece, também, o carácter enigmático das situações evocadas, todavia elas surgem agora mais contidas (pela designação do espaço no 5, pelo enquadramento do 6GF). Assim, Rebeca abre, interroga, onde antes apenas fechava, e contém onde antes apenas se dispersava. Os dois movimentos concorrem para a possibilidade de abordar o cartão 19 sem desorganização. Concluindo, o conjunto destas alterações confirma a maior mobilidade psíquica de Rebeca, em face do TAT, que foi sendo assinalada na leitura das sequências associativas. Uma mobilidade ainda tímida, custosa, incapaz de uma comunicação verdadeiramente enriquecedora, mas já mais capaz de conter a indefinição e confusão.

Concluída a entrevista e as provas projetivas o gravador é desligado e Rebeca volta a sublinhar a sua dificuldade em atribuir sentido ao material, principalmente ao Rorschach, porém congratula-se por ter conseguido, sobretudo no último cartão, mesmo não sendo nada muito explícito. Tal como no final do nosso primeiro encontro, prefere deixar já marcada uma data e hora para nos encontrarmos no terceiro trimestre. Fala-me um pouco do seu trabalho de investigação que, diz, não está a correr bem porque “*as pessoas nunca têm o que nós queremos*”, ecoando desta forma a não usabilidade dos seus objetos relacionais que foi afirmando na entrevista, mas também a sua maior capacidade de comunicar o que a afeta.

6.2.4 Rebeca em transformação no segundo trimestre

No segundo trimestre, a mente de Rebeca continua a revelar dificuldade na estabilização da gravidez enquanto objeto psíquico. A sua vivência continua marcada por descontinuidades, contrastes e estranheza, revelando a prevalência de processos dispersivos (PS) ainda pouco integráveis – observáveis, na entrevista, nas referências à pressão que a gravidez impõe ao seu corpo, ou na impossibilidade de recuperar os seus sonhos; observáveis, também, no Rorschach, nos índices de dificuldade de comunicação com o objeto-mancha, que se fazem presentes igualmente no TAT, sobretudo nos cartões 1, 5 e 6GF. A dificuldade em mentalizar os aspetos inquietantes da experiência, expressos sempre através de um uso demasiado literal do corpo e dos dados da realidade externa, fragiliza-a e é essa fragilidade que se revela o facto selecionado que ordena as narrativas. É precisamente quando reconhece essa fragilidade, quando a assume como realidade subjetiva, que se aproxima de movimentos mais organizadores (D), capazes de estabilizarem a experiência e de promoverem alguma circulação no espaço mental: como ocorre nas sequências associativas em torno das aulas de preparação para o parto, ou da tristeza experimentada na ecografia em que recebe sozinha a

informação sobre o sexo; no Rorschach e no TAT, como evidenciado face aos primeiros cartões, o reconhecimento da dificuldade de contacto e de significação abre possibilidades integradoras, e torna o conjunto dos protocolos relativamente mais desimpedido. Desta forma, o campo psíquico de Rebeca, no segundo trimestre, continua orientado sobretudo por processos dispersivos, muito embora seja já possível o esboço de integrações, permitindo ultrapassar a circularidade antes evidenciada. É assim um campo representável como PS[→D].

Observadas a partir do vértice da relação ♀♂, as narrativas de Rebeca do segundo trimestre revelam a interposição de uma distância entre os dois elementos psíquicos, testemunhada, na entrevista, no silêncio que recai sobre o feto quando descreve a vivência do internamento, ou na segunda ecografia; no Rorschach, na maior restrição na passagem espontânea, em que configura os objetos sem os explorar; e, no TAT, na estabilização das representações face aos cartões 7GF e 19, mas sem que a interioridade da relação ou do espaço possa ser explorada. Uma distância que visa proteger o ♂ das insuficiências atribuídas ao ♀. A gravidez, enquanto ♂ psíquico, é experimentada como pressionando o espaço mental a um alargamento e a uma reconfiguração que Rebeca tem dificuldade em realizar: o espaço interno, sentido como claustrofóbico e insuficientemente acolhedor – como evidenciado no receio fantasmático de um útero diminuto – é submetido a uma dilatação – refletida na forma como descreve a forma abrupta como sente que a sua barriga cresceu –, que dificulta a ligação comunicante com os ♂ da experiência, embora permita também diminuir a disruptividade dos ♂ mais inquietantes – o que é testemunhado pela diminuição destes nas provas projetivas.

Existem, no entanto, momentos de aproximação significativa que dão a ver a possibilidade de um trabalho gradual de reposição da continuidade psíquica e do contacto, quando a fragilidade, a inquietação podem ser mais toleradas e integradas – como ocorre, na entrevista, na descrição sobre a progressiva apreensão e investimento dos movimentos fetais e, no Rorschach, na sequência associativa face ao cartão III. Um trabalho auxiliado por um reforço do ♀, a partir da solicitação dessa função no objeto relacional, ou de um reforço da pele psíquica – como ilustrado, na entrevista, pela interposição de uma barreira aquática de proteção do feto e pela introdução de Samuel na aproximação à vivência dos movimentos fetais; no Rorschach o uso de tempos de latência surge em alguns cartões, permitindo alguma estabilização dos objetos, revelando assim a sua função de proteção e reforço do espaço psíquico face ao objeto.

A desvinculação ordena, pois, os movimentos de afastamento, evadindo a interrogação e a exploração do impacto da experiência emocional – como denota a impossibilidade de recuperar os seus sonhos e o carácter vago das narrativas TAT. Esta evasão impede, por um lado, o seu investimento em L (como indiciado pelo silêncio sobre o feto na segunda ecografia e na forma como deixa em suspenso a escolha do nome), porém permite também reduzir, relativamente ao trimestre anterior, a perturbação não integrável de H (como revelado pela menor perturbação observada na entrevista, tanto quanto nas provas projetivas). O silêncio recobre, assim, a expressão emocional, que só pode ser dita, sem reconhecimento psíquico, no corpo – o peso que sente *versus* a inquietação de não sentir o bebé em determinada zona da barriga – ou no outro – as grávidas do internamento, a dificuldade relacional das personagens representadas no TAT –, depositário dos ♂ impensáveis. Contudo, por detrás deste silêncio, é possível vislumbrar um trabalho tímido e subterrâneo no qual um K interrogativo abre espaço a um embrião de vinculação L, que pontualmente se dá a ver nas aproximações aos ♂ da experiência, aproximações graduais, de reconhecimento e investimento afetivo, mas que não chegam a desencadear uma exploração e elaboração efetivas: como é observável na descrição da perceção dos movimentos fetais, e como transparece na maior capacidade de tolerar os encontros com o material projetivo, nos quais esse trabalho é evidente tendo em conta a evolução face ao primeiro momento.

Em síntese, no segundo trimestre, Rebeca continua a revelar a sua dificuldade na apropriação subjetiva da sua experiência. A dificuldade em tolerar a incerteza e a dor impedem um processo de significação verdadeiramente operante. Sem conseguir assegurar um espaço mental suficientemente estabilizado para permitir a interrogação da experiência, dos ♂ emocionais por ela desencadeados, Rebeca não consegue explorá-los e investi-los. O silêncio recai sobre o interior do seu corpo e da sua experiência. No entanto, por detrás desse silêncio algo se move, algo se transforma nesses sonhos irrecuperáveis, mesmo que Rebeca não consiga ainda apreender com clareza e segurança essa mobilidade.

6.3 Terceiro encontro: 36 semanas

Rebeca chega ao nosso último encontro (marcado no final da segunda entrevista), com alguns minutos de atraso. Estamos no inverno e tenho um aquecedor ligado. Digo-lhe, enquanto retira os casacos que traz vestidos, que me diga se preferir que diminua o aquecedor, até porque terá, provavelmente, mais calor que eu. Rebeca ri-se e diz-me que anda um bocado “*trocada*” das outras pessoas relativamente ao calor. Dirige-se logo para perto do sofá e é aí

que se senta. Noto que olha pouco para mim, só uns segundos e desvia o olhar para a barriga, que vai acariciando em permanência, repetindo este ciclo durante toda a entrevista. Sobretudo no final, permanece muito tempo a olhar para a barriga. No início do encontro tenho a sensação de que o diálogo é menos fluído, mais entrecortado; todavia, reparo a dada altura, com surpresa, que já tinha passado mais tempo do que imaginava e sou, na última parte da entrevista surpreendida com a abertura e clareza de Rebeca, assim como com a forma como, no final do encontro, valoriza a sua participação na investigação como um momento de enriquecimento da sua experiência da gravidez.

Rebeca está focada sobretudo no seu interior, desencontrada dos outros (nas sensações térmicas, no olhar) porque imersa em si mesma. Mas está comunicante, como se verifica pela minha surpresa com o tempo de diálogo em que eu própria estive imersa. É a ligação entre estas duas disposições que explica que possa coexistir uma sensação de descontinuidade e desencontro, com uma fluidez temporal e afetiva que não são imediatamente percebidas, porque reportam a uma dimensão mais subtil e mais íntima, uma continuidade que sustém as descontinuidades mais superficiais.

6.3.1 A terceira entrevista

O terceiro trimestre é vivido por Rebeca como momento de espera, de antecipação. A aproximação do parto amplia a sua inquietação mas, surpreendentemente, permite também começar a designá-la de forma mais mentalizada, mais subjetivamente assumida: *“Nunca se vai saber até acontecer, e acho que é isso que me assusta, é a incerteza, o desconhecido”*. Desta forma, o peso que sentia e dizia através do corpo transforma-se num conteúdo psíquico expresso como tal: *“não é que pese, é a ansiedade de ver o que é que vem a seguir”*.

Rebeca procura circunscrever, mesmo confinar esta inquietação, encontrando envelopes temporais para a disrupção – *“no primeiro mês do terceiro trimestre [...] tive assim alguns momentos mais stressantes [...] começaram os receios do que é que vinha aí”, “estamos [...] muito assustados com o primeiro mês”* –, todavia ela reemerge continuamente sob a forma de realidade difícil de conter pelo pensamento, porque derradeiramente desconhecida, questionando os seus recursos psíquicos – *“nós estamos a preparamo-nos, mas acho que não vamos conseguir”, “nós não sabemos, nunca fomos pais”*. A circunscrição no tempo e a diluição no plural são instâncias paradigmáticas dos movimentos de contenção e dispersão, sempre um pouco excessivos, que se sucedem nas narrativas de Rebeca desde o primeiro trimestre. É a sua maior potencialidade organizadora, neste nosso encontro, que é o

elemento novo. Testemunham-na um discurso mais autêntico, mais subjetivado, simultaneamente mais tolerante à dispersão, à incerteza – *“não sei, será sono, cansaço, acho que é uma mistura”* – e mais capaz de esboçar integrações – *“falamos muito do como é que vai ser, brincamos muito com a situação”* –, o que resulta na possibilidade de tatear a continuidade da experiência de uma forma que até agora não era possível a Rebeca, e que abre novas possibilidades de investimento na atualidade da sua vivência: *“toda a gente me disse que o último trimestre era o mais difícil porque a pessoa está mais pesada, porque já está ansiosa. Para mim está a ser o melhor”*.

Efetivamente, a natureza descontínua da forma como experiencia a gravidez, pontuada por episódios disruptivos, sobressaltos médicos e fantasmáticos é agora assumida, inscrita e usada como o próprio substrato da continuidade. É assim que começa a entrevista por relatar que teve *“mais um percalço [...] mais uma ida às urgências, mais um stress”*, disrupção que logo circunscreve: *“mas de resto correu bem”*. *“Foi mais uma história, da gravidez”*, conclui. A sequência dá conta da forma como Rebeca tece o fio da continuidade, integrando agora as discontinuidades, inscrevendo-as enquanto sucessão significativa da sua história. Ao contrário das formulações paradoxais que usava anteriormente, anunciando urgências e negando qualquer dificuldade imediatamente a seguir, aqui Rebeca assume que algo não foi, não é, tão pacífico assim.

Pode, então, dar voz, nome e corpo ao fantasma que, assume, *“acompanha a gravidez toda”*, mas que só agora, com a aproximação do encontro, pode elaborar e partilhar: *“um pensamento que nunca sai, ou que nunca me saiu da cabeça foi se estaria tudo bem com o bebé, se ele ia nascer perfeito e com muita saúde. E acho que continua a ser o meu maior medo. Porque as ecografias mostram, mas quer dizer, nunca se sabe”*; *“é assustador, é, não, não vou dizer que não pense nisso quando estou acordada durante a noite, e se calhar é por isso que não durmo, que não consigo adormecer tão facilmente, mas não há muito que possamos fazer, agora é esperar até ao fim e ver”*. O reconhecimento da verdade psíquica permite a apropriação, a integração e a valorização da experiência. É a possibilidade de fazer face ao desconhecido, *“nunca se sabe”*, de tolerar essa aproximação ao conteúdo inquietante da sua gravidez, sem o recusar, sem o diminuir, que permite que, apesar da intensidade destes receios, Rebeca identifique este trimestre como *“o melhor”*. Os diversos episódios relatados ao longo deste nosso terceiro encontro circulam em torno deste trabalho psíquico de reposição da continuidade psíquica, através da possibilidade de tolerar a fragilidade, o risco, o desconhecido que a experiência da gravidez impõe.

A maior mentalização, enquanto investimento de um espaço interior, invisível, no qual a experiência é tolerada, manuseada, elaborada, tem como resultado a redução do peso concedido aos elementos mais concretos, mais literais, mais visíveis. O corpo, através do qual Rebeca tateava anteriormente as transformações impostas pela experiência, deixa de ocupar o lugar central do discurso. Surge ainda a assinalar sobressaltos, fragilidades da função continente – *“só agora é que comecei a ganhar mais barriga [...] eu acho, porque de uma semana, de um dia para o outro eu deixo de vestir as minhas camisas, e começam a rebentar pelas costuras [...] cresceu muito rápido, foi assim de um momento para o outro”* –, mas é já possível inscrever-se numa sequência associativa de reposição da temporalidade – *“continua a crescer”* – e refletir o investimento na experiência da gravidez: *“acho que está uma barriga bonita”*. Por outro lado, o encontro ecográfico, experimentado como instância dessa visibilidade que Rebeca reconhece agora como insuficiente, porque distante do trabalho psíquico em que está envolvida, é descrito como *“imagem muito distorcida”, “nada de interessante”*, uma concretização que parcializa a representação – *“já é muito grande, não se percebe grande coisa [...] é muito, muito por partes, é ver um ossinho aqui, ver um outro ossinho”* – e que por isso é rejeitada *“não gostei mesmo”*.

É sobretudo através das associações em torno da percepção dos movimentos fetais, cuja intensidade é reiteradamente sublinhada – *“eu sinto-o mexer e ele mexe-se muito bem, e ele é super agitado”* –, que Rebeca partilha as vicissitudes do trabalho psíquico em que está envolvida, dando a ver a maior capacidade de reconhecimento e tolerância das dificuldades com que se confronta. Assim, através do relato em torno dos movimentos fetais, Rebeca exprime o trabalho de reposição da continuidade a partir da contenção e integração dos sobressaltos que a experiência provoca: *“ele não está sempre a mexer, nem está sempre agitado, portanto é tentar levantar um bocadinho, andar e ele acalma e eu volto a trabalhar”*. Revela, também, a possibilidade de reconhecer e assumir a dor e o receio em face do desconhecido, uma dor que começa por emergir abruptamente – *“ele não é propriamente querido para mim, ele espanca-me um bocado”* –, mas que é em seguida contida e elaborada, – *“às vezes magoa-me, mas também não é nada de mais, acho que é um bocado mais o não estar à espera que assusta”*. Pode, então, aproximar-se dos significados inquietantes condensados nesta intensidade atribuída à mobilidade fetal, designadamente a dificuldade em conter a angústia face à aproximação do parto – *“ando sempre com receio que seja uma contração”* –, e sobretudo a defesa face ao fantasma – *“sei lá, pode ter todo este movimento, mas depois ter algum problema”*.

Este movimento, progressivo, de aproximação e tolerância aos seus receios fantasmáticos conduz ao reconhecimento de que o que a aflige, enfim, é a dúvida sobre o encontro, sobre a possibilidade de contacto, sobre a capacidade relacional da sua mente. Di-lo com clareza quando, no final da entrevista, expressa mais diretamente os seus receios em relação ao bebé, enunciando instâncias de desvinculação, de retraimento de incomunicabilidade: *“sabemos lá nós se, indo um bocado aos extremos, se tem autismo [...] se vai ter alguma doença, surdez, cegueira”*. Di-lo, também, quando verbaliza as dúvidas que a assolam em relação à amamentação, sentindo-se desprotegida, ela própria sem suporte continente e por isso em risco de retração do investimento: *“é sem apoio nenhum, já estamos em casa quando o leite sobe, supostamente, [...] sei lá eu se aguento as dores, há tanta gente que desiste, [...] muita gente perde o leite por isso, porque é tão doloroso que começa a retrair, [...] mete-me muito medo”*. Ou ainda quando tateia a representação da vivência relacional do pós-parto, marcada pelo excesso, pela subjugação – *“vamos tentar [...] dividir tanto as tarefas do menino, como as tarefas da casa um com o outro, porque nenhum é escravo do outro, e todos querem estar com o bebé”* – e pelo desencontro – *“ele chega do trabalho e vai querer estar muito mais com o filho, e eu já estive o dia todo, e possivelmente estou pelos cabelos com ele, e já quero é despachá-lo”*. Di-lo, finalmente, quando configura uma tríade em que aquilo que aproxima bebé, pai e mãe são vínculos negativos, expressões de afastamento e de rejeição: *“vai ser como o pai, de certeza, mau feitio, do contra [...] o feitio é um bocado dos dois, porque somos os dois do contra [...] não me parece que saia boa peça daqui”*.

Ao longo da entrevista, Rebeca oscila entre este espaço povoado de inquietações fantasmáticas e um outro de incerteza, de dúvida. Esse espaço indeterminado é, por um lado, uma instância da sua dificuldade em representar, em inscrever a experiência, em promover integrações, como revela a impossibilidade de acesso ao universo onírico – *“toda a gente me dizia que eu ia sonhar com ele, com a cara dele, com isto e, não, nunca; ou então sonho, também não me lembro”* –, ou a incapacidade de esboçar uma imagem do bebé que espera – *“nem imaginamos, porque imaginar o quê, sei lá, pode ser tão diferente de tudo”*. Mas é também uma instância dessa insaturação que permite a abertura à experiência, a maior tolerância ao desconhecido. Assim, Rebeca descreve os preparativos para a chegada do bebé, sublinhando a forma como se organiza interiormente através da disposição de objetos tomados como pré-conceções à espera de uma realização, cujos contornos são inapreensíveis: *“arrumar o quarto e escolher as roupas foi cómico [...] nenhum de nós sabe, muito bem,*

como é que funciona, [...] para a maternidade pedem x peças de roupa, e nós vamos mandar o dobro, porque não sabemos”; “nós fomos comprar fraldas, mas comprámos só dois packs, porque pode nascer muito grande, pode nascer muito pequeno, nós não sabemos”, “nós já estávamos todos confusos, comprámos tudo, mas não sabemos para o que é que serve. Está lá em casa, um dia há de servir (ri) e nós vamos saber para quê”; “e o berço, também, vai ser uma aventura, porque agora nenhum de nós confia que o berço [...] está bem montado [...] ele está seguro, mas achamos que falta ali qualquer coisa”. Falta um bebé que ainda desconhece, falta a sua própria maternidade que não sabe ainda “como funciona”. Mesmo que em excesso (as roupas em dobro), e nessa medida frágil, há já um continente suficientemente seguro (como o berço) e expectante – “estamos super ansiosos que ele nasça e queremos tê-lo nos braços”. O nome, já “mais que inteirado” (expressão que dá conta desse objeto inteiro, interior, integrado), torna-se assim palavra circulante, significado aberto, partilhável e transformável, sinal de singularidade, de subjetividade e de encontro: “nós estávamos um bocado reticentes, [...] depois também percebemos, quer dizer cada pessoa vai tratá-lo por um nome, o que interessa somos nós e a maneira como ele próprio se vai identificar”.

Do encontro entre a possibilidade de reconhecer o fantasma e tolerar a incerteza nasce, enfim, a possibilidade de esboçar um movimento de investimento que não recusa, mas contém e integra a estranheza experimentada em face do conteúdo somatopsíquico da sua gravidez: “*este alienzinho*”, chama Rebeca ao feto, expressão que condensa um movimento de aproximação e um esboço de ternura (dados pelo diminutivo), com a distância e a inquietação que sente face ao conteúdo irredutivelmente desconhecido do seu corpo e do seu futuro.

Nesta terceira entrevista intervêm, como personagens, Samuel, os pais e os sogros, as enfermeiras das aulas de preparação para o parto, e a entidade abstrata e dispersa “*toda a gente*”. É importante assinalar que a aparição destas personagens é, agora, menos frequente, correspondendo a uma maior capacidade de Rebeca de fazer uso da sua própria voz, mesmo que, como assinalado, diminua essa capacidade pelo uso sistemático do plural (que, por vezes, remete para ela e Samuel, outras para a experiência de mulheres grávidas, mantendo-se por vezes enigmático enquanto referente).

Samuel mantém como valência fundamental a possibilidade de ser usado como continente auxiliar – “*eu dou de mamar, ele muda a fralda [...] ele cozinha*”, “*dá o banho [...] arruma o quarto*”. No entanto, este uso de Samuel como continente funcional obedece, agora, a uma lógica nova. Por um lado, Rebeca invoca-o para proceder a diferenciações relacionais, na medida em que o convoca para realizar funções complementares, porém respeitantes a

domínios distintos, configurando uma cadeia cuidadora: Rebeca alimenta o bebê, nutre-o interiormente, Samuel alimenta-a a ela, de forma transformada (cozinhando) e ordena o espaço de contenção e interação com o exterior (a arrumação do espaço em que todos circulam, o cuidar do corpo e das excreções do bebê). Testemunhando a mesma distinção entre a sensibilidade interior dela e a intervenção organizadora dele a partir do exterior, Rebeca conta: *“às vezes [...] digo ao Samuel ‘já não aguento mais, estou cheia de dores, ele está-me a bater nas costelas’ e o Samuel põe a mão e tenta mexer, a ver se ele se mexe”*. Por outro lado, a par desta diferenciação há um movimento inverso e complementar de aproximação e partilha da dificuldade, da inquietação, da incerteza: *“nós não sabemos, nunca fomos pais”, “temos muito o receio, ele é demasiado pequeno e nós inexperientes, qualquer um de nós”, “tanto ele como eu já estamos preparados para que haja mais discussões, e seja mais difícil para nós como casal”*. É agora possível a Rebeca, simultaneamente, assumir capacidades integradoras diferenciadas daquelas que são providas por Samuel, e reconhecer áreas de incerteza e dispersão comuns. Consequentemente, a capacidade continente de Samuel não é já investida em excesso, e Rebeca pode falar de falhas na sua função organizadora e desintoxicadora, sem que tal represente um risco: *“eu irritava-me com ele porque ele estava demasiado calmo [...] ‘ah pronto lá vens tu com as hormonas, vá fala’ [...] não conseguia pensar e relaxar e ser eu própria e então isso stressava-me imenso e ainda me fazia gritar mais com ele, e o ar [...] dele a olhar para mim, de calmo, irritava-me mais ainda. E foi difícil lidar com isso, tanto para mim como para ele”*. Em suma, a forma como Samuel é convocado na narrativa confirma a maior capacidade de Rebeca de se posicionar subjetivamente face à experiência, contendo-a, mas também suportando aquilo que não é ainda integrável.

Os casais parentais, de um e outro lado, são convocados como forma de Rebeca expressar a dificuldade que sente na apropriação de um lugar próprio, reconhecido e respeitado, dada a dificuldade de lidar com a diferenciação – *“são famílias muito diferentes, portanto há, há sempre opiniões muito diferentes”*. Através destas personagens, Rebeca mostra como assumir esse espaço de subjetividade é sentido como exclusão ou agressão do objeto relacional: *“se torcermos mais o nariz a alguma coisa, vai parecer mal. Seja para que lado for, para os meus, para o meu lado, para o lado dele, para o lado que for, não importa [...] mas é difícil porque nós temos as nossas ideias”*; *“nós queríamos ficar a primeira semana sozinha com ele, porque achamos que é importante para nós manter uma rotina [...] nós pedimos, obviamente que não vai ser cumprido, [...] vai ser difícil manter as pessoas*

longe de casa". As dificuldades relacionais que, como observado, surgem de forma muito mais velada no tatear da representação do bebê fantasmático e do pós-parto, condensam-se assim, defensivamente e por isso de forma mais exposta, nas linhagens geracionais.

As enfermeiras das aulas de preparação para o parto não auxiliam Rebeca a conter as suas inquietações. O discurso em torno das informações prestadas é confuso, dando conta de um impacto excessivo, dispersivo, desorganizador: *"podemos ser igual a tantas outras mulheres que têm dores, feridas, caroços, ou podemos ser igual a outras mulheres que não têm nada, e quer dizer, pode ser só as feridas, ou só os caroços, é muita incerteza junta"*. *"Não são bem feitas"* as aulas, diz, assinalando esse impacto. O mesmo sucede com o uso da designação plural e anónima *"toda a gente"*, voz projetiva da dispersão na sua dimensão mais confusa e inquietante, expondo os receios de Rebeca de não possuir continência suficiente para fazer face ao desconhecido: *"toda a gente faz um drama à volta de tudo, que nós depois não vamos conseguir cozinhar, e que vamos precisar de comida, e que alguém tem que nos levar comida, e que vamos precisar que vão lá passar a ferro"*, *"as pessoas não percebem, depois toda a gente está contra"*. Em suma, excetuando Samuel, que se mantém como depositário de uma função continente ainda não assumida por Rebeca como sua, as personagens que surgem neste terceiro momento mapeiam as dificuldades ainda vividas por Rebeca, constituindo-se sobretudo como depositárias dos conteúdos inquietantes, mais difíceis de tolerar e integrar.

No grupo de intervisão, a leitura interpretativa da entrevista sublinhou a maior contenção de Rebeca neste terceiro trimestre e a maior capacidade de se aproximar da sua verdade psíquica. Foi repetidamente notado, ao longo das reuniões, que a maior clareza dos processos psíquicos nesta entrevista iluminava o percurso realizado por Rebeca nos trimestres anteriores, permitindo também ao grupo, num movimento contratransferencial, recuperar a continuidade psíquica das narrativas e, conseqüentemente, da experiência da sua gravidez.

6.3.2 O terceiro Rorschach

Rebeca inicia o terceiro encontro com o material Rorschach (anexo 27) revelando, tal como no segundo momento, o desconforto que sente em face ao material, mas tentando superá-lo dizendo: *"tenho que me abstrair"*. Este comentário dá conta da forma como Rebeca consegue já expressar a necessidade de espelhar e tolerar a dispersão do objeto-mancha antes

que uma integração possa emergir. Na medida em que a aproximação às características do objeto é o que é sublinhado no seu comentário, Rebeca continua a revelar a submissão ao estímulo; contudo, é agora uma submissão que inscreve o espaço para a incerteza, a insaturação, um tempo de abertura transformativa e já não a procura rígida e excessiva de uma coincidência impossível entre a representação e o perceto.

“*Um animal. Um escaravelho, talvez, com asas*” é a resposta que constitui em face do cartão I. Explica a perspetiva que tem sobre o objeto, “*aqui vê-se a parte frontal do bicho*”, e termina o curso associativo, “*não tenho muito a dizer sobre isso*”. É no inquérito que retoma a exploração dos pormenores, queixando-se reiteradamente da ausência de “*lógica*” da “*imagem*”: “*aqui eu associava a duas pinças de escaravelhos, mas [...] o corpo parece de uma aranha [...] depois tem asas, quer dizer, as asas não são associadas a nenhum animal, porque têm aqui estes buracos, não há nenhum animal que conseguisse voar com estas asas*”. O contraste entre os dois momentos mostra como Rebeca é já capaz de movimentos de contenção e integração mais eficazes, mas revela também a sua instabilidade. Assim, é-lhe possível, na passagem espontânea, proceder a uma escolha, selecionar um facto em torno do qual a integração do todo é realizada e mantida. No entanto, no inquérito, quando deixa de tolerar a dispersão (de ser capaz de se “*abstrair*”) é o objeto que se dispersa, se confunde e a possibilidade de significação revela as suas lacunas. O cartão mantém-se como escolha negativa, justificada precisamente na recusa de significação que, pelo menos, paralisa a desagregação do objeto: “*esta porque pura e simplesmente não me diz nada*”.

Face ao cartão II, Rebeca aproxima-se da representação de conteúdos humanos, inteiros e de boa qualidade formal, porém fá-lo através de uma negação “*duas...[...] não diria pessoas*”. Prossegue afastando-se do reino humano e optando por “*dois animais*”. Esta resposta permite uma nova representação, que deixa indeterminada, “*de uma espécie, agora não importa*”, todavia não tão acentuadamente como no Rorschach anterior (em que o continente tinha perdido totalmente a definição na referência a “*uma forma viva*”). Tal como no segundo Rorschach, permanece a referência a uma ligação excessiva: “*têm as mãos coladas uma na outra*”. No inquérito desenha os contornos e especifica alguns pormenores dos mesmos, desaparecendo a dispersão causada por comentários em torno do impacto do objeto-mancha que havia surgido no segundo momento, assim como as referências mais inquietantes (o bico, luta). Na passagem espontânea, tal como no inquérito, a verbalização é mais sóbria, mais contida, resultando numa imagem mais definida e estabilizada.

No cartão III é evocada novamente uma relação afetiva, comunicante, “*uma ligação [...] especial [...] de amor, amizade [...] e estão a fazer algo em conjunto*”. No inquérito aproxima-se de qualificações mais definidas, inscrevendo a imagem num contexto cultural – “*não sei porquê associo a pessoas africanas, não sei se pela posição*” – e familiar – “*mãe e filha, não interessa*” –, mesmo que sempre hesitante. Esta aproximação mais subjetivante não desorganiza a representação como ocorria, nos momentos anteriores, face a movimentos dessa natureza (nunca tentados neste cartão, sempre um dos mais preservados).

Face ao cartão IV, Rebeca retoma a representação de “*uma pele de um animal [...] morto*”, acrescentando “*foi tratada e esticada*”. A imagem condensa a dissecação presente desde o primeiro Rorschach (embora no segundo só explicitada no inquérito e totalmente silenciada na passagem espontânea), porém de forma contida, até ligeiramente velada, sem toda a carga agressiva que as descrições anteriores encerravam. No inquérito alguma dessa violência ressurge, associada a uma aproximação identificatória: “*eu trabalho com ratos e abro ratos, quer dizer. Não sei. É um rato autêntico*” (a aproximação é perceptível quer pela autorreferência, quer pela perda de distância face ao perceto evidenciada pelo uso de “*autêntico*”). No entanto, surge também um esboço ténue de preocupação depressiva, que reflete a maior capacidade integrativa verificada na contenção da representação: “*morto, preso, coitado*”. Na prova de escolhas o cartão volta a ser selecionado como escolha negativa. A justificação, ao contrário dos momentos anteriores, é concisa, confirmando a maior capacidade de contenção.

No cartão V, Rebeca condensa na mesma imagem a indecisão que a acompanha desde o primeiro encontro com o objeto-mancha: “*um morcego com cabeça de borboleta*”. A sequência associativa da resposta e inquérito revelam que Rebeca não confunde nem funde as duas representações, seleciona mesmo uma delas como mais relevante – o “*morcego*”, “*garantidamente*”, explica no inquérito – não consegue é ignorar o pormenor do eixo, nem desconsiderar os pormenores laterais – “*um morcego não tem estes corninhos, mas as asas são muito mais morcego, e os pés*” – de forma a optar decididamente por um dos objetos, renunciando ao outro. A integração é pois incompleta precisamente pela dificuldade de tolerar a mínima interferência dispersiva nesse processo. Ainda que esta seja uma dificuldade presente de forma aguda desde o primeiro Rorschach, e mesmo persistindo agora, ela surge ligeiramente atenuada na medida em que Rebeca não fica envolta num movimento circular, hesitante, mas expõe e assim reconhece, simplesmente, a questão que a perturba, tanto na passagem espontânea, como no inquérito.

Face ao cartão VI, Rebeca destaca, imediatamente, as duas partes da mancha conferindo-lhe representações distintas “*uma pele de animal. E aqui algo associado a uma tribo*”. No inquérito esta distinção entre as duas imagens é mantida. Também aqui Rebeca é mais sóbria, mais contida e evidencia um trabalho de diferenciação mais investido e operante.

No cartão VII é observável o mesmo movimento de constituição de duas representações distintas, “*duas meninas [...] e [...] duas caras [...] de outra espécie, não humana*”. O processo mantém e solidifica o movimento de contenção iniciado no segundo Rorschach, mantendo as imagens separadas, tornando-se possível tolerar ainda mais eficazmente a incerteza em face da imagem constituída no segundo terço que, no Rorschach anterior, ainda provocava alguma inquietação pela sua indefinição que é agora assumida.

Face ao cartão VIII, Rebeca evoca os “*dois animais*” laterais, remetendo “*o resto*” à abstração, na passagem espontânea. No inquérito atribui à zona inferior uma função unificadora e estabilizadora: “*está a unir a imagem*”. É após este movimento de contenção, e já afastada a representação dos animais (que não voltará a evocar), que retoma a possibilidade de figurar “*uma ossada de um fóssil, não está totalmente decomposta*”. É observável, neste cartão, uma maior capacidade contentora de Rebeca relativamente aos momentos anteriores: efetivamente, circunscreve os objetos e estabiliza-os, sem que aquilo que permanece disperso ameace o que foi possível integrar.

No cartão IX, Rebeca repete a resposta dada no Rorschach anterior, passando apenas a especificar a representação dual “*dois babuínos*” (subentendida na passagem espontânea dos momentos anteriores e só expressa nos inquéritos). Tal como no segundo Rorschach designa a restante mancha como abstração, porém, tal como no cartão VIII, atribui à mesma uma função unificadora: “*complementa a imagem*”.

Finalmente, face ao cartão X, Rebeca retoma uma aproximação afetiva ao objeto-mancha, “*vejo alegria*”, a que acrescenta, como anteriormente, a circunscrição de alguns objetos: “*coelhinhos*”, “*pássaros*” e termina com a evocação de uma representação difusa contudo coerente, ausente anteriormente, “*céu azul*” (que denota uma transformação significativa da referência, no primeiro Rorschach, a “*nuvens*”). No inquérito, depois de identificar os objetos mencionados, faz um movimento de rigidificação da imagem – “*um quadro de primavera, uma imagem a retratar a primavera*” –, que logo contraria, repondo e até enriquecendo o dinamismo, a vitalidade e a sua potencialidade criativa, aberta e insaturada: “*alegre [...] espírito de primavera [...] aquele espírito mais de flores a nascer e*

coisas a acontecer”. A rigidez do primeiro momento, em que este cartão era figurado como uma pintura, um quadro estático, deu lugar à mobilidade, à transformação, ao espaço fértil e generativo.

O cruzamento entre a análise da sequência de respostas e o psicograma (anexo 27) mostra que, neste terceiro momento, Rebeca consolida a maior contenção que havia começado a revelar no segundo encontro com o Rorschach. A consolidação desse percurso integrador é testemunhada, antes de mais, pela observação de que as representações surgem mais estabilizadas e por isso mais claramente definidas (como atestado pela elevação de F+%), resultado da maior sutileza e concisão das representações figuradas (sobretudo na passagem espontânea, mas também nos comentários presentes no inquérito), como assinalado ao longo da análise sequencial. É também significativo que as imagens mais desimpedidas possam agora ser exploradas com maior liberdade e conseqüente riqueza criativa, como no cartão III em que a relação é duplamente inscrita num todo significativo (familiar e cultural), ou na expressão de um ambiente afetivo e vivificante do cartão X.

A forma como Rebeca lida com as reverberações fantasmáticas é igualmente significativa. Assim, é observável a persistência de indicadores de uma inquietação considerável – as queixas relativas à ausência de lógica do cartão I associadas à dificuldade em configurar e estabilizar a representação corporal, a descrição desvitalizada e agredida do rato no cartão IV, a referência a uma decomposição em curso no VIII – muito embora esta inquietação possa agora ser comunicada de forma mais desintoxicada, menos intensa e desorganizadora (menos repetitiva, limitada quase exclusivamente ao inquérito e acompanhada por comentários que, ao assumirem a dificuldade, a circunscrevem). A estranheza e o risco associados ao encontro com seu interior persistem ainda, contudo com menor intensidade: o que é disruptivo pode agora ser assumido, sem que tal comporte desorganização, como revelam os exemplos já aludidos nos cartões I, II ou IV e como testemunha a substituição do cartão II pelo cartão I como escolha negativa (justificada através da dificuldade sentida na sua subjetivação – “*não me diz nada*” –, mas que, como observado, foi ultrapassada na passagem espontânea, ressurgindo apenas no escrutínio mais intenso do inquérito).

Concluindo, a maior tolerância à ambigüidade do objeto (ilustrada de forma cabal na possibilidade de assinalar zonas “*abstratas*”, que deixa por interpretar, mas que não se tornam inquietantes e às quais é até atribuída uma função de coesão e suporte, designadamente nos cartões VII, VIII e IX) resulta numa maior contenção em face do que é disruptivo (os cartões

I, II, IV, VI e VIII), e também numa maior elaboração do que é organizador (cartões III e X). Gradualmente, a função continente deixou de operar na sua vocação mais elementar (o que começou a ocorrer no segundo momento, porém se tornou estável apenas neste terceiro encontro). A interrogação sobre o interior já pode ser tolerada, mesmo que seja ainda mentalmente muito trabalhosa e dolorosa (como indicia a sua entrada na situação Rorschach, com um gemido e uma autoinjunção a um distanciamento que permita a representação). É a possibilidade de reconhecer a verdade psíquica desta dor que permite a Rebeca abrir-se à transformação a que é solicitada como instância criativa e afetivamente investida (patente na forma como termina o encontro com o material Rorschach, no inquérito ao cartão X: “*uma imagem a retratar a primavera, alegre [...] flores a nascer e coisas a acontecer*”).

6.3.3 As terceiras histórias TAT

Neste terceiro momento, as narrativas de Rebeca face aos cinco cartões TAT propostos (anexo 28) são precedidas de um comentário que esclarece que se posiciona face ao material com o intuito não de imaginar, construir e partilhar uma história, mas de a “*identificar*”. O facto de ser clarificada essa atitude e de a mesma ser diretamente desafiada – “*vou pedir-lhe não que identifique, mas que conte uma história*” – parece ser eficaz na promoção de algum desimpedimento associativo, já que as narrativas apresentam algumas transformações significativas. Desde logo, Rebeca faz uso de tempos de latência iniciais, que embora denotem algum desconforto e dificuldade, permitem um tempo de encontro inicial, de elaboração silenciosa, que se traduz em narrativas ligeiramente mais claras, mas, sobretudo, mais esclarecedoras sobre os impedimentos que experimenta no manuseamento das solicitações latentes. A evocação, no início da exploração de alguns dos cartões, da familiaridade com o material, ou os comentários que pontuam ou terminam as narrativas contribuem para essa clarificação.

Rebeca revela alguma dificuldade em iniciar o encontro com o cartão 1, denunciada pelo suspiro, silêncio e balbuciar inicial; dificuldade que acaba por ultrapassar, dispondo-se a expor a verdadeira dificuldade que experimenta, a de fazer uso de uma identificação projetiva comunicante para dar sentido à representação: “*alguma coisa se passa com ele, agora se é porque ele não consegue fazer o que queria fazer, ou porque é obrigado a fazer, não sei, mas ele está triste e esmorecido*”. A identificação da personagem, de uma situação de impossibilidade e de um afeto disfórico daí decorrente são, desde o primeiro momento

asseguradas. É o interior afetivo da experiência de encontro com o objeto a que Rebeca não acede, muito embora consiga agora circunscrever e assumir como sua essa dificuldade.

Face ao cartão 5, depois de nova dificuldade em iniciar a narrativa (ruídos, silêncios, suspiros), identifica a personagem – “*a pessoa*” – mantendo o seu estatuto anónimo. A ação surge agora sem as emergências mais confusas, as evocações mais inquietantes sem clarificação que ocorriam no primeiro e segundo TAT, sendo simplesmente identificada a exploração de um espaço, “*uma sala*”, com alguma ênfase imobilista: “*se está tudo bem, se, se não há nada de novo, se não há nenhuma alteração ao que estava antes*”. Recupera dessa paralisação do tempo inscrevendo esta ação numa temporalidade banal, quotidiana, “*parece uma coisa que ela tem feito só para ver se está tudo bem*”, que se não permite esclarecer a representação também não a obscurece. Permanece a impossibilidade de fazer uso de um encontro integrador e significativo entre a função continente e o conteúdo, porém é aliviada a tensão daí resultante.

Um silêncio inicial e um comentário que alude à continuidade dos encontros com o TAT – “*eu continuo a achar*” – precedem o início da narrativa face ao cartão 6 GF. Rebeca retoma, em seguida, a paralisação – “*um quadro*” – e o distanciamento temporal da imagem – “*há muitos anos atrás*” – já verificados no segundo momento, mas conferindo-lhe agora maior especificidade através da atribuição de uma função: “*isto foi feito para uma publicidade*”. A identificação sexual das personagens é agora expressa e são atribuídas disposições psíquicas diferenciadas: “*a senhora está com cara de espanto a olhar para o senhor, o senhor está com cara + de bem disposto*”. Depois desta exploração ainda velada porém mais liberta do material, Rebeca recua, “*não há assim nada de mais*”. Através de sucessivas negações que a impedem de explorar o ambiente relacional – “*não é que ela esteja com cara de surpreendida por ele ter aparecido, não, não tem essa expressão*” –, acaba por enunciar um sentido para a imagem que, paradoxalmente, lhe retira significado, dissociando continente e conteúdo: “*parece que foi planeado para ser assim, que não há, não é para exprimir nada em si*”. O esvaziamento produzido por este movimento reverbera no seu comentário autocrítico final, que remete para a falha da capacidade integradora do seu psiquismo em face dos seus próprios conteúdos em contacto com o material: “*não sou muito imaginativa*”. A impossibilidade de manusear o encontro entre o feminino e o masculino é agora diretamente ligada às dificuldades de significação, as quais são neste momento reconhecidas e assumidas.

Rebeca inicia a verbalização face ao cartão 7 GF com um comentário que evoca, simultaneamente, uma familiaridade e uma continuidade que se sustentam na permanência da incompreensão: “*lá está este então, continuo sem perceber a lógica disto*”. Evoca “*a criança*” “*a brincar com o bebê*”, que vitalizado vai permitir uma nova sequência narrativa. Efetivamente, apesar de se manter o desinvestimento desta relação – “*não parece interessada*” – um embrião intersubjetivo é esboçado: “*a senhora está a tentar ajudá-la a ficar mais animada com a brincadeira*”. O esforço psíquico necessário a esta transformação é diretamente expresso no comentário que encerra a exploração do cartão: “*Não consigo mais do que isso*”. A função continente já pode ser tateada na sua dupla valência intra e intersíquica, a partir de uma maior vitalidade do espaço transitivo.

Face ao cartão 19, Rebeca, entre silêncios, configura “*uma casa*”, enquadrada, “*no meio da neve*”. Após alguma hesitação enriquece a representação, tornando vivo o interior deste continente “*uma casa habitada*”. Um continente claro, diferenciado e interiormente vivo pode agora ser expresso.

A análise das narrativas revela que, neste terceiro momento, mantendo-se sensível e centrada na exploração da experiência subjetiva das personagens, e continuando a recorrer significativamente a procedimentos de restrição narrativa (anonimato dos personagens, conflitos não esclarecidos) e aos elementos da realidade externa, Rebeca comunica de forma mais desimpedida com o material no seio da situação relacional providenciada pelo TAT. Assim, ampliando o processo de maior mentalização verificado no segundo momento, Rebeca pode explorar, sempre timidamente, aspetos inter e intrapsíquicos das situações (observáveis em todos os cartões), recorrendo para isso a dimensões afetivas e imaginárias (as fantasias que passam a dar forma mais contida às narrativas, e que permitem que estas deixem de ser uma quase exclusiva enunciação de possibilidades, e passem a ser um esboço de histórias, de encenações efetivas). O uso de procedimentos extra-narrativos tem, por vezes, um valor de desimpedimento (principalmente o uso da esfera corporal e motora para comunicar o seu desconforto, sendo menos eficaz o recurso à autorreferência, com exceção do cartão 19), observando-se sobretudo um recurso menos frequente, mais contido, a estas condutas. A observação de que as situações de carga disfórica eram aligeiradas pela abertura à dúvida e que as situações enigmáticas eram estabilizadas pelo recurso a mecanismos de contenção é ainda válida, mas também aqui há ligeiras alterações, não sendo necessária uma intensidade tão grande do movimento inverso, como o que ocorria no segundo momento, traduzindo um maior equilíbrio e uma maior tolerância, quer ao mal estar quer à incerteza. No conjunto a

produção é mais contida e mais integrada, o que culmina na possibilidade, no cartão 19, de enriquecer, investir e vitalizar o espaço interior.

No final deste último encontro, Rebeca é convidada a falar sobre a sua participação na investigação. Diz: *“é bom falar das coisas, eu acho [...] é diferente, porque faz-nos lembrar alguns momentos que passamos [...] algumas sensações que vêm ao de cima [...], às vezes o nosso dia a dia não nos permite pensar nisso, e passa um bocado, porque é tanta coisa diferente, e tanta coisa nova. [...] Achei que ia ser mais difícil falar [...] e ter uma interação [...] conseguir exprimir o que sentia. Acho que é esse um bocado o meu problema, eu não sou muito boa a falar do que sinto. [...] Houve algumas perguntas que até foram interessantes, porque, quer dizer, nós não pensamos nisso, nunca, nunca achamos que seja um ponto interessante, relevante”*. Pergunto-lhe se se lembra de alguma em particular e responde: *“acho que da última vez que estive cá, ah, houve assim uma que cheguei a casa e disse ao Samuel que tinha achado piada, porque nunca, eu própria nunca tinha pensado nas coisas dessa maneira, não me lembro o que é que foi... [...] eu própria que estou a viver o dia a dia nunca tinha pensado nisso”*.

Pergunto, ainda, se tem alguma sugestão relativamente à condução da investigação, e Rebeca assinala que talvez fosse importante *“mais uma entrevista [...] entre estas três, estas três entrevistas acontece muita coisa”*. Rebeca diz, assim, como o processo de encontros comigo e consigo própria, neste espaço aberto ao pensamento sobre os afetos, permite que enfim reponha o fio temporal da sua história, encadeando os marcos fundamentais que organiza em função das ecografias e das entrevistas: *“há certos pormenores e certos sentimentos que nós temos, principalmente após ah, ali a primeira não, porque a primeira ecografia é muito próximo do fim dos 3 meses, portanto há logo a primeira entrevista, não sei, mas entre a segunda e a terceira ecografia, acontece tanta coisa, é tão, muda tudo. [...] nós tivemos a sorte de sentir o António muito cedo, [...] sente-se de maneira diferente, acho que é, há ali uma fase bonita, por acaso, [...] tivemos o azar de na fase bonita [...] ali às 30 semanas, em que ele já se, já é maior, e sente-se muito mais, ah, de eu estar, estar mal e ter ficado em casa, e não andar propriamente bem disposta, [...] essa fase é gira, ali às 28, às 32 semanas [...] começa-se a sentir muito mais, e é muito mais intenso eu acho. Também é uma altura em que normalmente as mães começam a preparar os quartos e as malas. Nós não, nós ainda estamos a fazer e vamos continuar, [...] nesse momento sente-se coisas diferentes [...] preparar o quarto onde o nosso filho vai ficar, que é fantástico. Portanto, se calhar, era*

mais giro fazer mais entrevistas, não sei”. Como se os nossos encontros constituíssem ecografias afetivas que permitissem ir-se aproximando do interior da experiência.

Após o gravador ser desligado peço que, se quiser e se lembrar, gostaria que me dissesse quando o António nascesse. Ofereço-lhe, como agradecimento pela sua participação na investigação, uma pequena prenda, para o António. Rebeca vai começar a abrir, mas hesita. Diz que se calhar é melhor abrir com o Samuel, porque ele também só abre as prendas com ela. Falamos um pouco mais sobre a aproximação do parto enquanto se agasalha e despedimo-nos.

Quatro semanas depois do nosso encontro recebo uma mensagem sua, anunciando o nascimento do António no dia anterior, precisando a hora exata e o peso do bebé. Termina, com um afeto pluralizado, *“estamos muitos felizes”*, pelo bebé real, *“o nosso príncipe”*.

6.3.4 Rebeca em transformação no terceiro trimestre

No terceiro trimestre, a mente de Rebeca encontra uma forma de manusear a sua experiência a partir de um reconhecimento mais mentalizado da inquietação (PS) que, mais tolerada, pode ser expressa e submetida a processos integrativos (D). Estes organizam o percurso realizado, como testemunhado, na entrevista, pela possibilidade de ordenar a historicidade da experiência da gravidez e a afirmação de que o nome está já “inteirado”; no Rorschach pela maior estabilidade, concisão e elaboração das representações; e, no TAT, pelas referências organizadoras à familiaridade com o material e a maior clarificação das dificuldades relacionais. No entanto, é deixada em aberto uma interrogação, sempre carregada de algum receio e disrupção – como testemunham as sequências associativas relativas à perceção dos movimentos fetais, à vivência da ecografia, ou à intervenção das suas personagens, com exceção de Samuel, bem como a persistência, com menor intensidade, de elementos desorganizados e disruptivos no Rorschach, e as dificuldades relacionais, mesmo que menos tensas, no TAT –, mas também com zonas de tolerância à incerteza e de expectativa insaturada sobre o encontro que viverá no pós-parto – condensada, na entrevista, na expressão reiterada de que nunca foi mãe e por isso não sabe o que esperar, e refletida na maior tolerância à ambiguidade das provas projetivas. Desta forma, os objetos psíquicos ganham estabilidade, continuidade, espessura, mas também maior mobilidade, evidenciando a

possibilidade de sustentar processos oscilatórios, muito embora com maior peso dos processos PS, configurando assim um campo psíquico ordenado por $PS \leftrightarrow [D]$.

Perspetivadas enquanto relação ♀♂, as narrativas do terceiro trimestre de Rebeca dão conta da possibilidade de reconhecer e explorar os ♂ da experiência no interior do seu espaço psíquico, a partir de uma função ♀ que, mantendo uma certa fragilidade, se apresenta no entanto mais estabilizada e operante, como testemunhado pela maior mentalização transversal às narrativas. Porque se representa já como um ♀ suficientemente seguro, mesmo que por vezes excessivo – como denuncia a necessidade de circunscrever excessivamente a experiência através de envelopes temporais, ou a duplicação de roupas que levará para a maternidade –, Rebeca evidencia menor necessidade de usar os objetos relacionais enquanto ♀ auxiliares. Simultaneamente, consegue usar estes ♀ intersubjetivos de forma mais diferenciada e liberta – como ocorre com Samuel, ou no uso que faz da minha intervenção no início do TAT estimulando o polo imaginário –, e a sua própria função ♀ de forma mais criativa e flexível, reduzindo o peso conferido aos ♂ concretos e literais da realidade externa e investindo os ♂ da sua realidade interna – como patente na forma como pode expressar com maior liberdade as suas aflições, sem as reificar no corpo, na maior riqueza das representações Rorschach face aos cartões III e X e na vivificação do espaço interno no cartão 19 do TAT.

O encontro entre as duas dimensões do psiquismo é difícil, gerador de inquietação e dúvida sobre a capacidade ♀ e relacional da sua mente. Isso mesmo é expresso, na entrevista, na persistência da dificuldade em recuperar os seus sonhos, e na expressão de fantasmas de submissão, exclusão e incomunicabilidade na vivência relacional do pós-parto; no Rorschach nas respostas mais inquietantes face ao cartão I, IV e VIII; e, no TAT, na impossibilidade de ultrapassar as dificuldades relacionais. Porém, ao contrário do segundo trimestre, este encontro é já claramente possível, permitindo reconhecer os ♂ perturbadores, designá-los e explorá-los, de forma mais mentalizada. É também possível, ainda que timidamente e com algum desconforto, manusear um espaço de expectativa, um espaço de ♂ ainda por significar: os objetos de puericultura que operam como pré-conceções, e as zonas abstratas que surgem no Rorschach.

Desta forma, as narrativas surgem ordenadas pelo vínculo K, já operativo, capaz de interrogar e explorar a experiência, o que permite o seu investimento afetivo, isto é, a vinculação L, mas também o reconhecimento contido das inquietações de valência H. A operatividade do vínculo K permite a Rebeca tolerar e expressar, enquanto realidades psíquicas, a inquietação e a incerteza da experiência presente e, sobretudo, do desconhecido

relacional que se aproxima (como testemunhado pelos indicadores que já foram assinalados enquanto tradutores da maior tolerância à incerteza, da possibilidade de reconhecimento e designação dos seus receios e de maior mobilidade psíquica). Podem, assim, surgir expressões mais claras de aproximação e valoração afetiva, de prazer, isto é, do vínculo L: desde logo presente na valoração deste trimestre como “*o melhor*”, a verbalização do desejo de contacto para que remete a expressão “*queremos tê-lo nos braços*”, ou a forma como experimenta o nome como palavra viva e circulante; no Rorschach, observável nas representações constituídas e valorizadas nos cartões III e X, sobretudo neste, onde a alegria e o nascimento se ligam; e, no TAT, refletido nas transformações vitalizantes observadas nos cartões 7GF e 19. Podem também surgir expressões menos desorganizadoras, porque mais mentalizadas e toleráveis, do fantasma de ataque e desligação, H (revelados pela forma como experimenta e designa os movimentos fetais como pequenas agressões, pela representação de um bebé incontactável, pelo receio de uma retração da sua disponibilidade para amamentar, ou pela representação de uma tríade pós nascimento desvinculada), que sempre se inscreveu como pano de fundo da sua gravidez e da sua dificuldade em pensá-la.

Em síntese, no terceiro trimestre, Rebeca pode aproximar-se da verdade psíquica, dizer o seu desejo, os seus receios, reconhecer o percurso, organizá-lo, assumir a dor experimentada, mas também a transformação que pôde realizar e, enfim, abrir-se ao futuro encontro, com todos os riscos de desencontro e dor aí também inscritos. O pensamento pode agora operar, conter, manusear e transformar a experiência, subjetivando-a num espaço mais seguro e expectante. Um espaço onde já é possível circular entre o conhecido e o desconhecido, como condensado nesse nome “*inteirado*” que liga o seu investimento, o dos outros e um espaço de subjetivação e relação por descobrir e criar.

Concluindo, Rebeca opera com dificuldade as transformações a que a sua mente é solicitada durante os três trimestres da gravidez. A alfabetização da experiência é tanto mais penosa quanto, nos primeiros dois trimestres, Rebeca se defende de reconhecer os aspetos disruptivos e dolorosos que a gravidez impõe ao psiquismo e que, reificados no seu corpo e nos episódios e personagens que compõem a sua história, não podem ser integrados e elaborados. Sem esse reconhecimento as interrogações que a experiência convoca fragilizam-na, dispersam-na, dificultando a apropriação subjetiva, o investimento, a significação. O eu, fragilizado, não consegue usar o outro, integrar o não-eu, ligar os afetos contraditórios, construir pontes entre o interior e o exterior e promover ligações capazes de reporem a

continuidade psíquica. No entanto, silenciosamente, um trabalho de flexibilização, de abertura, de progressiva tolerância à dor e à verdade psíquicas vai fazendo o seu caminho, permitindo que, no último trimestre, Rebeca possa reconhecer a sua fragilidade, os seus receios, ligar numa história significativa o seu percurso e constituir um espaço de tolerância e expectativa ao desconhecido de uma nova configuração afetiva e relacional.

7. DISCUSSÃO

Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade

Clarice Lispector

A análise interpretativa dos três casos permite evidenciar um padrão comum às transformações psíquicas sofridas pelas grávidas estudadas, um padrão suficientemente amplo e flexível para refletir as diferenças de percurso, todavia suficientemente definido para confirmar a tese de que a gravidez pode ser entendida como uma mudança catastrófica, uma situação de transformação radical, potenciadora de crescimento mental quando suportada a dor que envolve. Explorando as particularidades desse padrão transversal é possível clarificar as consequências da experiência da gravidez no tecido psíquico da mente da mulher grávida e revisitar os eixos destacados pela literatura psicanalítica sobre a gravidez, repensando-os à luz da presente investigação.

7.1 As vicissitudes de PS↔D e de ♀♂ na gravidez

A análise dos processos de transformação – PS↔D e ♀♂ – experimentados por Eva, Petra e Rebeca nos três momentos de observação permite destacar um conjunto de aspetos que evidencia a ocorrência de transformações na capacidade de mobilizar estes processos ao longo do caminho, confirmando a ideia de que a gravidez, enquanto objeto psíquico, é uma experiência transformativa no duplo sentido: ela exige ser transformada e ela transforma a mente que a manuseia (Bion, 1965). A observação dos percursos das três mulheres estudadas revela, efetivamente, um caminho transformativo, feito de singularidades é certo, mas também de invariantes, de convergências, evidenciando um padrão comum. Assim, nos três casos, o encontro com a gravidez produz, inicialmente, um cataclismo psíquico, a falência da capacidade de pensar os pensamentos impostos pela experiência, rompendo a continuidade psíquica. O processo transformativo que se segue requer o reconhecimento da dor mental e a sua tolerância. Suportar a verdade dolorosa do impacto permite iniciar um trabalho de reposição da continuidade psíquica. As transformações operadas conduzem, no final do terceiro trimestre, a mente a uma posição expectante, que se abre e se prepara para novo encontro com o desconhecido.

7.1.1 O caos primordial

O encontro inicial com a experiência da gravidez tem, nos três casos estudados, um impacto fortemente dispersivo na mente das mulheres grávidas. Esta dispersão inicial é vivida, pelas três, com inquietação e estranheza difíceis de tolerar. A confirmação da gravidez provoca uma falência da função ♀, que se revela incapaz de sustentar o impacto dispersivo do encontro com um ♂ que é experimentado como elemento estranho e perturbador, um ♂β. As seqüências associativas em que Eva, Petra e Rebeca relatam o momento em que se descobrem grávidas têm em comum a utilização de expressões – choque, estranheza, desorientação, mentira – que remetem para um evento disruptivo do tempo e do espaço psíquicos. A impossibilidade de representar a experiência, de a subjetivar, de a inscrever na continuidade psíquica é transversal, nesse primeiro momento de impacto. A gravidez começa pois por ser um objeto estranho, um elemento β de difícil alfabetização, um não-eu intrusivo e perturbador.

Em virtude do impacto violento deste encontro, as três mulheres representam-se, no início da gravidez, como ♀ inseguros, incertos da sua capacidade de acolhimento da experiência. Eva representa-se como ♀ psicologicamente disponível mesmo que inseguro dos seus recursos internos, ao contrário de Petra, que reifica no corpo a incerteza sobre a sua disponibilidade e de Rebeca cuja insegurança se traduz numa atuação precipitada, não mentalizável, da sua disponibilidade. A experiência é, assim, recebida transversalmente como um acontecimento psíquico catastrófico, muito embora se verifiquem – diretamente através das narrativas sobre a pré-história da gravidez e, indiretamente no manuseamento das provas projetivas – desde logo diferenças na forma como esta fragilidade é figurada e suportada.

7.1.2 Do caos ao cosmos

Se a rutura do ♀ é um aspeto transversal ao encontro de Eva, Petra e Rebeca com a gravidez, também o é a realização subsequente de um trabalho de reconfiguração do espaço psíquico que permite restaurar a função ♀, a continuidade psíquica, a mobilidade dos processos oscilatórios PS↔D e assim conter, explorar e significar a experiência psíquica da gravidez. Com particularidades que coloram a singularidade de cada percurso, um trabalho em direção à apropriação e integração da experiência é efetivamente observável nos três casos.

Num primeiro momento o espaço psíquico, enquanto ♀ da experiência da gravidez, oscila, de forma intensa e extremada, entre movimentos de alargamento que dilatam as suas fronteiras e movimentos de contração que procuram defender-se dessa diluição. É assim que a experiência é, nesse período, representada através de contrastes que assinalam a transformação radical a que as mulheres grávidas se sentem convocadas e a tentativa de suportar e minimizar o seu impacto disruptivo. Estes movimentos vão permitindo adaptar e reconfigurar o espaço psíquico à experiência da gravidez, contudo não permitem ainda a sua subjetivação e significação. Desta forma, neste primeiro momento, é o ♀, muito mais que os ♂ da experiência, que é transformado através do trabalho de PS e dos primeiros esboços de D.

Em diferentes tempos para cada uma destas mulheres, torna-se possível não apenas reconhecer mas também suportar a dor mental provocada por este objeto psíquico e somático disruptivo, de contornos incertos que é a gravidez. Podem então ser descobertos e criados (no sentido usado por Winnicott, 1965) factos seleccionados a partir dos quais é possível começar a integrar a experiência e a reconstituir a continuidade psíquica. Torna-se desta forma possível uma relativa estabilização do ♀, observável na possibilidade de manusear os ♂ da experiência com recurso a formulações mais coerentes que revelam a prevalência de D. Uma estabilização do ♀ que, ultrapassando a plasticidade excessiva inicial permite, no entanto, conservar um grau significativo de maleabilidade, de flexibilidade, de forma a sustentar o trabalho de reconhecimento, exploração e investimento dos ♂ da experiência em permanente transformação.

As principais diferenças nos percursos de Eva, Petra e Rebeca residem na velocidade, na continuidade, na mobilidade e na estabilidade deste trabalho psíquico. Estas diferenças surgem intimamente relacionadas com as diferenças na capacidade de tolerar a disrupção provocada pela gravidez e a dor mental associada, bem como com a capacidade de interrogar criativamente a experiência. A maior tolerância ao impacto desorganizador da experiência permite a Eva realizar desde o início, de forma contínua e gradual, um trabalho psíquico de restauração da continuidade psíquica rompida. No primeiro trimestre, sem investir verdadeiramente a experiência começa, no entanto, a interrogar os seus contornos. A partir do segundo trimestre, a sua mente é um ♀ estabilizado que serve de palco a um trabalho integrador, um trabalho de ligação, criativo e enriquecedor, entre os tempos e os objetos, internos e externos, da sua história. Petra, por seu lado, reconhecendo a dor, tem muita dificuldade em tolerá-la, não lhe sendo possível, no primeiro trimestre, iniciar a sua metabolização. No segundo trimestre, as integrações que realiza têm um carácter descontínuo

e abrupto, muito dependente dos seus objetos relacionais que, embora possibilitem a restauração da continuidade psíquica e a reconfiguração do ♀, não chegam a permitir a sua efetiva estabilização. Desta forma a experiência é sempre timidamente interrogada e investida. Para Rebeca o processo é mais moroso. Reconhecendo apenas intermitentemente a fragilidade que experimenta e receando as suas interrogações não as consegue utilizar, nos dois primeiros trimestres, para ordenar e configurar a sua experiência. Assim, procura incessantemente, durante os dois primeiros trimestres, travar a dispersão de forma abrupta, precipitando-se na seleção de factos extremos e contrastantes que acabam por espelhar e ampliar a dispersão. Um reconhecimento mais tolerante da dor emocional só é possível no terceiro trimestre, abrindo a possibilidade de configurar a continuidade da sua história e de manusear, com uma mobilidade já não excessiva e disruptiva, os seus pensamentos.

7.1.3 A nebulosa expectante

Apesar das diferenças de ritmo e velocidade dos seus percursos, as três mulheres aproximam-se no final do terceiro trimestre de uma mesma posição expectante, infiltrada de inquietações que são particulares à história de cada uma, mas que já não possuem o carácter disruptivo, intolerável e irrepresentável que se observavam nas inquietações com que se viram confrontadas com a descoberta da gravidez. Efetivamente, para Eva, Petra e Rebeca o primeiro e último trimestre são igualmente ordenados predominantemente por processos PS. Porém, a qualidade e o resultado destes processos sobre a relação é, nos três casos, muito distinta num e noutro momento: o primeiro trimestre é palco de uma dispersão de contornos confusionais, gerador de mal estar, de afetos disfóricos, num espaço psíquico fortemente debilitado e por isso incapaz de providenciar um espaço de contenção dos seus ♂; enquanto o terceiro trimestre é mais fielmente descrito como momento de abertura expectante do espaço psíquico, um tempo de espera, de preparação, “uma certa nebulosa a querer abrir” (Ferreira, 2010, p.170). Interligando receios e desejos, neste terceiro momento, a mente enquanto ♀ adopta uma postura o mais aberta e desimpedida possível em face do desconhecido que se aproxima, do novo ciclo transformativo que se segue. A mente procura assim preparar-se para acolher as experiências do parto, do nascimento do bebé e de uma mãe, bem como alterações da relação conjugal e da teia familiar intergeracional.

7.2 Os fios com que se tece a mente

O padrão transformativo da experiência da gravidez que emerge a partir da observação das vicissitudes de PS↔D e da relação ♀♂ é marcado, como foi sendo assinalado, por sucessivas alterações do tecido psíquico espaço-temporal. Espaço, tempo e pensamento são, de facto, noções indissociáveis (Anzieu, 1994/2013; Perelberg, 2008). Pensar é, precisamente, manusear num espaço os pensamentos e esse manuseamento dá-se no tempo. Como sublinha Birksted-Breen (2009), a descrição bioniana da identificação projetiva do bebé e do seu acolhimento e transformação pela *rêverie* materna, bem como o jogo da bobine descrito por Freud, evidenciam isso mesmo. A projeção de elementos β do bebé no *espaço* psíquico materno, o seu acolhimento e transformação e a sua devolução alfabetizada pelo *pensamento* da mãe, implica a *temporalidade* deste processo. No jogo da bobine a distância *espacial* face ao objeto é manuseada, isto é, suportada pelo *pensamento*, através de uma elaboração rítmica, oscilante, entre *tempos* de afastamento e de aproximação. A emergência do tempo e do espaço enquanto noções psíquicas depende precisamente da presença e da ausência do objeto primitivo, e está diretamente relacionada com a capacidade de reconhecer e tolerar a frustração que essa descontinuidade provoca: “*tolerance of frustration involves awareness of the presence or absence of objects, and of what a developing personality later comes to know as ‘time’ and (as I have described the ‘position’ where the breast used to be) ‘space’*” (Bion, 1965, Cap.5, para. 6, itálicos meus). Espaço, tempo e pensamento ligam-se, pois, à possibilidade de reconhecer a verdade e tolerar a dor da experiência.

A tolerância à frustração implica, como o modelo bioniano sugere, que a presença contentora e transformadora do objeto tenha sido, mesmo que rudimentarmente, internalizada. O produto da internalização dos elementos α produzidos no espaço ♀ do objeto e devolvidos à mente do bebé constitui uma barreira de contacto embrionária, ela própria instauradora das primitivas diferenciações espaço-temporais. De facto, a barreira de contacto promove a distinção comunicante entre dois espaços psíquicos, com duas experiências radicalmente diferentes da temporalidade: a intemporalidade circular, repetitiva, indiferenciada do inconsciente, a ordenação, linear, irreversível, do tempo consciente. Assim, a devolução pelo objeto materno dos elementos β alfabetizados inaugura o psiquismo, as suas coordenadas (o espaço e o tempo), e os seus princípios ordenadores (dor-verdade-barreira de contacto). Mas tudo isto ocorre *no* e *com* o corpo: *no* e *com* o corpo da mãe, *no* e *com* o corpo do bebé, ligados por essa outra barreira de contacto que é a pele, continente de conteúdos, interface com o outro. Porque o eu é sempre e antes de mais um eu corporal, como observado por

Freud (1923/1969) e desenvolvido por Anzieu, na sua conceptualização sobre o *Moi-Peau* (1995) e sobre a articulação deste com o pensamento (1994/2013): “Il n’y a rien dans l’esprit qui ne soit passé par les sens et la motricité. L’esprit a tendance à se concevoir comme un appareil analogique du corps vivant [...] L’acquisition des différences espace/temps, continuité/rupture, dedans/dehors... jalonne cette construction” (Anzieu, 1994/2013, p. 13)

O tempo do encontro e da espera, o espaço do eu e do outro, a barreira de contacto diferenciadora e comunicante, o corpo entrelaçado com o pensamento, o reconhecimento e a tolerância da dor mental são, assim, os fios com que se tece o tecido psíquico. Ora, são estes fios que, nos casos estudados, se deslaçam e voltam a enlaçar durante a gravidez. O encontro com a experiência da gravidez rompe o tecido da mente porque impõe uma presença ausente, um objeto somatopsíquico que torna paradoxais as diferenciações que o psiquismo organizou ao longo do seu percurso constitutivo. Ser e não ser, simultaneamente, é a primeira questão que a gravidez coloca à mente. Daí o choque descrito pelas três mulheres estudadas, o caos aprisionante de Petra, a mudança radical que simultaneamente nada alterou como enuncia Eva, a sensação de ter fome tanto quanto de estar cheia de Rebeca. Todavia, como observado, essa rutura inicial é ultrapassada por um trabalho psíquico ulterior que repõe a barreira de contacto, reconfigura o espaço mental e religa o tempo do presente ao passado e ao futuro. Um trabalho que só se inicia, precisamente, quando a verdade desta dor é assumida e tolerada. E que se faz em estreita ligação com o corpo e com os objetos relacionais. Um trabalho que desemboca na preparação do tecido psíquico para novos impactos.

O olhar sobre a gravidez que a análise dos processos de pensamento revela, e da qual decorrem estas reconfigurações do tecido psíquico, permite compreender de outra forma os diferentes organizadores estruturais que a literatura psicanalítica foi assinalando como aspetos essenciais da vivência da mulher grávida. A temporalidade e a espacialidade enquanto dimensões irreduzíveis da experiência psíquica, pano de fundo no qual as experiências ocorrem e são metabolizadas, são dimensões implícitas dos diversos trabalhos que se debruçaram sobre o psiquismo da grávida. A ideia de um processo regressivo e maturativo, ideia central e organizadora de todos os trabalhos anteriores, implica, desde logo, o reconhecimento não apenas de uma temporalização da experiência mas de que a própria temporalidade é afetada. Implica, igualmente, que o espaço psíquico, nas suas diferenciações inter e intrapsíquicas, sofre alterações. Porém, a observação da gravidez a partir da Teoria das Transformações bioniana permite evidenciar esse pano de fundo, e permite revelar e articular

essas alterações descritas na literatura como configurações e texturas particulares que vão sendo assumidas pelo tecido da mente.

7.2.1 A barreira de contacto e a gravidez

A barreira de contacto, enquanto *barreira* e *contacto*, funda as noções de espacialidade e de temporalidade psíquicas. Ao distinguir dois espaços, o inconsciente e o consciente, com diferentes experiências da temporalidade, a barreira de contacto é o eixo a partir do qual a mente se dimensiona. No inconsciente não há distinção de espaços nem de tempos da experiência, há um único ponto (no sentido geométrico do termo), infinito, um buraco negro (Grotstein, 1999), uma simetria pura que tudo condensa numa igualização imutável (Matte-Blanco, 1988). A consciência, enquanto sistema perceptivo (Freud, 1923/1969) é também um *aqui e agora* perpetuamente renovado de experiências que se apresentam à mente e se desvanecem imediatamente. Aqui não há condensação, não há a densidade infinita, mas há um ponto eternamente renovado. É a barreira de contacto que garante a possibilidade de distinguir, articular, esquecer e lembrar. É a barreira de contacto que, tornando assimétricos os espaços e os tempos, constitui uma linha divisória – representável, geometricamente, como linha vertical de separação entre inconsciente e consciente – e uma linha comunicante – representável como linha horizontal, perpendicular à linha divisória –, uma cruz, que permite à mente experimentar-se como lugar de pensamentos que circulam, se ligam e desligam entre eles, criando o pensamento isto é, a narrativização das experiências.

Aquilo que pode ser sugerido, no que respeita ao impacto profundamente desorganizador da confirmação da gravidez nos casos descritos, é que a barreira de contacto, em virtude da intensidade e magnitude do elemento β com que se vê confrontada, é rompida e tornada inoperacional. Esta rutura da cruz ordenadora da espaço-temporalidade implode a continuidade psíquica, como evidenciaram as análises dos três casos estudados, nos quais a confirmação da gravidez é retratada como um choque violento com um elemento estranho que contagia a mente com essa mesma estranheza, que não é mais que a impossibilidade de subjetivação da experiência, a impossibilidade de circulação do pensamento. O espaço e o tempo mental contraem-se, aglomeram-se num ponto quase unidimensional que é essa estranheza de ser e não ser, simultaneamente e indistintamente, o mesmo eu, um eu derradeiramente outro e um não-eu.

A barreira de contacto não é um elemento psíquico fixo; ela é permanentemente recriada (Bion, 1962a). Os elementos α garantem a sua operacionalidade, sustentando a sua

atividade enquanto função α , capaz de produzir novos elementos α a partir dos elementos β que entram permanentemente em contacto com a mente enquanto percepções externas e sensações internas. Os elementos α que compõem a barreira de contacto e que asseguram o seu funcionamento e recriação constantes possuem a marca das diversas distinções que o psiquismo promoveu, ao longo da sua maturação, como forma de ordenar a experiência – ser e não ser, o eu e o outro, interior e exterior. Ora, como foi consistentemente assinalado pela literatura psicanalítica, a gravidez interroga, confunde, condensa essas diferenciações psíquicas elementares. Os elementos α disponíveis, na barreira de contacto, para a operação da função α não têm, pois, no momento de impacto, como ordenar, articular e configurar este β radicalmente novo. Incapaz de continuar a alimentar a produção de elementos α , a barreira de contacto rompida não tem como se reconstituir. A rutura violenta e dramática do ♀ e a concomitante inoperatividade do sistema oscilatório PS-D, evidenciados num primeiro momento nos três casos estudados, são pois consequência do choque e desintegração sofrido pela barreira de contacto.

Assim, o retraimento narcísico assinalado pelos trabalhos de Deutsch (1925), Bibring (et al. 1961a) e Notman e Lester (1988), pode ser entendido, simultaneamente, como o resultado e o início do processo defensivo em face da catástrofe psíquica desencadeada pelo encontro inicial com a experiência da gravidez. Observado este movimento a partir das transformações bionianas, e centrando a atenção não no feto, mas na experiência da gravidez como elemento β a ser subjetivado, o que se revela é que este retraimento narcísico é, antes de mais, consequência da perda das delimitações asseguradas pela barreira de contacto. Todavia, é, ao mesmo tempo, uma tentativa de iniciar a reparação do ♀ e de travar a intensidade dos processos PS. A gravidez é inicialmente uma não-experiência, uma vez que é um elemento β não subjetivável. O retraimento narcísico tem, pois, como função não tanto a aceitação da intrusão do feto, que é uma das facetas ou figurações desse objeto estranho, mas estancar a disrupção experimentada, siderando o espaço e o tempo psíquicos. O processo subsequente de diferenciação e investimento assinalado pelos mesmos trabalhos, pode agora ser compreendido como suportado pelo trabalho psíquico de exploração da experiência pela descoberta/criação de factos seleccionados, que vão permitindo a constituição da gravidez como um objeto psíquico contido pela mente, como ♂ a ser primeiro tolerado (PS) e depois integrado (D). É um trabalho de alfabetização da experiência e que, portanto, produz os elementos α necessários à restauração da barreira de contacto enquanto instância de

diferenciação interna, indissociável da possibilidade de diferenciação externa entre eu e não-eu, como evidenciado pela conceptualização do “duplo limite” de Green (1990).

O trabalho psíquico que se segue ao choque inicial procura pois, de diversas formas, reprojeter, a partir do ponto, as linhas diferenciadoras dos espaços e tempos psíquicos. O uso dos objetos relacionais como ♀ auxiliares, a perscrutação do corpo e o tatear de ligações entre o passado, o presente e o futuro constituem diferentes vértices (adiante explicitados) desse trabalho transformativo que repõe o funcionamento da barreira de contacto: permitindo que do ponto se retracem as linhas; estas, quando estabilizadas, permitem a reconfiguração do círculo que delimita, de forma permeável e flexível mas consistente, o campo mental. Um trabalho que tem possivelmente como objetivo o alargamento do diâmetro original, isto é, o crescimento psíquico a partir da possibilidade de aprender com a experiência (Bion, 1962a; 1965). A abertura expectante do campo psíquico que se observa, nos três casos, e que coincide com a descrição de Winnicott (1958/2000) do estado de preocupação materna primária, pode ser entendida quer como o resultado, quer como o objetivo deste processo violento e doloroso de crescimento.

A gravidez, fisiológica, permite a multiplicação celular, a complexificação de tecidos, órgãos, estruturas e a preparação de sistemas vitais essenciais à sobrevivência do feto após o nascimento. A gravidez, experiência psíquica, opera um trabalho analógico na mulher, com a diferença que esta tem primeiro que se desorganizar para se poder, depois, reorganizar numa nova configuração, mais recetiva e tolerante do seu espaço mental, essencial à sua sobrevivência psíquica pós-parto tanto quanto à do bebé (como evidenciado, na negativa, na psicose puerperal), num tempo cronológico que é, apesar de tudo, bastante curto, se comparado com os tempos de transformação da infância ou da adolescência. A violência e intensidade da rutura da barreira de contacto parece assim operar como elemento de aceleração e potenciação do processo transformativo. Que não é um absoluto colapso, é notório pela possibilidade de, em 38-40 semanas, poder ser reconfigurado o tecido psíquico. Capaz de se recriar, a grávida poderá, como mãe, cocriar-se e ao seu bebé, numa vivência antedipiana vitalizante, isto é, num espaço oscilatório entre um narcisismo estacionário, para-excitante, e uma objetualização progressiva, criativa, enriquecedora, que potencia o crescimento psíquico (Racamier, 2003; Rosado & Marques, 2009).

7.2.2 Espaços do eu com o outro na gravidez

Comentando o capítulo IV de *Playing and Reality* de Winnicott, Green (2013) sublinha a necessidade do outro enquanto suporte contendor e integrador de processos criativos do eu:

La créativité est liée à un état non intégré de la personnalité; cet état doit être réfléchi [...]; il implique obligatoirement l'existence de l'autre. [...] Le non-intégré est désormais vu d'une façon plus cohérente eu plus significative car l'autre l'a compris. [...] L'absence de forme a besoin d'une écoute intégrée. (p. 73)

A gravidez, experiência paradigmática de criação, de recriação do eu através da geração de um outro, é verdadeiramente desintegrativa, como testemunhado pela prevalência de processos dispersivos e pelas vicissitudes experimentadas pela função ♀ do psiquismo; a grávida necessita, pois, intensamente que os seus objetos relacionais operem como guardiães da possibilidade de ser reconhecida, refletida, integrada, contida. O recurso a objetos relacionais que operam como auxiliares do processo de reconfiguração do tecido psíquico, de restabelecimento da barreira de contacto, auxiliando a mulher grávida a alfabetizar a sua experiência, é efetivamente um traço comum aos três casos, observando-se diferenças importantes, mas também algumas semelhanças, no percurso das três mulheres.

Nos três casos, como foi notado, perante este evento catastrófico, as mulheres grávidas apelam à intervenção dos seus objetos relacionais: Eva, perante o resultado do teste de gravidez, pergunta à sua amiga se a experiência com que se confronta é *verdadeira*, isto é, se é um objeto psíquico que pode ser reconhecido como tal, manuseado, subjetivado. Petra e Rebeca observam as reações da família em busca de pistas sobre a forma como a experiência pode ser acolhida. Igualmente significativo é o facto de as três mulheres sublinharem a diferença entre o que elas viveram em face da confirmação da gravidez e a forma como sentiram a vivência dos seus companheiros. Desta forma erguem uma primeira diferenciação capaz de repor, mesmo que apenas minimamente, a capacidade separadora (na medida em que se distinguem) e comunicante (na medida em que partilham e observam o efeito dessa partilha) da barreira de contacto. É pois a memória primitiva e originária da possibilidade de ser pensado no outro, com o outro, face ao outro, que emerge, fornecendo os elementos α necessários ao início da reconstituição da barreira de contacto.

Eva usa, desde o primeiro momento, os seus objetos relacionais como suporte secundário da função ♀, convocando-os sobretudo como base de apoio a partir da qual pode

explorar processos de diferenciação e identificação que a auxiliam a definir o seu lugar, a sua vivência, os seus receios e desejos. É no primeiro e no terceiro trimestre que Eva recorre mais exaustivamente a estes ♀ relacionais auxiliares. No segundo trimestre eles são convocados mais como interlocutores do que como elementos ativos no processo de transformação.

Petra, por sua vez, recorre durante toda a gravidez aos seus objetos relacionais para suportar o processo transformativo que a sua mente é convocada a operar. Mas a forma como consegue usar, inter e intrapsiquicamente estes ♀ auxiliares vai sofrendo alterações. Assim, no primeiro trimestre o seu uso é exclusivamente intersíquico, com os ♀ relacionais usados como depositários dos ♂ que não consegue, intrapsiquicamente, sustentar e manusear. No segundo e terceiro trimestre, Petra consegue com maior eficácia usar intrapsiquicamente as transformações que, na relação intersubjetiva, solicita aos seus objetos relacionais. Contudo, enquanto no segundo trimestre a função transformativa é predominantemente a de uma tradução psíquica que a auxilia a reconhecer e designar a experiência, no terceiro trimestre pode já usar os ♀ relacionais como organizadores mais complexos, como auxiliares de um processo de elaboração e investimento da experiência.

Finalmente, Rebeca apela ao suporte dos seus objetos relacionais predominantemente no primeiro e no segundo trimestre, usando-os como ♀ diferenciados, capazes de tolerarem, assinalarem e suportarem as dimensões da experiência que não consegue organizar. No terceiro trimestre o seu uso diminui muito significativamente, uma vez que Rebeca pode já conter a experiência e está investida na exploração intrapsíquica da mesma. São assim convocados, pontualmente, sobretudo para exercerem funções complementares ou para servirem de depositários das suas inquietações.

Porém, é importante assinalar que, apesar dos diferentes usos que cada uma das grávidas faz dos seus objetos relacionais enquanto ♀ que as auxiliam a transformar a experiência, é transversal aos três percursos a disrupção causada pela relação com objetos pouco tolerantes à dor emocional que elas vivem, ou portadores de ♂ demasiado saturados, fechados, específicos, que são igualmente experimentados por Eva, Petra e Rebeca como significados subjetivamente não manuseáveis. São sempre as interações mais tolerantes, abertas e flexíveis que desencadeiam processos de subjetivação significativa, criativa, da experiência da gravidez.

O uso dos objetos relacionais como ♀ psíquicos auxiliares, através do que pode ser descrito como uma atividade intensa de movimentos de identificação projetiva comunicante,

lança luz sobre a forma como ocorre a reconfiguração, assinalada pela literatura, das identificações estabelecidas, ao longo do desenvolvimento, com e através dos objetos parentais. O jogo identificatório interno é nutrido, e muito intensamente, pela atualidade relacional, pelo uso reiterado dos objetos relacionais como ♀ através dos quais a experiência é coexplorada e depois então integrada. Porque quando é integrada no espaço psíquico da grávida, a experiência alfabetizada com o outro inclui algo mais do que aquilo que foi depositado no espaço relacional, inclui traços dos objetos que enriqueceram a experiência com eles e através deles manuseada. Traços da função ♀ do objeto, e traços dos ♂ do próprio objeto. Desta forma, no uso que faz do seus objetos relacionais, a mente da grávida integra não apenas a experiência da gravidez mas integra novos traços no seu psiquismo. É pois esta intensa dinâmica de identificação projetiva que fornece material novo ao jogo identificatório. Que este é o caso é observável na enorme diferença verificada entre a capacidade, mesmo a necessidade, de fazer uso das relações atuais que as entrevistas testemunham, e a dificuldade de manusear representações, de as conflitualizar, de as clarificar até, nas provas projetivas, dificuldade que vai sendo diminuída, porém nunca ultrapassada, à medida que o trabalho psíquico se desenvolve com os objetos relacionais reais.

O ambiente relacional da mulher grávida opera assim como um “holding environment” (Winnicott, 1965). Sobre a fase de desenvolvimento em que o bebê tem necessidade de um tal ambiente de suporte, não apenas físico mas, de forma indissociável, psíquico, escreve Winnicott (1965): “in the holding phase the infant is maximally dependent” (Cap. 3, Dependence, para. 1). O mesmo pode ser dito da mulher grávida durante a gestação. A integridade e a continuidade do eu são turbulentamente afetadas e o outro é convocado a tolerar, com a grávida, essa turbulência, e a fornecer um suporte psíquico para que possam ser restauradas. Quando o objeto relacional é *suficientemente bom*, empático, contentor, tolerante, a grávida pode reconhecer-se. Empaticamente refletida pelo outro, a grávida vai reencontrando o seu espaço, tateando e dando forma à sua experiência. Todavia, o outro lado desta dependência é a vulnerabilidade que experimenta em face de objetos intolerantes, indisponíveis, que devolvem sem transformação as inquietações por ela experimentadas, ampliando-as; ou que, no polo oposto, são excessivos, saturando demasiado a transformação, retirando à mulher a liberdade de criar-descobrir, no seu tempo e ritmo, a significação subjetiva da sua vivência: o que não permite a restauração da sua integridade, antes a fragiliza ao impor uma integração alheia, um pensamento que é exclusivamente do outro, um não-eu sem relação com esse eu que está em processo de se refazer. A provisão de um ambiente

relacional suficientemente empático, acolhedor e não invasivo, como aquele descrito por Winnicott (1965, no Cap. 3, *The theory of the parent-infant relationship*) como garante do estabelecimento da “continuity of being”, base da “personalization”, no desenvolvimento, infantil ou terapêutico, é pois indispensável ao trabalho psíquico da mulher grávida, à restauração dessa continuidade, à recomposição do seu tecido psíquico, à promoção da sua capacidade de pensar os pensamentos da sua gravidez.

7.2.3 O espaço do corpo grávido

A gravidez é uma experiência psíquica vivida no, com e pelo corpo. As experiências corporais da gravidez impõem-se à mente como evento a ser psiquicamente significado; mas, ao mesmo tempo, o trabalho psíquico em curso faz uso do corpo para se expressar, para se revelar, para, apoiando-se no corpo, se representar. A gravidez é pois uma experiência que, como sublinha Kristeva (2010), se situa no cruzamento entre o corpo e a psique, entre a biologia e o sentido. Nos três casos estudados, o corpo é, de facto, reiteradamente convocado, interrogado, explorado e significado.

No primeiro trimestre Eva escrutina a superfície e a forma do corpo retratando a ambiguidade que experimenta, Petra expressa a sua indisponibilidade psíquica num útero reticente e Rebeca enumera sensações paradoxais para dizer a sua incompreensão. Ao longo do percurso o corpo em transformação é vivido com estranheza, que Eva enuncia sobretudo através do Rorschach e na evocação de um corpo alienígena, Petra através da separação entre o que ocorre no corpo e o que não tem lugar na mente e nas projeções de um corpo desagregado no Rorschach, e Rebeca através das expressões fantasmáticas de contaminação ou invasão parasitária, um corpo em risco como testemunhado também pelo Rorschach. É, assim, através do corpo que são expressas as dificuldades mais agudas, mais intoleráveis e dolorosas, de forma mais ou menos mentalizada consoante a progressão do trabalho psíquico de cada uma das mulheres grávidas.

Bellion (2001), recorde-se, sugere que a forma bastante aguda como, no discurso livre e sobretudo no Rorschach, o corpo grávido é vivido com inquietante e violenta estranheza, pode ser compreendida como um deslocamento sobre o corpo da agressividade que a mulher procura neutralizar no pensamento. Porém, mais que um deslocamento, que implica a retirada de um investimento de um lugar para outro, o que parece revelar o estudo dos processos de pensamento é que a vivência corporal espelha, traduz, ilustra mas também fornece dados, sinais, experiências, a esse trabalho, ele sim violento, catastrófico, que a gravidez impõe à

mente. É a experiência da gravidez, enquanto vivência a ser subjetivada e significada que é violenta, disruptiva, dispersiva, exigindo um trabalho que, pela sua dimensão, é ele mesmo violento. Assim, corpo e mente são duas faces de um palco onde se representa o mesmo drama: suportar o impacto de uma experiência catastrófica que exige novas configurações do tecido psíquico.

Sustentando esta ideia, observa-se efetivamente que o corpo é palco tanto dessa rutura destruidora como da recriação subsequente. É efetivamente também através do corpo que se dá a ver o caminho do pensamento elaborando a experiência, e que apreensões mais desimpedidas e criativas e afetos mais ternos encontram ilustração. Testemunham-no Eva olhando-se e revendo-se no olhar dos outros sobre o seu ventre a crescer, comunicando criativamente com o seu interior através de uma música que atravessa a pele; Petra tateando uma ligação intermitente através dos movimentos fetais a que progressivamente dá atenção como acontecimento do e no seu corpo, configurando “o caminho do bebé” no seu interior e tornando-se capaz de sonhar um corpo protetor, quente, vitalizante; e Rebeca encontrando um lugar de contacto singular, irredutivelmente subjetivo, com o feto em movimento, e admirando a beleza da sua barriga quando já não teme um útero insuficientemente amplo e acolhedor.

As situações ecográficas, escrutínio e figuração artificial (porque mediada pela tecnologia e pelo saber médico) do interior do corpo inquietantemente habitado, são igualmente ocasião de expressão intensa da trama que se desenrola na mente. Para Eva, as primeiras ecografias conferem visibilidade à transformação que experimenta mas que, na superfície do corpo, não é decifrável. O “feijãozito”, designação que usa para se referir à representação do seu interior vivo e ativo possibilitada pela ecografia, condensa uma apreensão da experiência da gravidez como realidade ainda pouco definida, embrionária, potencial, mas nutritivamente enriquecedora do psiquismo. No segundo trimestre, as ecografias são investidas como suporte real da exploração e investimento que faz do seu corpo grávido, movente, interativo. No terceiro trimestre, a ecografia deixa de ser compreendida, torna-se estranha e distorcida, porque psiquicamente o que é investido é a exploração pela fantasia de um corpo que ganhará, brevemente, novos sentidos relacionais e familiares. Para Petra, as ecografias, forçando uma ligação, interior, que não consegue estabelecer, são inquietantes. Ao imporem uma definição e uma externalização daquilo que, interiormente, é ainda indefinido e de difícil contenção, promovem uma dissonância entre a imagem fornecida, o interior do seu corpo observado pelos outros e o seu pensamento.

Figurando o que não sabe como representar, não são subjetiváveis. Para Rebeca, no primeiro e segundo trimestre as vivências ecográficas refletem a obscuridade, indefinição e desamparo que experimenta. Permitem, no entanto, apaziguar e expressar os fantasmas sobre o interior do seu corpo. No terceiro trimestre, já capaz de uma maior mentalização e tolerância à inquietação, a ecografia é sentida como imagem distorcida, isto é, como imagem que não consegue nem captar a sua vivência nem responder aos seus receios.

Desta forma, as vivências ecográficas de Eva, Petra e Rebeca parecem ser mais ocasião de exacerbação das vivências psíquicas, assumindo como sugerido por Hanson (2004) um significado subjetivo em função da cena mental que as recebe e interpreta, do que um curto-circuito fantasmático como sugerido por Fau (1986). O mais significativo nos três casos parece ser a qualidade do ambiente relacional que contém, ou não, a grávida. Eva experimenta estes momentos sempre acompanhada por objetos relacionais securizantes que sustentam a experiência mesmo quando ela não é capaz, como na primeira ou na última ecografia, de investir consistentemente. No caso de Petra, apesar das dificuldades que experimenta, a tolerância, compreensão e acolhimento das médicas ecografistas tornam esses momentos suportáveis, em marcado contraste com os restantes episódios clínicos. Para Rebeca é determinante a presença ou ausência de Samuel, que altera substancialmente a forma como vive, com maior ou menor angústia, as situações ecográficas.

O corpo, na estranheza da alteração da sua configuração exterior, na sua obscuridade interna, na sua habitação movente, no seu escrutínio ecográfico, é pois central no trabalho transformativo da mulher grávida. A estranheza e a fragilidade de um corpo no qual a pele como fronteira já não detém a mesma operacionalidade, vai de encontro ao que foi observado através do estudo das alterações sofridas pelo ♀. Como assinalado embora não explorado em profundidade por Bellion (2001), a invocação dos trabalhos de Anzieu sobre o Eu-Pele são incontornáveis para ajudar a clarificar esta centralidade.

Par Moi-Peau, je désigne une figuration dont le Moi de l'enfant se sert au cours de son développement pour se représenter lui même comme Moi contenant des contenus psychiques, à partir de son expérience de la surface du corps. [...]

Le Moi-Peau fonde la possibilité même de la pensée. (Anzieu, 1995, p. 61).

O modelo de Anzieu (1994/2013; 1995) articula, assim, uma série de premissas fundamentais: o Eu-Pele assegura a diferenciação entre um espaço interior e um espaço exterior, a partir de uma superfície unificadora; a estabilidade desta diferenciação funda o sentimento de continuidade psíquica; a pele serve, portanto, de suporte à constituição da

diferenciação entre eu e não-eu; o corpo delimitado pela pele estabelece-se como lugar do eu; a superfície exterior permite o contacto com o não-eu: os outros e a realidade externa fora do seu controlo onnipotente; a constituição desta delimitação comunicante é reproduzida no interior, dando origem a espaços psíquicos diferenciados, separados por uma barreira filtrante.

A gravidez, enquanto habitação paradoxal do interior do corpo por um não-eu que não o é inteiramente, vem provocar de forma dramática e violenta esta figuração que suporta a individualização, a diferenciação, a continuidade do eu e as suas fronteiras inter e intrapsíquicas. O espaço delimitado pela pele, permanecendo eu, é também algo mais. Na gravidez, a pele não garante, pois, essa função simultaneamente unificadora e diferenciadora. É a violência dessa constatação que, como observado, provoca a falência da função ♀ do psiquismo e impõe um campo psíquico subordinado a PS, rompendo o tecido psíquico espaço-temporal constituído a partir da representação de um Eu-Pele, superfície e volume que atravessa o curso do tempo. O abalo produzido na figuração do Eu-Pele repercute-se, como que através de ondas sísmicas, no Eu psíquico, na capacidade mesma de (se) pensar. O que era um corpo familiar tornou-se estranho, o que era uno tornou-se duplo, o eu não é mais claramente distinto do não-eu, a fragilidade e o desamparo são, conseqüentemente, extremos, ao mesmo tempo que a onnipotência criadora e a realidade se confundem na possibilidade de tornar vivo o que não o era: a gravidez condensa, assim, todas as dimensões do “unheimlich” freudiano (1919/1969) tornando inevitável essa estranheza reiteradamente expressa nos discursos de Eva, Petra e Rebeca, e também assinalada por Hollway (2015) no discurso das mulheres grávidas que estudou.

Porém, se foi através do corpo que o Eu se constituiu, e se foi através de uma experiência corporal que ele se abateu, é natural que seja através do mesmo corpo que o Eu procure reconfigurar-se. O reconhecimento do corpo é essencial a que este se possa tornar, de novo, familiar, mesmo que só depois da inquietação do parto e do encontro com o bebé poder ter sido ultrapassada (como é revelado pelo uso simbólico que é feito, nas sequências associativas, da mala a levar para a maternidade e do quarto preparado para receber o bebé, analogias do corpo grávido que espera, se prepara refazendo-se, mas também do corpo que se encontrará com um outro corpo, cuja pele terá de ser reforçada e investida pelas roupas, pelos cremes, pelo espaço que o esperam). A necessidade desta refamiliarização justifica, pois, a centralidade do corpo no discurso das três mulheres estudadas, o escrutínio, a interrogação, a atenção, notação e interpretação a que são submetidos os sinais que o corpo expressa. Daí também que seja, de uma forma ou de outra, a partir da possibilidade de tolerar e significar a

estranheza da experiência a que o corpo é submetido, que o pensamento possa voltar a operar sobre os pensamentos, que o aparelho para pensar se reconstitua: “L’esprit se fait une idée des états et des mouvements qui affectent le corps; ces idées sont aussi appelés des pensées. L’esprit, ou appareil mental, s’était sur le moi-peau pour créer un appareil à penser ces idées” (Anzieu, 1994/2013, p. 20). O eu é pois, *sempre*, um eu corporal e na gravidez, experiência corpórea de reconfiguração do tecido psíquico, essa indissociabilidade torna-se evidente.

7.2.4 A temporalidade psíquica e a gravidez

O encontro inicial com a experiência da gravidez rompe a ordenação linear da temporalidade como sucessão contínua entre o passado, o presente e o futuro, garante da estabilidade identitária: “The self is a time bound concept. [...] Identity implies that a self or an object is the same entity at different points in time” (Arlow, 1986, para. 33). Efetivamente, nos três casos estudados, foi observado como num primeiro momento a temporalidade psíquica enquanto contínuo identitário é posta em causa, o que é expresso, pelas três mulheres, antes de mais, como uma desconexão psicossomática, um desencontro entre o tempo que as suas mentes precisam para reconhecer a experiência e o tempo cronológico de que o corpo fez uso. Apesar da suspensão do uso de métodos anticoncepcionais, Eva expressa a sua surpresa com a rapidez com que engravidou, e Petra sublinha a sua incredulidade face a um corpo que julgava não estar recetivo. Rebeca, confrontada com a realidade da gravidez, não reconhece o movimento psíquico que a proporcionou, sentido que um desejo projetado no futuro se impôs demasiado cedo no corpo. Por outro lado, para as três mulheres, nesse primeiro momento, o presente do encontro com a sua gravidez marca uma rutura entre a sua história passada e um futuro radicalmente desconhecido e diferente, distinto do que até agora viveram, distinto do que imaginavam viver. Assim, Eva diz como tudo mudou sem conseguir definir efetivamente o que se alterou tão radicalmente, Petra sente-se aprisionada numa experiência de dor e desencontro que não vê como ultrapassar, e Rebeca imagina que os projetos e desejos futuros se eclipsaram.

Como assinalado ao longo da análise dos três casos, cada uma das mulheres vai procurando, e encontrando, formas de recompor a continuidade temporal do psiquismo, a partir da progressiva restauração da possibilidade pensar os seus pensamentos. Eva circula, desde o primeiro trimestre, pelos tempos passados da sua história em busca de traços que a auxiliem a significar o presente, mas sobretudo a imaginar o futuro. Petra é auxiliada, no segundo trimestre, pela enfermeira das aulas de preparação para o parto, a reencontrar o curso

da temporalidade pela possibilidade de representar um presente transformativo, já não estacionário e desconectado do passado ou do futuro, mas inscrito numa sucessão geracional. Rebeca procura, desde o primeiro trimestre, historicizar a sua gravidez, contudo fá-lo impondo ao presente uma lógica de contrastes sucessivos, de tempos encapsulados e desconectados, unidos apenas pela fragilidade e pelo fantasma que procura afastar. É apenas no terceiro trimestre que consegue representar a continuidade da história psíquica da gravidez, precisamente pela apreensão das suas descontinuidades e pelo reconhecimento da sua fragilidade e dos seus temores. A possibilidade de significar a experiência entrelaça-se pois com o restabelecimento da temporalidade psíquica, porque significar é subjetivar o evento, é ligar o que ocorre num tempo que transcende o sujeito, que lhe é exterior, estranho, a um tempo interno, a uma história psíquica: “sense and meaning make it possible to feel the notion of time as a king-pin in the reorganization of the person rather than as an absurd imposition” (Abraham, 1976, *The transference or the law of return*, para.15).

Num primeiro momento, o tempo psíquico experimentado pela grávida pode ser descrito como “un ‘temps éclaté’, c’est a dire d’un temps qui n’a plus guère à voir avec l’idée d’une succession ordonné selon la tripartition passé-présent-futur” (Green, 2000, p.11); uma temporalidade mais próxima daquela que ocorre na experiência onírica na qual, precisamente, as fronteiras entre os espaços psíquicos – inconsciente, pré-consciente, consciente – se esbatem, tal como se esbatem, na gravidez, em virtude da rutura da barreira de contacto, da qual resulta a *transparência psíquica* descrita por Bydlowski (2001). De facto, já Deutsch (1949) havia assinalado como a experiência psíquica da gravidez “ressemble en partie à un rêve” (p. 123). Ao subverter as diferenciações temporais, o trabalho onírico permite aproximar o que é distante e distinguir o que é próximo, criando novas ligações, novas articulações entre os conteúdos psíquicos, abrindo assim novas possibilidades de significação. A rutura da continuidade psíquica produzida pelo impacto dessa experiência paradoxal que é a gravidez abre, igualmente, um campo não apenas de significação do que é novo, mas de ressignificação do que, sendo antigo, se torna novamente atual: a diferença entre o eu e o outro, entre os espaços psíquicos, entre a história vivida, a história lembrada e a história que pode ser (re)pensada. Nessa medida, aquilo que tem sido descrito na literatura como processo regressivo e, subsequentemente, maturativo, pode ser entendido, quando perspectivado a partir dos processos de pensamento, como um campo no qual a desordenação da continuidade providencia e fertiliza o uso da bidirecionalidade inerente à temporalidade psíquica: a gravidez, para ser pensada, faz uso da possibilidade de significação retrospectiva, da

possibilidade da mente significar o passado através e a partir do presente; um *temps éclaté* abre a via à significação *après-coup* dos eventos psíquicos que, no inconsciente, são atemporais. É a *barreira* de contacto que permite ordenar os eventos numa história subjetivamente integrada; é igualmente a barreira de *contacto* que torna quer os eventos quer a história que os liga, passível de ressignificação. A alteração violenta da barreira de contacto na gravidez permite, pois, um trânsito especialmente intenso a partir do qual a continuidade identitária se ressignifica ao procurar subjetivar e significar a gravidez.

Por outro lado, o trabalho psíquico de reconstituição da continuidade psíquica permite à três mulheres, como foi observado, aproximarem-se no final da gravidez de uma vivência do presente como um tempo de abertura, receptividade, expectativa, um presente que revisitou o passado e o reintegrou na continuidade do eu e que reconhece que o futuro, na sua radical novidade, pode ser esperado mas não pode ser previsto. A continuidade identitária toma assim a forma de um recetáculo insaturado, uma pré-conceção, constituída pelo material da história psíquica revisitada e reintegrada, todavia deixada em aberto, à espera de realização. A gravidez estimula, desta forma, não apenas uma significação *après-coup*, retrospectiva, mas uma significação que pode ser designada como *avant-coup*, prospetiva: se a significação do passado opera transformações sobretudo nos ♂ da mente, na sua articulação, permitindo pensar *o mesmo*, de *outra forma*, a abertura à significação futura estabelece um ♀ para receber *o novo*, o diferente, estabelece a capacidade de abrir o pensamento ao impensável, suportar, pacientemente a espera por um facto selecionado pressentido, porém que verdadeiramente ainda não existe, não é passível de ser criado ou descoberto, porque necessita de novas experiências – o parto, o bebé, a mulher como mãe e todos os eventos psíquicos que daqui decorrem – para poder começar a existir. Depois da dispersão do presente e da sua integração com o passado, a mente da grávida experimenta o presente disperso face ao futuro. Desta forma, “the pattern of a continuity of going-on-being” (Winnicott, 1965, Cap. 4. Ego integration, para. 47) foi restabelecido e é protegido pela antecipação possível, tolerante, de um novo evento-encontro catastrófico.

7.2.5 (Re)Conhecer as emoções: dor e verdade na gravidez

A literatura psicanalítica sobre a gravidez sublinha, unanimemente, a intensidade da ambivalência vivida pela mulher grávida face à sua gravidez, descrevendo as operações defensivas a que recorre a sua mente para conter e manusear os afetos contraditórios que experimenta e, sobretudo, para se proteger daqueles cuja valência é agressiva. O estudo dos

processos de pensamento de Eva, Petra e Rebeca, e designadamente a observação da natureza vincular da relação ♀♂ corrobora essa dificuldade em manusear L e H. Num primeiro momento, para as três mulheres, investir positivamente a experiência não é possível, ou é muitíssimo difícil, dada a disrupção que ela provoca e a incerteza de que se reveste. Assim, as três mulheres deslocam para os seus companheiros o desejo da gravidez e a satisfação com a sua consumação, não podendo assumir intrapsiquicamente o vínculo L. As emoções mais disruptivas, agressivas, por seu lado, são mais difíceis de escamotear e surgem com grande intensidade na forma como as três mulheres abrem as suas primeiras narrativas assinalando a dificuldade que experimentam na vivência da gravidez. As narrativas constituídas em face das provas projetivas no primeiro trimestre corroboram esse silenciamento do vínculo L, bem como a intensidade de H. No segundo e terceiro trimestres, em função da elaboração psíquica que cada uma vai Tateando, a ambivalência em face da vivência da gravidez mantém-se mas vai sendo modulada, através da possibilidade de investir positivamente a gravidez, ou alguns aspetos da mesma, e da redução da intensidade de H, da sua maior circunscrição.

Todavia, o que de mais relevante o estudo dos processos de pensamento permite destacar é a necessária interligação entre, por um lado, a capacidade de modular a ambivalência e, por outro, a capacidade de suportar o temor das interrogações colocadas pela experiência da gravidez e a curiosidade que pode, então, emergir, abrindo as vias da significação. L e H tornam-se toleráveis, manuseáveis, usáveis, pela operacionalidade de K que permite, gradualmente, reconhecer e tolerar a dor provocada pela experiência. Eva, pela interrogação contínua da experiência desde o primeiro trimestre, pode não apenas reconhecer mas também tolerar a dor e assim contê-la, o que permite um percurso psíquico mais tranquilo, liberto e criativo no segundo trimestre do que aqueles que são vividos por Petra e Rebeca. Petra reconhece a dor, porém experimenta grande dificuldade em tolerá-la; é a contenção desta dor pelos seus objetos relacionais que sustenta o seu trabalho transformativo e permite, no terceiro trimestre, um investimento mais tranquilo não exatamente da gravidez mas do futuro relacional a que esta conduz. Rebeca só intermitentemente reconhece verdadeiramente a dor que a experiência encerra, o que dificulta a subjetivação significativa da mesma. Quando, no terceiro trimestre, pode enfim reconhecer a fragilidade que experimentou e os receios que a acompanharam, a gravidez torna-se positivamente investida, ‘inteirada’, e Rebeca abre-se a um futuro já não apenas temido mas também desejado.

No mito edipiano, revisitado por Bion, a tolerância à interrogação colocada pela Esfinge constitui-se como o *primum mobile* do pensamento. Tirésias receia o caminho aberto

pela pergunta, receia a dor que esse caminho inevitavelmente comporta. Nos três casos estudados, confrontadas com o enigma das origens que se desenrola nos seus corpos mas, sobretudo, nas suas mentes, com a mudança catastrófica a que são convocadas, Eva, Petra e Rebeca experimentam, com diferentes intensidades, porém de forma transversal, temor e curiosidade em face da(s) experiência(s) emocionais proporcionadas pela gravidez. E nos três casos, como assinalado, a possibilidade de assumir a verdade da dor experimentada é crucial para que a gravidez, enquanto objeto potencialmente transformacional, se torne efetivamente, um objeto transformado – alfabetizado – e um objeto que transforma a mente que o acolhe.

A esse respeito é importante revisitar o que é dito pelas três mulheres quando convidadas a falar sobre a sua participação na investigação: as três assinalam que sentiram os encontros comigo como um espaço de interrogação e de exploração que permitiu encontrarem-se com a sua vivência e assim pensá-la. As entrevistas, ao contrário das provas projetivas (que foram, para as três mulheres momentos de algum desconforto, sentidos como mais importantes para mim do que esclarecedoras para elas, como Petra verbalizou diretamente), possibilitaram transformar as suas interrogações numa narrativa partilhada. Na medida em que procuravam dizer-se(-me) o que sentiam (L e H), (re)conheciam-se (K), a si mesmas, aos seus afetos, às suas experiências, aos seus receios e anseios. Esse processo, que comigo se adensava e se dava a ver mas que percorria subterraneamente os seus dias e os seus sonhos (nem sempre recuperáveis, todavia sempre assinalados como vivos e moventes), surge pois como central no refazer do tecido espaço-temporal da mente: K, o desejo de saber sobre si mesmas, é a agulha que encaminha as linhas, que interrogando a história, o corpo, os continentes e os conteúdos da mente e os continentes e conteúdos providenciados pelos objetos relacionais, tece os significados que dão novas formas e novos padrões à tecelagem psíquica.

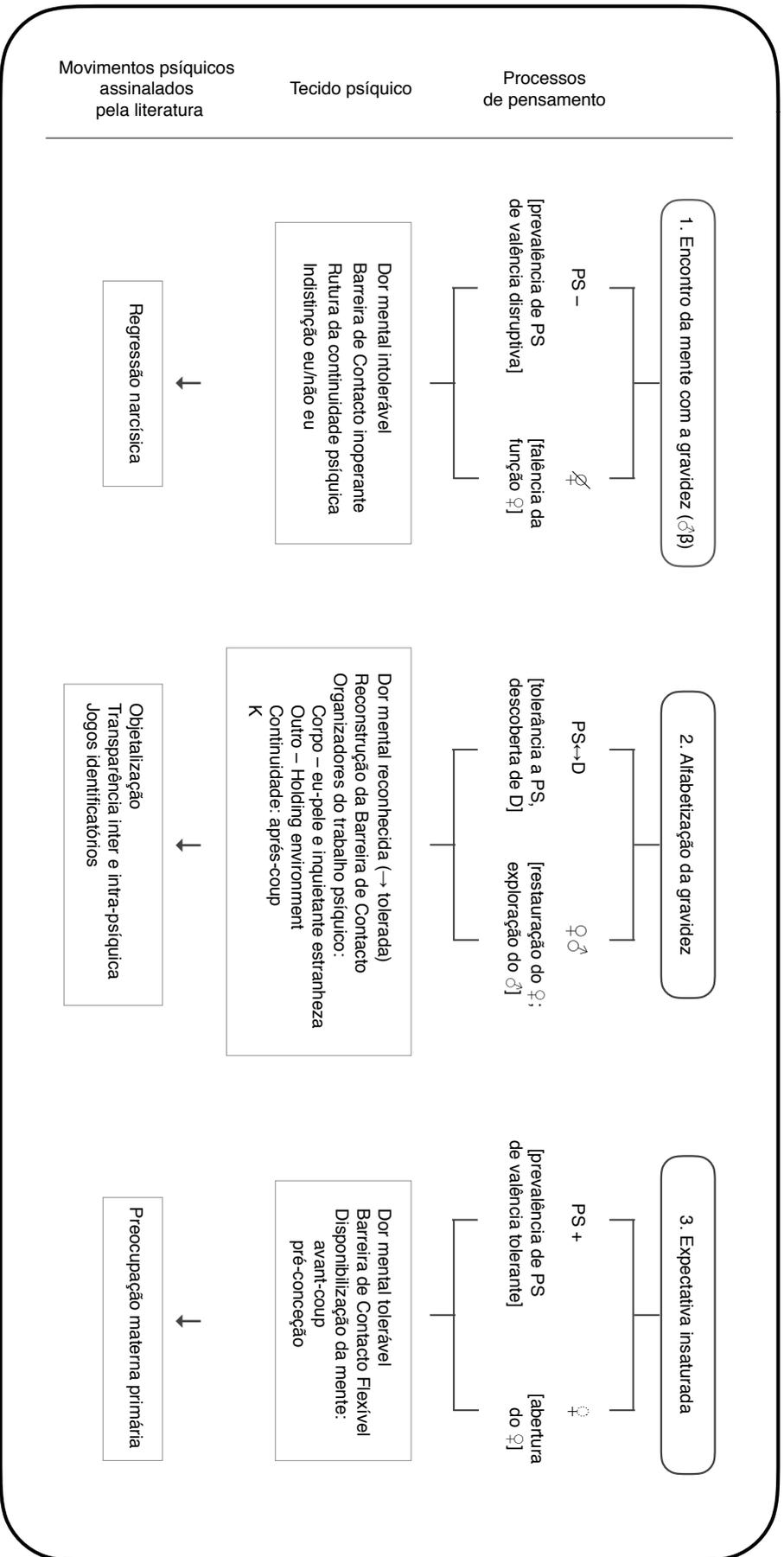
7.3 Ao mesmo tempo, mas de outra perspetiva

Na introdução ao presente trabalho e na descrição dos seus objetivos foi explicitada a necessidade de acrescentar à descrição do *que* ocorre na mente da grávida – os movimentos regressivos e progressivos relativos à direção e qualidade dos investimentos pulsionais, à reconfiguração das fronteiras intra e intersíquicas, aos processos identificatórios face aos objetos parentais e à relação com o corpo enquanto objeto psíquico – a compreensão de *como* são mobilizados esses organizadores psíquicos.

A análise realizada a partir de uma perspectiva bioniana focada nos elementos que constituem o aparelho para pensar pensamentos – $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$ – permitiu, efetivamente, observar a partir de uma nova perspectiva o psiquismo em transformação da mulher grávida. Porém, ao investigar os processos de pensamento que suportam as transformações que ocorrem na tela que é a mente, foi o próprio tecido psíquico que se revelou em transformação. Na verdade, estes fios que compõem o tecido psíquico, e que a análise dos processos de pensamento trouxe para primeiro plano do processo transformativo da mente da grávida, não estão ausentes dos trabalhos que precedem este que agora se conclui. A ideia de um processo regressivo e maturativo, como foi já afirmado, é indissociável da questão da temporalidade, mas também da reconfiguração da espacialidade psíquica; a ideia de uma regressão narcísica em estreita ligação com a ambivalência e, sobretudo, com a agressividade experimentada face ao feto, remete para a questão da dor mental; o processo de objetalização e investimento do feto, a permeabilização das fronteiras intra e intersíquicas, assim como a exploração dos processos identificatórios implicam a alteração dos espaços psíquicos, relacionando-se diretamente com as alterações da barreira de contacto e com o trabalho psíquico realizado com (e através) do corpo e dos objetos relacionais da grávida. Contudo, esses fios percorriam silenciosamente os textos sem serem reconhecidos na sua especificidade. O olhar sobre a mesma paisagem, a partir de um outro ponto de vista, permitiu a sua emergência e clarificação. Porque, como explicita Winnicott (1971, Cap. 7 The location of cultural experience, para. 22), “in any cultural field it is not possible to be original except on a basis of tradition”.

A coerência entre o padrão transformativo que emergiu através da análise dos três casos estudados, efetuada a partir do modelo bioniano, e a literatura precedente permite supor este padrão como invariante, isto é, como descrição generalizável para lá dos casos aqui estudados. Uma apreensão de conjunto do modelo aqui exposto e a sua articulação com a literatura precedente é sintetizada na Figura 1.

Figura 1: A Mente da Grávida em Transformação



É essencial sublinhar que, como observado recorrentemente ao longo deste trabalho, se a sequência transformativa é invariante, o seu ritmo é sempre singular. Assim, como foi observado, na mente de Eva, o trabalho psíquico que permite iniciar a alfabetização da experiência inicia-se ainda no primeiro trimestre, mesmo que a sua consolidação apenas ocorra no segundo; para Petra, o segundo trimestre é o momento em que a mesma se inicia, consolidando-se no terceiro; finalmente, para Rebeca, apesar de surgirem esboços de alfabetização no primeiro e segundo trimestres, esta operação só é verdadeiramente possível no terceiro, a partir do momento em que a dor mental pode ser reconhecida e tolerada. Por outro lado, a inexistência de uma correspondência linear entre os três trimestres e as três fases transformativas descritas mostra que o modelo trifásico proposto não é fruto do desenho da investigação, designadamente da decisão de proceder a três observações coincidentes com os três trimestres, mas dá conta de uma sequência psíquica, num tempo que não é cronológico. É igualmente importante notar que a distinção entre as três fases não é uma distinção rígida: porque a passagem de uma fase a outra não ocorre de modo imediato, brusco, radical, mas de forma gradual, progressiva; e porque a passagem de uma a outra fase não implica a dissolução completa da anterior, mas sobretudo a predominância crescente de uma forma distinta de experimentar, sentir, pensar a gravidez.

Finalmente, é importante assinalar que não é apenas o ritmo que diferencia os percursos que aqui foram estudados. A evidência de um padrão transformativo comum foi, a cada momento desta discussão, confrontada com a forma singular como cada mulher pensa os pensamentos da sua gravidez. A extensão e pormenor da análise dos casos estudados, e a revisitação permanente ao longo da discussão das particularidades de cada percurso de significação da experiência da gravidez procurou, precisamente, garantir o reconhecimento e a valorização da riqueza do que é irredutivelmente singular, porque sempre subjetivamente gerado e transformado. É que, como anunciado desde o primeiro momento, enquanto clínicos, mas também enquanto investigadores da subjetividade humana, “we are involved in a philosophical prejudice in favour of a person, in favour of the uniqueness of the human individual” (Bion, 1980, p.11).

8. CONCLUSÕES

The argument is, I think, circular: I am relying on the adequacy of the circle's diameter.

Wilfred Bion

1.

Alargar a compreensão da psicologia clínica psicanalítica sobre a mente da mulher grávida, sublinhando os aspetos originais e singulares do processo de subjetivação e significação da experiência emocional da gravidez, foi o objetivo que norteou o trabalho que agora se conclui. Com esse propósito, foi convocada a Teoria das Transformações bioniana como suporte teórico e metodológico de um novo olhar sobre a mente da grávida. Foi, então, proposto estudar os processos mentais responsáveis pela transformação da experiência emocional da gravidez num objeto subjetivamente significado, no palco interno da mente. Assim, foi sugerido conceber a experiência da gravidez como elemento β a ser alfabetizado pelo psiquismo da gestante, a partir da operação dos elementos que constituem o aparelho para pensar pensamentos: $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$. Partindo da constatação, providenciada pela literatura psicanalítica, de que a mente da grávida é palco de movimentos intensos de reorganização dos núcleos organizadores do psiquismo – narcisismo e objetividade, libido e agressividade, identificações e fronteiras inter e intrapsíquicas –, foi sugerido que a gravidez se oferecia como experiência desencadeadora de uma *mudança catastrófica*, uma experiência violenta e subversiva, geradora de dor mental, que se impõe à mente para ser transformada. A gravidez, enquanto experiência psíquica, emocional, foi desta forma conceptualizada como *objeto transformacional* que, ao ser tolerado, integrado, contido, explorado, enfim, transformado, transforma a própria mente.

Os três estudos de caso que compõem o suporte empírico deste trabalho permitiram verificar a pertinência destas propostas, ilustrar a sua operacionalização e desenvolver o seu quadro conceptual. Desta forma, o estudo dos processos de transformação de Eva, Petra e Rebeca permitiram confirmar o aspeto catastrófico mas também transformador da vivência psíquica da gravidez na mente da mulher gestante. Permitiram, ainda, descrever um padrão comum aos percursos transformativos das três mulheres e, simultaneamente, destacar e valorizar as singularidades irreduzíveis à vivência subjetiva dessa experiência emocional. Finalmente, permitiram a emergência de novas coordenadas de observação e compreensão da

experiência psíquica da gravidez, a partir da consideração das transformações do tecido psíquico espaço-temporal da grávida. Foram, assim, assinaladas não apenas as vicissitudes dos organizadores do pensamento – PS↔D e ♀♂ – mas, a partir da mesmas, foram explorados os efeitos da experiência da gravidez na barreira de contacto e no manuseamento da temporalidade psíquica, bem como assinaladas as funções essenciais desempenhadas pelo corpo e pelos objetos relacionais na mente em transformação da grávida, e destacada a centralidade do vínculo K enquanto suporte da capacidade de interrogar a experiência, de tolerar a dor que a mesma envolve e de a assumir verdadeira e criativamente.

2.

A investigação conduzida permitiu, pois, constituir um novo vértice de observação da experiência psíquica da gravidez. Um vértice complementar e articulado com a literatura precedente, contudo original na conceptualização desenvolvida que, focando-se nos processos de pensamento, permitiu destacar também a originalidade da própria experiência em estudo, a gravidez, enquanto vivência não redutível a uma reencenação de processos de desenvolvimento anteriores.

Efetivamente, ao contrário dos períodos de intensa transformação psíquica anteriores, a infância e a adolescência, a gravidez parece ter como propósito não tanto a estabilização de integrações, mas a possibilidade de tolerar disrupções e incertezas. Claro que, na gravidez, é essencial a possibilidade de integrar, tal como é essencial, nas fases de desenvolvimento anteriores, suportar a dúvida. Porém, enquanto sobre a infância e a adolescência se pode dizer que o processo opera sucessivas integrações que permanecem passíveis de ser interrogadas, porque crescer é uma tarefa sempre renovável, sobre a gravidez é mais acertado dizer que o processo de integração permite, sobretudo e essencialmente, que o campo psíquico tolere a dispersão, a dúvida. PS e D são os invariantes de qualquer uma destas experiências, todavia se, nos momentos de desenvolvimento anterior, progredir é alcançar uma oscilação cuja tendência predominante é dada pela estabilidade de D, na gravidez, progredir é alcançar uma oscilação cuja tendência predominante é dada pela tolerância de PS. Assim, esta predominância de PS na gravidez não é entendida, no presente trabalho, como aspeto regressivo da gravidez mas, ao contrário, como aspeto progressivo e por isso mesmo original e específico.

Da mesma forma, e em estreita articulação com o que acaba de ser exposto, ao longo do desenvolvimento anterior a estabilização do ♀ é fulcral para assegurar a operação da função de alfabetização. Uma vez atingida essa estabilidade, são sobretudo os ♂ psíquicos que são alvo de um trabalho permanente de significação e ressignificação, precisamente a partir de PS↔D. Uma significativa abertura, plasticidade, porosidade do ♀ são os traços do início do processo transformativo desses momentos do desenvolvimento, porém não se verificam no final dos mesmos quando o percurso é em direção à saúde mental. Na gravidez, ao contrário, a tarefa parece ser precisamente tornar profundamente aberto e maleável o ♀, tolerar essa abertura e maleabilidade, tanto para que a dor da gravidez possa ser suportada, quanto para que, pode supor-se, o parto mas sobretudo a maternidade futura sejam experiências de crescimento e não de desorganização psíquica. O trabalho recente de Baraitser (2009) sobre a experiência da maternidade enquanto experiência de tolerância, abertura, descoberta do prazer e crescimento face às descontinuidades psíquicas que a mente da mãe experimenta, precisamente pela disponibilidade em relação às necessidades psíquicas do bebê, corrobora esta hipótese. Assim, na gravidez, é claro que é essencial a exploração dos ♂ psíquicos, contudo o essencial do trabalho de PS↔D opera sobre a mente enquanto ♀, como observado pela discussão que foi realizada relativamente às transformações sofridas pelo tecido psíquico.

A permeabilização da barreira de contacto, a exploração e uso do corpo e dos outros como suporte do pensamento, se possuem características que podem e têm sido descritas como evidenciando uma regressão, podem igualmente ser concebidas como especificidade e originalidade do crescimento psíquico potenciado pela gravidez. É que não se trata de regressar a uma fase do desenvolvimento em que a barreira de contacto ainda não operou as diferenciações necessárias à configuração e articulação de diferentes modos de funcionamento intra e interpsíquicos, em que o eu pele ainda não assegurou uma delimitação com o exterior garante da identidade e da comunicabilidade com o outro, e em que o objeto relacional é essencial à sobrevivência psíquica e ao nascimento da capacidade de pensar; mas de, realizadas essas estruturações, partindo delas, flexibilizá-las. O que permite novas ligações, mais complexas, abrindo vias de circulação que, mais uma vez, serão essenciais para a mulher se tornar mãe, não apenas como objeto funcional para o seu bebê, mas como experiência estética de ressignificação e descoberta de si própria, dos seus objetos internos, dos seus objetos relacionais atuais e do seu corpo enquanto psicossoma criativo. A ressignificação *après coup* da história psíquica que a temporalidade revolucionada da gravidez permite não é,

pois, necessariamente uma regressão, mas a abertura da possibilidade de um olhar novo sobre o que é antigo e todavia sempre atual no inconsciente, e de um olhar curioso, *avant coup*, sobre o porvir desconhecido. Como ocorrerá, certamente, nas fases anteriores do desenvolvimento, o vínculo K, enquanto desejo de compreensão do eu, face a si mesmo, face aos outros e face às experiências que se apresentam para serem pensadas, é determinante para a qualidade das transformações psíquicas que ocorrem. No entanto, mais uma vez, tal não representa uma regressão, apenas a mobilização de um elemento psíquico essencial à constituição e transformação da mente que pensa as suas emoções. Pode, aliás, ser sugerido, que quanto mais K for um vínculo nutrido ao longo do desenvolvimento psíquico anterior, mais tolerável e criativa será a transformação a que a gravidez convoca.

3.

O uso do modelo bioniano permitiu, desta forma, ampliar a compreensão sobre a mente da mulher grávida. Paralelamente, a aplicação da Teoria das Transformações a uma situação de investigação e a instrumentos diferentes daqueles que possibilitaram a sua construção teórica, e que constituem o seu contexto de utilização habitual, permite interrogar o próprio modelo enquanto teoria compreensiva e método de observação do funcionamento psíquico. Efetivamente, a aplicação do modelo bioniano a uma situação que não a do sofrimento psicopatológico que conduz a um pedido de intervenção terapêutica, num *setting* que mesmo que informado pelas coordenadas analíticas não tem as mesmas características, a mesma ritmicidade ou intensidade, permite, em certa medida, testar a amplitude do modelo. Em ciência, a adequação de um modelo a uma área mais vasta do que aquela coberta pelos fenômenos que deram origem à sua conceptualização, e a sua confirmação a partir de instâncias e instrumentos de observação diversificados, é essencial na avaliação da robustez de um modelo. Ora, tendo sido possível a transposição da Teoria das Transformações, aplicando-a ao estudo dos processos de pensamento da mente da mulher grávida, num contexto de investigação empírica constituído apenas para esse efeito, fazendo uso de instrumentos outros que não a relação terapêutica analítica – designadamente, a FANI, o Rorschach e o TAT – o modelo bioniano atesta e reforça o seu valor, pertinência e flexibilidade.

Pode ser argumentado que este é um argumento circular: um modelo é convocado, sendo aplicado a uma situação que, observada pelas lentes desse modelo apenas pode

confirmá-lo. No entanto, duas objeções se podem colocar a esse argumento. Em primeiro lugar, como foi defendido num trabalho que constituiu, em grande medida, a reflexão epistemológica que suportou a conceptualização da presente investigação, nenhum objeto de estudo pode ser conhecido “à margem das condições que estabelecemos para o nosso encontro com ele” (Rosado, Neves & Marques, 2015). A forma de olhar determina o que é possível ver. Fazer ciência é refletir sobre essa circularidade entre uma interrogação sobre um fenómeno e a construção metodológica de um olhar sem o qual o fenómeno não pode ser estudado. Como foi também defendido nesse trabalho epistemológico, o que é essencial à atividade científica é a clarificação da forma como o objeto é interrogado, pela explicitação cuidada quer da construção metodológica (que é sempre informada por modelos teóricos), quer da sua aplicação. A explicitação da forma como é constituído o objeto e como é realizado o seu estudo possibilita o seu escrutínio numa comunidade de pares, e é aí, e não num ideal de um método puro e absoluto, que reside a marca da cientificidade. Daí o cuidado colocado, ao longo do trabalho, na definição dos conceitos usados (capítulo 2), na explicitação da forma como esses conceitos foram operacionalizados (capítulo 3) e, sobretudo, na apresentação extensa e pormenorizada do material empírico (capítulos 4, 5 e 6) de modo a permitir uma observação e avaliação minuciosa da forma como os dados recolhidos foram analisados e interpretados, em função do modelo proposto; sabendo, sempre, que a absoluta transparência não é possível e que é necessário renunciar à onnipotência de tudo poder comunicar e realizar, aceitando os limites que a realidade, não apenas externa mas também interna, da investigação e do investigador, sempre acaba por determinar.

A segunda objeção pode assim ser formulada: se o modelo fosse realmente desadequado ao estudo do objeto ao qual foi aplicado, quer por fragilidades do próprio modelo, quer pela falta de pertinência da sua aplicação a esse objeto em particular, o resultado da sua aplicação redundaria num fracasso. Insucesso este passível de ser reconhecido pela impossibilidade de formular e sustentar qualquer nova afirmação sobre o objeto, repetindo apenas o saber edificado por investigações precedentes ou, no extremo oposto, promovendo observações inconciliáveis, incongruentes com esse saber anterior (porque mesmo perante descobertas radicalmente novas, o saber anterior não desaparece, é antes reinterpretado, sendo possível explicar, de forma coerente, as divergências entre a forma como os dados são articulados antes e depois da nova teorização – as alterações na conceptualização da gravidade de Newton a Einstein são um bom exemplo disso mesmo). Não se verificando nenhuma destas situações, confirma-se não apenas a adequação do modelo, mas o seu valor.

Em suma, é possível manter que a articulação entre um objeto – o estudo da experiência psíquica da mulher grávida – uma teoria – as Transformações de Bion – e um método – constituído com base no modelo de observação providenciado pela teoria – permitiu, simultaneamente, iluminar o objeto e verificar a solidez e fertilidade do modelo usado, ampliando o diâmetro de ambos os círculos: do conhecimento sobre a mente da grávida e da aplicabilidade da Teoria das Transformações de Bion.

4.

O uso articulado dos três instrumentos serviu primordialmente como forma de triangulação do olhar, tornando possível sustentar com maior segurança as interpretações propostas. Porém, permitiu também dotar os três instrumentos de uma matriz de análise que amplia as potencialidades de cada um deles. Sobretudo no que diz respeito às provas projetivas, e no seguimento de trabalhos anteriores (Cunha, 2015; Delgado, 2009a, 2009b, 2011; Gavanha & Marques, 2009; Marques, 1996, 2001; Teixeira & Marques, 2009), a matriz proposta permite usar, na clínica e na investigação, o Rorschach e o TAT como instrumentos de observação das capacidades transformadoras da mente, complementando o uso que é feito destes instrumentos enquanto auxiliares de diagnóstico. Porque o diagnóstico psicológico é, e deve ser sempre, algo mais que o diagnóstico psicopatológico e algo mais que a enunciação dos elementos estruturais, deve poder também destacar as áreas de mobilidade, de criatividade, de transformação. Por outro lado, que seja do meu conhecimento, não existem trabalhos que façam uso destas provas longitudinalmente em intervalos de tempo tão curtos como aqueles aqui verificados. A dúvida sobre a capacidade destes instrumentos revelarem transformações através de aplicações tão próximas existia, efetivamente, no início da investigação. O facto de ter sido possível verificar que, efetivamente, o encontro com o material refletia uma mente em transformação, abre novas oportunidades ao uso destes instrumentos.

É também importante assinalar que, com exceção do trabalho de Bellion (2001), não existem trabalhos dedicados ao estudo das especificidades das narrativas projetivas de mulheres grávidas. É verdade que, dado que o interesse deste trabalho residia na integração dos dados e não tanto na reflexão sobre a especificidade dos dados projetivos, não foram aqui refletidas e sistematizadas essas particularidades. Todavia, a apresentação dos protocolos e respetivas análises evidenciou o carácter turbulento das narrativas projetivas nos três casos,

permitindo que esse aspeto seja agora sublinhado. Essa observação vai de encontro aos dados reportados por Bibring (1949), que sublinhava a frequência com que as mulheres grávidas observadas na Clínica Pré-Natal do Beth Israel Hospital eram diagnosticadas como casos borderline, muito embora esse diagnóstico se revelasse incongruente quer com a história anamnésica anterior, quer com a rapidez com que um processo psicoterapêutico conduzia a evoluções positivas, quer ainda com a inexistência de uma relação entre esse quadro diagnóstico e o surgimento de quaisquer dificuldades sérias na adaptação à maternidade. Assim, tendo em conta o estudo de Bellion, as observações de Bibring e os protocolos apresentados no presente trabalho, bem como o modelo que emergiu do mesmo, é importante questionar o valor diagnóstico, na gravidez, de sinais que, noutra momento, seriam efetivamente motivo de preocupação. O facto de, nos três casos estudados, se revelar uma significativa mobilidade psíquica, evidenciada pelas transformações que ocorreram na progressão das narrativas projetivas ao longo dos três trimestres é, desde logo, um sinal importante de que as dificuldades, inscrevendo-se claramente em fragilidades estruturais (que não foram aqui objeto de análise), não podem ser atribuídas à instalação de patologia, por natureza menos maleável.

Um elemento que se destaca, em relação ao Rorschach, é que, nos três casos, a relação com o real (observável na adequação perceptiva das representações, tal como avaliada pela percentagem de F+ e F+ alargado) começa por estar mais afetada (em níveis diferentes nos três casos) mas, invariavelmente, progride positivamente, o que é desde logo um indicador muito significativo. Relativamente ao TAT, embora se verifique, como notado por Bellion (2001) porém reforçado pelo carácter longitudinal deste trabalho, uma significativa dificuldade em representar, explorar e elaborar a conflitualidade relacional, tenuemente vão surgindo interrogações e dúvidas que indiciam a ocorrência de um trabalho psíquico em curso, organizado, como foi sugerido, pelo vínculo K.

Em síntese, o que pode ser enfatizado é que, quando aplicadas a mulheres grávidas, as provas projetivas devem ser manuseadas atendendo a que os eixos normativos têm de ser usados com muita precaução, dado estar a ser vivida e pensada uma experiência que perturba e obriga à reconfiguração dos eixos estruturantes da personalidade, tornando-se essencial atender aos sinais de mobilidade psíquica, fazendo uso de uma aplicação repetida pelo menos em dois momentos.

Concluindo, o uso do Rorschach e do TAT numa investigação sustentada no modelo bioniano, de carácter longitudinal, permitiu alargar as possibilidades de análise interpretativa

destes instrumentos projetivos, e informar a sua aplicação no quadro específico das transformações psíquicas vividas durante a gravidez, enriquecendo assim o uso destes instrumentos específicos da psicologia clínica psicanalítica.

5.

O trabalho que agora se conclui ilustra a possibilidade de realizar investigação psicanaliticamente informada num *setting* que não o terapêutico, mas que respeita o essencial do racional psicanalítico: as características específicas do seu objeto de estudo – os processos inconscientes que suportam a atividade psíquica e que nutrem qualquer expressão humana – e as condições para a sua observação indireta – o estabelecimento de uma relação intersubjetiva, na qual uma comunicação é produzida e recebida de forma a potenciar a análise da dimensão inconsciente veiculada, designadamente através do binómio associação livre/ atenção flutuante –, tendo sempre presente que qualquer expressão psíquica é multideterminada e, por isso, multissignificante, assim como que cada psiquismo e cada encontro intersubjetivo são irredutivelmente singulares (Rosado, Neves & Marques, 2015).

Uma tal ilustração é tanto mais importante quanto, no seio do campo psicanalítico, um intenso debate tem vindo a ser travado entre aqueles que defendem que a investigação psicanalítica se deve submeter às lógicas da quantificação e da experimentação, e aqueles que, rejeitando essa abordagem, afirmam a especificidade da psicanálise e recusam tal importação, aceitando apenas a investigação que tem como base o *setting* terapêutico como *locus* da investigação psicanalítica (Leuzinger-Bohleber, Dreher & Canestri, 2003; Neves, 2008; Sandler, Sandler & Davies, 2000). Um trabalho como o que aqui foi desenvolvido insere-se numa terceira via que rejeita a premissa, subjacente a essas duas posições, que equaciona ciência a um método específico e único, a ser aceite ou rejeitado (Leuzinger-Bohleber & Burgin, 2003; Marques, 2001; Rosado, Neves & Marques, 2015). É a possibilidade de explicitação, justificação e escrutínio da racionalidade epistémica de um método que é sempre, em qualquer área do saber, edificado em função do objeto a ser estudado que constitui, na posição defendida por esta terceira via, uma atividade como científica. Assim, é possível defender formas de investigação que, não abdicando da especificidade do campo analítico, extravasem o contexto da cura, ampliando as possibilidades de produção e justificação do conhecimento psicanalítico (Dreher, 2000; Perron, 2003; Rosado, Neves & Marques, 2015). O presente trabalho procurou, precisamente, percorrer esse caminho.

6.

Os longos oito meses de análise partilhada, com o grupo de intervisão, do material recolhido constituíram um momento fundamental deste trabalho. No seio de um grupo continente foi possível interrogar e observar, tolerar e integrar os conteúdos transferenciais e contratransferenciais inscritos no material recolhido e nas sensações, angústias e perplexidades que haviam sido experimentadas, no espaço mental da investigadora, ao longo dos encontros com as participantes do estudo, e também aquelas que emergiam ao longo das leituras, no espaço mental do grupo. A atenção flutuante, aberta, insaturada, tolerante aos afetos, às representações mas também ao desconhecido, impensado, que sempre se constitui no encontro intersubjetivo, alfabetizava os dados, tornando-os significantes. Porque é nesse espaço partilhado, *o terceiro analítico* (Ogden, 1994), o *campo* (Baranger, Baranger & Mom, 1983; Ferro, 2000), que é observável o psiquismo, objetivável *na* e *pela* subjetividade. “Exploiter la subjectivité inhérente à toute observation en la considérant comme la voie royale vers une objectivité authentique” (Devereux, 1967/1980, p.16) é essencial em qualquer projeto de aproximação à mente humana.

Experimentadas primeiro no e com o grupo, a atenção, notação e interpretação da contratransferência, enquanto dado informativo dos movimentos psíquicos transferenciais vertidos em identificação projetiva, foi também essencial nos (ainda mais longos) meses de análise e escrita que se seguiram. Assim, o continente providenciado pela partilha intersubjetiva manteve-se como função intrapsíquica, iluminando os processos de pensamento de Eva, Petra e Rebeca a partir da observação dos meus próprios pensamentos, e da interrogação dos momentos de dificuldade em pensar.

O uso de grupos de intervisão, na investigação psicanaliticamente informada, é pois crucial, não apenas numa lógica de validação interpares, mas sobretudo como forma de ampliação do diâmetro do que, do inconsciente, dos participantes e dos investigadores, pode ser iluminado, tolerado, integrado, explorado, contido. Nas investigações conduzidas por Dreher (2000), por Hollway (2015) e por Martins (2014) o uso do grupo como instrumento de alargamento das possibilidades de compreensão do objeto de estudo revelou já a sua riqueza. O presente trabalho confirma-a, uma vez mais.

7.

Da exposição, análise e discussão das narrativas de Eva, Petra e Rebeca decorrem implicações relevantes quanto à intervenção junto da grávida: a intervenção da psicologia clínica, antes de mais, mas também de todos os profissionais de saúde que contactam com a gestante, e que se constituem como personagens internamente investidas e manuseadas.

No que respeita à clínica psicológica, e em particular à avaliação psicológica, foi já sublinhada a necessidade de proceder com prudência no manuseamento das provas projetivas. Porém, a dificuldade de pensar os pensamentos da gravidez, de conter e integrar a experiência, espelhar-se-á com toda a probabilidade nos restantes instrumentos de avaliação (como aliás revelam os trabalhos de Justo, 1990, Justo, Bacelar-Nicolau & Dias, 1999), pelo que essa prudência deve também aí ser aplicada. É, provavelmente, necessário constituir estudos amplos que permitam aos clínicos disporem de dados relativos a esta população específica, quer no que respeita aos instrumentos psicométricos, quer no que respeita às provas projetivas.

Por outro lado, na intervenção psicoterapêutica com a grávida não deve ser assumida uma interligação entre o tempo cronológico, os trimestres da gravidez e as fases descritas na literatura e também aquelas aqui exploradas. O tempo é o tempo interno, e a tentativa de promover integrações quando o trabalho de tolerância à dispersão e à dor não foi ainda realizado será infrutífera e, possivelmente, desencadeadora de mais dificuldades. Dir-se-á que o respeito por esse tempo interno e a atenção e respeito pela singularidade são valores transversais a qualquer intervenção psicoterapêutica. Verdade, todavia, se insisto em sublinhar essa evidência é porque, mais do que uma vez, observei a tendência de alguns clínicos para assumirem que determinada fase deve ser atingida em determinado tempo, constituindo motivo de preocupação e/ou de intervenção mais diretiva o facto de não o ter sido. No mesmo sentido, é necessário sublinhar que uma mulher grávida pela primeira vez não é uma mãe (e uma grávida que já é mãe é-o de um bebé que efetivamente nasceu), e que o bebé existe apenas enquanto pré-objeto, pré-conceção. Não há, na verdade, uma verdadeira representação do bebé enquanto tal, enquanto objeto presente, há uma exploração, nutrida pelos fantasmas mas simultaneamente insaturada, de um bebé futuro, a ser encontrado e reconhecido, como foi observado na análise dos estudos de caso.

Assim, e sumariando, na intervenção clínica junto da grávida deve ser realizado um esforço de contenção relativamente à tendência a patologizar o que pode muito bem ser

expressão de sofrimento porém não de doença, e relativamente à introdução de elementos demasiado saturados. Muito provavelmente, o que melhor pode ser oferecido à grávida é um ambiente relacional que opere como continente insaturado e tolerante, permitindo a introjeção dessas qualidades, para que a experiência da gravidez possa ser manuseada, significada e transformada.

A mulher grávida contacta, durante a gestação, com diversos profissionais de saúde que desempenham um importante papel enquanto personagens internamente investidas e manuseadas. Efetivamente, numa sociedade que enquadra culturalmente a gravidez numa sucessão de intervenções médicas imprescindíveis, os médicos e os restantes profissionais de saúde adquirem uma importância inescapável. Acresce que eles surgem, demasiadas vezes, aos olhos das mulheres grávidas, como possuindo um saber, sobre elas, do qual estão excluídas. A capacidade de as acolher, ajudando-as a explorar e a gerar sentidos para a experiência que estão a viver, é essencial para contrariar essa alienação e para que a viagem se faça sem interrupções e sofrimentos desnecessários. As indicações acima explicitadas relativamente às intervenções psicoterapêuticas são, pois, igualmente válidas para as intervenções realizadas pelos restantes profissionais de saúde, embora num plano mais concreto. Assim, os significados das diversas experiências não devem ser assumidos de forma saturada, por exemplo nos momentos ecográficos ou nas aulas de preparação para o parto: expressões como, “normalmente as mulheres gostam de ...” são potencialmente geradoras de mal estar se a grávida experimenta dificuldades na tolerância e elaboração de emoções ambivalentes; um excesso de informação funcional sobre o parto e o cuidar do bebé não parece, também, ser necessariamente útil, podendo mesmo ser desorganizador, tendo em conta os relatos das mulheres aqui estudadas; dirigir-se à mulher grávida designando-a como “a mãe” é igualmente desadequado, e tanto mais inquietante quanto o trabalho psíquico exigido pela gravidez for difícil de realizar; finalmente, a comunicação de informação deve ser sempre realizada com uma boa dose de sensibilidade, sobretudo informação sobre potenciais problemas com a gestação. Como observado quando estudado o uso dos objetos relacionais como segundos continentes, o outro adquire uma importância fundamental para a elaboração afetiva da gravidez, podendo facilmente ser usado como um elemento enriquecedor da experiência, mas também como um elemento profundamente perturbador, e tanto mais quanto a mente da grávida se encontrar fragilizada. A grávida precisa de ser contida para que ela mesma possa conter, integrar e transformar os seus afetos e pensamentos;

é a disponibilidade e insaturação dos sentidos oferecidos que é contentora e, dessa forma, potencialmente transformadora e enriquecedora.

Finalmente, tendo em conta a relevância de um suporte contentor contudo insaturado na gravidez, e lembrando os comentários finais das participantes relativamente à sua participação na investigação, valorizando a possibilidade de poderem dar voz às suas inquietações, explorar e interrogar as suas vivências, contar a sua história e nesse processo construí-la, é talvez importante integrar nas aulas de preparação para o parto um espaço menos funcionalizado e mais comunicante. Um espaço em que as mulheres possam não ser *informadas* mas *escutadas*, e em que escutando-se umas às outras se possam descobrir menos sozinhas. Até porque, como notado por Bibring (1959), “what was once a crisis with carefully worked out traditional customs of giving support to the woman passing through this crisis period, has become at this time a crisis with no mechanisms within the society for helping the woman” (para. 17). Até hoje esta é uma dimensão em falta nos programas pré-natais, orientados para uma aprendizagem funcional relativamente ao parto (técnicas de relaxamento e respiração) e aos cuidados a dar ao bebé (o banho, a amamentação, a estimulação cognitiva, as massagens, etc), sem que um espaço próprio seja reservado à expressão e contenção das angústias da grávida.

8.

As limitações mais evidentes deste estudo consistem no número de casos estudados e nas suas especificidades. Não porque tal não autorize generalizações teóricas, o que permite, como foi aliás explicitado no capítulo dedicado à apresentação do método que informa o trabalho, mas por um conjunto de outras razões que importa agora assinalar. Em primeiro lugar, estudou-se aqui apenas a primeira gravidez, pelo que o padrão evidenciado e a teorização daí decorrente se restringe a mulheres primigrávidas. Em segundo lugar, e como explicitado por Hollway (2004), a limitação de uma investigação realizada com base em estudos de caso não consiste na impossibilidade de generalização, mas nos limites postos a essa generalização em função da restrição sociocultural dos casos analisados. Ora, na presente investigação foram estudadas apenas mulheres portuguesas, residentes em Lisboa ou na sua área envolvente, com formação superior e profissões diferenciadas, com suportes familiares diferentes porém significativos em todos os casos, que vivem com os seus parceiros, que acederam a cuidados médicos de qualidade e tinham, em todos os casos, familiares ou amigos

próximos médicos que intervieram ativamente na tomada de decisões. Não é possível aferir as consequências destas especificidades, contudo é importante assinalá-las. Por outro lado, o número de casos estudados foi suficiente para permitir a emergência de um padrão comum e assinalar especificidades individuais mas, a sua reduzida extensão apresenta limitações. É tanto mais fácil poder descortinar um padrão e evidenciar singularidades quanto mais instâncias de um mesmo fenómeno são observadas. Portanto, provavelmente, um número mais extenso de casos permitiria clarificar e pormenorizar aspetos do padrão que assim foram obscurecidos. Permitiria, igualmente, clarificar o que são elementos irreduzivelmente subjetivos ou elementos específicos de subgrupos, eventualmente relacionados com características da personalidade ou com outros fatores. Constitui também um importante limite desta investigação o facto de não terem sido recolhidas entrevistas e protocolos projetivos anteriores ao início da gestação, não existindo assim um termo de comparação entre os movimentos observados durante a gravidez e um funcionamento psíquico prévio. Existir tal termo de comparação permitiria, eventualmente, perceber aspetos transformativos que desta forma ficaram ocultos. É ainda importante assinalar que a decisão de fazer uso de apenas alguns cartões do TAT, se foi importante para restringir a limites adequados a duração dos encontros de recolha de dados, reduz o conhecimento gerado, tanto em termos gerais como, principalmente, relativamente ao uso deste instrumento na avaliação psicológica da mulher grávida. Finalmente, o que foi possível fazer emergir e expor como conhecimento relevante a partir dos dados recolhidos está inescapavelmente restringido pelos limites da minha experiência e saber, mas também pelo jogo dinâmico, conflitual, da minha mente, isto é, pelos limites impostos pelo inconsciente por iluminar. O trabalho de análise com o grupo de intervenção permitiu colmatar esses limites, porém o uso que é possível fazer dessa experiência não é independente dos mesmos. Investigar implica sempre reconhecer, tolerar e trabalhar os limites do nosso olhar.

9.

Ficam, por investigar e pensar muito mais questões do que aquelas que foram colocadas e respondidas. Que diferenças existirão relativamente a segundas, terceiras ou subsequentes gravidezes? O padrão comum encontrado manter-se-á com os mesmos contornos quando a experiência não é absolutamente nova, mesmo que seja sempre irreduzivelmente diferente? Que especificidades poderão ser encontradas quando a experiência não confunde o um e o outro, mas um e outros, em gravidezes múltiplas? E

quando a patologia, física ou psíquica, se inscreve e confunde com a gravidez? Ou quando intervêm outros objetos relacionais e tecnológicos, através da fecundação artificial, em face da impossibilidade de uma fecundação íntima? Quais as consequências para a mente da grávida dessa cena primitiva *in vitro*, num outro ♀, frio, duro, impessoal, inumano? Que outros padrões, singularidades e novidades podem surgir de uma aplicação do modelo metodológico aqui constituído a um tempo mais vasto, que incluindo a gravidez vá para além dela, acompanhando a maternidade que, dita como se fosse um estado acabado é, na verdade, uma permanente recreação? Que poderia uma tal aplicação revelar sobre a mente da mulher encontrando-se com a mente do bebé, nessa subjetividade-como-encontro (Ettinger, 2006), para além da lógica que prevalece na maioria das investigações de submissão da subjetividade materna às necessidades psíquicas do bebé e, depois, da criança (uma submissão que sendo uma realidade incontestável e necessária, não será certamente a única)? E o uso deste modelo de investigação aplicado ao estudo das transformações psíquicas pelas quais passam os homens que não vivem, no corpo, a gravidez, mas a observam, interrogam, sofrem, investem e pensam nas suas mentes? E ao casal? E à geração anterior, os avós, geradores primeiros que agora observam gerações que os transcendem mas que lhes são imanentes? “Je n’ai pas de réponse à ces questions, mais j’estime qu’elles doivent étre pousées” (Green, 2013, p.71).

10.

Também eu me transformei neste percurso. O encontro com a literatura dedicada ao estudo psicanalítico da gravidez, os encontros com as participantes deste estudo, os encontros com o grupo de intervisão e, finalmente, o encontro intenso, laborioso, por vezes penoso com todo o material, com as emoções e pensamentos evocados, permitiu-me também a mim crescer, afinar e sensibilizar a minha escuta e a minha capacidade de interrogar, de conter e de integrar. Termina com uma palavra de gratidão para com as mulheres que aceitaram partilhar comigo as histórias das suas gravidezes: sem elas este longo caminho transformativo não poderia ter sido trilhado.

REFERÊNCIAS

- Abraham, G. (1976). The sense and concept of time in psychoanalysis. *International Review of Psycho-Analysis*, 3, 461-472.
- Ahn, S. (2009). Childbirth in Korea. In H. Selin & P. K. Stone (Eds.), *Childbirth across cultures: Ideas and practices of pregnancy, childbirth and the postpartum* (pp. 77-83). London, New York: Springer.
- Anzieu, A. (1989). Processus transférentiel et symbolisation. *Revue Française de Psychanalyse*, 53(6), 1681-1694.
- Anzieu, D. (1995). *Le moi-peau*. Paris: Dunod.
- Anzieu, D. (2013). *Le penser: Du moi peau au moi-pensant*. Paris: Dunod. (Obra original publicada em 1994)
- Anzieu, D., & Chabert, C. (2004). *Les méthodes projectives*. Paris: Puf. (Obra original publicada em 1961)
- Arlow, J. A. (1986). Psychoanalysis and time. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 34, 507-528.
- Badiou, A. (2012, 19 Avril). Faut-il brûler la psychanalyse?. *Le Nouvel Observateur*, pp. 94-101. Recuperado de: <http://tempsreel.nouvelobs.com/le-dossier-de-l-obs/20120418.OBS6476/faut-il-bruler-la-psychanalyse.html>
- Baraitser, L. (2009). *Maternal encounters: The ethics of interruption*. London: Routledge.
- Barlow, D. H., & Nock, M. K. (2009). Why can't we be more idiographic in our research? *Perspectives on Psychological Science*, 4(1), 19-21.
- Baranger, M., Baranger, W., & Mom, J. (1983). Process and non-process in analytic work. *International Journal of Psycho-Analysis*, 6, 41-15.
- Bassin, D., Honey, M., & Kaplan, M. M. (Eds.). (1994). *Representations of motherhood*. New Haven: Yale University Press

- Bégoïn-Guignard, F. (1989). Symbolisation et géographie des identifications. *Revue Française de Psychanalyse*, 6, 1681-1694.
- Bellion, E. (2001). Agressivité et grossesse; pour un cheminement nécessaire vers la naissance de la relation mère/bébé; Le fonctionnement psychique chez la femme enceinte à la lumière du Rorschach et du TAT. *Devenir*, 13, 67-83.
- Bezoari, M., & Ferro, A. (1996). Mots, images, affects: L'aventure du sens dans la rencontre analytique. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 4(1), 49-73.
- Bibring, G. (1959). Some considerations of the psychological processes in pregnancy. *Psychoanalytic Study of the Child*, 14, 113-121.
- Bibring, G., Dwyer, T., Huntington, D., & Valenstein, A. (1961a). Study of the psychological processes in pregnancy and of the earliest mother-child relationship, i: Some propositions and comments. *Psychoanalytic Study of The Child*, 16, 9-24.
- Bibring, G., Dwyer, T., Huntington, D., & Valenstein, A. (1961b). Study of the psychological processes in pregnancy and of the earliest mother-child relationship, ii: Methodological considerations. *Psychoanalytic Study of the Child*, 16, 25-44.
- Bion, W. R. (1957). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *International Journal of Psycho-Analysis*, 38, 266-275.
- Bion, W. R. (1959). Attacks on Linking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 40, 308-315.
- Bion, W. R. (1962a). *Learning from experience*. Recuperado de PEP Archive.
- Bion, W. R. (1962b). The psycho-analytic study of thinking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 43, 306-310.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of psycho-analysis*. Recuperado de PEP Archive.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations: Change from learning to growth*. Recuperado de PEP Archive.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation: A scientific approach to insight in psycho-analysis and groups*. Recuperado de PEP Archive.

- Bion, W. R. (1980). *Bion in New York and São Paulo*. Perthshire: Clunie Press.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. London, New York: Karnac.
- Birksted-Breen, D. (2009). “Reverberation time”, dreaming and the capacity to dream. *International Journal of Psycho-Analysis*, 90(1), 35-51.
- Bollas, C. (1979). The transformational object. *International Journal of Psycho-Analysis*, 60, 97-107.
- Brown, L. J. (2010). Klein, Bion, and intersubjectivity: Becoming, transforming, and dreaming. *Psychoanalytic Dialogues*, 20(6), 669-682. doi:10.1080/10481885.2010.532392
- Bydlowski, M. (2001). Le regard intérieur de la femme enceinte, transparence psychique et représentation de l'objet interne. *Devenir*, 13(2) 41-52.
- Bydlowski, M., & Golse, B. (2001). De la transparence psychique à la préoccupation maternelle primaire. Une voie de l'objectalisation. *Le Carnet PSY*, 63(3), 30-33.
- Callister L. K. & Khalaf, I. (2009). Culturally diverse women giving birth: Their stories. In H. Selin & P. K. Stone (Eds.), *Childbirth across cultures: Ideas and practices of pregnancy, childbirth and the postpartum* (pp. 33-39). London, New York: Springer.
- Caper, R. (1996). Play, experimentation and creativity. *The International Journal of Psychoanalysis*, 77(5), 859-869.
- Caper, R. (2009). *Building out into the dark: Theory and observation in science and psychoanalysis*. London, New York: Routledge.
- Carels, N. (1989). Altérité, narcissisme et fonction symbolique. *Revue Française de Psychanalyse*, 53(6), 1673-1981.
- Cartwright, D. (2004). The psychoanalytic research interview: Preliminary suggestions. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 52(1), 209-242.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1998)
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1997)

- Chase, S. E. (2003). Learning to listen: Narrative principles in a qualitative research methods course. In R. Josselson, A. Lieblich, & D. P. McAdams (Eds.), *Up close and personal: The teaching and learning of narrative research* (pp. 79–99). Washington, DC: American Psychological Association.
- Clerget, J. (1986). Placenta et mythe de l'un. In J. Clerget. (Org.), *Fantasmes et masques de grossesse* (pp. 130-137). Lyon: Presses Univ Lyon.
- Cordeiro, J. (2002). Psicologia e psicodinamia da gravidez. In J. Cordeiro (Ed.), *Manual de psiquiatria clínica* (pp. 115-128), 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Correia, M. J. (1998). Sobre a maternidade. *Análise Psicológica*, 16(3), 365-371.
- Cunha, I. (2015). *Tornar-se adolescente através do Rorschach* (Dissertação de doutoramento não publicada). ISPA- Instituto Universitário, Lisboa.
- Delgado, L. (2009a). Para um racional bioniano de interpretação dos dados projectivos. *Análise Psicológica*, 27, 109-113.
- Delgado, L. (2009b). O processo TAT abordado na perspectiva bioniana. *Análise Psicológica*, 27, 423-431.
- Delgado, L. (2011). *TAT e criatividade: Estudo psicodinâmico*. Lisboa: Instituto de Psicologia Aplicada.
- Deutsch, H. (1925). The psychology of women in relation to the functions of reproduction. *International Journal of Psycho-Analysis*, 6, 405-418.
- Deutsch, H. (1949). *La psychologie des femmes, Vol. 2: Maternité*. Paris: PUF.
- Devereux, G. (1980). *De l'angoisse à la méthode*. Paris: Flammarion. (Obra original publicada em 1967)
- Dias, C. A. (2010). *Teoria das transformações*. Coimbra: Almedina.
- Dreher, A. U. (2000). *Foundations for conceptual research in psychoanalysis*. London, New York: Karnac.
- Ettinger, B. (2006). Matrixial trans-subjectivity. *Theory Culture Society*, 23, 218-222. doi:10.1177/026327640602300247

- Fau, M. (1986). Le vécu de la mère lors de la surveillance in utero. In J. Clerget. (Org.), *Fantasmés et masques de grossesse* (pp. 139-144). Lyon: Presses Univ Lyon.
- Ferreira, V. (2010). *Na tua face*. Lisboa: Quetzal.
- Ferro, A. (2000). *La psychanalyse comme oeuvre ouverte*. Erès. (Obra original publicada em 1996)
- Ferro, A. (2002). Some implications of Bion's thought: The waking dream and narrative derivatives. *International Journal of Psycho-Analysis*, 83(3), 597-607.
- Ferro, A. (2004). *Facteurs de maladie, facteurs de guérison*. Paris: Editions in press (Obra original publicada em 2002)
- Foucault, M. (1971). *L'ordre du discours: Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Gallimard.
- Freud (1969). O ego e o id. (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 25-80). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1969). O 'estranho'. (E. A. M. Souza, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 237-269). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919)
- Frosh, S., & Young, L. S. (2008). Psychoanalytic approaches to qualitative psychology. In C. Willig, & W. Stainton-Rogers (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research in psychology* (pp. 109–126). London: Sage. doi: 10.4135/9781848607927.n7
- Gavanha, S., & Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27, 269-279.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures: Selected essays by Clifford Geertz*. New York: Basic Books, Inc., Publishers.
- Gergen, K. J. (2014). Pursuing excellence in qualitative inquiry. *Qualitative Psychology*, 1(1), 49-60. doi:10.1037/qup0000002
- Gibeault, A. (1989). Rapport: Destins de la symbolisation. *Revue Française de Psychanalyse*, 53(6), 1517-1617.

- Green, A. (1990). *La folie privée: Psychanalyse des cas-limites*. Éditions Gallimard.
- Green, A. (2000). *Le Temps éclaté*. Paris: Editions de Minuit.
- Green, A. (2013). *Penser la psychanalyse: Avec Bion, Lacan, Winnicott, Laplanche, Aulagnier, Anzieu, Rosolato*. Paris: Ithaque.
- Grotstein, J. S. (1999). *O buraco negro*. Lisboa: Climepsi.
- Grotstein, J. S. (2007). *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis* (1st edition.). London: Karnac.
- Guirand, F. (Dir) (2006). *História das mitologias (Vol. 1 e 2)*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1996)
- Hanson, C. (2004). *A cultural history of pregnancy. Pregnancy, medicine and culture 1750-2000*. Palgrave Macmillan.
- Heidegger, M. (2009). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1927)
- Hollway, W. (2004). An appropriate research paradigm for evaluating psychoanalytically-informed practices. *International Journal of Infant Observation and its Applications*, 7(2/3), 26-42.
- Hollway, W. (2008). The importance of relational thinking in the practice of psycho-social research: ontology, epistemology, methodology and ethics. In: S. Clarke, H. Hahn, & P. Hoggett (Eds.), *Object relations and social relations: The implications of the relational turn in psychoanalysis* (pp. 137-162). London, New York: Karnac.
- Hollway, W. (2012). Rereading Winnicott's "primary maternal preoccupation". *Feminism and Psychology*, 22(1), 20-40.
- Hollway, W. (2015). *Knowing mothers: Researching maternal identity change*. Palgrave Macmillan. doi: 10.1057/9781137481238
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: Sage.

- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In: L. Given (Ed.), *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods* (pp. 296-315). Sevenoaks, California: Sage.
- Holmes, L. (2000a). The object within: Childbirth as a developmental milestone. *Modern Psychoanalysis*, 25(1), 109-134.
- Holmes, L. (2000b). The internal triangle: New theories of female development. *Modern Psychoanalysis*, 25(2), 207-226.
- Holmes, L. (2009). Masculine and feminine: Differentiation and integration. *Modern Psychoanalysis*, 34(2), 1-15.
- Joaquim, T. (1983). *Dar à luz: Ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Josselson, R. (1993). A narrative introduction. In R. Josselson, & A. Lieblich (Eds.), *The narrative study of lives: Vol. 1* (pp. ix-xv). Sage Publications.
- Josselson, R. (1995). Imagining the real: Empathy, narrative and the dialogical self. In R. Josselson, & A. Lieblich (Eds.), *The narrative study of lives: Vol. 3. Interpreting experience* (pp. 27-44). Sage Publications.
- Josselson, R. (2014). Introduction to qualitative psychology. *Qualitative Psychology*, 1(1), 1-3. doi:10.1037/qup0000006
- Josselson, R. & Lieblich, A. (1995). Introduction. In R. Josselson, & A. Lieblich (Eds.), *The narrative study of lives: Vol. 3. Interpreting experience* (pp. ix- xiii). Sage Publications.
- Josselson, R., Lieblich, A. & McAdams, D. (2003). Introduction. In R. Josselson, A. Lieblich & D. McAdams (Eds.), *Up, close and personal: The teaching and learning of narrative research* (pp. 3-11). Washington DC: American Psychological Association. doi: 10.1037/10486-000
- Justo, J. M. (1990). Gravidez e mecanismos de defesa: Um estudo introdutório. *Análise Psicológica*, 8, 371-376.

- Justo, J. M., Bacelar-Nicolau, H., & Dias, O. (1999). Evolução psicológica ao longo da gravidez e puerpério: Um estudo transversal. *Revista Portuguesa de Psicossomática, 1*, 115-129.
- Klein M. (1991). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1975)
- Kristeva, J. (2010). *La maternité au carrefour de la biologie et du sens*. Recuperado de <http://www.kristeva.fr/la-maternite.html>
- Kvale, S. (2003). The psychoanalytical interview as inspiration for qualitative research. In P. M. Camic, J. E. Rhodes, & L. Yardley (Eds.), *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design* (pp. 275-297). Washington: American Psychological Association.
- Lerner, P. M. (1998). *Psychoanalytic perspectives on the Rorschach*. Hillsdale, New Jersey: The Analytic Press.
- Lester, E. P., & Notman, M. T. (1986). Pregnancy, developmental crisis and object relations: psychoanalytic considerations. *International Journal of Psycho-Analysis, 3*(67), 357-366.
- Lester, E. P., & Notman, M. T. (1988). Pregnancy and object relations: Clinical considerations. *Psychoanalytic Inquiry, 8*(2), 196-221.
- Leuzinger-Bohleber, M., Dreher, A. U. & Canestri, J. (Eds.). (2003). *Pluralism and unity? Methods of research in psychoanalysis*. London: The International Psychoanalytic Association.
- Leuzinger-Bohleber, M. & Burgin, D. (2003). Pluralism and unity in psychoanalytic research: Some introductory remarks. In M. Leuzinger-Bohleber, A. U. Dreher & J. Canestri (Eds.), *Pluralism and unity? Methods of research in psychoanalysis* (pp. 45-62). London: The International Psychoanalytic Association.
- Lewis, J. (2003). Design issues. In J. Ritchie & J. Lewis (Eds.), *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers* (pp. 47-76). London: SAGE.
- Liamputtong, P. (2009). Pregnancy, childbirth and traditional beliefs and practices in ChiangMai, Northern Thailand. In H. Selin & P. K. Stone (Eds.), *Childbirth across cultures: Ideas and practices of pregnancy, childbirth and the postpartum* (175-184). London, New York: Springer.

- Marques, M.E. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. *Análise Psicológica, 14*, 39-44.
- Marques, M. E. (2001). *A psicologia clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em psicologia clínica* (2a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Martins, H. (2014). *Tornar-se mãe, tornar-se pai e tornar-se bebé numa gravidez de risco*. (Dissertação de doutoramento não publicada). ISPA- Instituto Universitário, Lisboa.
- Matarazzo, O. (1986). Le fantasme d'engendrer un enfant anormal. In J. Clerget. (Org.), *Fantasmés et masques de grossesse* (pp. 99-103). Lyon: Presses Univ Lyon.
- Matte-Blanco, I. (1941). On introjection and the processes of psychic metabolism. *International Journal of Psycho-Analysis, 2*, 217-36.
- Matte-Blanco, I. (1988). *Thinking, feeling, and being: Clinical reflections on the fundamental antinomy of human beings and world*. Recuperado de PEP Archive.
- Matulaité, A. (2012). 'I've got you under my skin': The embodied relationship with the baby within. *Studies in the Maternal, 4*(1). Recuperado de <http://www.mamsie.bbk.ac.uk/>
- Meltzer, D. (1976). Dream-Narrative and dream-continuity. *Contemporary Psychoanalysis, 12*, 423-432.
- Meltzer, D. (1983). Aux frontières des rêves et hallucinations. *Revue Belge de Psychanalyse, 3*, 1-12.
- Meltzer, D. (1985). L'objet esthétique. *Revue Française de Psychanalyse, 49*(5), 1385-1389.
- Meltzer, D. (1990). O conflito estético: o seu lugar no processo de desenvolvimento. *Revista Portuguesa de Psicanálise, 8*, 5-29. (Texto publicado originalmente na obra *Studies in extended metapsychology*, em 1986)
- Mijolla, A., & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1999)
- Monteiro, M. H. (Ed.). (2001). *Rosa do mundo: 2001 poemas para o futuro*. Lisboa: Assírio e Alvim.

- Naraindas, H. (2009). A sacramental theory of childbirth in India. In H. Selin & P. K. Stone (Eds.), *Childbirth across cultures: Ideas and practices of pregnancy, childbirth and the postpartum* (pp. 95-106). London, New York: Springer.
- Neves, C., Medina, J. L., & Delgado, J. L. (2007). Alterações endócrinas e imuno-modulação na gravidez. *Arquivos de Medicina*, 21 (5/6), 175-182.
- Neves, T. S. (2008). Research in psychoanalysis: An area of controversy. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28(2), 33-59.
- Notman, M. T., & Lester, E. P. (1988). Pregnancy: Theoretical considerations. *Psychoanalytic Inquiry*, 8(2), 139-159.
- Ogden, T. H. (1994). The analytic third: Working with intersubjective clinical facts. *The International Journal of Psychoanalysis*, 75(1), 3-19.
- Perelberg, R. J. (2008). *Time, space and phantasy*. London, New York: Routledge.
- Perron, R. (1989). Représentations, symbolisations?. *Revue Française de Psychanalyse*, 53(6), 1653-1659.
- Perron, R. (2003). What are we looking for? How?. In M. Leuzinger-Bohleber, A. U. Dreher & J. Canestri (Eds.), *Pluralism and unity? Methods of research in psychoanalysis* (pp. 97-108). London: The International Psychoanalytic Association.
- Pines, D. (1982). The relevance of early psychic development to pregnancy and abortion. *International Journal of Psycho-Analysis*, 63, 311-319.
- Pinheiro, M. O. F. (2011). *Mitos e lendas da Grécia antiga*. Lisboa: Clássica Editora.
- Poincaré, H. (1905). *La valeur de la science*. Recuperado de <http://henripoincarepapers.univ-lorraine.fr>
- Poincaré, H. (1908). *Science et méthode*. Recuperado de <http://henripoincarepapers.univ-lorraine.fr>
- Polkinghorne, D. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. SUNY Press.
- Ponterotto, J. G. (2014). Best practices in psychobiographical research. *Qualitative Psychology*, 1(1), 77-90. doi: 10.1037/qup0000005

- Racamier, P.C. (2003). *Antoedipe et ses destins*. Paris: Apsygée Editions.
- Raphael-Leff, J. (1996). Pregnancy: Procreative process, the “placental paradigm,” and perinatal therapy. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 44, 373-399.
- Raphael-Leff, J. (2001). *Pregnancy: The inside story*. London, New York: Karnac.
- Raphael-Leff, J. (2015). *The dark side of the womb: Pregnancy, parenting and persecutory anxieties*. London: Anna Freud Centre.
- Rich, A. (1986). *Of woman born: Motherhood as experience and institution*. New York: W. W. Norton & Company.
- Ricoeur, P. (1986). La psychanalyse confrontée à l'épistémologie. *Psychiatrie Française*, 17, 11-23.
- Ricoeur, P. (1999). *Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1976)
- Rorschach, H. (2001). *Psychodiagnostic: Méthode et résultats d'une expérience diagnostique de perception. Interprétation libre de formes fortuites*. Paris: Puf. (Obra original publicada em 1947)
- Rosado, F. F. & Marques, M.E. (2009). As dimensões antedipianas das organizações limite na narrativa Rorschach. *Análise Psicológica*, 27, 375-384.
- Rosado, F. F., Neves, T. S., & Marques, M. E. (2015). Inquietante scientia: Pensar o campo epistemológico da psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22(1), 21-50.
- Sandler, J., Sandler, A.-M., & Davies, R. (Eds.). (2000). *Clinical and observational psychoanalytic research: Roots of a controversy*. London, New York: Karnac.
- Saunders, B. Kitzinger J. & Kitzinger, C. (2015). Anonymising interview data: Challenges and compromise in practice. *Qualitative Research*, 15, 616-632.
- Schafer, R. (1954). *Psychoanalytic interpretation in Rorschach testing*. Boston: Allyn & Bacon.
- Schafer, R. (1967). *Projective testing and psychoanalysis: Selected papers*. New York: International Universities Press.

- Segal, H. (1957). Notes on symbol formation. *The International Journal of Psychoanalysis*, 38, 391-397.
- Selin, H. & Stone, P. K. (Eds.). (2009). *Childbirth across cultures: Ideas and practices of pregnancy, childbirth and the postpartum*. London, New York: Springer. doi:10.1007/978-90-481-2599-9
- Shaw, J. (2012). The birth of the clinic and the advent of reproduction: Pregnancy, pathology and the medical gaze in modernity. *Body & Society* 18(2) 110-138. doi: 10.1177/1357034X10394666
- Shentoub, V., Chabert, C., Azoulay, C., Bailly-Salin, M. J., Benfredj, K., Boekholt, M., Brelet-Foulard, F., Chrétien, M., Emmanuelli, M., Martin, M., Monin, E., Peruchon, M., & Servièrre, A. (1999). *Manual de utilização do TAT: Interpretação psicanalítica*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1990)
- Sirol, F. (1999). La haine de la femme enceinte pour son foetus. *Devenir*, 11(2), 25-34.
- Sirol, F. (2003). Et la haine alors? *Spirale*, 28, 155-164. doi: 10.3917/spi.028.0155
- Stake, R. E. (2005). Qualitative case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research* (pp. 443-466). Thousand Oaks: Sage.
- Teixeira, V., & Marques, M.E. (2009). O buraco negro na patologia limite: Um contributo da/para a técnica Rorschach. *Análise Psicológica*, 27, 281-294.
- Traubenberg, N. R. (1970). *La pratique du Rorschach*. Paris: PUF.
- Traubenberg, N. R. (1983a). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach: O Rorschach espaço de interações. *Análise Psicológica*, 4, 17-22.
- Traubenberg, N. R. (1983b). Representação de si e relação do objecto. Grelha de representação de si: Análise comparada dos resultados de adolescentes doentes psíquicos e somáticos. *Análise Psicológica*, 4, 31-40.
- Tyler, I., (2001). Skin-tight: Celebrity, pregnancy and subjectivity. In S. Ahmed & J. Stacey, (Eds.), *Thinking through the skin* (pp. 69-83). London, New York: Routledge.

- White, C., Woodfield, K. & Ritchie, J. (2003). Reporting and presenting qualitative data. In J. Ritchie & J. Lewis (Eds.), *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers* (pp. 287-320). London: SAGE.
- Willig, C. (2008). *Introducing qualitative research in psychology: Adventures in theory and method* (2nd edition). Maidenhead, England; New York: McGraw Hill/Open University Press.
- Winnicott, D. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development*. Recuperado de PEP Archive.
- Winnicott, D. (2000). *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1958)
- Winnicott, D. W. (1971). *Playing and Reality*. Recuperado de PEP Archive.
- Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods* (4th edition). Thousand Oaks: Sage.

ANEXOS

Anexo1: Visão panorâmica sobre a literatura convocada

Os trabalhos pioneiros de Deutsch e Bibring constituíram, na primeira metade do século XX, o primeiro mapeamento desse território que é o psiquismo da grávida. Grande parte dos estudos subsequentes acabam por explorar e aprofundar uma ou outra das grandes linhas que estes trabalhos definem, e que são afinal aquelas que decorrem da metapsicologia freudiana: as problemáticas ligadas à organização pulsional, à constituição das fronteiras intra e intersíquicas, aos processos identificatórios e à representação e vivência corporal.

Hélène **Deutsch** (1925, 1949) afirmou, pela primeira vez, o carácter crítico da gravidez, descrevendo os seus aspetos regressivos e as suas possibilidades reorganizadoras. A sua teorização sobre a gravidez inscreve-se numa investigação maior sobre a sexualidade feminina e funda-se na sua experiência clínica psicanalítica. A autora estabeleceu a ideia de que a grávida, envolvida numa experiência que convoca as dicotomias primitivas – entre o corporal e o psíquico, o eu e o não-eu, o interior e o exterior, os investimentos libidinais e agressivos, a criação e a morte, o feminino e o masculino, o materno e o paterno – é chamada de novo a operar as distinções e integrações fundamentais que organizaram o desenvolvimento psicosexual infantil (Deutsch, 1925, 1949). Posteriormente, e a partir de uma investigação empírica sistematizada, Greta **Bibring** procurou confirmar e ampliar esta compreensão da gravidez. Embora ambos os trabalhos enunciem a presença de movimentos quer regredientes quer progredientes, o seu peso é diferenciado. Enquanto Deutsch se preocupa sobretudo com os primeiros, mostrando como se manifesta, clinicamente, a regressão, Bibring procura destacar a ideia de reorganização maturativa.

A investigação de **Bibring** (1959) e seus colaboradores (Bibring, Dwyer, Huntington, & Valenstein 1961a, 1961b), levada a cabo no Beth Israel Hospital, em Boston, foi desencadeada pela observação de que um elevado número de grávidas apresentava um quadro similar ao de pacientes borderline, diagnóstico que se afigurava incongruente quer com a ausência de história prévia de perturbações psíquicas, quer com a facilidade e rapidez com que se alcançavam resultados terapêuticos muito satisfatórios. Foi conduzido, então, um estudo longitudinal de quinze mulheres grávidas, seguidas em acompanhamento pré-natal. Os dados foram recolhidos por psiquiatras, obstetras, pediatras, assistentes sociais e psicólogos em cinco momentos, compreendidos entre o início da gestação e o primeiro aniversário do bebé. A avaliação psicológica foi realizada com recurso ao Rorschach, ao TAT, ao Desenho da Figura Humana, e a duas provas concebidas para o efeito, uma com frases a serem completadas e outra, projetiva, o Teste de Avaliação da Gravidez inspirado no TAT mas

consistindo em diferentes estímulos (Bibring et al. 1961b). O material recolhido foi trabalhado em conjunto pelo grupo de investigação, dirigido por Bibring, e sujeito a uma categorização em função de um amplo conjunto de variáveis, definidas em torno da caracterização geral das participantes (história pessoal, familiar, clínica, aparência física, observação psiquiátrica, relações significativas, etc.) e das grandes linhas de compreensão psicodinâmica (fantasias, identificações, processos defensivos, organização estrutural, etc.), de forma a destacar quer os sinais de crise, quer os de maturação (Bibring et al. 1961b).

É importante destacar que este foi o primeiro de um número reduzido de trabalhos que procurou estudar a grávida fora do âmbito da psicopatologia. Foi esta preocupação que permitiu sublinhar o carácter crítico e turbulento do momento da gestação, e validar as conclusões que Deutsch havia formulado a partir do estudo de casos clínicos, nos quais os diversos elementos regressivos, pela sua inscrição psicopatológica, apresentavam uma visibilidade mais crua e aguda. Permitiu igualmente, e pela mesma razão, mostrar que essa turbulência constitui um processo normal deste período da vida da mulher, que serve uma tarefa maturativa e segue um percurso integrativo. A continuidade já demonstrada por Freud entre os fenómenos psicopatológicos e a vida psíquica não afetada por essas distorções maiores, ficou assim confirmada nesta instância particular.

Donald **Winnicott** (1958/2000) descreveu, num artigo que se tornou clássico, uma condição de particular sensibilidade da grávida, caracterizada pelo esbatimento das fronteiras intersíquicas, que designou como *preocupação materna primária*, e que se manifesta como um quadro patológico de retraimento ou dissociação, muito embora o não seja em virtude do momento particular em que ocorre, cumprindo uma função essencial no ajustamento da mãe às necessidades psíquicas do bebé.

Dinora **Pines** (1982) destacou, a partir da discussão de casos clínicos, a importância da dupla orientação dos movimentos identificatórios da mulher grávida, ao bebé e à representação materna, na gestão da reemergência do conflito ambivalente ligado aos processos de separação-individação.

Fundando-se em análises comparativas de casos clínicos de mulheres grávidas seguidas em psicanálise, Eva **Lester** e Malkah **Notman** (1986, 1988; Notman & Lester, 1988) sublinharam o papel central da reorganização das identificações com o objeto materno, que articularam com a delimitação das etapas que marcam o tempo da gestação, definidas a partir

da sinalização das angústias típicas que emergem com o início da gravidez, com a percepção dos movimentos fetais e com a aproximação do parto.

Num colóquio multidisciplinar, Joel Clerget, Olimpia Matarazzo e Monique Fau discutiram, a partir da experiência clínica psicanalítica, os fantasmas que percorrem a gravidez, destacando as questões em torno do corpo, da pulsão agressiva e dos limites psíquicos. Assim, sublinhando a imposição de uma vivência corporal transgressora na gravidez, **Clerget** (1986) problematizou os processos de diferenciação e triangulação a partir de uma reflexão sobre a placenta tomada como metáfora. Por seu lado, **Matarazzo** (1986) apresentou os resultados da sua investigação com mulheres grávidas, levada a cabo através de entrevistas clínicas, relacionando o fantasma agressivo de conceber uma criança anormal com a irrepresentabilidade do feto e as transformações do esquema corporal durante a gravidez. Finalmente, **Fau** (1986), a partir da sua experiência pedopsiquiátrica na maternidade, refletiu sobre as implicações psíquicas dos cuidados médicos prestados à grávida e, muito especialmente, sobre as interferências fantasmáticas do uso das ecografias.

No início do novo milénio, Monique **Bydlowski** e Bernard **Golse** (2001), a partir de material clínico, centraram-se sobre reorganização das fronteiras intra e interpsíquicas, diferenciando dois momentos chave ao longo da gravidez, um primeiro marcado pela *transparência psíquica* e outro pela *preocupação materna primária* anteriormente descrita por Winnicott. A necessidade de integrar no psiquismo a irreversível mudança de geração é apontada por Bydlowski (2001) como o organizador fundamental do trabalho psíquico solicitado à grávida.

François **Sirol** (1999, 2003) explorou o papel da pulsão agressiva e destrutiva no trabalho psíquico da gestação, a partir da sua experiência clínica junto de mulheres grávidas confrontadas com diagnósticos pré-natais. Sirol apresentou, neste trabalho, uma provocatória lista que, ecoando Winnicott sobre as razões do analista para odiar o analisando, enumera as razões da mãe para odiar o seu feto.

Num dos poucos estudos desvinculado da clínica e dedicado à metodologia projetiva (esquecida desde Bibring), Emilie **Bellion** (2001) mostrou como o recalçamento massivo da agressividade, durante a gravidez, pode ser observado através da análise da expressão defensiva face ao Rorschach e ao TAT. Os dados foram recolhidos junto de 13 grávidas ditas normativas (isto é, sem patologia psíquica ou física associada), através da realização de duas entrevistas, às 21 e 35 semanas de gestação, e da recolha de protocolos de Rorschach e TAT

na sequência da segunda entrevista. A autora interpreta esta gestão defensiva da agressividade em função do constrangimento ao reconhecimento e integração da identidade sexual e da diferença de sexos que a gravidez impõe.

Aceitando no essencial a formulação regressiva e desenvolvimental do pensamento clássico sobre a gravidez, Lucy **Holmes** (2000a, 2000b, 2009) propôs uma nova compreensão do processo de reorganização identificatória, tanto do feminino materno quanto do masculino e paterno, a partir da contestação da lógica falocêntrica que organiza a conceção da sexualidade feminina inscrita na obra de Freud, repetida por Deutsch e implicitamente aceite na maioria dos trabalhos clássicos dedicados à gravidez. Esta proposta de Holmes é sustentada pela sua investigação doutoral, no âmbito da qual recolheu dados durante dois anos junto de dois grupos de mulheres grávidas.

A partir de uma vasta experiência com mulheres grávidas em diversos contextos terapêuticos, Joan **Raphael-Leff** (1996, 2001, 2015) sugeriu a ideia de que o psiquismo da mulher grávida funciona como *continente procreativo* tolerante a uma experiência de recriação das origens, sublinhando a inscrição paradoxal da mulher que encarna, na sua condição, a coexistência de todos os pares de opostos organizadores do psiquismo humano. A obra de Raphael-Leff, *Pregnancy: The Inside Story* (2001) é o único trabalho, desde Deutsch, que sintetiza as diversas dimensões psíquicas interpeladas pela gravidez, além de permitir uma atualização da compreensão da gravidez à luz de modelos psicanalíticos mais recentes, designadamente o modelo bioniano.

Finalmente, destaca-se o trabalho de Wendy **Hollway**, que conduziu uma investigação, qualitativa e longitudinal, com 19 mulheres, sobre os processos implicados na transição para a maternidade. Utilizando um racional teórico e metodológico bioniano, Hollway e a sua equipa seguiram o percurso das mulheres desde o fim da gestação até ao primeiro ano de vida dos bebés, recorrendo a entrevistas narrativas de associação livre e ao modelo de observação de bebés de Ester Bick (Hollway, 2015). Hollway (2012, 2015) propõe uma releitura da preocupação materna primária winnicottiana à luz do modelo matricial de Ettinger, um modelo que propõe um estrato psíquico primordial de vivência da subjetividade como encontro e não como diferenciação. A gravidez é aqui entendida ainda como experiência regressiva, mas agora a estratos psíquicos pré-natais que sustentam uma vivência da subjetividade paralela, complementar, àquela organizada em torno da diferenciação edipiana.

Entre nós destaca-se o trabalho de **Dias Cordeiro** (2002), que embora não proponha perspectivas originais, produz uma síntese interessante e crítica sobre a psicodinamia da gravidez, assinalando dois aspetos significativos: a escassa exploração do tema na literatura psicanalítica apesar do seu óbvio interesse e da antiguidade dos trabalhos inaugurais, e o interesse que pode ter a exploração, a partir de um vértice psicanalítico, das formas culturalmente determinadas de lidar com a gravidez, e nomeadamente com os seus aspetos regressivos. Seguindo esta sugestão são integrados, na exposição da teorização psicanalítica sobre a gravidez, alguns aspetos destacados pela investigação etnográfica e antropológica. Outros trabalhos nacionais não são referidos por se afastarem, quer metodologicamente, quer teoricamente, do eixo psicanalítico que orienta este trabalho, ou por se centrarem exclusivamente nos aspetos patológicos, sem trazerem novidade às formulações dos autores que são convocados.

Relativamente à literatura antropológica, destaca-se, entre nós, o estudo etnográfico de Teresa **Joaquim** (1983), que apresenta uma compilação cuidada e refletida das práticas e crenças estabelecidas em torno da gravidez em Portugal. No que respeita à literatura internacional, convocam-se, predominantemente, duas obras: *A Cultural History of Pregnancy*, de Clare **Hanson** (2004), que apresenta uma história crítica das transformações das representações culturais sobre a grávida e a gravidez na Inglaterra de meados do século XVIII até ao fim do século XX, sobretudo a partir da análise de textos literários e médicos; e *Childbirth Across Cultures*, editado por Helaine **Selin** e Pamela K. **Stone** (2009), que apresenta um conjunto rico e variado de estudos etnográficos realizados em diferentes culturas, descrevendo as especificidades das representações constituídas em torno da gravidez em diversos locais do mundo. Foi também usada a reflexão crítica sobre as interações entre a medicina e a gravidez na modernidade, à luz do *Nascimento da Clínica* de Foucault, de Jennifer **Shaw** (2012), bem como o ensaio de Imogen **Tyler** (2001) em torno da exposição do corpo grávido de celebridades e a sua relação com os processos subjetivos implicados na gravidez.

Anexo 3: Teoria das Transformações – Síntese

O percurso realizado no Capítulo 2, Pensar a Gravidez com Bion, implicou a exploração detalhada e complexa do modelo bioniano que aqui se encontra sistematizado nas suas premissas fundamentais:

- (a) A mente pode ser descrita, a partir de diferentes vértices de observação, como a origem das transformações psíquicas, como o resultado das mesmas e como a própria função transformadora;
- (b) Ao longo de uma cadeia transformativa são detetáveis traços invariantes e elementos originais: a descrição do processo transformacional deve assinalar ambos;
- (c) A mente transforma continuamente os dados da experiência (elementos β) em elementos psíquicos (elementos α);
- (d) Os elementos α , quando articulados, constituem-se em símbolos e cadeias simbólicas;
- (e) Pela alfabetização a experiência é subjetivada significada;
- (f) Esta transformação (alfabetização) da experiência é possível pela operação do aparelho para pensar pensamentos;
- (g) O aparelho para pensar pensamentos opera através de $PS \leftrightarrow D$ e das relações e vínculos (L, H e K, nas valências + e -) entre ♀ e ♂ ;
- (h) $PS \leftrightarrow D$ remete para os processos de dispersão e integração, paciência e segurança indispensáveis à elaboração contínua e criativa do pensamento;
- (i) ♀♂ remetem para a dimensão relacional do pensamento, para o encontro intra e intersubjetivo entre continentes mentais e conteúdos a serem pensados;
- (j) ♀ e ♂ podem relacionar-se através de vínculos L, H ou K; o vínculo K permite investigar os restantes, isto é a qualidade das experiências emocionais; K^+ é o vínculo que permite a aprendizagem pela experiência, K^- a evasão da experiência.
- (k) É da operação de $PS \leftrightarrow D$ e ♀♂ que resulta a subjetivação e significação da experiência, cujo resultado é a simbolização;
- (l) A simbolização da experiência cria continuamente narrativas simbólicas que constituem o pensamento onírico tanto do sono como da vigília;
- (m) Desenvolvimento do aparelho mental, tolerância da dor mental, aproximação à verdade psíquica, simbolização e expansão do sentido são realidades psíquicas complementares;

- (n) Perturbação da função transformadora do pensamento, evasão da experiência emocional, mentira psíquica, funcionamento em equação simbólica e esvaziamento do sentido descrevem também estados mentais associados;
- (o) Pensar é operar mudanças catastróficas: transformações da experiência que conservam o seu impacto (violência), permitindo a integração dos seus traços originais (invariantes), através de uma apropriação subjetiva transformadora (subversiva) do próprio sistema mental.
- (p) O mito da queda do paraíso e o mito edipiano podem ser lidos como narrativas que figuram a curiosidade e o temor que a experiência de pensar encerra.

Anexo 4: Anúncio – Pedido de Colaboração na Investigação

Estimadas/os,

Estou a desenvolver uma investigação doutoral sobre a experiência psicológica da primeira gravidez. Venho, por isso, pedir-vos o favor de convidarem grávidas que conheçam a participarem neste projeto.

Podem participar todas as mulheres que estejam no início de uma primeira gestação (primeiro trimestre), sem riscos de saúde associados, e que sejam maiores de 21 anos.

A investigação consta de 3 momentos de entrevista, cada um dos quais correspondentes aos três trimestres da gestação. Em cada um dos momentos, além da entrevista, a investigadora propõe a realização de duas tarefas a partir de material próprio da psicologia.

Em caso de interesse peço que me contactem, para o mail ou telefone: filipa.rosado@gmail.com; 91 815 95 81.

Muito obrigada.

Filipa Falcão Rosado

Anexo 5: Informação transmitida às médicas obstetras

INVESTIGAÇÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA DA PRIMEIRA GRAVIDEZ

Filipa Falcão Rosado - 91 815 95 81

Número de participantes:

6 mulheres

Crítérios de inclusão na investigação:

- mulheres grávidas primíparas
- início do primeiro trimestre de gestação
- maiores de 21 anos
- sem patologia psíquica ou física

Procedimentos:

A investigação consta de 3 momentos de entrevista, cada um dos quais correspondentes aos três trimestres da gestação. Em cada um dos momentos, além da entrevista, a investigadora propõe a realização de duas tarefas, nas quais é pedido à participante que imagine narrativas a partir de material próprio da psicologia.

Considerações éticas:

Toda a informação recolhida será tratada de forma **confidencial**, ao abrigo do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. O tratamento dos dados manterá o **anonimato** das participantes e não possibilitará o reconhecimento da sua identidade. Qualquer publicação a partir dos resultados da investigação respeitará o princípio do anonimato, não sendo utilizadas quaisquer informações biográficas que permitam a identificação das participantes, e procedendo-se à alteração do nome, idade, e outras características relevantes de forma a proteger a sua identidade.

No final do último encontro de recolha de dados a investigadora reitera a sua disponibilidade para esclarecer quaisquer questões relacionadas com o processo que decorreu. No final da investigação são transmitidos, por escrito, e de forma adequada às participantes, os objetivos que nortearam a investigação e os resultados da mesma, colocando-se a investigadora disponível para um encontro onde quaisquer dúvidas ou desconfortos podem ser esclarecidos. Esta informação não é transmitida presencialmente, precisamente para permitir às participantes decidirem se querem ou não conhecer os resultados, com que grau de atenção e exploração, e se os querem ou não discutir com a investigadora.

Anexo 6: Consentimento informado



Cara Sra.,

Convidamo-la a participar num projeto de investigação realizado pela psicóloga clínica Dra. Filipa Falcão Rosado, no âmbito do seu Doutoramento em Psicologia, realizado no ISPA- Instituto Universitário. Esta investigação tem como **objetivo estudar a experiência psicológica duma primeira gravidez**. A participação nesta investigação é **voluntária**.

Se concordar em participar nesta investigação ser-lhe-á pedido que se encontre com a investigadora, num local, data e horário acordado entre ambas, em três momentos da sua gravidez, correspondentes aos 3 trimestres de gestação. Cada um destes encontros terá a duração média de 2h. Em cada momento de encontro será realizada uma entrevista e serão propostas duas atividades a partir de instrumentos próprios da psicologia.

Toda a informação recolhida será tratada de forma **confidencial**, ao abrigo do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Assim, o tratamento dos dados manterá o seu **anonimato** e não possibilitará o reconhecimento da sua identidade. Qualquer publicação a partir dos resultados da investigação respeitará o princípio do anonimato, não sendo utilizadas quaisquer informações biográficas que permitam a sua identificação, e procedendo-se à alteração do nome, idade, e outras características relevantes de forma a proteger a sua identidade.

No final da investigação ser-lhe-ão disponibilizados os resultados gerais da mesma, colocando-se a investigadora disponível para um encontro subsequente onde quaisquer dúvidas possam ser esclarecidas.

Os benefícios relacionados com a investigação ligam-se, de forma geral, à ampliação do conhecimento, e de forma particular à ampliação da sensibilidade e da compreensão dos técnicos envolvidos nos cuidados prestados às grávidas.

Quaisquer questões que tenha relativamente ao estudo podem ser esclarecidas junto da investigadora, ao longo de todo o processo de investigação.

Filipa Falcão Rosado

Contactos: 91 815 95 81; filipa.rosado@gmail.com

Li as informações referentes à investigação, e aceito nela participar.

Anexo 7: Tópicos orientadores das Entrevistas Narrativas de Associação Livre

1ª ENTREVISTA:

- História da gravidez
- Momento da descoberta
- Ecografias
- Sonhos
- Corpo
- Episódios/ Pensamentos/ Sentimentos destacados como significativos

2ª ENTREVISTA:

- Continuação da história da gravidez
- Perceção dos movimentos fetais
- Ecografias
- Sonhos
- Corpo
- Episódios/ Pensamentos/ Sentimentos destacados como significativos

3ª ENTREVISTA:

- Continuação da história da gravidez
- Ecografias
- Sonhos
- Corpo
- Aproximação do parto
- Episódios/ Pensamentos/ Sentimentos destacados como significativos

QUESTÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO:

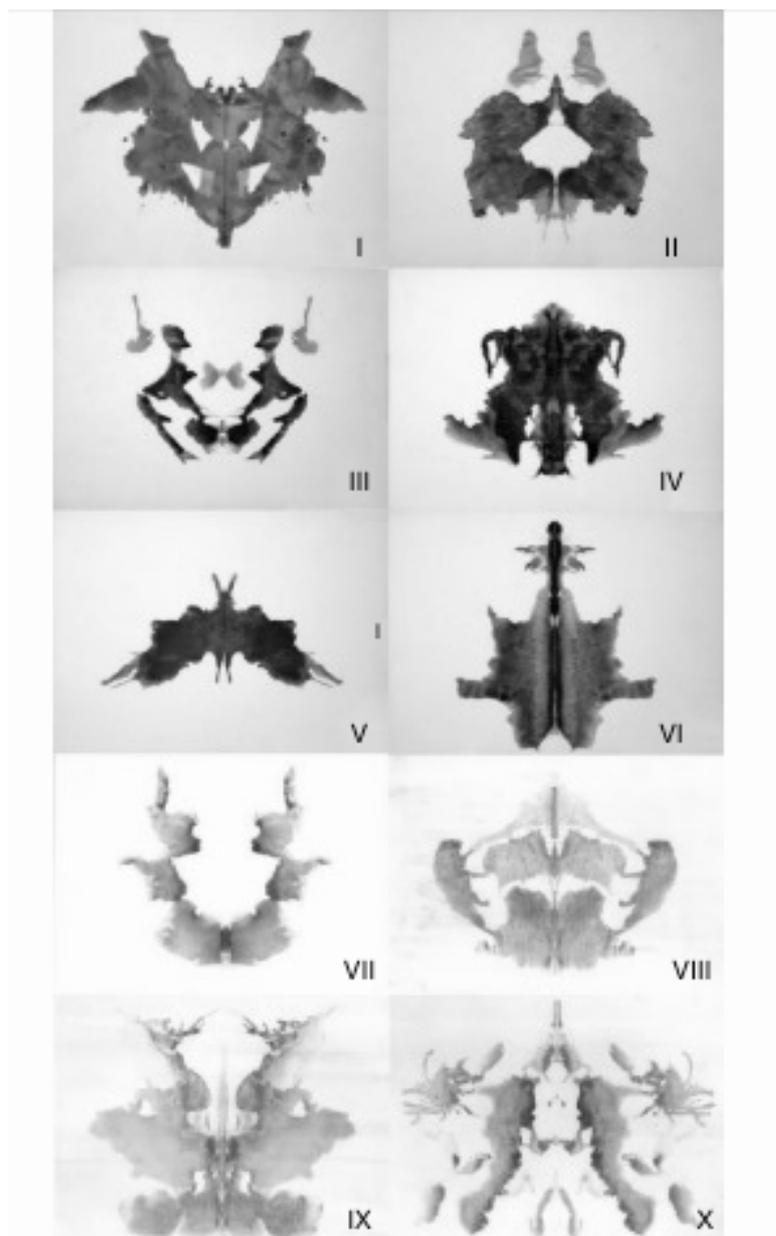
- Como foi participar
- Alguma pergunta sentida como desconfortável?
- Sugestões sobre este tipo de investigação/ tema de investigação?
- O que é que imaginava sobre a investigação antes de a iniciar?

Anexo 8: A situação Rorschach

Material

Figura 2:

Cartões Rorschach



Procedimentos de aplicação

1. Instrução

O início da prova é desencadeado por uma instrução que apela ao encontro entre a realidade interna e o objeto externo, mediado pela palavra, a ser produzida no seio de uma relação. As várias propostas de formulação da instrução isso mesmo pressupõem: a versão original de H. Rorschach (1947/2001), simples e sucinta, "o que é que isto poderia ser", a versão de Anzieu (Anzieu & Chabert, 1961/2004) mais enfática, "o que lhe peço é que me diga tudo o que se poderia ver nestas manchas", e a explicitação mais pormenorizada de Chabert (1997/2003) "vou mostrar-lhe dez cartões e vai dizer-me tudo aquilo em que eles o fazem pensar, o que pode imaginar a partir destes cartões".

Preferiu-se, nesta investigação, uma instrução intermédia, entre as versões mais sucintas e as mais exaustivas: "vou mostrar-lhe dez cartões e o que peço é que [entrega do primeiro cartão, com a imagem virada para cima] me diga o que é isto poderia ser, o que é que se poderia imaginar a partir daqui".

2. Prova de Escolhas

É realizada depois de recolhidas as narrativas espontâneas face aos 10 cartões, pedindo ao sujeito que escolha os dois cartões que mais e menos gostou, e que justifique essa seleção.

3. Inquérito

Os cartões são novamente explorados, sendo agora solicitadas informações face às respostas produzidas com o objetivo de compreender a sua construção, de modo a proceder à cotação: qual a localização que sustenta a imagem formulada, o que a determina e eventuais clarificações ou associações face ao conteúdo. O inquérito deve procurar responder a estas questões sem as colocar diretamente. São, assim, colocadas interrogações abertas, como: "O que a fez pensar em ___?", "Como é que vê ___?", "Se fosse de outra cor também faria lembrar ___?".

Registo

Tradicionalmente, as respostas Rorschach são anotadas fielmente *in loco*, assim como os tempos de latência que precedem a primeira resposta a cada cartão, os silêncios que pontuam as respostas (assinalados por reticências), bem como a duração da passagem espontânea e a duração do inquérito. No caso presente, tendo em conta que o gravador estava a ser usado, foram registadas anotações que permitiam conduzir o inquérito, porém sem a preocupação de reprodução total: esta foi realizada aquando das transcrições.

Procedimentos de Cotação

A cotação, inscrita à direita das narrativas produzidas durante a passagem espontânea e o inquérito, é composta por três elementos fundamentais: modo de apreensão, determinante e conteúdo. Cota-se ainda sempre que uma resposta integra a lista de banalidades convencionada. Finalmente, outros elementos das narrativas, exteriores às respostas cotáveis podem ser assinalados. No quadro que se segue são discriminados, enumerados e explicitados os diferentes elementos de cotação.

Quadro 2

Elementos, critérios e símbolos de cotação de narrativas Rorschach

Categorias Gerais	Critérios e símbolos	
Modos de apreensão: referem a parte da mancha utilizada para elaborar a resposta	Imagens formadas imediatamente a partir da totalidade da mancha	→ G → G apenas um pequeno pormenor é excluído → Gbl integra o branco → G bl produz uma inversão figura fundo
	Imagens formadas a partir de um detalhe	→ D impõe-se perceptivamente → Dbl integra o branco → Dd não se impõe perceptivamente → Ddbl integra o branco → Do elemento isolado de um todo que é normalmente referido

	Construções globais a partir de elementos menores	<ul style="list-style-type: none"> → (D)G → (Dd)G → (DbI)G → Do(G)
	Construções em detalhes significativos a partir de detalhes menores	<ul style="list-style-type: none"> → (Dd)D → (DbI)D
	Imagens que embora evoquem a totalidade o fazem através de distorções	<p>Generalizações abusivas a partir de detalhes</p> <ul style="list-style-type: none"> → DG → DdG → DbIG <p>Fusão ou sobreposição de imagens ou associações levando a uma combinação absurda a partir de D, Dd ou DbI</p> <ul style="list-style-type: none"> → D/G, → Dd/G, → DbI/G <p>Enunciação dos elementos do todo sem o referir explicitamente</p> <ul style="list-style-type: none"> → D(G) → Dd(G)
Determinantes: referem os elementos perceptivos e/ou projetivos que desencadearam a imagem produzida	Formais	<ul style="list-style-type: none"> → F+ adequação perceptiva → F- sem adequação perceptiva → F± representação vaga, imprecisa
	Sensoriais	<ul style="list-style-type: none"> → C vermelho → C' preto ou o branco → E esbatimento → Clob a tonalidade escura induz uma representação disfórica, perturbadora
	Cinestésicos	<ul style="list-style-type: none"> → K figura humana em relação, em movimento, ou realizando uma postura → kan animal em movimento → kp parte do corpo humano em movimento → kob movimento interno de um objeto ou elemento natural
	Mistos	<p>se predomina a determinação formal</p> <ul style="list-style-type: none"> → FC → FC' → FE → FClob <p>se predomina a determinação sensorial</p> <ul style="list-style-type: none"> → CF → C'F → EF, → ClobF
Conteúdos:	Humanos	<ul style="list-style-type: none"> → H figura humana inteira → Hd figura humana parcial → (H) figura humana irreal, sobrenatural ou mítica

		→ (Hd) parte de figura humana irreal, sobrenatural ou mítica
	Animais	→ A figura animal inteira → Ad figura animal parcial → (A) figura animal irreal, sobrenatural ou mítica) → (Ad) parte de figura animal irreal, sobrenatural ou mítica
	Outros	→ Anat anatomia → Sx referência sexual → Sg sangue → Rad radiografia → Fgt fragmento → Obj objeto fabricado → Elem elemento natural → Bio biologia → Arte → Bot botânica → Alim alimento → Abs abstração → etc...
Banalidade	Lista de banalidades	Ban
Outros elementos cotáveis	Nenhuma resposta cotável em determinado cartão	→ Recusa
	Perturbação da cadeia associativa, observada através do aumento significativo do tempo de latência, de um silêncio significativo ou de quaisquer comentários que revelam a dificuldade em elaborar o conflito	→ Choque → Equivalente de choque
	Críticas	→ Crítica obj relativamente ao material ou à situação → Crítica subj autocrítica
	Comentários	→ Cor → Simetria

Finalmente, é preenchido o **Psicograma** do qual constam, de forma organizada e sintetizada, informações sobre:

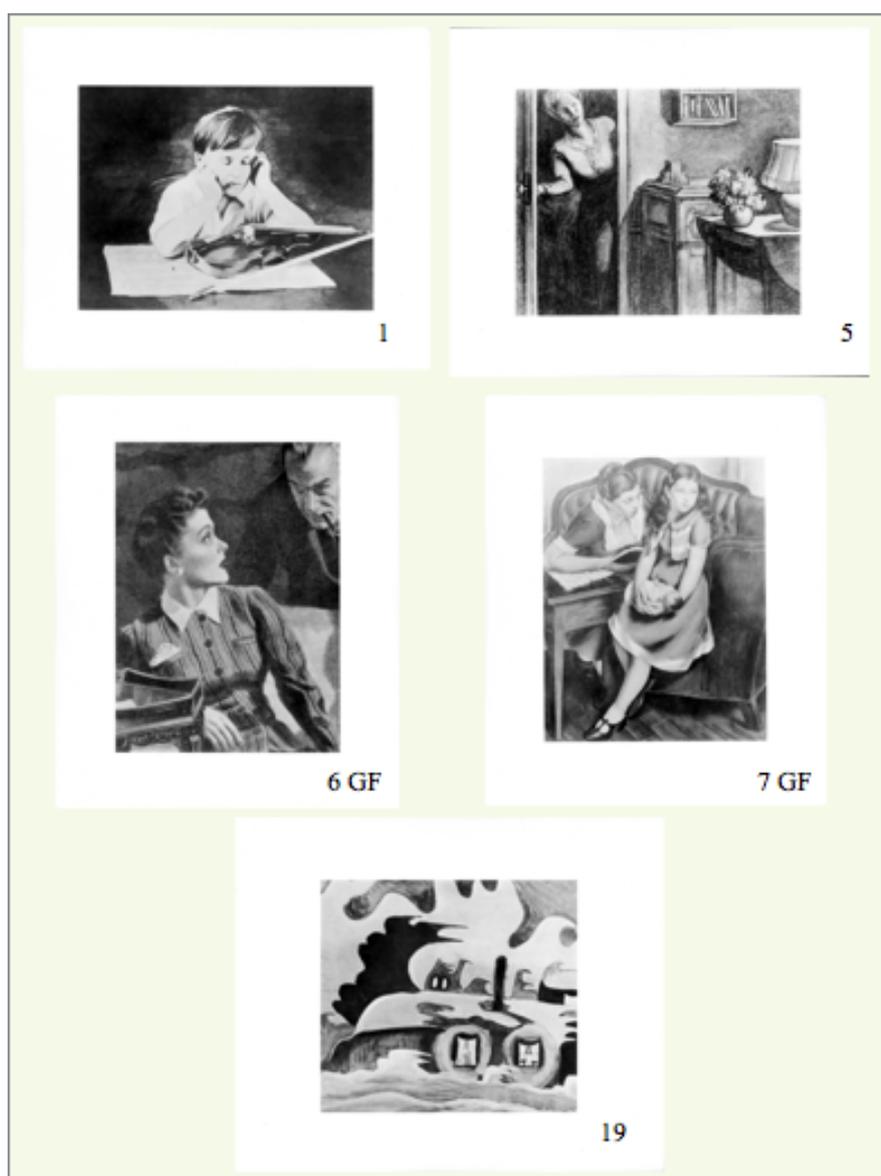
- Número de respostas
- Número de recusas
- Tempo total
- Tempo por resposta
- Tempo de latência médio
- Frequência absoluta (e nalguns casos relativa) de cada um dos modos de apreensão, determinantes, conteúdos, banalidades
- Presença de outros elementos cotáveis (choques ou equivalentes, críticas, comentários)
- Fórmulas utilizadas na interpretação
 - **Tipo de Ressonância Íntima** (TRI, que relaciona os determinantes sensoriais C com os determinantes cinestésicos K, para obtenção de um índice de introversividade/extroversividade),
 - **Fórmula Complementar** (FC, que relaciona os determinantes sensoriais E com os determinantes cinestésicos k, que complementa a informação dada pelo TRI),
 - **Reatividade à Cor** (RC%, que permite comparar o número de respostas dadas nos cartões pastel com o número total de respostas)

Anexo 9: A situação TAT

Material

Figura 3:

Cartões TAT



Procedimentos de Aplicação

Instrução:

O início da prova é desencadeado pelo pedido “imagine uma história a partir do cartão”, pedido que apela, simultaneamente, ao polo imaginário, isto é à expressão subjetiva, e ao princípio da realidade, o material objetivo. A instrução convoca, assim, à construção, elaboração e comunicação intersubjetiva de uma narrativa que interlace o universo interno, as solicitações latentes e o conteúdo manifesto dos cartões propostos.

Registo

Tradicionalmente, as histórias TAT e os silêncios que precedem e/ou pontuam as respostas (assinalados por sinais “+”) são anotados fielmente enquanto decorre a aplicação da prova. Porque o gravador estava a ser usado, o registo escrito foi realizado posteriormente, aquando das transcrições.

Estudo das Narrativas

Na conceptualização proposta pela Escola Francesa, o estudo de um protocolo TAT implica a codificação das narrativas com recurso à Folha de Decomposição elaborada por Shentoub (et al, 1990/1999), na qual se encontram enumerados diversos procedimentos de elaboração do discurso, categorizados em quatro séries: A - Controlo, B – Labilidade, C – Evitamento do conflito e E – Emergência em processo primário. O estudo dos procedimentos usados permite inferir a organização defensiva privilegiada do funcionamento psíquico do sujeito, e a sua maior ou menor operatividade elaborativa em face das problemáticas suscitadas pelo encontro com os conteúdos latentes evocados pelos cartões. A análise das narrativas preconizada pela Escola Francesa pressupõe ainda, em articulação com a observação dos procedimentos defensivos usados, a consideração da *Legibilidade* das narrativas, isto é, a “comunicabilidade entre o sujeito e o seu mundo interno, de um lado, e entre o sujeito e o outro, do outro lado” (Shentoub et al, 1990/1999, p 153).

Porque foi considerado importante introduzir um afastamento relativamente à lógica estrutural e psicopatológica inscrita na Folha de Decomposição, esta não é usada neste

trabalho. No entanto, alguns dos itens nela inscritos, assim como a noção de legibilidade, podem ser convocados para observar o trabalho psíquico realizado pela grávida em face do material TAT.

Dessa forma, após a análise das sequências associativas produzidas face a cada cartão, tendo em conta a solicitação latente de cada um à luz da Teoria das Transformações (apresentada no capítulo 3 respeitante ao Método desta investigação) optou-se por, ao invés de sujeitar as narrativas TAT a uma codificação sistemática, destacar, numa síntese geral final, os aspetos mais significativos relativos à forma de manusear e significar a situação e o material em termos de conjunto. Assim, observa-se o trabalho psíquico realizado e comunicado, destacando-se:

- (1) A produção de histórias conflituais (intra ou intersíquicas) ou aconflituais (centradas na experiência subjetiva das personagens);
- (2) A forma como a fantasia encontra expressão, através da convocação do imaginário (história investida como fantasia pessoal, encenações, diálogos, dramatização, introdução de personagens que não figuram na imagem), do investimento da realidade externa (história constituída como descodificação, invocação de elementos da realidade perceptiva das imagens, referências a precisões espaciais ou temporais, referências ao senso comum), da evocação de associações sensoriais (referências à luz e sombra, a elementos do clima, à perspectiva e à textura) ou de emergências fantasmáticas mais cruas (afetos maciços, falsas percepções, escotomas, ligações arbitrárias).
- (3) Os afetos que transparecem na narrativa, através da análise dos substantivos, verbos e adjetivos convocados;
- (4) O recurso a procedimentos de restrição narrativa (na forma ou conteúdo: silêncios, recusas, anonimatos dos personagens, razões dos conflitos não esclarecidas, evitamentos, evocação de elementos ansiogénicos seguidos ou precedidos de quebra do processo associativo, isolamento, denegação, ruminação, fim da narrativa com interrupção explícita do processo associativo);
- (5) O recurso a procedimentos extra-narrativos; incluem as manifestações, corporais ou verbais, que interferem no relato sem poderem ser incluídas na estruturação da história enquanto tal – recurso à esfera corporal e motora (risos, gestos, ruídos, agitação motora), recurso direto à relação com o clínico (perguntas, comentários relativos ao material e à situação) e recurso à autorreferência (referências

autobiográficas, autodepreciação, autovalorização). O recurso a estes procedimentos assinala, geralmente, dificuldade e mal estar em face do material. No entanto, apenas a observação da sequência em que ocorre permite destacar o seu valor enquanto operação defensiva, tanto mais operante quanto for capaz de desimpedir o curso associativo ou de apaziguar emergências mais desorganizadas.

A análise das histórias a partir destes vetores permite caracterizar o encontro com a situação TAT de forma a elaborar uma narrativa partilhável, a partir de ligações mais ou menos comunicantes entre o material, enquanto conteúdo manifesto e latente, e o universo psíquico que o significa, de forma mais ou menos secundarizada. É o conjunto destas observações que permite avaliar a legibilidade das histórias TAT, enquanto comunicação do sujeito com o seu mundo interno, com a realidade externa e com o outro a face ao qual a história é constituída.

Anexo 10: Matriz de análise

Quadro 3

Matriz de análise aplicada transversalmente às Entrevistas, Rorschachs e TATs

<p>1. Análise de PS↔D é observado o processo de constituição do objeto, isto é, a forma como a(s) experiência(s) é delineada enquanto objeto psíquico.</p>	<p>Esta observação permite dar conta da maior ou menor tolerância a PS e da maior ou menor flexibilidade da integração em D.</p> <p>Daqui decorre a compreensão da maior ou menor possibilidade oscilatória entre PS e D.</p> <p>→ Face à questão que abre as entrevistas e às instruções que desencadeiam as narrativas projetivas, como gere a mulher grávida a dispersão introduzida, e como organiza narrativas que respondam ao pedido de integração que está implícito? Há um espaço silencioso de organização ou, sendo difícil suportar a amplitude de escolhas possíveis, há uma precipitação na seleção de um facto organizador?</p> <p>→ Na verbalização subsequente, há um tatear de representações e afetos, esse tatear é confuso ou demasiado disperso ou, ao contrário, há uma narrativa mais fechada, mais dogmática, sobre os acontecimentos, as personagens, as representações-objeto no Rorschach e as histórias TAT?</p> <p>→ Qual a estabilidade das representações e qual a coerência das cadeias associativas? É excessiva ou revela flexibilidade? Há espaço para a contradição ou há uma coesão exagerada?</p> <p>→ Qual a diferença nestes indicadores em face das diversas temáticas manifestas e latentes da entrevista, do Rorschach e do TAT?</p> <p>→ A investigadora e o grupo, ao procurarem seguir e compreender as narrativas, destacar as suas unidades de sentido, suportar as expressões de dor ou reconhecer e partilhar os afetos positivos evocados, experimentam maior facilidade ou dificuldade, maior dispersão ou maior capacidade de integração?</p>
--	---

2. Análise de ♀ ♂

é observado o **processo de significação do objeto**, isto é, a forma como a(s) experiência(s) é significadas enquanto objeto psíquico.

Esta observação permite dar conta dos ♀ **convocados para dar forma à experiência**, da sua **maior ou menor plasticidade ou rigidez**, da sua **maior ou menor capacidade de contenção e elaboração**.

Permite também **destacar os ♂ evocados e explorar a sua densidade simbólica**.

Permite, ainda, **observar a qualidade** (os vínculos L, H e K) **da experiência emocional** proporcionada pelo encontro entre a função ♀ e os ♂ sobre a qual ela opera.

As narrativas constituídas são analisadas tendo em conta a interrelação entre *o que é dito* (♂) e *o como é dito* (♀).

- Que episódios, personagens ou representações são convocados como conteúdos das narrativas?
- Como são descritos e manuseados, isto é, como são contidos esses conteúdos representacionais?
- Que significados veiculam?
- O que expressam esses significados sobre a disponibilidade, permeabilidade, adaptabilidade e robustez ou fragilidade do terreno psíquico que acolhe a experiência?
- Que funções psíquicas são desempenhadas, e como, pelos diversos objetos convocados?
- Na descrição das experiências através das narrativas, que vínculos afetivos (H e L) se revelam?
- São reconhecidos, são alvo de exploração e curiosidade (K+) ou são rejeitados (K-)?
- Qual a diferença nestes indicadores em face dos diferentes ♀ e ♂, manifestos e latentes, providenciados pelos instrumentos?
- Que acolhimento e uso foi feito, pelas participantes, da investigadora/ entrevistadora e da situação relacional criada enquanto ♀ das suas narrativas e enquanto ♂ que se soma às suas experiências?
- A investigadora e o grupo, ao procurarem seguir e compreender as narrativas, destacar as suas unidades de sentido, suportar as expressões de dor ou reconhecer e partilhar os afetos positivos evocados, como se experimentam enquanto ♀ face a esses ♂?

<p>3. Articulação compreensiva PS↔D e ♀♂ permite destacar a capacidade de pensar os pensamentos.</p>	<p>É avaliada a capacidade de tolerar a dor mental, de reconhecer a verdade psíquica e a consequente possibilidade de transformar e ser transformada pela experiência.</p> <p>Este vetor de análise opera já não diretamente sobre o material narrativo mas sobre os dados que emergiram a partir da análise de PS↔D e ♀♂.</p> <ul style="list-style-type: none"> → É possível reconhecer e comunicar as dificuldades postas pelo encontro com a experiência da gravidez? → É possível tolerar essas dificuldades e gradualmente integrá-las? → É possível manter operante um espaço de exploração, de curiosidade, de insaturação que permite a continuidade transformativa, a expansão do espaço psíquico? → Como é, em síntese, acolhida, tolerada, manuseada, contida, integrada e elaborada a gravidez enquanto objeto transformacional, enquanto mudança catastrófica, “occasion de croissance ou de régression de l'espace psychique et des liens qui s'y constituent sous la forme de ‘pensées’” (Bégoïn-Guignard, 1989, p. 1691)?
---	---

Anexo 11: Eva, 1º Rorschach, 14 semanas

<p>I 7''</p> <p>Posso dizer o que me vier à cabeça, não.</p> <p>1. Isto faz-me lembrar uma máscara (ri) ... Uma máscara, sim. É só uma coisa ou (o que quiser) ahh ... Uma máscara ou</p> <p>2. parece assim um género de um anjo ou qualquer coisa assim, tanto pode ser uma máscara ou um ser com umas asas, não sei, acho que é isto que me faz lembrar .</p>	<p>Tem a forma de uma máscara.</p> <p>Tem aqui o local dos olhos, do nariz, portanto aqui e os olhos (Dbl central e sup). Este não sei (Dbl inf) não pensei bem, só pensei aqui mais nos olhos e no nariz e a forma da própria imagem.</p> <p>(G?) Sim.</p>	<p>Comentário</p> <p>Gbl F+ Masc</p> <p>G F+ (H)</p>
<p>II 19''</p> <p>Ah não sei</p> <p>3. Isto pode ser, não sei um género de um caminho, qualquer coisa tipo aqueles caminhos grandes para uma mansão, com umas ... umas, sim, é isso, um caminho grande comprido até uma mansão.</p> <p>Eventualmente se olhar assim de repente também me faz, também me pode fazer lembrar</p> <p>4. uma máscara mas se calhar tudo me vai fazer lembrar uma máscara, não tenho a certeza. Acho que é isto que me faz lembrar este cartão.</p>	<p>Este eu já não me lembro o que é que eu disse (o caminho) Ah exatamente. Porque parece que está aqui, sei lá, tipo a entrada (eixo sup central) para uma casa, grande, seria a casa grande e aqui uma entrada e depois o branco fez-me lembrar assim um caminho amplo, mas comprido não sei bem, é a ideia da profundidade. Estas partes vermelhas não, não sei não consegui interpretar bem. Olhei mais aqui para esta zona central. (Estes negros laterais não fazem parte da imagem?) Não é mais esta parte aqui.</p> <p>(Máscara?) Aqui também não é. Porque lá está a forma (passa o dedo por cima do vermelho e negro) também podia ser uma máscara assim, com qualquer</p>	<p>(Dbl)D EF Arq</p> <p>Gbl F- Masc</p>

	coisa assim. Pronto acho que é isso.	
III 9'' Isto se calhar faz-me lembrar.. 5. Parece que está aqui um espelho e estão duas pe, uma pessoa a olhar para o espelho e está-se a ver a ela própria, tipo simétrico. E está sentada. Acho que é isto.	Este era das duas pessoas sentadas, uma pessoa sentada a olhar para o espelho, é mais a forma aqui desta. Primeiro são desenhos simétricos e depois a forma desta, parece uma pessoa sentada num banco e a olhar para um espelho, portanto está a ver o seu reflexo. Mais uma vez é a forma, olhei mais para aqui, por acaso não olhei muito para os vermelhos, mas para a imagem a preto. Exato.	G K H Ban
IV 15'' 6. Isto faz-me lembrar um ser grande, um, não é bem um monstro, mas uma pessoa sim, um tipo um monstro, fantástico, talvez com uma cara aqui. Sim.	Este fez-me, esta imagem fez-me lembrar uma pessoa grande ou um monstro, porque parece assim que está com os pés (Ban), e o corpo grande e largo, e aqui tipo uns braços (Ban) estranhos e uma cabeça também pequenina e estranha, e eventualmente aqui uma cara (sup, E) mas assim muito...não muito nítido.	G FClob (H)
V 3'' 7. Uma borboleta... uma borboleta.	Aqui a borboleta porque, sei lá, este a caudinha (eixo inf) da borboleta, as antenas (eixo sup), as asas (lat)...da borboleta .	G F+ A Ban
VI 7'' Que é que isto me faz lembrar?	Isto é a tal pele, quer que lhe diga? (G?) Não, é só mais esta	

<p>8. Faz-me lembrar um tapete. Um tapete de peles, uma amiga minha tem um tapete parecido assim. É isso, tapete.</p>	<p>parte aqui (retirando a parte sup). Esta parte aqui faz-me lembrar tipo um girino (sup). Ah, mas não, olhei mais, por acaso olhei mais para aqui, porque faz-me lembrar a pele de um tapete que uma amiga tem em casa, que os pais dela têm, e que eu não gosto (ri).</p>	<p>D EF A/Obj Ban R.A.: D F± A</p>
<p>VII 23'' Eu não sei bem o que é que hei de dizer aqui 9. Parece-me também aqui uma cara, mais uma vez, uma pessoa, uma senhora mais velha a olhar para um espelho e a ver-se a ela própria, sempre estes aqui parecem-me sempre que há aqui um espelho e, está a ver, aqui uma simetria. Parece que estão a olhar para ela e a ver-se. Nós estamos a ver de frente. Não sei dizer mais (ri)</p>	<p>Aqui lá está, é a senhora, principalmente esta zona aqui, portanto da cara do nariz, aqui a cara da senhora, não sei, faz-me lembrar uma velhota não sei bem porquê sei lá, se calhar porque está aqui curva, não sei bem explicar o que é que é isto (saliência sup ext no D med) . (A cara?) É isto aqui (perfil interior D sup) (E esta zona? D med) Esta zona pensei que era assim mais, que estava, eu imaginei uma velhinha porque pensei que estava assim mais curva mas não interpretei bem esta parte, aqui não tenho assim grande explicação. (inf?) não, não olhei, quer dizer, olhei mas não dei grande significado.</p>	<p>D K Hd</p>
<p>VIII 4'' 10. Não sei porquê faz-me lembrar um barco, acho que não tem nada a ver. Não tem muito a ver, mas sim, acho que me faz lembrar um barco, uma vela. ...Tipo</p>	<p>Esta aqui não sei bem porque é que eu disse um barco, mas continua a fazer-me lembrar um barco, não sei bem porquê, não consigo explicar. Não sei, esta</p>	<p>D bl F+ Obj</p>

<p>catamarã ou assim.</p>	<p>zona aqui parece uma vela (sup +med), mas também não faz muito sentido, não é, porque uma vela não é assim é mais (?) esta zona aqui verde e cinzenta. Por outro lado isto aqui também me faz lembrar um animal (rosa), já há bocado pensei nisso, o que está aqui a vermelho lateralmente, esta zona mais uma vez também não não interpretei muito (D inf), foi mais esta zona aqui.</p>	<p>RA: D F+ A Ban</p>
<p>IX 20'' 11. Aqui ...parece que está aqui alguém a apontar o dedo, tipo uma bruxa, ou assim, qualquer coisa que tem assim um chapéu, parece que está a apontar assim o dedo a alguém. Mas sempre o simétrico não é, sempre com o espelho.</p>	<p>(Sussurra) Esta eu já não me lembro o que é que eu disse. (voz normal) Ah esta era uma velha também, uma bruxa acho eu, com um dedo, assim a apontar. Era por causa desta zona aqui laranja, o chapeuzinho (no cimo do laranja) e este dedo, isto pareceu-me um dedo (recorte sup/int), grande, tipo a apontar mais uma vez, que engraçado, nunca olhei assim muito para a zona de baixo, mais esta zona aqui esta zona de cá de cima. Mas não sei. Acho que é só isso. E falta um.</p>	<p>D K (H) →Kp</p>
<p>X 12'' 12. Aqui....não sei parece-me vários animais... 13. Parece um caranguejo, 14. um coelho, não sei. Vários animais assim espalhados, assim</p>	<p>Este são os vários animais, como eu disse, faz-me lembrar os caranguejos (azuis), os coelhitos são aqui os verdes, ahh o que é que referi mais já não me lembro. Isto aqui também</p>	<p>G F± A D F+ A Ban D F+ A Ban</p>

<p>um ambiente mais variado, diversificado, não sei bem, acho que não está muito bem (ri) eu sei que não está certo nem errado. (ao arrumar os cartões:) Esses são aqueles de (vê o verso dos) ah exatamente cartões.</p>	<p>me faz lembrar um animal, mas não sei bem qual, os cinzentos que estão mais cá me baixo, não sei. Acho que é isso.</p>	<p>RA: D F±A</p>
---	---	------------------

Prova de Escolhas

-

Primeiro são escuros, não têm cor. Ah.

VII Não sei bem, esta senhora velhinha, acho que foi isso que eu disse, não tenho a certeza. Não sei, se calhar tenho algum problema com as velh, com a velhice (ri), mas não sei, é assim, parece assim mais feia.

VI E este aqui como faz lembrar a pele de um animal morto, também não gosto muito.

+

Têm cor, contrariamente aos outros não é, variedade, são variados.

VIII Isto faz-me lembrar um barco e eu gosto de barcos.

X E isto faz-me lembrar vários animais e portanto assim um sítio mais alegre e eu também gosto mais assim.

Psicograma

R = 14 Recusa = 0 Tmp T. Esp 6 min Tmp T + Inq 11 min Tmp p/resp 26seg Tmp Lat 12 seg	G = 5 Gbl = 2 G% = 50 ↑↑ D = 5 Dbl(D) = 1 D% = 43 ↓↓ D bl = 1 D bl % = 7	F += 6 ∑F = 8 F - = 1 F ± = 1 K = 3 EF = 2 F Clob = 1	A = 3 H = 1 Hd = 1 (H) = 3 Masc = 2 Obj = 1 Arq = 1 A/obj = 1	F% = 57 F+% = 81,25 Fa% = 86 F+%a = 87,5 A% = 21 ↓ H% = 14 H+(H)% = 36 Ban = 4
TRI: 3 K > 0 C F. Comp: O k < 2 E RC% = 36 Prova Escolhas + VIII e X - VII e VI		Elementos Qualitativos Comentário I		

Anexo 12: Eva, 1º TAT, 14 semanas

1

+++ Então isto é um rapaz, ah, parece estar triste ou não sei, por acaso parece-me estar triste a olhar para o violino, talvez queira aprender e não possa, ou talvez não tenha quem o ensine. Mas quer uma história mesmo história ou (A história que quiser, a história que me quiser contar). Então um rapaz que queria aprender violino, mas que ah, não, não conseguiu, não estava a conseguir sente-se um bocado triste porque não está a conseguir, sente que tem de se dedicar mais, mas não, mas também não tem tido grande ajuda exterior, se calhar dos pais, e portanto está assim um bocado triste, no geral, ah. Não sei, (ri) não tenho muito jeito para isto. (sopra) Não sei. Tenho de dizer mais alguma coisa? (Como quiser) Então pronto.

5

++ Hmm aqui temos uma dona de casa que está a espreitar o que é que o marido está a fazer (ri). Ahh e está a perguntar-lhe + O que é que ele está a fazer + Se quer vir ajudar (ri) Pronto acho que é isso que me faz lembrar. Está assim com um ar parece um bocadinho inquisidor, por isso é que estou a dizer que ela está a perguntar qualquer coisa. Parece dona de casa pela forma como está vestida e pela forma como está arrumadinha, a casa. Acho que é isso.

6GF

Isto parece a imagem de um filme + Aqui ++ temos um casal. + E não sei se eles estão a discutir, não sei se eles estão bem a discutir, eu acho que ela está também a perguntar qualquer coisa, estão, e está assim com um ar um bocado espantado e ele está a tentar explicar, e pronto estão nesse diálogo. Não percebo bem o que é que é isto aqui (observa canto inferior esquerdo da imagem). Sim acho que é isso.

7GF

Aqui temos uma rapariga que provavelmente + + ah está ali com um bebé e está assim um bocado descontraída, com o bebé assim um bocadinho em baixo (ri). Não sei, aqui diria que se calhar era uma irmã, a irmã do bebé e aquela será a mãe do bebé, e ela está, está assim com um ar um bocado descontente. Se calhar está farta de estar com o bebé ao colo e a mãe está a trabalhar, está a fazer qualquer coisa, por isso é que ela está a to, está a pegar no bebé. Mas não está assim com um ar muito feliz, está assim um bocadinho zangada.

19

+ Isto faz-me lembrar uma casa, na neve. Sim, isto parece uma casa na neve, é de noite, ah há neve por todo o lado, e vê-se aqui as janelinhas com luz em casa, está, há de estar uma família em casa, chaminé e pronto, acho que é isso.

Anexo 13: Eva, 2º Rorschach, 25 semanas

<p>I 2'' É, acho que toda a gente deve dizer o clássico, 1. aqui, a borboleta, uma uma ave, uma borboleta, sim, ou umas asas. 2. Alguém com umas asas. Acho que é isso. 3. Também podia ser uma máscara. Quer que eu vá pondo aqui? (refere-se ao móvel que está ao lado dela)</p>	<p>(Está hesitante, digo: a borboleta) A borboleta ou a máscara, não era. Olhe, mas explicar porque é que eu vejo aqui a borboleta ? (Como é que vê, o que é que a faz pensar na borboleta) Vejo aqui um corpo (med central) e vejo aqui as asas (D lat total). Ou vejo aqui uma máscara, portanto esta aqui a zona (Asas?) aqui lateral. E o corpo esta zona aqui central. Com o rabito (saliência eixo inf) aqui. Ah, a máscara porque tem estes estes olhos aqui e este nariz (bl central). E podia eventualmente ser uma máscara (Nariz?) Aqui. O nariz nunca estaria tão perto dos olhos, mas pronto, não interessa. Não é isso tão (impercetível). (Alguém com asas). Sim, pela mesma forma que podia ver aqui uma borboleta, podia ver aqui o corpo de uma pessoa, e aqui as suas asas, também, lateral, sei lá aqui com umas mãos (eixo sup) talvez. (Máscara G?) Sim, depois isto era a parte da cara.</p>	<p>Comentário G F+ A Ban G F+ H Gbl F+ Masc Comentário</p>
<p>II 15'' Isto é Não sei 4. Também pode ser uma máscara 5. ou um caminho. Um</p>	<p>O que é que eu disse neste? Ah o caminho, não era? Não sei bem porquê, isto faz-me lembrar um portão (verm inf), isto seria o género de um portão, e depois</p>	<p>Eq Choque Gbl F- Masc D bl EF Arq</p>

<p>caminho, sei lá, parece que é tipo género de um portão, depois aqui há um caminho, e aqui há qualquer coisa no final do caminho.</p>	<p>isto seria um caminho, largo, depois começava a estreitar, e aqui seria uma casa (negro), ou uma habitação, ou qualquer coisa, a que o caminho levasse. Mas pode ser mais ou menos para esta zona aqui que eu olhe, para a zona central, esta parte aqui não consigo perceber bem. (máscara) Pois porque aqui também, se, noutra imaginação podia ser aqui a zona dos olhos (Bl sup entre preto e vermelho), com este, aqui estas zonas aqui a branco, ah e isto seria a parte da máscara, com uma parte aqui para o nariz e para a boca (bl central). (G?) sim, isto é a parte toda da máscara, lateral, não é, aqui da cara, e depois (ri) eh pá mas isto não é nada, isto é a parte da boca e do nariz e isto é a parte dos olhos, e isto aqui também faz parte da máscara, esta parte toda, a vermelha e a preta.</p>	
<p>III 4'' 6. Aqui estão duas pessoas, sentadas uma em frente à outra ou então é tipo uma a ver-se ao espe, portanto é o reflexo, pode ser o reflexo de uma pessoa, a pessoa e o seu reflexo.</p>	<p>Isto era uma pessoa sentada, não é? Tipo, é uma imagem sim, acho que todas elas são, mas pronto, simétrica. Ah, portanto aqui seria uma pessoa sentada, num banco, não sei bem o que é que é esta parte encarnada, não interpretei (verm med), depois a olhar para a outra portanto ou a olhar para outra pessoa igual a</p>	<p>G K H Ban</p>

	ela, ou então faz mais sentido ser o seu reflexo, a olhar para um espelho e estar a ver o seu reflexo, está igualzinho, sentado no banco. Isto é a pessoa, o nariz da pessoa, sentado, um bocadinho estranho, mas pronto.	
IV 6'' 7. Não sei, aqui, sei lá, um monstro ou um bicho grande. Sim, alguém, ou um, não, alguém, sim qualquer coisa grande. Pronto.	G Ban Um monstro (ri). Ah vejo assim um corpo grande, aqui seriam os pés, aqui o corpo, tem as pernas, o corpo do monstro, os braços e a cabeça. (O que é que a faz pensar no monstro?) Ser um corpo grande, cinzento, ah, meio esquisito, estranho, ah, mas, parece que está em, assim em perspectiva, parece que estamos a vê-lo quase de baixo para cima, não é, portanto parece uma coisa grande, ah, e pronto, é por isso.	G Clob F (A)
V 2'' 8. Aqui isto também podia ser uma borboleta 9. ou um morcego. Se bem que uma coisa não tem muito a ver com a outra, mas pronto. Uma borboleta. Ou um morcego. Sim.	Aqui mais uma vez é o tal corpo, aqui com a cauda (eixo inf) mais definida, portanto isto faz mais lembrar uma borboleta do que o outro, mesmo assim. Com as antenas (sup Ban) da borboleta, o corpo da borboleta, e depois aqui as asas. Naturalmente, aqui tudo isto. (Quando hesita entre e a borboleta e o morcego, o que é que a faz pensar) Porque a borboleta normalmente associamos a mais cores e isto é escuro, portanto, ah, podia	G F+ A Ban G FC' A

	<p>eventualmente e depois estes recortes daqui das asas supostamente, não é, podiam ser os recortes também um bocadinho das asas dos morcegos, eventualmente e como isto é preto e escuro, ou cinzento, ah, não sei bem, mas quando olho assim de repente, logo, imaginaria assim uma borboleta, mas quando vejo com mais algum pormenor o ser escuro, etc, podia, fico hesitante.</p>	
<p>VI 4'' 10. Isto parece-me uma pele de um animal. Assim uma pele de um animal.</p>	<p>Isto seria uma pele de um animal um bocadinho estranha, porque eu não consigo perceber bem o que é isto (D sup), mas esta parte aqui (D med e inf) parece mesmo a forma de um tapete feito de uma pele de um animal. Isto aqui tudo. Aberto. É isso. (O que a faz pensar na pele é esse formato, são as cores) É este formato aqui, não é, este formato aqui. Eu acho que alguém que eu conheço tem um tapete deste género, portanto, por isso é que deve-me fazer lembrar isto. Tenho essa ideia.</p>	<p>D E F A</p>
<p>VII 4'' 11. Aqui parece mais, portanto, uma pessoa e o seu reflexo, ah, parece-me assim uma senhora, uma senhora porque faz-me lembrar uma senhora velhota, talvez por estar assim mais curva, a olhar-</p>	<p>Aqui, não sei bem, mas aqui também me faz lembrar uma senhora, uma velhota, sentada, ou pelo menos está a olhar para o espelho, para o seu reflexo e é principalmente esta zona aqui, do nariz e parece que está curva</p>	<p>D K H</p>

<p>-se ao espelho.</p>	<p>(ligação entre terço sup e terço med), assim, aqui. Isto seria a cabeça, isto não sei o que é que é, cá em cima, na cabeça, mas um penteado qualquer estranho. E depois aqui o corpo, e um bocadinho curva, ah e talvez este queixo e o nariz (recorte interior sup) façam lembrar. (O corpo?) O corpo seria isto aqui, faz-me lembrar uma velhota, sei lá, por causa, se calhar do nariz, ou do queixo, esta parte de baixo não sei bem. (Não faz parte, a parte de baixo, da sua imagem) Não.</p>	
<p>VIII 13'' Não sei. 12. Faz-me lembrar aqui tipo um animal, tipo um urso, estes dois a vermelho, ahhh, não sei, não sei bem mais o que é que me faz lembrar. Tem cores, sei lá. Não consigo definir bem (ri). Não sei. Posso só dizer isso?</p>	<p>Ah esta é difícil, este não sei, este não vejo grande coisa. Vejo aqui o urso, não sei bem porque é que me faz lembrar o urso, mas faz-me lembrar um animal assim grande, como um urso, dois. Mas de resto não consigo perceber bem, não consigo ter uma imagem muito explícita de mais nada.</p>	<p>D F+ A Ban Comentário Cor</p>
<p>IX 13'' Ai (em tom de suspiro). 13. Aqui parece-me ass, uma bruxa, assim com uns dedos grandes, a apontar. Ah, é isso.</p>	<p>Aqui também é estranho, é outra que também não é muito explícita, mas talvez esta parte só interpretei mais esta parte aqui de cima, a parte laranja, parece que é um senhor ou um homem, com um chapéu (recorte sup exterior) grande, e a apontar um dedo maior (recorte interior sup). Aqui. (Tinha-me</p>	<p>D K (H)</p>

	<p>falado na bruxa também) Sim! Ah por causa dos, parece, imagino um chapéu de bruxa aqui. (ri) É ridículo mas pronto.</p>	
<p>X 2'' 14. Aqui parece vários animais, pelo menos várias sombras de animais diferentes. 15 Ah, um coelho, não sei. 16. Parece uma aranha 17. ou um caranguejo, com as suas patas. 18. Cavalo marinho, podia ser aqui um cavalo marinho.</p>	<p>Aqui como tem várias cores, sei lá, pode-me fazer lembrar pelo menos dois animais, quer era os coelhos (verdes sup), os caranguejos ou aranhas. (Coelho?) São os verdes, em cima. E o azul aqui lateral seria ou um caranguejo, ou uma aranha. Não é muito explícito, mas pronto. E depois sei lá, como tenho várias formas, podiam ser vários animais, não muito definidos, ah mas, não sei porquê. (Sombras) Sim, sim, exatamente, como não é muito definido, talvez fossem sombras, mas pronto. Sombras coloridas. (?) Estas também estão incluídas. (cavalo marinho: verde inf)</p>	<p>G F± A D F+ A D F+ A D F+ A Ban D F+ A</p>

Prova de Escolhas

+

X Não sei acho que este é portanto (volta o cartão) o cartão X, posso dizer? O cartão X ah gostei deste porque tem, primeiro tem várias cores, é mais animado, mais alegre (ri) e tem faz-me lembrar vários animais e eu gosto de animais, eu sei que é bocadinho cliché dizer isto mas pronto, ah, e portanto faz-me lembrar alguma, movimento, alguma alegria, pronto.

V Ah a borboleta, ou o morcego, não sei bem, acho que isto é, é o cartão V, ah. ... Não sei, parece-me, vejo bem definido e parece-me uma imagem bonita ... A borboleta, principalmente a borboleta é um animal que eu gosto, e portanto. O morcego não adoro tanto, mas (ri) mas também não desgosto porque eu sou fã do Batman (ri) e portanto não é uma coisa, não é um animal que eu desgoste assim tanto. Não sei, e é mais por isso.

-

VI Depois, o cartão VI, parece-me uma pele de um animal morto, parece um tapete, ah, e portanto não, não gosto. Faz-me lembrar um animal morto e portanto não gosto.

VI E este, portanto o cartão IV faz-me lembrar um bicho ou um monstro e é sempre aquelas personagens que nós não gostamos, nos filmes, em criança, é sempre o que nos faz um bocadinho de medo. E é um bocadinho, representa um bocadinho os receios, e então não gosto tanto.

Psicograma

R = 18 Recusa = 0 Tmp T. Esp 5 min Tmp T + Inq 17min Tmp p/resp 17seg Tmp Lat 6,5	G = 7 Gbl = 2 G% = 50 ↑↑ D = 8 D% = 44 ↓↓ D bl = 1 D bl % = 6	F+= 9 F-= 1 F± = 1 K = 3 FC' = 1 EF = 2 Clob F = 1	A = 10 (A) = 1 H = 3 (H) = 1 Masc = 2 Arq = 1	F% = 61 F+% = 86 Fa% = 83 F+%a = 90 A% = 61 ↑ H% = 22 ↑ H+(H)% = 36 ↑↑ Ban = 4
<p>TRI 3 K > 0,5 C</p> <p>F. Comp 0 k < 2 E</p> <p>RC% = 0,27</p> <p>Prova Escolhas + X, V - VI, IV</p>		<p>Elementos Qualitativos</p> <p>Eq. Choque II</p> <p>Com. Cor VIII</p> <p>Comentário I, I</p>		

Anexo 14: Eva, 2º TAT, 25 semanas**1**

Ok ++ portanto, aqui temos um rapaz, novo + que está a olhar com, tem, está com um olhar pensativo ah, não percebo bem se é porque ele não sabe tocar vio, não sei se é, isto é, um violoncelo, violino, ou quer aprender ou não sabe, ou está, ou está, mas ele não está com um ar muito contente, está com um ar assim mais chateado, e portanto esse rapaz queria eventualmente ah aprender o viol violino, mas depois ou não está a conseguir, está com algumas dificuldades e está com um livro por baixo, significa que estaria a praticar. Ah um instrumento, mas que não está a ter eventualmente o sucesso que desejava. Porque está com um ar triste.

5

++ Aqui temos uma sala, com uma senhora, eventualmente a mãe, a espreitar, a ir dizer qualquer coisa aos filhos ou ao marido, talvez, podia ser um escritório, ah, ir avisar de qualquer coisa, chegou alguém, ou o jantar está pronto, ou temos que ir, não sei, não sei o que dizer (ri).

6GF

++ Aqui temos um homem e uma mulher, não percebo se ela, eu acho que ela está com um ar ou de surpresa, surpreendida, ah, ou o senhor, o homem, não sei, não percebo se é o marido, mas eventualmente, ou está-se a zangar com ele, mas não me parece bem um olhar zangado, parece mais um olhar de surpresa, não sei se ele está-lhe a fazer alguma proposta indecente (ri) ou está-lhe a contar uma notícia e ela ficou surpresa com, foi apanhada de surpresa.

7GF

Aqui temos uma rapariga a tomar, a pegar num bebé de uma forma um bocadinho estranha, um bocado desleixada talvez, um bocado des preocupada, um bocado chateada talvez, e uma empregada ou mãe, não percebo a olhar para o bebé, talvez eventualmente com alguma preocupação, ah, que a rapariga não mostra.

19

Não sei, isto é difícil. Não sei, parece uma casa na neve, parece uma casa na neve, uma casa estranha, tipo aquelas casas dos contos de fadas. E tipo casinha de chocolate, mas na neve (ri). E está luz lá dentro, portanto estão pessoas dentro de casa, e é uma vista de fora, portanto alguém está a olhar para a casa, não sei. Não sei.

Anexo 15: Eva, 3º Rorschach, 36 semanas

<p>I 10'' Ora, então vamos lá...</p> <p>1. Para mim, neste momento, uma máscara. ... Uma máscara... (É tudo?) Sim.</p>	<p>Esta é a máscara, não é. Ah, explique em termos (me mostre como é que vê, onde é que vê, o que é que). Para mim ah, aqui serão os olhos (bl sup), ah, parte aqui da cara, do queixo (eixo inf), é uma máscara grande, que apanha quase toda a cara, esta é a parte que vem aqui para trás, para as traseiras (?) esta parte aqui vem aqui para trás, apanha a máscara (zona lat sup, 'asas'). E pronto, é isso, é mais ou menos isso. Não sei, faz-me lembrar a forma de uma máscara da cara, esta parte, olhos, esta parte não sei bem, mas esta parte completa aqui o perfil da cara.</p>	<p>Comentário Gbl F+ Masc</p>
<p>II 17'' Ahhh (sopra)... Não sei, eu diria que talvez, sei lá, isto parece tipo assim,</p> <p>2. uma floresta, uma entrada para uma quinta, aqui tipo uma entrada aqui, o caminho, a quinta eventualmente aqui, aqui tipo o jardim, da quinta, aqui à volta. Acho que é porque eu ando a ver o Downton Abbey.</p>	<p>Aqui não sei, eu, eu sempre que olho para isto vejo um bocado tipo assim perspectiva, ah, parece-me uma, portanto uma entrada (verm inf), aqui, nesta zona, depois uma abertura (bl), portanto uma zona ampla, que vai estreitando (final bl), portanto em que eu estou a ver ao longe, não é, se eu estiver aqui neste ponto estou a ver ao longe e daí o estreitamento, aqui e aqui algures eventualmente uma casa (junção negro), não sei. E depois aqui (negro lat)</p>	<p>Gbl EF Paisag Comentário</p>

	<p>como está mais escuro poderá eventualmente ser a parte do jardim, da casa. (Toda a zona escura ou essa aí de cima?) Sim, esta zona aqui lateral. (A parte vermelha sup entra?) Não, não entra.</p>	
<p>III 2'' 3. Aqui é alguém sentado, em frente a um espelho, a ver a sua imagem, o reflexo.</p>	<p>Aqui também me foco, mais uma vez, aqui na parte escura. Portanto aqui vejo um perfil de uma pessoa (Ban) sentada. Aqui é a cara, não é, o nariz ou o queixo, qualquer coisa. Pescoço, o corpo da pessoa, mal definido, mas pronto, sentado. E como, portanto, é o espelho, não é, é igual, e portanto está a refletir, está-se a a ver ao espelho, sei lá, sentado num bar, estou a imaginar. Mas não consigo interpretar bem esta parte, as partes encarnadas. (A parte do meio faz parte?) isto é tipo faz parte do banco, os assentos, o coiso para o pé, ou, isto não faz sentido nenhum, mas pronto.</p>	G K H Ban
<p>IV 5'' 4. Isto faz-me sempre lembrar um monstro, uma criatura grande, ah, um monstro grande, não tem que ser um monstro, mas uma criatura grande, gigantesca. Posso por aqui? (Coloca ela o cartão no monte)</p>	<p>Aqui temos o, a tal figura gigantesca, não é, a tal criatura gigantesca. Eu imagino, portanto, aqui é a parte dos pés, esta zona é os pés, aqui é todo o corpo, os braços, mais pequeninos, a cabeça e, sei lá, aqui uma cauda ou, não percebo bem, mas eventualmente uma cauda. Estou a vê-lo de frente,</p>	G Clob F (A)

	assim, quase como se nós estivéssemos a ver assim, grande (ri).	
V 1'' 5. Aqui é uma borboleta. Uma borboletazita, um bocadinho escura, mas.	Aqui, a borboleta, são as asas, aqui a parte traseira da borboleta e as antenas, a cabecinha. A caudazita. (Disse-me que ela era triste) sim porque é escura, é toda cinzenta, quase preta, e por isso é um bocadinho triste, porque normalmente as borboletas têm mais cores. Normalmente?!, muitas delas, mas esta é uma borboleta assim mais, mais escura.	G FC' A Ban
VI 1'' 6. Este aqui também faz-me lembrar uma pele de um animal, tipo um tapete de pele de animal.	Aqui, portanto aqui é toda a parte do, se nós imaginarmos uma pele aberta, portanto o corpo do animal (D inf, começa pelo eixo), esta zona aqui será a zona das mãos, o corpo todo, esticado. Esta parte aqui não sei bem interpretar, a parte de cima. Não consigo perceber bem, mas sei que também faz parte da pele, mas não sei bem dizer o que é que é. E é isso.	G EF Pele
VII 2'' 7. Este é sempre a velhota, sentada. Ou, uma velhota, sim sentada. A ver-se ao espelho, também, a ver o seu reflexo.	Aqui faz-me sempre lembrar uma velhinha porque, não sei, por causa desta estrutura aqui, parece que é o cabelo (sup) dela arranjado de alguma forma. É em perfil não é, estamos a ver perfil. Aqui o nariz, a boca, aqui nesta zona, portanto aqui é a cara. Depois é assim baixinha e	D K H

	<p>curva, ah, faz esta curva (segundo terço) aqui. E está-se a olhar ao espelho, também porque estamos a ver o o reflexo dela. Pronto, esta parte aqui não sei bem, a parte de baixo (3ºterço)</p>	
<p>VIII 17” Não sei bem. É assim esta imagem não consigo vê-la assim normalmente, como um todo, se calhar como vejo aquelas. 8. Aqui vejo um urso (ri), não sei bem porquê, ou um tigre, ou um urso portanto um animal assim comprido, grande. 9. E depois aqui, no resto das cores, vejo por exemplo uma pele, aberta, também tipo um tapete de pele. Mas não faz muito sentido, mas não, não consigo unificar a imagem.</p>	<p>Pois, aqui só me faz lembrar um animal aqui, nestes dois vermelhos laterais, portanto aqui é o corpo do animal, as patas, portanto as quatro patas, está em andamento, ah e não consigo perceber bem o resto do desenho, não consigo interpretar. Portanto na minha visão só vejo, só olho para aqui e vejo essas formas. (Falou-me em poder ser um urso ou um tigre, o que é que a fez pensar nesses animais?) O corpo, a forma do corpo, são compridos e grandes. Pronto, obviamente que o urso e o tigre não são iguais, mas têm, mas podia ser um urso um bocadinho mais esguio, quase parecido com um tigre (ri). (Também tinha falado, aí nas cores, que tinha dificuldade em definir, mas falou na possibilidade de ser uma pele) Pois, porque.. aqui esta, mais esta parte aqui, de baixo (rosa+laranja), ah tipo as pernas abertas (lateral inf), falta-lhe é um bocado dos braços</p>	<p>Crit Subj/ Obj D F+ A Ban D F± Pele /obj Comentário</p>

	aqui, mas como também é simétrico podia ser eventualmente uma pele aberta. (A parte de cima não?) Não.	
IX (Sopra) 18'' É assim, aqui, mais uma vez a mesma coisa, 10. eu aqui em cima parece que vejo alguém, uma pessoa, tipo parece uma bruxa ou assim qualquer coisa, por causa do chapéu, a apontar um dedo muito grande (ri), mas é na parte laranja, depois na parte verde e cor de rosa não percebo bem, não consigo achar assim nenhuma forma específica. Só me concentro mais aqui nesta zona mais superior.	Aqui (boceja), aqui vejo a tal pessoa, porque para mim isto é um chapéu e um nariz (saliências sup), e depois aqui há um dedo grande a apontar para qualquer coisa. Ah, aqui por baixo não sei bem, não consigo perceber estas formas, mas aqui só me lembra um corpo de um homem a apontar o dedo. (Também falou na ideia de bruxa) Pois por causa do chapéu. (E quando diz homem, é porque faz referência a outro?) Pois, não sei porque é que eu digo homem, talvez seja o tamanho do corpo, se eu imaginar que isto é um corpo de uma pessoa, é uma pessoa, e talvez seja o tamanho do corpo que me faz lembrar um homem.	Comentário D K (H) Crit Subj RA D F+ H
X 2'' Isto é a miscelâmia, mis-ce-lânea, acho que é isso, vejo vá, quer dizer eu não consigo definir bem 11. os animais, mas vejo várias cores e não sei porquê associo animais, talvez este aqui a parte azul e a parte verde, ah, 12. a parte verde pode-me fazer lembrar um coelhinho,	Este, este lá está, eu não consigo perceber bem as formas, mas como estão muitas cores faz-me lembrar, não sei porquê, animais. Portanto, aqui seria eventualmente um caranguejo, com mais patas do que era normal, um coelho porque tem aqui, parece que tem aqui umas orelhas, e o corpo pequenino.	D F± A D F+ A

13. a parte azul tipo um caranguejo, ou assim. Mas pronto, é assim várias, uma diversidade de qualquer coisa que eu não consigo definir bem.	Ahh e depois o resto não consigo perceber bem o que será mas associao, não sei porquê, a animais.	D F + A Crit Subj
--	---	--------------------------

Prova de Escolhas

+

X Gosto deste cart, desta imagem porque tem, é colorida, ah, lá está, representa um bocado a diversidade, parece algo, bastantes animais, em qualquer sítio, não sei bem. Ah, e acho que tem a ver com isso, mais com a diversidade e com a cor.

V Este aqui como faz lembrar uma borboleta, embora uma borboleta mais triste, mas como eu gosto de borboletas, gosto deste cartão. Acho que é isso.

-

VI Este faz-me lembrar uma pele de um animal morto, e portanto não gosto (ri), tapete, animais. Não gosto disso, nunca gostei.

VII Este é a senhora velhota, não, também não adoro. Ela é assim, parece um bocado género bruxa (ri), está assim muita curva, com um nariz um bocadinho grande. Ah, e então não, não não gosto muito. Ah talvez porque, a minha avó tem tido uma velhice um bocadinho difícil (ri), e então talvez esteja a reportar para ela. Coitada, eu gosto dela, mas não tem sido fácil, uma pessoa fácil.

Psicograma

R = 13 Recusa = 0 Tmp T. Esp 4min,45seg Tmp T + Inq 16 min Tmp p/resp 22 seg Tmp Lat 7,5 seg	G = 4 Gbl = 2 G% = 46 ↑↑ D = 7 D% = 57	F+= 4 ∑F= 6 F±= 2 K = 3 FC' = 1 EF = 2 Clob F = 1	A = 5 (A) = 1 H = 2 (H) = 1 Masc 1 Paisag 1 Pele = 1 Pele/obj= 1	F% = 46 ↓ F+% = 67 ↓↓ Fa% = 77 ↑ F+%a = 90 A% = 38 H%= 15 Ban = 3 ↓
TRI = 3 K > 0,5 C F. Comp = 0k < 2 E RC% = 23 Prova Escolha + X, V - VI, VII	Elementos Qualitativos Crit. Obj. VIII Crit. Subj. VIII, IX, X Comentário I, II, IX			

Anexo 16: Eva, 3º TAT, 36 semanas

1

Cá está o rapazito. Este rapaz + + eu não sei bem se ele está, + está com um ar um bocado pensativo a olhar para o violino. Não sei se ele estará triste ou desiludido, mas pronto, a história pode ser de um rapaz que + está um bocado desiludido por não estar a conseguir tocar o violino, ah e e se calhar eventualmente um bocado cansado, ah porque está a tentar sem sucesso. Porque ele está com um ar um bocadinho triste, ou pelo menos cansado. Ahh e pronto acho que é, acho que é assim, é esta a história, não sei se terá um final feliz ou não (ri). Mas neste momento não está a ser um bom momento da vida do rapaz.

5

Esta é a mãe, de família, que está a chamar, sei lá, o marido e os filhos para o jantar. Ah, eles estão, ou o marido está na sala a trabalhar, e ela vem chamá-lo, ah se calhar já os tinha chamado mais do que uma vez, porque está com um ar assim mais, ah pronto uma cara mais carregada. Ah, mas pronto é tipo a mãe dona de casa a chamar alguém para jantar. Jantar porque parece que há aqui sombras e portanto eventualmente as luzes estariam ligadas (ri) e, e pronto, é a dinâmica familiar da hora de jantar (ri).

6GF

+ Ah, aqui, aqui o se, portanto temos um casal, em que ele está a contar uma novidade surpreendente à namorada, mulher, e ela está com um ar surpreendido, a ouvir, ah e pronto, e, pode eventualmente ser um pai e uma filha, mas eu diria que é mais um casal.

7GF

+ Aqui temos uma rapariga muito desinteressada no bebé que tem nos braços, a pegá-lo de uma forma estranha, ah, e alguém, uma ama, uma empregada, ah, a olhar, a portanto de alguma forma. Não, ela eventualmente pode estar a ler um livro, agora é que eu estou a ver. A contar uma história. Exato acho que ela está a contar uma história. Ah, e está a rapariga a olhar com um ar muito cha, aborrecido e com o bebé assim, sei lá, como se fosse uma grande chatice estar ali.

19

+ Esta faz-me sempre lembrar uma casa tipo na neve (ri). Portanto temos uma casa, onde temos as janelas da casa, é neve porque, portanto vejo branco aqui, que eu não sei bem o que é que será. Aqui uma chaminezita, uma casa, em que estamos a olhar de fora, do lado de fora para dentro da casa, estamos a ver que está luz, que tem pessoas, que tem movimento, que tem família.

Anexo 17: Petra, 1º Rorschach, 14 semanas

<p>I</p> <p>11''</p> <p>Mas relacionado com a... (com?) É que isto é péssimo eu estar a fazer isto porque ... Isto vai ser difícil para mim estar a responder porque eu já estudei isto ah.. e pronto.</p> <p>1. Esta parece-me um morcego, mas eu já sei que isso é mecanismo de defesa por isso (ri) (Não necessariamente, o que eu lhe peço é que, dentro do que lhe for possível conhecendo o material, seja o mais sincera possível e que se deixe ver o que quiser ver nos cartões.)</p> <p>Pronto, porque eu já olhei para eles tantas vezes e</p> <p>Pronto, mas realmente parece-me um morcego, eu não sei.</p> <p>2. Depois parecem-me continentes aqui à volta ...</p> <p>3. E ilhas</p> <p>4. Parece-me que têm um cinto, (ri) sei lá, isto é muito esquisito,</p> <p>5. Pois é países, ilhas e um morcego.</p>	<p>Morcego: O morcego é tudo (O que a faz pensar num morcego?)</p> <p>Tipo asas, aqui uns olhinhos (eixo sup) e assim umas mãozinhas (eixo sup), é a figura, os contornos.</p> <p>Continentes: A parte branca que está fora, não é o preto, é o branco.</p> <p>Ilhas: Estas coisitas pretas que andam para aqui à volta (Dd exteriores à mancha).</p> <p>Cinto: Esta coisinha aqui com este branco (?) parece que tem aqui um risco e depois tem assim aqui o branco que é tipo a presilha (zona central, horizontal, presilha no branco).</p>	<p>Comentários</p> <p>Crítica subjetiva</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>Comentários</p> <p>Intervenção investigadora</p> <p>Comentário</p> <p>Dbl F± Geo</p> <p>Dd F± Geo</p> <p>Dd bl F+ Obj</p> <p>Dbl F± Geo</p>
<p>II</p> <p>2''</p> <p>6. Pronto este parecem-me dois elefantes, no circo (ri).</p> <p>7. Com sangue e</p> <p>8. tipo com um chapeuzinho ...</p> <p>9. Depois isto aqui no meio parece uma nave espacial</p> <p>10. Depois parece-me aqui aquela</p>	<p>Elefantes: Pronto é o preto, os contornos (D lat)</p> <p>Sangue: É aqui esta parte de baixo vermelha (inf).</p> <p>Chapeuzinho: Estas coisinhas vermelhas, este pareceu o chapéu (verm sup), este parece o chapeuzinho do papa (verm na parte sup/lat da mancha preta).</p>	<p>D Kan A Ban</p> <p>D C Sangue</p> <p>D F+ Obj</p> <p>Dbl Kob Obj</p> <p>D F- Obj</p>

<p>coisinha do papa, eu não sei como é que se chama</p> <p>11. Isto se calhar parece-me tipo, não sei bem, o útero, ou ali a parte reprodutora feminina (clarifica a voz).</p>	<p>Nave espacial: Este branco aqui do meio.</p> <p>Útero: Se calhar é este vermelho (inf) (?) É a imagem e é a cor.</p>	<p>D FC Sex</p>
<p>III</p> <p>2''</p> <p>12. Isto parecem-me duas pretas (ri).</p> <p>13. Aqui parecem-me uns pulmões.</p> <p>14. Aqui também a bexiga ou...</p> <p>15. E um órgão interno qualquer.</p> <p>16. Isto aqui no meio também os pulmões, o vermelho</p> <p>17. Depois parece que estão tipo a cozinhar ou a fazer uma dança.</p>	<p>Duas pretas: A figura preta os contornos.</p> <p>Pulmões: É aqui esta parte de baixo, mais cinza mais claro, (?) é os contornos, a figura em si (preto med).</p> <p>Bexiga: É o vermelho (sup), mas é por causa dos contornos, também da forma.</p> <p>Pulmões: Este vermelho (médio) (Cor contribui?) Sim, (lá em baixo não?) Não isto é mais tipo a caixa torácica (nos pulmões no preto), e isto é mais os pulmões (verm).</p> <p>(Cozinhar ou dançar?) Porque isto parece tipo um tacho. E porque elas parece que têm algum dinamismo, não é estanque, a figura.</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F± Anat</p> <p>D FC Anat</p> <p>G K H</p>
<p>IV</p> <p>2''</p> <p>18. Parece-me o homem das neves</p> <p>19. a andar de bicicleta (ri)</p> <p>20. E tipo com uns sapatos de palhaço</p> <p>21. e aqui tipo umas orelhas</p> <p>22. ou uns braços, não sei bem</p> <p>23. Ou então tipo aquelas peles que a minha avó tinha em casa, aqueles tapetes que são tipo as peles dos animais transformadas em tapete ... Sim.</p>	<p>Homem da neves: Os contornos e a cor.</p> <p>Bicicleta: Parte aqui de baixo (eixo med inf).</p> <p>Sapatos: Parte cinzenta mais clara (inf lat).</p> <p>Orelhas/braços: Esta parte que tem aqui os buracos.</p> <p>Pele: A figura toda, os contornos da figura toda.</p>	<p>D KClob (H)</p> <p>D F- Obj</p> <p>D F+ Obj</p> <p>D F- Hd</p> <p>D F+ Hd</p> <p>G EF A Ban</p>

<p>V 2''</p> <p>24. Isto parece-me um morcego.</p> <p>25. Sei lá, aqui se calhar outros animais na ponta, tipo uns crocodilos. Isto é, pronto é complicado, estar aqui a dar significados. Depois estão-me a vir montes de coisas à cabeça, de, relacionadas com as aulas, então sei lá, está a ser um bocado difícil estar aqui a dar significados. (Depois de guardar o cartão já a mostrar o próximo:)</p> <p>(ri) Agora tenho que ver o que é que esta significa para eu ter bloqueado nessa.</p>	<p>Morcego: Contornos.</p> <p>Crocodilos: Parte cinzenta mais clara aqui das pontas, por causa dos contornos. (?) Esta parte parece a boca aberta, esta parte de baixo parece tipo (?) a face, sim.</p>	<p>G F+ A Ban D bl F+ A</p> <p>Critica subj/obj Comentários</p>
<p>VI 1''</p> <p>26. Isto parece-me um gato espalmado com os bigodes.</p> <p>27. Tipo também aqueles tapetes ... Sei lá.</p> <p>28. Depois aqui parece-me um bocado parte de Portugal, tirando esta coisinha aqui não é. ...</p> <p>29. Aqui parecem-me uns testículos ...</p> <p>30. E aqui a traqueia ou essa parte do corpo.</p>	<p>Gato: Por causa dos bigodes e das formas (?) (G)</p> <p>(Tapete G)</p> <p>Parte de Portugal: É aqui, tirando isto, mas é tipo o contorno externo (?) É o preto, o branco é o mar, tipo oceano (recorte esquerdo).</p> <p>Testículos: (eixo inf) Estas duas bolinhas aqui em baixo cinzentas claras.</p> <p>Traqueia: (eixo) Esta parte aqui mais preta que tem estas coisinhas brancas no meio (med/sup).</p>	<p>G F+ A</p> <p>G F± Obj</p> <p>Dd F- Geo</p> <p>D F+ Sex Dd bl F+ Anat</p>
<p>VII 2''</p> <p>31. Parecem-me duas raparigas a olhar ao espelho. Duas não, sim duas, duas a olharem-se uma para a outra.</p> <p>32. Depois aqui parece-me outra vez os pulmões ou essa parte</p>	<p>Aqui a cara (D sup), tipo o tronco (D med) e aqui rabo de cavalo (sup).</p> <p>Pulmões: Aqui, a parte de baixo (D inf).</p> <p>País: É isto, o que antes era o</p>	<p>D K H</p> <p>D F+ Anat</p>

<p>33. o tórax.</p> <p>34. Depois aqui parece-me tipo um país, estas partes aqui debaixo.</p> <p>35. E aqui parece-me um rabo dum gato, aqui esta parte de cima.</p>	<p>tronco, esta parte aqui.</p> <p>Rabo de gato: Aqui esta parte de cima (Saliência sup exterior do primeiro terço).</p>	<p>D F+ Anat</p> <p>D F ± Geo</p> <p>D F+ Ad</p>
<p>VIII</p> <p>2''</p> <p>36. Isto parece-me o corpo humano,</p> <p>37. com dois, dois animais. Ao lado. Tipo, não sei bem, tipo porcos, não é porcos, é, sim, não estou a ver bem, mas é desse estilo, mas selvagens, não é daqueles...</p> <p>38. Parece mesmo uma radiografia ao corpo humano. E é só. (ri)</p>	<p>Corpo: Esta parte toda, tirando aqui os cor de rosa exteriores (?)</p> <p>Ter assim uma coluna, e depois ter aqui ramificações, e depois ter aqui massas à volta, e ser simétrico, não é, mas pronto.</p> <p>Animais: São estas manchas rosa.</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F± Rad</p>
<p>IX</p> <p>4''</p> <p>Esta tipo é horrível (ri) eu sei que tem cores, mas mesmo assim (ri).</p> <p>39. Aqui parecem tipo umas lagostas em cima.</p> <p>40. Aqui no meio uns olhos.</p> <p>41. Aqui também tipo este verde outro país.</p> <p>42. Aqui este cor de rosa também animais.</p> <p>43. Isto aqui parece-me tipo a coluna vertebral, ou assim por aí.</p> <p>44. E aqui também me parece outro país, este laranja aqui de fora.</p>	<p>Lagostas: Isto aqui em cima, laranja, por causa da forma e da cor; só aqui este laranja mais escuro.</p> <p>País: (verde) Por causa dos contornos e ter aqui tipo o branco no meio, tipo um lago.</p> <p>Animais: (rosa) Pois, não sei bem, por causa da cor e do formato.</p> <p>Coluna: (eixo) Esta linha aqui no meio.</p> <p>País: (laranja) Já é a parte esbatida também.</p>	<p>Crítica obj</p> <p>D FC A</p> <p>Dbl F+ Hd</p> <p>D bl F± Geo</p> <p>D F± A</p> <p>D F+ Anat</p> <p>D F± Geo</p>
<p>X</p> <p>1''</p> <p>45. Isto parece-me tipo uma festa no, no fundo do mar, tipo</p> <p>46. aqui com cavalos marinhos, estes cor de rosa.</p>	<p>Cavalo marinho: rosa</p> <p>Lagosta: Já não me lembro, se calhar era aqui (cinz sup).</p> <p>Ratos: Esta parte aqui mais escura, por causa da cor e da</p>	<p>G Kan Cena</p> <p>D F+ A</p>

47. Depois aqui parece-me, parece-me tipo uma lagosta ou desses animais.	forma (castanho).	D F+ A
48. Ou então também ali os pulmões.	Algas: Isto o azul, os verdes (inf e sup), estas também.	D F- Anat
49. Depois aqui parecem-me uns ratos.	Pássaros: Este amarelo aqui e estes.	D FC A
50. Assim umas algas, assim coisas relacionadas com o fundo do mar. Eu agora estou a pensar porque é que eu estou sempre a falar em pulmões e no sistema respiratório (ri).	Soutien: Azul do meio. Caranguejos: Também eram estes azuis aqui da ponta.	D F± Bot
51. Parecem-me uns pássaros também estes amarelos.	Pulmões: Aqui em cima, o cinzento.	Comentário D FC A
52. E isto tipo caranguejos, assim essas.		
53. E isto aqui parece-me um soutien, isto azul.		D F+ A Ban
54. O (hesita balbucia) laranja também parece tipo os pulmões (ri). Agora vai-me dizer porque é que eu estou sempre a ver pulmões. Pronto já está. Tenho que ir investigar.		D F+ Obj D F- Anat

Prova de Escolhas

+

X Este é dos que mais gosto. (Vai passando os cartões, escolhendo e hesitando).

III Porque... Por causa do movimento, porque identifico como sendo figuras femininas, estão a fazer assim alguma coisa em conjunto. Eu já não sei, isto agora parece-me um laço, se calhar disse pulmões há bocado ah.. pois mas esta parte agora não sei se escolhi bem, se calhar troco (ri).

IV Gosto mais deste, porque este acho mais divertido, porque é tipo uma figura, tipo é o homem das neves a andar de bicicleta, que acho assim uma coisa surreal e engraçada e divertida, pronto, por isso é que, tem tipo assim uns sapatos parecem de palhaço, acho uma coisa mais dinâmica.

X E este porque parece que é tipo uma festa parece que há mais cor, há mais espaço, não está assim tudo tão sufocado e tão apertado, as coisas parece que estão mais ou menos em harmonia, e, não sei, são as cores se calhar, gosto.

-

IX Este tipo odeio, porque não há assim grande definição nas imagens, são cores que se vão esbatendo e tipo estão a morrer, não sei, não há assim nada, não é uma coisa assumida, é tipo pastel e vai desvanecendo. Depois não sei se é tudo massas, não há grande definição.

VIII Deste não gosto, faz-me lembrar o interior do corpo aqui com dois animais, tipo porcos selvagens, não é bem porcos, mas é assim por aí. Apesar de ter cor, acho que as cores são, são esbatidas, e, e não é que sejam tristes, mas são desmaiadas.

Psicograma

R = 54 ↑↑ Recusa = 0	G = 8 G% = 15 ↓	F+ = 20 ΣF = 40 F- = 9 F± = 11	A = 14 Ad = 1 H = 3 Hd = 3 (H) = 1 Anat = 11 Geo = 7 Obj = 8 Sex = 2 Sangue = 1 Cena = 1 Bot = 1 Rad = 1	F% = 74 F+% = 64 ↓↓ Fa% = 94 ↑↑ F+%a = 72 ↓ A% = 28 ↓ H% = 13 Ban = 7
Tmp T Esp 7 min	D = 36 D% = 67	K = 3 Kan = 2 Kob = 1 KClob = 1		
Tmp T+ Inq 21m	Dd = 2 Dd% = 4	FC = 5 C = 1 EF = 1		
Tmp p/Resp 8 seg	Dbl = 4 Dbl% = 7			
Tmp Lat med 3 seg	D bl = 2 D bl% = 4 Dd bl = 2 Dd bl% = 4			
TRI: $3K < 4 \sum C$ F. Comp: $3k > 1 \sum E$ RC% = 35 Prova Escolhas + X, III, IV - IX, VIII	Elementos Qualitativos Comentários I, V Crit Subj I, V Crit Obj IX			

Anexo 18: Petra, 1º TAT, 14 semanas

1

Todas, ou uma história por cada uma? + Hmm, então isto é um menino, que quer tocar violino, e o violino está estragado. Quer mais pormenores? (é a sua história) +++ Ele também pode ir ter uma atuação e estar preocupado disto estar estragado, pronto. +++ E está pensar o que é que há de fazer para as coisas correrem bem, como é que há de arranjar o violino. Não sei. Quer que eu ponha mais personagens? (como quiser a história é sua) ++ Hmm acho que é só isto.

5

Pronto, eu já só vou para as preocupações (ri). Isto pode ser uma mãe. Está tipo preocupada com esse filho do violino e está a ver o que é que se passa, se está tudo arrumado, se está tudo organizado, também está com uma cara preocupada, se calhar está a pensar que alguma coisa está mal, o que é que ela pode fazer para resolver. Ou então está à procura do filho, não sabe onde é que ele está, está a ver se ele está na sala. ++ Pronto, já me parece assim uma coisa mais antiga, pelos móveis, pelo fato, pela roupa. + Acho que é, ou não sou boa a contar histórias, ou vejo assim sentimentos (ri) tipo preocupação e... É preocupação basicamente (ri).

6GF

Isto pareceu-me agora assim, à primeira vista, uma mulher apanhada em flagrante pelo, pelo marido, podia estar assim a mexer em qualquer coisa que não devia. Ou ele está-lhe + está a surpreendê-la mas não de uma forma positiva. E depois está a fumar cachimbo, também não gosto muito. ++ Não sei, mas parece assim tipo de surpresa e ++ Não sei, ela estaria a fazer qualquer coisa, ou devia ter feito qualquer coisa e não fez, e ele foi apanhá-la de surpresa para repreendê-la, digamos assim.

7GF

(Ri) Primeiro vi uma mãe e uma filha e depois é que vi o bebé. Não, se calhar não sei se é mãe. Qual é a história? Pronto, é uma criança que está a brincar (ri) com o boneco e parece-me mais a empregada, pela forma como tem tipo esta parte aqui à volta aqui do vestido, e que a miúda está chateada que queria ir brincar com outras coisas e tem de ficar a tomar conta. Isto é completamente projetivo não é (ri). Tinha de ficar a tomar conta da criança, e a empregada está tipo a tentar ajudá-la a perceber o que

é que ela deve fazer. + Depois (balbucia) vê-se que ela é muito nova para estar a tomar conta de crianças.

19

Aqui. Isto é assim (manipula) ou assim. Aqui parece tipo uma casa na neve. Isto é um bocado esquisito, por um lado parece uma casa na neve, depois parece que há tipo aqui monstros à volta, parece-me tipo aquelas imagens da + ai agora esqueci-me do nome + da daquela escritora + que tem a casa de chocolate. Sabe qual é? +++ Acho que é do Hansel e Gretel, é por aí, pronto, parece-me dessas imagens. Parece-me que lá dentro está tipo uma fogueira e está quente, mas cá fora está tipo o caos, uma tempestade e as pessoas não podem sair, e há coisas assustadoras. Isto aqui parece-me um animal. +++ Isto parece-me uma cena qualquer numa montanha, no meio da neve, numa tempestade. E que as pessoas não podem sair porque cá fora está, está intempéries.

Anexo 19: Petra, 2º Rorschach, 26 semanas

<p>I 1'' 1. Pronto, um morcego, não é 2. E aqui uns continentes (diz algo muito baixinho). 3. E um cinto (impercetível, qualquer coisa a localizar a correia).</p>	<p>Morcego: É o preto todo. (C?) Acho que se fosse de outra cor também era a mesma coisa. Continentes: Aqui sendo o branco o mar e o preto, aqui estes contornos, sendo o continente. Cinto: Aqui esta bolinha branca no meio e esta parte preta mais escura.</p>	<p>G F+ A Ban D bl F± Geo Dd bl F+ Obj</p>
<p>II 2'' 4. Dois elefantes no circo, 5. com um chapeuzinho 6. Aqui um foguetão no branco. 7. E aqui uma parte do corpo humano. É tudo.</p>	<p>Elefantes: O preto. Chapeuzinho: Há aqui dois, esta coisinha vermelha (verm sup), e estes aqui em cima (verm no topo dos negros) Foguetão: A parte branca interna. Parte do corpo humano: O vermelho (inf), por causa da cor e da forma. (C?) Ser vermelho.</p>	<p>D Kan A Ban D F+ Obj Dbl Kob Obj D CF Anat</p>
<p>III 4'' 8. Aqui duas pretas a cozinhar. 9. Aqui tipo o fígado. 10. Um laço. 11. E aqui tipo o esterno. (vou comer as bolachas todas)</p>	<p>As mulheres (Ban) O fígado é nestas coisas aqui vermelhas (sup). Laço: O vermelho aqui (med) Externo: Esta parte aqui cinzenta (inf central)</p>	<p>G K H Ban D F- Anat D F+ Obj Ban D bl F+ Anat</p>
<p>IV 2'' 12. Esta parece-me sempre o abominável homem das neves a andar 13. de bicicleta. É que nesta é difícil ver mais coisas.</p>	<p>Isto é tudo. Tipo aqui a bicicleta (eixo inf), o homem, as pernas, os braços, a cara.</p>	<p>D KClob (H) D F- Obj</p>

<p>V 2'' 14. Um morcego. Pronto. 15. Aqui se calhar um focinho de um animal. Um crocodilo, para aí.</p>	<p>O que é que disse nesta, o morcego não é? É tudo e depois aqui os animais, esta pontinha aqui mais clara.</p>	<p>G F+ A Ban D F+ Ad</p>
<p>VI 2'' 16. Isto faz-me lembrar aquelas peles que havia em casa dos meus avós, que é tipo um animal (impercetível) aqui os bigodes, na parte de cima. 17. Se calhar aqui esta parte vai dar a algum, um país ou, por aí. 18. Aqui os genitais em baixo.</p>	<p>Aqui também é, é tudo, a figura toda, aqui os bigodes, aqui os genitais em baixo, já não sei o que é que disse mais. País: Aqui à volta, esta parte branca, mas sendo agora o país o branco.</p>	<p>G EF A Ban Dbl F± Geo D F± Sex</p>
<p>VII 3'' 19. Isto faz-me lembrar duas meninas a olharem para o espelho, esta parte aqui de cima. 20. E aqui faz-me lembrar a parte interna do corpo humano. 21. Aqui tipo o penteado.</p>	<p>As meninas, esta parte de cima. E o corpo humano é aqui em baixo. (Cabelo?) É isto (saliência sup lateral)</p>	<p>D K H D F± Anat D F+ Hd</p>
<p>VIII 2'' 22. Faz-me lembrar o interior do corpo humano (ri). Esta parte toda. 23. Depois aqui dois animais, à volta. Aqui tipo o esterno. O corpo humano, a parte de dentro, a figura central.</p>	<p>Os animais é este rosa, e o corpo, pronto, é as partes todas.</p>	<p>D F± Anat D F+ A Ban</p>
<p>IX 2'' Isto pode-se virar não é?! (ri) 24. Porque isto assim faz-me lembrar aqui duas lagostas, esta parte cor de laranja. Mas assim faz mais sentido, e (ri) 25. Faz-me lembrar outra vez o raio do</p>	<p>Isto aqui é uma, pronto, o cabelo é o verde, a cara é esta parte aqui mais clarinha, é tipo os olhos brancos, aqui é tipo uma boca. Depois, ao contrário, as</p>	<p>D FC A</p>

<p>corpo humano.</p> <p>26. Tipo aqui pulmões.</p> <p>27. Aqui até me parece que tem aqui uma cara, esta parte branca sendo os olhos, tem aqui assim tipo a boca, aqui esta parte o nariz. Isto agora fez-me lembrar um palhaço, aqui com o cabelo e aqui com as bochechas, e um chapéu.</p>	<p>lagostas eram aqui o laranja.</p> <p>Pronto, mas é a figura toda.</p>	<p>D F± Anat</p> <p>D F+ Anat</p> <p>G K Hd</p>
<p>X</p> <p>4''</p> <p>28. Isto faz-me lembrar uma festa.</p> <p>29. Aqui faz-me lembrar dois leões marinhos, uma festa, mas tipo no fundo do mar.</p> <p>30. Aqui umas algas.</p> <p>31. Aqui uns ratos.</p> <p>32. No interior do corpo humano.</p> <p>33. Aqui no soutien.</p> <p>34. Aqui outros ratos, estes pretos.</p> <p>35. Aqui talvez um pássaro, este amarelo.</p> <p>36. Aqui também qualquer coisa de corpo humano, de, o sistema respiratório.</p> <p>37. Aqui também uns animais quaisquer.</p> <p>38. Aqui também, o laranja, uma parte do corpo humano.</p> <p>Assim mas no geral tipo em festa.</p>	<p>Aqui o cavalo marinho no cor de rosa, o soutien era o azul.</p> <p>Aqui era a parte interna do corpo humano, aqui eram tipo uns ratos (exo sup), aqui também (castanho). Aqui eram as algas. Já nem me lembro o que é que disse. Aqui também era a parte interna do corpo humano, aqui também (verde e laranja).</p> <p>Sist respiratório: É capaz de ser aqui (eixo sup). Que está com ratos, está (impercetível).</p>	<p>G Kan Cena</p> <p>D F+ A</p> <p>D F± Bot</p> <p>D F+ A</p> <p>D F± Anat</p> <p>D F+ Obj</p> <p>D FC A</p> <p>D FC A</p> <p>D F± Anat</p> <p>D F± A</p> <p>D F± Anat</p>

Prova de Escolhas

+

Porque acho que são divertidos, porque me transmitem..

X Este é alegre transmite-me movimento ah, sei lá, tipo uma festa, uma coisa, alegria, apesar de ter ali algumas coisas que eu não gosto muito, tipo os ratos, acho que no, na figura a coisa correu bem. Acho piada ter aqui o que eu acho que é um soutien.

IV E este porque acho que é uma figura.. se calhar mal compreendida mas numa situação divertida, que é tipo andar de bicicleta, então acho que faz (ri), uma coisa engraçada, transmite coisas positivas, para mim.

-

VIII e IX Estes porque.. são feias, não gosto das cores, as cores são muito esbatidas, fazem-me lembrar o interior do corpo humano, apesar deste eu ter dito que me fazia lembrar um palhaço, mas sei lá....não sei olho para elas e não sinto.. grande atração. Depois ter aqui tipo animais, aquelas também têm animais, mas sei lá, não. ...Sei lá são feias pronto, não me identifico com as cores, o que me fazem lembrar são coisas que eu não gosto.

Psicograma

R = 38 ↑ Recusa = 0	G = 6 G% = 16 ↓	F+ = 13 ∑F = 26 F- = 2 F± = 11	A = 11 Ad = 1 H = 2 Hd = 2 (H) = 1 Anat = 10 Obj = 6 Geo = 2 Sex = 1 Cena = 1 Bot = 1	F% = 68 F+% = 71 ↓ Fa% = 92 ↑ F+%a = 78,5 A% = 32 ↓ H% = 13 Ban = 7
Tmp T. Esp 7 min	D = 27 D% = 71 ↑	K = 3 Kan = 2 Kob = 1		
Tmp T + Inq 16 min	Dbl = 2 Dbl% = 5	KClob = 1 FC = 3		
Tmp p/resp 11 seg	D bl = 2 D bl% = 5 Dd bl = 1 Dd bl % = 3	CF = 1 EF = 1		
Tmp Lat 2, 4 seg				
TRI: $3K > 2,5 \sum C$ F. Comp: $3k > 1 \sum E$ RC% = 45 Prova Escolhas + X, IV - VIII, IX		Elementos Qualitativos		

Anexo 20: Petra, 2º TAT, 26 semanas

Lá vem o TAT, não tenho jeito nenhum para isto.

1

Pronto é um menino (ri) que está frustrado, que o violino está partido. ++ Isto para mim é muito difícil.

5

Isto é uma mãe que está a espreitar se está alguém na sala, se está tudo bem. Está assim com um ar preocupado.

Tem que arranjar outros testes para mim (ri).

6GF

Isto é uma mulher que parece ter sido apanhada de surpresa, pelo marido se calhar, estar a fazer ou a ver alguma coisa, ou foi apanhada em falta, não sei bem.

7GF

Isto é uma menina que está, que está com o filho, mas não está assim muito interessada, e tipo a empregada está a ver se está tudo bem, a ajudá-la, mas ela não está nem aí.

19

Isto parece-me aquelas casa dos, daquele conto infantil, dos chocolates e da Hansel e Gretel, parece-me tipo uma casa na neve, nas montanhas. Na verdade, olhando bem isto não parece nenhuma casa (ri), parece umas janelas e tipo uma chaminé. Sim, parece-me assim uma imagem estática.

Anexo 21: Petra, 3º Rorschach, 37 semanas

<p>I 55''</p> <p>1. Um morcego (ri), eu tenho muita dificuldade.</p> <p>2. Depois aqui um lobo.</p> <p>3. Tem aqui umas mãozinhas ...</p> <p>4. Depois estas coisinhas brancas são uns olhos.</p> <p>5. E aqui uma ilha.</p> <p>6. Ou uma pele de um animal morto... Acho que está (posso ir comendo?)</p>	<p>Morcego: É tudo, o preto.</p> <p>Lobo: Aqui estas (saliência sup e saliência lat). (?) Vejo aqui o, eu só vejo o focinho, aqui tipo a parte da frente, digamos assim, é só o focinho.</p> <p>Mãozinhas: Aqui em cima (Dd sup)</p> <p>Olhos: (aponta para bl diferente do que apontou na passagem espontânea) (Tinha-me falado também aqui) ah sim, estes brancos (lateral quase exterior).</p> <p>Ilha: Aqui em baixo, aqui com estas coisinhas à volta (exterior à mancha, em baixo, no recorte). Isto não seria bem uma ilha, seria uma península, mas pronto. Porque era mais isto, com os pequeninos à volta.</p> <p>Pele: é tudo, espalmado (o que é que a faz pensar?) Porque é simétrico, e como está espalmado claro que, pronto, (ri) o corpo.</p>	<p>G F+ A Ban Crit subj D F+ Ad Do F+ Hd Dbl F+ Hd Dd F± Geo G F- A</p>
<p>II 2''</p> <p>7. Aqui dois elefantes no circo.</p> <p>8. Os chapéus.</p> <p>9. Aqui um foguetão.</p> <p>10. E aqui uma parte interior do corpo humano.</p>	<p>Os elefantes pronto é isto tudo.</p> <p>Depois o chapéu é isto (verm sup).</p> <p>E o corpo, foi isso que eu disse não foi, é este vermelho (inf).</p> <p>Ah e isto também parece um foguetão aqui dentro, não sei se (bl interior)</p>	<p>G Kan A Ban D F+ Obj Dbl Kob Obj D CF Anat</p>

<p>III 3'' 11. Aqui duas mulheres a cozinhare. 12. Tipo aqui o pâncreas 13. Um laço. 14. E aqui a parte do externo e da, 15. aqui esta zona respiratória ... Está.</p>	<p>As mulheres é tudo isto preto, depois estar a cozinhar. não sei é estar, parece que isto é tipo panela (união inf), não sei bem. O laço é o vermelho do meio Pâncreas: é este aqui. (o que é que a faz pensar no pâncreas aí?) Por acaso eu não sei bem se o pâncreas é assim (ri) (Tem a ver com a forma?) Sim. Externo: Aqui esta parte mais cinzenta clara (junção) (formato?) sim.</p>	<p>G K H Ban D F- Anat D F+ Obj Ban D bl F+ Anat D F± Anat</p>
<p>IV 2'' 16. Esta é sempre (ri) o abominável homem das neves a andar 17. de bicicleta (ri)Tipo a cara, os pés, aqui a bicicleta.</p>	<p>Aqui os pés, as mãos, a cara e uma bicicleta. E o corpo.</p>	<p>D KClob (H) D F- Obj</p>
<p>V 3'' 18. Uma borboleta. 19. Aqui as coisinhas de um crocodilo, o as, a parte, a face. Assim uma borb, é isso, uma borboleta aqui e depois aqui as coisinhas, a cara do crocodilo.</p>	<p>Aqui é as caras do crocodilo, não é, esta parte aqui da ponta (lat) e o resto (a borboleta) é, é tudo.</p>	<p>G F+ A Ban D F+ Ad</p>
<p>VI 2'' 20. Parece uma pele de um animal morto ... 21. Aqui tipo os testículos, e aqui também. 22. Aqui os bigodes É só.</p>	<p>Aqui é tudo, ser simétrico (a pele é isso) sim. Depois aqui esta zona, estas bolinhas e esta, os testículos (no meio do eixo e em baixo). Depois aqui os bigodes.</p>	<p>G EF A Ban D F+ Sex D F+ Ad</p>
<p>VII 2'' 23. Aqui duas raparigas, tipo a olharem-se</p>	<p>Isto é a cara das raparigas (recorte interior). Aqui a cauda nestes dois lados</p>	<p>D K H</p>

<p>ao espelho.</p> <p>24. Aqui uma cauda de um animal, em cima ...</p> <p>25. Aqui em baixo a parte do corpo humano.</p> <p>26. Aqui é a zona respiratória.</p> <p>27. Isto aqui parece também umas caras,</p> <p>28. tipo aquelas nuvens que têm formas ...</p> <p>... Sim. Por acaso isto é estranho, não tinha reparado, tipo parece aqui um olho e uns narizes. Sim.</p>	<p>(saliências laterais primeiro terço).</p> <p>O que é que eu disse mais, já não me lembro (a parte do corpo humano e a zona respiratória) (eixo cinz muito claro) é pela forma, e depois apanha este cinzento mais claro. É aqui este risquinho no meio, e depois apanhando este cinzento que parece que está por baixo. (O que é que a faz pensar na parte respiratória) é esta coisa, (a linha?) hm hm.</p> <p>Caras: (segundo terço, olhos e nariz no recorte exterior)</p> <p>Nuvens (segundo terço) (o que é que a faz imaginar as nuvens?) É não terem forma definida, ser, não ter contornos específicos.</p> <p>Olhos e nariz: Aqui (recorte exterior)</p>	<p>D F+ Ad</p> <p>D F± Anat</p> <p>D EF Anat</p> <p>D F+ Hd</p> <p>D EF Nat</p> <p>Obs Detalhe</p>
<p>VIII</p> <p>2''</p> <p>29. Dois porcos. ...</p> <p>30. Depois aqui a parte do corpo humano, interior.</p> <p>31. Aqui tipo umas árvores, ou uma vegetação.</p> <p>v ^ v ^</p> <p>32. Aqui também me parece assim um, uns animais, aqui este mais cor de laranja Sim.</p>	<p>Porcos: é estes (Ban).</p> <p>Corpo humano: é este (eixo), com as ramificações. Árvores: aqui em cima. (A vegetação também?) Sim (cinz + verde) (O que a faz pensar nisso?) Acho que é a cor e a forma, tipo isto não tem nada a ver com árvores, mas. É melhor, nem é árvores, é mais vegetação.</p> <p>Animais quando virou, sim, aqui faz, assim analisando a frio, (ri) tipo aqui (laranja), também não sei precisar que animal é que</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>Dd F± Anat</p> <p>D CF Bot</p> <p>D F± A</p>

	<p>seria, parece que tem tipo aqui uns olhos (mas são dois é isso?)</p> <p>Sim.</p>	Obs detalhe
<p>IX</p> <p>3''</p> <p>33. Isto parece-me umas lagostas, este cor de laranja.</p> <p>34. E depois assim parece-me um palhaço. Aqui com os olhos, o cabelo, um chapéu, umas bochechas.</p> <p>Isto parece-me tudo ah, isto é o global, depois separado parece-me tudo animais, tipo as lagostas,</p> <p>35. aqui tipo hipopótamos,</p> <p>36. e aqui um, tipo elefante.</p>	<p>Aqui era as lagostas aqui, o laranja todo, aqui com as patas e não sei quê. O elefante, acho que era o elefante que eu tinha dito, este rosa aqui em cima.</p> <p>Hipopótamos: verde.</p> <p>(O que é que a faz pensar no elefante?) É tipo aqui os olhos (eixo) e aqui as orelhas (recorte ext).</p> <p>Hipopótamo: parece ter o focinho (eixo) mais achatado, e é a forma, ser assim mais, maior. (São dois, é isso, porque o elefante). O elefante é um, o hipopótamo são dois.</p> <p>Bochechas: ah porque isso depois é o palhaço. (G) Olhos (bl) bochechas (laranja), cabelo (verde) , chapéu (rosa).</p>	<p>D FC A</p> <p>G K Hd</p> <p>D F+ Ad</p> <p>D F+ Ad</p>
<p>X</p> <p>2''</p> <p>37. Aqui parece uma festa.</p> <p>38. Portanto aqui um sutiã</p> <p>39. Umas algas, neste azul.</p> <p>40. Este amarelo parece uns ovos estrelados.</p> <p>41. Aqui uns leões marinhos, neste cor de rosa.</p> <p>42. Aqui parece-me a parte respiratória do corpo humano,</p>	<p>Festa: É tudo. (O que é que a faz pensar na festa) É a cor e depois é porque está tudo em movimento.</p> <p>Sutiã: No azul (interior). Algas: Estes azuis</p> <p>Ovos estrelados: este amarelo (interior).</p> <p>Leões marinhos? Este rosa, são os dois.</p> <p>Parte respiratória: Aqui em cima</p>	<p>G Kob Cena</p> <p>D F+ Obj</p> <p>D F± Bot</p> <p>D FC Alim</p> <p>D F+ A</p> <p>D F± Anat</p>

43. com dois ratos.	(cinz sup eixo).	D F+ A Ban
44. Aqui também estes ratos cinzentos.	Ratos: É aqui e aqui (cinz sup laterais ao eixo). (F e C)	D FC A Ban
45. O verde também me parece uma parte do corpo humano,	Corpo humano: é esta parte aqui	D F± Anat
46. aqui este cor de laranja no meio também. Assim no geral dá-me ar de festa.	cinzenta e estas (verde inf e cinz sup) (?) é a zona respiratória.	D F± Anat

Prova de Escolhas

+

IV Esta é das que eu gosto mais, não sei porquê.

IV e X Porque estas, para mim, vejo movimento nelas, e vejo tipo alegria, tipo isto é uma coisa ridícula, o abominável homem das neves a andar de bicicleta, acho que é uma coisa engraçada. E aqui vejo festa, movimento, alegria, tem cor. Acho que é isso.

-

VI Esta faz-me lembrar uma pele de um animal morto. Não gosto propriamente.

VIII E aqui faz-me lembrar tipo o corpo humano, mas com animais à volta, também não, assim coisas mais mórbidas.

Psicograma

R = 46 ↑↑ Recusa = 0	G = 8 G% = 17 ↓	F+= 19 ∑F= 31 F-= 3 F±= 9	A=11 Ad = 6 H = 2 Hd = 4 (H) = 1 Anat = 10 Obj = 5 Geo = 1 Sex = 1 Cena = 1 Bot = 2 Nat = 1 Alim = 1	F% =67 F+%=76 Fa% = 85 F+%a = 81 A% = 37 H% = 15 Ban = 7
Tmp T. Esp 6 min	D = 32 D% = 70 ↑	K= 3 Kan = 1 Kob = 2 KClob= 1		
Tmp T + Inq 18 min	Dbl = 2 Dbl% = 4	FC= 3 CF= 2 EF= 3		
Tmp p/resp 8 seg	D bl = 1 D bl% = 2			
Tmp Lat 7,6 seg	Dd =2 Dd% = 4 Do = 1 Do% = 2			
TRI: $3K < 3, 5 \sum C$ F. Comp: $3k = 3 \sum E$ RC% = 39 Prova Escolhas + IV, X - VI, VIII		Elementos Qualitativos Crit Subj: I Obs Detalhe: VII, VIII		

Anexo 22: Petra, 3º TAT, 37 semanas**1**

Pronto é um menino, isto é muito difícil para mim Filipa. Se calhar é de eu não ter capacidade de fantasiar. É um menino que está a olhar para o violino, porque está estragado, basicamente.

5

Aqui é uma mãe que está a espreitar, para ver se está alguém na sala, ou o que é que se passa, se. Se alguém se está a portar bem.

6GF

Isto parece uma mulher que foi apanhada em flagrante a fazer qualquer coisa, ou a ler qualquer coisa. Mas o marido supostamente não está assim com cara de reprimenda, mas ela sente que foi apanhada em falta.

7GF

Isto é uma rapariga que está a brincar com um boneco, e + e tipo a empregada está a tentar perceber o que é que se está a passar, se está a dormir, se está acordado.

19

Isto faz-me sempre lembrar a aquela casa (ri) de chocolate da Hansel e do Gretel. Tipo nas montanhas, que é assim uma coisa mais fantasiosa. Mas + nada de especial. (ri)

Anexo 23: Rebeca, 1º Rorschach, 12 semanas

<p>I</p> <p>30''</p> <p>(Ri) Isto não vai ser fácil, estamos a falar do que é que eu poderia ver aqui, ou do que é isto poderia ser literalmente? (O que poderia ser, o que pode imaginar). Eu sou, isto, eu sou muito científica. Para mim imagino uma folha dobrada ao meio que levou tinta, dobraram-se e ficou igual de um lado ao outro, porque fez, a tinta espalhou-se da mesma maneira pelas duas partes da folha (ri) mas... É o que eu consigo, não vale a pena, é o que eu vejo, uma folha dobrada ao meio, nós metemos aqueles guaches, aquelas aguarelas e dobrámos a folha ao meio pronto (ri).</p> <p>(Não quer tentar imaginar?)</p> <p>1. Um animal, um animal tem aqui as patas, e...</p> <p>2. Se calhar mais associado a uma borboleta, pelas asas, será isso. (Mais alguma coisa?)</p> <p>3. Isto por aqui parece um escaravelho, porque tem as pinças e, pronto. ... Pronto é isso.</p>	<p>Aqui vi as pinças (mãozinhas Dd sup).</p> <p>Podia ser associado a uma borboleta pelo formato, pelas asas (recorte externo todo), porque é um formato mais associado, como tem esta ligação, ah parece ser a membrana, que é a membrana neste caso associada aos morcegos, mas pronto, parece ter aquelas ramificações da da borboleta. É tudo junto não há espaços abertos. Mas, depois olhando vê-se as pinças; e aqui é mais associado ao escaravelho, é um animal de quatro patas, rast, não porque eles não são rastejantes, são mesmo quadrúpedes, alguns. Pronto.</p>	<p>Comentário</p> <p>G F± A</p> <p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p>
<p>II</p> <p>(suspira)</p> <p>Isto é um defeito de ser investigadora garantidamente, qualquer pessoa devia olhar para aqui e imaginar qualquer coisa. Eu continuo a imaginar uma folha dobrada ao meio...</p>	<p>Esta é a tal que eu agora sim, olhando não me dá uma boa imagem, mas não identificava aqui nada (Cara? – prova de escolhas) Aqui, portanto se vir aqui está, para mim, daí eu achar que é muito associado a uma</p>	<p>Recusa</p>

<p>E sinceramente não identifico nenhum animal... ..</p> <p>Pois.... ..Não, eu não consigo, nenhum animal, não vale a pena. Isto não é nenhum animal.</p>	<p>imagem de uma pessoa deficiente, ou desfigurada, porque aqui tem o olho, se vir (branco sup no vermelho). Sim, aqui faz espécie de uma boca, e se reparar aqui nesta consegue-se ver uns biquinhos (Dd quase impercetíveis no recorte do vermelho sup, na parte voltada para o interior do cartão) que podem ser associados aos dentes. Sendo depois o corpo, os dois, as duas pernas (inf). E as mãos. Unidas, dos dois. Mas é uma imagem muito...</p>	
<p>III 2''</p> <p>4. Ok. Aqui imagino duas pessoas. Ah, sim, duas pessoas com, a fazer algo em comum. ... E pronto.</p> <p>5. Aqui um adereço qualquer.</p> <p>Portanto um quadro (ri), porque tem um adereço no meio das duas pessoas. 6. O significado, um laço, talvez.</p> <p>7. Uma borboleta. (diz algo para dentro impercetível), sim.</p>	<p>Aqui não é difícil, vejo a cara, o corpo, da pessoa, das pessoas, identifiquei aqui uma, o facto de estarem a fazer algo em comum, porque estão, e o laço porque se imaginarmos isto num quadro parece que, lá está, o laço, a borboleta, dá uma imagem que realça as duas pessoas, vê-se que não é algo de mau, mas que é algo bom, que tem algum fundamento. (Verm sup?) Entram como algo de abstrato só, não entram, não é algo que eu consiga, se vir assim, identifico tudo o que vejo e aqui não, não me faz grande sentido.</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F± Obj</p> <p>D F+ Obj</p> <p>D F+ A</p>
<p>IV 7''</p> <p>8. Para ser sincera parece-me um rato aberto ao meio. É mau mas é verdade.</p>	<p>O rato, cabeça do rato, braço, o outro braço, a perna, se bem que esta imagem, branco não faz sentido, mas não importa, tudo</p>	<p>G F- A</p>

<p>Parece-me um rato que foi dissecado, cortado ao meio e foi preso numa, numa, numa mesa de dissecação, com pionés, para conseguir estudar o interior. (Diz algo para dentro impercetível).</p>	<p>depende (?) Porque supostamente se nós abrímos o rato e se o prendermos numa mesa, ah, não há esta parte, é tudo preto, obviamente, (impercetível) vai para o meio a pele que é dividida entre um e outro, pela abertura, pelo meio do corpo, mas pronto é completamente. Os braços, as pernas do rato e a parte inferior do corpo, que até na realidade eu conheço, e já abri e sei que se nós abrímos o estômago nós vamos prender com pionés assim estas duas partes para ver o interior do estômago, e no meu caso para chegar ao intestino, portanto isto não é.</p>	
<p>V 1'' 9. Uma borboleta. As antenas, sim porque com estas asas, as antenas, as patas traseiras. 10. Ou um morcego, se calhar mais um morcego, sim. Mais um morcego. Um morcego, sem dúvida alguma.</p>	<p>Um morcego, acho que não é difícil de perceber, a membrana do corpo, das asas do morcego, as patas e aqui não é muito associado à figura, porque o morcego nem tem antenas, nem tem pinças frontais, mas pronto, se tirássemos esta parte (antenas) é sem dúvida... um morcego (Borboleta-morcego?) Porque a forma, lá está, desta zona, se se considerar as asas, as borboletas não têm uma asa tão comprida e tão fina, normalmente têm uma estabilidade para voar muito mais aberta, muito mais regular.</p>	<p>G F+ A Ban G F + A</p>

<p>VI 2''</p> <p>11. Uma pele de um animal. Tudo muito mórbido não? (não há respostas certas nem erradas)</p> <p>Mas é, parece-me uma pele de um animal, uma pele tratada. Que normalmente servem de tapete. O animal em si não é fácil, porque esta parte (sup, faz divisão com polegar) está completamente fora do contexto, se fosse assim era muito perceptível, patas traseiras, patas dianteiras e a parte da boca. Agora esta parte... pronto basicamente.</p>	<p>Aqui uma pele de animal porque normalmente as peles, tirando esta parte claro (D sup), as peles normalmente não têm cabeça. Quando nós vemos a pele no chão não têm cabeça, portanto a cabeça é tirada e quando é aberta ao meio a pele fica sempre com estas peles aqui afastadas (D inf lat) uma da outra, que são as laterais. E aqui partes superiores e as partes inferiores da pele. E atribuí a isto (D sup) um simbolismo mais associado a outras culturas. Porque este tipo de peles associa muito a culturas em que os chefes das, das tribos usavam muito peles e era muito associada, e esta parte poderia atribuí-la a isso, uma coisa muito cultural. Usada por eles, não sei. Algum símbolo para eles.</p>	<p>D EF A Ban Comentário</p> <p>RA: D F± Simb</p>
<p>VII 15''</p> <p>Muito rebuscado, ou basicamente a primeira coisa que me pareceu,</p> <p>12. uma cara de uma senhora, igualmente deste lado, como é óbvio, e ahh, o corpo, um braço, outro braço, e aqui a junção das pernas, portanto...não sei....</p> <p>13. Aqui consegue-se ver .. a cara.. de um animal talvez, porque consegue-se distinguir o nariz, a boca o olho, será a conjugação de duas pessoas com dois</p>	<p>Aqui.. vejo a cara de duas pessoas (sup interno), portanto feição, cabeça, talvez o olho (branco interior), a boca. Aqui via a cara de um animal, um monstro, ou de uma coisa assim (2º terço), porque se virmos tem o olho, tem aqui o nariz e aqui a boca, e aqui a junção dos dois corpos (3º terço), não há nenhuma, claro, que se consiga distinguir. Mas pronto. É isso.</p>	<p>Gbl F+ Hd</p> <p>Gbl F ± Ad</p> <p>Obs</p>

<p>animais e aqui a junção ..da parte final dos corpos talvez. Basicamente sim.</p>		contaminação
<p>VIII 11''</p> <p>14. Portanto, aqui, à primeira vista pareceu-me ver um esqueleto ah, parte da espinha.</p> <p>15. Aqui dois animais, ah, quadrúpedes, portanto ... O lobo, porém a forma da cabeça não é a mesma, falta-lhe um bocadinho. Está um bocadinho de tecido a mais, mas será uma estrutura semelhante a um lobo.</p> <p>Aqui sim, a estrutura óssea de um fóssil, sim...com tecido, algum tecido ainda. E aqui sendo o quadrúpede.</p> <p>E aqui algo abstrato, não identifico nada.</p>	<p>Nesta dois animais, de 4 patas, assim, na lateral, associei-lhe o lobo não porque, pronto lá está, faltam algumas coisa mas pronto, muito nessa onda, puma talvez. E aqui, devido a estas linhas, a primeira coisa que me pareceu quando me mostrou a imagem era um fóssil, porque tipo a zona das costelas, ligada à coluna vertebral e aqui algum tecido restante</p> <p>(?) Aqui, toda a linha (eixo) e aqui estas linhas mais finas (linhas verdes, eixo) associada às costelas.</p> <p>E aqui algum tecido (verde+ cinz) restante porque não identifico como mais nada, portanto. E aqui algo abstrato, não tenho nada a dizer (laranja + rosa).</p>	<p>D bl F- Anat</p> <p>D F+ A Ban</p>
<p>IX (sorri) 35'' (ri)</p> <p>16. Portanto, ahh imagino uma pintura rupestre, sinceramente,</p> <p>17. aqui parece ver, parece-me ver um bab, é o babuíno que tem o nariz alongado? Certo? São os babuínos, sim, sim, é isso. Bom uma espécie de macaco, eu acho que é o babuíno, mas, não, não, acho que são eles que têm o nariz alongado, portanto é isso. Eles têm assim</p>	<p>Pois, aqui mantém-se algo abstrato, e aqui talvez a figura de um... macaco, aqui a zona do focinho (saliência laranja sup para o interior), que é maior... e dos braços. E tudo o resto abstrato. Porque aqui o corpo não faz muito sentido, (balbucia) a primeira coisa que eu identifiquei foi mesmo a cara aqui assim, ou poderá ter aqui,</p>	<p>D F± Arte</p> <p>D F+ A</p>

<p>uma forma do corpo, mais ou menos até aqui está certa, a partir daqui é o inverso, esta parte é a detrás, eles têm a parte do rabo muito saída para fora.</p> <p>E a parte debaixo é uma coisa...abstrata. Rupestre. Pinturas. Sim.</p>	<p>lá está eu acho que são os babuínos.</p> <p>(verde e rosa fazem parte da pintura rupestre?) Sim... (babuínos fazem parte da pintura?) Porque eu aqui identifiquei como uma pintura rupestre em que os macacos fossem atribuídos a um simbolismo qualquer a uma, a uma... a uma referência a algo, a um, não sei, se nos tempos antigos os macacos, não sei, a algo, a alguma referência, a algo que tinha, que os macacos aqui seriam importantes, porque estão no topo de uma imagem, e tudo o resto é muito abstrato, e para mim a parte importante seria a parte superior, porque há referência a um animal, a a uma, a alguma coisa que poderia ter acontecido que foi guardada numa imagem, numa coisa rupestre. Não acredito que alguém andasse a pintar coisas nas rochas assim, mas pronto, é toda uma ideia.</p>	
<p>X 3''</p> <p>À primeira vista uma coisa muito alegre.</p> <p>18. Passarinhos. Assim, não sei, se olhasse via os pássaros,</p> <p>19. nuvens e..</p> <p>20. E diferentes espécies de animais, não sei porquê, é o que me parece mais,</p>	<p>Aqui uma qualquer coisa colorida, a demonstrar muito ambiente, portanto nuvens (azul), aqui a cabeça de um coelho (verde sup), com as duas orelhas, pode não ser perceptível para si, mas um coelhinho, aqui talvez um cavalo marinho (verde</p>	<p>D FC A</p> <p>D F± Nuv</p> <p>D F± A</p>

<p>21. aqui poderia identificar um leão marinho, 22. aqui tem a cabeça de um coelho. 23. Mas sim, uma pintura alegre, com animais de diferentes espécies. Sim.</p>	<p>inf central), se nós virássemos a imagem ao contrário, talvez um cavalo marinho. E este amarelo associei a passarinhos, porque um biquinho aqui, o olho, talvez aqui os passarinhos pequenininho, ali umas asinhas e igualmente, não é que aqui identifique mas a cor faz com que associe tudo à mesma.</p>	<p>D F+ A D F+ Ad G CF Arte</p>
---	--	---

Prova de Escolhas

-

IV Muito mórbido, é uma coisa que me faz lembrar coisas más. À primeira vista. À primeira vista faz-me lembrar coisas más. Não. Ratos mortos não é uma boa imagem, eu acho. Por muito que eu trabalhe com eles, em laboratório, e faça isso, e os abra todos, para mim é mau. Até porque o rato é o animal que eu mais nojo tenho. Faz-me muita diferença.

II E aqui porque, sinceramente, agora olhando, porque via coisas, mas não, agora olhando assim se calhar identificava ... Duas...Ah esp, uma espécie humana, portanto não associado ao ser humano, mas uma coisa muito abstrata, muito disforme. Seria duas, espécies humanas, aqui com a boca e estes pequenos riscos parecem os dentes, mas não associo à humanidade, mas seria algo fora do nosso habitual, algo fora da nossa parte comum que nem a nenhum animal associo, porque de pé, as duas patas que fosse, não é, associado a sinceramente parece-me deficientes, associado a uma imagem de pessoas humanas deficientes, e não é bom.

+

X Este deixou-me muito feliz, assim um rasgo de felicidade, os animais, as cores, ah, é diferente, os diferentes tipos de animais que se identifica, é assim uma coisa boa.

III E esta porque acho que é uma imagem de partilha. Associo a uma coisa boa, duas pessoas que partilham até pode ser lavar a louça, a roupa, mas é uma coisa de união, sim; não, não que seja intimidade, porque via aqui duas senhoras, mas é uma imagem de, não é partilha a palavra correta, mas é de, não sei como distinguir, mas é uma coisa boa. Duas pessoas unidas a fazerem uma coisa em conjunto, é até podem, podia ser associado à amizade mas, sim, é bom.

Psicograma

R = 23	G = 7	F+= 11	A = 13	F% = 83 ↑↑
Recusa =1 (II)	⊖ = 1	∑F= 19	Ad = 2	F+% = 74 ↓
	Gbl = 2	F±= 6	H = 1	Fa% = 91 ↑↑
Tmp T. Esp 10 min	G% = 44 ↑	K = 1	Hd = 1	F+%a = 76 ↓
	D= 12	FC = 1	Obj =2	A% = 65 ↑↑
Tmp T + Inq 23 min	D% = 52 ↓	CF =1	Arte = 2	H%= 9↓
	D bl = 1	EF = 1	Anat = 1	
Tmp p/resp 26 seg	D bl % = 4		Nat = 1	Ban = 5
Tmp Lat 12''				
<p>TRI: 1 K > C 1,5 F. Comp: 0 k < 1 E</p> <p>RC% = 43 ↑</p> <p>Prova Escolhas + X, III - IV, II</p>		<p>Elementos Qualitativos Comentários: I, VI</p>		

Anexo 24: Rebeca, 1º TAT, 12 semanas

1

Um menino que está aborrecido porque quer aprender a tocar mas não tem, não se sente confiante, não, sente que não se está a sair bem na sua tarefa. Não está a conseguir, por muito que tente está com um ar muito desanimado, em como ele quer mas não consegue chegar àquele ponto. Pode nem ser por não conseguir tocar, mas ele não consegue tocar tão bem como ele quer. Aqui é o que eu tiro, uma criança triste e desiludida com ele próprio.

5

Aqui, talvez pelo ar da pessoa diria que está a confirmar se está tudo bem nesta divisão da casa. Não associo a um quarto de criança nem nada disso, mas parece que a pessoa está a espreitar para garantir que está tudo bem ali. Até pode ter ouvido algum barulho e estar a tentar, como pode estar a ver se a criança está a dormir, se a pessoa idosa está bem, se está tudo bem, se está a descansar se não está. Pelo ar da pessoa nem quer fazer barulho para se ident, para identificar que está lá, mas que está preocupada e quer confirmar que está tudo bem.

6GF

Está surpresa com a conversa, com algo que aconteceu, pode não, pode não ser a conversa pode ter sido o facto de a pessoa aparecer por detrás dela, mas está com um ar surpreso. Pode ser bom ou mau. Não, não demonstra nenhuma expressão, nem de horror nem de felicidade. Portanto acho que foi mesmo o fator de impacto, ou da conversa, ou do aparecimento de alguém por trás dela, neste caso o senhor por detrás dela.

7GF

Este não é assim tão fácil. Porque sim, uma criança a brincar com um be, com um boneco, mas aqui parece uma pessoa adulta, ou estar a entrar muito bem na brincadeira e está a tentar fazer parecer a coisa séria, ou então não percebo a posição desta pessoa adulta, ao lado de uma criança que está a brincar. Porque a expressão dela é que está, é séria! Não é uma expressão de brincadeira. Tal como a da criança não é uma expressão de brincadeira. É um bocado confusa esta imagem. Pois. Pode ser uma avó que está a brincar muito a sério com a neta (ri), mas não tinha muita lógica, não sei. E a criança também não está com um ar muito feliz, está com ar de chateada. Sei lá. Pode não estar a gostar que o adulto se intrometa na brincadeira dela, talvez, pode ser isso. Um bocado confuso.

19

Ora voltam as coisas bonitas (ri) Ora bem, uma casa, pelas duas janelas, não pela estrutura, pela forma, mas... mais associada a uma imagem assustadora, devido a estas formações aqui muito abstratas. E esta imagem aqui que poderá ser outra casa e ali ter duas janelas. Sim, quer dizer, o mesmo efeito mais à distância, portanto um bocado as janelas. Mas uma imagem assim muito mórbida não é, uma imagem mais a puxar para uma parte mais assustadora, mais para...sim...mais estranha. (de forma quase inaudível:) Será? Sim.

Anexo 25: Rebeca, 2º Rorschach, 25 semanas

<p>I 8''</p> <p>Ah lá vamos nós (tapa a cara, não olha, ri) Ah, meu deus (muito baixinho) Abstraindo-me de uma folha dobrada ao meio, 1. um animal, lá está as pinças de um, pff sei lá, um fangueiro, não sei (?) ah dos, dos carochas, não é bem, porque pronto, mas sim, de um inseto. Um inseto. Com pinças. ... E pronto é basicamente. Isso é muito difícil, estes.</p>	<p>A sério que tenho de falar sobre (suspira).</p> <p>Sei lá, isto para mim é um inseto. (O que é que a faz pensar num inseto?) Principalmente aqui as mandíbulas (D sup eixo 'mãos'), e o facto de, de.. ter uma estrutura (D lat 'asas') associada, obviamente não poderá ser associada a asas ou alguma coisa, borboleta, mas tem a forma de um inseto. Dalgum.. animal. (?) Essas partes laterais, sim. Se fosse assim (tapa 'asas') eu diria que era um escaravelho, ou uma coisa qualquer. Mas o facto de ter, até mesmo uma aranha, sei lá, a estrutura corporal, as mandíbulas e tudo, mas desde o momento que tem estas duas associo isto a asas. Insetos.</p>	<p>G F± A</p>
<p>II 1''</p> <p>2. Duas pessoas, com a mão colada uma à outra. Duas pessoas, duas formas vivas. (impercetível) (?) Sim, duas formas vivas, com a mão encostada uma à outra. Aqui pessoas não porque têm um bico, pronto, não é uma cara humana obviamente, mas ah, é essa a ideia. E pronto.</p>	<p>Este, sei lá eu. Este. Este para mim é simplesmente dois, duas formas vivas que estão com uma mão encostada à outra, e, não é, não vejo uma imagem.. Não desperta nenhum sentimento de felicidade nem nada como esta (III) ou como. Simplesmente duas formas que estão com a mão encostada uma à outra. Não há assim nada de mais. (Falou nas pessoas mas</p>	<p>Gbl K H Ban</p> <p>Obs Dd</p>

	<p>depois achou que) Sim, não tem. (Bico?) Assim, eu para mim, por isso eu disse que não podiam ser pessoas, aqui eu associo a um bico (2 saliências inferiores no vermelho sup, recorte inferior). E daí não ser uma imagem que me traga felicidade, porque parece que eles estão numa, não estão calmos. Ah, o facto de estar o bico aberto, ou associar isto a um bico aberto, associo mais a uma imagem de, uma luta, sei lá. Mas, ah, um ritual, ah uma... uma imagem mais ah.. mitologia não, não sei. Daí não ser pessoa.</p>	
<p>III 8'' Este para mim é o melhor. ...Sim, aqui sim. 3. Duas pessoas, com uma ligação, emocional, ah, de, uma ligação, pronto, não importa. Uma ligação pessoal maior. E que estão a mexer em algo em conjunto.... Sim.</p>	<p>Esta eu gosto (ri) Lá está este eu ass, é muito, desperta em mim muito, muito mais carinho, muito mais ah, uma imagem bonita, acho que é, tem ali um sentimento qualquer. Não digo que seja amor, mas é ali uma parte carinhosa, uma, uma relação mais intensa.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV 1'' 4. Uma pele, de um animal. sim, uma pele de um animal, pronto.</p>	<p>Uma pele, um bicho, dissecada, foi preso num esferovite, com alfinetes, foi cortado ao meio. E aberto. (É sobretudo a forma dele que a faz pensar isso é?) Sim, sim. Por mim associava isto a um rato aberto ao meio (A cor também tem influência nessa sua imagem?) Sim, também tem um bocadinho,</p>	<p>G E F A RA G F- A</p>

	<p>porque lá está, um rato cinzento, aberto ao meio. E os ratos que eu abro são brancos, não é por aí, mas (ri) é a primeira coisa que me lembro é um rato, não sei porquê.</p>	
<p>V 3'' 5. Um morcego ... 6. Também podia ser uma borboleta, mas quer dizer, a forma das asas não é. Esta zona (eixo) é mais associada a uma borboleta, sei lá.</p>	<p>E este eu associo a um morcego aqui pelas patas, mas depois associo borboleta pela parte da frente, mas o facto das, destas asas que seja serem unidas, para mim é um morcego, não há muito que eu possa dizer. (Mais pela forma não é tanto aí a cor que a leva a escolher?) Não, porque lá está eu aqui associo à borboleta, mas depois a forma das asas, para mim é mais um morcego.</p>	<p>G F+ A Ban G F+ A</p>
<p>VI 17'' Ah pah (muito baixinho) 7. Aqui continuo a ver uma pele de um animal, 8. E aqui um simbolismo qualquer, de uma tribo, uma coisa assim, talvez... pois. Assim, é uma pele, claro obviamente, cabeça, pés, mãos neste caso, pernas, sei lá... sim (ri).</p>	<p>Aqui, não sei esta imagem faz-me lembrar uma tribo, uma, sei lá, mas sim uma tribo, índios, qualquer coisa associada aqui, e peles. Não sei por, não sei. Ter a noção que eles usam mais peles ou.. Não, pessoas das montanhas, sim, tribos (As imagens acabam por estar, por fazerem parte de um sentido único, a pele e a parte da tribo não são duas imagens separadas?) Não, acho que associo, aqui se visse assim associava a pele (D inf) e quando penso em peles... Não penso só em tribos, mas associo</p>	<p>D F+ A Ban D F± Simb</p>

	<p>muito a isso, porque acho que é um ritual muito usado por eles, ou muito falado, de qualquer maneira os meus pais têm uma pele de vaca em casa, de uma vaca que a minha avó teve, portanto não é por aí. Mas associo, acho que está muito mais associado a tribos e a certas culturas africanas, também, quando falo em tribos também. Portanto sim, e aqui (com a mão separa D inf de D sup) claramente. sei lá, aqueles chefes de tribo (D sup). Eu falo em tribos mas, quer dizer, é africano, não é só a tribo em si, índios, é o africano.</p>	
<p>VII 7'' 9. Lá está, aqui eu vejo a cabeça de uma pessoa... 10. E aqui vejo outra cabeça, mas de outra, dum, um animal, talvez, não uma forma humana, pronto. Também não digo que seja algum animal, mas não é uma forma humana de todo. E pronto. Mas evidencia completamente estas duas cabeças....</p>	<p>A primeira coisa que vejo são duas meninas (primeiro terço, recorte interior). Duas meninas. Mas depois vejo aqui duas ..figuras...vejo os olhos, o nariz, e a boca (2º terço). Mas quer dizer, não associo nem a nenhum animal, nem a uma forma humana, como é óbvio. E aqui a mesma coisa. Olhos nariz e boca. O cabelo. (O cabelo?) sim aqui, depois isto não tem qualquer significado ('totó' sup).</p>	<p>D F+ Hd D F± Ad</p>
<p>VIII 7'' 11. Dois animais, quadrúpedes... 12. Aqui vejo ah ... a estrutura sei lá, um</p>	<p>Dois animais de quatro patas (Ban). As patas, cabeça, e depois aqui vejo mais uma estrutura em degradação, fóssil,</p>	<p>D F+ A Ban D bl F- Anat</p>

<p>fóssil, whatever não sei. (enquanto retiro o cartão) Eu gostava de saber o que é que as pessoas, as outras pessoas veem, sinceramente.</p>	<p>aqui com a zona da espinha, da espinha, peço desculpa, das costelas, aqui, mas uma coisa ainda em degradação, porque ainda associo a tecido. (?) Esta parte completa aqui (zona interior, central, do cartão) (A parte debaixo também faz parte?) A parte debaixo é qualquer coisa abstrato (rosa + laranja).</p>	
<p>IX 1'' E voltamos, 13. aqui eu vejo um, um babuíno, ou um, ah uma espécie de macaco qualquer, não sei... e pronto. Isto aqui qualquer coisa abstrata.</p>	<p>E aqui é igual, vejo dois macacos, babuínos (laranja sup), não importa. O focinho aqui (recorte interior, primeira saliência) e a cabeça, em bico. Com barrigas grandes. E esta zona é uma coisa abstrata, quer dizer, não associo a nada. (verde+ rosa)</p>	<p>D F+ A</p>
<p>X 2'' Gosto desta (ri). 14. Vejo dois pássaros, aqui, os passarinhos... não sei, vejo primavera, vejo, sei lá... 15. Aqui parece um coelho...o principal são os passarinhos, e a primavera, e o coelhinho.</p>	<p>E esta pronto. Primavera, prados com flores. (O que é que a faz pensar nessa imagem) A cor, a cor e as formas, os passarinhos aqui (amarelo), os coelhos (verde sup), o azul do céu, o amarelo do sol, as flores (rosa, laranja), sei lá, acho que as cores puxam um bocado a essa ideia. Porque obviamente, olhando para isto com atenção não me parece um pássaro, mas a primeira vez que vejo a imagem vejo um bico aqui, com os olhos, e parece-me um pássaro. (Falou-me das cores)</p>	<p>D FC A D F+ A</p>

	<p>Sim a cor, cor-de rosa, cor-de-laranja, o verde, principalmente, aqui em baixo, daí eu falar num prado, um prado com animais, e aquelas flores silvestres, de de primavera. Pronto.</p>	
--	--	--

Prova de Escolhas

+

Os dois que mais gosto não tenho dúvida: X e III.

X Este eu gosto porque é alegria, primavera, é, tem uma diversidade, não sei, eu olho e associo a um, a um prado, com animais e um dia bonito com flores, primavera.

III E este não sei, associo se, as duas vezes que vi, acho que foi, a primeira coisa que me chamou a atenção foi haver uma ligação entre eles, uma, amor, amizade, não importa, uma relação. Haver, não sei, haver ali qualquer coisa mais, carinhoso.

-

Os que menos gosto sei lá, estes são todos horríveis e isto

IV faz-me lembrar um animal dissecado, não, não gosto.

(Continua a ver os cartões) Não sei, esse para mim é o pior, é horrível esse. (Continua a passá-los)...

Não. ... Isto também, quer dizer, não associo coisas más, mas também não associo coisas boas. (Não precisa de escolher). Sim, este é para mim, marca-me, pronto, não sei. Associo a um animal dissecado, e não, eu trabalho com eles, mas pronto. Não é uma imagem que eu goste de ter.

Psicograma

R = 15 Recusa = 0 Tmp T. Esp 7 min Tmp T + Inq 17 min Tmp p/resp 28 seg Tmp Lat 6 seg	G = 5 Gbl = 1 G% = 40↑ D = 8 D% = 53↓ D bl = 1↓ D bl % = 7	F+= 7 ∑F= 11 F-= 1 F±= 3 K = 2 FC= 1 EF = 1	A = 9 Ad= 1 H = 2 Hd = 1 Anat= 1 Simb= 1	F% = 73 F+% = 77 Fa% = 93 F+%a = 82 A% = 67↑ H%= 20 Ban = 5
<p>TRI: $2K > 0,5 C$ F. Comp: $0 k < 1 E$</p> <p>RC% = 33</p> <p>Prova Escolhas + X, III - IV</p>		<p>Elementos Qualitativos Obs Dd: II RA: IV (G F- A)</p>		

Anexo 26: Rebeca, 2º TAT, 25 semanas

1

+ (Suspira) Um menino aborrecido porque ou não consegue tocar, ou é obrigado a tocar e não lhe apetece, mas obviamente não está feliz. Só que parece que não está feliz, não é irritado porque não consegue tocar, mas é porque não tem grande interesse, não lhe apetece tocar. Sim, parece estar desmoralizado. Também pode estar desmoralizado por não conseguir tocar, pode ser uma sensação de frustração, mas pronto. Alguma, um sentimento ali que, de desinteresse. Não sei. Gostava de saber o que é que... (diz enquanto tira o cartão).

5

Alguém a espreitar para um quarto com um ar de vigia ++ Ver se está tudo bem, não parece, não tem ar de ser curiosidade, de alguém bater à porta e a pessoa ir abrir. Tem ar de estar + a ver se está tudo, se está tudo bem naquela divisão. Talvez. + Também não associo a um quarto de bebé, não. Mas pronto, ah. + Alguma coisa se passava, ou alguém estava naquela sala, e a senhora queria ver se estava tudo bem com essa pessoa, talvez. Não sei. (Ri) Estas imagens são demasiado confusas.

6GF

Uma imagem de um filme, uma fotografia a preto e branco, 1940, ah, na, ah não sei. Eu aqui dizia que tinha sido pousar para uma foto. + Por tudo, pelo ar da pessoa, a maneira como está arranjada. Pelo, obviamente, batom pelo, nos lábios, e cabelo arranjado, não sei, uma pose para uma foto. Não vejo sinceridade na cara dela, podia ser de espanto, ou de, de + Mas sim, pode estar com uma cara de espanto. Sei lá. Por alguma coisa que a pessoa disse, ou pela pers, ah aquela sensação de aparecer alguém e falta-me a palavra + de ++ surpresa! Às vezes menos boas, porque ela não parece muito feliz. Talvez.

7GF

Uma menina que está a brincar, com um nenuco. E a mãe + está a entrar na história, mas a menina não está muito interessada em brincar com o nenuco. Sei lá, é tudo tão estranho nesta imagem, porque ela parece, a pessoa que está ao lado parece que está a ler um livro, mas quer dizer nunca seria uma criança a sério, porque é uma menina, obviamente está a brincar, mas não está com ar de interesse em brincar, ou na história. Não sei. + Não faço a mínima ideia.

19

Isto é uma casa, associao ao inverno, neve + E ali está outra casa talvez. + Sim, uma casa no meio de + de uma serra onde há muita neve, e está vento, e pronto. Não sei. Não consigo.

Anexo 27: Rebeca, 3º Rorschach, 36 semanas

<p>I 4'' HmMMM (gemido) Tenho que me abstrair. 1. Aqui um animal. Um escaravelho talvez, com asas. Não tem muito. Aqui vê-se a parte frontal do, do bicho. Sei lá eu. (Suspira) Não tenho muito a dizer sobre isso.</p>	<p>Esta não me diz nada, mas pronto, de qualquer maneira. Aqui a cabeça (D sup) do bicho, escaravelho, whatever. Como tem asas. (Asas?) As pinças (mãos) e aqui a zona de sei lá, da boca (no eixo entre as duas 'cabeças') ou whatever. Mas, quer dizer, nunca poderia ser, não tem lógica, esta imagem não tem lógica nenhuma, mas pronto, aqui olhando seria as pinças, e daí a primeira imagem. (Quando diz que não tem lógica) Não tem, não tem (ri) esta imagem não tem lógica, lá está, aqui eu associava a duas pinças de escaravelhos, mas nem o corpo, o corpo parece de uma aranha, ou, não importa, mas depois tem asas, quer dizer, as asas não são associadas a nenhum animal, porque têm aqui estes buracos, não há nenhum animal que conseguisse voar com estas asas, quer dizer não tem, não tem lógica a imagem. Eu não consigo ver nada que faça sentido na imagem. O que nas outras consigo, não sei.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>II 3''</p>	<p>Agora aqui duas, dois animais, duas pessoas, de uma espécie,</p>	

<p>2. Duas...lá está não diria pessoas, mas ahh...</p> <p>3. Dois animais, duas.... para aí, dois animais, de uma espécie, agora não importa, que têm as mãos coladas uma na outra e aqui as mãos, a boca, e os olhos....</p>	<p>whatever. A boca, aberta, as mãos, unidas, e aqui os olhos.</p> <p>Isto propriamente a cabeça e todo o formato do corpo, consegue-se distinguir aqui o que poderiam ser pernas, sei lá. (Boca e olhos?) Sim, a boca aberta (no verm sup em baixo), e aqui os olhos (esbatimento no verm sup), talvez. Sim porque aqui até parece que tem dentes, tem assim umas coisinhas.</p>	<p>G F+ H</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>III</p> <p>4''</p> <p>4. Hmm duas pessoas, têm uma ligação aqui especial, seja de amor, amizade ah qualquer coisa... vê-se a cara e o corpo, e estão a fazer algo em conjunto.</p>	<p>Duas pessoas (ban), não sei porquê associo a pessoas africanas, não sei se pela posição, se, não importa, que estão a fazer alguma coisa em comum (junção D eixo inf), não importa se é lavar a roupa, se é, não interessa, mas estão a fazer uma coisa em conjunto, e têm uma ligação forte (verm int) qualquer, uma, seja de amizade, amor, mãe e filha, não interessa, têm uma ligação.</p>	<p>G K H Ban</p>
<p>IV</p> <p>2''</p> <p>5. Uma pele de um animal....pele de um animal morto, foi tratada e esticada...</p>	<p>Um rato morto, aberto ao meio, e preso com pioneses. (O que é que a faz pensar no rato?) Não sei, mas (suspira) o corpo em si, não sei, associo mais a um rato, sei lá. Não sei, vejo o corpo do rato e os braços, normalmente são presos com, pelas peles, no, nas, nas mesas. Isso também porque eu trabalho com ratos e abro ratos, quer dizer. Não sei. É</p>	<p>G EF A</p>

	um rato autêntico, morto, preso, coitado.	
V 4'' 6. Um morcego com cabeça de borboleta. Um morcego não tem 7. estes corninhos, a borboleta tem, mas as asas são muito mais morcego, e os pés.	Aqui é um morcego, onde vejo aqui as patas dele (em baixo ban), e as asas (ban), mas depois na cabeça tem estes cornos que se calhar são mais de borboleta. E tudo o resto é um morcego garantidamente.	G F+ A Do F+ Ad
VI 3'' 8. Uma pele de animal. 9. E aqui algo associado a uma tribo, ah, a um, sim uma tribo.	Uma pele de animal daqui para baixo, esta será a parte de baixo do animal, portanto aqui a cabeça. (Aqui em baixo?) Sim, cabeça (eixo inf), braços ('pernas'), pernas ('braços'). E depois isto associado a um símbolo de uma tribo (D sup), ou sei lá, sim, é, é isso, é um símbolo de uma tribo. (Algum símbolo em específico?) Não, acho que é muito pelos filmes, todos eles têm aquelas coisinhas na cabeça ou whatever, não sei, acho que será mais isso.	D F+ A Ban D F± Simb
VII 4'' 10. Duas meninas, duas caras de pessoas, mais associado a rapariga, 11. e depois aqui vê-se duas caras, uma de outra espécie, não humana. Sim.	Aqui duas meninas. (?) Por causa do cabelo, (ban) está para cima, mas quer dizer, é mais, associo mais, olhos, boca (ban). E aqui duas cabeças de uma espécie desconhecida, aqui seria o olho, nariz e boca (recorte exterior). (Parte de baixo?) Não me faz, não, acho que está aí para completar, sei lá.	D F+ Hd D F± Ad
VIII 3''	Aqui é o mesmo, pois, lá está, vejo aqui dois animais de quatro	

<p>12. Aqui eu vejo dois animais e o resto é um bocado abstrato. Sim.</p>	<p>patas (ban), as quatro patas aqui, e o resto está a unir a imagem, não, não. Quer dizer aqui podia pensar numa, num fóssil (?), aqui na zona desta, nesta parte (na parte central?) sim, nesta parte central podia ser uma ossada de um fóssil, não está totalmente decomposta ainda mas, não sei. (Também fazem parte?) Pois, aqui eu diria que seria a espinha (eixo), ligada às costelas, não é, isto aqui talvez tecido ainda não degradado (verde + cinz), não decomposto. E isto algo que une a imagem (rosa + laranja). Sem qualquer (ri).</p>	<p>D F+ A Ban RA: D F- Anat</p>
<p>IX 4'' 13. Dois babuínos, dois macacos. E o resto é abstrato, é, complementa a imagem, talvez.</p>	<p>Aqui só consigo identificar babuínos, não sei, macacos. Aqui o focinho ('braço'), comprido. A barriga (ban), cabeça ('chapéu') aqui. Sim, comprida. (Focinho?) Aqui. Sei lá acho que são os babuínos que são assim mais, se não é o babuíno é lá da mesma, é da mesma raça (ri), é por aí. Não, mas é, não consigo identificar, em baixo acho que não, não há nada. Abstrato.</p>	<p>D F+ A</p>
<p>X 3'' Nesta vejo alegria, 14. coelhinhos, 15. pássaros,</p>	<p>Esta céu (azul sup), cabeça de coelho, aqui, as orelhas, as patinhas (verde sup). Passarinhos (amarelo interior), aqui. E vejo como um quadro de</p>	<p>D F+ A D FC A</p>

16. céu azul, é uma imagem muito de primavera.	primavera, uma imagem a retratar a primavera, alegre e com muita, não sei, espírito de primavera, não, aquele espírito mais de flores a nascer e coisas a acontecer.	D C Nat Obs Kob
---	--	------------------------

Prova de Escolhas

Escolhe as +, demora bastante tempo a escolher as -, dizendo “sinceramente não sei” depois de já ter escolhido a IV e antes de escolher a I.

“Foi mais difícil desta vez escolher as que não gosto, porque nenhuma me diz nada”.

+

Estas são as que mais gosto

III Esta porque vejo uma ligação especial aqui, qualquer coisa.

X E esta porque é primavera e, não sei, transmite-me qualquer coisa, alegria, boa disposição.

-

IV Esta porque me faz lembrar animais mortos e.. e pronto.

I E esta porque pura e simplesmente não me diz nada, nada. Esta é mesmo a literal folha dobrada ao meio. Nesta ainda se consegue distinguir alguma (IV), nisto não. Esta é horrível. Não me diz nada, não sei.

Psicograma

R = 16 Recusa = 0 Tmp T. Esp 4 min 30 seg Tmp T + Inq 15 min Tmp p/resp 15 seg Tmp Lat 3,4 seg	G = 6 G% = 38↑ D= 9 D% =56 Do= 1 D0% = 6	F+= 10 F-= 0 F±= 2 K = 1 FC = 1 C=1 EF = 1	A = 9 Ad= 2 H = 2 Hd = 1 Nat =1 Simb = 1	F% = 75 F+% = 92 Fa% = 88 F+%a = 92 A% = 68↑ H%= 19 Ban = 4
TRI: 1 K < 2,5 C F. Comp: 0 k < 1 E RC% = 31 Prova Escolhas + III, X - IV, I		Elementos Qualitativos RA: VIII (D F- Anat) Obs kob: X		

Anexo 28: Rebeca, 3º TAT, 36 semanas

Hmm gosto tanto desses (ri ironicamente). (Este é o que gosta menos?) É o de identificar (a história)
hmm

Vou pedir-lhe não que identifique, mas que conte uma história.

1

+ (Suspira) Isto é (balbucia) Ok. Vejo um menino aborrecido, mas lá está, tem sempre um revés, ou porque ele não consegue tocar como queria tocar, ou porque pura e simplesmente não quer e depois é obrigado, não, não sei. Alguma coisa se passa com ele, agora se é porque ele não consegue fazer o que queria fazer, ou porque é obrigado a fazer, não sei, mas ele está triste e esmorecido e não está muito motivado para tocar. Não sei (ri).

5

Tchh. A pessoa (suspira) + Sei lá, vejo uma pessoa a espreitar para uma sala, para confirmar se está tudo bem, se, se não há nada de novo, se não há nenhuma alteração ao que estava antes. É como se estivesse a confirmar, pronto, não, não fosse a espreitar com intenção de bisbilhotar, mas é a confirmar que está tudo bem. Parece uma coisa que ela tem feito só para ver se está tudo bem, pronto. Na sala.

6GF

++ Eu continuo a achar que isto é um quadro, isto é, isto foi feito para uma publicidade, há muitos anos atrás, porque a senhora está com cara de espanto a olhar para o senhor, o senhor está com cara + de bem disposto, sei lá eu. Mas não há assim nada de mais. Não é que ela esteja com cara de surpreendida por ele ter aparecido, não. Não tem essa expressão, portanto não sei mesmo. Parece que foi planeado para ser assim, que não há, não é para exprimir nada em si é só + um retrato que foi tirado, pronto.

(enquanto tiro o cartão)

Não sou muito imaginativa

7GF

Lá está este então, (ri) continuo sem perceber a lógica disto. A criança que está a brincar com o bebé, não parece interessada, mas a pessoa mais velha está sentada ao lado + está a tentar que ela se motive a brincar ou está, sei lá! A menina está chateada e a senhora está a tentar ajudá-la a ficar mais animada com a brincadeira. Não consigo mais do que isso.

19

+ Uma casa no meio da neve + pronto. Não consigo ver mais nada aqui. Uma casa + no meio da neve. Uma casa habitada. Pronto. Não sei.